REDESCOBRINDO O

MINISTÉRIO PASTORAL



MOLDANDO O MINISTÉRIO CONTEMPORÂNEO AOS PRECEITOS BÍBLICOS

JOHN MacARTHUR, Jr.
E CORPO DOCENTE DO MASTER SEMINARY

JOHN MacARTHUR, Jr.
E CORPO DOCENTE DO MASTER SEMINARY

REDESCOBRINDO O MINISTÉRIO PASTORAL

MOLDANDO O MINISTÉRIO CONTEMPORÂNEO AOS PRECEITOS BÍBLICOS

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 1998 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

© 1995 por Word, Inc.
Título do original em inglês: *Rediscovering Pastoral Ministry*
Word Publishing
Dallas, USA
Primeira edição em inglês: 1995
Tradução: Lucy Yamakami
Copidesque: Leila Teixeira
Revisão: Marcus Braga
Capa: Hudson Silva

250 - Teologia Pastoral
MacArthur, Jr., John et al.
MACr Redescobrindo o Ministério Pastoral.../John MacArthur, Jr.
1ª ed. - Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.
p. 456. cm. 14x21

ISBN 85-263-0149-7

1. Teologia Pastoral 2. Pastor — deveres, responsabilidades, qualificações

CDD
250 - Teologia Pastoral

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3ª Edição 1999

253
M11

Dedicado a todos os subpastores ao redor do mundo que, obedientemente, laboram para que o Pastor Chefe possa cumprir a sua promessa: "Edificarei a minha igreja".

ÍNDICE

Prefácio 9
Introdução 13

PARTE I. PERSPECTIVAS BÍBLICAS

1. Redescobrindo o Ministério Pastoral 21
Richard L. Mayhue
2. O que o Pastor Deve Ser e Fazer? 37
John MacArthur, Jr.
3. O Ministério Pastoral na História 53
James F. Stitzinger
4. Concepção Bíblica do Ministério Pastoral 85
Alex D. Montoya

PARTE II. PERSPECTIVAS PREPARATÓRIAS

5. O Caráter do Pastor 109
John MacArthur, Jr.
6. O Chamado para o Ministério Pastoral 125
James M. George
7. O Treinamento para o Ministério Pastoral 139
Irvin A. Busenitz
8. A Ordenação para o Ministério Pastoral 159
Richard L. Mayhue

PARTE III. PERSPECTIVAS PESSOAIS

9. A Família do Pastor 175
Richard L. Mayhue
10. A Vida de Oração do Pastor: O Aspecto Pessoal 189
James E. Rosscup
11. A Vida de Oração do Pastor: O Aspecto Ministerial 207
Donald G. McDougall

12. O Estudo do Pastor 229
John MacArthur, Jr. e Robert L. Thomas
13. A Compaixão do Pastor pelas Almas 245
David C. Deuel

Parte IV. Perspectivas Pastorais

14. O Culto 261
John MacArthur, Jr.
15. A Pregação 279
John MacArthur, Jr.
16. O Exemplo 293
George J. Zemek
17. A Liderança 315
Alex D. Montoya
18. A Evangelização 341
Alex D. Montoya
19. O Discipulado 359
S. Lance Quinn
20. A Vigilância e o Alerta 375
Richard L. Mayhue
21. Observando as Ordenanças 391
John MacArthur, Jr.
22. Respostas às Perguntas Mais Freqüentes 407
John MacArthur, Jr.

Apêndice 1: Confirmação das Convicções Doutrinárias 427
Apêndice 2: Perfil do Candidato à Ordenação 428
Apêndice 3: Perguntas Abrangentes para Ordenação 431
Colaboradores do Master Seminary 453

PREFÁCIO

Em harmonia com os propósitos do Master Seminary, o alvo deste volume é encorajar e instruir esta e a próxima geração de pastores, missionários e professores a oferecer à igreja a liderança pastoral exigida pela Palavra de Deus. De uma forma altamente condensada, *Redescobrindo o Ministério Pastoral* oferece boa parte do currículo de Teologia Pastoral do Master Seminary, cujo alvo é preparar homens que pastoreiem igrejas, ofereçam liderança pastoral no campo missionário e assumam funções pastorais nas responsabilidades do ensino institucional. Esta obra reúne-se às edições previamente publicadas, *Redescobrindo a Pregação Expositiva*[1] e *Introdução ao Aconselhamento Bíblico*,[2] oferecendo uma biblioteca de recursos pastorais em três volumes.

Redescobrindo o Ministério Pastoral visa tanto pastores experientes como jovens em preparação ou no início do ministério. O livro conduz os pastores de volta às Escrituras como a autoridade básica no desenvolvimento de uma filosofia de ministério. Uma vez que muitos pastores de nossa geração tornaram-se presas da lei do consumidor ou da filosofia de ministério voltada para o mercado, este volume propõe-se a recobrar, reafirmar e restaurar uma abordagem bíblica do ministério pastoral. Nesse sentido, *Redescobrindo o Ministério Pastoral* tanto prescreve diretrizes a seguir como proscreve perigos a evitar.

Não se trata de uma discussão completa sobre o ministério pastoral. Muitos detalhes não constam, como o crescimento da igreja, sua disciplina, seus membros, sua organização[3] e os detalhes dos ministérios especializados (por exemplo, ministério com jovens e adultos); este legado deixamos para outros fóruns. Além disso, nenhum capítulo esgota o assunto, oferecendo, pelo contrário, um tratamento geral introdutório. Espera-se que a amplitude desta obra seja seu ponto forte, por lidar com a natureza bíblica do que deve ser o pastor como pessoa e com a maneira pela qual ele deve ministrar na igreja.

---

1. John MacArthur, Jr., et al., *Rediscovering Expository Preaching* (Dallas: Word, 1992).

2. John F. MacArthur, Jr. e Wayne A. Mack, et al., *Introduction to Biblical Counseling* (Dallas: Word, 1994).

3. Esta obra pressupõe o tipo de organização presbiteriana de igreja com sua pluralidade de presbíteros em cada igreja local (At 14.23; 20.17). Veja uma descrição detalhada desse tipo de igreja em John F. MacArthur, Jr., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991), 87-94, 179-213 e Alexander Strauch, *Biblical Eldership*, 2. ed. (Littleton, Colo.: Lewis and Roth, 1988).

Mais especificamente, os três objetivos de *Redescobrindo o Ministério Pastoral* são:

1. *Validar* os absolutos bíblicos do ministério pastoral exigidos por Deus, isto é, responder à pergunta: "Qual é a autoridade que temos para estabelecer uma filosofia de ministério?"
2. *Elucidar* as qualificações bíblicas para pastores de igreja, isto é, responder à pergunta: "Quem são os subpastores autorizados por Deus para cuidar do rebanho de Cristo?"
3. *Delinear* as prioridades do ministério pastoral, isto é, responder à pergunta: "Quais são os fatores envolvidos em um ministério pastoral fundamentado nas Escrituras?"

O presidente John MacArthur, Jr., que tem pastoreado a Igreja de Grace Community por mais de 26 anos e tem exercido impacto sobre todo o mundo, para a glória de Deus, contribuiu com uma porção significativa deste livro. Seus colegas do corpo docente do Master Seminary, com uma média de mais de vinte anos de experiência cada um no pastorado e no treinamento de pastores em seminário, também contribuíram com os tesouros de suas capacidades particulares. O leitor logo apreciará suas afirmações, variadas mas harmoniosas, sobre o ministério pastoral, que emergem em meio à abundância de expressões individuais.

O leitor também notará uma diversidade nos níveis de estilo referentes ao tratamento de diferentes tópicos. Em um extremo estão os capítulos cuja documentação é extensa e, no outro, aqueles cuja documentação é mínima. Em grande parte, essa diversidade é conseqüência da natureza de cada assunto e, em menor grau, conseqüência da opção de cada colaborador. Cada um lidou com seu aspecto do pastorado da maneira que considerou mais sábia.

O livro esboça quatro grandes categorias que vão da Bíblia à prática. Incluem: (1) o caráter e a essência bíblica do ministério pastoral, (2) a preparação biblicamente requerida de alguém que queira ser pastor, (3) as qualificações pessoais de alguém biblicamente qualificado para ser pastor e (4) a prioridade bíblica de atividades implicadas no ministério pastoral. O motivo por trás dessa abordagem é o forte desejo de responder à pergunta: "Como um líder da igreja constrói um ministério contemporâneo de acordo com os mandamentos bíblicos?" O resultado esperado da aplicação dessas idéias contidas em *Redescobrindo o Ministério Pastoral* é um ministério que se destaque pela influência espiritual sobre o corpo de Cristo.

Uma vez que a oração é extremamente importante no ministério pastoral, a seção sobre "qualificações pessoais" possui dois capítulos para salientar esse aspecto da vida do pastor. Um trata de maneira primordial — embora não exclusivamente — da vida de oração do próprio pastor; o outro, predominantemente, da oração na vida da igreja. É claro que é impossível fazer uma distinção completa entre esses dois tipos de oração, mas o tratamento duplo serve para dar atenção redobrada a um assunto por demais importante.

As notas de rodapé documentam uma literatura extensa sobre o ministério pastoral. Para o leitor que quiser utilizá-las, essas informações podem ser minas de ouro em estudos posteriores. Caso prefiram, podem, é claro, ler apenas o corpo do texto.

Temos um grande débito com algumas pessoas que acompanharam a produção de *Redescobrindo o Ministério Pastoral.* Queiram, por favor, aceitar nossos agradecimentos: professores Ben Awbrey, Keith Essex, Paul Felix e Milton Vincent, pela leitura e pelas sugestões; bibliotecário Dennis Swanson; Cindy Gehman, Susan Hansen, Janice Hatter, Pam Leopold, Amy Osmus e Pat Rotisky, pela contribuição imensa na fase de digitação da obra; e Dave Enos, Phil Johnson, John Metcalf e Allacin Morimizu, por nos conceder a indispensável assistência técnica no campo da informática e editorial ao longo de todo o projeto.

Os professores do Master Seminary oferecem *Redescobrindo o Ministério Pastoral* com a singela oração de que o Senhor Jesus Cristo possa usá-los para incentivar colegas pastores, formando uma nova geração de ministros que alimente e lidere o rebanho de Cristo — a igreja — com a mesma paixão dos apóstolos.

John MacArthur, Jr.
Richard L. Mayhue
Robert L. Thomas

INTRODUÇÃO[1]

Ministrar na igreja constitui-se o maior dos privilégios. Nada poderia ser mais honroso ou ter maior significado eterno que servir ao nosso Cristo em sua igreja. Esse privilégio é também a responsabilidade mais pesada que alguém pode assumir. O cumprimento desse privilégio e o desencargo dessa responsabilidade exigem que a compreensão da igreja e de seus ministérios seja correta e de acordo com a Palavra de Deus. Para entendermos as questões ligadas à igreja e estabelecer tal compreensão como um fundamento para o ministério, precisamos compreender algumas verdades básicas:

1. A igreja é a única instituição que nosso Senhor prometeu edificar e abençoar (Mt. 16.18).
2. A igreja é o lugar de reunião dos verdadeiros adoradores (Fp 3.3).
3. A igreja é a assembléia mais preciosa sobre a terra, uma vez que Cristo a adquiriu com seu próprio sangue (At 20.28; 1 Co 6.19; Ef 5.25; Cl 1.20; 1 Pe 1.18; Ap 1.5).
4. A igreja é a expressão terrena da realidade celestial (Mt 6.10; 18.18).
5. A igreja por fim triunfará, tanto no âmbito universal como no local (Mt 16.18; Fp 1.6).
6. A igreja é a esfera de comunhão espiritual (Hb 10.22-25; 1 Jo 1.3; 6,7).
7. A igreja é quem proclama e protege a verdade divina (1 Tm 3.15; Tt 2.1, 15).
8. A igreja é o lugar principal de edificação e crescimento espiritual (At 20.32; Ef 4.11-16; 2 Tm 3.16,17; 1 Pe 2.1,2; 2 Pe 3.18).
9. A igreja é a plataforma de lançamento para a evangelização do mundo (Mc 16.15; Tt 2.11).
10. A igreja é o ambiente em que se desenvolve e amadurece uma liderança espiritual forte (2 Tm 2.2).

---

1. Adaptado de John MacArthur, Jr., "Wanted: A Few Good Shepherds", *Masterpiece* (novembro - dezembro 1989), 2-3, e MacArthur, "Ten Reasons I Am a Pastor", *Masterpiece* (novembro - dezembro de 1990), 2-3.

Os dez itens acima são exatamente os motivos pelos quais amo a igreja e tenho devotado minha vida a ela. A compreensão dessas verdades é o fundamento do ministério eficaz. A menos que homens espirituais e devotados a essas realidades liderem a igreja, a próxima geração eclesiástica não será imaculada. Estou preocupado com esta tendência crescente de produzir líderes naturalmente fortes que sabem como administrar um negócio ou empreendimento, mas que não compreendem a igreja a partir da perspectiva de Cristo. O estilo e a essência da liderança deles são terrenos, não bíblicos nem espirituais.

Alguns líderes contemporâneos da igreja imaginam que são empresários, profissionais de mídia, artistas, psicólogos, filósofos ou advogados. Essas noções contrastam de modo marcante com o teor do simbolismo que as Escrituras empregam para descrever os líderes espirituais.

Em 2 Timóteo 2, por exemplo, Paulo emprega sete metáforas diferentes para descrever os rigores da liderança. Ele retrata o ministro como professor (v. 2), soldado (v. 3), atleta (v. 5), lavrador (v. 6), trabalhador (v. 15), vaso (v. 20,21) e escravo (v. 24). Todas essas figuras evocam idéias de sacrifício, labuta, serviço e dificuldades. Demonstram com eloqüência a complexidade e as várias responsabilidades da liderança espiritual. Nem uma delas dá a impressão de que a liderança é atraente.

Isso ocorre porque não se espera que seja atraente. A liderança na igreja — e estou falando de cada faceta da liderança espiritual, não apenas da função do pastor — não é um manto de *status* que possa ser conferido à aristocracia da igreja. Não é conquistada por tempo de serviço, adquirida por dinheiro, nem herdada por laços familiares. Não recai necessariamente sobre os que têm sucesso nos negócios ou nas finanças. Não é distribuída em função de inteligência ou talento. Suas exigências são: caráter irrepreensível, maturidade espiritual e, acima de tudo, disposição para servir com humildade.

A metáfora favorita de nosso Senhor para a liderança espiritual, a qual usava com freqüência para descrever a si mesmo, era a do pastor — um pessoa que cuida do rebanho de Deus. Cada líder de igreja é um pastor — figura bem apropriada. O pastor lidera, alimenta, cria, consola, corrige e protege. Estas responsabilidades pertencem a todos os membros da igreja.

Os pastores não têm posição social. Na maior parte das culturas, os pastores ocupam os degraus mais inferiores da escala social. Isso vem a calhar, pois nosso Senhor afirmou: "O maior entre vós seja como o menor; e quem governa, como quem serve" (Lc 22.26).

Dentro do plano que Deus ordenou à igreja, a liderança é uma posição de serviço humilde, feito com amor. A liderança da igreja é um ministério, não uma gerência. O chamado daqueles a quem Deus designa como líderes não é para a posição de reis, mas de humildes escravos; não de celebridades refinadas, mas de servos trabalhadores. Os que forem liderar o povo de Deus devem, acima de tudo, ser um exemplo de sacrifício, devoção, submissão e humildade.

Jesus mesmo deu o exemplo quando se abaixou para lavar os pés de seus discípulos, uma tarefa que costumava ser cumprida pelo menor dos escravos (Jo 13). Se o Senhor do universo fez isso, nenhum líder de igreja tem o direito de se considerar elite pastoral.

O pastoreio de animais é um trabalho semiprofissional. Nenhuma faculdade oferece diploma de pastor. Não é um trabalho tão difícil; até um cão pode aprender a guardar um rebanho de ovelhas. Nos tempos bíblicos, meninos — Davi, por exemplo — apascentavam ovelhas, enquanto os mais velhos cuidavam de tarefas que exigiam mais habilidades e maturidade.

Pastorear um rebanho espiritual não é tão simples. É preciso ser mais que um caipira errante para ser pastor espiritual. Os padrões são altos, as exigências, difíceis de satisfazer (1 Tm 3.1-7). Nem todos conseguem unir as qualidades, e mesmo dentre os que as juntam, poucos parecem se destacar na tarefa. O pastoreio espiritual exige um homem íntegro, piedoso, dotado de muitas habilidades. Ainda assim, ele deve manter a atitude e a postura humilde de um menino pastor.

Com as tremendas responsabilidades inerentes à liderança do rebanho de Deus, vem o potencial ou para uma grande bênção ou para um grande julgamento. Bons líderes recebem bênçãos dobradas (1 Tm 5.17), e líderes precários são duplamente repreendidos (v. 20), pois "a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá" (Lc 12.48). Tiago 3.1 afirma: "Muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo".

Muitas vezes me perguntam qual seria o segredo do desenvolvimento da Igreja de Grace Community ao longo dos últimos 26 anos. Sempre destaco, antes de tudo, que a soberania de Deus determina o rol de membros de uma igreja, e que os números, por si, não são provas do sucesso espiritual. No entanto, em meio a um crescimento numérico tremendo, as vitalidades espirituais de nossa igreja têm sido notáveis. Estou convencido de que as bênçãos de Deus têm estado sobre nós, principalmente porque nosso povo tem demonstrado um compromisso sério com a liderança e o ministério bíblicos.

Os líderes da Grace Community têm lutado para combater a aparente preocupação de algumas igrejas com a auto-estima e o egocentrismo de nossa sociedade contemporânea. Nossos presbíteros desejam ser modelos de discípulos e também proclamar o convite de Jesus para o discipulado: "Quem não toma a sua cruz e não segue após mim não é digno de mim. Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á" (Mt 10.38,39).

Gosto muito de ser pastor. Amo a obra do ministério por uma série de motivos:

1. *Pregar é o principal meio humano que Deus usa para dispensar sua graça.* O apóstolo Paulo ordenou a Timóteo: "Que pregues a palavra" (2 Tm 4.2). Tenho o privilégio de, todos os domingos, proclamar a mensagem de Deus para seu povo — uma mensagem de graça, pela qual Deus salva pessoas e transforma vidas.
2. *Posso me consumir no estudo e na comunhão com Deus.* Tenho um lado público que a congregação vê, mas tenho um lado particular que só Deus conhece. Embora eu só possa pregar três horas por semana, estudo trinta. Essas horas gastas todas as semanas na presença de Deus são um privilégio elevado e santo.
3. *Sou diretamente responsável diante de Deus pela vida das pessoas que Ele me encarregou de pastorear.* Ensinando pelo rádio, não sou pessoalmente responsável pela aplicação que as pessoas fazem da Palavra de Deus. Entretanto, como pastor-mestre de uma congregação, tenho um relacionamento com meu povo, tal como o do pastor com suas ovelhas. Cuido da alma deles "como aqueles que hão de dar conta delas" (Hb 13.17).
4. *Também devo satisfações às pessoas da minha igreja.* Tudo está à vista delas: minha vida e família, meus pontos fortes e fracos — tudo. Aprecio essa necessidade de prestar contas. É um incentivo constante no sentido de que eu reflita Cristo em tudo o que diga ou faça.
5. *Amo o desafio de edificar uma equipe eficaz de líderes com as pessoas que Deus colocou na igreja.* Quando alguém monta uma empresa, pode contratar qualquer pessoa que queira. É totalmente diferente de edificar com as pessoas que Deus chamou, dos quais

poucos são sábios, poderosos ou nobres, de acordo com os padrões do mundo (1 Co 1.26). Deus revela a grandeza de seu poder ao demonstrar que os insignificantes para o mundo são seus recursos mais preciosos.

6. *O pastorado abrange a vida inteira.* Participo da alegria dos pais com o nascimento de uma criança, bem como do sofrimento de um filho na morte da mãe ou do pai. Ajudo a celebrar um casamento; também ofereço consolo em um funeral. Há uma imprevisibilidade inevitável que acompanha meu chamado — uma aventura incrível pode começar a qualquer momento. Nessas horas, o pastor vai além do sermão, colocando-se, por amor a Deus, na fenda da vida de seu povo.
7. *As recompensas nesta vida são maravilhosas.* Sinto-me amado, apreciado, admirado, sinto que sou necessário, que as pessoas confiam em mim — tudo porque sou um instrumento usado por Deus para dar progresso espiritual ao seu povo. Sei que meu povo ora por mim e se preocupa profundamente comigo. Sou grato a Deus por isso. Tenho a honra de ser um canal pelo qual a graça de Deus, o amor de Cristo e a consolação do Espírito Santo podem tornar-se reais às pessoas.
8. *Tenho medo de não ser pastor.* Quando tinha 18 anos, o Senhor me jogou para fora de um carro que estava a mais de cem quilômetros por hora. Caí de costas e rolei pela pista por uns cem metros. Graças a Deus, não morri. Quando me levantei naquela estrada, sem ter perdido a consciência em nenhum momento, consagrei minha vida para servir a Cristo. Falei a Ele que não resistiria mais, porém faria a vontade dEle: pregar sua Palavra.

O propósito deste livro é formar os que compreendem e amam a igreja de tal modo que possam servir esse corpo com bênçãos e poder, desempenhando biblicamente o ministério.

John MacArthur, Jr.

PARTE I

PERSPECTIVAS BÍBLICAS

1. Redescobrindo o Ministério Pastoral
2. O que o Pastor Deve Ser e Fazer?
3. O Ministério Pastoral na História
4. Concepção Bíblica de Ministério Pastoral

1

Redescobrindo o Ministério Pastoral

Richard L. Mayhue

As mudanças atuais que começam a predominar na igreja evangélica podem determinar-lhe a marca distintiva para o século XXI. Um número crescente de evangélicos respeitados crêem que o seu presente redirecionamento, que a faz ser menos bíblica e mais aceitável aos homens, acabará resultando em uma igreja condenada por Cristo. Usando as Escrituras para responder às perguntas: "O que o pastor deve ser e fazer?" e "Como moldar o ministério contemporâneo de acordo com os mandatos bíblicos?", a igreja pode realinhar-se obedientemente aos propósitos revelados de Deus para a noiva de Cristo. Dessa maneira, é possível alcançar uma relação biblicamente equilibrada e complementar com a percepção da vontade de Deus para a igreja, envolvendo-se no ministério pastoral conforme ele é definido nas Escrituras e preparando uma nova geração de pastores delineada pela Palavra de Deus.

Encruzilhadas. Transição. Crise. Incerteza. Inquietação. Essas palavras expressam a concepção de muitos evangélicos com respeito à condição da igreja e do ministério pastoral. Poucos discordam que, com o advento do século XXI, a igreja evangélica esteja necessitando de um redirecionamento.

Por exemplo, considere a pesquisa de John Seel feita em 1995 com 25 líderes evangélicos de renome.[1] Os líderes expressaram seus pontos de vista

1. John Seel, *The Evangelical Forfeit* (Grand Rapids: Baker, 1993), 48-65.

sobre o estado geral dos evangélicos no final do século XX. Oito temas dominantes emergiram de suas respostas:

1. Identidade incerta — confusão disseminada acerca da definição do que é um evangélico.
2. Desilusão institucional — percepção da ineficácia e da irrelevância do ministério.
3. Falta de liderança — lamento pela escassez de liderança bíblica na igreja.
4. Pessimismo com respeito ao futuro — crença de que o futuro dos evangélicos está ameaçado
5. Crescimento positivo, impacto negativo — um paradoxo intrigante sem explicações claras e imediatas.
6. Isolamento cultural — estamos em plena era pós-cristã.
7. Soluções políticas e metodológicas são a resposta — surgem perspectivas não-bíblicas de ministério.
8. Troca da orientação bíblica pela pesquisa de mercado no ministério — a preocupação com o eterno é substituída pelo interesse no temporal, em um esforço para mostrar relevância.

Reconhecemos essas tendências alarmantes, crendo que as decisões tomadas nesta década reprogramarão a igreja evangélica americana até boa parte do século XXI. Assim, a futura direção da igreja é uma preocupação preeminente e legítima. Sem dúvida, a igreja enfrenta um momento decisivo.[2] O verdadeiro contraste entre os modelos ministeriais concorrentes não é o tradicional *versus* o contemporâneo, mas o *bíblico* contra o *não-bíblico*.

2. Quatro dos cinco livros mais votados como livro do ano na seção "Escolha do Leitor" da revista *Christianity Today* tratam desse assunto, com grande ênfase no chamado para um ministério centrado em Deus e baseado na Bíblia ("1994 Book Awards", *Christianity Today 38*, n. 4 [4 de abril de 1994]: 39). Esses quatro livros são: Charles Colson, *The Body* (Dallas: Word, 1992); David F. Wells, *No Place for Truth or Whatever Happened to Evagelical Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993); John MacArthur, Jr., *Ashamed of the Gospel: When the Church Becomes Like the World* (Wheaton: Crossway, 1993); Hank Hanegraaff, *Christianity in Crisis* (Eugene, Oreg: Harvest House, 1993).

A Hora da Decisão

Tendo chegado à proverbial "encruzilhada", os evangélicos precisam decidir entre duas alternativas. A primeira é uma concepção de ministério que tem como características — não forçosamente exclusivas — a base nas necessidades, a centralização no homem, o direcionamento ao consumidor e a definição pela cultura. Em geral, essas ênfases dependem das últimas diretrizes lançadas pela psicologia ou sociologia, mudando de acordo com elas. Supõe-se que esses dois campos do conhecimento, após conseguirem integrar-se e serem colocados no mesmo nível das Escrituras, produzirão um ministério cientificamente aprovado e relevante para a atmosfera contemporânea regida pela informática e pelos meios de comunicação.

A segunda opção apresenta um ministério voltado para a redenção, centrado em Deus, definido pela Bíblia e por ela orientado. Neste livro, defendemos esse último modelo, que tem a suficiência das Escrituras como a revelação maior e mais importante — agora e para sempre — das obras passadas, presentes e futuras de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A igreja precisa voltar-se para as Escrituras e aceitar o desafio de moldar o ministério contemporâneo segundo os preceitos bíblicos.

Pode-se argumentar que nenhuma época aproxima-se mais dos primórdios da Igreja do século I que a presente. Nossos primeiros irmãos enfrentaram uma cultura pagã, pré-cristã e pré-moderna. De modo semelhante, a igreja contemporânea confronta-se com um mundo pagão, pós-cristão e pós-moderno. A essência do modelo bíblico de ministério do primeiro século nunca foi mais apropriado do que hoje.

Redescobrindo o Ministério Pastoral procura amenizar as tensões entre considerações temporais e eternas, e entre fatores divinos e humanos no ministério. O caráter, a revelação e a vontade de Deus não mudaram, apesar das mudanças no tempo e na cultura. Como um ministério equilibrado deve conciliar os dois lados? Argumentamos que a eternidade deverá definir qualquer momento particular no tempo, não o contrário. Cristo foi e continua sendo o Sumo Pastor (1 Pe 5.4), o bom Pastor (Jo 10.11,14) e o grande Pastor (Hb 13.20). Os pastores sempre serão seus co-pastores e trabalhadores na igreja que Ele adquiriu com seu próprio sangue (At 20.28) e continua edificando (Mt 16.18).

Os pastores assumem pesada responsabilidade quando aceitam a tarefa ímpar de exortar e reprovar por amor a Cristo (Tt 1.9). A palavra de Paulo acerca de sua mordomia junto à igreja de Corinto, há quase dois mil anos, é ponderada:

> Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá de Deus o louvor (1 Co 4.1-5).

Hoje, a igreja em geral e os pastores em particular enfrentam as seguintes perguntas cruciais:

O que o pastor deve ser e fazer?

Como a igreja deve reagir diante de uma cultura que sofre rápidas mudanças?

O que é importante para Deus?

Qual a preocupação de Cristo com o tradicional e o contemporâneo?

As Escrituras são hoje uma base adequada para o ministério?

Quais são as prioridades do ministério pastoral?

O pastor deve estar sob a autoridade de quem?

Como distinguir entre um pastor chamado por Deus e um impostor?

Quem define as necessidades do ministério: Deus ou os homens?

Qual a direção que Cristo quer dar à igreja do século XXI?

E, depois de tudo, quando nos colocarmos diante do Senhor da glória e prestamos conta de nossa mordomia, o que diremos? E, ainda mais importante, o que Ele nos dirá?

Assumimos que Deus usará sua Palavra como critério pelo qual aprovará ou condenará nosso labor na igreja. Ele não irá indagar se o ministério foi tradicional ou contemporâneo, mas perguntará: "Foi bíblico?" Nosso ministério ou estará de acordo com sua vontade ou estará em oposição a ela, conforme expressa a Escritura: "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17).

A Igreja no Caminho Errado

Uma expectativa razoável seria que, após dois milênios de existência, a Igreja conhecesse e compreendesse exatamente o que Deus pretendia que ela fosse. Mas a verdade parece ser exatamente o contrário.[3]

Parece que o caminho da religião tornou-se o caminho da igreja de hoje — o caminho errado. Sheler conclui que a cultura está abrindo caminho no Cristianismo, em vez de o Cristianismo influenciar a cultura:

> Os críticos sociais à nossa volta e a consciência dentro de nós indagam cada vez mais se perdemos nossa bússola moral e renunciamos a nossa herança espiritual. Stephen Carter, professor de Yale, em seu recente livro *The Culture of Disbelief*, atribui essa decadência cultural ao que crê ser a exclusão cada vez maior da religião da vida pública. "Temos pressionados os fiéis no campo religioso... a agir como se a fé não importasse", raciocina Carter.[4]

Francis Schaeffer chama a esse fenômeno "o grande desastre evangélico". Ele resume a situação:

> Eis o grande desastre evangélico — o fracasso do mundo evangélico que não consegue sustentar a verdade como tal. Só existe uma palavra para isso: *acomodação.* A igreja evangélica acomodou-se ao espírito do mundo presente. Em primeiro lugar, houve uma acomodação em relação às Escrituras, de modo que muitos que se consideram evangélicos têm uma concepção pobre da Bíblia e já não afirmam a verdade de tudo o que a Bíblia ensina — a verdade não apenas em assuntos religiosos, mas nas áreas da ciência, história e moralidade. Como parte disso, muitos evangélicos estão agora aceitando os métodos da alta crítica no estudo da Bíblia. Lembre-se de que esses mesmos métodos foram os que destruíram

3. Essa confusão não é tão aparente quando a pessoa lê exposições teológicas regulares ou volumes específicos que tratam da eclesiologia, tais como Gene A. Getz, *Sharpening the Focus of the Chuch* (Chicago: Moody, 1974); Alfred F. Kuen, *I Will Build My Church* (Chicago: Moody, 1971); John MacArthur, Jr., *Body Dynamics* (Wheaton: Victor, 1982); Earl D. Radmacher, *What the Church Is All About* (Chicago: Moody, 1978). O problema surge em volumes que aplicam a teologia do indivíduo às práticas contemporâneas na igreja.

4. Jeffrey L. Sheler, "Spiritual America", *U.S. News and World Report* 116, n. 13 (4 de abril de 1994), 48.

> a autoridade da Bíblia na igreja protestante da Alemanha no século XIX, e que vem destruindo a Bíblia para os liberais em nosso próprio país desde o início do século XX. Em segundo lugar, existe a acomodação em relação aos problemas, já não havendo posições claras com respeito a questões ligadas à vida e à morte.[5]

O incentivo é que a década de 1990 tem contemplado uma avalanche de livros a conclamar a Igreja à primazia de Deus e das Escrituras — um claro aviso de que, aos poucos mas com certeza, a Igreja está sendo influenciada pela cultura.

David F. Wells, professor da cadeira Andrew Mutch de teologia histórico-sistemática do Gordon-Conwell Theological Seminary, escreveu recentemente uma análise extraordinária dos evangélicos americanos na década de 1990. Ele observa:

> Hoje, dificilmente passa despercebido o fato de a teologia estar desaparecendo na vida da igreja e de alguns líderes estarem maquinando esse desaparecimento, mas, por estranho que pareça, não é fácil prová-los. É difícil não percebê-los no mundo evangélico — na adoração vazia tão freqüente, por exemplo, na troca de Deus pelo eu como o objetivo central da fé, na pregação psicologizada que segue essa troca, na erosão das convicções, no pragmatismo gritante, na incapacidade de pensar de modo incisivo sobre a cultura, no resvalo na irracionalidade.[6]

Wells argumenta que foi a influência de um pregador liberal, Harry Emerson Fosdick, que popularizou a filosofia de ministério que parte das necessidades

---

5. Francis A. Schaeffer, *The Great Evangelical Disaster* (Westchester, Ill: Crossway, 1984), 37. Veja também Harold Lindsell, *The New Paganism* (San Francisco: Harper and Row, 1987), 211-32, em que ele afirma que o Ocidente vive hoje em uma era pós-cristã do paganismo e discute o papel da igreja nesta cultura. Veja uma análise decisiva da batalha entre o fundamentalismo e o liberalismo no início do século em J. Gresham Machen, *Christianity and Liberalism* (reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1992). *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), de George Marsden, fornece o contexto histórico da era de Machen. James Davison Hunter, em *Evangelicalism: The Coming Generation* (Chicago: University of Chicago, 1987), discute o perfil dos evangélicos no final do século XX e início do XXI. Para leituras complementares, consulte John Fea, "American Fundamentalism and Neo-Evangelicalism: A Bibliographic Survey", Evangelical Journal II, n. 1 (1993), 21-30.

6. Wells, *No Place*, 95.

do homem, e não da vontade de Deus.[7] Ele identifica seus descendentes em Norman Vincent Peale e, depois, em Robert Schuller.[8] Parece que Schuller tem exercido influência significativa sobre Bill Hybels que, hoje, é o proponente evangélico mais destacado da filosofia de ministério de "igrejar os desigrejados".[9] Em certo sentido, a filosofia de ministério de Fosdick sobrevive muito depois de sua morte.

Historiador notável, George Marsden alerta os evangélicos contra as incursões do humanismo na igreja. Ele conclui que, "enquanto os fundamentalistas e seus herdeiros evangélicos levantam barreiras doutrinárias contra o liberalismo teológico, versões mais sutis de valores subcristãos semelhantes infiltram-se por trás de suas linhas".[10]

John MacArthur, Jr. vê a igreja tornando-se igual ao mundo.[11] De uma forma positivamente instigante, ele alista muitas semelhanças entre o declínio da igreja na Inglaterra à época de Spurgeon, um século atrás, e a hesitante igreja americana de nossos dias. MacArthur observa o caminho paralelo e a distinção comum da morte espiritual partilhada pelos modernistas liberais de um século atrás com os evangélicos pragmáticos de hoje. Ambos têm aversão doentia pela doutrina.

Os Guiness fornece várias análises investigativas da igreja e dos evangélicos modernos.[12] Entre elas, *The Gravedigger File*, *No God but God* e *Dining with the Devil*. Nessas três obras, ele escreve sobre a secularização da igreja, a idolatria e o movimento moderno de crescimento da igreja, respectivamente.

---

7. Ibid., 178. É muito interessante que Leith Anderson et al., *Who's in Charge?* (Portland, Oreg.: Multnomah, 1992), 100, identifica Fosdick como seu mentor. Anderson, muito lido e respeitado por grande segmento dos evangélicos, também destaca Fosdick como modelo de pregador em *A Church for the 21th Century* (Minneapolis: Bethany, 1992), 213-14.

8. Ibid.

9. Bill Hybels, em algumas ocasiões, tem sido preletor de destaque nos institutos pastorais promovidos por Robert Schuller. Como Fosdick, Hybels inclina-se à pregação voltada para as necessidades, a fim de alcançar o consumidor na multidão, como se evidencia em Bill Hybels et al., *Mastering Contemporary Preaching* (Portland, Oreg.: Multnomah, 1989), 27.

10. George Marsden, "Secular Humanism Within the Church", *Christianity Today* 30, n. 1 (17 de janeiro de 1986): 141-51. Um instituto promovido por *Christianity Today* incluiu esse artigo sob o título "In the Next Century: Trends Facing the Church".

11. MacArthur, *Ashamed of the Gospel.* Quase duas décadas antes desse livro, MacArthur escreveu sobre os perigos que se defrontavam com a Igreja em "Church Faces Identity Crisis", *Moody Monthly* 79, n. 6 (fevereiro de 1979), 123-26.

12. O. Guinness, *The Gravedigger File* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity. 1983); O. Guinness e John Seel, eds., *No God but God* (Chicago: Moody, 1992); O. Guinness, *Dining with the Devil* (Grand Rapids: Baker, 1993).

"Selling Out the House of God?" ("Liquidando a Casa de Deus?"), uma entrevista recente com Bill Hybels publicada em *Christianity Today*, ilustra a tensão que existe hoje na igreja.[13] A matéria foi ocasionada pelo aumento de perguntas inquiridoras que outros ministros estavam querendo fazer a esse pastor renomado, acerca da base e do estilo de seu ministério voltado para o consumidor. Muitos temem que, se a próxima geração tomar o caminho que hoje Hybels percorre, será levada ao mesmo destino a que chegou o movimento modernista no início do século XX.

Considere esta recente advertência:

> Os pastores e teólogos evangélicos podem aprender com a difundida experiência de colocar a relevância acima da verdade. Precisamos evitar a isca da novidade e das vendas rápidas que, dizem, facilitará a crença dos modernos. Os métodos podem mudar, mas a mensagem nunca... Somos chamados para ser mordomos fiéis de uma herança teológica grandiosa e fidedigna. Temos verdades a declarar e erros a evitar. Não devemos tentar tornar essas verdades mais atraentes ou agradáveis ao usuário, açucarando-as. Precisamos nos guardar contra a onda do "*bungee-jumping* teológico" que só entretém a multidão de curiosos.[14]

O interessante é que esse claro apelo a um ministério conformado com a Bíblia não vem da ala conservadora dos evangélicos. Antes, é um alerta às igrejas evangélicas pronunciado por alguém que está tentando levar o avivamento à Igreja Metodista Unida, uma denominação tradicional, liberal. Ele adverte a igreja para que ela evite a rota do ministério eclesiástico voltado para o usuário, porque o fim é previsível: dentro de uma geração, ou no máximo duas, as igrejas perderão a vida e a direção espiritual.

Crise de Identidade

Assim como a igreja sucumbe às pressões culturais e seculares, não é de surpreender que as funções pastorais definidas pela Bíblia e o conteúdo do treinamento ministerial biblicamente orientado também tenham sofrido sérias pressões.

---

13. Michael G. Maudlin e Edward Gilbreath, "Selling Out the House of God?" *Christianity Today* 38, n. 8 (18 de j°ulho de 1994), 20-25. Compare a idéia de Hybel com a concepção muito mais bíblica recomendada por Bill Hull em *Can We Save the Evangelical Church* (Grand Rapids: Revell, 1993).

14. James V. Heidinger II, "Toxic Pluralism", *Christianity Today* 37, n. 4 (5 de abril 1993), 16-17.

Identidade Pastoral

Essa confusão não é inteiramente nova na igreja. Logo no primeiro século, Paulo sentiu-se compelido a articular com cuidado a função do pastor. Todas as gerações subseqüentes têm sentido essa tensão e a correspondente necessidade de reafirmar os absolutos bíblicos do ministério. Culbertson e Shippee percebem essa tensão constante:

> A teologia pastoral é, em sua maior parte, um campo sem definições claras: seu significado exato e seus componentes parecem variar amplamente de uma denominação para outra e de um seminário para outro. O "como" do cuidado pastoral e os elementos que compõem o processo de formação do caráter do clérigo parecem igualmente nebulosos. Em todos os três campos, contudo, o material que os constitui parece ser ensinado ou a partir de uma base estritamente bíblica; ou de uma base moderna, constituída por teorias modernas da psicologia e da sociologia, conforme têm sido apropriadas pela igreja; ou de uma combinação de Escritura e conceitos científicos modernos — mas raramente o ensino da formação pastoral faz referência direta à história e à tradição fascinantes da Igreja Primitiva.[15]

H. Richard Niebuhr documenta a confusão que prevaleceu durante o início e meados do século XX.[16] Thomas Oden atualiza o dilema na década de 1980.[17] Ele lamenta que todo o século XX evidencie uma confusão em torno do papel da igreja e do pastor.[18] Oden conclama veementemente a um retorno às Escrituras, a fim de que se compreenda o ofício e o papel do pastor:

> As Escrituras fornecem a base principal para a compreensão do ofício pastoral e suas funções. Tratemos as Escrituras como o livro da igreja, não como a arena exclusiva do historiador ou do teólogo social. A sabedoria pastoral vem sobrevivendo dos textos-chaves clássicos, que têm desfrutado uma rica história de interpretação muito antes do advento da pesquisa

15. Philip L. Culbertson e Arthur Bradford Shippee, *The Pastor: Readings from the Patristic Period* (Minneapolis: Fortress, 1990), xi.

16. H. Richard Niebuhr, *The Purpose of the Church and Its Ministry* (New York: Harper and Brothers, 1956), 51.

17. Thomas C. Oden, *Pastoral Theology: Essentials of Ministry* (San Francisco: HarperCollins, 1983).

18. Ibid., x-xii.

> histórica moderna. Somos livres para usar essas pesquisas e aprender com elas, sem sermos podados por algumas de suas pressuposições reducionistas.
> A teologia pastoral sobrevive das Escrituras. Quando a tradição pastoral citava as Escrituras, elas eram vistas como um texto autorizado para moldar tanto a compreensão como a prática ministerial. Não submetemos as Escrituras ao nosso exame, de acordo com critérios alheios a elas, a fim de compreendermos o ministério. Antes, as Escrituras examinam nossas concepções básicas do ministério. Elas as colocam em prova.[19]

Treinamento Ministerial

A redefinição da igreja implica inevitavelmente na redefinição da função pastoral, vindo a desaguar no treinamento pastoral no âmbito do seminário. Como era de se esperar, um dilúvio aparentemente interminável de livros pede atualmente uma reestruturação radical do ensino nos seminários.

Em 1990, *The Atlantic* publicou uma avaliação geral inquietante dos seminários americanos. Esse abrangente estudo conclui:

> Para ser bem-sucedida, esta geração de seminaristas deve, é claro, ser sadia em termos educacionais e espirituais, politicamente consciente, tão familiarizada com a demografia quanto estão com a moralidade. Deve ser sensível à raça, às etnias, ao gênero e à sexualidade, mas não nos deve fazer levantar outro muro com suas convicções. Já apanhamos o suficiente; conhecemos nossas fraquezas. Quando nossos futuros ministros falarem, queremos ouvir vozes poderosas, mas ponderadas, trazendo à luz a dimensão moral da vida, e não apenas as políticas de esquerda ou de direita, disfarçadas de crença religiosa.
> Queremos que sejam pessoas que, de alguma forma diminuta, reflitam a misericórdia e a bondade do Deus que queremos conhecer, não apenas seu julgamento. Queremos que sejam pessoas que vejam em nós a bondade que ainda temos para liberar, o potencial para transcender nossas diferenças. Enfim, penso eu, estamos procurando aqueles que nos ajudem a encontrar aquela voz lá no fundo de nós, voz que não é nossa, mas nos conclama a fazer o que é certo.[20]

---

19. Ibid., 11.

20. Paul Wilkes, "The Hand That Would Shape Our Souls", *The Atlantic* 266, n. 6 (dezembro de 1990), 59-88.

O apelo ao consumidor, tanto no ministério como no treinamento pastoral, claramente marca a conclusão do artigo e reflete boa parte da literatura corrente.

Um estudo desenvolvido em 1993, comissionado por sete seminários americanos de renome, conclui: "A igreja, no intuito de manter a relevância para seus constituintes, tem tido de descobrir novas maneiras de 'desempenhar' o ministério ou ver portas se fechando... Este relatório... exige uma grande reestruturação do seminário — forma e função".[21]

Se levarmos o paradigma do consumidor à sua conclusão lógica, esta será brilhantemente coerente com as teorias contemporâneas predominantes, mas infelizmente, não-bíblica. Na realidade, ela raciocina: "Aquilo que as pessoas querem, a igreja deve oferecer. Aquilo que as igrejas oferecem, os pastores devem ser treinados para fornecer". Dando mais um passo, o resultado final será: "Aquilo que os pastores são treinados para fornecer, a igreja oferecerá. Quando a igreja oferecer o que as pessoas querem, as pessoas vão querer mais" — criando, por fim, um círculo inquebrável de causa e efeito que tornará a igreja impotente, merecendo a condenação de Cristo.

Entretanto, antes de capitularem, os seminários devem estudar a história dos seminários e da educação dos seminários na América. Notável entre muitos são o Andover Seminary e o Princeton Seminary, fundados em 1807 e 1812, respectivamente.[22] Ambos começaram fortes, com fundamentos bíblicos aparentemente inabaláveis, mas com o tempo, e, por vários motivos, cada um sucumbiu à demanda de ir além das Escrituras tanto na doutrina como na prática. Os conservadores concordam que eles perderam há muito tempo a utilidade para o ministério do Evangelho, porque abandonaram a concepção elevada que tinham de Deus e das Escrituras.

---

21. Carolyn Weese, *Standing on the Banks of Tomorrow* (Granada Hills, Calif.: Multi-Staff Ministries, 1993), 3, 53. Outras obras recentes incluem Michael C. Griffith, "Theological Education Need Not Be Irrelevant", *Vox Evangelica XX* (1990), 7-19; Richard Carnes Ness, "The Road Less Traveled; Theological Education and the Quest to Fashion the Seminary of the Twenty-First Century", *The Journal of Institute of Christian Leadership 20* (winter 93/94), 27-43; Bruce L. Shelly, "The Seminaries' Identity Crisis", *Christianity Today 37*, n. 6 (17 de maio de 1993), 42-44.

22. Steven Meyeroff, "Andover Seminary: The Rise and Fall of an Evangelical Institution", *Covenant Seminary Review 8*, n. 2 (final1982): 13-24, e Mark A. Noll, "The Princeton Theology" em *The Princeton Theology*, ed. David F. Wells (Grand Rapids: Baker, 1989), 14-35, apresentam relatos convincentes sobre essas duas instituições.

Qualquer seminário pode mudar muitas coisas para tornar-se mais útil à igreja e, por extensão, à causa de Cristo, mas sua ênfase na verdade bíblica como o centro do currículo nunca deve mudar. Recentemente, David Dockery, vice-presidente de administração acadêmica no Southern Seminary resumiu da seguinte forma a educação oferecida pelo seminário do novo século:

> Queremos ser capazes de ensinar as Escrituras de um modo criativo e relevante, para mostrar aos nossos alunos que a Bíblia é a norma e a autoridade da igreja contemporânea — de cada vida individualmente e, coletivamente, da igreja. A Bíblia é um documento antigo escrito para um povo específico em ocasiões específicas e em um contexto específico. Entretanto, ela transcende tais ocasiões e contextos porque é inspirada pelo Espírito de Deus, sendo assim um documento divino e também humano. É um documento datado e também eterno. Portanto, ela está acima de seu contexto. Queremos a capacidade de viver a partir de um compromisso profundo com a fidedignidade e a autoridade plenas dessa Palavra inspirada por Deus.
>
> A autoridade bíblica é um conceito muito difamado e mal compreendido em nosso mundo contemporâneo. As pessoas perguntam como um livro escrito há dois mil anos pode ter autoridade e relevância em nossa época. A resposta é: devido à sua origem. Ela não está apenas nos profetas e apóstolos; mas no próprio Deus, que de fato soprou essa Palavra para que a estudemos, creiamos nela e a obedeçamos.[23]

Assumindo uma Concepção Bíblica

Cremos que Paulo fez uma afirmação absoluta com implicações inegáveis, quando escreveu a Timóteo: "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2 Tm 3.16,17). Essa passagem ensina não apenas um conceito elevado da autoridade das Escrituras, mas também sua suficiência, especialmente na formulação dos planos e prioridades ministeriais. Ela exige que comecemos com Deus e com a Bíblia, não com o homem e a cultura, a fim de compreendermos a vontade de Deus no ministério.

---

23. David Dockery, "Ministry and Seminary in a New Century", *The Tie: Southern Seminary 62*, n. 2 (1994), 20-22.

As tensões, problemas e questões do ministério que nossa geração enfrentam não são novas. Malaquias acusou o povo de Israel de transformar a glória de Deus por meio da cultura. Paulo confrontou os coríntios. No Antigo Testamento, Jeremias e Ezequiel alertaram contra a proliferação dos falsos pastores, assim como Pedro e Judas no Novo Testamento. O pastor contemporâneo deve prestar muita atenção às lições bíblicas, pois elas com certeza se repetirão nesta geração. Portanto, quando perguntamos: "O que o pastor deve ser e fazer?", precisamos procurar as respostas na Palavra de Deus ao invés de nos últimos modismos ou teorias que se originam na sociedade, e não nas Escrituras — ou na cultura, e não em Cristo.

Várias passagens definem e explicam quem deve ser o pastor e o que ele deve fazer (por exemplo, 1 Tm 3.1-7; Tt 1.6-9; 1 Pe 5.1-5). Elas serão discutidas nos próximos capítulos. Mas talvez os livros mais explícitos do Novo Testamento quanto à obra do ministério sejam 1 e 2 Tessalonicenses. Uma análise cuidadosa dessas epístolas pastorais conduzem à descrição básica do ministério. As responsabilidades básicas do pastor são:

1. Orar	1 Ts 1.2,3; 3.9-13
2. Evangelizar	1 Ts 1.4,5,9,10
3. Capacitar	1 Ts 1.6-8
4. Defender	1 Ts 2.1-6
5. Amar	1 Ts 2.7,8
6. Labutar	1 Ts 2.9
7. Exemplificar	1 Ts 2.10
8. Liderar	1 Ts 2.10-12
9. Alimentar	1 Ts 2.13
10. Vigiar	1 Ts 3.1-8
11. Alertar	1 Ts 4.1-8
12. Ensinar	1 Ts 4.9—5.11
13. Exortar	1 Ts 5.12-24
14. Encorajar	2 Ts 1.3-12
15. Corrigir	2 Ts 2.1-12
16. Confrontar	2 Ts 3.6,14
17. Resgatar	2 Ts 3.15

Paulo exemplifica o *caráter* do pastor e sua influência na *conduta* ministerial (1 Ts 2.1-6). Ele descreve a *natureza* da liderança pastoral, usando as figuras da mãe (1 Ts 2.7,8), do trabalhador (2.9); do membro de uma família (2.10) e do pai (2.11,12). Esses textos destacam as Escrituras como fonte apropriada da qual devemos extrair as respostas às perguntas acerca do ministério, porém não esgotam o assunto.

As cartas de Cristo às sete igrejas em Apocalipse 2 e 3, levantam uma pergunta importante: "Se Cristo fosse escrever uma carta à igreja americana em 1995, o que escreveria?" Essa indagação é puramente hipotética e não vai ocorrer, pois a época da revelação escrita já passou. Entretanto, as verdades atemporais de Apocalipse 2 e 3, reveladas no primeiro século, são aplicáveis à igreja do século XX por representarem a mente imutável de Cristo com respeito à sua Igreja. Sabemos o que Ele *recomendaria* e o que *condenaria.*

O resultado é simplesmente este: vamos procurar ser frutíferos no ministério, dependendo do poder da Palavra de Deus (Rm 1.16,17; 1 Co 1.22-25; 1 Ts 2.13) e do seu Espírito (Rm 15.13; 2 Tm 1.8) ou depender do poder da sabedoria humana? *Considere como Paulo instruiu a igreja coríntia, cuja* preocupação curiosa com a cultura em que viviam forma um paralelo com a fascinação das igrejas evangélicas contemporâneas:

> Porque vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele. Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (1 Co 1.26-31).

Redescobrindo o Ministério Pastoral

Continuamos convictos de que a Palavra de Deus fornece o paradigma atemporal que define a natureza e as características do pastorado. As Escrituras esboçam o que Deus deseja que o pastor seja e faça. O ministério contemporâneo deve ser moldado pelos mandatos bíblicos.

Colocamos diante de nossos pares a declaração de que Cristo deve edificar a igreja (Mt 16.18).[24] Se quisermos ver frutos que agradem a Deus em nosso ministério, esses devem nascer do plantio da boa semente da Palavra em solo rico e de uma labuta pastoral diligente de acordo com as Escrituras.

As declarações deste capítulo *não* são um convite a uma igreja *desfavorável* ao usuário, uma igreja culturalmente *ignorante* ou *insensível* aos fiéis. Não temos nenhum desejo de "desigrejar os desigrejados" ou de promover uma "igreja-dinossauro" irrelevante. Por outro lado, também não queremos substituir a verdade teológica pelas últimas teorias da sociologia e da psicologia nem confundir a compreensão muito mais importante da vontade de Deus para a igreja, tanto para os cristãos como para os não-cristãos, com o benefício criterioso das estatísticas demográficas e das análises culturais. Desejamos ardentemente que a importante consideração de Deus e de sua vontade revelada nas Escrituras receba o destaque maior.

Um segmento significativo de igrejas e literaturas evangélicas parece estar distanciando-se das prioridades bíblicas. Desequilíbrios não-bíblicos entre os evangélicos contemporâneos manifestam-se no aumento das tendências para:

1. Supervalorização do raciocínio humano e uma correspondente subestimação da revelação de Deus nas Escrituras.
2. Supervalorização das necessidades humanas definidas pelo homem — e uma correspondente subestimação dessas necessidades definidas por Deus.
3. Supervalorização da vida terrena e uma correspondente subestimação da relevância espiritual.
4. Supervalorização do aspecto temporal da vida e uma correspondente subestimação do aspecto eterno.
5. Supervalorização da cultura contemporânea e uma correspondente subestimação da Bíblia.

Por causa dessas tendências crescentes, a igreja sofre cada vez mais o perigo de equiparar o Cristianismo com a religião, e a salvação com o fato de "ir à igreja".

---

24. John MacArthur, Jr., "Building His Church His Way", *Spirit of Revival 24*, n. 1 (abril de 1994), 21-24.

A igreja substitui, cada vez mais, o poder de Deus pelo poder dos homens, a fala centrada diretamente em Deus pela fala periférica acerca de Deus. A igreja confunde cada vez mais a adoração no Espírito com a emoção, e o poder do Evangelho com a verdade e o brilhantismo de palavras humanas. Se a igreja evangélica permanecer em seu curso atual, tememos que, por exigência do povo, a próxima geração possa substituir o verdadeiro Cristianismo por uma religião impotente e idólatra.

O restante deste livro poderia discorrer sobre esses perigos e enganos enfrentados pela igreja e ministério evangélicos atuais. Em vez disso, porém, insta a cristandade, tanto na América como em toda a terra, a redescobrir o ministério pastoral conforme esboçado nas Escrituras. Aqui o leitor encontrará um ministério baseado na Bíblia, não definido pela demografia; liderado pelo Espírito, não norteado pelo mercado; centrado em Cristo, não dirigido por homens; focalizado em Deus, não voltado ao consumidor.

Às Voltas com os Interesses do Pai

Assim como Jesus, precisamos nos envolver com a obra do Pai. Um escritor anônimo captou a essência da mordomia pastoral diante do Senhor com uma exortação no sentido de que se faça a obra de Deus de acordo com a Palavra:

> Apegue-se ao trabalho. Não recue porque o leão ruge; não pare para jogar pedras nos cachorros do diabo; não perca tempo caçando os coelhos deste. Faça seu trabalho. Deixe os mentirosos e suas mentiras, deixe os sectários discutirem, deixe os críticos maldizerem, deixe os inimigos acusarem, deixe o diabo fazer o pior; mas cuide para que nada o impeça de cumprir com alegria o trabalho que Deus lhe incumbiu.
>
> Ele não o mandou ser admirado ou estimado, e nunca ordenou que defendesse seu caráter. Ele não o posicionou para contradizer as falsidades (acerca de você mesmo) que os servos de Satanás ou de Deus talvez comecem a espalhar, nem para investigar cada rumor que ameace sua reputação. Se você agir assim, não obterá resultados satisfatórios; estará trabalhando para si mesmo, não para o Senhor.
>
> Mantenha-se no trabalho do Mestre. Que seu alvo seja fixo como uma estrela. Você pode ser assaltado, injuriado, insultado, caluniado, ferido e rejeitado, incompreendido ou acusado de motivações impuras; bem como afrontado pelos inimigos, traído pelos amigos, desprezado e rejeitado pelos homens. Mas tenha determinação e zelo inabalável, a fim de perseguir o grande propósito e objetivo de sua existência, até que finalmente possa dizer: "Completei o trabalho que tu me deste".

2

O que o Pastor Deve Ser e Fazer?

John MacArthur, Jr.

Em 1 Pedro 5.1-3 estão expressos os princípios fundamentais da liderança pastoral: ser humilde e apascentar o rebanho. No Novo Testamento, João Batista e Paulo foram bons exemplos de humildade. As chaves para a humildade incluem confiança no poder de Deus, compromisso com sua verdade bem como uma comissão pela vontade divina, uma compulsão provocada pela sua onisciência e uma paixão fervente por sua glória. O objetivo primário no pastoreio do rebanho de Deus é alimentá-lo. Além disso, o pastor deve supervisionar o rebanho e lhes oferecer uma vida exemplar, para que possam se orientar por ela. Ele não pode fazer o trabalho com o espírito contrariado, nem pode fazê-lo para obter lucros financeiros. Acima de tudo, deve obedecer aos mandamentos das Escrituras, sendo fiel à verdade bíblica, firme na exposição e na refutação dos erros, exemplar na bondade, diligente no ministério e disposto a sofrer em seu serviço.

Dispomos de uma vasta quantidade de materiais que alertam os pastores acerca de como conduzir o ministério. Há muitos livros, fitas, jornais e seminários. Aliás, o material é tanto que o pastor poderia gastar quase todo o seu tempo absorvendo-o — e ficando sem nenhum para ministrar de fato! Como o pastor pode vasculhar essa montanha de informações e discernir o que é realmente importante no ministério? É possível sintetizar o que o pastor deve ser e fazer em alguns princípios básicos?

O apóstolo Pedro não leu nenhum livro ou artigo de revista sobre liderança pastoral. Ele não freqüentou seminários nem ouviu fitas. Entretanto, com a sabedoria de longos anos de experiência, Pedro destilou a essência da liderança

pastoral em duas admoestações simples: ser humilde e apascentar o rebanho. Ele expressou esses princípios fundamentais em 1 Pedro 5.1-3:

> Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.

Pedro foi um exemplo da humildade que propunha aos pastores. Embora fosse reconhecido como o líder dos 12 apóstolos, ele se descrevia humildemente como "presbítero com eles". Ele se recusava a impor sua posição sobre os outros presbíteros. E, no versículo 2, descreve a vocação do pastor: "apascentar o rebanho de Deus", tarefa confiada aos seus cuidados. Pastores humildes são o que Deus requisita para liderar seu rebanho.

O Pastor Deve Ser Humilde

Vivemos em um mundo que não valoriza nem deseja a humildade. Seja na política, nos negócios, nas artes ou nos esportes, as pessoas se esforçam para alcançar destaque, popularidade e fama. Infelizmente, essa atitude tem contaminado a igreja. Existe um culto à personalidade, pois os líderes cristãos lutam para alcançar glória. O verdadeiro homem de Deus, entretanto, busca a aprovação de seu Senhor, e não a adulação da multidão. A humildade é, portanto, a marca registrada de qualquer servo comprometido com a obra de Deus. Spurgeon nos lembra de que "se exaltarmos a nós mesmos, nos tornaremos desprezíveis, e não exaltaremos nosso trabalho e nem o Senhor. Somos servos de Cristo, não senhores de sua herança. Os ministros são para as igrejas, e não as igrejas para os ministros... Cuide de não ser exaltado mais do que se deve, para que não se transforme em nada".[1]

Exemplos de Humildade

Até sua época, João Batista foi o maior homem que viveu (Mt 11.11; Lc 7.28). Ele foi o último dos profetas do Antigo Testamento, tendo o privilégio de ser nada menos que o precursor imediato do Messias. Ainda assim, ele foi um

1. C. H. Spurgeon, *An All-round Ministry* (reimpressão, Pasadena, Tex.: Pilgrim, 1973), 256-57.

homem humilde e expressou sua humildade ao dizer sobre Cristo: "É necessário que ele cresça e eu diminua" (Jo 3.30). Depois de Jesus Cristo, o apóstolo Paulo é o maior líder espiritual que o mundo conheceu, mas ele se descreveu como "o menor dos apóstolos" (1 Co 15.9), "o mínimo de todos os santos" (Ef 3.8) e "o principal dos pecadores" (1 Tm 1.15,16).

Cinco marcas da humildade de Paulo são identificadas em 1 Coríntios 4. Em primeiro lugar, ele estava contente como servo: "Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus" (v. 1). A palavra que ele usou para "despenseiros" é *huperetes*, que, literalmente, refere-se a um remador inferior, aquele que remava na fileira inferior de uma embarcação de guerra. Tais remadores não tinham nome, nem reconhecimento, nem honra. "Quando tudo terminar", afirma Paulo, "que se diga que empunhei meu remo".

Uma segunda marca da humildade de Paulo foi sua disposição de ser julgado por Deus. Em 1 Coríntios 4.4 ele escreveu: "Quem me julga é o Senhor". Paulo não buscava a aprovação dos homens e também não se importava com o que os homens pensavam dele. Deus era a platéia diante de quem ele executava seu ministério; e também era a pessoa a quem ele procurava agradar a todo custo. Qualquer avaliação humana de seu ministério, fosse a dos outros ou a dele próprio, não tinha importância.

Em terceiro lugar, Paulo se contentava em ser igual aos outros servos de Deus. Em 1 Coríntios 4.6, ele os adverte para que não o comparem a Apolo. Ele não queria que seus leitores o elevassem. Paulo e Apolo não estavam competindo. Além disso, Paulo não se considerava melhor que Apolo. A descrição que o puritano Walter Cradock faz de um homem humilde harmoniza-se perfeitamente com Paulo:

1. Quando olha para outro pecador, considera que já foi pior que ele.
2. Um coração humilde considera-se ainda pior.
3. Foi Deus quem o fez, e nada fez por si mesmo.
4. Considera que o mais vil dos pecadores pode ser, no devido tempo de Deus, melhor que ele.[2]

Em quarto lugar, Paulo está disposto a sofrer (1 Co 4.12,13). Ele sofreu pela causa de Cristo como poucos sofreram na História, cumprindo assim a

2. Citado por I. D. E. Thomas, *A Puritan Golden Treasury* (Edinburgh: Banner of Truth, 1977), 148-49.

predição do Senhor no momento em que se converteu (At 9.16). Paulo detalha um pouco desse sofrimento em suas cartas aos coríntios (1 Co 4.9-13; 2 Co 11.23-33). Sua exortação a Timóteo: "Sofre, pois, comigo, as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo" (2 Tm 2.3), é seu desafio a cada pastor, pois todos enfrentarão sofrimentos. Como observa Sanders: "Ninguém deve aspirar à liderança na obra de Deus sem que esteja disposto a pagar um preço mais alto que aquele pago por seus contemporâneos e colegas. A verdadeira liderança sempre impõe uma carga pesada sobre o homem, e quanto mais eficiente a liderança, mais alto o preço a pagar".[3] Spurgeon apresenta um motivo pelo qual os pastores podem contar com sofrimentos: "É preciso que às vezes enfrentemos durezas. Aos homens de bem foram prometidas tribulações neste mundo, e os ministros podem esperar maior parte do que outros, para aprenderem a simpatizar com o sofredor povo do Senhor, e assim possam ser aptos pastores de um rebanho enfermo".[4]

Por fim, Paulo estava contente por sacrificar sua reputação. O alvo do pastor não é tornar-se popular diante do mundo. Os que pregam com firmeza contra o pecado e vivem de modo piedoso sacrificarão a reputação e o prestígio público. Esses irão sofrer rejeição, enfrentar oposição e suportar injúrias. Paulo descreveu sua própria perda de reputação ao afirmar: "Porque tenho para mim que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. Temos chegado a ser como o lixo deste mundo e como a escória de todos" (1 Co 4.9,13).

Chaves para a Humildade

A verdadeira humildade flui de uma perspectiva correta de Deus. O modo pelo qual o pastor vive e age no ministério está diretamente relacionado à sua perspectiva. Um homem humilde, com a perspectiva adequada de Deus, terá confiança no poder divino, estará comprometido com a verdade, será comissionado pela vontade do Senhor, compelido por esSe conhecimento e consumido pela glória de Deus.

O pastor humilde terá confiança no poder de Deus. Em 1 Tessalonicenses 2.2, Paulo lembra: "Mas, havendo primeiro padecido e sido agravados em Filipos (veja At 16.19-24), como sabeis, tornamo-nos ousados em nosso Deus,

3. J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership,* ed. rev. (Chicago: Moody, 1980), 169.

4. C. H. Spurgeon, *Lectures to My Students: First Series* (reprint, Grand Rapids: Backer, 1972), 168.

para vos falar o seu evangelho com grande combate". A confiança humilde de Paulo no poder de Deus expressava-se na firmeza e na coragem de seu ministério. Isso lhe dava força, tenacidade e condições de falar sem se importar com a reação ou as conseqüências.

No ministério, sempre haverá pressões para que se estabeleçam privilégios, facilite-se a mensagem, evitando-se ofender os pecadores. Entretanto, a tarefa do pregador é expor o pecado, confrontar os perdidos com o estado desesperador em que se encontram e, por meio do Evangelho salvador de Jesus Cristo, oferecer-lhes a cura para sua desolação. Esses atos levarão a confrontos e oposições. A coragem para permanecer firme brota de uma humilde dependência do poder de Deus, no fortalecimento e na força do seu poder (Ef 6.10).

O pastor humilde estará comprometido com a verdade de Deus. Vivemos numa época em que a maioria ignora a exortação de Paulo a Timóteo: pregar a Palavra de Deus. Em vez de a Palavra de Deus, é muito comum saírem do púlpito os sons incertos da retórica política, dos comentários sociais e da psicologia popular. Tais "palavras persuasivas de sabedoria humana" (1 Co 2.4) são uma prostituição da verdadeira vocação do pregador.[5] O púlpito não é um lugar para o pastor expressar sua opinião, demonstrar erudição ou intimidar os que se opõem a ele. Tal exaltação orgulhosa do ego é a antítese da humildade. John Stott crê na seguinte tese:

> Quanto menos o pregador se interpõe entre a Palavra e os ouvintes, melhor. O que realmente alimenta a família é a comida provida pelo chefe desta, não o despenseiro que a serve. O pregador cristão fica mais satisfeito quando sua pessoa é eclipsada pela luz que brilha das Escrituras e quando sua voz é sufocada pela voz de Deus.[6]

O homem comprometido com a verdade de Deus é um homem dedicado a manejar bem a palavra da verdade (2 Tm 2.15). Seu maior temor na pregação é o de apresentar a Palavra de modo inexato ao rebanho e, assim, desorientá-lo. Paulo salienta a importância do ministério de manejar corretamente a Palavra, em 1 Tessalonicenses 2.3. Nessa passagem, ele apresenta três argumentos em resposta à acusação de estar ensinando doutrinas falsas.

---

5. Veja uma discussão mais detalhada desse assunto no capítulo 15, "A Pregação".

6. John R. W. Stott, *The Preacher's Portrait* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 30.

Em primeiro lugar, ele declara: "Nossa exortação não foi com engano". *Plane* (engano) vem de um verbo que significa "errar ou vaguear". A palavra *planeta* deriva desse verbo, pois os planetas parecem vagar pelo espaço. Estar enganado é distanciar-se da verdade, afastar-se do padrão divino e não possuir autocontrole. O ensino de Paulo não estava vagueando ou enganado, nem era enganador. Ele guardava a verdade da Palavra de Deus, conforme, por duas vezes, exortou Timóteo a fazer (1 Tm 6.20; 2 Tm 1.14). Atualmente, este conceito está praticamente perdido. Ainda assim, os pastores *são* guardiões da verdade, responsáveis pela manutenção de sua pureza e transmissão à geração futura. A qualidade do pastor, portanto, não depende de ser ele inteligente ou interessante, mas de seu modo de guardar a verdade. Qualquer pastor que falhe nesse intento ensina outro preceito e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e sua doutrina, que é segundo a piedade (1 Tm 6.3). Tal homem "é soberbo e nada sabe" (v. 4). Ele falha no aspecto mais importante de seu ministério.

Um dos versículos mais instigantes de toda a literatura paulina é 2 Coríntios 2.17, em que o apóstolo declara: "Porque nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus; antes, falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus". *Falsificadores* vêm de *kapeleuo*. A palavra descreve a atividade dos mascates espirituais e trapaceiros que barganham a Palavra de Deus com falsidade para enriquecimento próprio. Infelizmente, eles são tão comuns hoje quanto na época em que Paulo escreveu. Abundam falsos profetas, impostores espirituais e seguidores de seitas, excêntricos e vigaristas de todos os tipos que batalham para "perturbar os retos caminhos do Senhor" (At 13.10). Para combater esse assalto de ensinos falsos, a igreja precisa de pastores que se comprometam humildemente a proclamar a verdade da Palavra de Deus.

Mas não basta simplesmente proclamar a Palavra; o pastor deve praticar essas verdades em sua própria vida. Paulo declarou que seu ensino estava livre de *akatharsia* (imundícia, 1 Ts 2.3). Embora esta palavra possa reportar-se a qualquer tipo de contaminação, muitas vezes refere-se à impureza sexual. Essa impureza e doutrina falsa andam lado a lado, evidenciado-se nos muitos escândalos que têm atingido a igreja nos últimos anos.

Em sua obra clássica, O *Pastor Aprovado*, Richard Baxter profere aos pastores algumas das palavras mais penetrantes de todos os tempos com respeito à necessidade de viverem a verdade que pregam:

> Olhem por si mesmos para não virem a ser exemplos de doutrina contraditória. Cuidado para que não venham a colocar pedras de tropeço

na frente dos cegos e ocasionar a sua ruína. Cuidado com o que dizem, para não desfazerem suas vidas. Cuidado para não se tornarem o maior obstáculo ao sucesso dos seus trabalhos.

Nosso trabalho torna-se muito difícil quando outros homens contradizem na vida particular o que lhes declaramos publicamente acerca da Palavra de Deus. Isso acontece porque não estamos lá para contradizê-los e demonstrar sua loucura. Mas será muito mais prejudicial ao nosso trabalho contradizermos a nós mesmos. Se nossas ações tornam-se mentira, o que edificamos em uma ou duas horas de discurso poderemos destruir em uma semana com as nossas mãos. Essas atitudes transmitem ao homem uma falsa idéia da Palavra de Deus. Elas o fazem crer que a mensagem divina não passa de um conto ocioso e que a pregação não pareça melhor do que qualquer tagarelice. *Ora, aquele que de fato põe sentido no que fala, certamente age de acordo com o que fala.*

Assim é que uma palavra arrogante, grosseira, insolente, ou uma discussão desnecessária ou um ato de cobiça podem cortar a garganta de muitos sermões...

É patente o erro daqueles ministros da igreja que abrem grande abismo entre a sua pregação e o seu viver. Eles estudam arduamente para pregar com exatidão, e, todavia, estudam pouco ou nada para viver em conformidade com o que pregam. A semana inteira é curta... Ah, que pregações nobres e interessantes tenho ouvido de alguns homens, e quão relaxadamente os tenho visto viver!...

Assim, irmãos, certamente nos sobram razões para termos cuidado com os nossos atos, bem como com as nossas palavras. Se somos servos de Cristo, não devemos ser apenas oradores, mas também servi-lo com os nossos feitos. Aquele que for "fazedor da obra será bem-aventurado no seu feito". Como esperamos que os que nos ouvem sejam "cumpridores da palavra, e não somente ouvintes", assim também devemos ser cumpridores, e não apenas oradores, para que não nos enganemos a nós mesmos...

Mantenham a inocência e andem sem culpa. Que suas vidas condenem o pecado e persuadam os homens a viver de acordo com a moral. Acaso teríamos pessoas mais preocupadas com a alma delas do que nós com a nossa?...

Somos exortados a olhar para nós mesmos, para não suceder que convivamos com os mesmos pecados contra os quais pregamos. Cuidado para não sermos culpados daquilo que talvez condenemos diariamente.

Engrandecer a Deus seria a obra da qual nos incumbimos? E, havendo feito isso, iremos desonrá-lo como tantos outros? Proclamaremos o poder

> dominador de Cristo? E, contudo, tendo falado desse poder, nós mesmos o negaremos e nos rebelaremos contra Ele? Pregaremos as leis de Deus e, ao mesmo tempo, as infringiremos deliberadamente? *Se o pecado é mau, por que viver nele?*
>
> Se não há pecado, por que procuramos dissuadir dele os homens? Se é perigoso, como ousamos praticá-lo? Se não existe, como nos atrevemos a divulgá-lo aos homens? Se as ameaças de Deus são verdadeiras, por que não as tememos? Se não existem, por que afligimos desnecessariamente os homens com elas e os deixamos aterrorizados sem motivo?
>
> Acaso vocês não conhecem o juízo de Deus? Os que praticam tais coisas são declarados dignos de morte e, todavia, vocês persistem em praticá-las. Vocês que ensinam outros, como não ensinam a si próprios? Vocês que dizem a outros que não cometam adultério, que não sejam beberrões nem glutões — vocês mesmos fazem essas coisas? Vocês que se jactam da lei, não percebem que ao quebrá-la estão desonrando a Deus?
>
> O quê? A língua que fala o mal também haverá de falar contra o mal? Criticará, caluniará, difamará enquanto despreza esse comportamento e outros semelhantes nas pessoas? Olhem por vocês, portanto, para não suceder que desprezem o pecado e, contudo, não o dominem. Sim, pois, como no-lo recorda 1 Pedro 2.18: "De quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo". E "a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça", adverte-nos Paulo. *Sim, é mais fácil julgar o pecado que dominá-lo.*[7]

O pregador que deseja sensibilizar sua congregação com suas palavras deve primeiro guardá-las em seu coração.

Por fim, de acordo com 1 Tessalonicenses 2.3, a pregação de Paulo estava livre de fraudes. Ele passa da pregação para a vida e depois às motivações, afirmando que suas motivações não são fraudulentas. Paulo não tinha segundas intenções, nem estava tentando enganar ou enredar ninguém. Ele não era como os falsos mestres, que tinham a cobiça ou o lucro como motivação (2 Pe 2.15-18; Jd 2). Ele era como Davi, que "apascentou [Israel], segundo a integridade do seu coração, e os guiou com a perícia de suas mãos" (Sl 78.72).

Deus deseja que homens humildes e íntegros pastoreiem seu rebanho.

---

7. Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (Edinburgh: Banner of Truth, 1979), 63, 64, 65, 67-68 (itálicos meus).

O pastor humilde é comissionado pela vontade de Deus. Os crentes têm o direito e a responsabilidade de compartilhar o Evangelho em todos os lugares, sempre que podem. Entretanto, ninguém que não tenha recebido o chamado de Deus para exercer o ministério de pastor deve executá-lo (veja o capítulo 6, "O Chamado para o Ministério Pastoral"). Os que orgulhosamente se exaltam não terão a bênção de Deus. Deus lhes dirá o que disse acerca dos falsos profetas dos dias de Jeremias: "Não mandei os profetas; todavia, eles foram correndo; não lhes falei a eles; todavia, eles profetizaram" (Jr 23.21).

Paulo com certeza não se exaltou em seu ministério. Aliás, tornar-se ministro do Evangelho era a última coisa que ele esperava na vida. Mas, na estrada de Damasco, Deus o redimiu e o chamou para a obra. Sem dúvida, aquele incidente estava em sua mente quando escreveu aos coríntios: "Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho! E, por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada" (1 Co 9.16,17). Diferente dos falsos mestre que perseguiam seus passos e também de seus equivalentes atuais, ele não se nomeou para o ministério. Antes, afirma: "Fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado" (1 Ts 2.4).

O conhecimento de que não conquistamos o direito de pregar por nossos próprios esforços ou habilidades devia nos tornar humildes. Deus nos chamou para o ministério, nos confiou a proclamação de sua Palavra e nos escolheu para liderar o seu rebanho. Esquecer essas verdades é dar o primeiro passo rumo à desqualificação para o ministério.

O pastor humilde é compelido pelo conhecimento de Deus. A onisciência de Deus é outra chave e motivação para a humildade. Embora seja possível enganar os outros com uma fachada de piedade, Deus conhece os segredos do coração. "Aquilo que o pastor é de joelhos em secreto diante do Deus Todo-poderoso", escreveu John Owen, "é o que ele é, e nada mais".[8] A onisciência de Deus implica prestação de contas no ministério. Isso mantém a pessoa concentrada em agradar ao Senhor, não aos homens. Deus sonda os desejos, as intenções do coração e sabe o que é feito para agradar aos outros e a Ele. Paulo estava ciente das implicações do conhecimento de Deus acerca de sua vida. Aos tessalonicenses, escreveu: "Mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar

8. Citado por Thomas, *Golden Treasury,* 192.

aos homens, mas a Deus, que prova o nosso coração. Porque, como bem sabeis, nunca usamos de palavras lisonjeiras, nem houve um pretexto de avareza; Deus é testemunha" (1 Ts 2.4,5). Ele sabia que fora comissionado por Deus, não por homens para pregar um evangelho que lhes agradasse. Em Gálatas 1.10, ele acrescenta: "Persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo". A lembrança da onisciência de Deus impedia Paulo de tentar agradar aos homens.

O pastor humilde é consumido pela glória de Deus. Esta chave atinge o ápice da humildade, pois é impossível procurar a honra pessoal e a glória de Deus ao mesmo tempo. Gloriosa é a Nova Aliança (2 Co 3.7-11), não seus ministros (2 Co 4.7). Se tudo que os recrutas cristãos fazem deve ser para a glória de Deus (1 Co 10.31), que dizer da obra do ministério?

Em 1 Tessalonicenses 2.6, Paulo escreve: "E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros, ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados". Paulo não era Diótrefes (3 Jo 9), buscando proeminência; ele não buscava estima, honra ou louvor. Sua preocupação era a glória de Deus (2 Co 4.5).

O que caracteriza um homem eficaz no ministério?

Tenacidade — ele confia totalmente no poder de Deus.

Integridade — sua vida é coerente com sua doutrina.

Autoridade — recebe sua comissão de Deus, não de si mesmo

Responsabilidade — tem consciência constante das implicações da onisciência de Deus.

Humildade — ele se consome, não consigo mesmo, mas com a glória de Deus.

Só assim a pessoa é suficientemente humilde para pastorear o rebanho do Senhor.

O Pastor Deve Pastorear o Rebanho de Deus

De todos os títulos e metáforas empregadas para descrever a liderança espiritual, o mais adequado é o de pastor. Como os pastores de ovelhas, os pastores de igrejas devem guardar seus rebanhos para que não se percam, conduzi-los até aos verdes pastos da Palavra de Deus e defendê-los contra os lobos selvagens (At 20.29) que pretendem assaltá-los. A metáfora do pastor é a

escolhida por Pedro em 1 Pedro 5.1-3. Através dela, ele discute o objetivo primário do pastorado e oferece um conselho sábio quanto às atitudes que o pastor deve ter em seu ministério.

O Objetivo Primário do Pastorado

O pastor que não alimentar o rebanho não o terá por muito tempo. Suas ovelhas ou vão fugir para outros campos ou morrerão de fome. Acima de tudo, Deus exige que seus pastores espirituais alimentem os rebanhos. Aliás, a habilidade que distingue o presbítero do diácono é que aquele deve ser "apto para ensinar" (1 Tm 3.2; Tt 1.9). Charles Jefferson escreve:

> A alimentação das ovelhas é uma tarefa essencial da vocação do pastor; *ela é conhecida até dos que têm pouca familiaridade com os pastores e o* trabalho deles. As ovelhas não conseguem alimentar-se ou beber por si mesmas. Elas precisam ser conduzidas à água e ao pasto... Tudo depende de uma alimentação adequada. A menos que essa seja fornecida com sabedoria, as ovelhas tornam-se magras e fracas, desperdiçando-se o dinheiro investido nelas... Quando o ministro sobe ao púlpito, ele é o pastor no ato de alimentar, e se cada ministro tivesse isso em mente, muitos sermões seriam diferentes. A maldição do púlpito é a superstição de que o sermão é uma obra de arte, e não um pedaço de pão ou de carne.[9]

Jesus salientou a importância de alimentar o rebanho quando falou com Pedro no encontro descrito em João 21. Por duas vezes, em sua ordem a Pedro, Jesus usou o termo *bosko,* que significa "eu alimento" (v. 15,17). O alvo do pastor não é agradar as ovelhas, mas alimentá-las — não é fazer cócegas em seus ouvidos, mas alimentar sua alma. Ele não está ali para oferecer gotinhas de leite, mas verdades bíblicas como sólidas refeições. Os que não alimentam o rebanho não são aptos para ser pastores (cf. Jr 23.1-4; Ez 34.2-10).

Como Pastorear

Além de alimentá-lo, o pastor tem duas responsabilidades primárias com relação ao rebanho. Ele deve supervisioná-lo, liderando-o por meio do exemplo de sua vida. Pedro desafia os companheiros presbíteros a apascentar o rebanho de Deus que estava entre eles "tendo cuidado dele" (1 Pe 5.2). Deus lhes confiou

9. Charles Jefferson, *The Minister as Shepherd* (Hong Kong: Living Books For All, 1980), 59, 61.

a autoridade e a responsabilidade de liderar o rebanho. Os pastores responderão pela qualidade da liderança que exercem, e o rebanho responderá pela qualidade da submissão que prestam (Hb 13.17).

No entanto, ser pastor não significa observar o quadro geral à distância; é necessário estar bem junto do rebanho, liderando pelo exemplo. O pastor eficaz não conduz o rebanho por trás, mas o lidera pela frente. As ovelhas o vêem diante delas e imitam suas ações. O recurso mais importante da liderança espiritual é o poder de uma vida exemplar.[10]

Como Não Pastorear

Em sua exortação aos colegas presbíteros, Pedro os alerta contra duas armadilhas. Em primeiro lugar, eles devem evitar fazer o trabalho de má vontade. O bom pastor faz seu trabalho "não por força, mas voluntariamente" (1 Pe 5.2). As ovelhas podem ser animais desagradáveis, sujos, tolos, enervantes. Um antigo criador de ovelhas, W. Phillip Keller, observa que "nenhuma classe de criação exige maiores cuidados e orientação mais minuciosa que as ovelhas".[11] O pastor preguiçoso é um pastor ineficiente. A tentação contra a qual Pedro adverte é a de deixar-se levar — isto é, simplesmente fazer a obra do ministério apenas quando pressionado. O pastoreio do rebanho de Deus deve ser feito de modo espontâneo, voluntário, com avidez e consciência de seu valor.

Outra armadilha mais sinistra que devemos evitar é a de fazer a obra do ministério por torpe ganância: "De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste", afirmou Paulo aos presbíteros efésios (At 20.33). "Ninguém pode servir a dois senhores", declarou Jesus, "porque ou há de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom" (Mt 6.24). Isso é verdadeiro com relação aos pastores, dos quais Deus exige que não sejam cobiçosos de torpe ganância (1 Tm 3.3). São os falsos profetas que se empenham na busca frenética do lucro monetário (veja Is 56.11; Jr 6.13; Mq 3.11; 2 Pe 2.3).

Não é errado o pastor ser pago; aliás, as Escrituras ordenam isso. "Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra [honorários]", escreveu Paulo a Timóteo, "principalmente os que trabalham na

10. Veja a discussão desse princípio no capítulo 16: "O Exemplo".

11. W. Phillip Keller, *A Shepherd Looks at Psalm 23* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), 71.

palavra e na doutrina" (1 Tm 5.17).[12] O *errado* é permitir que o lucro financeiro seja a motivação para o ministério. Isso produz não apenas líderes falsos e ineficientes, como também degrada o ministério aos olhos do mundo. Nunca me esquecerei de quando, pastor novo, uma mulher (sem saber que eu era pastor) me aconselhou a entrar no ministério. "Você não precisa trabalhar duro", informou-me, "e ainda pode juntar um bom dinheiro". Só fico imaginando que tipo de pastor ela havia encontrado para desenvolver tal conceito de ministério.

O homem humilde, dedicado ao pastoreio das almas que Deus confiou aos seus cuidados, alcançará a incorruptível coroa de glória quando aparecer o Sumo Pastor (1 Pe 5.4). JESUS CRISTO.

O Pastor Obediente

Se Pedro ainda vivesse, eu lhe perguntaria: "Será que o irmão poderia ser mais específico quanto à descrição dos atos de um pastor humilde?" Embora não tenhamos uma resposta específica de Pedro, temos uma resposta completa de Deus a essa pergunta, dada por meio da pena de Paulo nas duas epístolas a Timóteo, no Novo Testamento. Paulo havia tutelado o jovem pastor, mas Timóteo enfrentava provações severas ao desempenhar a tarefa de liderar a igreja de Éfeso, livrando-a do pecado e do erro. Ele lutava contra o medo e a fraqueza humana. Aparentemente, ele sofria a tentação de amenizar a pregação por ser perseguido. Às vezes, ele parecia envergonhar-se do Evangelho.

Paulo precisou relembrá-lo de se manifestar com firmeza em favor da fé, mesmo que implicasse sofrimento: "Não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus" (2 Tm 1.8). As duas ricas epístolas de Paulo a Timóteo delineiam uma filosofia de ministério comprometido e atuante, que é um desafio para a prática que hoje prevalece.[13] Segundo Paulo instrui na primeira carta, Timóteo devia:

> Advertir os que estavam ensinando doutrinas falsas e intimá-los a um coração puro, a uma boa consciência e a uma fé sincera (1 Tm 1.3-5).

12. Veja a defesa de Paulo quanto ao seu direito de ser pago pelo ministério em 1 Co 9.6-14.

13. Segue-se uma adaptação de John MacArthur, Jr., *Ashamed of the Gospel: When the Church Becomes Like the World* (Wheaton: Crossway, 1993), 24-27.

Lutar pela verdade divina e pelos propósitos de Deus, conservando nele a fé e a boa consciência (1.18,19).
Orar pelos perdidos e levar os homens da igreja a fazer o mesmo (2.1-8).
Chamar as mulheres da igreja a cumprir o papel de submissão que lhes foi dado por Deus e a criar filhos piedosos, estabelecendo um exemplo de fé, amor e santificação com modéstia (2.9-15).
Selecionar com cuidado líderes espirituais para a igreja, tomando por base seus dons, sua piedade e suas virtudes (3.1-13).
Identificar a fonte dos erros e os seus mestres, apresentando-os ao restante da igreja (4.1-6).
Ser alimentado constantemente pelas palavras das Escrituras e por seu ensino sadio, evitando todos os mitos e falsas doutrinas (4.6).
Disciplinar-se para alcançar piedade (4.7-11).
Ordenar e ensinar com firmeza a verdade da Palavra de Deus (4.12).
Ser modelo de virtude espiritual (4.12).
Ser fiel na leitura, na exposição e na aplicação pública das Escrituras (4.13,14).
Tornar-se cada vez mais semelhante a Cristo (4.15,16).
Ser bondoso e gentil ao confrontar o pecado do rebanho (5.1,2).
Dedicar-se no cuidado especial às viúvas (5.3-16).
Honrar os líderes fiéis da igreja que trabalham com afinco (5.17-21).
Escolher com muito cuidado esses líderes, verificando se são maduros e provados (5.22).
Cuidar da própria condição física, a fim de ter forças para servir (5.23).
Ensinar e pregar os princípios da verdadeira piedade, ajudando o rebanho a discernir entre esses e a mera hipocrisia (5.24–6.6).
Fugir do amor ao dinheiro (6.7-11).
Perseguir a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência e a mansidão (6.11).
Lutar pela fé, contra todos os inimigos e todos os ataques (6.12).
Instruir os ricos para que sejam bons, ricos em boas obras e generosos (6.17-19).
Guardar a Palavra de Deus como depósito sagrado e tesouro (6.20,21).

Na sua segunda epístola, Paulo lembra Timóteo de:

Não ser tímido, mas forte (1.7).
Nunca se envergonhar de Cristo ou de qualquer pessoa que o sirva (1.8-11).

Apegar-se firmemente à verdade e guardá-la (1.12-14).
Ser forte quanto ao caráter (2.1).
Ser professor da verdade apostólica, de modo que ela possa reproduzir-se em homens fiéis (2.2).
Sofrer de bom grado as dificuldades e perseguições, esforçando-se ao máximo por Cristo (2.3-7).
Manter os olhos em Cristo em todo o tempo (2.8-13).
Liderar com autoridade (2.14).
Interpretar e aplicar as Escrituras com precisão (2.15).
Evitar conversas inúteis que levem apenas à impiedade (2.16).
Ser um instrumento de honra, afastado do pecado e útil para o Senhor (2.20,21).
Fugir dos desejos da mocidade e perseguir a justiça, a fé, a caridade e a paz (2.22).
Recusar-se a ser enredado em divagações filosóficas e teológicas (2.23).
Não discutir, mas ser manso, gentil e paciente, capaz de aprender, mesmo quando injuriado (2.24-26).
Enfrentar tempos de perigo com um profundo conhecimento da Palavra de Deus (3.1-15).
Compreender que as Escrituras são a base e o conteúdo de todo ministério legítimo (3.16,17).
Pregar a Palavra a tempo e fora de tempo, reprovando, repreendendo e exortando com grande paciência e instrução (4.1,2).
Ser sóbrio em todas as coisas (4.5).
Suportar as dificuldades (4.5).
Fazer a obra de um evangelista (4.5).

Para resumir em cinco categorias, Paulo ordenou que Timóteo fosse: (1) fiel na pregação da verdade bíblica, (2) firme ao expor e refutar os erros, (3) um exemplo de piedade diante do rebanho, (4) diligente e esforçado no ministério e (5) disposto a sofrer dificuldades e perseguições pelo Senhor.

3

O Ministério Pastoral na História

James F. Stitzinger

O padrão bíblico do ministério pastoral é extraído de dois testamentos da Bíblia. Desvios desse padrão infiltraram-se na Igreja durante o segundo século depois de Cristo e continuaram a se infiltrar, tornando-se cada vez mais graves no período medieval. Apesar disso, uns poucos fiéis continuaram seguindo o padrão bíblico. Entre eles, houve Crisóstomo e Agostinho nos primórdios da Igreja, os paulicianos e os valdenses do período medieval, bem como Wycliffe e Huss. A era da Reforma testemunhou um retorno mais amplo ao padrão bíblico por meio da reforma magisterial de Lutero, de Calvino e da reforma anabatista. Durante o período moderno, líderes puritanos como Baxter, Perkins e Edwards desencadearam uma volta aos princípios bíblicos no ministério pastoral. Bridges, Morgan e Spurgeon, no século XIX, foram exemplos de ministros evangélicos. O final do século XIX produziu outros, entre os quais incluem-se Lloyd-Jones, Adams e MacArthur.

Por sua misericórdia, Deus escolheu reconciliar consigo os crentes através de Cristo. Em seu plano maravilhoso, Ele lhes confiou o ministério da reconciliação (2 Co 5.18), baseado em sua Palavra (5.19). O ofício de pastor ocupa um lugar importante nesse ministério de proclamar a piedade. Suas funções estão associadas à igreja, à coluna e firmeza da verdade (1 Tm 3.15,16).

O encargo e o privilégio do ministério do pastor resultaram no desenvolvimento da disciplina da teologia pastoral dentro de uma estrutura maior da teologia prática.[1] Isso também produziu uma longa lista de indivíduos

que têm enchido as páginas da história da Igreja em resposta ao chamado de Deus para serem pastores fiéis e ministros da verdade. Infelizmente, tradições[2] que não estão à altura dos padrões do escrutínio bíblico têm distorcido boa parte do que denominamos ministério.

A superabundância de predisposições e tradições muitas vezes conflitantes emergem em um estudo do ministério pastoral ao longo da História, embora todas as tradições aleguem remontar à era apostólica. Em cada geração, alguns tentam voltar-se para os princípios fundamentais do ministério bíblico primitivo. Essa busca da verdadeira igreja ou "primitivismo" levou Littell e outros a falar do conceito da "igreja dos crentes".[3] Tal igreja incluía pessoas de várias idades e regiões que seguiam os mesmos princípios de compromisso com a verdade apostólica. São crentes que "reuniram e disciplinaram uma 'igreja verdadeira' segundo o padrão apostólico, conforme eles a compreendiam".[4] Para tais pessoas, a verdade era uma busca permanente, não um livro fechado em um sentido sectário. Era uma igreja que "desejava comunhão com todos os que portavam o nome de Jesus e viviam a aliança de uma boa consciência para com Deus".[5]

Outros crentes comprometidos como esses dentro do âmbito maior da

1. Thomas C. Oden observa: "A teologia pastoral é uma forma especial de teologia prática, pois concentra-se no exercício do ministério, com atenção especial à definição sistemática do ofício pastoral e à sua função" (*Pastoral Theology, Essencials of Ministry* [San Francisco: HarperCollins, 1983], x).

2. Na Igreja Primitiva, os cristãos entendiam a tradição como "revelação feita por Deus e comunicada ao povo fiel por meio de seus profetas e apóstolos". Era algo transmitido por Deus, não por homens, sendo, portanto, de acordo com a revelação divina. No período posterior ao da Igreja Primitiva, "a tradição significava que a corrente contínua de explicação e explanação da fé primitiva ilustrava a maneira pela qual o Cristianismo tem sido apresentado e compreendido nas épocas passadas. Isso é, em outras palavras, a sabedoria acumulada do passado" ("Tradition" em *The Oxford Dictionary of the Christian Church*, 2. ed., ed. F. L. Cross and E. A. Livingstone [Oxford: University Press, 1983], 1388). O segundo conceito de tradição tem permitido muitos desvios do ministério bíblico simples, primitivo.

3. Em Franklin Hamlin Littell, "The Concept of the Believer's Church" em *The Concept of the Believer's Church*, ed. James Leo Garrett, Jr. (Scottdale, Pa.: Herald, 1969), 27-32, o autor delineia pelo menos seis princípios básicos ou marcas da "Igreja dos Crentes" que representam temas comuns em várias igrejas. Incluem: (1) a Igreja dos Crentes, embora externamente seja constituída de voluntários, é a Igreja de Cristo e não deles; (2) a filiação na Igreja dos Crentes é voluntária e consciente (feita deliberadamente); (3) o princípio de separação do mundo é básico, embora isso seja muitas vezes mal interpretado; (4) missão e testemunho são conceitos chaves para a Igreja dos Crentes, e todos os membros estão envolvidos; (5) dá-se ênfase à integridade interior e à disciplina na igreja; e (6) uma concepção adequada do secular em relação ao sacro. O exemplo primário de uma aplicação deste último tema é para uma igreja estatal em que o governo tente controlar toda ideologia e pensamento, limitando desse modo a liberdade humana.

4. Franklin Hamlin Littell, *The Origins of Sectarian Protestantism* (New York: Macmillan, 1964), xvii.

5. Littell, "Concept", 25,26.

história da igreja têm procurado veementemente a Igreja Primitiva pura e verdadeira. Eles têm buscado uma igreja e um ministério moldados de acordo com a teologia e a prática do livro de Atos e das epístolas do Novo Testamento. Essas igrejas manifestam-se de várias formas e têm surgido de vários contextos, mas todas apresentam um desejo de retornar a uma igreja e a um ministério vibrantes e bíblicos. Alguns chegaram mais longe em seus planos e, na prática, avançaram mais que outros em sua busca do ministério bíblico.

Este capítulo focaliza uma história dos que vieram tentando ensinar e praticar o ministério pastoral. A análise dos esforços para seguir os padrões bíblicos de ministério, em vez da tradição aceita e das práticas ministeriais correntes, pode ser um guia útil a uma geração futura que tenha os mesmos alvos. Tal estudo histórico fornece informações valiosas que permitem aos cristãos e às igrejas aprenderem com o passado. Embora a História não seja a exposição de uma tradição inalterável, nem um princípio hermenêutico para interpretar o ministério, "o fluir do tempo carrega em suas asas a soberania e a providência de Deus e constitui uma revelação geral, não especial dEle".[6] Somente a Bíblia pode ensinar a verdadeira teologia do ministério pastoral, porém a obra do Espírito Santo no coração dos líderes da Igreja ao longo dos séculos pode enriquecer essa teologia e sua aplicação prática. O material histórico que se segue oferecerá tais informações.

O Período Bíblico

Muitos têm observado a natureza abstrata e complexa da teologia pastoral, o que dificulta sua definição. Como salienta Tidball, parte dessa "indefinição brota da profusão de rótulos que existem nessa área e que parecem ser empregados sem nenhum acordo quanto ao seu significado ou relacionamento exato". Como outro motivo, ele destaca que a dificuldade "brota do fato de que muitas subdisciplinas da teologia prática são tratadas como se fossem teologia pastoral".[7] O desenvolvimento histórico da doutrina da igreja e da teologia prática em particular têm, sem dúvida, contribuído para essa

6. Marc Mueller, "What Is History" (preleção não publicada, The Master's Seminary, Sun Valley, Calif., 16 de fevereiro de 1989), 5.

7. Derek J. Tidball, *Skillful Shepherds: An Introduction to Pastoral Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 18.

indefinição, uma vez que tensões têm circundado todo o assunto desde o início da história eclesiástica.[8]

Thomas C. Oden, ao expandir sua definição de teologia pastoral, observa: "A teologia pastoral é aquele ramo da teologia cristã que lida com o ofício, os dons e as funções do pastor. Sendo um estudo teológico, a teologia pastoral procura refletir aquela auto-revelação de Deus que confere testemunho às Escrituras, mediada pela tradição, refletida por meio do raciocínio crítico e incorporada à experiência pessoal e social".[9]

Há mais probalidade de que a teologia pastoral se desvie de seus princípios bíblicos quando ao longo da História o peso da tradição, do raciocínio crítico e da experiência passam a influenciá-la. Na verdade, é impossível dizer que alguém não possui tradição ou pensamento crítico a esse respeito. É, portanto, imperativo que em um estudo do verdadeiro ministério pastoral a pessoa comece, continue e termine com as Escrituras.

O ponto de partida é uma investigação dos vários aspectos do ministério bíblico primitivo em relação ao ofício e às funções dos pastores. Um breve sumário dos dados bíblicos pode servir de base na identificação dos esforços históricos para reproduzir esse tipo de ministério.

Antigo Testamento

Uma história do ministério pastoral deve iniciar no Antigo Testamento. O tema "O Senhor é o meu pastor" (Sl 23.1) expressa o papel pastoral de Deus em relação ao seu povo. Tidball descreve essa figura como "o paradigma que permeia o ministério" e destaca que ela contém "referências à autoridade, ao cuidado terno, a tarefas específicas, à coragem e ao sacrifício exigidos de um pastor".[10] Muitas passagens, incluindo-se Gênesis 49.24, Isaías 53.6, Salmos 78.52,53 e 80.1, contribuem para desenvolver esse tema. O Antigo Testamento descreve muitas vezes Israel como uma ovelha que necessita de um pastor (Sl 100.3; veja também Sl 44.22; 119.176; Jr 23.1; 50.6).

8. Observe a divergência de concepções conforme se reflete no desenvolvimento que Louis Berkhoff confere à doutrina da igreja *(The History of Christian Doctrines* [Edinburgh: Banner of Truth, s.d.], 227-41).

9. Oden, *Pastoral Theology*, 311.

10. Tidball, *Skillful Shepherds*, 54.

O tema do amor de Deus também contribui para o tema do pastor: "Com amor eterno te amei; também com amável benignidade te atraí" (Jr 31.3). Deus demonstra seu amor por Israel usando imagens vivas do casamento de Oséias com uma prostituta (Os 1.2). Embora Israel tivesse desdenhado seu amor, Deus continua amando, conforme diz em Oséias 11.1: "Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho". No final, Deus está ali para sarar a sua perversão e amá-lo voluntariamente (Os 14.4). O Antigo Testamento está repleto de declarações do amor de Deus por seu povo. Outra encontra-se em Isaías 43.4,5: "Enquanto foste precioso aos meus olhos, também foste glorificado, e eu te amei... não temas, pois, porque estou contigo".[11]

Associados ao amor de Deus estão a sua disciplina para com aqueles a quem ama (Pv 3.11), sua disponibilidade (Sl 11.7) e o mandamento para que os homens conseqüentemente o amem (Dt 6.5). Também associado à preocupação pastoral divina está o profundo tema da misericórdia de Deus (isto é, amor leal, Sl 62.12; Is 54.10; 55.3),[12] de sua compaixão (Sl 145.9) e de seu prazer (2 Sm 22.20). Combinado a isso, há numerosos exemplos de líderes servos, entre eles, Abraão, José, Moisés, Samuel e Davi, os quais demonstraram a fidelidade de Deus por realizarem a obra pela fé (Hb 11).

Assim, o Antigo Testamento fornece uma base importante para a compreensão da função do pastor. O pastor manifesta seu cuidado, amor, misericórdia, disciplina, compaixão e prazer paternal em relação ao seu povo, por quem Ele deseja ser amado e temido de todo coração. Ele também demonstra a autoridade e a fidelidade de Deus, bem como a necessidade e as implicações da obediência. Os líderes servos exemplificam tanto os pontos fortes como os fracos à medida que são usados por Deus para executar seu plano soberano na história humana.

---

11. Veja Leon Morris, *Testaments of Love: A Study of Love em the Bible* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), 8-100; também Norman Snaith, *The Distinctive Ideas of the Old Testament* (New York: Schocken, 1964), 131-42.

12. A palavra hebraica חֶסֶד *(hesed)* tem sido traduzida de várias maneiras com significados como "misericórdia, amor, amor leal, que não falha, constante, forte, fiel e benignidade" (Morris, *Testaments of Love,* 66-7). O hesed, ou a misericórdia de Deus conforme a aliança que faz com o povo, prometendo amá-lo e ser sempre fiel a tal amor, é um estudo rico e profundo que proporciona informações importantes quanto à verdadeira atividade pastoral (veja Nelson Glueck, *Hesed em the Bible* [New York: KTAV, 1975]; veja também Snaith, *Distinctive Ideas*, 94-130).

Novo Testamento

O Novo Testamento constrói-se sobre o fundamento do Antigo, ao revelar o Pastor principal, Cristo, em toda a sua sabedoria, glória, poder e humildade (Jo 10.11; 1 Pe 5.4). A pessoa e a obra do Grande Pastor culminam em sua morte (isto é, o sangue da Aliança eterna, Hb 13.20; 1 Pe 2.25) e a ressurreição. O Bom Pastor deu a vida por suas ovelhas a quem chama para si (Jo 10.11-16). Esses "chamados" representam a Igreja. Cristo, como cabeça da Igreja, a lidera (Ef 1.22; 5.23-25) e pastoreia. Ele chama pastores para serem subpastores, a fim de que atuem e supervisionem sob sua autoridade (1 Pe 5.1-4).

Tanto pela doutrina (1 Co 12) como pelo exemplo vivo, o Novo Testamento revela a natureza da Igreja e de todos os seus membros e atividades. Ele também provê ensinos claros acerca de seus oficiais e suas funções. O papel e as responsabilidades de um pastor, conforme apresentados no Novo Testamento, são a base de todo ministério bíblico futuro.

Cinco termos distintos referem-se ao ofício pastoral:

1. *Presbítero* ou *ancião* (*presbyteros*), um título que destaca a direção administrativa e espiritual da igreja (At 15.6; 1 Tm 5.17; Tg 5.14; 1 Pe 5.1-4).
2. *Bispo* ou *supervisor* (*episkopos*), que salienta a direção, supervisão e liderança na igreja (At 20.28: Fp 1.1; 1 Tm 3.2-5; Tt 1.7).
3. *Pastor* (*poimen*), uma posição que denota liderança e autoridade (At 20.28-31; Ef 4.11), bem como direção e provisão (1 Pe 2.25; 5.2-3).
4. *Pregador* (*kerux*), que indica proclamação pública do Evangelho e ensino do rebanho (Rm 10.14; 1 Tm 2.7; 2 Tm 1.11).
5. *Mestre* (*didaskalos*), o responsável pela instrução e exposição das Escrituras, cujo ensino é tanto instrutivo (1 Tm 2.7) como corretivo (1 Co 12.28,29).

As Escrituras são bem claras quanto ao fato de que esses títulos dizem respeito ao mesmo ofício pastoral. Os termos *ancião* e *bispo* são sinônimos em Atos 20.17 e Tito 1.5-7. Os títulos de *presbítero*, *bispo* e *pastor* são também sinônimos em 1 Pedro 5.1,2. A função de liderança dos presbíteros é também evidente na atividade pastoral de Tiago 5.14. Conforme Lightfoot observa, nos

tempos bíblicos, *presbítero* e *bispo* eram termos sinônimos.[13] Somente com o surgimento da sucessão apostólica, no segundo século, que os bispos tomaram o lugar dos apóstolos e passaram a presidir sobre grupos de presbíteros.[14]

Em 1 Timóteo 5.17 e Hebreus 13.7, os termos *mestre* e *pregador* estão associados. Efésios 4.11 relaciona pastores com professores, como ocorre em 1 Timóteo 5.17 e Hebreus 13.7. Essas duas últimas passagens não fornecem base exegética para separar o trabalho de governar e ensinar.[15] Por conseguinte, a conclusão deve ser que a liderança pastoral na igreja inclua pregação, ensino, supervisão e pastoreio. A paridade dos títulos apontam uma função única: o ofício de pastor.

Além desses cinco termos, uma série de palavras descritivas lançam luz sobre o ministério pastoral bíblico:

governante	1 Ts 5.12; 1 Tm 3.4,5; 5.17
embaixador	2 Co 5.20
despenseiro	1 Co 4.1
defensor	Fp 1.7
ministro	1 Co 4.1
servo	2 Co 4.5
exemplo	1Tm 4.12; Pe 5.3

O Novo Testamento também diz que o pastor deve:

pregar	1 Co 1.17
alimentar	1 Pe 5.2
edificar a igreja	Ef 4.12
edificar	2 Co 13.10

13. J. B. Lightfoot, "The Christian Ministry" em *Saint Paul's Epistle to the Philippians* (reimpressão, Grand Rapids: Zondervan, 1953), 196-201. Embora ele próprio tenha se tornado bispo de Durham em 1879, permanecendo extremamente comprometido com a tradição anglicana, sua obra continua tendo importância primária na compreensão do ministério da Igreja Primitiva e dos acréscimos subseqüentes na história da Igreja.

14. Ibid., 95-99, 193-96. Tanto os dados bíblicos como os patrísticos mais antigos apóiam essa conclusão (veja John Gill, *Body of Divinity* [reimpressão, Atlanta: Lassetter, 1965], 863-64; A. E. Harvey, "Elders", *Journal of Theological Studies* ns 25 [1974], 326.

15. Veja Lightfoot, *Philippians,* 195.

orar	Cl 1.9
velar pelas almas	Hb 13.17
lutar	1 Tm 1.18
convencer	Tt 1.9
consolar	1 Co 1.4-6
repreender	Tt 1.13
alertar	At 20.31
admoestar	2 Ts 3.15
exortar	Tt 1.9; 2.15

As Escrituras são claras quanto ao ofício e funções do pastor. O padrão bíblico descreve um homem cheio do Espírito Santo que supervisiona, pastoreia, dirige, ensina e admoesta, fazendo tudo com espírito de amor, consolo e compaixão. Todas essas funções eram evidentes na Igreja Primitiva. Naquele primeiro estádio, ela destacava-se pela pureza (incluindo-se a disciplina), pelo primitivismo (simplicidade típica do Novo Testamento), pelo espírito voluntário (participação não obrigatória), pela tolerância (não havia perseguição contra os que pensavam de outra maneira), pelo zelo evangelístico (atividade missionária), pela observância das ordenanças bíblicas (batismo e Ceia do Senhor), pela ênfase no Espírito Santo e pelo ministério dinâmico (envolvendo tanto o pastor como os membros), não pela tradição, corrupção ou hierarquia.

Com o tempo, porém, uma doutrina eclesiástica prática mais complexa e sofisticada, substituiu essa simplicidade da Igreja Primitiva.[16] Esse desenvolvimento influenciou diretamente a natureza do ministério pastoral, provocando uma mudança similar na amplitude e na complexidade da função. O restante deste capítulo identificará os principais exemplos dos que abordaram o ministério pastoral de acordo com o padrão da igreja do primeiro século.

A Igreja Cristã Primitiva (100-476 d.C.)

Desde os seus primórdios, a Igreja cristã vem passando da simplicidade à complexidade à medida que deixa de ser um organismo vivo, espontâneo, e

16. Adolph Harnack, *History of Dogma* (Boston: Roberts, 1897), 2:77.

torna-se uma instituição mais estabelecida.[17] Este institucionalismo ainda mais perigoso surgiu simultaneamente na segunda geração de muitas igrejas separadas por grandes distâncias. Não existe exemplo mais vivo que a igreja do século II. Ela desenvolveu fortes tradições eclesiásticas[18] quando passou a ver o bispo como sucessor do apóstolo.[19] Essa tendência progrediu século IV adentro, fazendo com que a Igreja avançasse cada vez mais em uma era de "especulação sobre a lei e doutrina".[20] O surgimento e desenvolvimento do sacerdotalismo com elevação dos clérigos à posição de sacerdotes transformou na prática o ministro em um instrumento da graça salvadora de Deus, participando com Ele da salvação dos seres humanos.[21] Esse desenvolvimento do ministério tríplice de bispos, presbíteros e diáconos representou um distanciamento sério em relação ao ministério descrito no Novo Testamento.

Em contraste com essa tendência geral, houve alguns grandes defensores do ministério bíblico durante esse período. Policarpo (c. 70-55 d.C.) escreveu:

> E os presbíteros também devem ter compaixão, ser misericordiosos para com todos os homens, trazendo de volta as ovelhas que estão se perdendo, visitando todos os enfermos, não negligenciando uma viúva ou um órfão ou pobre: mas sempre cuidando do que seja honrado aos olhos de Deus e dos homens... Que o sirvamos, portanto, com temor e toda reverência, como Ele mesmo ordenou, bem como os apóstolos que pregaram o Evangelho e os profetas que proclamaram de antemão a vinda do Senhor.[22]

---

17. William A. Clebsch e Charles R. Jaekle, *Pastoral Care em Historical Perspective* (New York: Harper, 1967), 11-31; cf. também Carl A. Volz, "The Pastoral Office em the Early Church", *Word and World* 9 (1989), 359-66; Theron D. Price, "The Emergence of the Christian Ministry", *Review and Expositor* 46 (1949), 216-38; B. H. Streeter, *The Primitive Church* (New York: Macmillan, 1929); T. W. Manson, *The Church's Ministry* (Philadelphia: Westminster, 1948).

18. Hans Von Campenhausen, *Ecclesiastical Authority and Spiritual Power em the Church of the First Three Centuries* (Stanford, Calif.: Stanford Press, 1969), 149-77. Ele descreve esse processo como ensino apostólico e tradicional, "adotando cada vez mais materiais históricos, legais e dogmáticos" (151).

19. A hierarquia de bispo, presbítero e diácono ficou conhecida como o "ministério tríplice". Estes níveis de autoridade forneceram a base para o papado como um endosso da doutrina de "sucessão apostólica" (veja Dom Gregory Dix, "The Ministry em the Early Church" em *The Apostolic Ministry*, ed. Kenneth E. Kirk [London: Hodder and Stoughton, 1946], 183-304, esp. 186-91).

20. Ibid., 177. Veja também Fenton John Anthony Hort, *The Christian Ecclesia* (London: Macmillan, 1914), 224.

21. Veja Benjamin B. Warfield, *The Plan of Salvation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), 52-68.

22. Policarpo, "Epistle of Polycarp to the Philippians", par. 6 em The Apostolic Fathers, ed. J. B. Lightfoot (London: Macmillan, 1926), 179.

Esse espírito é de humildade e amor à obra, aparentemente sem nenhuma diferença quanto ao relacionamento hierárquico entre bispos e presbíteros. Clemente de Alexandria (c. 155-220 d.C.) escreveu seguindo idéias semelhantes, salientando que os ministros são os escolhidos para servir ao Senhor. Aqueles que moderam suas paixões e são obedientes aos superiores ensinam as ovelhas e cuidam delas como um pastor.[23] Ele também observou que "bispos, presbíteros, diáconos... são imitações da glória angelical e daquela economia que, dizem as Escrituras, aguardam aqueles que seguem os passos dos apóstolos e vivem em perfeição de justiça de acordo com o Evangelho".[24] Orígenes (c. 185-254 d.C.), discípulo seu, atribuiu função semelhante à pessoa que representasse Cristo e sua casa (a igreja) e ensinasse aos outros estas verdades.[25] Essa ênfase representa um grande contraste em relação à função de Cipriano (c. 200-258 d.C.), o conhecido bispo de Cartago que, aparentemente, limitava sua discussão da teologia pastoral à elevação do bispo ao nível de um apóstolo.[26]

A pena poderosa de João Crisóstomo (c. 347-407 d.C.) contribuiu de modo significativo para a compreensão da posição pastoral na Igreja Primitiva.[27] Ele desenvolveu o papel e as funções do pastor tanto em seus comentários sobre as epístolas pastorais como em seus tratados. Suas declarações sobre a natureza do ministério são bíblicas:

> Depois de termos errado, só existe um método e uma maneira de cura prescritos, a aplicação poderosa da Palavra, o único instrumento e a melhor atmosfera. Ela assume o lugar do remédio, da cauterização, do corte. E, se for necessário queimar ou amputar, este deve ser o método. Caso não fizermos uso disso, todo o resto se perde. Assim sendo, tanto agitamos a alma que dorme como a reduzimos se estiver inflamada: cortamos os

23. Clemente de Alexandria, "The Stromata, or Miscellanies", vi:xiii, vii:vii em *The Ante-Nicene Fathers*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), 2: 504, 535.

24. Ibid., vi:xiii, 505. Embora Clemente mencione o ministério tríplice, ele não dá ênfase a ele nem pede uma atenção especial à autoridade do bispo.

25. "Origen against Celsus", v:xxxiii em *The Ante-Nicene Fathers*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 4:557-58.

26. Cipriano, "The Epistles of Cyprian", Epistle lxviii: 8 em *The Ante-Nicene Fathers*, ed. Alexander Roberts e James Donaldson (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), 5:374-75; cf. Também Cipriano, "The Treatises of Cyprian", Treatises, i:5-6, ibid., 5:5-6.

27. St.Crisóstomo, "Treaties Concerning the Christian Priesthood" em *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, ed. Philip Schaff (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), FS IX:25-83.

> excessos, preenchemos as deficiências e realizamos todos os tipos de operações necessárias para a saúde da alma.[28]

Crisóstomo acrescenta a necessidade de viver pelo exemplo, com a ambição de que a Palavra de Cristo habite ricamente nos homens.[29] Suas declarações aquecem o coração como, talvez, a expressão mais valiosa do ministério pastoral durante o período, mas também revelam sinais da influência monástica que se infiltravam rapidamente na igreja da época.[30] A compreensão monástica do ministério pastoral logo exerceria influências profundas sobre a liderança da igreja.

Outro porta-voz importante desse período é Agostinho de Hipona (354-430 d.C.). Em geral, mais conhecido como teólogo e pregador, Agostinho devotou sua vida ao ministério pastoral. Logo depois de ser ordenado, escreveu a Valério, seu superior:

> Antes de mais nada, peço que vossa santa sabedoria considere que não há nada nesta vida, e especialmente em nossos dias, mais fácil, agradável e aceitável aos homens que o ofício de bispo, sacerdote ou diácono, caso suas tarefas sejam desempenhadas de uma forma mecânica ou aduladora; mas nada é mais inútil, deplorável e digno de punição aos olhos de Deus. Por outro lado, nada nesta vida e, especialmente, em nossos próprios dias, é mais difícil, pesado e arriscado que estes ofícios; porém nada é mais abençoado aos olhos de Deus, se nosso serviço estiver de acordo com as ordens do Capitão.[31]

O ministério de Agostinho incluía muitas funções bíblicas bem articuladas, entre elas as de apologista, administrador, assistência aos aflitos, pregador, professor, juiz e líder espiritual.[32] Fato que lhe angaria muito crédito, pois Agostinho empenhou tempo e energia consideráveis no ministério bíblico pessoal. Ao que parece, a interação e o ministério pastoral estão no âmago de seu livro *A Cidade de Deus*, no qual refere-se aos que desafiam a cidade divina com uma cidade

28. Ibid., 64.

29. Ibid., 64-65. Veja uma descrição excelente de João Crisóstomo em Tidball, Skillful Shepherds, 151-63.

30. Observe as declarações de Crisóstomo acerca da reclusão, ibid., 74-77. O monasticismo começou com Antônio do Egito, no período anterior ao de Crisóstomo.

31. Agostinho, "Letters of Saint Augustine", Letter xxi: 1, *A Select Library*, ed. Schaff, FS 1:237.

32. Veja Joseph B. Bernardin, "St. Augustine the Pastor" em *A Companion to the Study of St. Augustine*, ed. Roy w. Battenhouse (New York: Oxford, 1955), 57-89.

terrena.[33] Ao mesmo tempo, porém, Agostinho trouxe para a igreja um leprosário de tradição monástica, envolvendo tanto homens como mulheres (conventos), lançando assim as bases da regra agostiniana.

Grupos independentes formam a última fonte de padrões ministeriais bíblicos durante esse período. Como destaca Gunnar Westin: "O processo de desenvolvimento que transformou as congregações cristãs originais em uma igreja sacramental e autoritária deu-se durante a última parte do segundo século... Essa mudança não ocorreu sem protestos".[34] Muitos historiadores têm desconsiderado as igrejas que se opuseram à igreja institucionalizada, considerando-as heréticas — uma campanha muitas vezes denominada "Movimento da Igreja Livre".[35] Embora alguns desses grupos tivessem dificuldades quanto à pureza doutrinária, um exame mais minucioso revela que o rótulo de herege, na maioria dos casos, devia-se principalmente à falta de disposição para serem leais à tradição recebida dos pais[36], e não a alguma fraqueza doutrinária significativa. É difícil uma investigação completa desses independentes, pois, em grande parte, apenas as obras dos que escreveram contra eles sobrevivem. Assim, é preciso alguma sensibilidade para examinar tais escritos. Entre esses grupos estão os montanistas (c. 156 d.C.), os novacianos (c. 250 d.C.) e os donatistas (c. 311 d.C.); todos se afastaram da igreja oficial da época para buscar uma igreja pura.[37] A inclusão desses grupos nessa discussão não é uma tentativa de demonstrar a integridade coerente de suas doutrinas, mas destacar o compromisso comum com o Evangelho, a Igreja Primitiva e o ministério bíblico primitivo.

Está fora do âmbito desta pesquisa a análise profunda desses grupos, mas os comentários de Philip Schaff com respeito aos donatistas — grupo que

33. Agostinho, *The City of God*, vol. 1, A Select Library, ed. Schaff, 2:1.

34. Gunnar Westin, *The Free Church through the Ages* (Nashville: Broadman, 1958), 9.

35. Ibid., 1-8.

36. Jaroslav Pelikan *(The Growth of Medieval Theology* [600-1300], vol. 3 de *The Christian Tradition* [Chicago: University of Chicago Press, 1978], 3:17-18), escreve: 'A qualidade que destacou Agostinho e os outros pais ortodoxos foi a sua lealdade à tradição recebida. O anátema apostólico pronunciado contra qualquer pessoa, mesmo 'um anjo do céu', que pregasse um evangelho contrário ao que se havia recebido era, tanto no Oriente como no Ocidente, uma proibição de qualquer tipo de novidade teológica... Uma definição de hereges poderia ser 'aqueles que agora têm prazer em formular novas terminologias para si mesmos e que não estão satisfeitos com o dogma dos santos pais'".

37. Veja a discussão de Westin, *Free Church*, 9-23; veja também E. H. Broadbent, *The Pilgrim Church* (London: Pickering and Inglis, 1931), 10-48; Donald F. Durnbaugh, The Believer's Church (New York: Macmillan, 1968), 3-40.

manteve uma forte resistência a Constantino depois de 325 d.C, são notáveis: "A controvérsia donatista foi um conflito entre o separatismo e o catolicismo; entre o purismo e o ecletismo eclesiástico; entre a idéia de igreja como uma comunidade exclusiva de santos regenerados e como a cristandade geral de Estado e povo".[38] As questões críticas para os donatistas eram a pureza da igreja e a santidade de seus pastores. Isto resultou em um ministério mais bíblico.[39]

À medida que a igreja do Novo Testamento passava pelos primeiros séculos e tornava-se uma igreja oficial ou organizada ia, com freqüência, distanciando-se dos padrões simples. Apesar disso, vozes potentes, tanto dentro como fora dela, clamavam por um ministério bíblico.

O Período Medieval (476-1500 d.C.)

A estrutura geral da igreja medieval do Ocidente centrava-se na autoridade e no celibato de seu clero. Muitos líderes retiravam-se para a vida ascética dos mosteiros no intuito de escapar do caráter mundano do Cristianismo da época. O padrão de autoridade centrava-se em Roma, com o primeiro papa, Gregório, o Grande (540-604), assumindo o poder em 590.

Embora o papado de Gregório tenha lançado a igreja em profundo envolvimento político e corrupção, ele contribuiu positivamente para o ministério pastoral de seu clero. Em seu livro *Regras Pastorais*, Gregório discute muitas questões, inclusive qualificações e responsabilidades dos ministros, bem como trinta tipos de membros e regras sobre como admoestar.[40] Ele tratou dos pobres, tristes, tolos, doentes, arrogantes, instáveis e muitos outros. Essa obra monumental tornou-se o manual do ministério da Idade Média.[41] Ainda assim, a preocupação pessoal de Gregório com as complicações políticas do papado fizeram com que ele negligenciasse a alma dos homens e cuidasse de suas propriedades.[42]

---

38. Philip Schaff, "Nicene and Post-Nicene Christianity" em *History of the Christian Church* (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), 3:365, cf. também 366-70.

39. Veja W. H. C. Frend, *The Donatist Church, A Movement of Protest em Roman North Africa* (Oxford: Clarendon, 1952), 315-32.

40. Gregório o Grande, "The Book of Pastoral Rule" em *A Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, ed. Philip Schaff e Henry Wace (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), SS 12.

41. Roland H. Baiton, "The Ministry em the Middle Ages" em *The Ministry em Historical Perspectives,* ed. Richard Niebuhr e Daniel D. Williams (New York: Harper. 1956), 98.

42. Ibid., 86.

A ascensão do papado produziu corrupção total quando os papas, em sua devoção a uma agenda cada vez mais pagã, passaram a recorrer a qualquer meio possível para atingir seus alvos. A igreja monástica, plenamente desenvolvida, também provou enorme corrupção. Em contraposição, porém, Payne salienta: "Embora houvesse uma fome espiritual generalizada em muitas áreas nominalmente cristãs e corrupção notória nos altos postos, os teólogos, os místicos e os reformadores da Idade Média são outro indício da presença do Espírito Santo na igreja. Estes se originavam, quase sem exceção, das fileiras do clero".[43] Durante os mil anos entre Nicéia e Wycliffe, o ministério ocorreu mais por causa da Igreja que pela igreja oficial.

Além do período inicial, o ministério bíblico ocorreu entre elementos da Igreja Livre que eram e, em geral, são considerados heréticos.[44] Grupos como os dos paulicianos (c. 625), cátaros (c. 1050), albigenses (1140) e valdenses (1180) demonstraram forte paixão por uma igreja pura com ministério bíblico. Como observa Bainton, esses "não foram absolutamente hereges, mas cismáticos, e apenas porque [foram] expulsos contra a vontade".[45] Os paulicianos, em seu importante manual, *A Chave da Verdade*, falam de uma igreja simples, construída de "arrependimento e fé" e referem-se ao que "foi aprendido do Senhor" acerca da igreja. "Bons pastores", cujas responsabilidades incluem governo, pastoreio, pregação, cuidado e administração dos sacramentos eram seus líderes.[46] A oração abaixo, pronunciada no momento da eleição do presbítero, reflete a natureza do ministério pauliciano:

> Cordeiro de Deus, Jesus, ajuda-nos e, especialmente, a este servo recém-eleito, a quem acabas de acrescentar ao número de teus discípulos amados. Estabelece-o em teu Evangelho concedido à tua Igreja universal e apostólica como a rocha segura e inabalável junto ao portão do inferno. E, confere-lhe um pastorado piedoso, para cuidar com grande amor de teu rebanho espiritual... Guarda este teu servo com teus eleitos; que nenhum espírito impuro do diabo ouse aproximar-se dele.[47]

---

43. Ernest A. Payne, "The Ministry em Hitorical Perspective", The Baptist Quarterly 17 (1958), 260-61.

44. Observe o uso fácil do termo herege, mesmo por parte dos historiadores evangélicos, por exemplo, J. D. Douglas, *The New International Dictionary of the Christian Church*, rev. ed. (Grand Rapids: Zondervan, 1978). A questão de perspectiva é sempre relevante quando se acusa alguém de heresia.

45. Bainton, "Ministry em the Middle Ages", 108.

46. Fred C. Conybeare, ed. *The Key of Truth, a Manual of the Paulican Church of Armenia* (Oxford, Clarendon, 1898), 76-77, 106-11.

47. Ibid., 112.

Os valdenses, que se separaram da Igreja Romana em 1184, formando sua própria igreja e ministério, apresentam um tema semelhante de ministério bíblico simples. Allix observa que "seus ministros exerciam aquelas santas funções de modo extraordinário para a edificação da sua gente".[48] Sua longa história de cristianismo pré-reforma em Piemonte reflete uma forma relativamente pura e incorrupta de cristianismo primitivo.[49]

As crenças e as práticas dos albigenses, cuja igreja localizava-se ao sul da França por volta de 1190, também exemplificam esse tema de pureza. Eles sofreram fortes perseguições e, freqüentemente, eram mal interpretados pelos outros. Comentando sobre o ministério deles, Allix escreve:

> Parece, portanto, que a disciplina dos albigenses era a mesma praticada na Igreja Primitiva: tinham seus bispos, sacerdotes e diáconos, os quais a Igreja de Roma primeiro considerou cismáticos e cujos ministérios rejeitou por completo, pelos mesmos motivos que a fizeram considerar o ministério dos valdenses nulo e vazio.[50]

Talvez as grandes vozes em favor do ministério bíblico tenham sido os reformadores da pré-reforma. Esses clamaram pelo ministério em uma época em que tais convicções muitas vezes exigiam que os homens morressem por suas idéias.

John Wycliffe (1324-1384), o erudito de Oxford mais destacado da época, tratou claramente da questão do ministério bíblico em suas "Quarenta e três proposições".[51] Seus escritos "restringem a licença do pregador à exposição das Escrituras" e declaram que "os sacerdotes devem exercer sua função principal, ou seja, o cuidado com o pastorado. Eles não devem se ocultar em clausuras".[52] Suas declarações mais vigorosas estão em seu livro *Sobre o Ofício Pastoral*, no qual afirma:

48. Peter Allix, *Some Remarks upon the Ecclesiastical History of the Ancient Churches of Piedmont* (Oxford: Clarendon, 1891), 238 f.

49. Veja "Waldenses" em *Dictionary of Sects, Heresies, Ecclesiastical Parties and Schools of Religious Thought*, ed. John Henry Blunt (London: Longmans, 1981), 616-21.

50. Peter Allix, *Remarks upon the Ecclesiastical History of the Ancient Churches of the Albigenses*, nova ed. (Oxford: Clarendon, 1821), 207.

51. John Wycliffe, citado em *Documentos da Igreja Cristã*, ed. Henry Bettenson (London: Oxford, 1963), 174-75.

52. Herbert E. Winn, ed. Wyclif, *Select English Writings* (London: Oxford, 1929), 41, 68.

> Há dois fatores que dizem respeito à posição do pastor: a santidade e a integridade de seu ensino. Ele deve ser santo, tão forte em toda espécie de virtude que prefira deixar todo tipo de relacionamento humano, todas as coisas temporais deste mundo, até a própria vida mortal, antes de pecaminosamente apartar-se da verdade de Cristo... Em segundo lugar, [ele] deve resplandecer retidão e doutrina diante de suas ovelhas.[53]

John Huss (1373-1415) seguiu a rica ênfase dada por Wycliffe ao ministério bíblico, clamando por uma igreja e por um ministério puros. Em seus escritos há muitos exemplos desse ensino. Ele disse: "A igreja brilha em suas paredes, mas deixa faminta os seus pobres santos; ela veste suas pedras de ouro, mas deixa as crianças nuas".[54] Gillett resume seu ensino: "Na Igreja Primitiva só havia dois graus de ofício: diácono e presbítero, o restante é de invenção posterior e humana. Mas Deus pode conduzir sua Igreja de volta ao padrão antigo, assim como os apóstolos e os verdadeiros sacerdotes a supervisionaram em todas as questões essenciais ao seu bem-estar antes da introdução do ofício do papa".[55] Ele ainda ensinou: "Não é o ofício que faz o sacerdote, mas o sacerdote quem faz o ofício. Nem todo sacerdote é santo, mas todo santo é um sacerdote".[56] Spinka oferece seu sumário da posição de Huss: "Seu programa de reforma pode ser resumido pela definição de que é um restitucionalismo — a volta de Cristo e de seus apóstolos conforme apresentados na Igreja Primitiva. Ele contrasta a igreja militante com a verdadeira Igreja espiritual — o corpo de Cristo".[57]

Os escritos de William Tyndale (1494-1536) revelam um compromisso semelhante ao ministério bíblico primitivo.[58]

---

53. John Wycliffe, "On the Pastoral Office" em *The Library of Christian Classics: Advocates of Reform*, ed. Matthew Spinka (London, SCM, 1953), 32, 48. Nessa discussão, Wycliffe fala da Igreja Primitiva e de sua importância em várias ocasiões (por exemplo, 40).

54. John Huss, citado por E. H. Gillett, *The Life and Times of John Huss; or the Bohemian Reformation of the Fifteenth Century* (Boston: Gould, 1864), 1:285.

55. Ibid., 1:248.

56. Ibid.

57. Matthew Spinka, *John Huss, A Biography* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1968), 19. Veja também Matthew Spinka, *John Huss' Concept of the Church* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1966). *On Simony* (1413) e *On the Church* (1415) estão entre as obras do próprio Huss.

58. Veja S. L. Greenslade, *The Works of William Tyndale* (London: Blackie, 1938), 181-96. As declarações de Tyndale contrastam de modo marcante com as de seus contemporâneos do final da Idade Média. Veja Dennis D. Martin, "Popular and Monastic Pastoral Issues em the Later Middle Ages", *Church History* 56 (1987), 320-32.

Em suma, a Idade Média embora dominada por uma igreja institucional poderosa e corrupta, foi um período em que muitos se levantaram desafiando a autoridade eclesiástica em busca da verdade. Isso deve encorajar os servos de hoje em sua luta para redescobrir o verdadeiro ministério pastoral. A tarefa pode ser extremamente difícil por causa da força de tradições, porém é necessária e possível.

O Período da Reforma (1500-1648)

A Reforma Protestante foi de grande importância na história da Igreja e no desenvolvimento de seu ministério. Surgindo do pietismo, misticismo e da erudição do final da Idade Média,[59] seu objetivo era reformar a igreja existente de acordo com os princípios bíblicos. Foi mais precisamente uma "Reforma Magisterial", uma vez que os reformadores tinham em mente um magistrado que compelisse os indivíduos na fé. Este conceito de Igreja-Estado contrastava de forma marcante com o pensamento da Igreja Livre dos verdadeiros anabatistas (distinguidos do grupo maior de anabatistas), que tentavam construir uma nova igreja baseada na Bíblia.[60] Essa importante diferença tem feito com que um número cada vez maior de historiadores entendam a "Reforma Radical" como "uma expressão importante do movimento religioso do século XVI".[61] Williams identifica essa reforma radical como a "quarta" reforma, distinguindo-a do luteranismo, calvinismo e anglicanismo.[62] Mesmo reconhecendo diferenças doutrinárias nesta reforma, Williams observa:

---

59. Veja Steven Ozment, *The Age of Reform 1250-1550, an Intellectual and Religious History of Late Medieval and Reformation Europe* (New Haven: Yale, 1980), xi-xii, 1-21;

60. Littell tem um bom desenvolvimento dessa importante distinção em *Sectarian Protestantism*, xvii-xviii, 65-66, 73. Philip Schaff escreve: "Os reformadores tinham por objetivo reformar a velha igreja pela Bíblia; os radicais tentavam construir uma nova igreja a partir da Bíblia. Os primeiros sustentavam a continuidade histórica; os últimos voltavam diretamente à era apostólica e ignoravam os séculos intermediários, considerando-os apóstatas. Os reformadores fundaram uma igreja-estado popular, incluindo todos os cidadãos com suas famílias; os anabatistas organizaram-se em torno do princípio de voluntariedade, congregações seletas de crentes batizados, separados do mundo e do Estado" *(History of the Christian Church, Modern Christianity, The Swiss Reformation* [reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1969], 8,71).

61. George Huntston Williams, *Spiritual and Anabaptist Writers*, vol. XXV de The Library of Christian Classics (London: SCM, 1957), 19.

62. Ibid., 19. Esse notável estudioso de Harvard desenvolve mais tarde a mesma distinção e a expressão "Reforma magisterial" em George Hunston Williams, *The Radical Reformation* (Philadelphia: Westminster, 1962), xxiii-xxxi. Veja também Roland Bainton, "The Left Wing of the Reformation", *Journal of Religion* 21 (1941), 127.

> Embora anabatistas, espiritualistas e racionalistas evangélicos diferissem entre si quanto ao que devia constituir a base da fé e ordem e quanto à fonte suprema da autoridade divina... os três grupos dentro da reforma radical concordavam em voltar àquela base e em libertar a igreja e o credo daquilo que entendiam por crescimento sufocante da tradição eclesiástica e da prerrogativa magisterial. É precisamente isso que caracteriza uma "reforma radical".[63]

Ao procurar entender a contribuição da reforma para o ministério bíblico, deve-se examinar tanto os reformadores magisteriais (Lutero, Bucer, Calvino e Knox) como a Igreja Livre (anabatistas verdadeiros). Os primeiros trabalharam sob a bandeira da *reformatio* (reforma), enquanto os últimos tinham a *restitutio* (restituição) como bandeira. Ambos oferecem perspectivas importantes.

A Reforma Magisterial

Um exame das reformas de Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564) revela que eles diferiam em graus de progresso rumo ao padrão bíblico de ministério eclesiástico. Em última análise, ambos defendiam um sistema magisterial de Igreja-Estado, crendo que qualquer reforma devia culminar em um Estado cristão.[64] Ambos faziam distinção entre igreja visível e invisível, entendendo a Igreja invisível como a formada apenas pelos eleitos.[65] A idéia que faziam da igreja visível, criada por uma Igreja-Estado magisterial, impossibilitava uma doutrina simples de igreja e ministério. A diferença entre os dois homens era que Lutero estava propenso a manter na igreja as tradições não especificamente condenadas nas Escrituras, enquanto Calvino estava propenso a incluir apenas o que as Escrituras ensinavam de modo explícito acerca do ministério eclesiástico.[66] Essa diferença fica evidente nas respectivas tradições de adoração que surgiram desses fundadores: o culto luterano, sendo um ritual bem elaborado e composto, enquanto a mente reformada reflete estruturas eclesiásticas mais simples.

---

63. Ibid., 22. Veja também Philip Schaff, *History of the Christian Church, Modern Christianity, The German Reformation* (reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1967), 7:607.

64. Williams, *Radical Reformation*, xxiv; cf. também, Timothy George, *Theology of the Reformers* (Nashville: Broadman, 1988), 98.

65. Veja R. L. Omanson, "The Church". *Evangelical Dictionary of Theology* (Grand Rapids: Baker, 1984), 231.

66. Williams observa esse princípio regulador em *Radical Reformation*, xxvii. Veja também: François Wendel, *Calvin* (New York: Harper and Row, 1963), 301-2.

Em geral, pode-se reconhecer que a doutrina de Martinho Lutero sobre a igreja e o ministério era complexa e foi mudando progressivamente ao longo de sua vida.[67] Em sua "Carta aberta à nobreza cristã da nação germânica" (1520), Lutero conclama a derrubada dos três muros do romanismo e apresenta propostas que incluem reformas para estabelecer uma igreja nacional simples com sacerdotes paroquiais de caráter piedoso.[68] O estabelecimento dessa igreja foi mais complexo do que Lutero imaginou a princípio,[69] mas continha os elementos-chaves de pregação da Palavra, os sacramentos do batismo, o altar, as chaves da disciplina e do perdão cristão, um ministério vocacionado e consagrado, ações de graças, cultos públicos e o sofrimento, isto é, a posse da santa cruz.[70] Ele destacou o ministério da Palavra como tarefa do pastor e de todos os crentes. Em particular, as funções dos pastores incluíam o ministério da Palavra, o batismo, a administração do pão e do vinho sagrado, ligar e desligar pecados e o sacrifício.[71] Ele deu grande ênfase ao cuidado pastoral, que sempre estava diretamente relacionado com o ministério da Palavra.[72]

Martinho Bucer (1491-1551), discípulo importante de Lutero e professor de Calvino, teve um ministério importante em Estrasburgo. Tidball o denomina corretamente "o teólogo pastoral da reforma",[73] por causa de seu extenso empenho em desenvolver o ofício e a obra do pastorado. Em seu *De Regno Christi*, Bucer identifica três tarefas do pastor: (1) ser mestre diligente das Escrituras Sagradas, (2) administrar os sacramentos e (3) participar da disciplina da igreja. A terceira tarefa possuía três partes: vida e modos, penitência (envolvendo pecados sérios) e cerimônias sagradas (adoração e jejum). Uma quarta tarefa era o cuidado dos necessitados.[74] Bucer escreve:

---

67. Gordon Rupp, *The Righteousness of God, Luther Studies* (London: Hodder, 1953), 310-28.

68. Martinho Lutero, "An Open Letter to the Christian Nobility of the German Nation Concerning the Reform of the Christian Estate" em *Three Treatises* (Philadelphia: Muhlenberg, 1947), 9-44, 47, 98.

69. George, *Theology*, 86-98.

70. Rupp, *Righteousness of God*, 322.

71. Martinho Lutero, "Concerning the Ministry" (1523) em *Luther's Works, Church and Ministry*, ed. Conrad Bergendoff, Gen. ed. Helmut T. Lehmann (Philadelphia: Fortress, 1958), 40:21-29.

72. Martinho Lutero, "Instructions for the Visitors of Parish Pastors em Electoral Saxony" (1528) em *Luther's Works, Church and Ministry*, 40:269-320.

73. Tidball, *Skillful Shepherds*, 184.

74. Martinho Bucer, "*De Regno Christi*", *Melanchton and Bucer* em *The Library of Christian Classics*, ed. Wilhelm Pauck (London: SCM, 1969), 19:232-59.

> Os pastores e mestre das igrejas que quiserem cumprir seu ofício e manter-se limpos do sangue dos que estão perecendo em seus rebanhos devem não somente administrar publicamente a doutrina cristã, mas também anunciar, ensinar e clamar arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo, e qualquer coisa que contribua para a piedade, entre todos os que não rejeitam esta doutrina de salvação, mesmo nas casas e com cada um em particular... Pois os ministros fiéis de Cristo devem imitar o pastor mestre e supremo das igrejas, e devem eles mesmos buscar com o máximo amor aqueles que estão perdidos, inclusive a centésima ovelha que se desgarrou do aprisco, deixando para trás as noventa e nove que permanecem no aprisco do Senhor (Mt 18.12).[75]

A contribuição de Calvino para a compreensão bíblica do ministério pastoral é tremenda. Embora seja visto principalmente como teólogo e exegeta, Calvino também foi pastor e eclesiástico.[76] Ele dedica o quarto livro de suas *Institutas* à igreja, falando da necessidade dessa função: "Para que a pregação do evangelho possa florescer, Ele depositou esse tesouro na Igreja. Ele instituiu 'pastores e mestres' [Ef 4.11] por cujos lábios Ele possa ensinar os seus; concedeu-lhes autoridade; por fim, não omitiu nada que pudesse contribuir para o santo acordo de fé e à devida ordem".[77]

> Ele usou o título "mãe" para ilustrar a importância e o lugar da igreja: Pois não existe nenhuma maneira de entrar na vida, exceto esta mãe nos conceber em seu ventre, nos dar à luz, alimentar-nos em seus seios e, por fim, nos manter sob seus cuidados e direção até que, pondo de lado nossa carne mortal, nos tornemos como anjos [Mt 22.30]. Nossa fraqueza não nos permite ser dispensados de sua escola até sermos seus pupilos por toda a vida.[78]

Calvino encontrou as tarefas do pastor em toda a Bíblia. Especificamente, observou que "o ensino e o exemplo do Novo Testamento estabelecem a natureza

---

75. Ibid., 235.

76. Veja uma excelente discussão desse aspecto de Calvino em W. Stanford Reid, "John Calvin, Pastoral Theologian", *The Reformed Theological Review* 42 (1982): 65-73. Cf. também Jim van Zyl, "John Calvin the Pastor", The Way Ahead (uma palestra apresentada na Conferência de Carey em 1975, Hauwards Heath: Carey, 1975), 69-78.

77. João Calvino, *Institutes of the Christian Religion* em *The Library of Christian Classics*, vols. 20-21, ed. John T. McNeill, trad. e índice, Ford Lewis Battles (Philadelphia; Westminster, 1960), iv:1:1 (21:1011-12).

78. Ibid., iv:1:4 (21:1016).

e a obra do pastorado no chamado e no ensino dos apóstolos". Isso, afirmou ele, faz com que a determinação da obra ministerial na igreja seja um aspecto importante da teologia.[79]

Escritos anteriores descreveram o ofício quádruplo do pastor, mestre, presbítero e diácono na Genebra de Calvino,[80] o qual deu grande ênfase à pregação, ao governo e ao pastorado: "O pastor precisa de duas vozes, uma para juntar o rebanho e outra para afastar lobos e salteadores. As Escrituras lhe fornecem os meios para fazer as duas coisas".[81] Além disso, "Paulo prescreve aos mestres a tarefa de esculpir ou dividir a Palavra, como um pai que divide o pão em pequenos pedaços para alimentar as crianças".[82]

A preocupação de Calvino era o benefício e a edificação do ouvinte. A isso ele acrescentava as importantes tarefas de administrar os sacramentos e visitar os enfermos. Essa filosofia transformou-se em uma organização difícil e complexa da igreja em Genebra devido à compreensão que Calvino tinha da igreja visível e do magistrado cristão.[83] Isto resultou em um tipo de democracia cristã, por causa da interseção de autoridades religiosas e civis na concretização dessa forma de governo.

As conseqüências essencialmente bíblicas das idéias eclesiásticas e civis de Calvino só surgiram bem depois, uma vez que essa nunca foi além da Igreja-Estado magisterial herdada do romanismo. Woolley observa: "Calvino era influenciado por Roma mesmo quando ajudava a combatê-la" e, "Se as idéias de Calvino frutificaram muito mais em outras partes que em Genebra, isso se deve ao fato de que em outras áreas elas não estavam sujeitas ao estabelecimento do Estado civil, na mesma medida em que ocorria em Genebra".[84] Foi a questão da intolerância civil, provocada pela Igreja-Estado conforme existia em Genebra,

---

79. Reid, "John Calvin", 65-66.

80. Veja George, *Theology*, 235-49; cf. também, John T. McNeill, *The History and Character of Calvinism* (New York: Oxford, 1954), 214-21; João Calvino, *Calvin's Ecclesiastical Advice*, trad. Mary Beaty e Benjamin W. Farley (Louisville: Westminster / John Knox, 1991).

81. João Calvino, *The Epistle of Paul to Titus* em *Calvin's New Testament Commentaries*, ed. David W. Torrance, 314 (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), 361.

82. João Calvino, *The First and Second Epistles of Paul the Apostle to Timothy* em *Calvin's New Testament Commentaries*, ed. Torrance, 314.

83. Observe o excelente trabalho de Harro Hopfl, *The Christian Polity of John Calvin* (Cambridge, England: Cambridge University Press, 1982).

84. Paul Woodley, "Calvin and Toleration" em *The Heritage of John Calvin* (Grand Rapids, Calvin College and Seminary, 1973), 138, 156.

que fez com que os anabatistas procurassem uma igreja e um ministério mais primitivos e bíblicos que os oferecidos pelos reformadores magisteriais. Essa foi uma nódoa infeliz em Calvino que, fora isso, esforçou-se profundamente para purificar, esclarecer e sistematizar a verdade do ensino das Escrituras com respeito ao ministério e a outras áreas.

Não se pode considerar o período das reformas sem descrever o legado do ministério bíblico de John Knox (1514-1572). Sob a liderança de Calvino, Knox desenvolveu um manual inglês para a igreja em Genebra, a qual pastoreou de 1556 a 1559.[85] Além disso, suas cartas e relatórios pastorais refletem uma rica compreensão do compromisso de pregar a Palavra com grande paixão, profundo interesse e cuidado com o bem-estar espiritual dos homens.[86]

A Reforma Anabatista

O anabatismo aproxima-se muito da obra e da influência de Lutero e de Zwínglio em sua contribuição à compreensão bíblica da igreja e de seu ministério. Como se mencionou acima, dentro do grande universo conhecido por anabatistas existia um grupo menor cuja fé se enraizava nas Escrituras, constituindo-os "verdadeiros anabatistas".[87] Estes incluíam homens como Conrad Grebel (1495-1526), Michael Sattler (1490-1527), Balthasar Hubmaier (1480-1528) e Menno Simons (1496-1561). Embora influenciados pela teologia dos reformadores magisteriais, esses homens foram além de seus esforços para reinstituir uma igreja e um ministério primitivo e bíblico. Ao descrever a natureza de sua eclesiologia, Bender salienta: "A idéia anabatista da igreja é derivada, baseada na idéia mais profunda de discipulado que, evidentemente, também implica uma aliança ativa com a fraternidade, sem a qual o discipulado não poderia concretizar-se".[88]

Como regra geral, os anabatistas rejeitavam a idéia de uma igreja invisível, entendendo a igreja como uma associação voluntária de santos regenerados.

---

85. John Knox, "The Form of Prayers and Ministration of the Sacraments, Used em the English Congregation at Geneva, 1556" em *The Works of John Knox*, ed. David Laing (Edinburgh: James Thin, 1895), 4:141-216.

86. W. Stanford Reid, "John Knox, Pastor of Souls", *Westminster Theological Journal* 40 (1977), 20-21.

87. Observe a classificação de Littell, *Sectarian Protestantism*, 163, e Williams, Spiritual and Anabaptist Writers, 28-31.

88. Harold S. Bender, "The Anabaptist Theology of Discipleship", *Mennonite Quarterly Review* 23 (1950), 26; veja também Bender, *The Anabaptist Vision* (Scottdale, Pa.: Herald, 1944).

Eles tentaram restaurar a idéia de uma Igreja Primitiva neotestamentária, livre das complicações magisteriais. Isso permitia a prática da disciplina eclesiástica, mas significava que a igreja não tinha o direito de impor suas opiniões sobre alguém ou de perseguir os que se lhe opunham. Friedmann identifica as seguintes características da igreja anabatista:[89]

1. Uma comunidade visível de crentes unidos por aliança.
2. Uma fraternidade compartilhada e praticada com amor .
3. Um compromisso de exclusão (banimento) como um ato de amor fraternal.
4. Uma igreja de ordem em que os membros submetem-se à autoridade.
5. Uma igreja sofredora sob a cruz.
6. Uma igreja que pratica o voluntarismo ou a liberdade de consciência.
7. Uma igreja que pratica as duas ordenanças do batismo e da Ceia do Senhor.

Dentro dessa estrutura da Igreja Primitiva, o anabatismo ensinava um estilo simples de ministério. Michael Sattler o descreve da seguinte forma:

> Esse ofício [de pastor] será ler, admoestar e ensinar, alertar, disciplinar, banir na igreja, liderar a oração pelo progresso de todos os irmãos e irmãs, levantar o pão quando partido e em todas as coisas estar atento para cuidar do corpo de Cristo, para que ele possa ser edificado e desenvolvido, e a boca do caluniador possa ser calada.[90]

Conrad Grebel sustentou uma posição semelhante em sua obra breve, porém importante,[91] como o fez Balthasar Hubmaier, o estudioso e pastor de Waldshut e Nikolsburg, em sua importante contribuição.[92] A "Disciplina da igreja",

---

89. Robert Friedmann, *The Theology of Anabaptism* (Scottdale, Pa.: Herald, 1973), 122-43.

90. "The Schleitheim Confession, 1527" em William Lumpkin, *Baptist Confessions of Faith* (Valley Forge, Pa.: Judson, 1969), 22-30.

91. Harold S. Bender, Conrad Grebel c. 1498-1526 (Goshen, Ind.: Mennonite Historical Society, 1950), 204-8.

92. *Balthasar Hubmaier, Theologian of Anabaptism*, trad. e ed. H. Wayne Pipkin e John H. Yoder (Scottdale, Pa.: Herald, 1989), 386-425. Um estudo cuidadoso desses escritos revela seu profundo compromisso com a pregação sadia, bem como seu forte compromisso pastoral.

um documento anabatista de 1528, resume a posição deles: "Os presbíteros e pregadores escolhidos pela fraternidade devem ser zelosos com as necessidades dos pobres e na obra do Senhor, vivendo de acordo com as ordens do Pai, estendendo o que for necessário para o bem e a fraternidade (Gl 2; 2 Co 8,9; Rm 15; At 6)".[93] Timothy George relata que Menno Simons[94] disse em seu leito de morte que nada sobre a terra lhe era mais precioso que a Igreja.[95] Isso resume bem o compromisso dos anabatistas com a Igreja Primitiva e o seu ministério. Muitos pagaram o mais alto preço por esse amor.[96]

A discussão acima revela que a era das reformas fez com que a igreja voltasse a valorizar a estrutura bíblica para o ministério. Os reformadores magisteriais fizeram progressos significativos em sua reforma eclesiástica. Entre os reformadores radicais estão os que levaram adiante este compromisso no intuito de reinstituir um ministério bíblico consistente.

O Período Moderno (1649-Presente)

A Era Moderna possui muitos exemplos de homens que buscaram um ministério eclesiástico bíblico. Alguns têm se apegado à herança do progresso rumo a este ministério; tais valores foram deixados pelos reformadores magisteriais. A pesquisa deste capítulo só pode citar alguns exemplos.

Um desses pastores foi Richard Baxter (1615-1691), um dos primeiros teólogos puritanos. Ele é mais conhecido pelo livro *O Pastor Aprovado*, escrito em 1656 durante os 19 anos de pastorado em Kidderminister, Inglaterra. O livro concentra-se em Atos 20.28 e desenvolve uma filosofia de ministério. Ele trata dos labores, das confissões, motivações, limitações e da dedicação do pastor. A obra é extremamente profunda e intensamente espiritual, uma vez que flui do coração de um pastor humilde para outros

93. "Discipline of the Church: How a Christian Ought to Live (October, 1527)" em *Anabaptist Beginnings* (1523-1533), ed. William R. Estep (Nieuwkoop, Netherlands: De Graaf, 1976), 128.

94. Em uma carta a Gellius Faber, tratando da igreja e de seu ministério, Simons apresenta os seguintes sinais da igreja: (1) a doutrina inadulterada da Palavra de Deus, (2) o uso bíblico dos sacramentos, (3) a obediência à Palavra do Senhor, (4) o amor não fingido pelo próximo, (5) a confissão confiante de Cristo, e (6) a manutenção do testemunho de Cristo na perseguição (Menno Simons, "Reply to Gellius Faber", *The Complete Writings of Menno Simons* [Scottdale, Pa.: Herald Press, 1956], 739-41).

95. George, *Theology*, 285.

96. William R. Estep (*The Anabaptist Story* [Nashville: Broadman, 1963]) fornece um bom relato sobre várias perseguições aos anabatistas.

pastores: "Apelo agora, por amor a Cristo e pelo bem de sua Igreja e das almas imortais dos homens, a todos os ministros fiéis de Cristo que se empenhem nesta obra... Essa tarefa não nasce de nós, mas do Senhor, e de minha parte... que eu seja pisado contra o pó".[97]

O movimento puritano mais amplo desenvolveu a igreja através de um enfoque claro na Palavra de Deus. Embora nunca tenham chegado a formar uma denominação distinta e unificada, os puritanos exerceram influência considerável sobre muitos. O anglicanismo rotulou a maior parte dos puritanos ingleses de não-conformistas, mas os puritanos britânicos não conseguiram estabelecer suas próprias igrejas como os puritanos da América. Mesmo na América, porém, eles se identificaram com várias denominações, em vez de formar sua própria igreja. Leland Ryken conclui: "Houve, com certeza, um consenso puritano teorético na maior parte das questões sobre adoração e sobre a teoria que conceitua a igreja. O puritanismo também deixou pelo menos um legado permanente, o fenômeno de uma 'igreja reunida', separada do Estado e com a decorrente proliferação de igrejas independentes".[98]

Ryken identifica alguns aspectos importantes do conceito puritano de igreja:[99]

1. Considerando a extravagância e a tradição da igreja inadequadas como autoridades para a crença religiosa, os puritanos reafirmaram a primazia da Palavra, recorrendo ao "controle mais forte à disposição deles, a Bíblia. Fizeram um voto de limitar toda organização da igreja e todas as práticas de adoração ao que podia ser diretamente fundamentado em declarações e procedimentos encontrados na Palavra".

2. Os puritanos entendiam a igreja como "uma realidade espiritual". "Ela não é prédios impressionantes ou vestimentas clericais caprichadas. É, antes, a companhia dos redimidos", dissociada de algum lugar específico. Certas atividades e relacionamentos, inclusive pregação, sacramentos, disciplina e oração definem a igreja.

---

97. Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (London: Epworth, 1939), 58. (O Pastor Aprovado [São Paulo: PES, 1996])

98. Leland Ryken, *Worldly Saints, The Puritans As They Really Were* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 112.

99. Ibid., 112-13, 115-16, 119, 121-24.

3. Os puritanos elevaram o papel do leigo na igreja e sua participação na adoração. Muitos puritanos gravitavam em torno de sistemas de governos presbiterianos ou congregacionais, os quais responsabilizavam os leigos de escolher ministros dentro de cada congregação.
4. Os puritanos adotaram a simplicidade em várias partes da adoração. Isso incluía organização ordeira e clara, cerimônia e ritual controlados, arquitetura, música e mobília simplificadas na igreja, simplificação dos sacramentos e um alvo de adoração claramente definido.

Nesse ambiente bíblico, o ensino e a prática do verdadeiro ministério eram comuns. O pastor puritano devia pregar, ministrar os sacramentos e orar. A pregação era primordial, mas estava estreitamente associada à vida piedosa.[100] Em seu artigo, "Sobre o Chamado do Ministério", William Perkins (1558-1602) descreve o ministro como, em primeiro lugar, um *anjo* ou "mensageiro de Deus", ou seja, o "mensageiro do Senhor dos Exércitos" para o povo. Em segundo, um *intérprete,* ou seja, "uma pessoa capaz de transmitir corretamente a reconciliação entre Deus e o homem". "Todo ministro é intérprete duplo: de Deus para o povo e do povo para Deus."[101] Ele acrescenta também a necessidade de ser um "ministro piedoso" e insta os homens a dedicarem seus filhos ao ministério que é o mais elevado dos ofícios:

> Pois o cuidado que o médico dispensa ao corpo, ou o cuidado que o advogado dispensa à causa são ambos tarefas inferiores à de ministro. Um bom advogado pode ser um dentre dez; um bom médico, um dentre vinte; um bom homem, um dentre cem; mas um bom ministro é um dentre mil. Um bom advogado pode declarar a verdadeira situação de tua causa, um bom médico pode declarar a verdadeira situação do teu corpo: nenhum profissional, nenhum homem pode declarar-te a tua retidão, a não ser um verdadeiro ministro.[102]

Essa perspectiva pastoral de Perkins caracterizou muitos futuros puritanos. "Os grandes nomes da era puritana, John Owen, Thomas Brooks, Richard Sibbes,

---

100. Os puritanos associavam a teologia à espiritualidade. Veja J. I. Packer, *A Quest for Godliness, the Puritan Vision of the Christian Life* (Wheaton: Crossway, 1990), 11-17.

101. William Perkins, *The Workes of That Famous and Worthie Minister of Christ em the Universitie of Cambridge, M. W. Perkins*, 3 vols. (Cambridge, England: Universitie of Cambridge, 1608-1609), 3:430-31.

102. Ibid., 435-36.

Robert Bolton, Thomas Manton, Thomas Goodwin e William Gurnal, todos adotaram essa perspectiva pastoral em seus escritos e teologia".[103] O ministério vivo de William Tennent e sua Log College [Faculdade de Toras] em Neshaminy, Pensilvânia, também são dignos de nota.[104]

Jonathan Edwards (1703-1758), tão conhecido como filósofo e exímio teólogo, também era pastor. Ele escreveu:

> Mais especialmente é a união de um ministro fiel com determinado povo cristão, como seu pastor, quando feito de modo apropriado, como um jovem desposando uma virgem... O ministro alegremente devotando-se ao serviço de seu Senhor na obra do ministério, com uma obra com que se delicia, e também se unindo alegremente à sociedade dos santos sobre a qual é colocado... e eles, por sua vez, recebendo-o alegremente como dádiva preciosa de seu Redentor ascendido.[105]

Westra afirma que Edwards sabia que este nome bíblico, Jônatas, significava "dom de Jeová" e "em meio a orações dedicou-se a ser 'dádiva de Jeová' às almas sob seus cuidados; ele o fez com o coração totalmente convicto de que um ministro fiel como um meio de graça pode ser 'a maior de todas as bênçãos do mundo que Deus concede a um povo'".[106] Basta ler os puritanos para ver que eles apresentam uma das melhores teologias pastorais do período moderno.

Depois da era dos puritanos, Charles Bridges (1794-1869), pastor na Inglaterra por 52 anos, escreveu seu respeitado *Christian Ministry*. Ele combinou um conhecimento profundo e preciso das Escrituras com uma grande espiritualidade e humildade, a fim de produzir uma obra clássica digna de leitura reflexiva. Em síntese, ele sentia que a "soma de todo o nosso labor é honrar a Deus e salvar os homens".[107]

---

103. Tidball, *Skillful Shepherds*, 200. Veja também P. Lewis, *The Genius of Puritanism* (Haywards Heath: Carey, 1975).

104. Veja Archibald Alexander, *The Log College* (reimpressão, London: Banner of Truth, 1968); Archibald Alexander, comp., *Sermons of the Log College* (reimpressão, Ligonier, Pa.: Soli Deo Gloria, s.d.).

105. Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, 2 vols. (reimpressão, Edinburgh, England: Banner of Truth, 1974), 2:19-20.

106. Helen Westra, "Johathan Edwards and the Scope of Gospel Ministry", *Calvin Theological Journal* 22 (1987): 68; cf. também Edwards, Works, 2:960.

107. Charles Bridges, *The Christian Ministry* (reimpressão, London: Banner of Truth, 1959), 8.

Charles Spurgeon (1834-1892), conhecido principalmente por sua pregação e não tanto por suas funções diárias no pastorado, ensinou a seus alunos os princípios da prédica.[108] Apesar disso, ele entendia que o centro do ministério era suprir as necessidades espirituais de seu povo, e assim escreveu: "Os ministros são para as igrejas, e não as igrejas para os ministros".[109] É significativo que as controvérsias em torno do ministério de Spurgeon estejam totalmente relacionadas com a aplicação de sua teologia às tarefas pastorais, tais como a evangelização em particular ou a filosofia ministerial.[110]

Os pastores do século XIX, inclusive G. Campbell Morgan (1863-1945)[111] e o missionário Roland Allen (1868-1947), oferecem outros exemplos importantes de ministério fiel.[112] O longo ministério de ensino de Benjamin B. Warfield (1851-1921) no Princeton Theological Seminary (1887-1921) foi uma grande influência positiva na promoção do ministério bíblico.[113]

Desde o início do século XX, o liberalismo teológico encontrou espaço em todas as grandes denominações, substituindo, em muitos casos, a paixão do ministério bíblico por uma agenda de evangelho social.[114] O surgimento do novo evangelicalismo[115] em 1958, com sua acomodação intencional ao erro, juntamente com seus desdobramentos subseqüentes[116] que resultaram em um ministério pragmático, foi outro passo para o distanciamento do ministério bíblico.[117]

---

108. C. H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos*, (reimpressão Grand Rapids: Zondervan, 1954). 3 vols. (São Paulo: PES, 1980-1983).

109. C. H. Spurgeon, *The All Around Ministry* (reimpressão, Edinburgh: Banner of Truth, 1960), 256.

110. Iain H. Murray, *The Forgotten Spurgeon* (Edinburgh: Banner of Truth, 1966), 45-46, 99-101, 153-65.

111. G. Campbell Morgan, *The Ministry of the Word* (London: Hodder and Stoughton, 1919), e Jill Morgan, *A Man of the Word, Life of G Campbell Morgan* (New York: Revell, 1951).

112. Ele é especialmente conhecido por suas obras sobre indigenização missionária. Veja Roland Allen, *The Spontaneous Expansion of the Church* (London: World Dominion, 1960).

113. Benjamin B. Warfield, "The Indispensableness of Systematic Theology to the Preacher" em Sele*cted Shorter Writings of Benjamin B. Warfield-II*, ed. John E. Meeter (Nutley, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1973), 280-88. Ele escreve: "A Teologia Sistemática é, em outras palavras, o verdadeiro livro-texto do pregador" (228).

114. Veja B. J. Longfield, "Liberalism/Modernism, Protestant (c. 1870s-1930s)" em *Dictionary of Christianity in America*, ed. Daniel G. Reid (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990) 646-48.

115. Edward John Carnell, *The Case for Orthodox Theology* (Philadelphia: Westminster, 1959) e Roland Nash, *The New Evangelicalism* (Grand Rapids: Zondervan, 1963), 13-17.

116. Veja Richard Quebedeaux, *The Young Evangelicals, Revolution em Orthodoxy* (New York: Harper and Row, 1973) e Quebedeaux, *The Worldly Evangelicals* (New York: Harper and Row, 1977).

117. Veja John MacArthur Jr., *Ashamed of the Gospel: When the Church Becomes Like the World* (Wheaton: Crossway, 1993). Veja também MacArthur, *Our Sufficiency em Christ* (Dallas: Word, 1991).

Ministérios essencialmente bíblicos ocorrem em anos recentes, em denominações menores ou em igrejas que prosseguem na tradição das Igrejas Livres.[118] A natureza de tal ministério é obscura e, muitas vezes, difícil de identificar por falta de documentação adequada.

Durante a segunda metade do século XX, alguns exemplos proeminentes de ministério bíblico são dignos de nota. A maneira extraordinária pela qual Deus tem usado esses homens é o motivo de citá-los. Não significa que tenham sido os únicos.

Um exemplo excelente é D. Martyn Lloyd-Jones (1939- 1981). Lloyd-Jones foi muito respeitado como pregador expositivo, mas também foi pastor devotado e fiel. Sua biografia é repleta de exemplos tanto de pregação como de pastorado.[119] Ele era, antes de tudo, pregador e defensor do caráter insubstituível da pregação bíblica, de um relacionamento correto com a congregação (os bancos não devem jamais ditar a mensagem, mas o pregador deve ouvir seu povo), de um preparo adequado do pregador em todas as áreas.[120] Ele também era reputado como conselheiro pastoral. Murray registra: "Depois do púlpito, Dr. Lloyd-Jones em todo o seu ministério estava constantemente empenhado em tentar ajudar as pessoas". É interessante como ele entendia que as pessoas precisavam mais de ajuda espiritual que psicológica. Lloyd-Jones também foi pastor de pastores, na medida em que procurava lhes instilar o que Deus lhe havia ensinado.[121]

Outro exemplo de ministério bíblico é o de Jay Adams, há muito professor do Westminster Theological Seminary e muitas vezes pastor. Adams tem contribuído grandemente para o entendimento corrente do ministério bíblico em várias áreas. Em cada caso, ele tem construído esse entendimento pastoral sobre sua base firme de teologia bíblica e exegética. Seu primeiro tema importante foi o aconselhamento em que desenvolveu um modelo bíblico de aconselhamento noutético (observe a palavra grega *noutheteo*) e enfatizou a

118. Veja Ernest A. Payne, *Free Churchmen, Unrepentant and Repentant* (London: Carey, 1965).

119. Iain H. Murray, *David Martyn Lloyd-Jones, The First Forty Years, 1899-1939* (Edinburgh: Banner of Truth, 1982) e Murray, *David Martyn Lloyd-Jones, The Fight of Faith, 1939-1981* (Edinburgh: Banner of Truth, 1990).

120. D. Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Grand Rapids: Zondervan, 1971), 26, 143, 165 *(Pregação & Pregadores* [São José dos Campos: Fiel, 1991]).

121. Ibid., 697-713.

necessidade de confrontar o pecado com o ensino bíblico.[122] Ele também desenvolveu uma série de livros didáticos teológicos que cobrem vida, aconselhamento e liderança pastoral. A fundamentação disso é o seu sólido compromisso com a teologia bíblica sadia. Ele escreveu: "As direções que as atividades práticas da pessoa tomam, as normas pelas quais opera e a motivação por trás daquilo que faz devem surgir de um estudo teológico e bíblico. A busca da teologia prática, portanto, deve ser vista como estudo e aplicação dos meios bíblicos para expressão da teologia daquela pessoa".[123]

Em anos recentes, Adams tem devotado seu pensamento à pregação bíblica e à sua importância no ministério.[124] Todos os seus ensinos têm exercido uma influência profunda no redirecionamento do ministério rumo ao padrão bíblico.

Outro exemplo importante de ministério bíblico é John MacArthur, Jr. Ele define o termo *poimenologia* (*poimen*, "pastor" em grego) como (1) o estudo do pastoreado, (2) a ciência da liderança do rebanho e (3) um método bíblico de liderança eclesiástica. Ele desenvolve esse termo a partir da idéia de que todo o ministério flui dos ensinos das Escrituras.[125] Seu ensaio, "The Anatomy of the Church", representa uma contribuição significativa para uma filosofia bíblica de ministério, ao definir a igreja como (1) a estrutura esquelética — doutrinas inalteráveis ou verdades não negociáveis; (2) os sistemas internos — atitudes espirituais adequadas; (3) os músculos — atividades espirituais, que incluem pregação e ensino, adoração, discipulado, pastoreado e comunhão; e (4) a cabeça — a pessoa e a obra de Cristo.[126] Este modelo tornou-se a base do ministério bíblico em muitas igrejas. MacArthur continua contribuindo com obras significativas que desafiam a igreja a não se desviar da verdade. A mais significativa delas compara a controvérsia de Down-Grade, os dias de Spurgeon com o pragmatismo de muitas igrejas evangélicas contemporâneas.[127]

---

122. Jay Adams, *Conselheiro Capaz* (São Paulo: Fiel, 1970), 55-63. Por trás dessa abordagem existe uma fundamentação teológica sólida, 9-19. Adams também faz uso da apologética pressuposicional de Cornelius Van Til, *The Defence of the Faith* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1955).

123. Jay Adams, *Shepherding God's Flock* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 1-2.

124. Jay Adams, *Preaching with Purpose* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), xiii, 114.

125. John MacArthur, Jr., *Shepherdology: A Master Plan for Church Leadership* (Panorama City, Calif.: The Master's Fellowship, 1989), 3-5, ed. rev. *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991).

126. Ibid., 9-64.

127. MacArthur, *Ashamed of the Gospel*, xi-xx. Veja também MacArthur, *Our Sufficiency in Christ*, 25-43.

Uma Consideração Final

Isso não passa de uma breve história do ministério pastoral bíblico. Estes relatos são muitas vezes baseados naqueles ministérios cujos registros permanecem para serem examinados em gerações futuras. Há muitos ministros fiéis que também buscam um ministério bíblico e cujas realizações apenas os Céus registram. O futuro exame do ministério de cada pessoa (1 Co 3.13-15) e o relato do ministério fiel para a glória de Deus torna-se-ão um momento de grande gozo no Céu. Os pastores de hoje podem encontrar grande incentivo e receber imensos desafios estudando a vida e as convicções de ministros fiéis do passado. Que esta geração e as gerações cristãs futuras comprometam-se com a forma mais pura do ministério bíblico primitivo, de modo que quando a História recordar seus feitos possam dizer como Paulo: "*Combati* o bom combate, *acabei* a carreira, *guardei* a fé" (2 Tm 4.7, ênfases minhas).

4

Concepção Bíblica do Ministério Pastoral

Alex D. Montoya

Uma forma sensata de abordar o ministério pastoral é formular uma filosofia bíblica ou uma declaração do seu propósito. Essa filosofia depende dos propósitos bíblicos da igreja, que são exaltar o Senhor, evangelizar o mundo e edificar seus membros. O pastor desempenha o papel principal no auxílio à concretização desses objetivos. Efésios 4.7-16 e Colossenses 1.28,29 oferecem boas diretrizes para o cumprimento desses alvos em uma igreja local. Os sete ministérios pelos quais o pastor pode ver a realização desses propósitos na igreja são: o ministério da Palavra, comunhão, Ceia do Senhor, oração, evangelização, o ministério da comunhão entre as igrejas e de missões.

O ministério pastoral é um chamado divino e inigualável, concedido a homens eleitos por Deus para serem ministros de sua Palavra e servos de sua igreja. Os homens chamados para este trabalho sentem-se indignos (1 Tm 1.12-17) e desqualificados (2 Co 3.4-6) para tarefa tão preciosa. Mas, aos separados para o ministério, aplica-se o clamor do apóstolo Paulo: "Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Co 4.7).

A pecaminosidade do homem e as artimanhas do maligno dificultam a tarefa do ministério pastoral, mas nossa própria ignorância dos seus propósitos básicos aumenta a confusão. É comum não haver consciência quanto ao que o ministro deve fazer com o seu chamado. Tal ignorância pode levá-lo a entrar em cursos errados e perigosos.

Uma compreensão da filosofia bíblica do ministério pastoral pode servir como ajuda para que o ministro entre de modo devido em sua vocação, facilitando a prática do seu ministério. Este capítulo tratará de dois temas básicos: primeiro, a definição e os benefícios de uma filosofia básica de ministério e, segundo, as discussões sobre os propósitos da igreja, cuja execução cabe ao pastor liderar. Alguém pode perguntar o motivo de termos estas discusões ligadas à filosofia ministerial do pastor. A resposta é outra pergunta: Como o pastor pode ministrar efetivamente se não conseguir identificar, esclarecer, simplificar e executar os propósitos da igreja que lidera? Ele estará servindo em um nevoeiro, a menos que compreenda plenamente a importância dos propósitos bíblicos.

Uma Filosofia Bíblica de Ministério

Toda profissão precisa de uma declaração que responda às seguintes perguntas: "Por que estou nesta posição?" "O que se espera que eu faça?" e "Como devo cumprir esta tarefa?" Assim como uma pessoa em viagem, o pastor precisa saber para onde está indo. A formulação de uma declaração de propósito é outra forma de referir-se à filosofia ministerial. Para o pastor, essa filosofia deve surgir dos mandatos dirigidos à Igreja de Cristo.

Precisamos salientar aqui a importância de cada pastor conhecer e possuir a filosofia bíblica do ministério pastoral. Não existe uma variedade de filosofias ministeriais. Existe apenas uma! Ela provém das Escrituras e se aplica a todos os pastores.

Alguns hoje tentam fazer com que a igreja adote um propósito específico, tal como "igreja voltada às famílias", "igreja dos pobres" etc. Isso pode ser adequado, mas elas devem fazer parte de um contexto maior do propósito geral da igreja. Como veremos, a igreja possui um propósito, e cada ministro é chamado ao serviço para ajudar a cumpri-lo. Não ousemos entrar em seu serviço com nossas idéias preconcebidas, nossa agenda pessoal ou uma nova teoria sobre o ministério da igreja. Como Deus disse a Moisés, também nos diz: "Olha, faze tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou" (Hb 8.5).

Definição

Qual é a filosofia de ministério? Como já observamos, é uma declaração de propósito. Ela delineia exatamente o que devemos realizar no ministério e identifica a razão de ser da igreja, bem como a razão de ser do ministério cristão. O ministério não existe independentemente da igreja mas, antes, é o meio de

cumprir o seu propósito. Paulo lembra isso a Timóteo quando escreve: "Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te bem depressa, mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade" (1 Tm 3.14,15). Ele diz a Timóteo o seu lugar no propósito da igreja.

Por esse motivo, a filosofia ministerial de um pastor é um guia para seu ministério pessoal. Uma vez estabelecida e compreendida, ela guiará o pastor. Ela se transforma no mapa que o mantém na rota, um guia para determinar o seu curso de ação, para corrigi-lo quando for desviado pelos percalços do ministério e um incentivo à sua vida quando o peso da tarefa aumentar e ele quase estiver sendo vencido.

Benefícios

Muitos benefícios advêm do fato de se possuir uma filosofia bíblica de ministério. Cinco são dignos de nota. Primeiro, ela nos obriga a *ser bíblicos*. Quando olhamos as Escrituras procurando os motivos pelos quais devemos ministrar, mantemo-nos na rota bíblica. A igreja se desvia de seu fundamento bíblico quando seus líderes abandonam o caminho da Bíblia. Os ministros podem apostatar gradualmente, mal percebendo a escorregadela. Eles precisam ser constantemente relembrados da séria responsabilidade de manter a igreja enraizada e firmada na Palavra. Os autores bíblicos e os apóstolos deixaram claras as instruções divinas quanto aos padrões, propósitos e práticas da igreja. Até o poder deles deve vir de Deus. Assim, lemos acerca das tradições (1 Co 11.2; 2 Ts 2.15; 3.6) e prática(s) (1 Co 11.16). As primeiras igrejas de Deus adotavam a mesma filosofia de ministério (1 Co 14.33,40). Qualquer tentativa de abandonar essa filosofia era sinal de apostasia, fosse na doutrina ou prática (2 Ts 3.6; 3 Jo 9).

Uma filosofia bíblica ministerial inclui tanto os meios como os fins. Uma compreensão superficial e leviana dos propósitos divinos para a igreja resultará em abordagens pragmáticas, carnais e até pecaminosas na concretização desses fins. Os ventos das mudanças sociais, as correntes da teologia liberal e a influência dos clandestinos carnais com certeza desviarão o navio do curso, a menos que o capitão apegue-se fielmente ao curso divino.

Uma segunda vantagem de uma filosofia de ministério é que *ela tem sentido prático*. Precisamos ter um alvo definido; deve haver um objetivo naquilo que fazemos. Paulo o expressou da melhor forma: "Pois eu assim corro, não como a

coisa incerta" (1 Co 9.26). Ele não queria passar a vida boxeando contra a própria sombra. Em geral, o colapso espiritual está aos pés da falta de direção.

A *eficiência* é um terceiro motivo para essa filosofia. Conhecendo o seu curso de ação, o pastor tem condições de concentrar seus esforços na realização daqueles aspectos mais essenciais do ministério. Freqüentemente, problemas, programas e trabalhos que têm pouca ou nenhuma relação com o propósito principal da igreja consomem as energias desta e do pastor. A tentação de desperdiçar as energias apostólicas em questões sociais atingiu a Igreja Primitiva, mas foi rechaçada pela sabedoria dos líderes eclesiásticos (At 6.1-7).

O quarto é o resultado mais óbvio da eficiência: a *efetividade*. Claramente delineados, um plano de batalha, uma planta arquitetônica ou os detalhes de um trabalho garantem o sucesso. Ministros que trabalham sob uma filosofia de tentativa e erro pouco terão para mostrar após uma vida de serviço fiel. Mesmo os que tenham recursos pessoais limitados ou estejam em campos difíceis terão algo para mostrar da labuta, caso se esforcem sob a direção de um mapa divino. Sem dúvida, esse foi o segredo do sucesso da igreja do primeiro século. A igreja sabia o que devia fazer e o fazia. Em pouco tempo, ganhou a reputação de estar alvoroçando o mundo (At 17.6).

O quinto benefício de uma filosofia bíblica ministerial diz respeito ao *chamado pessoal do ministro à fidelidade* (1 Co 4.2). Um dia, vamos precisar prestar contas ao Senhor pelo ministério que nos foi confiado. Como nos colocar diante dEle, alegar ignorância e suplicar perdão por um ministério desperdiçado? Como reclamar um prêmio, se não seguimos o curso previsto? Fidelidade inclui a sábia execução de nosso trabalho. Os homens não premiam o fracasso, não importa a quantidade de energia despendida. Deus também não. Só alcançam o prêmio os que são como Paulo (At 20.24, 27; 1 Co 9. 24; 2 Tm 4.7).

Usando outra estrutura, Johnson sintetiza oito vantagens de se adotar uma filosofia ministerial.[1] Ele disse que uma igreja capaz de articular seus fundamentos filosóficos:

1. Pode determinar o escopo de seu ministério.
2. Pode reavaliar continuamente sua experiência coletiva à luz de sua mensagem.

1. Rex Johnson, "Philosophical Foundations of Ministry" em *Foundation of Ministry*, ed. Michael J. Anthony (Wheaton: Victor, 1992), 55-59.

3. Pode avaliar seu ministério à luz de critérios racionais, e não com base na popularidade de um programa.
4. Tem mais possibilidade de manter seu ministério equilibrado e concentrado em fatores essenciais.
5. Pode mobilizar uma proporção maior de sua congregação como ministros.
6. Pode determinar os méritos relativos de um possível ministério.
7. Pode ser uma comunidade alternativa translúcida e atrativa para as pessoas que estejam à procura de alívio de fracassos sistemáticos.
8. Pode optar por cooperar ou não com outras igrejas e com ministérios paraeclesiásticos.

O Propósito da Igreja

A filosofia bíblica de ministério deve estar fundamentada na eclesiologia bíblica. Para compreender o lugar de alguém como ministro, é preciso compreender o lugar da igreja. Getz o expressa desta forma:

> Alguém que tente formular uma filosofia bíblica do ministério e desenvolver uma estratégia e uma metodologia contemporânea firmemente alicerçada em fundamentos bíblicos *deve* fazer algumas perguntas bem fundamentais e a elas responder. Por que a igreja existe? Qual é seu propósito principal? Por que, antes de qualquer coisa, Deus a deixou no mundo?[2]

Depois de responder a essas perguntas, o ministro pode responder: "Qual é o *meu* propósito dentro do propósito maior da igreja?"

Antes de morrer, nosso Senhor predisse o estabelecimento de sua Igreja, que seria vitoriosa sobre todos os inimigos (Mt 16.18) e consistiria em todos os crentes, os quais seriam o seu corpo (Ef 1.22,23). A Igreja substitui Israel como povo de Deus na presente dispensação e torna-se uma comunidade de crentes, redimida pelo precioso sangue de Cristo com uma tríplice função. A igreja local é uma comunidade de *adoração*, *testemunho* e *trabalho*. Em outras palavras, a igreja deve *exaltar* o Senhor, *evangelizar* o mundo e *edificar* seus membros.

---

2. Gene Getz, *Igreja: Forma e Essência* (São Paulo: Vida Nova, 1994), 53.

Tudo aquilo que o Novo Testamento prescreve à igreja entra em uma dessas categorias. Somente uma compreensão dessas funções permite que um crente cumpra seu papel no corpo de Cristo. Um ministro só pode servir adequadamente ao seu Senhor e executar o ministério pastoral quando compreende a missão da igreja de Cristo. Vamos examinar estes três propósitos mais detalhadamente.

Uma Comunidade de Adoração

O propósito maior da humanidade é adorar a Deus e desfrutar de sua criação. O maior mandamento é amar a Deus "de todo o teu coração... e o teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22.36-40). A vocação máxima da igreja é exaltar o Senhor, magnificar seu caráter e glorificá-lo diante de toda a criação. Saucy afirma: "A adoração é central na existência da igreja. As palavras do apóstolo Paulo de que Deus escolheu e predestinou filhos para si mesmo em Cristo, 'para louvor e glória da sua graça' (Ef 1.4-6) dão a entender que o propósito maior da igreja é a adoração daquele que a trouxe à existência".[3]

Assim, compreendemos as palavras de Pedro como uma identificação do propósito da igreja de Cristo de ser a exaltação de Deus por palavras e obras:

> Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo. Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pe 2.5, 9).

A igreja é uma comunidade redimida de pecadores separados para adorar a Deus em Cristo. O ministro é um adorador. Ele deve adorar e, depois, dirigir a comunidade na adoração.

Que é adoração? "Adoração é a honra e o culto dirigido a Deus", afirma MacArthur.[4] Martin diz: "A adoração é a celebração dramática de Deus em seu valor supremo, de tal forma que este 'valor' torna-se a norma e a inspiração da existência humana".[5] Assim, "adorar a Deus é atribuir-lhe o valor supremo do

3. Robert L. Saucy, *The Church in God's Program* (Chicago: Moody, 1972), 166.

4. John MacArthur, Jr., *The Ultimate Priority* (Chicago: Moody, 1983), 14.

5. Ralph R. Martin, *The Worship of God* (Chicago: Moody, 1982), 4.

qual somente Ele é digno". Estamos adorando a Deus quando nos damos "completamente nas ações e atitudes da vida".[6]

O ministro do Novo Testamento deve observar a distinção clara entre os padrões de adoração de Israel e os da igreja. Uma mudança dramática emerge entre o padrão delineado de adoração em Israel e o da nova ordem na qual Deus é adorado "em espírito e em verdade" (Jo 4.24). A igreja não possui formato prescrito, nenhum templo, lugar sagrado, sistema sacrificial ou sistema de sacerdotes. Qualquer tentativa de instituir algum desses antigos aspectos na igreja corre o risco de torná-la Israel novamente.

A igreja é espiritualmente um templo por constituir-se habitação de Deus, sendo chamada "casa espiritual" (1 Co 3.16, 1 Pe 2.5). Ela não contém um corpo de sacerdotes, mas, antes, oferece sacrifícios espirituais a Deus (Rm 12.1,2; 1 Pe 2.5; Ap 1.6). Os autores do Novo Testamento, embora empreguem terminologia similar ao descrever a função de adoração da igreja, tiveram o cuidado de não impor a essa o "vinho velho" destinados aos "odres velhos".

A ausência de uma ordem prescrita caracteriza algumas formas singulares e especiais pelas quais a igreja oferece adoração a Deus. Esses sacrifícios espirituais tornam-se o serviço dos cristãos ao Senhor. O Novo Testamento fala desses sacrifícios muitas vezes empregando terminologia sacrificial, mas com uma distinção óbvia em relação ao sistema veterotestamentário implicado. O cristão deve se envolver no ministério do Evangelho (At 6.5; Rm 15.16; 2 Tm 4.6), do viver santo (Rm 12.1,2; 1 Pe 1.12-16), da oração (At 6.6; 13.2,3; 1 Tm 5.5; Ap 4.8, 10-11), da gratidão (Ef 5.19,20; Cl 3.16,17; Hb 12.28; 13.15) e do socorro (Rm 15.27; 2 Co 9.12; Fp 2.4; 4.18; Hb 13.16).

Um exame rápido desses aspectos da adoração no Novo Testamento reforça o que tem sido verdade desde o princípio dos tempos — que toda a vida deve ser um ato de adoração. Moule oferece este sumário distinto: "Toda a vida cristã é adoração, 'liturgia' significa culto; todos os crentes participam do sacerdócio de Cristo, e toda a igreja cristã é a casa de Deus (1 Co 3.16; Ef 2.22)".[7]

O Novo Testamento apresenta apenas um leve esboço de algum tipo específico de uma verdadeira experiência de adoração coletiva na Igreja Primitiva. Aqui e ali, temos um breve relance das reuniões dos crentes do Novo Testamento. Sabemos que "perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão,

6. Saucy, *The Church*, 166.

7. C. F. D. Moule, *Worship in the New Testament* (London: Lutherworth, 1961), 85.

no partir do pão e nas orações" (At 2.42). Eles se reuniam para períodos de oração (At 4.31; 12.5). O melhor relance de um culto público está na advertência de Paulo com relação à desavença dos coríntios por causa do uso de línguas (1 Co 12-14). Os crentes reuniam-se, obviamente, para exaltar a Deus tanto pela oração e profecias como pela música (1 Co 14.26). A intenção de tudo era adorá-lo (14.16, 25) com o propósito que todos fossem edificados (14.26).

A função do pastor é liderar a igreja no cumprimento desse grande alvo, a adoração ao Senhor. Obviamente, o próprio ministro deve ser um verdadeiro adorador e, conseqüentemente, dirigir a congregação nesse propósito, ajudando-a a compreender os aspectos neotestamentários da adoração e liderá-la na adoração coletiva a Deus durante as várias reuniões. Ele deve ensiná-la a adorar e liderá-la, acompanhando-a.

Uma Comunidade de Testemunho

É comum entender-se o segundo e o terceiro grande propósito da igreja como extensões do primeiro. Testemunhar e ministrar uns aos outros são, em certo sentido, atos individuais de adoração. Assim, duas outras maneiras de adorar a Deus é ganhar pessoas perdidas e ajudar o povo de Deus. Às vezes, "uma só [coisa] é necessária" (Lc 10.42), a simples adoração a Deus! Mas, por questões de simplicidade e desenvolvimento, resolvemos manter os dois próximos propósitos distintos do primeiro.

O segundo grande propósito da igreja é evangelizar o mundo perdido. A igreja deve ser uma comunidade que testemunhe a graça salvadora de Cristo. Os Evangelhos são unânimes quanto à Grande Comissão dada por Cristo à igreja (Mt 28.18-20; Mc 16.15,16; Lc 24.46,47; Jo 17.18). O livro de Atos não apenas apóia essa comissão (1.8) como registra a obediência da igreja a este chamado, saindo de Jerusalém e chegando às partes mais remotas da terra.

A evangelização não é uma opção que a igreja aceita ou rejeita. Ela não está limitada aos que têm dom ou aos líderes da igreja, pois é uma missão para todos os cristãos. A expansão é uma ordem. A verdadeira evangelização fiel não é apenas um comando, mas uma compulsão (At 5.42; Rm 1.14-17; 1 Co 9.16-18). A evangelização é o coração e a alma da igreja do Novo Testamento. O mandato é claro: "Convinha que... em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém" (Lc 24.46-48).

O cumprimento desse propósito segue duas modalidades em Atos. A primeira é o contato com os perdidos na vizinhança imediata, seja a pessoa

próxima de nós (At 2), a casa ao lado (At 5.42), a cidade vizinha (At 8.5) ou um povo de outra constituição étnica (At 10). A Igreja Primitiva não compreendia a Grande Comissão como uma ordem para que se fizesse uma evangelização por espécie. Só havia uma Igreja, composta de todos os povos (veja Ap 7.9).

A segunda modalidade era alcançar os de regiões distantes (cf. Rm 15.18-29), que implicava o comissionamento de homens especiais com a missão de levar o Evangelho às partes remotas da terra (At 13.1-3). A igreja não foi negligente na obediência à ordem do Senhor, mas empenhou-se tanto para ganhar almas, bem como plantar igrejas em outras comunidades.

O propósito da igreja ainda é o mesmo. A Grande Comissão continua de pé. A tecnologia moderna não a anulou. As necessidades sociais prementes não a revogaram. Os problemas espirituais na igreja não superaram sua importância. Nem Cristo, nem Paulo ficaram mais que o necessário em um determinado lugar. Eles seguiam adiante, para que outros pudessem ouvir o Evangelho.

Segundo nossa concepção bíblica de ministério pastoral, o pastor deve encontrar seu lugar na tarefa de liderar a congregação para que ela cumpra a Grande Comissão. O próprio ministro é, por desígnio de Cristo, um missionário. Sua igreja deve ser missionária para os do outro lado da rua ou os do outro lado do mundo. Ele deve ser um líder internacional. Sua visão deve ultrapassar os bancos. Ele deve abrir o caminho orando por novos campos, para que Deus levante trabalhadores (At 13.1-3), pela seleção e sustento de missionários e por projetos evangelístico. Se for ministro fiel, não fará menos que isso e não ousará fazer outra coisa.

Uma Comunidade de Trabalho

O terceiro propósito da igreja é edificar-se pela interação dos vários membros do corpo de Cristo. A função do cristão é edificar ou construir espiritualmente os companheiros no corpo. Getz afirma: "A igreja deve tornar-se um organismo maduro, mediante o processo de edificação, a fim de honrar e glorificar a Deus".[8]

O Novo Testamento contém algumas referências a esse propósito vital porém negligenciado pela igreja (Mt 28.18-20; At 20.17-35; Rm 12.1-8; 1 Co 12-14; Ef 4.7-16; Cl 1.24-29; 1 Pe 4.10,11). Um sumário desses textos relata que Deus espera que a igreja, um organismo vivo, cresça espiritualmente à

8. Getz, *Igreja: Forma e Essência*, 95

semelhança de Cristo. Ele também registra que o Senhor deu a cada crente um dom espiritual inigualável, o qual não se dirige ao crescimento pessoal, mas à contribuição e desenvolvimento espiritual dos companheiros cristãos. O papel do pastor dotado para a tarefa é ajudar os crentes a descobrir e utilizar seus dons para o crescimento do corpo de Cristo. Uma igreja madura pode, assim, permanecer unida, firme em sua devoção a Cristo, funcionando de acordo com o propósito de Deus e sendo capaz de se opor aos ataques de Satanás.

Paulo compreendeu bem seu ministério pastoral, conforme declara em Colossenses 1.28,29: "A quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente". Essa passagem serve para destacar o propósito de um ministro cristão. Considere as seguintes observações sobre o texto:

1. *O propósito* — "Para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo". Paulo deixa claro que o propósito do pastor não é encher o auditório de pessoas, nem pregar sermões maravilhosos, entreter a congregação ou ganhar um salário. A tarefa do ministro é ajudar cada crente a ser como Cristo, preparar cada filho de Deus para seu encontro com o Senhor e Salvador no grande dia (veja 1.22). "Um alvo glorioso", afirma Eadie, "... o mais nobre que pode instigar o entusiasmo ou manter a perseverança no sofrimento ou labor".[9]
2. *O plano* — "Anunciamos [Cristo], admoestando a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria" (1.28). O plano de Paulo era simples, direto, completo e efetivo. Paulo pregou Cristo e somente Cristo! (veja 1 Co 1.23; 2.2). Seu alvo era apresentá-lo a todos os homens, exortando-os a se arrepender de seus pecados e a compreender a totalidade do que o crente possui em Cristo. Paulo sentia "a necessidade de empregar as melhores habilidades no desempenho das tarefas desse ofício e

9. John Eadie, *Commentary on the Epistle of Paul to the Colossians* (reimpressão, Minneapolis: James and Klock, 1977), 104.

dar toda preferência a isso".[10] Admoestando e ensinando, ele procurou criar essa maturidade.[11]

3. *O esforço* — "Para isto também trabalho, combatendo..." (1.29). O propósito de Paulo era totalmente envolvente, pesado. Como um atleta, ele lutava por uma missão perfeita.[12] "Não era um trabalho diurno, um passatempo; aquilo exigia todas as suas faculdades em todos os momentos", explica Eadie.[13] O trabalho de ganhar e discipular os crentes não é fácil, nem é para os tímidos. A motivação deve ser o alvo para apresentar crentes maduros a Cristo (veja Ef 5.26,27).

4. *O poder* — "Segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente" (1.29). Nenhum ministro está apto para esta tarefa. Deve haver uma dependência absoluta do poder que apenas Cristo pode suprir e suprirá aos que Ele chama e aos que humildemente dependem de sua força, graça e poder eficaz. Em outro texto, Paulo afirma: "A nossa capacidade vem de Deus" (2 Co 3.5).

Assim, vemos que Paulo entendia seu papel como ministro da Palavra para desenvolver a maturidade de cada pessoa. O evangelho dele não era exclusivo; mas uma mensagem totalmente abrangente.

Outro texto a considerar na discussão do propósito da igreja como uma comunidade de trabalho é Efésios 4.11-16. Esta passagem é importante não apenas na compreensão do propósito da igreja, mas também por ser uma descrição explícita da função do pastor em relação a esse propósito.

Efésios é *a* epístola da eclesiologia. O capítulo 4 trata do relacionamento que os crentes devem manter, ou seja, a unidade harmoniosa de amor. Uma forma de promover esta unidade é contribuir com liberalidade e exercer esses

10. Ibid., 103. Eadie aqui também uma exortação séria.

11. "As duas palavras νουθετεῖν *(nouthetein,* 'admoestar') e διδάσκειν (*didaskein,* 'ensinar') apresentam aspectos complementares da tarefa do pregador relacionados entre si, assim como μετάνοια (*metanoia,* 'arrependimento') está para πιστις (*pistis,* 'fé') e '*admoestar* para arrependimento, *instruir* na fé'" (J. B. Lightfoot, *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon* [reimpressão, Grand Rapids: Zondervan, 1968], 170).

12. Paulo usa κοριάω (*kopiaö,* "labuto") e ἀγωνίζω (agonizo, "luto"). Κοριάω "é usado especialmente em relação à labuta do atleta em treinamento e, portanto, introduz a metáfora de ἀγωνιζομενος" (Lightfoot, *Colossians,* 176).

13. Eadie, *Colossians,* 104.

dons. Paulo passa a expor sobre essas verdades nos versículos 7–16. Quatro observações são oportunas:

1. *A distribuição dos dons* (1. 7-11). Paulo primeiro fala da distribuição divina dos dons, pela qual cada membro da igreja de Cristo recebe um dom espiritual. Os dons variam quanto à natureza e impacto, mas têm um alvo: o benefício ou o bem comum, ou seja, a edificação mútua (veja 1 Co 12.1-11; Rm 12.3-8). A distribuição desses dons à igreja em geral (v. 7) também inclui dons para um grupo específico que preencha os ofícios de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (ou pastor-mestre).[14] A intenção do apóstolo Paulo é destacar a natureza específica desses dons, de modo a indicar o papel que desempenham entre os outros irmãos.
2. *O destino dos dons*. Paulo afirma que o propósito dos homens dotados é "o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, edificação do corpo de Cristo" (v. 12). A própria ordem das frases e o uso das preposições transmitem um sentido simples: "para que os santos seja aperfeiçoados em todas aquelas variedades de serviços essenciais para a edificação da igreja".[15] A função do pastor-mestre é dar maturidade aos santos, corrigi-los e instruí-los na Palavra de Deus. Esses santos amadurecidos ficam, assim, devidamente capacitados para realizar a obra do ministério, exercer seus dons espirituais e servir uns aos outros. O propósito da obra ministerial para os santos é que o corpo de Cristo seja edificado. Eadie afirma: "O progresso espiritual da igreja é o alvo maior do pastorado cristão".[16]

   Deus não fez o pastor para que seja o *office-boy* da igreja. O pastor também não é o único dotado para o ministério. Aliás, ele não possui todos os dons necessários para edificar o corpo de modo adequado

14. Alguns consideram o ofício de pastor e mestre como uma unidade, ou seja, o pastor-mestre. Veja William Hendricksen, *New Testament Commentary, Exposition of Ephesians* (Grand Rapids: Baker, 1967), 196; veja também John Eadie, *Commentary on the Epistle to the Ephesians* (reimpressão, Minneapolis: James and Klock, 1977), 304-5.

15. Eadie, *Ephesians*, 308. Veja seu comentário quanto a diferentes formas de interpretar esse versículo.

16. Ibid., 309.

e completo. Seus dons são para aperfeiçoamento, enquanto os outros membros do corpo possuem os dons que são úteis para um ministério completo no corpo. É tolice a igreja esperar que seu pastor realize todo o ministério, bem como é absurdo um ministro considerar-se o único capaz de servir os santos. Sua tarefa é aperfeiçoar. O deles é ministrar uns aos outros. O resultado final é uma igreja edificada.

3. *A descrição da edificação.* Paulo passa a explicar o que significa edificar o corpo, apresentando três descrições paralelas (v. 13). O alvo da igreja é ser unida na fé e no pleno conhecimento do Senhor Jesus. Obviamente, uma compreensão parcial de Cristo provoca desunião, como bem testifica a História. A igreja deve crescer em estatura, passar de criança a adulto, da infância à maturidade. Por fim, a igreja deve preencher a medida da plenitude de Cristo, em tudo ser como Ele, indo ao encontro de suas expectativas.

   Sem dúvida, é uma grande ordem para o pastor. Ninguém deve esperar atingir plenamente esse alvo do lado de cá do céu. Mesmo assim, devemos nos esforçar para levar a igreja de Cristo à maturidade. Hendricksen consola o ministro com este pensamento: "Entretanto, um crescimento maravilhoso em maturidade pode ser obtido pelo esforço humano gerado e sustentado, do princípio ao fim, pelo Espírito Santo".[17]

4. *Os alvos da edificação.* Paulo mostra qual será a conseqüência final de uma igreja madura (v. 14-16). Deixará de ser uma igreja que lembre uma criança de personalidade instável, facilmente enganada e não será desviada por doutrinas divergentes e erros flagrantes. Também não será suscetível aos truques de Satanás. Antes, por conhecer plenamente a Cristo, será capaz de detectar as manobras do diabo e defender-se delas.

   Mantendo a verdade em amor, a igreja crescerá em todos os aspectos de Cristo. Ela se tornará como Ele ou como afirma Hodges: "Vamos crescer de modo a nos conformar com ele... Seremos conformados

17. Hendricksen, *Ephesians*, 200.

> com nosso coração, pois ele é o nosso coração, isto é, porque existe uma união estreita entre nós".[18]
>
> Cristo é, realmente, a fonte suprema de todo poder e energia para a concretização do crescimento do corpo (veja 4.16). O alvo maior é uma comunidade de amor unida pelo mais forte de todos os laços: o amor divino.

O pastor, portanto, possui a tarefa especial de preparar os membros de sua congregação, de modo que descubram e utilizem seus respectivos dons para a maturidade espiritual uns dos outros. Alguns usam a analogia do técnico de um time. O técnico ensina ao time os fundamentos do jogo, e o time joga. A igreja foi projetada para ser uma comunidade de trabalho em que cada membro serve fielmente ao Senhor por meio de seu serviço aos outros membros.

O apóstolo Pedro concorda com Paulo e exorta os peregrinos em sua epístola:

> Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém (1 Pe 4.10,11).

A figura neotestamentária de um pastor e suas ovelhas proporciona um excelente modelo para a igreja e sua liderança. Assim como o pastor de ovelhas lidera, alimenta, prepara, incentiva, protege e multiplica seu rebanho, o pastor de almas deve fazer com seu rebanho. Os paralelos são maravilhosos e ilustrativos. Em termos atuais, os líderes da igreja devem dar direção aos cristãos, conduzindo-os à verdade. Eles devem ensinar à congregação todo o conselho de Deus conforme revelado nas Escrituras, por meio de uma exposição fiel da Bíblia (veja At 20.27; 2 Tm 4.1-5). O pastor deve cuidar para que cada membro de seu rebanho esteja crescendo rumo à semelhança de Cristo, provendo o necessário para que se alcance esse alvo. Ele deve encorajar as ovelhas à medida que avançam por ambientes hostis, protegendo-as dos perigos provenientes do mundo, da carne e do diabo (At 20.28). Sua preocupação constante com lobos

18. Charles Hodge, *A Commentary on the Epistle to the Ephesians* (reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, s.d.), 240.

e armadilhas garante um rebanho seguro e maduro. O alvo do pastor é que a igreja cresça tanto em número como na semelhança de Cristo. Ele não se contentará com poucas ovelhas ou um rebanho tão contaminado pelo pecado e por Satanás que pareçam "ovelhas que não têm pastor" (Mt 9.36).

O pastor desempenha um papel vital no estabelecimento de uma comunidade de trabalho. Embora a igreja seja um organismo, Deus provê líderes piedosos para o corpo de Cristo, a fim de que a igreja receba direção e proteção. Obviamente, a tarefa do ministro nunca se completa, mas ele pode ver seu rebanho crescendo em maturidade à medida que trabalha em conjunto, ministrando segundo as necessidades.

Aplicação Prática

Tendo proposto uma definição e apresentado alguns benefícios de uma filosofia bíblica de ministério pastoral, bem como sintetizado o propósito básico da igreja, podemos oferecer uma declaração geral do propósito bíblico da liderança cristã. A função da liderança pastoral é fornecer direção, cuidado e supervisão à igreja, de modo que ela cumpra as ordens de Cristo: evangelizar o mundo inteiro, crescer na semelhança de Cristo e viver para a exaltação e adoração de Deus. Essa liderança é composta de um grupo seleto de homens, isto é, de uma igreja formada por crentes redimidos.

Permanece ainda uma questão: como essa filosofia bíblica se traduz no ministério prático da igreja local? Que programas ou práticas o pastor deve introduzir em sua igreja para que os propósitos dela sejam cumpridos? Mais uma vez, o Novo Testamento não se pronuncia sobre regulamentações, rituais e práticas rigidamente específicas que sirvam de padrão para todas as congregações. As igrejas primitivas não eram clones umas das outras. Em vez de padrões exatos, o Senhor revelou o propósito da Igreja e os meios básicos pelos quais ele devia ser atingido. Devemos procurar os princípios, e não os padrões. Em alguns casos, os apóstolos são específicos (veja 1 Co 14); na maioria das vezes, eles apresentam o ministério da igreja usando termos gerais, deixando, assim, margem para que cada igreja adapte seu ministério à sua própria cultura e ambiente.

Embora o Novo Testamento não forneça programas específicos a serem desenvolvidos, não faltam ilustrações sobre como a Igreja Primitiva atuava para cumprir seu propósito. Alguns conceitos e práticas podem muito bem ser adaptados, e os exemplos do Novo Testamento fornecem um esboço mínimo

do que deve ocorrer em cada assembléia local. As Escrituras indicam sete ministérios que cumprem três propósitos básicos da igreja: exaltação, evangelização e edificação.

O Ministério da Palavra

Em Atos 2.41,42, está a primeira chave da prática dos primeiros discípulos: "De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e, naquele dia, agregaram-se quase três mil almas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações".

A entrada na igreja dava-se por meio do arrependimento e do batismo, acompanhados pelo dom do Espírito Santo (At 2.38). Depois disso, a igreja recém-formada devotava-se a certo número de atividades que resultavam em crescimento numérico e espiritual (veja 2.47; 4.32-35). Em primeiro lugar, na lista das práticas, estava a perseverança na doutrina dos apóstolos. Os cristãos aprendiam essa doutrina ou a Palavra de Deus, e não apenas ouviam, mas colocavam em prática. A pregação e o ensino da Palavra eram o centro do ministério dos apóstolos. A Palavra é o meio básico pelo qual os cristãos são conduzidos à maturidade (2 Tm 3.16,17; cf. Sl 19.7-11) e não deve ser negligenciada (At 6.2).

O pastor, portanto, é responsável pelo ensino da Palavra de Deus à igreja local. Quer isso seja feito por um sermão de culto, uma classe de escola dominical, um grupo de discipulado, células de estudo ou estudos bíblicos nos lares, não importa. Se a Palavra de Deus for ensinada, a igreja crescerá em fé e amor (Rm 10.17). Porém, introduzir programas inovadores só para variar e animar, sem de fato dar prioridade ao ensino da Palavra, é trocar as louças sem se preocupar com a comida servida. O líder da igreja deve cuidar para que o povo devote-se continuamente ao estudo e à prática da Palavra de Deus.

O Ministério da Comunhão

Lucas menciona uma segunda prática da igreja. Os crentes se devotavam à comunhão, à unidade e à unanimidade do corpo de Cristo. Rackam afirma:

> Essa comunhão foi iniciada por nosso Senhor quando ele convidou os discípulos a deixar tudo e segui-lo. Assim, Eles formaram uma comunidade,

> vivendo em comunhão e partilhando do mesmo bolso. Quando o Senhor foi levado, a vida comunitária continuou e as palavras mais características nos primeiros capítulos de Atos são: *todos, unânimes, juntos*.[19]

A tarefa dos líderes é incorporar os convertidos no corpo local de Cristo por meio da aceitação visível no rol de membros da igreja, a fim de desenvolver-lhes o uso dos dons espirituais, colocá-los em funções espirituais úteis na igreja e cuidar de seu bem-estar espiritual (veja At 2.44,45; 4.32-37; 6.1). A motivação básica da comunidade cristã é a dedicação contínua ao cuidado mútuo. "Isoladamente", acrescenta Getz, "os cristãos não podem crescer de verdade. Eles precisam de experiências mútuas".[20]

Os líderes precisam fazer com que os cristãos se envolvam uns com os outros. Eles devem criar encontros, ocasiões, oportunidades de ministério e estruturas, além de moldar os padrões sociais. A igreja não deve ser um teatro, um auditório ou um evento para espectadores. Antes, deve ser uma comunidade, um corpo, um compartilhar mútuo (veja 1 Co 12.14-27). MacArthur oferece estas idéias quanto à comunhão:

> Comunhão implica proximidade física, amor mútuo e participação conjunta. Inclui ouvir as preocupações de outrem, orar por suas necessidades, visitá-lo no hospital; sentar-se em uma classe ou em um grupo de estudo bíblico e até cantar um hino com alguém que você nunca viu. Ela também implica compartilhar pedidos de oração.[21]

Não há truques para se conseguir comunhão, também não se pode mantê-la artificialmente. Ou os cristãos se importam uns com os outros, tendo consciência de que fazem parte do grupo, ou não. A verdadeira maturidade em Cristo não se desenvolve de modo adequado em reuniões repletas de espectadores anônimos e descompromissados. Os pastores devem lutar pelo inverso disso e procurar meios para estabelecer a comunhão entre os membros.

---

19. R. B. Rackham, *The Acts of the Apostles* (Reimpressão, London: Methuen and Co., 1957), 35.

20. Getz, *Igreja: Forma e Essência*, 185.

21. John MacArthur, Jr., *Shepherdology: A Master Plan for Church Leadership* (Panorama City. Calif.: The Master's Fellowship, 1989), 54; ed. rev. *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991).

O Ministério da Ceia do Senhor[22]

A Igreja Primitiva participava regularmente do "partir do pão", que pode ser entendido no sentido geral, como tomar refeições em conjunto, ou no sentido específico: participar da Ceia do Senhor. Adotamos a segunda interpretação, embora haja indícios de que a Ceia do Senhor, conforme praticada pela Igreja Primitiva, era acompanhada de uma refeição conjunta (veja 1 Co 11.17-34).[23]

A Ceia do Senhor, da mesma forma que a ordenança do batismo, não é uma prática trivial, mas está centrada na mensagem cristã (1 Co 11.23-26). O simbolismo, a solenidade com celebração e a santidade exigida de todos os participantes fazem dela um dos cultos mais inspirativos e repletos de louvor da comunidade cristã. Lindsay, falando da Igreja Primitiva e de sua prática de observar a Ceia do Senhor, relembra a importância desta como um ato de adoração: "E a Santa Ceia, o próprio ápice e coroa de toda adoração pública cristã, em que Cristo se dá para seu povo e este se dedica a Ele de corpo, alma e espírito, sempre foi um sacrifício, da mesma forma que as orações, os louvores e as ofertas".[24]

Se o culto de adoração da igreja nunca ou raramente inclui a Ceia do Senhor, então fica aquém das intenções de Deus (1 Co 11.23) e práticas da Igreja Primitiva (At 2.42). Grandes benefícios espirituais recaem sobre a igreja quando a Ceia do Senhor é devidamente observada e não trivializada como um apêndice de um sermão ou de uma celebração musical. Os pastores devem ensinar e incentivar a congregação, para que celebre a Ceia do Senhor de modo significativo, inspirado e edificante para a alma.

O Ministério da Oração

Observamos em Atos 2.42 que a igreja se dedicava não somente a orar, mas "*às* orações".[25] A expressão, provavelmente, refere-se a "períodos que eles destacavam para orar juntos, dentro da nova comunidade".[26] Rackam afirma

---

22. "As marcas da igreja que se seguem são as principais manifestações exteriores dessa unidade interior e podem ser resumidas brevemente como uma vida, adoração e refeições em comum" (tanto de comida física como de comida espiritual). (Rackham, *Acts of the Apostles*, 35).

23. Thomas M. Lindsay, *The Church and the Ministry in the Early Centuries* (reimpressão, Minneapolis: James Family, 1977), 50-52.

24. Ibid., 37.

25. Observe o artigo grego, ταῖς προσευαῖς

26. F. F. Bruce, *Commentary on the Book of the Acts* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), 80.

que "a expressão *às orações* quase implica uma referência a possíveis períodos regulares de oração, correspondendo às orações judaicas nas sinagogas, porém não temos informações a respeito".[27] A oração era uma parte importante da vida da igreja (At 1.14; 3.1; 1.23-31; 6.4; 10.9; 12.5 etc.). A igreja orava pelos seus líderes (6.6), missionários (13.3), doentes (Tg 5.14-18), governantes (1 Tm 2.1,2) e por tudo que se pudesse pensar (Fp 4.5-7).

A oração efetiva move Deus, transforma e realiza muitas coisas. A igreja que ora será uma comunidade de vitórias, crescimento e maturidade. O incrível nas igrejas atuais é o que acontece com tão pouca oração. A resposta para os problemas de muitas delas não é aumentar seminários, programas e recursos promocionais, mas aumentar a intercessão do povo de Deus, tanto em grupo como em particular.

O Ministério de Expansão

Outro aspecto do ministério que precisa ser incorporado à vida da igreja é a educação, o envolvimento e a motivação, visando alcançar a comunidade perdida ao redor. Os primeiros crentes preocupavam-se com os perdidos e tinham por estilo de vida testificar sobre o Evangelho de Jesus Cristo. Lucas faz esta observação acerca da liderança da igreja: "E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo" (At 5.42). O relato de Atos dos Apóstolos é uma descrição da disseminação do Evangelho conforme a ordenança de Cristo.

A evangelização é o que se espera do crente e, especialmente, da igreja local. A igreja atual comete dois erros graves nesse sentido. O primeiro é a noção de que a função do pastor é ensinar o povo, e a igreja se encarregará naturalmente da tarefa de evangelizar. A outra falácia é que a evangelização é tarefa do pastor ou dos líderes da igreja. Eles são os "contratados", pagos para evangelizar. Mais recentemente, alguns têm afirmado que a evangelização é um dom e, como tal, deve ser utilizado pela igreja.

Afirmamos que a evangelização se "pega" e aprende. Os pastores devem praticar a evangelização pessoal, bem como ensinar a congregação a evangelizar. Uma igreja que não sabe se reproduzir nem se reproduz é, na realidade, uma congregação imatura, independentemente de sua compreensão intelectual das

27. Rackham, *Acts of the Apostles*, 41.

Escrituras ou da sofisticação de seus programas coletivos. (A questão da expansão é assunto de estudo mais detalhado no capítulo 18, "A Evangelização").

O Ministério de Missões

A conseqüência óbvia da tentativa de cumprir a Grande Comissão será a incorporação de um programa de missões na igreja local. A fidelidade à ordem do Senhor de fazermos discípulos de todas as nações incluirá um esforço dirigido, não importa a magnitude, para alcançar as regiões fora da vizinhança imediata da igreja local. Essa igreja terá um programa missionário da qual participará orando, selecionando, bem como enviando e sustentando cristãos especiais que sejam enviados por ela para alcançar os perdidos.

O pastor tomará dianteira no estabelecimento e na manutenção do programa missionário. Não se trata de uma tarefa a ser delegada à sociedade missionária feminina ou à comissão de missões. A Igreja Primitiva entendia que as missões eram de suprema importância (At 13.1-3; 14.27; 15.36-40), e não um programa secundário ou menor. Cada igreja, grande ou pequena, deve ter seu próprio envolvimento no empreendimento missionário do corpo de Cristo.

O Ministério da Comunhão entre Igrejas

As igrejas do Novo Testamento eram congregações autônomas sob a supervisão de seus próprios presbíteros e líderes. Elas partilhavam tradições e práticas semelhantes, mas eram congregações distintas. Ainda assim, havia uma boa dose de interdependência. Elas se ajudavam na tarefa de discipular (At 11.27-30), nas decisões eclesiásticas gerais (At 15.1-31; 16.4) e mantinham um relacionamento ativo umas com as outras, de modo que cada igreja se considerava uma parte do todo.

Isso deve ocorrer hoje. As igrejas devem pertencer a um grupo maior para apoio mútuo e cooperação. Essa unidade pode realizar-se por meio de uma denominação, uma associação de igrejas ou uma fraternidade de ministros que tenham idéias semelhantes. O resultado será o mesmo.

O pastor deve cuidar para não se tornar um proverbial lobo solitário, isolando a si mesmo e a sua congregação do restante do corpo de Cristo. Isso resultará em perda para ele e em redução do ministério. O ministro deve liderar a igreja nos projetos cooperativos e patrocinar os programas que sustentem e incentivem a fraternidade.

Como se pode ver, não há formas específicas de o pastor concretizar os propósitos da igreja bíblica em sua congregação. Porém, deve certificar-se de começar pelas Escrituras. O Espírito Santo, em sua soberana sabedoria, nos concedeu princípios bíblicos que podem ser aplicados em todas as eras e culturas. O restante é com os ministros cristãos.

PARTE II

PERSPECTIVAS PREPARATÓRIAS

5. O Caráter do Pastor
6. O Chamado para o Ministério Pastoral
7. O Treinamento para o Ministério Pastoral
8. A Ordenação para o Ministério Pastoral

5

O Caráter do Pastor

John MacArthur, Jr.

Em Tito 1, Paulo oferece uma boa oportunidade para discutir os traços do caráter necessário àquele que detenha o ofício de pastor em uma igreja local. Ele deve ser um homem da mais elevada moral em sua conduta sexual, incluindo um relacionamento sadio com a esposa. Em segundo lugar, também deve ser alguém que tenha provado suas capacidades de liderança na própria família. Deve ser bem-sucedido no ministério junto aos filhos, tanto no aspecto geral como no espiritual. Em terceiro lugar, deve demonstrar nobreza em sua atitude e conduta, livre de caprichos, irritabilidade, embriaguez, agressividade e amor pela torpe ganância. Deve ter qualidades positivas de hospitalidade, amor pelo bem, sensibilidade, justiça, pureza e autocontrole.

Há muitas tendências na igreja hoje; por isso, muitas vezes, tenho tentado referir-me a elas no púlpito e nos livros que escrevo.[1] O livro de Tito trata de uma das tendências mais prejudiciais que tenho visto: a desconsideração das orientações de Deus quanto ao tipo de pessoa que Ele deseja como pastor de suas ovelhas. Tito 1.9 fala do que Deus deseja que o pastor faça, mas, antes disso, e mais importante, os versículos 6-8 tratam de como ele deve ser:

1. Por exemplo, em *Ashamed of the Gospel: When the Church Becomes Like the World* (Wheaton: Crossway, 1993); *Our Sufficiency in Christ* (Dallas: Word, 1991); *Reckless Faith* (Wheaton: Crossway, 1994); e *The Vanishing Conscience* (Dallas: Word, 1994).

> ... aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes. Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante.[2]

Esse é o padrão de Deus para o caráter de qualquer pastor, sendo, portanto, a primeira consideração no preparo ao ministério pastoral.[3]

"Irrepreensível" (ἀνεγκλῆτος, *anengklêtos*) descreve por duas vezes o efeito de uma vida piedosa (1.6,7). Literalmente, o pastor "não será reprovado" ou, em outras palavras, ele será "inculpável" ou estará "livre de ressalvas". Estas devem ser as características constantes de sua vida, uma vez que assume a mordomia do ministério de Deus (1.7). Esse termo aplica-se aos diáconos em 1 Timóteo 3.10, formando assim, uma estreita associação com ἀνεπιλῆμπτος (*anepilêmptos*), palavra usada para bispos em 1 Tm 3.2.[4]

"Irrepreensível" não se refere a uma perfeição impecável, pois, nesse caso, nenhum ser humano estaria qualificado para o ofício,[5] mas a um padrão elevado e maduro que implica em um exemplo coerente. É exigência de Deus que seu despenseiro viva de maneira santa, de tal forma que sua pregação nunca seja contraditória ao seu estilo de vida, que suas faltas nunca tragam vergonha ao ministério e sua conduta não mine a confiança do rebanho no ministério de Deus.

Ela é a qualidade mais importante do pastor. O restante da lista é uma análise detalhada de cada componente dessa característica, desenvolvendo o seu significado. Os componentes dividem-se em três grupos: moralidade sexual, liderança familiar aprovada e nobreza de atitude e conduta.

---

2. Veja uma discussão aprofundada de 1 Tm 3.1-7 em John MacArthur, Jr., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991), 215-33.

3. Veja em Alexander Strauch, *Biblical Eldership*, 2d ed. (Littleton, Colo.: Lewis and Roth, 1988), 166-206, uma exposição de 1 Tm 3.1-7 e Tt 1.5-9.

4. H. Währisch, "ἀνέκλητος", *IDNTT*, 3:923-25.

5. O termo refere-se à inculpabilidade suprema quando aplicado ao caráter eterno dos cristãos após a morte (veja 1 Co 1.8; Cl 1.22).

Moralidade Sexual

Uma tendência contemporânea que causa grande preocupação é o fato de os pastores cometerem pecados morais escandalosos, voltando ao ministério assim que a publicidade diminui. Tenho recebido consultas de outras igrejas, indagando se nossa igreja possui diretrizes escritas ou um manual que trate de como reconduzir ao púlpito os pastores que caíram em pecado. Temos de dizer às pessoas que não temos nada parecido, pois cremos que a Bíblia ensina claramente que se alguém falha no campo da moralidade sexual está desqualificado de vez para o ministério pastoral. Com certeza, desejamos que eles sejam restaurados para o Senhor e a comunidade, mas as qualidades bíblicas exigidas de alguém que pregue a Palavra de Deus e seja identificado como pastor, bispo ou presbítero os excluem dessa função em uma igreja que esteja agradando a Deus.

Durante este século, na maior parte do tempo, o Cristianismo evangélico vem se concentrando na batalha pela pureza doutrinária, e deve fazê-lo, mas estamos perdendo a batalha pela pureza moral. Temos pessoas com a teologia certa, vivendo de modo impuro. O padrão de Deus não pode ser rebaixado por questões de simpatia. Isso não é preciso, pois podemos demonstrar amor, perdão, graça, misericórdia e amabilidade, sem comprometer o que Deus diz acerca do caráter dos homens que Ele deseja na liderança de sua Igreja. Todas as batalhas pela integridade das Escrituras seriam, afinal, vãs, se os pregadores da igreja fossem corruptos, e as ovelhas já não seguissem seus pastores como modelo de santidade. A igreja precisa de líderes irrepreensíveis. Menos que isso é uma abominação para Deus e gera desastre à vida da igreja.

A primeira qualidade de caráter em Tito que detalha o que significa um pastor ser irrepreensível é que ele seja "marido de uma mulher" (Tt 1.6). Uma tradução literal da expressão grega é "homem de uma só mulher". Não se trata de poligamia, um pecado condenado em todos, não apenas em pastores.

Alguns pensam que "marido de uma mulher" significa que se o pastor enviuvou e voltou a casar-se, está desqualificado. Romanos 7.1-6, porém, deixa claro que se a esposa morre, o marido fica livre daquela união. Assim, esse não deve ser o significado. Outros, portanto, concluem que "marido de uma mulher" significa que o pastor deve ser casado, não solteiro. A posição enfática do numeral *uma*, porém, depõe contra isso. Se Paulo quisesse falar dos casados, em contraposição aos solteiros, poderia ter dito que os pastores devem ser casados ou usaria um artigo indefinido: marido de uma (alguma) mulher.

Paulo, por inspiração do Espírito Santo, empregou deliberadamente uma frase que significa "de uma só mulher". Entendo que isso possui um aspecto: as implicações com respeito ao divórcio. A Palavra ensina que o Senhor odeia o divórcio (Ml 2.16), embora Ele o tenha permitido em certas circunstâncias. Isso, porém, nunca fez parte do ideal de Deus e talvez o pastor deva ser escolhido entre homens que, mesmo antes da salvação, não tenham se divorciado, de modo que a vida deles possa ser um modelo adequado do ideal marital de Deus. Ex-esposas e filhos de outros casamentos, portanto, não teriam oportunidade de comprometer ou atacar a credibilidade do mais elevado ofício na igreja e destruir a reputação do pastor, falando coisas a seu respeito.

Com certeza, a tarefa de edificar casamentos piedosos e famílias fortes na igreja exigiriam uma história matrimonial impecável na vida do pastor. Um homem que nunca se divorciou e manteve-se casado com uma única mulher, seria um tipo de exemplo supremo do que Deus deseja de um homem e de uma mulher juntos, em harmonia, por toda a vida.

Mas, esse é só o ponto de partida. Há uma porção de homens que só tem uma esposa, mas não são homens de uma só mulher (Mt 5.27,28). São maridos de uma, mas amantes de outras duas ou três. Em seu aspecto primário, homem de uma só mulher significa um homem devotado à mulher que é sua esposa. Seus olhos e coração permanecem centrados nela. A questão não é apenas rejeitar o divórcio a todo custo. É permanecer fiel à esposa.

Este mundo transborda de pecados sexuais, e Paulo orienta a igreja a ordenar como líderes homens que tenham reputação impecável. A pessoa em questão é inatacável por ter sido e ser ainda leal à mulher com quem se casou? Ele teve uma carreira sexual no passado que talvez tenha sido totalmente interrompida, mas que quase todos conhecem? Esse não é um homem que possa levantar-se e dizer: "Eis, amados, o modelo excelente de Deus". O problema é o caráter moral, não o estado civil.

O pastor deve ter uma reputação de ser sexualmente puro. Se for casado, deve ser devotado à sua única esposa, sem escândalos provocados por ex-amantes, filhos ilegítimos ou adultérios presentes. Ele ama e deseja apenas uma mulher, sendo fiel a ela.

Esse é o tipo de homem que Deus está procurando para estabelecer como modelo em sua igreja. Isso não significa que tais homens sejam melhores que os outros ou mais espirituais, dotados ou mais usados por Deus que os outros. Significa, porém, que são adequados para uma função singular. De acordo com

a Palavra de Deus, ninguém é superior.

Muitos talvez perguntem: "Que dizer de Davi e Salomão?" Em 1 Reis 15.5 está registrado: "Porquanto Davi tinha feito o que era reto aos olhos do Senhor e não se tinha desviado de tudo o que lhe ordenara em todos os dias da sua vida, *exceto* quando cometeu pecado sexual com Bate-Seba, esposa de Urias, o heteu" (itálico meu). Do filho de Davi, que seguiu os passos do pai nessa área, as Escrituras dizem: "Porventura, não pecou nisso Salomão, rei de Israel, não havendo entre muitas nações rei semelhante a ele, e sendo amado de seu Deus, e pondo-o Deus rei sobre todo o Israel? E, *contudo*, as mulheres estranhas o fizeram pecar" (Ne 13.26, itálico meu). Havia, porém, uma exceção na vida de ambos os reis. Eles eram qualificados como reis, mas não como pastores.

O pecado sexual desqualifica qualquer homem para o pastorado. O apóstolo Paulo permanecia plenamente consciente desse fato ao dizer: "Subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado" (1 Co 9.27). É uma terminologia forte. Paulo mantinha uma disciplina pessoal rígida para não ser desqualificado para o ministério pastoral. Ele sabia que qualquer tipo de pecado sexual implicaria reprovação vitalícia.

Liderança Familiar Provada

Os pecados sexuais mancham o rebanho de Deus. O pastor, longe de manchá-lo, deve cuidar dele com o amor de pai ou mãe. Esse é o retrato pastoral apresentado por Paulo: "Antes, fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos" (1 Ts 2.7,11). Uma vez que o pastor deve ser um líder da igreja e pai amoroso da família de Deus, qual a melhor qualificação senão a liderança espiritual provada em sua própria família?

Se você quiser saber se um homem vive uma vida exemplar, se ele é coerente, se pode ensinar, exemplificar a verdade, conduzir as pessoas à salvação, à santidade e ao serviço de Deus, então observe os relacionamentos mais íntimos de sua vida e veja se ele consegue cumprir essas coisas. Observe sua família e você vai encontrar as pessoas que o conhecem melhor e o sondam mais de perto. Pergunte-lhes o tipo de homem que é.

Há muitos homens que trabalham duro. Alguns também conseguem administrar bem a casa, mas não levam os filhos a Cristo e a uma vida de piedade.

BIBLIOTEÇA AUBREY CLARK

Há muitos homens que trabalham duro. Alguns também conseguem administrar bem a casa, mas não levam os filhos a Cristo e a uma vida de piedade. Esses homens não são candidatos potenciais a pastor. Visto que a liderança pastoral é um processo de paternidade em que o pastor ou presbítero deve ser capaz de liderar seu povo tanto por meio de sua vida como por seus preceitos, a igreja precisa de alguma pista de provas com a qual possa verificar se aquele tipo de liderança já é visível em sua vida. Essa pista é o lar.

É importante esclarecer três pontos:

1. Pode ser que você, como pai, tenha se esforçado de maneira correta e justa a fim de levar seus filhos à fé em Cristo, mas não tenha visto o fruto que desejava. Você não é responsável por seus filhos rejeitarem a verdade, mas também não é qualificado para ser pastor.
2. As Escrituras não impedem que um solteiro torne-se pastor. Pelo que sabemos, é provável que o apóstolo Paulo fosse solteiro.
3. Não há nada nas Escrituras que impeça um homem sem filhos de ser pastor.

Quando não existe casamento ou filhos, a igreja deve observar no candidato outras experiências como indícios de liderança espiritual. Se ele já tem sido fiel como líder espiritual em outras áreas, sendo as virtudes de sua vida bem evidentes, ele pode ser cogitado para o ministério pastoral.

Para a maioria dos homens, porém, a família é a arena em que se pode avaliar a liderança espiritual. Se um homem tem filhos crentes, não envolvidos em dissipação e rebelião, eles não trarão escândalo à sua reputação ou à integridade da igreja de Deus. Imagine a vergonha, caso um homem se colocasse no púlpito e dissesse: "Assim diz o Senhor: é assim que se deve viver; este é o padrão elevado de Deus; isso é o que Ele espera de vocês; é assim que se transmite a piedade de uma geração a outra". Porém, se o povo pudesse olhar para a vida dele, diria: "Espere um pouco, você tem filhos desviados, fora do controle, que vivem em desobediência e rejeitam o Evangelho. Por que *você* está nos ensinando a agradar a Deus?" Isso põe em dúvida a integridade de sua mensagem, reduz o impacto e diminui a credibilidade de seu ministério.

Paulo afirma que você deve se certificar de que esteja escolhendo homens que tenham boa reputação tanto fora como dentro da igreja; indivíduos que nunca ficarão desacreditados por causa de um filho incrédulo e obstinado. Al-

guns questionam essa interpretação, dizendo: "Tito 1.6 não deve significar que o pastor precisa ter filhos convertidos, porque isso faz parte da soberania de Deus. Se o Senhor não resolveu escolher seus filhos, fica problemático". Francamente, essa é uma concepção antibíblica e fatalista que não considera o impacto de uma vida piedosa ou o fato de que todo crente tem uma responsabilidade pessoal de evangelizar. As Escrituras ensinam que uma vida piedosa conduz as pessoas à salvação. A eleição é assunto pessoal de Deus e algo pelo qual lhe damos glória, mas não se deve levá-la em consideração em nossa vida e testemunho espiritual.

Se, em minha casa, sou devotado a uma vida piedosa e virtuosa de integridade, e por meio dessa proclamo a verdade do evangelho da salvação, há bons motivos para crer que Deus, em sua graça, usará isso para redimir meus filhos. Nem sempre isso acontece, mas o homem que se coloca no púlpito é um modelo, sendo necessário que não seja escandalizado por alguma atividade dos filhos. E Deus, que é o primeiro responsável pelo chamado do pastor ao ministério, faz com que este seja possível.

Outra observação quanto ao lar diz respeito à esposa do pastor. Embora Tito 1 mencione seus filhos, não refere-se à sua esposa. Penso que é justo concluir que ela também é crente. Em 1 Coríntios 9.5, Paulo, falando sobre si e outros pastores, diz: "Não temos nós direito de levar conosco uma mulher irmã?" Qualquer homem no ministério cristão tem o direito de ser casado, mas não com qualquer uma. As Escrituras sem dúvida especificam que o crente só deve casar com outro crente. Esse é o ponto central de 2 Coríntios 6.14: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?" No casamento formado por um crente e um incrédulo não existe a harmonia que possa criar o poder e a energia espiritual de uma família piedosa.

Assim, o texto em Tito pressupõe uma esposa crente a quem o pastor é totalmente devotado, e crianças que também seguem juntos na fé. Uma vida verdadeiramente piedosa é o instrumento mais poderoso que Deus possui para salvar pecadores. Como um pastor pode levar o povo à fé em Cristo e à santidade, mostrando-lhe o poder da fé em sua própria vida? Uma das principais missões do pastor é ensinar a igreja a criar uma geração piedosa. Como ele vai ensinar isso se não consegue fazê-lo?

O homem a quem Deus chama para o ministério pastoral deve ter "filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes"

(Tt 1.6). O contexto dá a entender que Paulo estava falando de filhos adultos, os termos refletem com mais precisão essa faixa etária. Não há muitas crianças pequenas que possam ser acusadas de dissolução e libertinagem.

Além disso, os presbíteros, por definição, eram homens mais idosos, que deviam ter filhos mais velhos. Se Paulo quisesse falar de crianças pequenas, poderia ter usado o termo grego específico, *teknion*. Se quisesse falar de bebês, poderia ter usado *brephos*. Em lugar disso, ele usou a palavra que significa filhos e filhas em geral.

A versão atualizada registra "filhos crentes". A versão corrigida, porém, "filhos fiéis". Alguns, portanto, concluem: Tito diz que os filhos dos pastores devem ser fiéis, no sentido de serem obedientes aos pais, mas não necessariamente crentes em Cristo. Isso, no entanto, não é uma interpretação adequada do texto, já que só os filhos pequenos estão sob a autoridade dos pais. Como vimos, esse texto fala de filhos adultos. Mais especificamente, Paulo fala de adultos fiéis que não venham a escandalizar o ministério do pai, por causa de um estilo de vida desregrado.

Que fazer se seus filhos não se encaixam nessa categoria por não ter idade suficiente para crer? Outra seção das Escrituras que descreve os pastores trata de crianças menores como em 1 Timóteo 3.4: "[que o bispo] governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia". Pelo contexto, pecebe-se uma referência a crianças pequenas, não a filhos adultos. O pastor pode ter filhos de qualquer idade, mas estes não devem torná-lo reprovável ou interferir em sua aptidão ao ministério pastoral.

A palavra grega traduzida por "fiéis" (*pista*) significa "crer". Seu oposto, *apistos*, significa não crer, descrença ou incredulidade. Assim, pela própria simplicidade da palavra, é melhor entender Tito 1.6 como uma referência a filhos crentes.

A palavra traduzida por "dissolução" é *asotia*. Em Efésios 5.18, ela é empregada em associação a bebedeiras, folias e festivais pagãos. Literalmente, significa "não poupar nada", simplesmente consumir-se em um estilo de vida indulgente. O segundo termo, "desobedientes", descreve o oposto de filhos cristãos e caracteriza os que são descontrolados, loucos e desregrados. Os filhos do pastor quando pequenos devem viver de modo obediente, sob o controle do pai, seguindo a fé deste até que a sua apareça. Nesse momento, eles devem viver uma vida cristã fiel, não uma vida louca, rebelde, descontrolada e dissipada. Caso contrário, além do dano que causarem para si mesmos, desqualificarão o pai para o ministério pastoral.

Em suma, um homem qualificado para ser pastor manifesta a liderança e a integridade, desde que a pratique em sua casa. Assim, poderá conduzir as pessoas à salvação ou ao serviço de Deus. Ele deve ser conhecido por ter filhos crentes que atingiram a idade adulta e compreendem as verdades das Escrituras, pois vivem de acordo com seus princípios, possuindo uma fé simples que se transforma em uma fé salvadora. Esses filhos passam a ser provas importantes de sua liderança espiritual.

Lembro-me de quando os meus estavam crescendo. A fé inicial deles era uma simples afirmação das coisas preciosas para o pai e a mãe, mais tarde houve um amadurecimento, tornando-se fé salvadora. Esse é o padrão ordenado por Deus para a família do pastor, o qual não é necessariamente melhor que os outros cristãos, porém só ele está apto para o ministério. Outros homens piedosos, fiéis e leais podem ter filhos teimosos. Isso não lhes turva o relacionamento com o Senhor, pois não são os responsáveis finais pelo que seus filhos escolhem, mas nem por isso estão qualificados para a função de liderança pastoral.

Os que se qualificam como pastores receberam uma porção especial e abundante da graça de Deus devido à singularidade da tarefa que precisam desempenhar, o que os tornará aptos para o ministério. A Deus pertence a glória e o crédito, apesar do que possa ter acontecido na vida deles.

Nobreza em Atitude e Conduta

Este é o terceiro e último aspecto do que significa o pastor ser irrepreensível como despenseiro de Deus. Tito 1.7,8 oferece duas listas de características gerais, uma listagem de cinco aspectos negativos e outra de seis positivos. Elas falam de nobreza em atitude e conduta, nobreza no sentido de estar acima dos padrões do mundo. Isso pressupõe que o pastor está em um nível acima dos outros em relação às virtudes citadas acima, sendo digno de ser imitado. O homem marcado por essas qualidades possui o caráter que se esperaria de uma pessoa com uma moralidade sexual elevada, caracterizando um líder provado na família. Como resultado, ele terá poder, não apenas o poder de Deus por causa da santidade em sua vida, mas credibilidade, honra, respeito, admiração e amor que o dotarão de respeito como líder. *Esse* é o tipo de homem que liderará eficazmente a igreja.

Os Negativos

Não soberbo. O termo usado no texto grego é particularmente forte. Significa o *oposto* de possuir, uma arrogância cheia de amor próprio, de ser

consumido por si mesmo, de buscar o próprio caminho, a satisfação e a gratificação ao ponto de desconsiderar os outros. O pastor não deve ser uma pessoa que possa ser chamada teimosa ou obstinada.

Falsos mestres são assim descritos: "São atrevidos e orgulhosos e não têm nenhum respeito pelos seres celestiais" (2 Pe 2.10, BLH). São muito apegados à arrogância, se aventuram onde os anjos temem entrar. Eles não têm consciência das forças com que lidam. O egoísmo deles os tornam tão arrogantes que reafirma sua obstinação. Eles não têm consideração pelo poder ou pela autoridade de ninguém.

No sistema do mundo, a primeira coisa que as pessoas procuram em um líder é a naturalidade, segurança e agressividade. Entretanto, essas não são as características de uma pessoa eficiente na liderança da igreja. Isso não significa que um pastor piedoso não seja forte ou não tenha convicções. O importante é que a igreja ao selecionar um homem para liderança, visando apenas sua grande aptidão natural, descubra que a direção deste não se baseia no interesse por Deus e sua verdade, mas em um senso de realização pessoal e uma necessidade de estar no comando. A conseqüência disso é que quando as coisas não acontecem como ele quer, é muito frustrante para ele e a igreja.

Ninguém que seja dominado pelo ego está apto para o ministério pastoral. Penso que Jesus explicou melhor este impulso em Mateus 20.25,26: "Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal". O homem escolhido para a liderança pastoral não deve ser soberbo. Ele precisa dar espaço para idéias e orientações de outras pessoas. Acima de tudo, ele precisa buscar a mente e o coração de Deus, a fim de cumprir a vontade do Senhor na igreja.

Não iracundo. Recentemente, eu conversava com algumas pessoas que me contavam os problemas que tinham na igreja. Após ouvi-los, eu disse: "É óbvio que vocês estão bem descontentes com o seu pastor. O que há nele que os deixa tão perturbados?" Elas responderam que ele estava sempre irritado. Pedi-lhes que me dessem um exemplo. Responderam: "Em uma reunião, ele é capaz de explodir e sair da sala. O que devemos fazer?"

A resposta óbvia à luz de Tito 1.7 é que eles devem procurar outro pastor, pois o deles não corresponde ao padrão do ministério pastoral. A palavra traduzida por "iracundo" (*orgilon*) vem de *orge*, que se refere à ira ou raiva. Essa é a única ocasião em que a palavra é empregada no Novo Testamento. Ela

diz respeito a uma ira contida que permanece sob a superfície. Todas as pessoas perdem a calma uma vez ou outra e ficam irritados com alguma coisa, mas isso é diferente. A palavra caracteriza uma pessoa que denominamos temperamental. Trata-se de uma hostilidade arraigada, mantida no coração que estoura com freqüência. *É provável que Paulo tivesse algo desse tipo em mente ao dizer:* "E ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor" (2 Tm 2.24). Quando as coisas não acontecem como o pastor deseja, ele deve manter a compostura tanto interna como externa.

Em Tiago 1.20, esta questão é sintetizada: "Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus". A ira não produz nada que tenha valor na liderança espiritual. O homem que Deus escolhe para o ministério pastoral não deve ficar irado, hostil, briguento, nem irritado quando as coisas não se acertam, mas deve ser capaz de aceitar um *não* como resposta. Ele se dispõe a deixar que a decisão de outrem cancele a sua e consegue delegar responsabilidades, permitindo que as pessoas as cumpram de forma que ele talvez não considere ser a melhor. Também admite que as pessoas ao redor falhem até que aprendam a acertar, porque seu ego não está atrelado a tudo que fazem. Por conseguinte, ele mantém uma atitude de alegria no coração, sendo sistematicamente gentil e paciente.

Não dado ao vinho. O terceiro ponto traduz o verbo grego *paroinon* que, literalmente, significa "estar ao lado do vinho". A exigência pastoral é repetida em 1 Timóteo 3.3, bem como em Tito 2.3, qualificando as mulheres mais velhas para ajudarem as mais novas em caráter oficial na igreja. Qualquer pessoa, em qualquer liderança cristã, deve estar alerta e sóbria.

Isso significa que, no tempo do Novo Testamento, os pastores nunca bebiam vinho? Não, o vinho era uma bebida comum na época, pois não se podia beber água sem correr o risco de contrair uma infecção. Mesmo hoje, em países em que faltam refrigeração adequada e tratamento de água, a primeira coisa que dizem a uma visita é: "Não beba água".

Qualquer tipo de suco deixado no calor fica fermentado. As pessoas da antiguidade estavam bem conscientes disso, de modo que tomavam uma série de precauções para evitar uma intoxicação. A primeira era misturar vinho à água, na proporção de oito partes de água para uma de vinho. Isto servia mais como desinfetante para a água do que de receita para uma bebida gostosa, pois, em uma mistura de oito para um, não há muito gosto. Não se podia ficar embriagado com isso, pois o estômago não conseguia absorver o necessário para embriagar, uma vez que a mistura incluía muita água.

A segunda precaução que costumavam tomar era ferver o vinho. Esse tipo de vinho é, provavelmente, associado à palavra hebraica *yayin,* palavra principal para vinho no Antigo Testamento. Neste vocábulo existe uma idéia de espuma, talvez mais um comentário referente ao processo preparatório de fervura do que à espuma característica de alguns vinhos. Quando o vinho era fervido, o álcool evaporava e o que sobrava era uma pasta grossa. Muitas vezes, as pessoas espalhavam isso sobre o pão, usando-o como geléia, como fazemos hoje. Essa pasta grossa era conservada em peles de animais, retirada em sua forma concentrada e reidratada para produzir um suco de uva reconstituído, sem álcool.

As pessoas dos tempos bíblicos tomavam sérias precauções para não produzir um vinho muito embriagante. Hoje é diferente. O vinho é rètirado diretamente da fruta e fermentado de propósito. Misturar água ao vinho seria um grande pecado para qualquer conhecedor de vinho. Portanto, a ordem bíblica de que o pastor não deve ser viciado em vinho é, hoje, mais adequada que nunca.

O álcool não deve fazer parte da vida do pastor nem influenciar seu pensamento. Ele não deve ser beberrão, alguém que freqüente bares, botequins ou lugares associados com bebidas, onde existam um potencial para a bebedeira e outros deslizes, pois corre o risco de perder o controle de si mesmo e dizer ou fazer coisas impróprias. Especialmente nos tempos antigos, as tavernas e hospedarias eram lugares de depravação e iniqüidade. Ninguém cuja vida esteja centrada em lugares de bebedeira está apto para ser pastor ou presbítero.

Aparentemente, na Igreja Primitiva, os que conheciam o Senhor bebiam vinho misturado com água ou um suco de uva reconstituído. Além disso, Paulo teve de dizer a Timóteo que tomasse um pouco de vinho por questões médicas (1 Tm 5.23), pois alguns cristãos, evidentemente, evitavam tudo que pudesse estar ligado ao vinho. Com certeza, não bebiam o que a Bíblia chama de "bebidas fortes", termo usado para bebidas embriagantes, sem mistura alguma. Eles faziam de tudo para não ficar embriagados.

O mesmo deve ocorrer com os cristãos de hoje. Considerando-se as tecnologias de tratamento de água e de refrigeração atuais, a maior parte das pessoas não tem necessidade de beber nenhuma bebida alcoólica. É por isso que, na Grace Church, os pastores e os presbíteros evitam totalmente o álcool. Além de reconhecer que não é necessário beber, entendemos que fazê-lo poderia ser prejudicial à nossa saúde.

Em Romanos 14 e 1 Coríntios 8, Paulo nos alerta contra qualquer coisa que possa fazer o crente tropeçar. Estou certo de que se as pessoas achassem que eu bebo vinho, diriam: "Já que John MacArthur bebe vinho, é certo que eu posso". Algumas delas poderiam perder o controle, fazer algo irresponsável, ferindo outra pessoa, ou até tornar-se alcoólatras. Não quero que isso aconteça. Isso traria um peso para minha consciência.

Agora pode haver raras ocasiões em que você, estando em um país do terceiro mundo, participe de um culto de comunhão em que de fato sirva-se vinho. Deve-se tomar um gole, já que isso é necessário nesse ambiente. Essa é uma exceção óbvia ao princípio geral de evitar o álcool. O que Paulo está dizendo em Tito 1 é que o homem irresponsável a ponto chegar à embriaguez não é capaz de assumir uma liderança espiritual.

Em Levítico 10.9, há instruções aos sacerdotes para se absterem de bebidas alcoólicas. Em Provérbios 31.4,5, verificamos a mesma instrução aos príncipes ou governantes. O princípio é que qualquer pessoa em posição de tomar decisões importantes que afetam a muitos não deve atuar sem pleno entendimento. Pense em como nossas igrejas e governos poderiam funcionar melhor se a maioria dos líderes levassem a sério essa ordem bíblica.

Não espancandor. Este quarto termo ocorre somente aqui e em 1 Timóteo 3.3. Trata-se, basicamente, de pessoas que usam a mão, o pulso, uma vara ou uma pedra para atingir alguém. Era um modo comum de as pessoas lidarem com os conflitos nos tempos antigos. Não está descartado atualmente, mas a maioria é mais discreto. Hoje, talvez, as pessoas prefiram usar métodos mais sutis de vingança.

Em 2 Coríntios 11.19, Paulo afirma: "De boa mente tolerais os insensatos". Ele passa a ilustrar o que os insensatos costumam fazer: "Pois sois sofredores, se alguém vos põe em servidão, se alguém vos devora, se alguém vos apanha, se alguém se exalta, *se alguém vos fere no rosto*" (v. 20, itálicos meus). Alguns vão lhe bater no rosto, caso fiquem irados. É algo com que todos precisamos aprender a conviver. Com certeza, o pastor deve estar preparado para enfrentar essa situação, mas nem pense nisso, pois você nunca deve *infligir* sobre alguém. Quem anda batendo nas pessoas, obviamente não pertence ao ministério pastoral.

Em 2 Timóteo 2.24,25, obsevamos que o servo do Senhor, enquanto ministra, deve procurar promover a paz, não a dissensão. O líder espiritual deve resolver os conflitos pacificamente, de modo piedoso, gentil e humilde.

Não cobiçoso de torpe ganância. Esta é a quinta e última característica negativa que descreve a conduta incorreta de um pastor. A palavra grega é composta das palavras *aischros* (vergonhoso) e *kerdos* (que se refere ao lucro pessoal). Ela descreve alguém que não se importa com a maneira pela qual junta dinheiro. Falta-lhe honestidade e integridade.

Essa qualificação não implica que haja algo de errado em pagar o pregador, conforme afirma 1 Coríntios 9.14: "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho", bem como em 1 Timóteo 5.17: aqueles que se esforçam na pregação e no ensino devem ser "dignos de duplicada honra", uma expressão que se refere à compensação monetária.

Os pregadores têm o direito de serem pagos, isso é justo, mas aqueles a quem Deus chama para o ministério não devem pregar com esse propósito, como afirma 1 Pedro 5.2: os verdadeiros pastores do rebanho de Deus não agem por "torpe ganância", expressão usada no texto de Tito.

Em contraste, Paulo alerta que os falsos pastores estarão em busca do dinheiro:

> [Eles deliram,] cuidando que a piedade seja causa de ganho... Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores (1 Tm 6.5,9,10).

O homem de Deus não perseguirá essas coisas. Ele fugirá delas (1 Tm 6.11).

Qualquer pessoa que ame o dinheiro se comprometerá e lucrará de alguma forma sórdida. O homem que esteja na liderança espiritual não deve ser cobiçoso ou indulgente consigo mesmo, pois seria facilmente corrompido. Ele lida com o dinheiro de Deus, portanto, deve manuseá-lo com mãos santas.

Os Positivos

Depois de alistar a conduta que o pastor não deve assumir, Tito inclui uma lista comparável de atitudes compatíveis com o seu ministério.

Hospitaleiro. A palavra composta traduzida por "dado à hospitalidade" significa literalmente "amante dos estrangeiros". Trata-se de um atributo do caráter cristão (Rm 12.13; 1 Tm 5.10; Hb 13.2; 1 Pe 4.9). O princípio básico é

colocar a si mesmo e seus recursos à disposição de desconhecidos. No contexto da Igreja Primitiva, referia-se basicamente a outros cristãos.

Conforme mencionei, as tavernas e hospedarias nos tempos bíblicos eram antros vis de pecado e devassidão. Elas eram muito perigosas. Ladrões e prostitutas atacavam viajantes vulneráveis. Mas muitos crentes eram obrigados a viajar por causa dos negócios ou do ministério. Alguns deles estavam nas estradas sob perseguição, porque haviam sido expulsos da cidade, retirados de suas casas e despojados de tudo o que possuíam. Na Igreja Primitiva, havia inúmeras oportunidades de acomodar os companheiros cristãos, suprindo uma necessidade premente, provendo uma proteção contra o pecado e, talvez, contra a morte.

Hospitalidade, no sentido bíblico, não é convidar os amigos para jantar. É simpático fazer isso, mas observe o que Jesus disse aos que procuram o ministério:

> Quando deres um jantar ou uma Ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado. Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos e serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado serás na ressurreição dos justos (Lc 14.12-14).

O pastor deve ser um homem generoso. Longe de amar o lucro, ele vê tudo o que possui como um meio de atender às necessidades do próximo.

Amigo do bem. O pastor também deve amar pessoas e coisas boas. Pode-se dizer muito de um homem, observando seus amigos e as coisas de que se cerca. Com quem se associa? Que faz nas horas de lazer? O que lhe é precioso? Algumas das respostas devem ser encontradas em Filipenses 4.8: tudo o que é verdadeiro, honesto, justo, puro, tudo que é amável, tudo que é de boa fama, se há alguma virtude e se algum louvor, nisso pensai. O coração do pastor atende ao que é excelente.

Moderado. Este terceiro aspecto positivo é outra daquelas palavras compostas: uma combinação de *phroneo* (que refere-se ao processo de raciocínio) e *sozo* (eu salvo). A palavra descreve um homem que tem pensamentos de salvação. Ele está no controle de sua mente, e seus pensamentos são pensamentos redimidos e estão livres do que seja mundano, terreno e inferior. Pode-

se dizer que esse homem resgata sua mente de dentro do abismo, elevando-a acima do trivial e do passageiro. Esse homem não é um palhaço ou um comediante, mas possui uma sabedoria firme e confiável. Ele é imparcial, cuidadoso nos julgamentos, ponderado, sábio e profundo. Tal é o fruto de uma mente disciplinada. Esse é o tipo de homem que pode ser pastor.

Justo. Esta atitude descreve a conduta de um homem que preenche o padrão de Deus. É um termo legal, indicando que o veredicto divino quanto à sua vida foi positivo. O homem justo é aprovado por Deus e conhecido por todos, pois vive de acordo com os padrões divinos.

Santo. Significa "puro, imaculado, isento de qualquer vestígio de pecado". Isso retorna ao conceito de ser irrepreensível. Em cada área da vida do pastor vemos o exemplo. Não se encontrará nele vestígio de pecado.

Talvez você esteja imaginando: "Será que alguém é mesmo assim?" É claro que ninguém está livre do pecado, mas este pode ser confessado e tratado, evitando escândalos à igreja. Todos os cristãos podem viver desse modo pela graça e misericórdia de Deus, no poder do Espírito Santo. O pastor deve ser um exemplo vivo dessa grande possibilidade.

Temperante. Esta é a sexta e última qualificação. O pastor deve ter o controle de sua vida. Pessoas bem-intencionadas que ouvem de algum pastor que tenha caído em pecado dizem freqüentemente: "O pobre coitado não devia ter ninguém a quem prestar contas. Se pudesse recorrer a alguém, isso não aconteceria". Há lugar para cobranças espirituais. Todos precisamos de amigos, parceiros e colaboradores no ministério que nos ajudem a andar como devemos diante do Senhor. Entretanto, se a pessoa não consegue controlar sua vida, não está apta para o pastorado. Se for do tipo que precisa de um grupo para manter-se na linha, acabará criando aflições para a igreja. Esteja certo disto: se alguém quiser pecar, será capaz de encontrar a hora e o lugar, não importa quem sejam as outras pessoas a quem deva satisfações.

Você não consegue me acompanhar 24 horas por dia. Se eu for tão frágil que precise de alguém me vigiando o dia inteiro, não posso ser pastor de ninguém. Se não houver um compromisso interior com a piedade que mantenha minha vida no eixo, não adianta você tentar me controlar pelo lado de fora e esperar que eu lhe ministre como se eu mesmo me controlasse. O caráter do pastor vem de dentro. Não consigo pensar em uma observação final melhor que essa, pois é assim que o Espírito de Deus conclui o assunto no texto de Tito 1.6-8.

6

O Chamado para o Ministério Pastoral

James M. George

O chamado de Deus para o ministério vocacional é diferente do chamado à salvação e do chamado que atinge todos os crentes: o serviço. Trata-se de uma convocação de homens selecionados para servir como líderes da igreja. Os destinatários desse chamado precisam ter a certeza de que Deus assim os escolhe para liderar. A concretização desse fato repousa sobre quatro critérios, o primeiro dos quais é uma confirmação deste chamado por outras pessoas e por Deus, pelas circunstâncias através das quais Ele providencia um lugar para o ministério. O segundo critério é a posse das habilidades necessárias ao serviço em posições de liderança. O terceiro consiste em um profundo desejo de servir no ministério. A qualificação final é um estilo de vida caracterizado por integridade moral. Um homem que preencha esses quatro requisitos pode descansar na certeza de que Deus o chamou para a liderança cristã vocacionada.

Freqüentemente, recebo chamados de pessoas que, por vários motivos, estão interessadas no treinamento oferecido pelos seminários. A maior parte delas crê que Deus a está dirigindo para o ministério como vocação de tempo integral. Essa inclinação é muitas vezes denominada "chamado". Este capítulo explica o significado do chamado, procurando diminuir os equívocos em torno dessa experiência inigualável.

O chamado de Deus para o ministério vocacional possui dimensões diferentes. Em primeiro lugar, está o chamado à salvação. Esse precisa ser o ponto de partida de qualquer chamado ao serviço ou ministério. A pessoa que deseja

identificar seu chamado ao ministério vocacional deve primeiro certificar-se de que é chamada por Cristo (2 Co 13.5). Não se deve ter a ousadia de cogitar um ministério do Evangelho da graça ao povo de Deus, sem antes experimentar esta graça por meio da fé salvadora em Jesus Cristo.

O chamado à salvação também envolve um chamado ao serviço (Ef 2.10). Deus não nos predestinou apenas à salvação, mas a uma vida de serviço. Servir é privilégio e obrigação de todos os cristãos. Esse chamado ao serviço implica que nós, como cristãos, constituímos "o sacerdócio real" (1 Pe 2.9). Nosso privilégio é anunciar as virtudes daquEle que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz (1 Pe 2.9). Käsemann o vê como uma referência ao fato de que aquele que provou pessoalmente o poder gracioso de Deus tem a responsabilidade de reconhecer esta experiência publicamente.[1] Assim, todos os crentes devem se engajar no ministério do serviço como sacerdotes do Senhor. Para cumprir esse ministério, devem possuir o Espírito Santo, o qual lhes concede habilidades espirituais (1 Co 12.11). Esses dons espirituais expressam o propósito de servir para o bem comum da igreja (1 Co 12.7). O apóstolo Paulo escreveu aos efésios: "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo" (Ef 4.7). Esses dons estão alistados em 1 Coríntios 12.8-10, 28-30 e Romanos 12.6-8. Os cristãos são mordomos desses dons e vão prestar contas de sua mordomia (1 Pe 4.10).

Além de chamar os cristãos ao uso de seus dons espirituais, Deus estende esse chamado ao ministério vocacional de liderança. Conscientes de que todo crente deve se envolver na obra do Senhor, vamos usar o termo *ministério* no presente contexto para nos referir a um tipo específico de serviço prestado à igreja por um grupo particular de líderes.

O chamado para a liderança implica homens dotados e concedidos à igreja pelo Senhor da Igreja (Ef 4.12). Essa responsabilidade é tanto geral – exercer liderança em adoração, pregação, ensino, pastorado e evangelização – como específica – disciplina e aconselhamento.

Deus usou Charles Haddon Spurgeon de modo grandioso no final do século XIX. Ele pregou para milhares de pessoas semanalmente em Londres, no Metropolitan Tabernacle. Além de sua forte paixão pela pregação, ele possuía um grande desejo de desenvolver jovens para o ministério. Esse anseio fez com

1. Ernst Käsemann, "Ministry and Community in the New Testament", *Essays on New Testament Themes* (Philadelphia: Fortress, 1964), 80-81.

que instituísse a "Faculdade de Pastores", como parte do ministério da igreja. Seu livro *Lições aos Meus Alunos,* uma compilação de preleções realizadas nessa faculdade, fornece uma idéia precisa da seriedade do chamado para o ministério vocacional. Nas primeiras páginas de seu livro, ele pergunta:

> Como pode o jovem saber se é vocacionado ou não? É uma indagação ponderável, logo desejo tratá-la aqui mui solenemente. Oh, a divina orientação para fazê-lo! O fato de que centenas perderam o rumo e tropeçaram em um púlpito está patenteado tristemente nos ministérios infrutíferos e nas igrejas decadentes que nos cercam. Errar na vocação é terrível calamidade para o homem e para a igreja sobre a qual ele se impõe, seu erro envolve aflição das mais dolorosas.[2]

Spurgeon continua salientando a importância de reconhecer o chamado quando afirma: "É-lhe imperativo que não entre no ministério enquanto não fizer profunda sondagem e prova de si próprio quanto a esse ponto".[3]

William Gordon Blaikie também ministrou em Londres quase na mesma época que Spurgeon. Ele também viu a importância do chamado para o ministério e apresentou seis critérios para avaliá-lo: salvação, desejo de servir, de viver uma vida que contribua para o serviço, capacidade intelectual, aptidão física e elementos sociais.[4]

Calvino dividiu o chamado em duas partes ao declarar: "Para que alguém seja considerado verdadeiro ministro da igreja, é necessário que considere o 'objetivo ou o exterior' dela e o chamado secreto, interior, de que 'só o próprio ministério tem consciência'".[5]

Oden conclui seu artigo "O Chamado para o Ministério" com uma discussão acerca da correspondência entre os aspectos internos e externos do chamado:

> O chamado interno é uma conseqüência do contínuo poder de direção ou de evocação do Espírito Santo que, a seu tempo, conduz o indivíduo para perto do chamado externo da igreja, ou seja, para o ministério. O

---

2. C. H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos*, vol. 2 (reimpressão, São Paulo: PES, 1990), 27.

3. Ibid., 23.

4. William Gordon Blaikie, *For the Work of the Ministry: A Manual of Homiletical and Pastoral Theology* (London: J. Nisbet, 1986), 18-25.

5. João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, 2:316.

> chamado externo é um ato da comunidade cristã que, pelo devido processo, confirma aquele chamado interno. Ninguém pode cumprir o difícil papel de pastor adequadamente se não for chamado e comissionado por Cristo e pela Igreja. Esse é o motivo pelo qual é tão crucial, tanto para o candidato como para a igreja, que a correspondência entre o chamado interno e o externo se estabeleça desde o início com clareza razoável.[6]

Por que é tão necessário que experimentemos uma compulsão interna e externa para o ministério? Em seu volume clássico sobre ministério, Bridges expõe os motivos pelos quais um chamado é tão importante:

> A labuta no escuro, sem uma comissão segura, tolda em muito a garantia da fé nos compromissos divinos; e o ministro, incapaz de se valer do apoio celestial, sente em seu trabalho "as mãos caídas e os joelhos fracos". Por outro lado, a confiança de que está agindo em obediência ao chamado de Deus e de que Ele está em seu trabalho e em seu caminho, encoraja-o nas dificuldades, conscientizando-o das obrigações pelas quais deve responder com força onipotente.[7]

Como Bridges declarou eloqüentemente, o problema está no homem e em sua confiança em Deus. O homem confia que Deus o comissionou para uma tarefa que apenas o poder de Deus pode manter. Criswell fala dessa confiança: "A primeira e a maior de todas as fortalezas do pastor é a convicção profunda, como a própria vida, de que Deus o chamou para o ministério. Se essa persuasão for inabalável, todos os outros elementos de sua vida distribuir-se-ão em bela ordem e lugar".[8]

Respondendo à pergunta: "Qual a importância da certeza de um chamado especial?", Sugden e Wiersbe afirmam: "A obra do ministério é muito desgastante, sendo difícil para um homem entrar nela sem uma consciência do chamado divino. Em geral, os homens entram e depois saem do ministério, pois lhes falta uma consciência da urgência divina. Apenas um chamado definido por Deus pode dar a alguém sucesso no ministério".[9]

---

6. Thomas C. Oden, *Pastoral Theology: Essentials of Ministry* (San Francisco: HarperCollins, 1983), 25.

7. Charles Bridges, *The Christian Ministry* (reimpressão da ed. de 1830, London: Banner of Truth, 1967), 101.

8. W. A. Criswell, *Criswell's Guidebook for Pastors* (Nashville: Broadman, 1980), 345.

9. Howard F. Sugden e Warren W. Wiersbe, *When Pastors Wonder How* (Chicago: Moody, 1973), 9.

Como os profetas do Antigo Testamento, os ministros de hoje falam das coisas de Deus sob constantes ataques e pressões. Lutzer, referindo-se às dificuldades do ministério, afirma:

> Não vejo como alguém possa sobreviver no ministério, caso sinta que essa foi sua própria escolha. Alguns ministros não têm sequer dois dias agradáveis. Eles são sustentados pelo conhecimento de que Deus os colocou onde estão. Os ministros sem essa convicção carecem muitas vezes de coragem e carregam uma carta de demissão no bolso do paletó. Ao menor sinal de dificuldade, vão-se embora.[10]

Crendo como esses homens, na importância do chamado ministerial, apresento quatro perguntas que podem ser utilizadas para avaliar esta convocação. Quatro palavras resumem quatro passos específicos: confirmação, habilidades, anseios e vida.

Há Confirmação?

A confirmação pode ser divina e de outros.

Confirmação de Outros

Em Atos 16.1,2, compreende-se a importância do reconhecimento público na confirmação do chamado para o ministério e liderança. Timóteo foi, provavelmente, um convertido de Paulo em sua primeira viagem missionária (veja At 14.6). Paulo o chamou de "meu verdadeiro filho na fé" (1 Tm 1.2). Ao iniciar a segunda viagem missionária, Paulo passou pelas regiões que havia visitado em sua primeira viagem, "confirmando as igrejas" (At 15.41). Ele chegou à cidade de Timóteo e descobriu que este possuía bom testemunho dos irmãos que estavam em Listra e em Icônio (At 16.2). A conseqüência foi: "Paulo quis que Timóteo fosse com ele" (At 16.3). A confirmação pública de Timóteo transformou-o em uma aquisição desejável para a equipe missionária de Paulo. Mais tarde, quando Paulo escreveu a Timóteo, ele o lembrou de sua confirmação pública, referindo-se à "imposição das mãos do presbitério" (1 Tm 4.14). Tanto Paulo como os líderes da comunidade local haviam visto como Deus abençoou e usou Timóteo no

10. Erwin W. Lutzer, "Still Called to the Ministry", *Moody Monthly* 83, n. 7 (março 1983), 133.

serviço local. Assim, ele foi reconhecido e comissionado para servir a Deus no ministério internacional.

Spurgeon concorda que a confirmação pública é um passo necessário depois do sentimento interior, estando relacionada ao chamado para o ministério. Ele conclui: "A vontade do Senhor referente aos pastores é conhecida mediante o piedoso julgamento da igreja. É necessário, como prova de seu dom, que sua pregação seja aceitável ao povo de Deus".[11] Muitos homens que sentem a compulsão interior para entrar no ministério hesitam em submeter este sentimento à confirmação da igreja. Por alguma razão, não confiam na igreja quanto a essa área importante de sua vida. Spurgeon disse aos seus alunos:

> Muitas igrejas julgam segundo a carne, nem todas as igrejas são sábias, nem todas julgam no poder do Espírito Santo. Apesar disso, estaria mais pronto para aceitar a opinião de um grupo do povo do Senhor do que a minha própria opinião sobre um assunto tão pessoal como os meus dons e graças. De qualquer forma, quer valorizem o veredicto da igreja, quer não, uma coisa é certa: nenhum de vocês pode ser pastor sem o amoroso consentimento do rebanho. Portanto, este lhes servirá de indicador prático, senão correto.[12]

Bridges também nos aconselha sabiamente quando comenta opiniões, especialmente de amigos e ministros experientes: "[Eles]... podem ser úteis para garantir se o desejo de trabalhar é ou não um impulso do sentimento e não um princípio, ou mesmo se a capacitação não é uma presunção enganosa".[13]

A Bíblia fala muito de buscar orientação e conselhos sábios. Os Provérbios são especialmente excelentes nesta área: "Não havendo sábia direção, o povo cai, mas, na multidão de conselheiros, há segurança" (11.14); "O caminho do tolo é reto aos seus olhos, mas o que dá ouvidos ao conselho é sábio" (12.15); "Da soberba só provém a contenda, mas com os que se aconselham se acha a sabedoria" (13.10); "Onde não há conselho os projetos saem vãos, mas, com a multidão de conselheiros, se confirmarão" (15.22).

Além disso, o conselho e a orientação dos outros constituem o procedimento para a ordenação, que é o processo de reconhecimento público da pes-

---

11. Spurgeon, *Lições*, 36.

12. Ibid., 37.

13. Bridges, *Ministry*, 100-101.

soa separada para o ministério (veja o capítulo 8, " A Ordenação para o Ministério Pastoral"). A Bíblia indica que a Igreja Primitiva tinha um processo específico pelo qual um grupo de crentes escolhia e separava os líderes para o serviço. A instrução de Paulo para que Tito destacasse presbíteros (Tt 1.5) exemplifica uma série de passagens que insinua a idéia de um processo de ordenação. A base para a indicação era o reconhecimento de homens qualificados em cada uma das cidades. Uma boa definição de ordenação é a confirmação pública de uma qualificação ou dotação interior,[14] isto é, da formação e experiência no ministério. Embora a pessoa ordenada não seja diferente dos outros membros da congregação, a ordenação pública proporciona uma confirmação visível de que Deus chamou um indivíduo para usar suas habilidades e dons singulares em benefício de toda a igreja.

Confirmação de Deus

Newton encontrou três indicações do chamado para o ministério: desejo, competência e providência de Deus. Ele denominou a terceira indicação de "uma correspondente abertura na providência, mediante uma série gradativa de circunstâncias que apontam para os meios, o lugar e o momento de entrar de fato no trabalho".[15]

Esse fator cobre tudo o que discutimos até aqui. A soberania de Deus convoca certos homens à liderança na igreja local. Deus lhes concede os dons para que desempenhem suas funções ministeriais, tornando-os desejosos deste serviço e preparando circunstâncias para prover-lhes o lugar no ministério.

Tudo isso refere-se a portas abertas e bênçãos de Deus. Paulo disse em 1 Coríntios 16.8,9: "Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes; porque uma porta grande e eficaz se me abriu". Ele, então, contrapõe os obstáculos à oportunidade: "E há muitos adversários".

Esses adversários são um elemento constante no ministério e, às vezes, causam frustrações e limitam os resultados. Mas os resultados não são o indicador final das bênçãos de Deus. Muitos têm labutado durante todo o ministério, alcançando pouco ou nenhum fruto visível. Jeremias profetizou por mais de quarenta anos (Jr 1.2,3), obtendo pouca ou nenhuma reação do povo. Adoniram Judson labutou sete anos na Birmânia antes de ter seu primeiro convertido.

14. Clifford V. Anderson, *Worthy of the Calling* (Chicago: Harvest, 1968), 56-57.

15. John Newton, citado por Spurgeon, *Lições*, 39.

porém ainda via a mão da providência de Deus em seu ministério. A carreira ministerial nunca é fácil e os resultados nem sempre são positivos, mas uma consciência de que Deus confirma o trabalho deve estar sempre presente.

Além de perguntar se há confirmação de Deus, o homem que deseja saber se é chamado precisa fazer várias perguntas práticas:

> Os outros confirmam meus dons e minha capacidade de liderança?
> Eles me pedem que atue em uma função de líder?
> Eles me pedem que comunique as verdades de Deus por meio do ensino ou da pregação?
> Essas são as pessoas que me sugerem pensar no ministério?

As respostas a essas perguntas só surgem em meio a um envolvimento ativo no ministério de uma igreja local. Para receber confirmação pública, é preciso que haja ministério público. Esse ministério implica o uso dos dons e das habilidades que as pessoas possam identificar, ajudar a desenvolver e incentivar. Sem essas capacidades, faltará confirmação. Assim, as habilidades são uma parte importante no processo de determinação do chamado.

Existem Habilidades?

Em Efésios 4.11, encontramos a base desta segunda pergunta que trata dos dons. Em parte, o versículo afirma que Cristo "deu uns... para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos". Os pastores-mestres são ministérios, ou seja, dons destacados por Deus para a igreja.

Deus chamou homens para tarefas específicas tanto no Antigo como no Novo Testamento. Ele tem os seus escolhidos para cumprir tarefas específicas durante esta era da Igreja. A tarefa é a de "aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério" (Ef 4.12). O cumprimento dessa responsabilidade implica um aperfeiçoamento. A educação formal ou informal dada por outras pessoas pode cumpri-lo parcialmente, mas a dotação espiritual de Deus é a parte mais importante no chamado de uma pessoa para o ministério. Bridges afirma: "A habilitação para o ofício sagrado é muito distinta do talento natural ou da sabedoria e da educação deste mundo".[16]

16. Bridges, *Ministry*, 98.

Muitos homens consideram-se candidatos excelentes para o ministério, pois amam a Deus e se saíam melhor que os outros nos debates na faculdade. Por mais que esses fatores sejam importantes, a menos que Deus os tenha dotado especialmente para o ministério, em vão trabalham os que edificam (Sl 127.1).

Além de discorrer sobre os dons da palavra, da pregação e do ensino, geralmente considerados essenciais para o ministério, Spurgeon também apresenta outras qualificações:

> Este ponto não estará completo se eu não acrescentar que a simples capacidade para edificar e a aptidão para ensinar não bastam. São necessários outros talentos para completar a personalidade do pastor. Critério sadio e sólida experiência devem instruí-lo; maneiras gentis e qualidades amáveis devem governá-lo; firmeza e coragem devem ser manifestas; e não devem faltar ternura e simpatia. Os dons administrativos, para governar bem, são condições tão necessárias como os dons instrutivos para ensinar com eficiência.[17]

Muitos que querem ser ministros vão a um seminário ou instituto bíblico para adquirir os dons necessários ao ministério. Trata-se de um erro. O treinamento não pode fornecer os dons necessários, mas se estes já estiverem presentes, poderá desenvolver o que Deus deu anteriormente.

Quais são as habilidades necessárias ao ministério? A citação de Spurgeon, acima, os menciona. As funções do ministro dividem-se basicamente em três áreas: didática, pastoral e administrativa.

Didática. Em Efésios 4.11,12, a responsabilidade do pastor-mestre é "o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para edificação do corpo de Cristo". A palavra *aperfeiçoamento* em grego é καταρτιζω *(katartizō)*. Essa palavra traduzida por "consertar" em Mateus 4.21 ocorre na descrição do chamado que Tiago e João recebem de Jesus. Ele os convidou quando estavam "consertando as redes", ou seja, preparando-as para a pesca. Isso dá a entender que uma função importante do líder é consertar figuradamente os santos, deixando-os prontos para o serviço.

Em 1 Tessalonicenses 3.10, a tradução dessa palavra é "suprir". O apóstolo Paulo queria voltar aos tessalonicenses para "suprir o que lhes faltava à fé" e para finalizar o que havia iniciado antes. Gálatas 6.1 também traz *katartizō,* dessa vez

17 Spurgeon, *Lições*, 34.

no sentido de restaurar um irmão pecador. Abbott-Smith dá o significado dessa palavra como "aparelhar completamente, completar; preparar".[18] Stedman afirma que o equivalente moderno mais próximo é "pôr em forma".[19]

Como ocorre essa instrução? As duas maiores avenidas para a instrução são a pregação e o ensino. Em 1 Timóteo 5.17, Paulo refere-se a certos presbíteros de Éfeso como "os que trabalham na palavra e doutrina". A versão da Imprensa Bíblica traduz corretamente a frase grega οἱ κοπιῶντες ἐν λόγῳ (*oi kopiōntes en logō*), por "os que labutam na pregação e no ensino".[20] "Uma vez que *en logō* ('em pregação') não é antecedido por artigo definido, não deve ser identificado como a palavra de Deus...",[21] embora o fundamento desses discursos fosse a Palavra. Basicamente, *en en logō* referia-se a qualquer forma de discurso oral pronunciado em algum tipo de assembléia pública. Provavelmente incluía exortação, admoestação e consolo, bem como a proclamação do Evangelho.[22]

A segunda avenida para a instrução em 1 Timóteo 5.17 é "doutrina" ou "ensino" (διδασκαλία, *didaskalia*). O ensino se sobrepõe, de certa forma, à pregação. Já que a pregação diz mais respeito ao ministério público, o ensino é a explanação e a aplicação daquilo que é proclamado.[23] Pode ser tanto público como particular, assim Paulo descreveu seu ministério de ensino em Éfeso (At 20.20).

De acordo com 1 Timóteo 3.2, o líder também deve ser "apto para ensinar". Em Tito 1.9, ele deve ser "poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes". Em Hebreus 13.7, o autor assim descreve os líderes: "Os que vos falaram a palavra de Deus", dando a entender que os líderes são comunicadores.

Pastorado. Tanto em Atos 20.18 como em 1 Pedro 5.2, ordena-se que os líderes da igreja alimentem o rebanho de Deus. Alimentar o rebanho diz respeito à função de ensinar. De fato, as tarefas relativas ao pastoreio estão estreita-

18. George Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament*, 3.ed. (Edinburgh, T. e T. Clark, 1968), 238.

19. Ray C. Stedman, *Igreja: Corpo Vivo de Cristo*, 5.ed. (São Paulo: Mundo Cristão, 1991), 82.

20. BAGD, 477.

21. Marvin Edward Mayer, "An Exegetical Study on the New Testament Elder"(Th.D. diss., Dallas Theological Seminary, 1970), 129 (tradução acrescentada).

22. *Homer a. Kent, Jr., The Pastoral Epistles (Chicago, Moody, 1958), 181.*

23. Robert H. Mounce, *New Testament Preaching* (Grand Rapids: Eerdmans, 1960), 41-42.

mente ligadas às tarefas didáticas. Em Efésios 4.11, Paulo combina as duas tarefas no título "pastor-mestre". Ainda assim, a Bíblia faz distinção entre pastorear e ensinar. O ensino comunica uma série de conhecimentos, mas o pastoreio comunica a vida de um modo mais amplo. Paulo mostra essa distinção em 1 Tessalonicenses 2.8, quando diz: "Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus [ensino], mas ainda a nossa própria alma [pastorado]".

Em Atos 20.28, Paulo admoesta os presbíteros efésios a "apascentar" a igreja de Deus. Ele não ordenou que aqueles presbíteros cuidassem de seus próprios rebanhos, mas do rebanho de Deus, a igreja. Em 1 Pedro 5.2 observa-se a mesma mordomia quando Pedro pede aos presbíteros, seus colegas: "Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós". O líder da igreja é um subpastor que deve prestar contas a Deus (Hb 13.17), assim, ele deve pastorear com o maior cuidado.

Como deve ser esse pastorado? Em Atos 20, Paulo diz aos presbíteros efésios que eles devem encarar a realidade dos ataques inimigos (v. 29). Os ataques virão da parte dos "lobos cruéis" que surgirão no meio do rebanho (v. 30). O inimigo tentará dividir o rebanho, exigindo vigilância constante da parte dos líderes da igreja (observe a ordem: "Vigiai", v. 31). Os líderes devem "admoestar" e se envolver intimamente com as pessoas, "com lágrimas" (v. 31). Em suma, eles devem confiar o rebanho a Deus por meio da oração, com a certeza de que este crescerá por meio do estudo da Palavra (v. 32).

Administrativa. A função básica deste líder do Novo Testamento é a supervisão.[24] Em Atos 20.28, os presbíteros efésios são chamados de "bispos" ou "supervisores". Em 1 Pedro 5.2, lemos que os líderes devem supervisionar o rebanho.

Supervisão implica governo, função a que se refere 1 Timóteo 5.17 quando Paulo instrui Timóteo: "Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra". O autor de Hebreus também se refere ao governo quando trata da liderança: "Lembrai-vos dos vossos pastores" (Hb 13.7). Outros dois versículos em Hebreus 13 referem-se à função de governar: "Obedecei a vossos pastores... porque velam por vossa alma"(v. 17); "Saudai todos os vossos chefes" (v. 24).

Como os líderes devem governar? Jesus disse aos discípulos, em Mateus 20.25,26, que eles deviam ser obedientes, servos, não senhores. Pedro passa o

24. Harvey E. Dana, *Manual of Ecclesiology* (Kansas City: Central Seminary, 1944), 254.

mesmo conselho em 1 Pedro 5.3: "Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho". Como Cristo foi servo (Mt 20.28; Jo 13.1-6), assim também os líderes devem seguir seu exemplo, sendo servos da igreja.

Como é a sua capacidade de ensinar e pregar? Você tem prazer em comunicar a Palavra de Deus, seja numa pregação ou aula? Como são suas habilidades no campo da liderança? Você tem iniciativa ou é seguidor? Que nota você daria a si mesmo como pastor? Seu coração está aberto para os outros? Você gosta de cuidar das "ovelhas perdidas e sem pastor"?

Há um Anseio?

Em 1 Timóteo 3.1, o apóstolo Paulo escreve: "Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja". A palavra traduzida por "deseja" é ὀρέγομαι (*oregomai*), que ocorre apenas três vezes no Novo Testamento. Este termo significa "distender-se para tocar ou pegar algo, buscar ou desejá-lo".[25] É o retrato de um atleta acelerando os passos para cruzar a linha de chegada. Esse vocábulo também aparece em 1 Timóteo 6.10, onde é traduzido por "cobiça" relacionada ao dinheiro, a este se devota tanto amor que passa a ser a própria raiz de "toda espécie de males". O terceiro uso está em Hebreus 11.16, em que é traduzido por "desejar", frase na qual o objeto do desejo é a "pátria celestial". Assim, cada contexto determina a legitimidade da distensão e da busca.

A segunda palavra que fala da compulsão interna em 1 Timóteo 3.1 é ἐπιθυμέω (*epithumeō*), verbo que significa "colocar o coração, desejar, cobiçar, ambicionar".[26] A forma substantivada desse verbo tem em geral um sentido negativo, mas o sentido básico do verbo é bom ou neutro, significando um desejo particularmente forte.[27] Essa aspiração pelo ministério é, portanto, um impulso interior que se expressa em desejo exterior.

Sanders observa que o objeto do desejo não é o ofício, mas o trabalho.[28] Deve haver um desejo pelo serviço, não pela posição, fama ou fortuna. Assim, essa aspiração é boa, contanto que se tenha boas motivações.

---

25. Henry J. Thayer, *Greek English Lexicon of the Greek New Testament* (reimpressão da ed. 1868, Edinburgh: T. e T. Clark, 1955), 452.

26. Abbott-Smith, *Manual Greek Lexicon*, 170.

27. H. Schönweiss, "*Epithumia*", *NDITNT*, ed. Colin Brown (São Paulo: Vida Nova, 1981), 1:604-6.

28. J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership* (Chicago: Moody, 1967), 13.

Spurgeon oferece o seguinte conselho quanto ao desejo pelo ministério:

> Note bem, o desejo de que falei deve ser totalmente desinteressado. Se um homem perceber, depois do mais severo exame de si próprio, qualquer outro motivo que a glória de Deus e o bem das almas em sua busca do episcopado, melhor será que se afaste dele de uma vez, pois o Senhor aborrece a entrada de compradores e vendedores em seu templo. A introdução de qualquer coisa que cheire a mercenário, mesmo no menor grau, será como um inseto no ungüento, estragando-o todo.[29]

Esse desejo interior deve ser tão desinteressado a ponto de o líder aspirante não visualizar-se perseguindo outra coisa, exceto o ministério. "Não entre no ministério, se puder passar sem ele", foi o sábio conselho de um velho pregador a um jovem quando indagado sobre sua opinião quanto a seguir o ministério.[30] Bicket disse: "Se você pode ser feliz fora do ministério, fique fora. Mas se veio o solene chamado, não fuja".[31] Bridges o considera "um desejo constrangedor... uma qualificação ministerial primária".[32]

Há um Estilo de Vida Íntegro?

A Bíblia fala muito sobre o caráter do líder. É interessante que ela trate mais de como deve ser o líder que daquilo que ele deve fazer. Isso dá uma boa noção do que Deus pensa acerca desse importante pré-requisito. Não importa a formação ou a experiência que alguém possa ter. Se não preencher as qualidades da moralidade bíblica, é inapto para ser líder na igreja de Deus. Phillips Brooks, um ministro proeminente do século XIX, fala desse aspecto tão importante: "É muito mais importante o que o ministro é do que aquilo que ele é capaz de fazer, pois o que ele é dá força ao que ele faz. Em longo prazo, o ministério é o que *somos*, tanto quanto o que *fazemos*".[33]

Paulo diz a Timóteo: "Tem cuidado de ti mesmo" (1 Tm 4.16). Por que isso é tão importante? Os sacerdotes do Antigo Testamento tinham de praticar ritu-

---

29. Spurgeon, *Lições*, 30.

30. Ibid., 29.

31. Zenas J. Bricket, ed., *The Effective Pastor* (Springfield, Mo.: Gospel, 1973), 1.

32. Bridges, *Ministry*, 94.

33. Citado em David Wiersbe e Warren W. Wiersbe, *Making Sense of the Ministry* (Chicago: Moody, 1983), 32.

ais minuciosos de lavagem e purificação, bem como de ofertas de sacrifícios por seus próprios pecados, antes de poderem ministrar em favor do povo (Hb 5.3). Como poderiam interceder pelos outros, enquanto seus próprios pecados não fossem cobertos? Assim também acontece com o líder do Novo Testamento. Liderança espiritual sem caráter correspondente é mera atividade religiosa, talvez negócio religioso ou, pior, hipocrisia.

Henry Martyn escreveu em seu diário: "Faze-me aprender que o primeiro grande negócio sobre a terra é a santificação de minha própria alma".[34] Pedro ordena a todos os cristãos: "Como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos" (1 Pe 1.15,16) e exorta os líderes a servirem de exemplo ao rebanho (1 Pe 5.3). Por serem os que devem ajudar as pessoas tanto a cultuar como a dar exemplos, os líderes do Novo Testamento devem ter uma vida que possa ser colocada como padrão para o restante da igreja. Esse padrão de conduta e caráter que deve guiar o líder enquanto conduz o povo de Deus é a Palavra do Senhor. O líder qualificado é um homem da Palavra, usando-a não apenas para preparar sermões e anotações de aula, mas, acima de tudo, para preparar a si mesmo. A Bíblia não é um livro de texto, mas um manual para transformar a vida daquele que aspira à liderança.

Entre as capas da Bíblia, algumas seções são particularmente importantes para a qualificação dos líderes. Em 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.6-9, encontramos passagens-chaves que tratam dessas qualificações. Com certeza, nenhum homem pode alegar que sua vida preencha perfeitamente esses padrões, conforme um modelo do que o restante da igreja deve ser, mas a Bíblia fornece os padrões como um ideal pelo qual lutar. Para segurança maior, Deus, geralmente, providencia um núcleo de homens piedosos em cada igreja para supervisão e incentivo mútuo, a fim de que esse padrões sejam cumpridos.

Essas, portanto, são as quatro perguntas mais importantes que a pessoa deve fazer quando estiver considerando o ministério. Há confirmação? Há dons apropriados? Há um anseio interior pelo ministério? Por fim, há uma vida de integridade? Se uma pessoa conseguir responder afirmativamente a essas perguntas, pode, com toda confiança, dizer que tem o chamado de Deus para seguir opções ministeriais. Pode prosseguir com gozo, pois Deus tem à sua espera uma vida cheia, empolgante e gratificante, porém extremamente exigente. Para dar conta da incrível demanda, essa pessoa deverá ter a certeza da ajuda e do fortalecimento divino.

---

34. Ibid., 33.

7

O Treinamento para o Ministério Pastoral

Irvin A. Busenitz

O treinamento para o ministério pastoral é uma forma especializada da ordem de fazer discípulos dirigida aos cristãos. Três partes essenciais desse treinamento são: caráter piedoso, conhecimento bíblico e habilidades ministeriais. O caráter piedoso precisa ser desenvolvido na vida moral, familiar, na maturidade e na reputação daquele que está sendo treinado. Os alvos principais do conhecimento bíblico são habilidades lingüísticas, estrutura teológica e familiaridade bibliográfica. As quatro áreas: liderança com convicção, ensino com autoridade, pregação com paixão e pastorado com cuidado compreendem a maior parte do desenvolvimento das habilidades ministeriais. Em todo esse processo, é importante combinar o conhecimento acadêmico com a experiência ministerial.

Bem no centro da vida cristã fica a ordem de fazer discípulos. Seja em casa, seja na igreja, passar o bastão à próxima geração é tarefa sagrada de todos os crentes. Perto do final da vida, o apóstolo Paulo exorta Timóteo, seu filho na fé: "E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros" (2 Tm 2.2). Mas, adiante, ele alerta Timóteo, acrescentando: "Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências" (2 Tm 4.3).

Paulo relembrou solenemente a Timóteo que, ao passar o bastão, ele deve seguir princípios (isto é, os ditames da doutrina da igreja claramente definidos

nas Escrituras), não as conveniências no processo de transmissão. Em outras palavras, o treinamento para o ministério pastoral não pode ser norteado pelo mercado, mas pela Bíblia. O treinamento pastoral não pode capitular diante dos caprichos do auditório,[1] nem curvar-se diante da última metodologia de crescimento da igreja. Antes, uma formação que reflita as ordens bíblicas para a igreja e sua liderança deve dominar o treinamento pastoral. Esse princípio é crucial, pois a idéia que a pessoa faz do ministério influenciará suas atitudes e, por fim, acabará ditando sua filosofia de treinamento para o serviço.

A influência constritiva da tradição e as pressões crescentes das conveniências sobre a igreja são enormes, fazendo-as alimentar a idéia errada de que desejam certo tipo de modelo pastoral que torne a igreja importante ou a coloque no centro das atenções. A ordem dada aos líderes de seminários e igrejas é ensinar primeiro o *conteúdo* ("o quê?") e o *propósito* (o "porquê") da liderança na igreja, antes de ensinar o *como*.[2] Um século atrás, Warfield observou: "Um baixo conceito das funções do ministério trará consigo naturalmente um baixo conceito do treinamento necessário para tal... E um alto conceito das funções do ministério seguindo diretrizes evangélicas produz, inevitavelmente, um alto conceito do treinamento necessário à capacitação de homens para o exercício dessas funções elevadas".[3]

Os que estão sendo treinados para o pastorado defrontam-se com o desafio de determinar o papel *bíblico* de um presbítero e a melhor maneira de preparar uma pessoa para o presbiterato. Tal vereda não será popular e pode atrair acusações de ser obsoleta ou não estar de acordo com o mundo atual. Mas essa é a formação necessária — é o que se exige para a saúde da igreja.

A preparação para o ministério pastoral é uma jornada multifacetada, um processo extenso que consiste em diversas etapas. Ao contrário das expectativas de

---

1. Não estamos sugerindo que os leigos não devam influenciar os ministros ou a natureza do treinamento. O processo de treinamento pode ser uma via de mão dupla. Porém, as Escrituras são claras em colocar sobre os ombros dos líderes espirituais a responsabilidade de guardar e de transmitir corretamente a verdade. Caso contrário, a igreja sujeita-se aos perigos enunciados em 2 Tm 4.3.

2. Não defendemos com isso uma formação sem considerar o panorama contemporâneo. Mas alegamos que as prescrições do Novo Testamento para as funções da igreja são princípios atemporais e, assim, devem ser aplicadas. O distanciamento das igrejas evangélicas do modelo do Novo Testamento deve-se, pelo menos em parte, ao fato de os leigos carecerem de uma filosofia de ministério sustentada pela Bíblia. Essa deficiência só pode ser atribuída ao seminário.

3. B. B. Warfield, "Our Seminary Curriculum", *Selected Shorter Writings*, ed. J. E. Meeter (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1970), 1:369.

alguns seminaristas, três ou quatro anos não é o suficiente para completar o processo. Antes, é uma peregrinação que nunca termina, exigindo um compromisso de busca contínua. O significado etimológico da palavra *seminário*, por exemplo, inclui a idéia de "sementeira". É isso que o treinamento para o ministério deve implicar, seja ele formal, seja informal, seja dentro da estrutura de um seminário, seja incorporado à vida diária de um pastor ou de uma igreja local.[4] Em qualquer situação, as sementes devem ser cuidadosa e sistematicamente irrigadas, fertilizadas, cultivadas, podadas e protegidas. Só então surgirão os frutos.

Especificamente, o treinamento para o ministério exige o cumprimento de pelo menos três fases de treinamento destacadas na exortação de Paulo a Timóteo (1 Tm 4.12-16): caráter piedoso (aquilo que a pessoa deve ser), conhecimento bíblico (o que deve saber) e habilidades ministeriais (o que deve ser capaz de fazer).[5] Antes que alguém comece a servir oficialmente como pastor, deve atingir certo nível de desenvolvimento em cada uma dessas três áreas, com um zelo permanente de continuar crescendo à medida que serve.

Caráter Piedoso

Dai-me um homem de Deus — um só,
Que tenha na fé o domínio da mente.
E corrigirei todos os erros,
E abençoarei o nome de toda a gente.

Dai-me um homem de Deus — um só,
Que tenha na língua o toque do fogo celeste,
E os mais sombrios dos corações inflamarei
Com decisão e desejo inconteste.

Dai-me um homem de Deus — um só,
Um grande profeta do Senhor.
E vos darei paz na terra,
Trazida pela oração, não pela espada.

---

4. Os princípios aqui adotados não se restringem a nenhuma estrutura, pois cada uma traz certas vantagens e desvantagens, mas os princípios permanecem imutáveis.

5. A ordem aqui apresentada não é acidental. As Escrituras destacam claramente o caráter piedoso como a qualidade imprescindível para o ministério. O conhecimento bíblico torna-se o fundamento das habilidades ministeriais, fornecendo ao estudante o entendimento que é externado em serviço ativo.

Dai-me um homem de Deus — um só,
Fiel à visão diante de si,
E vossos castelos ruídos reconstruirei.
E de joelhos porei as nações.[6]

Em 1 Timóteo 4.7, Paulo exorta Timóteo: "Exercita-te a ti mesmo em piedade". Ele conclui o capítulo admoestando o jovem pastor: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem" (1 Tm 4.16). O ponto focal de qualquer ministério é a piedade. O ministério é, e sempre deve ser, o fluir de uma vida piedosa. Paulo compreendia sua importância no ministério: "Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado" (1 Co 9.27; veja também 1 Tm 4.8; 6.3; 2 Tm 2.3-5).

A abundância de conhecimento bíblico ou a destreza nas habilidades ministeriais não são a primeira prova da veracidade de um anelo pelo ministério pastoral. Ao contrário, as Escrituras têm como primeira prova o caráter piedoso (1 Tm 3; Tt 1). Nessa área deve-se começar o treinamento para tão elevada e santa vocação. Começar em outro ponto é centrar-se nas habilidades do talento natural ou da personalidade, esquecendo que o pastoreio do rebanho de Deus repousa sobre outro fundamento e nutre-se de outra fonte. Os músculos do verdadeiro líder espiritual atendem aos impulsos do Espírito de Deus, o qual desvenda os tesouros da Palavra, acende as chamas da paixão e aguça a visão da liderança visionária.

"A liderança espiritual é uma questão de poder espiritual superior, e isso jamais nasce por si. Não existe algo que possa ser chamado de líder espiritual autodidata. Ele só é capaz de influenciar espiritualmente os outros porque o Espírito é capaz de trabalhar nele e por meio dele, de modo mais abrangente do que naqueles a quem ele lidera".[7]

Paulo apresenta as qualidades do pastor, elogiando a ambição de buscar o ofício e a função de bispo. Aliás, ele fala de perseguir tal ofício com desejo inten-

6. George Liddell, citado por J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership* (Chicago: Moody, 1986), 23.

7. Sanders, *Spiritual Leadership*, 37.

so (1 Tm 3.1, *epithumeo*).[8] É verdade que a ambição, quando motivada pelo egoísmo, é danosa. Nesses momentos deve prevalecer a reserva e o cuidado. Entretanto, a ambição não motivada pela sede de prestígio ou poder, mas pela paixão de servir ao Senhor, é correta. O desejo de prestígio posicional corrompe, pois origina-se de motivações impuras (veja Jr 45.5). Mas o desejo pelo serviço purifica, porque busca apenas o serviço daquEle que chamou para a obra (Rm 12.1; Mc 10.42-44). "O verdadeiro líder espiritual preocupa-se infinitamente mais com o serviço que pode prestar a Deus e aos irmãos do que com os benefícios e prazeres que possa extrair da vida".[9]

Nos dias de Paulo, o ofício de bispo muitas vezes implicava dificuldades, perigos, zombarias e rejeição consideráveis. As exigências do Novo Testamento com relação ao bispo eram grandes, demandando sacrifício pessoal significativo. Assim, o desejo concedido por Deus era tanto o fundamento como a motivação. "Com certeza, *naquela* época, e em *tais* circunstâncias, um *incentivo para o bispado e uma palavra de louvor* à pessoa que demonstrasse disposição de servir neste ofício elevado não eram, de modo algum, descabidos".[10]

Hoje, alguns erroneamente podem ver a liderança cristã apenas como uma posição de destaque, honra e prestígio, mas quando alguém desempenha a função de líder de acordo com a Bíblia, os resultados descritos por essas palavras não são, de modo algum, descabidos. Uma vez que nem o ministério pastoral em si nem o processo preparatório que a ele conduz são conhecidos por sua relativa facilidade, tal desejo pode ser vantajoso, ajudando o candidato a enfrentar os rigores e a não perder de vista o alvo.

O Caráter Piedoso como um Alvo

Falando por ocasião da ordenação de um jovem pastor, o ministro escocês Robert Murray McCheyne observou:

> Não te esqueças de cultivar o homem interior — estou falando do coração.

8. Literalmente, o verbo significa "ansiar, desejar" (BAGD, 293). O Novo Testamento emprega o termo mais no sentido negativo que no positivo, porém aqui a segunda opção é óbvia. Quando empregado no sentido adequado, o verbo expressa um desejo particularmente forte (H. Schönweiss, "Desejo, Concupiscência, Prazer", *NDITNT*, 1:604).

9. Sanders, *Spiritual Leadership*, 20.

10. William Hendriksen, *1 and 2 Timothy and Titus* (London: Banner of Truth, 1957), 118.

> Com que diligência o cavaleiro conserva seu sabre limpo e afiado! Cada mancha ele apaga com o maior cuidado. Lembra-te de que és a espada de Deus, seu instrumento — um vaso escolhido para levar o seu nome. Em grande medida, de acordo com a pureza e a perfeição do instrumento, será o sucesso. Não é tanto os grandes talentos que Deus abençoa, mas a semelhança de Jesus. Um ministro santo é uma arma poderosa na mão de Deus.[11]

Sabe-se muito bem que a admissão no seminário ou o preenchimento satisfatório das exigências acadêmicas não garantem o sucesso no ministério. Sem certas qualidades espirituais, morais e pessoais, qualquer tentativa de servir ou exercer uma função no ministério do Evangelho pode resultar em nada, exceto em tragédia. Assim, o caráter piedoso torna-se o fundamento sobre o qual repousam as outras duas áreas. Sem ele, elas acabam em ruínas.

Embora a piedade seja muitas vezes difícil de medir ("o homem vê o que está diante dos olhos, porém o SENHOR olha para o coração" [1 Sm 16.7]), ela ainda deve ser o alvo, e todos os mentores e candidatos devem persegui-la com afinco. Ela é a pedra angular do ministério efetivo e a marca de todo pastor verdadeiro.

Áreas do Caráter Piedoso

O cultivo das qualidades do caráter cristão e da capacidade de viver a vida cristã, que são essenciais para a vida piedosa, liderança no ministério e serviço efetivo aos outros, exige atenção especial. As seguintes esferas exigem crescimento na semelhança de Cristo:

1. *Vida moral* (1 Tm 3.2,3). No nível básico do caráter piedoso, em todas as áreas da vida, fica a questão da moralidade. Por meio dos rigores da disciplina severa e das práticas repetitivas no ginásio da vida, o líder deve treinar seus sentidos para discernir o bem e o mal (Hb 5.14). "A vanguarda intelectual do movimento cristão precisa ser também a vanguarda moral, como a Igreja Primitiva. Numa época em que a disciplina praticamente está desaparecendo das igrejas e os pastores e "televangelistas" tornam-se vítimas da cultura carnal, precisamos abraçar a verdade e a piedade, vivendo uma vida de acordo com a vontade de Deus".[12]

---

11. Andrew A. Bonar, ed., *Memoirs of McCheyne* (reimpressão, Chicago: Moody, 1978), 95.

12. Carl F. H. Henry, "The Renewal of Theological Education", *Vocatio 1*, n. 2 (verão de 1989), 4.

2. *Vida familiar* (1 Tm 3.4,5). O futuro ministro deve perseguir com maior vigor uma alta moralidade em casa. Ele deve tomar o máximo cuidado de cultivar um relacionamento continuamente crescente com sua esposa, de construir grandes cisternas e cavar poços profundos, de modo que possa ser "pelo seu amor... atraído perpetuamente" (Pv 5.19). É igualmente fundamental a criação de filhos que também abracem a fé. As demandas do ministério muitas vezes tenderão a corroer o tempo necessário para criar devidamente os filhos "na doutrina e admoestação do Senhor" (Ef 6.4).

3. *Maturidade* (1 Tm 3.6). A maturidade não é um dom com que se nasce. Antes, aprende-se ao longo do tempo, aplicando os princípios da Palavra enquanto caminha-se pelos vales e sombras da vida.

4. *Reputação* (1 Tm 3.7,8). Enquanto aprende-se maturidade na escola da vida, ganha-se uma reputação por meio da busca de piedade na vida moral e familiar e na busca da maturidade.

Caminhos para um Caráter Piedoso

A rota tomada na busca por um caráter piedoso não é curta. Também não existe algum caminho que conduza inevitavelmente a ele. Embora um mentor possa ser capaz de levar o aluno até a água, só ele pode começar a beber. Porém, há alguns passos que ajudam aquele que deseja estar realmente qualificado e treinado para o ministério pastoral.

Ler a Palavra e meditar nela é o início desse treinamento. As Escrituras enunciam claramente as prescrições para a vida santa. O homem de Deus deve saturar-se dessas diretrizes, deixando que "a Palavra de Deus habite... abundantemente" nele (Cl 3.16). Outros livros que também podem estimular o crescimento rumo à piedade são: *Spiritual Leadership* [Liderança Espiritual], de J. Oswald Sanders (Moody, 1980); *Keys to Spiritual Growth* [Chaves para o Crescimento Espiritual], de John F. MacArthur, Jr. (Revell, 1976); e *Spiritual Maturity* [Maturidade Espiritual], de Richard Mayhue (Victor, 1992).

A comunhão com outros homens piedosos e líderes espirituais também pode promover o compromisso espiritual, o crescimento e a maturidade. "Como o ferro com o ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo" (Pv 27.17). Mesmo a leitura da biografia de homens grande-

mente usados por Deus em gerações passadas promove a lapidação do ser humano, aguçando seu entendimento de como Deus trabalha, tanto individual como coletivamente.

Conhecimento Bíblico

O conhecimento bíblico é indispensável ao processo de treinamento. Sem ele, a pessoa não pode crescer espiritualmente e formar um caráter piedoso, nem pode ministrar de modo eficaz e significativo. *Sola scriptura* e *sola fide* são o cimento que liga os tijolos do ministério. Em 1812, citando a mensagem de S. Miller por ocasião da posse, A. Alexander, como primeiro professor do Princeton Theological Seminary Hafeman, observa: "Ele afirmou que, além da piedade e da capacidade, os chamados para o ministério pastoral pressupõem um 'conhecimento competente', sem o qual 'ambos, a piedade e os talentos, ficam inadequados para o trabalho oficial'".[13] Nenhum movimento pode causar, com seu credo, um impacto na sociedade, se seus líderes desconhecem ou minam continuamente a veracidade e aplicabilidade de sua declaração de fé. Como Carl Henry afirma com propriedade:

> O único livro acima de todos os outros, no qual um estudioso do século XX deve ser douto, continua sendo a Bíblia; dentre todos os grandes livros com que se deve ter familiaridade, a Bíblia é o mais elevado... Nada é mais necessário à igreja de hoje que uma recuperação vital da autoridade e da verdade abrangente das Escrituras bem como de sua aplicação em todas as dimensões da vida.[14]

Esse aspecto do treinamento para o ministério também não deve ser considerado levianamente. A influência do professor sobre o aluno é enorme, não apenas pelo *conteúdo* que ensina, mas também pela forma (Lc 6.40). Por conseguinte, os mestres bíblicos e espirituais devem se submeter ao escrutínio de 1 Timóteo 3 e Tito 1, a fim de preparar eficazmente os outros. As qualidades ministeriais e a experiência pastoral do professor são fatores vitais no processo educacional.

---

13. Scott J. Hafemann, "Seminary, Subjectivity, and the Centrality of Scripture: Reflections on the Current Crisis in Evangelical Seminary Education", *Journal of the Evangelical Theological Society* 31, n. 2 (junho de 1988), 142.

14. Henry, "Renewal", 4.

Conhecimento Bíblico como Alvo

O propósito de adquirir conhecimento bíblico não é o reconhecimento pessoal ou o respeito acadêmico. Este destaque teve início com o surgimento do Iluminismo e, especialmente, nos dois últimos séculos tem havido uma ênfase academicista exagerada à custa da integridade bíblica e teológica. Muitas instituições de treinamento e seus mentores têm se tornado vítimas da embriaguez acadêmica,[15] desejando desesperadamente causar um impacto no mundo universal dos acadêmicos e ganhar o reconhecimento dos estudiosos seculares.

A motivação para acumular conhecimento bíblico e exatidão teológica deve brotar, *antes de mais nada,* de uma sede de conhecer Deus (Fp 3.8-10). Diz Packer:

> Preocupar-se com a aquisição do conhecimento teológico como alvo em si, achegar-se para estudar a Bíblia sem outro motivo superior, que não o desejo de saber todas as respostas, é o caminho direto para um estado de auto-engano e auto-satisfação... Não pode haver saúde espiritual sem conhecimento doutrinário, mas é igualmente verdadeiro que não pode haver saúde espiritual *com* ele, caso esse conhecimento seja buscado e avaliado por motivos errados... Ao estudar Deus, precisamos buscar sermos conduzidos a Ele. Esse foi o motivo pelo qual nos foi dada a revelação e assim devemos usá-la.[16]

Desse zelo, portanto, flui a paixão para lidar com a Palavra de modo preciso (2 Tm 2.15) e manejar eficazmente uma espada afiada (Ef 6.17; Hb 4.12), lutando em defesa das doutrinas fundamentais das Escrituras, entregue poderosamente aos santos (Jd 3).

Áreas do Conhecimento Bíblico

Debates são travados sobre as áreas e a extensão do conhecimento bíblico necessário, especialmente à luz das filosofias do "vamos ser relevantes", mais voltadas para o mercado que vêm dominando o cenário atual. Porém, para que os alvos acima delineados tornem-se realidades, as veredas do treinamento devem incluir três pedras de apoio: uma facilidade funcional com as línguas origi-

15. A situação não difere da intrusão do alegorismo grego e hebraico na Igreja Primitiva. A ansiedade por ganhar a aceitação nos círculos acadêmicos induzem capitulações hermenêuticas e, por conseguinte, bíblicas e teológicas, com conseqüências nefastas.

16. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1993), 22-23.

nais, uma estrutura teológica forjada pelo fogo da exegese e uma familiaridade com as posições teológicas de autores contemporâneos e históricos.

Capacidade lingüística. A primeira e mais fundamental dessas pedras de apoio é um conhecimento instrumental das línguas nas quais os autores, movidos pelo Espírito, escreveram as palavras inspiradas (2 Pe 1.21). Impulsionado pelo conhecimento de que toda tradução é, em alguma medida, uma interpretação, cada candidato a pastor deve perseguir com vigor um conhecimento básico do grego e do hebraico. A única alternativa para o pastor-pregador é estudar e expor a Palavra à mercê dos comentários, sem jamais ter certeza da veracidade de suas fontes ou encontrar uma que responda às perguntas. Um conhecimento das línguas originais não garante acuidade, mas a promove.

Embora os prêmios de tal busca sejam infinitos, o caminho nem sempre é suave e esconde algumas armadilhas.

> Um compromisso (exigência) de estudar as Escrituras e a demanda do seminário de que a teologia, a ética, a missão, a pregação e o cuidado pastoral fluam de conclusões exegéticas sadias adquiridas por meio de exaustiva leitura bíblica nas línguas originais e em seus contextos históricos parecerá, a muitos elitistas, repleto de orgulho intelectual... A outros, parecerá um consumo excessivo de tempo, pouco prático e irrelevante em face das sérias questões que nos rodeiam. Ainda outros alegarão que o currículo centrado nas Escrituras caracteriza um igualitarismo que muitos falsamente equiparam com o Evangelho e com nossa querida herança protestante... Apenas aqueles seminários que conseguirem comunicar suas convicções impopulares de modo claro e persuasivo aos possíveis alunos e à igreja, num tipo de "pré-educação", serão capazes de vencer o choque inicial de uma concepção rigorosa e antiquada dos estudos teológicos.[17]

Porém, a igreja e suas instituições de treinamento devem vencer esses obstáculos, pois a alternativa é interpretar a Bíblia subjetivamente, de acordo com os sentimentos e com uma concepção relativista do tipo: "o que isso significa para mim". A menos que os treinadores de pastores estejam dispostos a cumprir essa tarefa (2 Tm 2.2) e a reafirmar (não apenas verbalmente, mas também na prática) a centralidade das Escrituras, a auto-revelação proposicional de Deus tornar-se-á isenta de qualquer autoridade para compelir à obediência.

---

17. Hafemann, "Seminary, Subjectivity", 140-41.

Estrutura teológica. A *teologia* é definida como o que se sabe a respeito de Deus por meio de seu autodesvendamento, primeiramente por meio das Escrituras (revelação especial), mas também através da criação (revelação geral). Três elementos rudimentares compreendem uma estrutura teológica apropriada pela qual é possível filtrar o que se lê e ouve: teologia histórica, bíblica e sistemática.

A teologia histórica fornece uma compreensão valiosa dos problemas, debates, concílios e credos da história eclesiástica. Ela demonstra como os ensinos das Escrituras têm sido formulados e moldados, formando dogmas, credos e confissões de fé bem como revelando a luta constante contra os erros e desmascarando as heresias contra as quais a igreja tem batalhado e das quais surgiram todos os dogmas importantes. Uma vez que "nada há novo debaixo do sol" (Ec 1.9) e as heresias da Antiguidade voltam a surgir disfarçadas de "novidade", o estudo da teologia histórica ajuda a compreender o cenário presente e evita que se caia em velhas armadilhas. Lloyd Jones afirma: "A história eclesiástica é valiosíssima para o pregador... Eu diria que ela é um dos estudos mais essenciais para o pregador, mesmo que apenas lhe mostre esse terrível perigo de escorregar devagarinho para as heresias, ou para o erro, sem dar-se conta do que está sucedendo".[18]

A teologia bíblica, no sentido estrito, fornece ao estudante uma compreensão básica de cada autor, livro ou conjunto de livros da Bíblia. Um treinamento de qualidade deve incluir um estudo desses elementos, fornecendo um quadro essencial das partes que formam o todo. Warfield observa a importância desse estudo:

> Seu valor exegético repousa justamente nessa circunstância apenas quando concatenamos as afirmações teológicas de um autor. Assim podemos ter a certeza de que as compreendemos em seus detalhes. A teologia bíblica lança inevitavelmente uma luz sobre as expressões teológicas destacadas à medida que ocorrem no texto, como se as colorisse sutilmente e, muitas vezes, pela primeira vez, apresenta-as em seu verdadeiro contexto, dando-nos condições de evitar uma deturpação ao adaptá-las ao nosso uso.[19]

18. D. Martyn Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores* (São José dos Campos: Fiel, 1991),85.

19. B. B. Warfield, "The Idea of Systematic Theology" *em The Necessity of Systematic Theology, ed.* John Jefferson Davis (Washington D.C.: University Press, 1978), 112-13.

A teologia sistemática coleta os pedaços e os junta, formando um todo. Ela é um subproduto da teologia histórica e bíblica alimentada, testada, corrigida por uma infusão constante de exegese e, conforme apresentada pela teologia bíblica,[20] fornece um sumário ordenado ou uma sinopse dos temas importantes do ensino bíblico, reunidas de tal maneira que não violem o contexto de cada parte. Não se trata, como alguns poderiam afirmar, de um esqueleto feito por homens, dominado pela filosofia, ou de uma ortodoxia morta e isenta de valor prático. Antes, trata-se de uma estrutura forjada no fogo da exegese e malhada com intensos estudos, debates e entendimentos na bigorna dos séculos. De acordo com Lloyd-Jones: "Não é bastante que um homem deva meramente conhecer as Escrituras; ele é obrigado a conhecê-las no sentido de que possa captar delas a essência da teologia bíblica, apreendendo-a de maneira sistemática. Também lhe convém estar bem versado nestas questões, para que toda a sua pregação seja controlada".[21]

A importância de classificar e integrar toda a amplitude da teologia, formando uma unidade coesa, não deve ser subestimada. Uma vez que as Escrituras são o produto da inspiração divina, o todo não discordará das partes. A pessoa precisa ver o corpo todo, pelos olhos de cada parte que o constitui, como se fosse um todo indivisível. Essa pregação é fortalecida quando, unida ao todo, vê-se claramente o propósito e o esquema geral.

> Não podemos saber o que Deus revelou em sua Palavra, a menos que compreendamos, pelo menos em boa parte, a relação que se estabelece entre cada verdade e todas as outras... Não temos outra escolha. Se formos desempenhar nossa tarefa como professores e defensores da verdade, precisamos nos empenhar para trazer todos os fatos da revelação para dentro de uma ordem sistemática e para uma relação mútua. Somente assim podemos apresentar satisfatoriamente suas verdades, livrá-las de objeções ou fazer com que exerçam todo o impacto sobre a mente dos homens.[22]

Warfield observa oportunamente o propósito prático:

---

20. Ibid., 113. Ele acrescenta: "Ela utiliza cada informação fornecida pela exegese, em uma palavra, não de modo cru, independente, mas apenas depois que tal informação foi trabalhada na teologia bíblica, tendo recebido sua coloração final e nuanças sutis de significado, em outras palavras, apenas em seu verdadeiro sentido e depois de a exegese ter dado sua palavra final a respeito" (113).

21. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores*, 84-85.

22. Charles Hodge, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970 reimpressão), 1:2-3.

> Se este for o valor e o uso da doutrina, o teólogo sistemático é preeminentemente um pregador do Evangelho; e o final de sua obra é, obviamente, não apenas fazer uma concatenação lógica das verdades que lhe vêm às mãos, mas mover os homens por meio desse poder, para que amem a Deus com todo o coração e ao próximo como a si mesmos, escolham sua porção junto ao Senhor de suas almas e, além disso, o considerem precioso e se apeguem a Ele, reconhecendo e aceitando as doces influências do Espírito Santo.[23]

Familiaridade bibliográfica. Outra área valiosa de treinamento ministerial ocorre no contato com uma vasta diversidade de livros e autores e na avaliação desse material. Uma familiaridade rudimentar com os escritos de líderes, pensadores e escritores cristãos de destaque ao longo da história da Igreja permite que o estudante conheça suas premissas hermenêuticas e teológicas. A proliferação contemporânea de livros, periódicos e revistas tornam imperativo o conhecimento geral de autores e editores. A familiaridade dessa espécie ajudará a poupar tempo e fornecerá uma compreensão melhor de cada autor através da leitura de suas obras.[24]

Caminhos para o Conhecimento Bíblico

Muitos têm procurado fornecer treinamento bíblico aprofundado aos estudantes pastorais por meio de cursos por correspondência ou ambientes para estudos independentes, longe do contexto mais formal da sala de aula. Em geral, porém, é mais difícil adquirir conhecimento bíblico dessa maneira. Às vezes, o estudo individual pode ser a única opção, mas o tempo de preparação necessário é consideravelmente mais longo. A instrução formal em sala de aula é de grande benefício na transmissão do traquejo com as línguas bíblicas e na compreensão significativa das questões teológicas. A sabedoria de professores capacitados, homens dedicados ao estudo e ao treinamento de outros, juntamente com a interação direta dos estudantes, podem encurtar o percurso do treinamento, aumentar a compreensão, fortalecer a fixação e facilitar o processo que vai das línguas bíblicas à exegese, depois à teologia, ao ensino e à pregação.

---

23. Warfield, "Idea of Systematic Theology", 129.

24. Resenhas literárias em periódicos e jornais oferecem acesso rápido a esse tipo de informação.

Não se recomendam atalhos. O conhecimento bíblico e o entendimento teológico causarão, inevitavelmente, um impacto na vida da pessoa (caráter piedoso) e no serviço por ela prestado (capacidades ministeriais). Em igual medida, ecoará na vida de quem ela ministrar. Tentativas de simplificar o processo de aprendizado, reduzindo-o, levará certamente a uma compreensão mais frágil e à perda de produtividade. Tanto o caráter piedoso como as habilidades pastorais são fatores essenciais que podem ser adquiridos praticamente em qualquer tempo e parte do mundo, mas a vantagem de uma instrução especializada e da supervisão quando se busca um conhecimento bíblico não é de tão fácil análise ou aquisição. Sendo oportuno, deve-se lhe dar a máxima prioridade.

Capacidades Ministeriais

Capacidades Ministeriais como Alvo

A idéia de que os resultados intelectuais e o sucesso acadêmico nas salas do seminário são equivalentes ao preparo completo para o ministério pastoral é, obviamente, uma ingenuidade. Embora a maior parte das instituições afirme preparar seus alunos para serem líderes espirituais na igreja local, infelizmente nem todas o fazem. A preparação efetiva vai além da sala de aula, incluindo treinamento no campo, sem o qual muitos estudantes não saberão se conseguirão nadar ou se afundarão quando entrarem no ministério.

Áreas de Habilidades Ministeriais

Existem quatro áreas básicas para lapidar as habilidades ministeriais de uma pessoa. O pastor preparado é aquele que, pela busca de um caráter piedoso e pelos rigores dos estudos bíblicos e teológicos abrangentes, aprende ainda a liderar com convicção, ensinar com autoridade, pregar com paixão e pastorear com cuidado.

Liderar com convicção. A liderança competente está seguramente ancorada em fortes convicções bíblicas. Essa é uma qualidade absolutamente essencial para a eficiência no ministério. Tito 1.9 afirma que o bispo deve reter "firme a palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes". As convicções espirituais que sustentam uma liderança forte não têm origem em um vácuo, antes, emergem como um resíduo produzido pelo Espírito de Deus,

quando este faz com que a Palavra exerça um impacto sobre o indivíduo. A convicção, por sua vez, gera a disciplina, a visão e a coragem necessárias à tarefa. Uma firme compreensão da Palavra de Deus e uma absorção cada vez maior de suas verdades são os alicerces sobre os quais repousam as convicções, e por elas vale a pena morrer.

Ensinar com autoridade. O pregador está sob a comissão e a autoridade divinas. "É um embaixador e deve ter consciência de sua autoridade, devendo sempre reconhecer que se apresenta à congregação na qualidade de mensageiro enviado".[25] Ao final do Sermão do Monte, proferido por Jesus, Mateus resume: "A multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas" (Mt 7.28,29). Da mesma forma, Paulo instruiu seus discípulos a ensinar com autoridade. Ele ordena a Timóteo: "Manda estas coisas e ensina-as" (1 Tm 4.11) e lembra a Tito: "Fala isto, e exorta, e repreende com toda a autoridade. Ninguém te despreze" (Tt 2.15).

É importante que a autoridade do ensino não se baseie na pessoa, nem brote dela mesma, pois aquela deriva somente do conhecimento e da compreensão da Palavra de Deus.

> Nossa autoridade tem um fundamento. Primeiro, você precisa saber o que crê a respeito da Bíblia. Se você não estiver certo de que é a Palavra de Deus, não terá autoridade. Depois, você precisa saber o que diz a Palavra. Caso não tenha certeza de seu significado, não poderá ter autoridade. Então, você deve preocupar-se em comunicá-la da melhor forma, pois a Palavra de Deus está sendo levantada. Por fim, você precisa cuidar da reação das pessoas à Palavra.[26]

O mandamento é claro. O servo fiel deve ser firme em seu ensino, transmitindo a Palavra de Deus e deixando que ela realize sua obra.

Pregar com paixão. Pregar com paixão implica apropriação pessoal daquilo que é pregado. O pregador abraça entusiasticamente o conteúdo da mensagem que transmite aos outros. A substância da mensagem exerce um impacto em seu coração, tornando-o ansioso por envolver outros, para que compartilhem de suas riquezas e sintam seu impacto.

---

25. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores*, 60.

26. John MacArthur, Jr., *Shepherdology: A Master Plan for Church Leadership* (Panorama, Calif.: The Master's Fellowship, 1989), 139; ed.rev., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991).

> Um pregador sempre deve transmitir a impressão de que ele foi cativado pelo que está dizendo. Se ele não se sentir profundamente cativado ninguém mais se sentirá. Portanto, isso é absolutamente essencial. Ele precisa impressionar os ouvintes pelo entusiasmo e concentração pelo que está fazendo. Seu assunto lhe extravasa e ele anseia por comunicá-lo a outros. Sente-se tão comovido e entusiasmado pelo assunto que deseja que todos compartilhem do mesmo sentimento... Portanto, faz isso com energia, zelo e com aquele interesse óbvio pelas pessoas.[27]

É difícil treinar um estudante para que pregue dessa forma. Externamente, o entusiasmo e o zelo pela mensagem refletem paixão, podendo ser ensinado. Porém, a verdadeira paixão vai além do entusiasmo externo. Ela brota das veias de um coração transformado e de uma mente iluminada, de um espírito agitado pelo impacto da Palavra corretamente dividida e energizada por uma aplicação pessoal. O esforço humano pode gerar o entusiasmo externo, mas não a paixão. A paixão transborda do pregador, muitas vezes de modo não verbal, fornecendo uma forte solda que mantém juntas as partes estruturais do sermão. Invisivelmente, ela demonstra que a espada de dois gumes, a Palavra, deixou sua marca na vida do pastor.

É nesse ponto que as habilidades ministeriais de um pregador se mesclam mais com sua busca da piedade. Para pregar de modo apaixonado, ele deve primeiro estudar o texto bíblico para seu próprio enriquecimento e crescimento espiritual, aplicando as verdades em sua vida, antes de estar pronto para pregar de modo apaixonado aos outros. Lloyd-Jones disse: "Se o coração de um homem não está envolvido, então peço licença para examinar e indagar se ele realmente entendeu a mensagem, devido ao próprio caráter da verdade com a qual está tratando... Acreditamos nela? Temos sido impressionados, humilhados e exaltados até nos 'perdermos em admiração, amor e louvor?'"[28]

Pastorear com cuidado. A liderança e o governo são muitas vezes erradamente igualados. Embora o fato de estar em uma posição de superintendente exija que se tomem decisões que afetarão os outros, o pastorado bíblico pede um ministério, não uma monarquia. A chave para uma liderança eficaz é o serviço, como deixa claro o apóstolo Paulo: "E rogamo-vos irmãos, que reconheçais

27. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores*, 63.

28. Ibid., 65.

os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, *por causa da sua obra*" (1 Ts 5.12-3, itálicos meus).

O pastor cuidadoso deve aprender a ser vigilante, estar alerta, guardando seu rebanho. Em suas instruções de partida aos presbíteros de Éfeso, Paulo disse: "Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (At 20.28). Em Hebreus 13.17 ecoa o mesmo pensamento: os líderes velam por nossa alma. Na vigilância do pastor, as ovelhas encontram proteção; em sua coragem, recebem defesa.

O pastor cuidadoso deve aprender a guiar suas ovelhas a pastos verdes e a águas tranqüilas. Jesus disse acerca do pastor: "Quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz" (Jo 10.4). O líder espiritual deve saber para onde está indo e encorajar os outros para que o sigam. "Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo" (1 Co 11.1). Ele tem a responsabilidade de prescrever e fornecer o alimento espiritual, visando o crescimento por meio da Palavra.

O pastor cuidadoso deve aprender a promover o bem-estar de seu rebanho. Ele precisar dar tempo às ovelhas, a fim de familiarizar-se com suas necessidades. Quando foi questionado por comer e beber com publicanos e pecadores, Jesus respondeu: "Não necessitam de médicos os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos" (Lc 5.31).

> O verdadeiro líder preocupa-se primariamente com o bem-estar dos outros antes de seu próprio conforto e prestígio. Ele manifesta simpatia e interesse pelos que estão sob sua responsabilidade, por seus problemas, dificuldades e cuidados, mas trata-se de uma simpatia que fortalece e estimula, não que amolece e debilita. Ele sempre lhes dirigirá a confiança para o Senhor. Ele vê em cada emergência uma nova oportunidade de ser útil.[29]

O pastor cuidadoso é o que ama suas ovelhas e tem afeição por elas. O Bom Pastor carrega suas ovelhas em seu colo (Is 40.11), chama-as pelo nome e dá a sua vida por elas (Jo 10.3,11).

---

29. Sanders, *Spiritual Leadership*, 153-54.

> Gostar de pregar é uma coisa, porém amar aqueles para quem pregamos é algo bem diferente. O problema é que gostamos de pregar, mas nem sempre nos certificamos de que amamos realmente as pessoas para quem estamos pregando. Se lhe faltar esse elemento de compaixão, não existirá a empatia que é extremamente vital em toda a verdadeira pregação. Nosso Senhor olhou para toda aquela multidão e "compadeceu-se deles, pois eram como ovelhas que não têm pastor". Mas se você não conhece nada disto, então não deveria subir um púlpito.[30]

Tentar cumprir o papel de um líder cuidadoso sem amor é legalismo. O amor é o elo que mantém as partes unidas. "E, sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição" (Cl 3.14).

Caminhos para as Habilidades Ministeriais

Adquire-se as habilidades ministeriais primeiramente na sala de aula. E, provavelmente, é mais comum contagiar alguém ao ensiná-la. Os estudantes admiram seus professores e, portanto, os imitam, muitas vezes inconscientemente. Eles vêem-se imitando seus mestres, no manejo da Palavra, na resposta a perguntas difíceis ou na demonstração de um interesse genuíno pela vida dos outros. Em geral, adotam a filosofia de seus mentores e seguem seus exemplos.

Por conseguinte, é imperativo que os futuros pastores escolham uma instituição em que os professores e mentores tenham recebido treinamento para pastor e possuam uma "mente pastoral". Os instrutores devem transpirar ministérios pastorais e missões em suas aulas, no ministério em suas igrejas locais e em seus relacionamentos. O impacto será fenomenal.

A preparação para o ministério prático também deve incluir um treinamento no campo. A liderança é em parte dom, mas também aprendizado. Portanto, o treinamento deve incluir a prática do ministério em associação com o aspecto acadêmico, de preferência num campo em que a prática ocorra simultaneamente ao treinamento formal.

O treinamento para o ministério pastoral é uma busca árdua, permanente. Ele exige que nos dediquemos à busca da piedade e nos sujeitemos às disciplinas, a fim de aprendermos as línguas bíblicas, fazermos exegese, formularmos e

30. Lloyd-Jones, *Pregação & Pregadores*, 67.

compreendermos a teologia, bem como lapidarmos nossas habilidades ministeriais através dos anos de ministério e de humilde serviço.

A interação entre a experiência e o aprendizado é de máxima importância. A preparação efetiva exige que a prática não seja removida da academia, ou vice-versa. A igreja criou o seminário e dele necessita. O seminário nasceu com o propósito de assistir e servir à igreja e, portanto, necessita dela. O treinamento que ocorre exclusivamente na igreja local muitas vezes produz uma insuficiência no campo do conhecimento bíblico e teológico, porém o que sucede exclusivamente na arena acadêmica produz uma insuficiência no campo das habilidades ministeriais. Os dois precisam estar associados em todo o processo de preparação. A essência do treinamento eficaz está nessa união vital.

> É ingenuidade pressupor que o sucesso acadêmico na teologia, história e Bíblia seja equivalente à preparação para o ministério. Presumir que o acréscimo de um curso de teologia prática ou que a exigência de um trabalho prático resolvam a questão não é menos ingênuo. De alguma maneira, a formação teológica e a preparação para o ministério devem ocorrer em um lugar, tempo e contexto em que os indivíduos estejam vivendo os problemas e lidando com as pessoas.[31]

De igual importância é a necessidade de uma preparação enraizada e firmada em todo *sine qua non* bíblico para a igreja. Os alunos devem obter uma compreensão clara desta ordem bíblica: o que é e o que deve fazer, firmando um compromisso inabalável para cumpri-la, custe o que custar. Em um mundo eclesiástico que está adotando, num índice alarmante, uma filosofia voltada para o consumidor, a tarefa não será fácil. Sem dúvida, é o caminho menos percorrido, mas as recompensas são grandes.

Por fim, essa preparação tem seu preço. Não existem atalhos no treinamento para o ministério pastoral. Isso é possível somente através de uma oração persistente, um trabalho árduo e perseverante, visando o compromisso permanente de ser um homem de Deus capacitado para toda boa obra.

---

31. John M. Buchanan, "Basic Issues in Theological Education", *Quarterly Review* 13, n. 3 (fall, 1993): 52. "Algo inferior ao padrão holístico desejado da relação igreja–seminário prevalecerá, caso a igreja ou o seminário não tiver um programa integrado que reflita e desenvolva um relacionamento vital e mútuo" (Robert P. Meye, "Toward Holistic Church/Seminary Relations", *Theology News and Notes*, 40, n. 3 [outubro de 1993]), 15.

8

A Ordenação para o Ministério Pastoral

Richard L. Mayhue

A ordenação descreve o conceito bíblico de como Deus destaca um homem para o ministério de tempo integral.[1] Hoje, a igreja reconhece os homens ordenados quando seus anseios ministeriais, vida piedosa e dotação para o ministério preenchem os padrões bíblicos (tanto subjetivos como objetivos) que identificam um homem chamado por Deus. As Escrituras não especificam o procedimento detalhado pelo qual uma pessoa possa qualificar-se para a ordenação, portanto, prevalece a liberdade ao se esboçar um plano prático. Um método provado, empregado efetivamente por uma igreja local, ilustra como desenvolver o processo de ordenação de acordo com os parâmetros bíblicos.

A Adão, Deus fez do pó,
Mas achou por bem fazer-me primeiro.
De modo que antes do homem fui feito.
Ser vivo tornei-me —
E Adão deu-me um nome.
De sua presença afastei-me, então,
E nada mais soube de Adão.
Obedeci à lei do meu Criador.

1. Para mais discussões acerca da ordenação, consulte Robert C. Anderson, *The Effective Pastor* (Chicago: Moody, 1986), 57-67; D. Miall Edwards, "Ordain, Ordination" em *International Standard Bible Encyclopedia*, ed. James Orr (Grand Rapids: Eerdmans, 1939), 4:2199-200; Homer A. Kent Sr., *The Pastor and His Work* (Chicago: Moody, 1963), 194-202; Robert L. Saucy, *The Church in God's Program* (Chicago: Moody, 1972), 161-65.

Dela nunca me desviei.
Milhas e milhas com temor percorro.
Mas, raramente, sou em terra visto.
Por um sábio propósito que Ele viu.
Em mim colocou uma alma vivente.
De mim, a alma Deus reclamou.
E, a alma tomou-me mais uma vez.
Assim, quando a alma de mim se foi,
Igual ao que fora voltei a ser.
Não tenho mãos, nem pés, nem alma;
De pólo a pólo prossigo vagando.
Trabalho pesado noite e dia.
Para ao homem caído grande luz fornecer.
Milhares, jovens e velhos,
À minha morte, grande luz obterão.
Certo ou errado, distinguir não consigo;
Nas Escrituras acreditar não sei.
Embora meu nome se encontre ali,
Soam a mim como se nada soasse.
Temor da morte nunca me atinge;
Felicidade verdadeira nunca verei.
Ao Céu jamais subirei.
Nem ao inferno jamais descerei.
Agora que estas linhas você já leu,
Corra para a Bíblia para me encontrar.
Pois nela meu nome escrito está.
Com honestidade posso declarar.
Se minha espécie conseguir identificar,
Para o ministério aprovado estará.
Quem sou eu?[2]

Os candidatos à ordenação enfrentam com freqüência embaraços quando se vêem diante de perguntas obscuras como o nó górdio, parecidas com a charada acima citada,[3] apresentadas por pastores e professores de seminário espi-

2. Anônimo.

3. Veja na nota 16 a solução da charada.

rituosos. As congregações, muitas vezes, vêem a ordenação como nada mais que uma inquisição pós-seminário, infligida mediante perguntas irrelevantes e destinadas a deixar o candidato a pastor agoniado pela última vez.

Será que a ordenação equivale ao momento final de um trote eclesiástico, imediatamente anterior à admissão da pessoa no ministério? Ou envolve propósitos mais nobres e bíblicos? Que é ordenação? Por que o homem[4] deve ser ordenado? Quem necessita de ordenação?[5] Como se deve processar a ordenação? Essas e outras perguntas necessitam de sólidas respostas bíblicas, a fim de que o processo de ordenação passe a ser mais que um torturante exame final .

O Conceito Bíblico de Ordenação

O conceito geral de ordenação para o ministério aparece no Antigo e no Novo Testamento. A ordenação é o processo pelo qual os líderes piedosos da igreja confirmam o chamado, a capacitação e a maturidade dos novos líderes, para que sirvam aos propósitos de Deus na próxima geração. A ordenação torna válida ou autêntica a vontade de Deus de que um homem plenamente qualificado possa servir a Ele e ao seu povo.

Antigo Testamento

Moisés "ordenou" (יד מלא, דיׄ למ, "*encher a mão de*") Arão e seus filhos para o sacerdócio de Israel (Êx 29.9, 29, 35). Simbolicamente, ele representava a vontade de Deus de que Arão servisse como sumo sacerdote ao colocar as

4. Este estudo assume o ensino bíblico de que Deus só chama homens para pastores ou presbíteros da igreja. Portanto, só os homens devem se candidatar para a ordenação. Os seguintes estudos esboçam com esmero a base bíblica para essa conclusão. Gleason Archer, "Ordination Is Not for Women", *Moody Monthly* 87, n. 6 (fevereiro de 1987), 8: Elisabeth Elliot, "Why I Oppose the Ordination of Women", *Christianity Today* 19 n. 6 (6 de junho de 1975): 12-16; George W. Knight III, "The Ordination of Women: No", *Christianity Today* 25, n. 4 (20 de fevereiro de 1981), 16-19; Douglas Moo, "What Does It Mean Not to Teach or Have Authority over Men?" em *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, ed. Wayne Grudem e John Piper (Westchester, Ill.: Crossway, 1991), 179-93; J. I. Packer, "Let's Stop Making Women Presbyters", *Christianity Today* 35, n. 2 (11 de fevereiro de 1991): 18-21; e Paige Patterson, "The meaning of Authority in the Local Church" em *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, ed. Wayne Gruden e John Piper (Westchester, Ill.: Crossway, 1991), 248-59.

5. Nessa discussão, os ordenados para o ministério cristão são distinguidos da congregação como um todo por seu chamado divino e dotação para o ministério, não por alguma superioridade pessoal em relação aos outros cristãos no corpo de Cristo. Evito usar a terminologia enganosa de *clero* e *leigos*.

mãos sobre ele e ordená-lo para o ministério sacerdotal. Esse mesmo procedimento aparece em Levítico 16.32 e Números 3.3.

Em outras palavras, a ordenação reconhece a escolha divina de um homem para o ministério, sendo a forma pela qual os líderes o recomendam à congregação. Por exemplo, o sumo sacerdote de Israel era constituído (καθίσταται, *kathistatai*, "colocado no lugar") por Deus para ministrar em favor dos homens nas coisas relacionadas a Ele (Hb 5.1; 8.3). Moisés reconheceu esse fato e o comunicou a Israel impondo as mãos sobre Arão.

Novo Testamento

O lado divino da escolha para o ministério vem primeiro. Paulo foi "ordenado" (ετεθεν, *etethen*) por Deus para o ministério (1 Tm 2.7). Paulo disse aos bispos de Éfeso que o Espírito Santo os havia "constituido (ἔθετο, *etheto*) bispos para que apascentassem a igreja de Deus (At 20.28). Mas Deus usou homens piedosos para comunicar esta escolha ao povo. Tanto o lado divino como humano do processo são necessários.[6] Deus separa líderes para que a liderança atual possa assimilá-los, integrando-os à ordem de liderança que está se desenvolvendo.

Humanamente, Jesus "nomeou" ἔθηκα, *etheka*, "estabeleceu, colocou") seus discípulos (Jo 15.16). Ele "nomeou" (ἐποίησεν, *epoiesen*, "fez") os 12 para estarem com Ele e pregarem (Mc 3.14).

Os apóstolos confirmaram um novo grupo de líderes do ministério em Jerusalém, impondo as mãos sobre eles (At 6.6). Na primeira viagem missionária de Paulo, ele e Barnabé "elegeram" (χειροτονῆσαντες, *cheirotonesantes*, "estender a mão") presbíteros em cada igreja (At 14.23). Ele também instruiu Tito a "estabelecer" (καταστήσης, *katasteses*, "colocar no lugar") presbíteros em cada cidade (Tt 1.5).

A compreensão da idéia bíblica de ordenação é uma resposta parcial à pergunta: Quem deve ser acrescentado à liderança ministerial existente? Mas também levanta uma questão neste sentido: como reconhecemos os líderes escolhidos por Deus?

---

6. Saucy, *Church in God's Program*, 164, define os dois lados sucintamente: "A ordenação é o reconhecimento da igreja em relação aos que Deus escolheu e capacitou para um ministério regular".

A Essência Prática da Ordenação

Dos exemplos bíblicos citados, é óbvio que a ordenação implica homens escolhidos por Deus para o ministério, subseqüentemente reconhecidos e autenticados de acordo com a Palavra de Deus por uma liderança piedosa. A escolha para o ministério ordenado na igreja não decorre de herança familiar, sucessão apostólica ou alguma investidura de autoridade sacerdotal. Antes, cada geração de líderes é escolhida por Deus, por meio de líderes piedosos e confirmados pela igreja.

A ordenação está para a liderança da igreja como o exame de ordem está para os advogados. O exame serve para verificar as qualificações genuínas referentes ao serviço em campo. Mais especificamente, o processo de ordenação serve para:

1. Identificar e certificar os homens realmente chamados e capacitados por Deus para o ministério de tempo integral.
2. Eliminar homens que estejam buscando as credenciais para o ministério, sem terem sido chamados por Deus.
3. Dar à congregação a grande confiança de que seus líderes são genuinamente escolhidos por Deus.
4. Fornecer um padrão de responsabilidade para a igreja com respeito ao ministério de uma pessoa.
5. Recomendar publicamente uma pessoa para o ministério, qualquer que seja o lugar para onde a enviarem.

Um dos aspectos mais explícitos do processo de ordenação é a determinação das qualificações bíblicas humanamente discerníveis na vida e nas habilidades de um homem que Deus tenha escolhido para o ministério. Esses elementos identificadores são subjetivos e objetivos. O aspecto subjetivo ou interno diz respeito à idéia que o candidato faz da vontade de Deus para si no ministério. Seu equivalente externo ou objetivo estuda a possibilidade de ordenação de acordo com os padrões das Escrituras.

O Aspecto Interno ou Subjetivo

O que o candidato deseja e crê acerca do ministério que Deus teria para ele inicia o processo de ordenação no nível subjetivo: "Se alguém *deseja* o epis-

copado, excelente obra deseja" (1 Tm 3.1, grifo meu). Esse passo inicial, humanamente falando, começa com aquele que entende que a vontade de Deus para ele é o engajamento no ministério de tempo integral. Esse chamado pressupõe uma *conversão genuína* a Cristo e uma *convocação* subseqüente de Deus para o ministério.[7]

MacArthur explica a intenção de 1 Timóteo 3.1 com respeito a essa fase subjetiva do processo de ordenação:

> Em outras palavras, não vamos sair recrutando homens para que se tornem presbíteros. Aquele que for qualificado para ser presbítero estará ansioso por ensinar a Palavra de Deus e liderar o rebanho, sem absolutamente nenhuma intenção de lucro. Ele desejará o ofício e também ser separado, devotando-se à Palavra. Ninguém terá de lhe dizer que esta é a paixão de seu coração.
>
> Além disso, ele serve "voluntariamente *de acordo com a vontade do Senhor*". Seu serviço como presbítero é um chamado que provém de Deus. O desejo de servir está em seu coração porque Deus ali o colocou.[8]

Esteja o leitor avisado: muitos têm pedido falsamente um chamado para o ministério. Com freqüência, um falso desejo brota do orgulho humano, das aspirações dos outros, da falha na compreensão da vontade de Deus, da substituição do processo completo de ordenação divina pela educação formal. Esse é o motivo pelo qual a objetividade do processo de ordenação é indispensável na confirmação da vontade de Deus. O processo objetivo afirmará ou negará o lado subjetivo, menos mensurável.

O Aspecto Externo ou Objetivo

"E também estes sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis" (1 Tm 3.10). O contexto imediato dessa instrução a Timóteo trata dos diáconos (3.8,9), mas *também* se refere ao assunto anterior, as qualificações dos bispos[9] em 3.1-7. Os bispos "também" precisam ser

---

7. Veja o capítulo 6, "O Chamado para o Ministério Pastoral".

8. John MacArthur, Jr., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991), 192 (grifos meus).

9. O Novo Testamento emprega os termos *pastor, presbítero* e *bispo* indiscriminadamente para denotar uma pessoa ordenada. Veja numa explicação bíblica em MacArthur, *Master's Plan*, 183-85.

provados. Isso permite que a igreja valide as impressões subjetivas da pessoa que está buscando ordenação usando os critérios de Deus como base para essa prova.

As Escrituras fornecem cinco áreas principais para verificação: caráter, conduta, capacidades, credo e compromisso. Primeiro, seu *caráter* deve ser coerente com seu chamado, fazendo com que seja um modelo daquilo que prega. Em 1 Timóteo 3.2-7, estão relacionados dez aspectos que se dividem em quatro categorias principais de acordo com a seguinte classificação:[10]

1. Sua devoção ou dedicação (3.2)
   "marido de uma mulher"
2. *Sua disciplina pessoal* (3.2)
   "vigilante"
   "sóbrio"
   "honesto"
3. Sua direção na vida (3.2)
   "hospitaleiro" — voltado para as pessoas
   "apto para ensinar"— voltado para a Palavra de Deus
4. Seus desejos (3.3)
   "não dado ao vinho"
   "não espancador"
   "não contencioso"
   "não cobiçoso de torpe ganância"

Em segundo lugar, sua *conduta* deve ser coerente com seu caráter. Três elementos comprovam essa conduta:

1. Sua excelência na vida doméstica (3.4,5)
2. Sua maturidade espiritual (3.6)
3. Sua reputação na comunidade (3.7)

10. Veja uma discussão aprofundada de 1 Tm 3.1-7 em MacArthur, *Master's Plan*, 215-33. Veja no capítulo 5, "O Caráter do Pastor", uma discussão paralela de Tt 1.5-9.

Em terceiro lugar, suas *capacidades* devem estar de acordo com seu chamado. Em 1 Timóteo 3.2, somos esclarececidos de que ele deve ser "apto para ensinar". Tito 1.9 amplifica este significado: "Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes". Como conseqüência da capacidade de compreender e ensinar a Palavra, incluindo-se a refutação do erro, ele deve:

1. Apascentar o rebanho de Deus (At 20.28; 1 Pe 5.2).
2. Fornecer supervisão espiritual (At 20.28; Tt 1.7).
3. Liderar como um homem de Deus amadurecido (At 20.17; Tt 1.5; 1 Pe 5.1).
4. Ser fiel como um despenseiro do ministério divino (Tt 1.7).

Em quarto lugar, seu *credo* deve juntar-se às suas capacidades, conforme afirma a Palavra. Ele deve ministrar de acordo com a sã doutrina (Tt 1.9).[11]

Em quinto lugar, seu *compromisso* deve demonstrar coerência em todas as quatro categorias acima, tendo sido testadas por tempo suficiente (1 Tm 3.10). Isso permite que o aspecto objetivo da ordenação examine a subjetividade, verificando se é real, não uma encenação. Assim, a qualidade suprema na vida do candidato deve ser "irrepreensível". Esta virtude não significa perfeição sem nenhum pecado. Mas, pressupõe que a vida do pastor atinja tal grau de maturidade espiritual, que ele esteja isento de qualquer acusação de pecado persistente.

Passando da Essência à Prática

Os fundamentos bíblicos expostos até aqui são bem específicos. A Bíblia fala claramente de homens destacando ou ordenando outros para que ministrem de acordo com a vontade do Senhor. Deus forneceu padrões objetivos e subjetivos que ajudam a igreja a determinar a vontade dEle na vida do homem. Os critérios básicos para uma comprovação objetiva registrados em 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9 são inquestionáveis. À parte, porém, desses itens básicos, as

11. O candidato deve terminar o seminário para ser ordenado? Não! respondemos enfaticamente. Porém, ele deve ter uma boa compreensão do conteúdo bíblico e do pensamento teológico. Normalmente, mas nem sempre, o seminário provê essa capacidade em alto nível de excelência. Entretanto, o seminário não é o único meio prático de atingir o alvo de ser apto para ensinar a verdade e refutar o erro (Tt 1.9).

Escrituras pouco explicam a maneira de proceder a ordenação.[12] Entretanto, Deus concede à igreja a liberdade de determinar processos práticos que a conduzam, contanto que estes incluam os ditames das Escrituras.

Alguns rejeitam totalmente a ordenação formal, pois crêem que é Deus, não os homens, quem ordena. Desde que a vida e o ministério deles sejam validados pelo padrão bíblico, as Escrituras não condenam a idéia de serem incluídos os critérios para verificação ou certificação.

Com igual liberdade, outros só concebem um processo direto de ordenação. Ainda outros seguem uma rota mais indireta, usando um período de licença[13] como parte do processo que conduz à ordenação. As Escrituras permitem ambos, pressupondo que incorporam no processo a essência desta consagração.

Portanto, o restante deste capítulo não apresentará um processo exclusivo de ordenação. Antes, explicará como uma igreja, com um processo maduro e aprovado, desenvolvido nos últimos vinte anos, incorpora os elementos bíblicos no processo de ordenação.

Panorama do Processo de Ordenação da Igreja de Grace Comunity[14]

I. Constituição

A ordenação na igreja de Grace Community, pronunciada pela igreja local, constitui a declaração formal do reconhecimento da chamada de uma pessoa, de suas qualidades bíblicas e de suas capacidades para o ministério cristão. Esta última inclui a capacidade de pregar e de ensinar. Tal ordenação é reconhecida pela maioria das igrejas evangélicas independentes e pelo governo federal.

---

12. Paige Patterson, "Meaning Authority", 249-51, discute em maiores detalhes essa observação com respeito à ordenação.

13. Kent, *Pastor*, 187-93, discute em profundidade o conceito de licença. O período de licença serve como um tempo de experiência no processo de ordenação, durante o qual a igreja destaca o candidato para exercer todas as tarefas de um pastor ordenado. Embora a ordenação seja vitalícia (pressupondo que a pessoa ordenada não venha a se desqualificar), a licença só cobre um período, geralmente de um ano, sendo sujeita, caso necessário, a renovação. Se compararmos o processo de ordenação com o processo de habilitação para motoristas nos Estados Unidos, a licença é provisória, e a ordenação, a habilitação definitiva.

14. Adaptado de "Processo de Ordenação" (Sun Valley, Calif.: Grace Community Church, 1993), 11-24. Este manual pode ser adquirido por meio da Grace Community Shack, 13248 Roscoe Blvd., Sun Valley, CA 91352 (818/909-5555).

II. Definições

As seguintes definições diferenciam ordenação, licença e comissionamento.

A. *Ordenação.* Ordenação refere-se ao reconhecimento unânime do corpo de presbíteros de que a pessoa foi chamada para o ministério, está preparada como pastor e qualificada para servir. A ordenação deve ser conferida para toda a vida, contanto que a pessoa continue manifestando as qualificações para o ofício.

B. *Licenciamento.* Se o objetivo é permitir que a pessoa desempenhe as tarefas e as funções eclesiásticas, a autorização será concedida pelo presbitério em reconhecimento de sua admissão no processo de ordenação. As licenças serão avaliadas e concedidas anualmente.

C. *Licenciamento/Comissionamento.* Quando se exige um certificado da igreja local para o ministério onde a ordenação é desnecessária ou descabida, a pessoa pode ser licenciada ou comissionada para o ministério pelo corpo de presbíteros. Essa autorização continua enquanto perdurar a oportunidade e no tempo em que a pessoa permanecer qualificada para o ministério.

III. Supervisão

O processo de ordenação será supervisionado por um presbítero leigo e por um pastor ordenado que componham o Grupo Facilitador de Ordenações (GFO). O GFO será escolhido pelo presbitério.

IV. Candidatos

Os candidatos à ordenação pela Igreja de Grace Community estão limitados a homens que:

A. Sejam atuais membros da Igreja de Grace Community.

B. Estejam ministrando na Igreja de Grace Community, tendo pelo menos dois anos de experiência ministerial. O ministério do último ano deve ter transcorrido sob circunstâncias normais, sob a supervisão do presbítero e do pastor que recomendam o candidato.

C. Creiam que Deus os chamou e lhes deu dons para o ministério da Palavra sob a autoridade da igreja local.

V. Passos Preliminares

O processo de ordenação (ilustrado na figura 1) começa com estes passos preliminares:

A. Um presbítero e seu companheiro pastor recomendam o candidato ao GFO para que este o aceite no processo de ordenação. Isso pressupõe que o candidato foi avaliado pelo corpo pastoral com discussões.

B. O candidato lê *O que Ensinamos*[15], assina a "Confirmação das Convicções Doutrinárias" (veja o Apêndice) e submete-se ao GFO. Ele deve também identificar ou esclarecer quaisquer discordâncias.

C. O perfil do candidato à ordenação" (veja o Apêndice) é preenchido e submetido ao GFO.

D. Três presbíteros são selecionados pelo GFO para servir no primeiro conselho e considerar a possível inclusão do candidato no processo de ordenação.

Fase de Apresentação	***Fase de Licença*** (em geral um ano, não mais que dois)	***Fase de Ordenação*** (vida inteira ou até ser biblicamente desqualificado)
Preliminares	Exame do Segundo Conselho:	Confirmação dos presbíteros
Exame do Primeiro Conselho: • Conversão • Chamado • Caráter • Conduta • Capacidades	• Bíblia em Geral • Ministérios Pastorais • Teologia	Reconhecimento Público
Aprovação dos presbíteros	Exame e confirmação pelo Conselho de Ordenação: • Teologia • Bíblia • Ministério • Vida pessoal	

Fig. 1

VI. Primeiro Conselho

O primeiro conselho examina a conversão do candidato, seus dons, chamado para o ministério, caráter, conduta, ministérios anteriores e atuais, quali-

15. *What We Teach*, é uma publicação da Igreja de Grace Community (1986), podendo ser obtida por meio da Grace Community Shack, 13248 Roscoe Blvd., Sun Valley, CA 91352.

ficações bíblicas relativas às dos presbíteros em 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9 bem como relacionamento matrimonial e familiar. Antes desse primeiro conselho, os presbíteros devem ouvir o candidato em uma situação de pregação ou ensino, seja por gravação, seja ao vivo, e devem ter um conhecimento profundo de seu caráter e ministério.

Se o candidato for aprovado pelo primeiro conselho, será recomendado ao presbitério como candidato ao processo de ordenação e ao licenciamento formal pelos presbíteros do primeiro conselho em uma reunião ordinária. Quando o candidato é aprovado para admissão no processo de ordenação, os três presbíteros de seu primeiro conselho passam a ser os presbíteros que servirão no segundo conselho e no conselho de ordenação.

Nesse ponto, o pedido também pode ser negado. Caso isso aconteça, devem ser fornecidos os passos para que a pessoa possa voltar a se candidatar à ordenação.

VII. Segundo Conselho

Quando aprovado, o segundo conselho deverá estar completo no período de um ano. A licença de um ano pode ser estendida a pedido, caso circunstâncias incomuns venham a impedir o progresso dentro do tempo previsto. Entretanto, o candidato deve completar satisfatoriamente o segundo conselho dentro de dois anos após o primeiro conselho. Caso não consiga, deve sair do processo de ordenação e recomeçar tudo em outra época.

O segundo conselho centra-se principalmente na preparação doutrinária do candidato ao ministério e tem o propósito de descobrir os pontos fortes e fracos do candidato. Os três presbíteros que estiverem supervisionando o processo de ordenação do candidato também continuarão examinando seu progresso nas habilidades ministeriais, especialmente seu ensino ou pregação e sua liderança. O candidato deve iniciar e manter contato íntimo com os presbíteros de seu conselho.

As áreas doutrinárias em que o candidato será avaliado são apresentadas em "Perguntas Abrangentes para Ordenação" (veja Apêndice 3).

Se o segundo conselho não se satisfizer com o progresso do licenciado e não puder recomendar sua candidatura à ordenação, o licenciado deverá receber as devidas instruções para corrigir a situação, e o conselho relatará o fato ao presbitério. O candidato pode: (1) ser excluído do processo, (2) ser requisitado a repetir o segundo conselho ou (3) receber a

prescrição de estudos dirigidos como preparação, antes de repetir o segundo conselho.

Se o segundo conselho concordar que o candidato à ordenação deva seguir para o conselho, este será recomendado ao presbitério, para que seja aberto um conselho de ordenação no prazo de três meses.

VIII. Conselho de Ordenação

O conselho de ordenação, que deve ser realizado em uma das reuniões ordinárias de presbíteros, constará de perguntas e respostas em relação a todas as áreas pertinentes à teologia, conhecimento bíblico, ministério eclesiástico e vida espiritual. Os três presbíteros do conselho de ordenação farão um relatório referente ao progresso do candidato. Depois, este será questionado por todos os presbíteros quanto à sua vida, seu ministério e sua doutrina. A sessão do conselho pode ser aberta a não-presbíteros, inclusive membros da família do candidato, a menos que o candidato não o queira. O propósito deste conselho é finalizar a confirmação de que o licenciado está pronto para a obra do ministério.

O conselho de ordenação deve, após consideração detida, recomendar ou não ao presbitério a ordenação do licenciado. Caso não receba aprovação, o licenciado será instruído quanto ao motivo da sua não-ordenação e quanto aos passos que devem ser tomados para reverter o problema.

IX. Aprovação

Quando a ordenação for aprovada, o candidato receberá um certificado de ordenação. Também receberá a "imposição de mãos" dos presbíteros em um culto público subseqüente.

Difícil, mas Possível

O manual de "Processo de Ordenação" da Igreja de Grace Community começa com esta carta do pastor-mestre John MacArthur, Jr. Ela exalta com eloqüência a natureza nobre do processo que leva a igreja a destacar, por meio da ordenação, um homem de Deus para o ministério do Evangelho e para um serviço sagrado vitalício como despenseiro do ministério de Deus (Tt 1.7).[16]

16. "Baleia" ou "grande peixe" é a resposta para a charada apresentada no início deste capítulo.

Caro candidato à ordenação,

Você está prestes a entrar na arena de preparação para a mais elevada vocação deste mundo — um ministro do Senhor Jesus Cristo e despenseiro da casa de Deus, um agente especial do rei para propagar seu Reino glorioso, um colaborador de Cristo na construção de sua igreja. A opção pelo serviço não é sua, mas de Deus.

Diz -se que John Knox, o príncipe dos pregadores escoceses, ao ser chamado para esta santa tarefa, ficou quebrantado no espírito e chorava sem parar pela maravilha de tal chamado e por sua própria indignidade. E Deus o usou para influenciar sua nação e ainda outras.

Se você sente o chamado de Deus, possui um forte desejo de buscar essa vida ministerial e deseja a confirmação da igreja, então, quando der provas desse seu chamado e aptidão, será nosso grande privilégio examiná-lo para o ministério.

A ordenação é o ato de a igreja confirmar a chamada de uma pessoa, sua preparação espiritual, proficiência no ministério e seu conhecimento bíblico. Ela permite que a pessoa tenha pleno apoio dos presbíteros da Igreja de Grace Community ao entrar no ministério e certifica sua aptidão para tal serviço à igreja em geral.

Crendo que o chamado é santo e a tarefa desafiadora, desejamos que a pessoa esteja plenamente pronta antes de ser ordenada. Assim, a preparação é difícil, mas possível. Nosso Senhor deve receber o melhor que temos a oferecer.

Que Deus o abençoe em sua busca desta elevada vocação.

Sinceramente, no Senhor,

John MacArthur, Jr.
Pastor-mestre

PARTE III

PERSPECTIVAS PESSOAIS

9. A Família do Pastor
10. A Vida de Oração do Pastor: O Aspecto Pessoal
11. A Vida de Oração do Pastor: O Aspecto Ministerial
12. O Estudo do Pastor
13. A Compaixão do Pastor pelas Pessoas

9

A Família do Pastor

Richard L. Mayhue

As famílias estão se enfraquecendo em todo o mundo. Assim também um número alarmante de famílias de pastor. Entretanto, as Escrituras estabelecem uma família forte, exemplar, como um pré-requisito para o ministério pastoral. Embora se admita que as pressões no ministério contemporâneo sejam enormes, um casamento e um relacionamento familiar caracterizados pelo fruto do Espírito e pelo amor de Cristo serão capazes de enfrentar os assaltos inevitáveis de uma cultura pagã, pós-moderna, e as intensas demandas do ministério pastoral de hoje. A casa do pastor deve ser sua prioridade no ministério.

Um *bestseller* recente sobre o ministério pastoral contém um capítulo intitulado "Alerta: O Ministério Pode Ser uma Ameaça para Sua Família".[1] Por mais chocante que seja, o título reflete com precisão a realidade do ministério pastoral hoje. Uma pesquisa pastoral realizada em 1992, publicada em um jornal importante, descobriu as seguintes dificuldades significativas que produzem problemas conjugais nas famílias dos pastores:[2]

81% tempo insuficiente em conjunto
71% uso do dinheiro
70% nível de renda
64% dificuldades de comunicação
63% expectativas da congregação
57% diferenças quanto ao lazer

1. H. B. London Jr. e Neil B. Wiseman, *Pastors at Risk* (Wheaton, Victor, 1993), 70-94.

2. David Goetz, "Is the Pastor's Family Safe at Home?", *Leadership* 13, n. 2 (fall 1992), 39.

53% dificuldades na criação dos filhos
46% problemas sexuais
41% rancor do pastor com relação à esposa
35% diferenças quanto à carreira ministerial
25% diferenças quanto à carreira da esposa

Hoje, na década de 1990, ninguém questiona o fato óbvio de que a maioria dos pastores e suas famílias estão sofrendo pressões cada vez maiores por causa do ambiente em que estão ministrando.[3] Isso não é de surpreender quando se reflete sobre a natureza do ministério. Considere estas pressões envolvidas no pastorado:

1. O pastor envolve-se com o humanamente impossível — lida com o pecado na vida das pessoas.
2. O pastor cumpre um papel que nunca se completa — resolve problemas que vão se multiplicando.
3. O pastor serve sob uma credibilidade cada vez mais questionada aos olhos da sociedade.
4. O pastor permanece a postos 168 horas por semana.
5. Espera-se que o pastor tenha um desempenho excelente em uma ampla gama de habilidades — sendo, a qualquer hora, erudito, visionário, comunicador, administrador, consolador, líder, financista, diplomata, exemplo de perfeição, conselheiro e apaziguador.
6. Espera-se que o pastor produza mensagens fascinantes, que transformem vidas, pelo menos duas vezes por semana, 52 domingos por ano.
7. A brigada de combate do pastor é, em geral, uma força voluntária, não uma ajuda remunerada.
8. O pastor e sua família parecem viver em um aquário que todos podem observar.
9. O pastor muitas vezes é mal remunerado, não muito valorizado, pouco reciclado e sobrecarregado.
10. Como figura pública, o pastor pode receber as mais duras críticas tanto da comunidade como da congregação.

3. Marshall Shelly, *Well-Intentioned Dragons* (Waco: Word, 1985), descreve em detalhes as principais pressões que a maioria dos pastores enfrentam em algum ponto do ministério.

Ninguém que reflita um pouco pode negar que o ministério é potencialmente perigoso para o casamento e a família do pastor. Mas seria isso mesmo? Ou melhor, é necessário que seja assim? Ou, mais importante, Deus quer que seja assim?

O Padrão Bíblico

Duas passagens-chaves apresentam o imperativo de Deus de que ter um compromisso sério com a família é um pré-requisito para que alguém possa ser considerado no ministério pastoral:[4] "Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?)" (1 Tm 3.4,5); "... aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes" (Tt 1.6).[5]

Pelo menos três aspectos do casamento e da família do pastor são destacados:

1. Ele deve ser marido de uma só esposa, isto é, totalmente devotado, não pôr os olhos em outras mulheres nem se afeiçoar a elas (1 Tm 3.2; Tt 1.6).[6] Ele deve demonstrar o mesmo nível de amor que Cristo revela por sua noiva, a Igreja, em seu amor firme e inabalável.
2. Ele deve liderar sua família (1 Tm 3.4), não podendo delegar a responsabilidade final da direção de seu lar, nem deixar de dar prioridade a este governo. Assim, não basta que simplesmente lidere, mas que a qualidade de sua liderança em casa seja excelente.

---

4. Os dois volumes abaixo contêm excelentes discussões quanto ao plano de Deus para o casamento e a família: John Murray, *Principles of Conduct* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), 45-81; John Piper e Wayne Grudem, eds., *Recovering Biblical Manhood and Womanhood* (Westchester, Ill.: Crossway, 1991).

5. Veja uma discussão aprofundada de 1 Tm 3.4,5 em John MacArthur, Jr., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991), 215-33. Veja também no capítulo 5, deste mesmo volume "O Caráter do Pastor", uma exposição de Tt 1.6. Também consulte Alexander Strauch, *Biblical Eldership*, 2. ed. (Littleton, Colo.: Lewis and Roth, 1988), 166-206.

6. Quanto às variações de opiniões conservadoras em relação ao divórcio e ao novo casamento em geral e, em particular, do pastor, consulte William A. Heth e Gordon J. Wenham, *Jesus and Divorce* (Nashville: Thomas Nelson, 1984); J. Carl Laney, *The Divorce Myth* (Minneapolis: Bethany House, 1981); John MacArthur, Jr., *The Family* (Chicago: Moody, 1982), 105-28; e John Murray, *Divorce* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1975).

3. Os filhos devem viver em harmonia na casa pastoral, tendo o pai como exemplo e instrutor (1 Tm 3.4; Tt 1.6). Isso não significa que os filhos de pastor não tenham problemas. Entretanto, significa que o padrão geral de comportamento deles não deve ser um embaraço para a igreja, uma pedra de tropeço para o ministério de seus pais, nem um padrão contraditório em relação à fé cristã.

A lógica divina para esses altos padrões vai do menor para o maior. Se a pessoa não consegue liderar efetivamente o pequeno rebanho de sua própria família, com certeza não terá sucesso ao assumir a liderança de um rebanho maior, a igreja, "porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?" (1 Tm 3.5).

É importante salientar que esses padrões definem de modo absoluto um aspecto dos pré-requisitos para o ministério. Eles não são culturalmente ultrapassados, opcionais, nem estão abertos à discussão. Esses imperativos bíblicos são tão relevantes hoje como eram quando Paulo os escreveu, dois mil anos atrás.

A meu ver, a negligência desses fatores na qualificação de homens para o ministério tem contribuído de modo significativo para as crises enfrentadas pelos pastores e suas famílias. Com certeza, o Novo Testamento não desconsidera essas severas pressões potenciais. Entretanto, exige para o ministério um tipo de homem e de família que evitem com sucesso os perigos potenciais ao casamento e/ou à família.

É verdade que os padrões bíblicos para a família não são diferentes para o lar do pastor e para qualquer outra família de crentes. A diferença está na responsabilidade que a família do pastor tem de ser um exemplo de matrimônio e de uma família cristã madura, tornando-se um incentivo para as outras famílias do rebanho.

Infelizmente, o ditado "Como passa a cultura, assim também passa a igreja" continua valendo. Muito pouco da síndrome dos coríntios mudou nos dois últimos milênios. Embora a igreja em geral não tenha ganho terreno na cultura, ambas continuam se afastando dos pontos de referência bíblicos, e na mesma velocidade. A igreja talvez não esteja absorvendo totalmente as características seculares de hoje, mas parece estar sempre se afastando dos absolutos de Deus.

Por várias décadas, alguns meios de informação vêm alertando a sociedade quanto ao declínio da família nuclear.[7] Livros em abundância registram a lenta extinção da força e dos valores familiares na América.[8] Hoje, à luz da cultura reinante, nenhum cristão surpreende-se muito com o abandono sofrido pela herança judaico-cristã.[9]

O desenvolvimento surpreendente causa dificuldades nos lares cristãos em geral e nos lares dos pastores em particular, os quais têm sofrido por não fugir dos caminhos do mundo. Catástrofes espirituais que vão de pastores adúlteros a divórcios na família pastoral têm se tornado inaceitavelmente muito freqüentes.[10]

Se o mundo ou, no caso, a igreja fosse verificar algum lugar ou em alguém um modelo de família, deveria ser no pastor e na casa pastoral. Entretanto, isso não é verdade. Infelizmente, alguns não-evangélicos têm percebido, tanto na sociedade como na igreja, a importância vital da família com mais clareza que alguns evangélicos.

Veja, por exemplo, Michael Novak.[11] Ele fez a pergunta elementar: "Por que a família?" Sua resposta positiva consiste em três declarações:

1. Sem ela não há futuro.
2. Esse é o único departamento de saúde, educação e bem-estar que funciona.
3. Há um aprendizado de virtudes morais construído sob as condições da vida familiar normal que não pode ser reproduzido de nenhuma outra forma.

---

7. Artigos de periódicos representativos vão de Lester Velie, "The War on the American Family", *Reader's Digest* 102 (janeiro de 1973): 106-10, a Barbara Dafoe Whitehead, "Dan Quayle Was Right", *The Atlantic Monthly* 271, n. 4 (abril de 1993), 47-84.

8. Veja Tim LaHaye, *The Battle for the Family* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1982); George Barna, *The Future of the American Family* (Chicago: Moody, 1993). A análise de Barna nas páginas 22-23 representa bem o estado atual das famílias americanas em geral.

9. Consulte Francis Schaeffer, *The Great Evangelical Disaster* (Westchester, Ill.: Crossway, 1984); Harold Lindsell, *The New Paganism* (San Francisco: Harper and Row, 1987); Thomas Oden, "On Not Whoring after the Spirit of Age" em *No God But God*, ed. Os Guiness e John Seel (Chicago: Moody, 1992), 189-203.

10. A base para essa afirmação encontra-se em Goetz, "Pastor's Family", 38-43; London e Wiseman, *Pastor's at Risk*; Dean Merrill, *Clergy Couples in Crisis* (Dallas: Word, 1985).

11. Michael Novak, "The American Family: An Embattled Institution", *Human Life Review* 6, n. 1 (winter 1980), 40-53.

O que é necessário para que o pastor, sua esposa e filhos voltem para o caminho? O que pode ser feito para que a casa pastoral volte a ter uma vida exemplar? Como expulsar da igreja o declínio cultural?

Minha idéia é: "Volte às bases! Volte às Escrituras!" Gosto das respostas de Novak à pergunta: "Por que a família?", mas outra resposta é ainda melhor, ou seja, a família é o único plano de Deus, portanto não adianta tentar, nem inventar. Não tome os rumos da cultura e da psicologia! Volte continuamente às Escrituras e mantenha-se no padrão da vontade de Deus para o lar.

Quem poderia imaginar viver sob condições piores ou sob maiores pressões do que os primeiros colonizadores puritanos dos Estados Unidos? Mas o casamento e a família deles prosperava.[12] Por quê? Porque eles se esforçavam para cumprir os fundamentos bíblicos acerca da família. Hoje, ao cuidar dessas áreas, os pastores precisam levar em conta os padrões bíblicos para o ministério.

No início da obra ministerial, ser forte nesse aspecto não torna alguém automaticamente imune às pressões que possam ocorrer. Portanto, para *permanecer firme*, esforçando-se em seu casamento e família, o pastor precisa *começar firme*. O desafio é duplo. Primeiro, abrace seriamente os padrões bíblicos para a família cristã e, segundo, lide realisticamente com os desestabilizadores potenciais que costumam atingir os lares na cultura contemporânea. Todos esses esforços exigem oração e dependência contínua do Senhor, para que Ele conceda sua força e graça.

Montando Guarda

Um lar forte começa no pastor. Ele deve valorizar as qualificações para o ministério, mesmo que ninguém mais o faça. Um lar precário significa um ministério precário — esse é o ponto de apoio do pastor. Não importam as circunstâncias,[13] o pastor deve liderar; ser o primeiro a ter a casa como uma prioridade bíblica.

---

12. Leland Ryken, *Worldly Saints: The Puritans as They Really Were* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), sintetiza como os puritanos encaravam o casamento (p. 39-55) e a família (p. 73-89).

13. London e Wiseman, *Pastors at Risk*, 32-51, alistam 15 ameaças no ministério: (1) síndrome de andar sobre as águas, (2) lidar com colapsos na vida das pessoas, (3) migração dos membros da igreja, (4) mídia eletrônica, (5) vida corrida, (6) mentalidade de consumo, (7) expectativas fora da realidade, (8) abandono cultural dos absolutos, (9) problemas financeiros, (10) pastores cada vez mais desacreditados pela população, (11) falta de colaboração da congregação, (12) defeitos do pastor, (13) infidelidade do pastor, (14) falta de capacidade de liderança e (15) solidão.

Em 1992, em uma pesquisa feita entre pastores pela *Leadership*, 57% deles indicaram que o fato de serem pastores beneficiava suas famílias, 28% disseram que isso representava uma ameaça e 16% afirmaram que era indiferente.[14] Num sentido geral, a pesquisa não se mostrou tão sombria como se esperava. A boa notícia é que o ministério pode não ser tão ameaçador para a família quanto pensam alguns.

Acima de tudo, porém, a maioria dos pastores acha que seus relacionamentos familiares estão acima da média. À pergunta: "Até que ponto você está satisfeito com seu casamento?", 86% dos pesquisados responderam de modo positivo. A uma pergunta semelhante: 'Até que ponto você está satisfeito com sua vida familiar?", 76% dos pastores indicaram que sua vida familiar era positiva ou muito positiva.[15]

Além de o pastor levar a sério essa prioridade, sua esposa deve possuir esta perspectiva de ministério.[16] Ela precisa ser um apoio incondicional, ou as pressões ministeriais acabarão atingindo a casa.

As Escrituras não fornecem as qualidades das esposas de pastor. Entretanto, é provável que os padrões para as diaconisas em 1 Timóteo 3.11 sejam um bom ponto de partida.[17] O versículo alista somente quatro qualidades, mas suponho que o padrão para as mulheres não deva ser inferior ao dos homens. Paulo simplesmente resolveu ser mais breve, condensando as palavras acerca dos diáconos nos versículos 8, 9 e 12. Ele escreve: "Da mesma sorte as mulheres sejam honestas [σέμνας, *semnas*]", usando a mesma palavra empregada em 1 Timóteo 3.8 para descrever os diáconos. Como os diáconos, as mulheres devem ganhar o respeito dos outros por sua maturidade.

Em segundo lugar, Paulo trata da língua da mulher, comparando-a aos padrões estabelecidos para os diáconos. Ele afirma que as mulheres não devem

---

14. Goetz, "Pastor's Family", 39.

15. Ibid., 43.

16. Entre os escritos úteis para as esposas de pastor há Robert C. Anderson, *The Effective Pastor* (Chicago: Moody, 1985), 68-85; Joann J. Cairns, *Welcome Stranger: Welcome Friend* (Springfield, Mo.: Gospel, 1988); Linda Dillow, *Creative Counterpart* (Nashville: Thomas Nelson, 1977); Elizabeth George, *Loving God With All Your Mind* (Eugene, Oreg.: Harvest Home, 1994); London e Wiseman, *Pastors at Risk*, 135-55; Bonnie Shipely Rice, "Married to the Man and the Ministry", *Leadership* 12, n. 1 (winter 1991), 68-73; Edith Schaeffer, Hidden Art (Wheaton, I11.:Tyndale,1971); Edith Schaeffer, *What Is a Family?* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1975); Ruth Senter, *So You're the Pastor's Wife* (Grand Rapids: Zondervan, 1979); Pat Valeriano, "A Survey of Ministers' Wives", *Leadership* 2, n. 4 (1981), 64-73.

17. Provérbios 31.10-31 e Tito 2.4,5 também apresentam as qualidades de uma mulher piedosa e madura.

ser "maldizentes", empregando o substantivo grego διάβολους (*diabolous*), palavra traduzida por "diabo" em outras partes do Novo Testamento. Ele afirma que elas não devem ser "como o diabo" em suas conversas — difamando, espalhando boatos e ateando com a língua fogos que não podem ser apagados pela retidão.

Em terceiro lugar, elas devem ser "sóbrias" (νεφαλίους, *nephalious*). Essa palavra não descreve os diáconos, porém é uma das qualificações dos presbíteros (1 Tm 3.2). Este também deve ser sóbrio ou temperante, isto é, moderado, equilibrado e sensato. O termo abrange o que Paulo já afirmou acerca do vinho e do dinheiro em relação ao diácono (3.8).

Em quarto lugar, as mulheres devem ser "fiéis em tudo" (1 Tm 3.11). A fidelidade é necessária ao lar e ao seu relacionamento com marido e filhos. Com certeza, o casamento e a família são as maiores prioridades da esposa do pastor.

Quando um pastor e sua esposa abraçam as ordens de Deus para o lar e para o ministério com a mesma seriedade, dando-lhes as mais altas prioridades, eles podem construir uma verdadeira fortaleza que lhes servirá como primeira linha de defesa e protegerá a família quando surgirem as pressões e tensões inevitáveis.

Sem a fortaleza de meu lar, eu não teria conseguido enfrentar meus vinte anos de ministério. Meu casamento e minha família proporcionam-me uma casa em que posso:

- retirar-me — fugir das pressões
- relaxar — desfrutar de um ambiente diferente
- ser recarregado — ganhar um novo suprimento de energia
- manter relacionamentos — desfrutar de minha esposa e de meus filhos
- reabilitar-me — curar as feridas
- alcançar — vizinhos, amigos e rebanho
- pesquisar — estudar, escrever sem interrupções
- criar uma família — filhos e netos
- amadurecer — crescer na graça de Deus
- alegrar-me — louvar ao Senhor
- refletir — momentos de silêncio para meditação
- reinvestir — em meus netos
- ganhar novas perspectivas — em oração e na leitura das Escrituras

Quando deixo o bom refúgio de meu lar por causa do ministério, retiro-me fortalecido, não fraco. Quando deixo os que mais amo em casa, não os deixo desprotegidos e vulneráveis às tentações que podem tentar seduzi-los.[18]

> Isso parece ser o testemunho daqueles cuja vida familiar floresce mesmo plantada no solo do ministério. De modo que, em sua grande maioria, os pastores com casamento e filhos sadios, segundo descobri, haviam feito um esforço concentrado para proteger a esposa e os filhos das várias pressões que acompanham o ministério pastoral.[19]

Um Ponto de Partida

O objetivo deste questionário de 11 perguntas é detectar problemas e melhorar a comunicação do casal em relação aos problemas mais comuns dos casamentos deficientes.[20] A recomendação é que você pare de ler o livro neste ponto, sente-se com sua esposa e converse sobre estas perguntas:

1. Em geral, seu cônjuge recebe de você mais carinho que alfinetadas?
   ( ) Sim ( ) Não
2. A maior parte de seu tempo de prazer e diversão é compartilhada?
   ( ) Sim ( ) Não
3. Vocês gastam juntos pelo menos três horas consecutivas a cada duas semanas ou pelo menos tiram um fim de semana a cada três meses?
   ( ) Sim ( ) Não
4. Em geral, vocês resolvem desentendimentos de um modo satisfatório para os dois, sem amarguras?
   ( ) Sim ( ) Não

---

18. Por questões de espaço, este capítulo não tratará dos filhos. Recomendo Wayne Mack, *Your Family — God's Way* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1991), como ponto de partida para as leituras.

19. Goetz, "Pastor's Family", 43.

20. Extraído de Roger C. Smith, "Put Marriage on Your Checkup List", *Ministry* 52, n. 11 (novembro de 1979), 18. Quer você tenha um ótimo casamento, quer ele seja deficiente, este pequeno questionário servirá para sua avaliação pessoal. Veja também Warren Mack, *Strengthening Your Marriage* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1977).

5. Vocês têm um equilíbrio satisfatório de carga de trabalho dentro e fora de casa?
   ( ) Sim ( ) Não
6. Em seu relacionamento, dinheiro, sexo, emprego etc. são de alguma forma usados como joguete?
   ( ) Sim ( ) Não
7. Sua expressão física do sexo é mutuamente satisfatória?
   ( ) Sim ( ) Não
8. Um de vocês está flertando de modo perigoso com alguma outra pessoa?
   ( ) Sim ( ) Não
9. Você se sente desejado, amado e apreciado? E, ainda mais importante, seu cônjuge sente-se desejado, amado e apreciado?
   ( ) Sim ( ) Não
10. Você sente que algo necessário está faltando em seu relacionamento?
    ( ) Sim ( ) Não
11. Você ainda está fazendo de tudo para ter um casamento feliz?
    ( ) Sim ( ) Não

Quando uma resposta indicar algum problema, converse sobre o assunto. Depois siga estes passos: (1) procure as passagens bíblicas que se aplicam ao caso; (2) ore pedindo a graça de Deus; e (3) obedeça com paciência à vontade do Senhor.

Tome a Iniciativa

Quer você esteja aguardando o casamento, quer recém-casado quer esteja casado há anos, o material a seguir pode servir para evitar problemas ou corrigir falhas. Asseguro-lhe de que o fruto do Espírito e o amor de Cristo formam a fortaleza de qualquer casamento e família cristã.

O Fruto do Espírito

Em sua opinião, qual seria a conseqüência de um marido e uma esposa sendo totalmente dirigidos pelo Espírito de Deus, vivendo sob a sua vontade?

Haveria um relacionamento caracterizado pelo fruto do Espírito (Gl 5.22,23). Produzir-se-ia um casamento constituído no Céu. A descrição abaixo apresenta vários aspectos desse fruto:

1. *Caridade (Amor)* — um compromisso sacrificial com o bem-estar de outra pessoa, independentemente de sua reação — o que ela possa dar em troca.
2. *Gozo* — uma gratidão a Deus profunda e transbordante por sua bondade que não se interrompe quando surgem as circunstâncias menos agradáveis da vida.
3. *Paz* — durante as tempestades da vida, aquela tranqüilidade interior e confiança ancorada na consciência plena de que estou nas mãos de Deus.
4. *Longanimidade* — uma qualidade de autocontrole que não faz retaliações em face de provocações.
5. *Benignidade* — uma preocupação e disposição para procurar meios de servir os outros.
6. *Bondade* — uma capacidade imperturbável de lidar corretamente com as pessoas, de acordo com os interesses de Deus, mesmo quando elas precisam de correção.
7. *Fé* — uma lealdade interna que resulta na fidelidade às minhas convicções espirituais e aos meus compromissos.
8. *Mansidão* — força controlada que brota de um coração humilde.
9. *Temperança* — um domínio pessoal interno que submete meus desejos à causa maior da vontade de Deus.[21]

O Amor de Cristo

Se acrescentarmos o amor de Cristo ao fruto do Espírito, teremos um casamento que não falhará (1 Co 13.8). Com base em 1 Coríntios 13.4-7, como o seu amor corresponde ao amor de Cristo?

1. "O amor é sofredor". Portanto, vou suportar o pior comportamento de meu cônjuge, sem retaliação, não importam as circunstâncias.

21. Extraído de Richard Mayhue, *Spiritual Intimacy* (Wheaton: Victor, 1990), 102.

2. "O amor é benigno". Portanto, vou procurar com diligência meios para ser útil na vida de meu cônjuge.
3. "O amor não é invejoso". Portanto, vou ter prazer com a estima e a honra dispensadas ao meu cônjuge.
4. "O amor não trata com leviandade". Portanto, não vou atrair para mim a atenção exclusiva de meu cônjuge.
5. "O amor não se ensoberbece". Portanto, sei que não sou mais importante que meu cônjuge.
6. "O amor não se porta com indecência". Portanto, não vou envolver meu cônjuge em atividades ímpias.
7. "O amor não busca os seus interesses". Portanto, vou viver para meu casamento e para meu cônjuge.
8. "O amor não se irrita". Portanto, não vou recorrer à raiva como solução para as dificuldades entre eu e meu cônjuge.
9. "O amor não suspeita mal". Portanto, nunca vou manter um registro das faltas de meu cônjuge.
10. "O amor não folga com a injustiça". Portanto, nunca vou me alegrar com algum comportamento incorreto de meu cônjuge, nem vou participar disso com ele.
11. "O amor folga com a verdade". Portanto, vou ficar muito contente quando a verdade prevalecer na vida de meu cônjuge.
12. "O amor tudo sofre". Portanto, nunca me pronunciarei publicamente sobre as faltas de meu cônjuge.
13. "O amor tudo crê". Portanto, vou expressar confiança inabalável ao meu cônjuge.
14. "O amor tudo espera". Portanto, vou esperar futuras vitórias na vida meu cônjuge, sem perder a confiança, não importam as imperfeições presentes.
15. "O amor tudo suporta". Portanto, vou barrar todos os assaltos de Satanás em suas tentativas de estragar nosso casamento.[22]

22. Estes atos personalizados são frutos da tradução ampliada de 1 Co 13.4-7, feita pelo próprio autor a partir do texto grego.

Todo casamento precisa de renovação contínua por meio de freqüentes reafirmações dessas verdades bíblicas. Casamentos frágeis podem ganhar firmeza, e bons casamentos tornar-se-ão melhores.

A Perspectiva Bíblica

As atitudes e atividades mais significativas que produzem casamentos saudáveis estão relacionadas abaixo. Elas fornecem um guia para verificação das causas mais comuns dos problemas conjugais. Maridos e esposas devem avaliar-se, usando notas de 1 (baixa) a 10 (alta). Coloquem a avaliação numérica no devido espaço e separem um tempo para preenchê-lo juntos.

1. Será que me dedico sem egoísmos ao nosso relacionamento conjugal?
   Marido ___ Esposa ___
2. Concordamos quanto aos nossos papéis na família, segundo apresentados pela Bíblia?
   M ___ E ___
3. Sempre transformo meu amor em ação?
   M ___ E ___
4. Minha comunicação é feita de modo que edifique meu cônjuge?
   M ___ E ___
5. Minha reação nos conflitos fortalece nosso casamento ou enfraquece-o?
   M ___ E ___
6. Sempre perdôo meu cônjuge quando sou atingido?
   M ___ E ___
7. Concordamos quanto à maneira de criar nossos filhos?
   M ___ E ___
8. Aceito com paciência o meu parceiro, sabendo que ele ainda está "em construção"?
   M ___ E ___
9. Estamos juntos no planejamento das finanças e também nos gastos?
   M ___ E ___

10. Separamos um tempo periodicamente para avaliar nosso casamento e, depois, elaboramos alvos realistas para que ele melhore?
    M ___ E ___
11. Mantemos relacionamentos de amor com as nossas famílias?
    M ___ E ___
12. Sou capaz de controlar meu gênio?
    M ___ E ___
13. Participamos juntos de momentos de refrigério espiritual (adoração, estudo da Bíblia, oração)?
    M ___ E ___
14. Esforço-me para ser um cônjuge atraente e interessante?
    M ___ E ___
15. Compreendo que meu papel principal no aspecto físico do casamento é satisfazer meu companheiro?
    M ___ E ___

Que as notas altas sejam um incentivo, e as baixas, um estímulo para mudanças. Inicie escrevendo seus planos para melhorar nas três áreas mais carentes.

Palavra Final

A única maneira de reverter o declínio geral da qualidade das famílias dos pastores é voltar aos princípios espirituais para o casamento e a família. Entendo que, quaisquer que sejam as pressões hoje vigentes, elas já tiveram seus equivalentes no passado e terão paralelos no futuro.

Deus preveniu-se contra as pressões incomuns que recairiam sobre a família do pastor, exigindo que o candidato ao pastorado já tivesse um forte compromisso nessas áreas antes de se qualificar para o ministério. Portanto, a família do pastor deve ser uma prioridade em sua vida. O compromisso tornar-se-á mais forte com o progresso ministerial, o qual protegerá e defenderá o pastor, sua esposa e filhos das catástrofes familiares que parecem estar aumentando no ministério contemporâneo.

10

A Vida de Oração do Pastor: O Aspecto Pessoal

James E. Rosscup

Há duas passagens centrais relacionadas à oração, a seus ensinos e ao impacto destes no ministério pastoral. O tema de João 15.7,8 é uma vida de oração e conquista através das respostas do Senhor, o que resulta em glória a Deus, multiplicação de frutos e autenticação da vida de oração. Efésios 6.10-20 enfatiza o poder da armadura de Deus, detalha as várias partes dessa armadura e culmina referindo-se à oração que deve acompanhá-la. O pastor, ao ministrar para o público, não deve ter a ousadia de negligenciar essas verdades.

Deus deixou sua Palavra como instrumento principal para o pastor. As Escrituras esclarecem que a devida associação da Palavra à oração é a abordagem mais estratégica do ministério. Duas passagens importantes delineiam esse fato: uma de Jesus — o maior dos líderes, e outra de Paulo — um dos melhores exemplos de ministério por amor a Jesus.[1] Ambos concordam que o ministério centrado em Deus, profundamente moldado por sua Palavra e pela oração, produz frutos aprovados. Uma discussão das palavras de Jesus em João 15.7,8 e de Paulo em Efésios 6.10-20 confirmam a importância de juntar a Palavra e a oração no ministério pastoral.

1. Veja nas Escrituras a pesquisa sobre o lugar da oração em Jesus, Paulo e outros. Em James R. Rosscup, "The Priority of Prayer e Expository Preaching" em *Rediscovering Expository Preaching*, John MacArthur Jr. (Dallas: Word, 1992), 63-84.

Orar como em João15.7,8

Permanecer fica bem no centro da vida cristã, de acordo com o maior de todos os pastores, Jesus. Em João 15.4, "Estai em mim" expressa sua paixão pelos seus. No mesmo versículo e no seguinte, Ele continua: " eu, em vós... quem está em mim... este dá muito fruto". Ele termina o versículo 5 acrescentando: "Sem mim nada podereis fazer". "Fruto" é qualquer coisa que Cristo, a videira, produz por meio de um de seus ramos. A possibilidade de produzir algo que Deus possa chamar de "fruto" é nula sem essa permanência.

Nesse contexto de uma vara (o crente) em uma videira (Cristo), é provável que a pessoa pratique a permanência de três maneiras:

1. Uma pessoa que esteja em Cristo (isto é, "em mim", em uma verdadeira união) precisa estar *relacionada* com Cristo, a videira, assim como a vara mantém um relacionamento físico com ela. Os homens, no entanto, diferem de um ramo de videira em sua capacidade de pensar, exercer sua vontade e sentir suas emoções, por isso estabelecem um relacionamento com a pessoa de Cristo e com seus valores e prioridades. Eles devem pensar, falar e fazer o que esteja em harmonia com Jesus, baseando-se em sua Palavra. O crente mesmo alcançando esse alvo em alguma medida, ainda tem condições de crescer mais.
2. Aquele que permanece firme *rejeita* o que se opõe à pessoa e ao propósito de Cristo, conforme apresentados nos princípios das Escrituras.
3. O que permanece *recebe*, tal como os ramos recebem alimentos da videira. Ele se beneficia de Cristo e de sua Palavra. Os cristãos começam a vida no Senhor quando recebem a vida eterna (Jo 1.12) e a recebem pela fé (1.12; 3.16; 6.54). Conseqüentemente, continuam na vida cristã pelo mesmo princípio, andando pela fé (7.37,38). "Permanência" é o nome dado a essa continuidade (6.65; cf. v. 54).

Em João 15, Jesus continua: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (v. 7). Em outras palavras: "Se vocês forem pessoas que permanecem em mim" — e todos os que pela fé comem e bebem pemanecem nEle (Jo 6.54,56) — "terão uma bênção: o privilégio de orar e provar respostas dadas por Deus, que são os frutos de sua vida como os de uma vara".

No mesmo discurso, Jesus explica que tanto Ele (14.14) como o Pai (15.16; 16.23) darão as respostas. Eles concretizarão qualquer pedido feito pelos que permanecem firmes quando orarem em seu nome (15.16).[2] Pedir em nome de Jesus é pedir o que está em harmonia com a sua vontade, conforme nos indica a sua Palavra. "Minhas palavras" (v. 7), expressão de Jesus que reflete lealdade a Deus, influencia e inspira orações frutíferas, indicando uma relação estreita entre você permanecer nEle e as suas palavras permanecerem em você. As palavras pertencem a Ele, o articulador perfeito e o autor da Palavra de Deus. Os valores e as prioridades da Palavra são os que Ele exemplifica e ilustra. Jesus se une ao Pai e ao Espírito em sua pessoa e em suas palavras. O que permanece nEle permite, de bom grado, que suas palavras permaneçam nele.

Jesus deseja que seu povo ore da maneira prescrita por Deus. Portanto, Ele disse: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele" (14.21). De que maneira Cristo se apresenta à pessoa que ora de acordo com a sua Palavra? (14.21; 15.7) Ele se apresenta na essência central do fruto colhido, que é Ele mesmo. O fruto vem de Cristo, a videira, e revela a sua pessoa, suas qualidades de vida e sua semelhança. É a vida de Cristo em ação, manifestada por meio de seus ramos (Gl 2.20; Fp 1.21).

Jesus falou aos seus 11 discípulos essas palavras acerca da permanência, da oração e dos frutos. Judas, o décimo segundo homem, já havia saído (Jo 13.30). Ele não era um crente genuíno e não havia sido espiritualmente purificado como os outros (13.10,11; cf. 15.2,3). Deus havia dirigido os 11 que permaneceram (6.44, 65), e Jesus os treinara durante boa parte de seu ministério. Um obreiro pastoral pode aprender muito se ficar atento ao que Jesus aqui expressou ser vital para essa função. Os ouvintes estavam incubando líderes que mais tarde representariam o ministério de Cristo. O empenho de Jesus era para que eles fossem *servos* de oração. Esses servos, por sua vez, ensinariam aos outros a importância de orar.

João 15.8 define a vida em Cristo (isto é, uma vida de orar, receber respostas) tendo sua palavra e permanecendo nEle. Ela está relacionada com três grandes conquistas. Jesus nos revela, portanto, que a vida de oração é uma vida de *glorificação*, *multiplicação* e *autenticação*.

---

2. Veja a discussão sobre orar em nome de Jesus em W. Bingham Hunter, *The God Who Hears* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1986), 191-99.

BIBLIOTEÇA AUBREY CLARK

Glorificação

O elo que liga os pensamentos entre os versículos 7 e 8 é claro: "Nisto". Ele inicia o versículo 8 e, no mesmo versículo, aponta para "muito fruto". Esse fruto consiste em respostas à oração prometidas no versículo 7. O versículo 8 indica que o Pai é glorificado na resposta positiva de Deus à oração de alguém que permanece em Cristo (isto é, "nisto", o "muito fruto" é resultado da permanência). O fruto glorifica a Deus ao tornar evidentes as suas virtudes, valores, propósitos e as qualidades encontradas em Cristo.

A natureza do fruto é evidente no contexto: paz (14.27), amor (15.8-12) e alegria (15.11). Também consiste na manifestação da lealdade a Cristo diante da hostilidade do mundo para com Ele (15.18-25), em uma vida ensinada pelo Espírito (15.26; cf. 15.7), através da qual é possível fazer obras maiores do que as que Cristo realizou sobre a terra (14.12), porque Ele, como a videira, continuará seu ministério agindo por meio de suas varas (veja Gl 2.20; Fp 1.21). Essas obras maiores feitas pelos discípulos e por Cristo são respostas às orações moldadas pela Palavra (Jo 14.13; 15.7,8).

Que grande mensagem sobre valores para guiar os que seguem em direção ao ministério pastoral! Todos os frutos que resultam da vida em Cristo — sim, todos estão relacionados com o que *Deus* realiza! (Jo 15.7,16). Ele o faz por meio dos cristãos, em resposta às orações que estiverem em harmonia com a Palavra. Conseqüências grandiosas resultam obviamente da oração.

Isso fala muito ao obreiro de Cristo, convocando-o a devotar maior prioridade à oração, em outras palavras, a dar a ela a mesma importância que Jesus deu. *Caso contrário*, ele deve reconsiderar seu sistema de valores. Ou, então, estará ministrando de acordo com seus próprios planos, e não de acordo com os valores de Cristo aqui expressos. Essa observação lapida o ditado muito comum:

"Apenas uma vida, logo passará.
Apenas o que para Cristo for feito sobrará".

De acordo com João 15, a última linha poderia ser: "Apenas o que pela oração for feito sobrará".

João 15.16 confirma essa realidade ao dizer que quando uma pessoa permanece em Cristo, permitindo que Ele viva sua "vida como uma videira",

seu fruto "permanece" (a mesma palavra traduzida por "estar" no início do capítulo). Essa é a obra do Pai realizada por você (v. 7, 16) em resposta à oração orientada pela Bíblia, o "muito fruto" do versículo 8. Isso é o que glorificará o Pai.

Multiplicação

"Muito fruto" (v. 8) retrata a multiplicação que Jesus tinha em mente. Por que Ele pensa em frutos em tamanha quantidade? Por que não só "fruto"? Podemos compreender um pouco melhor ligando o fruto ao que Ele disse acerca do quarto solo na parábola de Mateus 13.1-9 e à sua explicação em Mateus 13.18-23. Esse solo representa o coração do crente que recebe a semente da Palavra de Deus. Entre as quatro categorias em que caem as sementes, é somente esse tipo de coração que produz fruto — "um a cem, outro a sessenta, e outro a trinta". Todas as três quantidades de frutos já são relativamente grandes. Isso pode indicar que Jesus, o contador da parábola, pensa grande. Ele confia naquilo que pode fazer com sua semente (a Palavra) no coração das pessoas (veja Jo 15.7). A Palavra é poderosa e pode fazer grandes coisas. Um grande Salvador pode tornar possível *muitos* frutos. Por conseguinte, para tirar proveito dEle e obter mais frutos, *é preciso seguir o caminho da oração*.

Quando um crente produz *algum* fruto, o Pai usa a Palavra para limpá-lo, de modo que possa produzir "mais fruto" (Jo 15.2,3), ou seja, "muito fruto" (v. 4-8).

A quantidade de frutos produzida pelos crentes varia, em parte, por causa do problema do pecado com que precisam lutar (Rm 7.14-25). O fracasso pode ocorrer, mas a vitória final virá com a produção de "muitos frutos". Pastor George W. Truett gostava de dizer de seu púlpito na Primeira Igreja Batista de Dallas: "Deus pode fazer brotar uma grande fonte com uma vara torta". É como um pedaço de terra coberto de grandes árvores com que o fazendeiro precisa lutar. Ele começa limpando o terreno. Elimina algumas árvores, arbustos que produzem frutos venenosos e mato. Cultiva o solo e planta a sua semente. O fruto que consegue de início não é tanto quanto o que obterá mais tarde. Porém, comparado com a escassez, a quantidade é uma mudança considerável. Assim, quando se limpa mais a terra, os frutos aumentam e o contraste com o tempo em que a terra era totalmente improdutiva torna-se ainda maior (Jo 15.5).

Esse exemplo ilustra a santificação progressiva na vida dos cristãos (Rm 6–8) depois de terem sido justificados por Jesus (Rm 3.21–5.21). Aqueles a quem Deus declarou justos produzem frutos relacionados com a santidade (Rm 6.22).

Paulo escreve com o entendimento de que *todos* os justificados possuem frutos. Pode haver variação na quantidade (veja Mt 13.23), mas a justificação por fim leva à santidade de vida. Paulo expressa isso de outra forma em Efésios 2.8-10: a salvação pela graça, por meio da fé, conduz às boas obras segundo o propósito de Deus, e o cristão também tem seu papel nesse plano (Fp 2.12) de cooperar com Deus, que está operando na vontade do cristão e está lhe dando energia interna (Fp 2.13). A produtividade pode variar muito de cristão para cristão, de um período para outro, ou ao longo da vida. Mas todos vão apresentar uma mudança marcante em relação à ausência de frutos que caracterizava seus dias antes da salvação.

O Pai recebe glória por meio do fruto multiplicado pela ação da Palavra e da oração. O obreiro pastoral deve, mais que todas as pessoas, ser um dos que têm a vida caracterizada por esse tipo de multiplicação.

Autenticação

De acordo com o final de João 15.8, os líderes e todos os outros crentes verdadeiros que seguem a Cristo são seus autênticos discípulos. Isto é evidente na Grande Comissão (Mt 28.19,20) e muitas vezes em Atos (6.1,2; 11.26 etc.). O fato de serem discípulos significava que eram seus aprendizes, alunos ou seguidores. Toda ovelha verdadeira o segue em um sentido real (Jo 10.27), possue o dom da vida eterna e é mantida por Deus (Jo 10.27-29).[3]

João 15.8 afirma que o fruto produzido por meio da oração é uma confirmação ou autenticação de que a pessoa é um discípulo: "E assim sereis [provareis ser] meus discípulos".[4] Uma vez que a permanência em Cristo é a vida dos que crêem (6.54, 56) e visto que o fruto manifesta a permanência, é bem razoável que essa demonstração seja um atestado de genuinidade, uma característica que testemunha dos crentes.[5] "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (13.35). Os crentes também

---

3. Essa conclusão faz sentido por algumas razões: (1) o uso do tempo presente em João 10.27 indica uma ação contínua, como em 6.56 e 14.21; (2) o seguir não é apenas um ato inicial de chegar à salvação, mas um compromisso diário como em Lucas 9.23; (3) a ilustração de Jesus, falando das ovelhas no contexto (10.1,9 etc.) refere-se a ovelhas seguindo o pastor o dia inteiro, não apenas uma parte do dia.

4. A obediência expressa pela permanência na Palavra de Deus é um indicador da genuinidade da profissão de fé de uma pessoa (Jo 8.31; 1 Jo 2.3-5,19).

5. Cf. Michael Horton, ed., *Christ the Lord, The Reformation and Lordship Salvation* (Grand Rapids: Baker, 1992), 53. Os autores deste simpósio crêem como Calvino, que a base da certeza deve, em última análise, estar na obra de Deus por meio da cruz, numa "justificação tão firme que seja capaz de sustentar nossa alma no julgamento divino..." (52).

vêem os frutos autênticos (Jo 15.16). Outras confirmações que nos dão segurança são as promessas da Palavra de Deus e o testemunho interno do Espírito da verdade.

Jesus atribuiu à oração um papel de profundo significado. Quem quer que o sirva pode demonstrar ser seu verdadeiro seguidor, fazendo o mesmo. Em João 15.8 observamos que o fruto do cristão demonstra que ele é um discípulo, e o segredo disso é a oração (v. 7). Isso vale tanto para os que estão em posição de liderança pastoral quanto valia para os 11 discípulos que formavam o auditório original de Jesus. Eles devem proclamar a importância da oração aos outros, mas devem pregá-la primeiro para si mesmos. Como seguidor exemplar de Cristo, cada um deve aplicar esta lição (1 Co 11.1).

Orar como em Efésios 6.10-20

Paulo segue a liderança de Jesus, enfatizando a importância da oração. Antes de exortar os leitores efésios a orar, Paulo lhes dá um exemplo de oração. Dois momentos espontâneos de intercessão em meio a descrições da riqueza dos crentes em Cristo marcam Efésios 1-3. A profusão da graça que resulta em "todas as bênçãos espirituais" (1.3) leva o apóstolo a orar para que seus leitores compreendam o estilo de vida que torna possível tão maravilhosa riqueza (1.15-23; 3.14-21).

Cada uma das intercessões revela facetas de importância primordial na vida cristã e na compreensão de como orar de modo relevante por si mesmo e pelos outros.[6] Cada uma demonstra um profundo interesse em que os leitores frutifiquem espiritualmente, agradando a Deus "em tudo", como ora o apóstolo em outra epístola (Cl 1.10). Seu interesse se manifesta quando ele pede a Deus que os encha do conhecimento de sua vontade, seu poder, sua longanimidade, seu gozo e de ações de graça a Ele (Cl 1.9-12). A ênfase básica está nessas preocupações vitais, não no alívio físico para um braço quebrado, por um novo emprego ou uma noite bem dormida como solução para a insônia. Essas últimas cargas também devem ser consideradas, uma vez que elas estão relacionadas ao que Paulo inclui em suas orações. Devemos lançar *todas* as nossas ansiedades sobre Deus (1 Pe 5.7). Mas as questões ligadas à lapidação da vida, enfatizadas por Paulo, devem ter um lugar de destaque em nossas orações. Infelizmente, é muito comum elas estarem ausentes de nossos boletins de oração ou só se apresentarem de vez em quando. Os líderes

6. Veja em Donald A. Carson, *A Call to Spiritual Reformation* (Grand Rapids: Baker, 1991), uma excelente exposição dos principais trechos paulinos que tratam da oração.

pastorais são responsáveis pela correção desse comportamento por meio do ensino, exemplo e ênfase.

Depois de destacar a riqueza e dar um exemplo de oração, Paulo dedica seus três últimos capítulos de Efésios para tratar do estilo de vida coerente com essa riqueza, expressando-o em forma de relacionamentos práticos. Ele mostra como os crentes podem traduzir aquilo pelo qual ele orou no "andar" diário — termo usado em Efésios 2.2,10 e empregado com freqüência no restante da epístola (4.1; 17; 5.2, 8.15). Eles devem se conduzir de uma forma coerente com os altos privilégios concedidos por Deus e podem fazê-lo por meio do amor (5.1-7), da unidade (4.1-16), da santidade (4.17-32), da luz (5.8-14) e da vida cheia do Espírito (5.15-6.9), todas as qualidades se misturam simultaneamente em cada vida.

Com certeza, um "andar" dessa natureza é "digno" (Ef 4.1)[7] da vocação maravilhosa. Ele está registrado nos capítulos 1–3. Os benefícios pelos quais Paulo orou com tanta veemência em Efésios 1.15-23 e 3.14 marcam esta conduta.

Após sua extensa seção sobre o enchimento do Espírito, Paulo chega às últimas palavras cruciais da carta. Ele faz uma relação entre o "andar" e o mundo real enfrentado pelos crentes, um mundo em que as coisas decentes sustentadas por Deus se opõem a todos o males dos que marcham sob a bandeira negra do príncipe das trevas. Os que possuem a riqueza de Deus e andam como Ele ordena estão lutando em uma guerra mortal (Ef 6.10-20).

Poder na Armadura

Para serem vitoriosos na guerra, os crentes precisam do poder de serem fortalecidos "no Senhor e na força do seu poder" (Ef 6.10. Eles necessitam das "armas de justiça, à direita e à esquerda" (2 Co 6.7). "Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas, sim, poderosas em Deus..." (2 Co 10.4). Nada menos que o poder de Deus pode vencer o inimigo — tema ligado à oração e encontrado com freqüência nas Escrituras.[8] Os cristãos estão lutando contra as fileiras das

7. A idéia básica de ἀξιόω (*axioō*) em Efésios 4.1 é a das antigas balanças de dois braços e, portanto, "tendo o mesmo peso". Ela passou a comportar o conceito de uma coisa que faz par com outra e, assim, significa "apropriado, próprio, coerente". Desse modo, é um termo que denota uma vida cristã, demonstrando uma semelhança ou um reflexo adequado das bênçãos dadas por Deus (Cl 2.10; 1 Ts 2.12).

8. As Escrituras salientam a força do Senhor de várias maneiras: os crentes precisam dela (2 Co 12.9,10); Deus é a força e o amparo do crente (Sl 28.7; cf. Sl 46.1; Is 40.29; Zc 4.6); devemos orar pedindo força (Sl 31.2), conscientes de que Ele é nossa força (Sl 31.4); Ele nos cinge com força na batalha (2 Sm 22.4; Sl 18.39; 61.3); Ele guia os homens em sua força (Êx 15.13; Dt 8.18); podemos celebrar o fato de Ele nos dar força (Sl 138.3; Fp 4.13; 2 Tm 4.17). A força está relacionada aos principais aspectos da oração: louvor e ações de graça (Sl 59.16, 17, 81.1), petição (Sl 31.2; 86.16; 105.4; 119.28), intercessão (Is 33.2; Ef 3.16), confirmação do amor ou da confiança (Êx 15.2; Sl 18.1; 73.26) e confissão (Sl 51).

legiões diabólicas nos lugares celestiais e acima das fronteiras internacionais que exercem influência sobre os crentes e os procuram para atacar (Ef 6.12). O diabo emprega qualquer abertura para se opor à igreja de Cristo (Ef 4.27). Portanto, a força divina (v. 10) é indispensável no combate contra os estratagemas do inimigo (v. 11).

Os cristãos apóiam-se nesse poder, apropriando-se da armadura que Deus colocou à sua disposição. Pela fé, eles se "revestem" dela ou a "tomam" como um presente, pois Deus a concedeu pela graça. "Eu tomo; Ele assume" tem sido o grito de vitória para os cristãos em conflito. Fortalecidos no Senhor e na força de seu poder, fincam os pés no chão como soldados espirituais, qualquer que seja o ataque. Eles conseguem interceptar as forças do mal individual e coletivamente como igreja. Eles devem estar "pois, firmes" (v. 14). Essa é a exortação principal do trecho sobre a batalha.

Os temas de Efésios 6.10-20 repetem-se com freqüência em outras partes da Bíblia.[9] Boa parte da essência do discurso de Jesus no cenáculo, do qual faz parte João 15.7,8, é impressionantemente similar. Paulo, um bom discípulo de Cristo, demonstra estar repleto dos ensinos de Jesus, conforme indicam as passagens bíblicas abaixo:

Palavras chaves	***João 13—17***	***Efésios 6.10-20***
Poder de Deus (capacidade)	5.4,5	v. 10
Oração relacionada à Palavra	15.7,16	vv. 18-20 cf. 6.17
Presença do maligno	13.2; 17.15	vv. 11,13,16; cf. 2.2; 4.26
Proteção contra o maligno	17.15	vv. 10-17 esp. 11-13,16
Verdade	14.6 17; 16.13	v. 14
Justiça	17.15,19	v. 14

9. Temas comparáveis são freqüentes no Salmo 18; os ensinos de Jesus em Mateus 4.1-11 e seus paralelos lembram a passagem de Efésios; e 2 Coríntios 6.2,6-7 também. Na última passagem, por exemplo, Paulo une a salvação, o Espírito, a verdade, a Palavra, o poder de Deus, as armas e a justiça e os relaciona com o ministério (2 Co 6.7), assim como ele gostaria que o Pastor Timóteo fizesse: "milites... boa milícia" (1 Tm 1.18; 6.12).

Paz	14.27; 16.33	v. 15
Fé	14.1;10-12; 16.9,27,30	v. 16
Salvação	14.6; 17.3	v. 17
Palavra de Deus	14.21; 15.3,7	v. 17
Espírito de Deus	14.26; 15.26; 16.9-11; 13-15	v. 17,18

Partes da Armadura

Seis peças[10] perfazem a lista da armadura.[11] Essa representação foi extraída do conhecimento que Paulo tinha da vestimenta militar romana e das Escrituras. As poucas peças por ele especificadas representam todos os aspectos da vida cristã. A lista abaixo implica outras qualidades mencionadas em diversas partes da epístola — por exemplo, graça, amor, alegria, bondade. A graça de Deus é abundante em todas as suas provisões (1.3-14; 2.8-10), assim também o amor (1.4-5; 2.4-6;. 4.14-16; 5.2). Paulo também se refere anteriormente à humildade, mansidão e longanimidade (4.2), santidade (4:24) e benignidade (4.32).

Verdade. Paulo inicia a lista com dois elementos que caracterizam o fruto na esfera da luz: o cinturão da verdade e a couraça da justiça (Ef 6.14). Ele agrupa uma terceira qualidade de bondade em Efésios 5.9 que é proeminente no contexto (4.28,29; 6.8). A verdade precede a justiça, como ocorre algumas vezes em outros textos (Is 48,1; Zc 8.8), embora a justiça às vezes venha antes (Ef 5.9; 1 Tm 6.11). A seqüência é flexível, mas é bem apropriado que a verdade seja priorizada. O cristão chega ao âmbito da verdade de Deus e, então, é lançado com Ele contra todos os produtos da mentira do diabo. Assim, a verdade é mais que apropriada para iniciar a armadura. O conflito na criação original foi estabelecido quando a verdade de Deus se impôs contra a falsidade do tentador

10. A oração em Efésios 6.18-20 não é a *sétima* parte da armadura, mas um ambiente que a *permeia*, pois (1) Paulo não usa linguagem figurada sobre a armadura após o v. 17; (2) "e" é empregado antes de quatro das seis peças, mas não consta para introduzir a oração e a quarta peça que, embora não precedida de "e", possui três figuras antes e duas depois; (3) não existe uma forma genitiva em seqüência à menção de uma figura, tal como aparece com *oração* em cinco das seis (a primeira figura é a outra exceção); (4) nenhuma parte do corpo é relacionada à oração como ocorre nas outras.

11. A armadura são "as armas da luz" (Rm 13.12), assim como o fruto é "o fruto da luz" e do Espírito" (Gl 5.22) e (Ef 5.9). A luz enfatiza a *natureza* do fruto, e o Espírito, sua *fonte*. Podemos nos referir à armadura como a "armadura do Espírito", que se destaca pela proximidade em Ef 6.17,18.

(Gn 3.5). A verdade foi o ponto crucial no conflito de Jesus contra Satanás, antes de se lançar em seu ministério público (Mt 4.1-11). Ela foi também motivo de discussão quando o enganador fez com que Ananias e Safira caíssem, época em que a igreja ainda engatinhava (At 5.3). A verdade sempre é o ponto que os não-salvos se deparam quando ouvem o pai da mentira (Jo 8.44).[12] A luta do cristão contra o diabo também ocorre no âmbito da verdade (1 Jo 4.1-6).

A passagem sobre a armadura também ocorre em um contexto que torna crucial a verdade (Ef 4.15,21,24). A verdade atua na batalha não apenas defensivamente contra o que é falso, mas ofensivamente, ministrando de modo positivo para ajudar os outros e promover o crescimento (4.3,15,28). Ela é a fragrância "agradável ao Senhor" (5.9,10).

Paulo primeiro destaca os lombos cingidos, porque a armadura presa permite liberdade de movimentos para os pés e as pernas. Uma vez que isso garante bom equilíbrio, agilidade e velocidade na luta, a parte superior do corpo mantém-se ereta. Para um esforço eficaz contra o inimigo, tudo depende de um compromisso fundamental com a verdade de Deus (4.21, 24).

Justiça. Com freqüência, vemos a justiça ligada à verdade na Palavra de Deus.[13] Essa é a área em que o Espírito da verdade (Jo 16.13) — o mesmo Espírito tão crucial na passagem sobre a armadura (Ef 6.17,18) – converte o não-salvo (Jo 16.8-11). Deus imputa a justiça aos crentes (Rm 3.21-5.21). Ela é um absoluto necessário, na medida em que Ele a distribui continuamente na vida prática cotidiana (Rm 6.1-22; 8.1-39).

Paz. É apropriado que a terceira peça da armadura seja a "preparação do evangelho da paz". Primeiro, as pessoas chegam à verdade do Evangelho e à justiça e, em seguida, à paz. Pelo Evangelho, Deus reconcilia os que o recebem (2 Co 5.18-21), conferindo por meio dEle a paz *com* Ele mesmo (Rm 5.1) — amizade em lugar de inimizade, bem como a *sua* paz aos que o recebem (Fp 4.7). O centro desse evangelho, Cristo, *é a* nossa paz (Ef 2.14), Ele *estabelece* a paz (Ef 2.15) e a proclama (Ef 2.17). Os que recebem sua mensagem devem ser pacificadores (Mt 5.9), testemunhando sobre como Deus concede a paz com Ele e a tranqüilidade pacífica diária para lidar com qualquer circunstância (Fp 4.6,7). Uma das artimanhas mais ardilosas do diabo é fincar o pé na soleira da porta (Ef 4.27), substituindo a paz do coração dos crentes por uma agitação ou desavença entre eles.

12. Várias formas da palavra "verdade" são freqüentes no Evangelho de João.

13. Por exemplo, Sl 119.142; Is 48.1; Zc 8.8; Ef 5.9.

A "preparação" do evangelho da paz para os pés pode ser uma referência a um fundamento firme (veja Sl 18.36) que permita à pessoa permanecer inabalável (Sl 18.33; 37.31; Hc 3.19) ou a ser capaz de demonstrar a tranqüilidade dada por Deus, baseada no Evangelho. Em Efésios 6.19 e nos quatro versículos adiante Paulo dedica-se à sua paixão consumidora de difundir o Evangelho, ressaltando a importância da prática de orar em prol do sucesso da pregação. Ele queria que mais pessoas gozassem a paz de Deus e a paz com Deus, recebendo o "evangelho da paz".

Fé. Convém que o "escudo da fé" venha após a verdade, a justiça e a preparação do evangelho da paz (Ef 6.16). A fé é o instrumento pelo qual o não-salvo chega à salvação (veja Ef 2.8). Essa certeza continua sendo de importância suprema na vida do salvo. Paulo afirma: "Porque andamos por fé e não por vista" (2 Co 5.7). Embora não se especifique nessa passagem, ele crê que essa fé opera "por caridade [amor]" (Gl 5.6). Para ele, o amor e a fé caminham juntos (Ef 6.23). Ele concordaria com João no sentido de que a fé é a vitória que vence o mundo (1 Jo 5.4), pois aqui ele a retrata como um escudo de defesa para interceptar os dardos inflamados com que os emissários inimigos alvejam os cristãos. Dardos de todos os tipos tentam atingir o povo de Deus — dardos da desunião (Ef 4.2,3); ira não santa, expressa ou não expressa (4.25-32); pensamentos, palavras ou atos sexuais lascivos (5.3-7); tentações de cair na bebedeira (5.18); atitudes que ameaçam a alegria, a ação de graças e a submissão (5.19-21); atitudes e atos sem amor, em lugar do amor semelhante ao de Cristo (5.22,33) etc.

Os pastores, bem como seus rebanhos, precisam de fé, pois todos enfrentam os mesmos perigos. Deus oferece a mesma armadura tanto para os líderes como para os seus seguidores. Eles precisam estabelecer um exemplo para o rebanho como fizeram os fiéis em Hebreus 11, os quais foram vitoriosos tanto em avanços ofensivos, bem como em posições de defesa pela causa divina. Em Efésios, a maior parte das referências à fé tratam dos avanços ofensivos.[14]

Salvação. Em quinto lugar na lista da armadura está a peça chamada "capacete da salvação". Isso pode significar o capacete de protetor, que é a salvação (veja Ef 1-3, especialmente 1.3). Em última análise, ambas as nuanças destacam a salvação como proteção, o que implica no tríplice livramento que Deus concede em Cristo: no *passado*, livrando-nos eternamente das penas do pecado; no processo *presente*, de lutas contra o poder do pecado (Rm 7.14-25;

14. A fé nos avanços ofensivos é evidente em Efésios 1.13,15; 2.8; 3.12,17; 6.23, e na maior parte dos casos em Hebreus 11.

8.39); e, na expectativa *futura* de suas promessas, nos livrará da *presença* do pecado. Algum dia deixaremos de abrigá-lo dentro de nós, pois seremos redimidos de maneira mais completa, glorificados e totalmente monopolizados pela santidade de Deus (Rm 8.30; Fp 3.21; 1 Jo 3.2).

A Palavra de Deus. Paulo insta os crentes a tomar uma arma final que é a "espada do Espírito — a palavra de Deus" (Ef 6.17). Esta espada possui muitos sentidos. Deus a concedeu com inspiração. Ele a emprega para penetrar profundamente e produzir conversão, para encorajar o crescimento e ministrar por meio dos crentes em seus testemunhos aos perdidos e em suas instruções a outros crentes. Por meio da fé, a Palavra repele os dardos do inimigo e investe com a espada. Com a Palavra, os crentes não só detêm o inimigo, infligindo danos à causa do diabo, como também abrem o caminho para investir adiante, de modo ofensivo pela causa de Cristo.

Em João 15.7,8 é traçado um vínculo entre a Palavra de Deus e a oração. A Palavra é a espada *do Espírito* (Ef 6.17), e os cristãos devem orar *no Espírito* (v. 18). O Espírito ensina a Palavra e a vontade de Deus (Jo 14.26; 1 Co 2.12,13), ajudando os cristãos a corresponder à vontade do Senhor em suas orações (cf. Rm 8.26,27).

Cristo é cada aspecto da armadura. Ele é a *verdade* (Jo 14.6; Ap 19.11) — o Filho que nos liberta (Jo 8.32, 36). Ele é a nossa *justiça* imputada (1 Co 1.30); pois "se revestiu de justiça como de uma couraça" (Is 59.17). Ele é a nossa *paz* (Ef 2,14) e o conteúdo das Boas Novas, o Evangelho. Ele é o *Fiel* em quem repousa a fé (Ap 19.11).[15] Ele é nossa *salvação* (Sl 27.1) e "pôs o elmo da salvação na sua cabeça" (Is 59.17). Assim, Ele cobre a cabeça do crente no dia da batalha, evidentemente com um capacete (Sl 140.7). Ele é a *Palavra de Deus* (Jo 1.1; Ap 19.13) ministrada pelo Espírito. A boca é "uma espada aguda" (Is 49.2), como o servo ideal pregando a Palavra. Cristo é a armadura e, quando Paulo personaliza essa armadura em um perfil composto, afirma: "Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências" (Rm 13.14). Nós nos revestimos de Cristo quando nos revestimos do novo homem, que é criado em verdadeira justiça e santidade (Ef 4.24).

15. Hudson Taylor celebrou uma nova alegria quando, em uma carta, John McCarthy compartilhou com ele esse conceito: "Como fazer para que a fé se fortaleça? Só pensando em tudo o que Jesus é; em tudo o que Ele é por nós; sua vida, sua morte, sua obra. Ele mesmo, conforme revelado na Palavra, deve ser o objeto constante de nossos pensamentos. Não lutando para ter fé... mas parece que tudo de que precisamos é descansar naquele que é Fiel" (Dr. e Sra. Howard Taylor, *Hudson Taylor's Spiritual Secret* [Chicago: Moody, s.d.], 156).

A ordem mais importante para o pastor de hoje é ter Cristo como "toda a armadura" para glória de Deus.

Oração com a Armadura

Cristo representa a essência de cada aspecto da armadura associado à oração. Esta última tira proveito de Jesus: "Fortalecei-vos no *Senhor*" (Ef 6.10). O propósito, o compromisso, a paixão, os valores e a prioridade da oração são fundamentadas na Palavra.[16]

Paulo e outros autores destacam a importância da oração de várias maneiras:

1. Paulo demonstra como a oração é importante, sendo ele mesmo um exemplo de intercessão pelos outros (1.15-23; 3.14-21).
2. Suas palavras acerca da armadura passam sem interrupções para a crucialidade da oração (6.17,18), pois ela é vital para cada parte da armadura. Isso é evidente no uso quádruplo da palavra *todo* (e suas flexões) no versículo 18 (por exemplo, em "orando em todo tempo... no Espírito").
3. As Escrituras muitas vezes mostram crentes orando para que Deus os fortaleça ou celebrando o poder que desceu por meio da oração (Sl 138.3; At 4.29-31).
4. Embora Efésios 6.10-17 não mencione a oração, as Escrituras a vêem como um elemento que permeia toda a armadura (veja a fig. 2). "Vesti sua armadura, cada peça com oração" é o clamor do famoso hino *Avante, ó crentes*! [no original, em inglês]. Nada mais apropriado!
5. Muitos exemplos pessoais na Palavra de Deus salientam a estreita ligação entre a oração e as vitórias. Josafá e seus súditos prepararam-se em oração e tiveram uma vitória brilhante contra os invasores (2 Cr 20). Daniel e seus amigos reagiram à ameaça de morte com uma noite de vigília e oração (Dn 2.17-23). Jesus enfrentou vários julgamentos, impregnando sua vida de oração (Mc 1.35; Lc 5.16; 6.12; Hb 5.7).[17]

16 Veja James E. Rosscup, "Prayer Relating to Prophecy in Daniel 9", *The Master's Seminary Journal* 3, nº 1 (spring 1992): 47-71. Deus tem um plano e vai cumpri-lo, por isso "concede aos homens o privilégio de labutar junto com Ele, ansiando e orando pelos mesmos fins maravilhosos" (Jr 29.12) (71).

17. O Evangelho de Lucas, sensível à humanidade de Jesus, mostra que Ele orou antes de vários pontos críticos: antes da descida do Espírito (3.21,22), na escolha dos 12 (6.12), na transfiguração (9.18), na provação de Pedro (22.31,32), em sua prisão, julgamento e crucificação (22.41-45).

Palavras-chaves sobre Guerra	**Efésios 6**	**Associação Bíblica com a Oração**
Poder	v. 10	Sl 119.28; 138.3; At 4.24-31
Livramento do mal	vv. 11,13,16,17	Sl 119.41; Mt 6.13; Rm 10.13
Verdade	v. 14	Sl 25.5; 69.13; 119.43; Jo 17.17
Justiça	v. 15	Sl 5.8; 71.2; Fp 1.11
Evangelho	v. 16	Rm 10.1; Cl 4.2-4
Testemunho	vv. 19,20	At 4.24-31; Cl 4.2-4
Paz	v. 15	Sl 4.6-8;Fp 4.6,7; 1 Ts 5.23; 2 Ts 3.16
Fé; vitória	v. 16	Sl 55.23; 119.42; 143.8; Tg 5.15; 1 Jo 5.4,5
Palavra de Deus	v. 17	Sl 119. 17,18,26,32,33-40
Espírito de Deus	vv. 17,18	Ef 6.18; Jd 20

E nós? Quando damos menos prioridade à oração, imaginamos que vamos de alguma forma ganhar batalhas impossíveis? Temos a pretensão de depender da capacidade pessoal, das habilidades refinadas e de métodos confiáveis? Seremos capazes de agir por nós mesmos, quando pessoas de oração sentiram necessidade premente de se lançarem na presença de Deus? Será que nosso Senhor, em João 15.7,8, e Paulo, em Efésios 6.10-20, poderiam ter sido mais claros? Mostramos que somos tolos, lançando-nos à mediocridade, ao vazio e aos desastres, a menos que nos devotemos de todo o coração à oração.

A oração a que Paulo insta os cristãos é marcada em Efésios 6.18 pela repetição da palavra *todo*, e assim deve ser nossa oração.

A oração é para todas as situações ("com toda oração"). Ela pode assumir qualquer forma: louvor, ação de graças, confissão, petição, intercessão ou declaração. Ao terminá-la, podemos dizer algo como: "Eu te amarei do coração, ó SENHOR, fortaleza minha" (Sl 18.1).

A oração é para todas as épocas ("em todo tempo"). As Escrituras colocam a oração em todas as ocasiões imagináveis.[18] Spurgeon comentou sobre orar sete vezes ao dia (Sl 119.164), "em cada toque, em cada curva".[19] *Sete* denota completitude na oração e sua recorrência habitual.

A oração é toda no Espírito. A oração apropriada está em seu poder (Ef 6.10), sendo fiel à Palavra — a espada (v. 17; cf. Jo 15.7). A oração corretamente moldada extrai da Palavra motivações que o Espírito produz em nós. Ela nos dá direção e, em todos os caminhos, aprende a manter seu compromisso com os propósitos do Espírito.

A oração é perseverante. Paulo usa duas palavras para expressar perseverança: "estar alerta" (de ἀγρυπνέω, *agrypneu*), acordado ou manter uma sensibilidade vigilante, ou seja, possuir uma estratégia na oração. Isso nos permitirá saber como orar na hora certa e não dormir no posto. Aquele que estiver orando deve manter-se *vigilante, alerta "com toda perseverança"* (προσκαρτέρησις, *proskarteresis*) — uma qualidade de resistência perseverante, literalmente "apegar-se a". Os antigos *cowboys*, guardando o rebanho durante a noite, às vezes tomavam medidas drásticas para manter-se alertas e perseverar no trabalho. Eles esfregavam sumo de tabaco nos olhos para permanecer em vigília. Eles o faziam para atender os interesses de seus patrões e para segurança do gado. Somos capazes de realmente ser perseverantes na oração por amor a Deus e para o benefício dos outros?

A oração é por todos os santos. Os cristãos podem orar de várias maneiras coletivas por todos os santos. A carta de Paulo os vê como edifício (Ef 2.11-21), corpo (3.1-13) e noiva (5.29,30) de Cristo. O crente sozinho jamais conhecerá todos os santos ou todas as necessidades das pessoas, mesmo que só de sua comunidade local. Entretanto, é provável que Paulo pensasse tanto na atuação coletiva como na individual, incentivando a oração de modo empático por todos os cristãos.

Paulo também enfatiza sua própria necessidade de ter a ajuda da oração de outras pessoas (6.19,20). Todo pastor deve ter muitas pessoas orando em seu favor. Paulo requisita orações para que possa ter ousadia e clareza ao

18. Várias horas, por exemplo, de manhã, à tarde e à noite (Sl 55.17), sete vezes ao dia (Sl 119.164), à meia-noite (Sl 119.62), antes do amanhecer (Sl 119.147), dia e noite (Ne 1.6; Sl 22.1-5; 1 Ts 3.10), três semanas (Dn 10.2,3) e outras.

19. C.H. Spurgeon, *The Treasury of David*, 6 vol. (reimpressão, Londres: Marshall, Morgan and Scott, 1950), 5:429.

proclamar o Evangelho.[20] A ajuda de Deus através da oração é crucial para qualquer pessoa que transmita a Palavra, quer fale para muitos,quer para um só. A Palavra pode dividir como "a espada do Espírito" (v. 17; cf. Hb 4.12).

Palavra Final

Jesus, em João 15.7,8, e Paulo, em Efésios 6.10-20, definiram a importância da oração no ministério. Deus fez o primeiro movimento, confiando-nos essa prioridade. Ele poderia dizer para nós, como se costuma dizer: "Agora é a sua vez". Então, façamos o movimento correto, seguindo a liderança de Jesus e os ensinos e exemplos de Paulo.

20. Paulo ora não somente por ousadia, mas por clareza (Cl 4.2-4), rápida propagação do Evangelho e sua glorificação (2 Ts 3.1), e proteção contra os homens maus (2 Ts 3.2).

11

A Vida de Oração do Pastor: O Aspecto Ministerial

Donald G. McDougall

O pastor pode utilizar meios práticos para aplicar a oração bíblica na vida da igreja. Assim sendo, é da máxima importância imitar bons modelos de oração, tanto das Escrituras como da experiência cotidiana. Como motivação para orar, o povo de Deus precisa perceber a importância da oração. Orações de crentes como indivíduos, de líderes cristãos, de grupos pequenos e do corpo de Cristo como um todo são necessárias. O conteúdo da oração deve centrar-se muito mais nas grandes batalhas espirituais contra as forças do mal do que nas preocupações mundanas do dia-a-dia. O propósito correto e a atitude apropriada devem determinar a maneira de orar. Os resultados da oração devem transparecer na vida pessoal e familiar, nos encontros cotidianos, nas reuniões de oração, de líderes, de grupos pequenos, do quadro de obreiros e nos cultos dominicais. Os membros da congregação devem ter como exemplos líderes que demonstrem a importância da oração em suas vidas.

O discipulado vem recebendo muita atenção nos últimos tempos. Uma parte importante do discipulado é o modelo, fato que se evidencia nas Escrituras e na vida diária. Um conferencista observou recentemente que a igreja, com o tempo, tende a espelhar o pastor. Já que em casa as crianças tendem a espelhar os pais, não surpreende que a imitação também ocorra no ministério. Paulo disse à igreja de Tessalônica: "E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor" (1 Ts 1.6). Por isso, desafia-se o pastor a discipular seu povo na oração. Fala-se muito a respeito dela, porém estamos dispostos a ser modelos, apesar de sabermos que, não importa o quanto oremos, ainda estaremos longe da perfeição?

Um dos raros privilégios dos discípulos foi observar o modelo do Senhor em suas orações. Nosso Salvador considerava necessário passar longos períodos orando, tanto que não precisou lembrar aos amigos mais chegados de que eles deveriam fazê-lo. Ele foi um exemplo de vida de oração e o fez sem uma demonstração pública. É certo, entretanto, que Ele não a escondeu. A influência de sua vida de oração é evidente na atenção que os autores dos evangelhos dispensam ao assunto. Cristo não foi somente este exemplo de vida de oração, mas também atendeu aos pedidos dos discípulos, instruindo-os sobre como orar (Lc 11.1-4).

As Escrituras trazem muitos outros exemplos de pessoas de oração. Uma das melhores maneiras de aprender a orar é estudar a vida de oração de pessoas como Moisés, Neemias, Davi, Paulo e de inúmeros personagens bíblicos. Estes homens falaram e escreveram a respeito de sua vida de oração. Que tipo de carta poderíamos escrever se fôssemos, como eles, compartilhar com as pessoas a nossa vida de oração? Somos reservados ao discuti-la, porque ela não é como gostaríamos que fosse.

Além de aprender com esses modelos de oração, alguns nós são abençoados com outros modelos que Deus coloca em nossa vida. Dois homens ensinaram-me muito a respeito da oração. Um deles foi meu pai, que me deu as maiores alegrias só de ouvi-lo orar. Quando criança, encontrava-o lendo a Bíblia ou orando bem cedo, todas as manhãs. Uma missionária contou-me de uma ocasião em que ele não estava bem; mesmo assim, a luz de seu escritório estava acesa todas os dias às quatro da manhã. Certo dia, ela perguntou:

— Por que o irmão não tenta melhorar, dormindo até mais tarde?

— Porque tenho muitos assuntos pelos quais devo orar, e não posso ficar dormindo — respondeu ele.

O outro exemplo foi meu sogro, com que tive algumas das melhores experiências no campo da oração. Nunca conheci ninguém que orasse como ele, durante o dia ou noite adentro. A oração era sua reação a qualquer problema que viesse a enfrentar. Passei inúmeras noites de oração com ele, clamando especialmente por um avivamento, coisa que ele adorava fazer. Uma herança e tanto!

Embora muitos de nós não possam, de modo algum, chegar aos pés dos exemplos das Escrituras, temos alguns padrões a seguir. O conteúdo deste capítulo é o resultado de um empenho em prol do aprendizado de alguns dos princípios de oração apresentados nas Escrituras. O propósito não é fornecer um tratado completo acerca da oração. Aliás, mesmo os tópicos tratados não podem receber uma discussão completa numa obra desse porte. Os princípios aqui incluídos baseiam-se em reflexões de um colega servo e pastor com respeito

às verdades que vêm emergindo ao longo de muitos anos. Estes princípios não são mera teoria, mas fatos comprovados inúmeras vezes.

A Importância da Oração

O povo de Deus precisa aprender a orar. Carecemos de muitas coisas para obter vitórias, e Deus as daria de bom grado, caso chegássemos a Ele em oração. Tiago 3 termina com um recado acerca da necessidade de haver paz no relacionamento entre os cristãos. Tiago 4 começa com a descrição da causa dos conflitos que muitas vezes substituem essa paz, e Tiago 4.2 apresenta, então, uma solução muito interessante para estes problemas, a oração: "... nada tendes, porque não pedis". Ainda assim, não usamos esta solução, achegando-nos a Deus. Joseph Scriven expressa isso muito bem na primeira estrofe de *O Bondoso Amigo*:

> Falta ao coração dorido
> Gozo, paz, consolação?
> Isso é porque não levamos
> Tudo a Deus em oração.

Por que procuramos soluções para os nossos problemas de tantas outras maneiras, que não pela oração? Muitas vezes, a primeira reação a uma situação problemática na igreja é convocar uma reunião para decidir como solucioná-la. Em contraste, numa ocasião em que Jesus identificou um grande desafio para si e para os discípulos, "Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos" (Lc 10.2), sua primeira reação foi instruir os 12: "Rogai, pois..." Em resposta a essa filosofia, escreve Hull:

> A oração é o mais eficiente dos instrumentos de recrutamento dos líderes... Estes indivíduos podem empregar vários recursos para recrutar pessoas: entretenimento, incitação do sentimento de culpa, menção dos favores, queda de braço seguidos de apelo e, o velho recurso, um filme ou uma história chorosa seguidos de um apelo choroso. Estas são as técnicas de recrutamento comuns, mas não recomendadas. Contudo, é comum uma organização que empregue a oração como método principal de recrutamento? Não falo contra o uso de outros métodos acrescidos à oração, mas contra o uso destes como o meio principal de recrutamento.[1]

1. Bill Hull, *The Disciple Making Pastor* (Grand Rapids: Revell, 1993), 143-44.

Bem na raiz disso tudo está a necessidade de cada crente entender que a oração é fundamental, e não um complemento. Os crentes precisam orar mais e a respeito de mais assuntos e com mais freqüência. O conselho dado a Israel em 2 Crônicas 7.13,14 é aplicável hoje e sempre. Como povo de Deus, precisamos nos humilhar e orar para experimentarmos as bênçãos de Deus.

O Povo de Deus Precisa Orar

Um grande problema e, talvez, o *maior,* enfrentado pelas igrejas evangélicas hoje é a falta de compreensão da necessidade de orar. O maior desafio não é convencer as pessoas à prática da oração. Antes, é ajudá-las a compreender *por que* precisam orar.

Em tempos de crise, poucos precisam ser convencidos de que devem orar. Porém, basta uma doença séria ou um desastre financeiro na vida do indivíduo ou da comunidade e até os que normalmente não costumam orar empenham-se na oração. Nem sempre é preciso algo grande. Pode ser apenas uma coisa importante para a pessoa, algo que desperte a percepção da necessidade de orar.

Se os crentes compreendessem todos os tipos de crises que enfrentam, não precisariam ser constantemente lembrados de orar, pois estariam continuamente prostrados diante de Deus. Os crentes em geral centram a oração em necessidades físicas ou financeiras, tipo de coisas solucionáveis em uma mesma perspectiva. Eles poderiam agendar mais reuniões de planejamento, acrescentar dias de serviço ou qualquer coisa que resolvesse tais problemas. Por outro lado, se ficassem convencidos de que seus problemas são espirituais, passariam mais tempo em reuniões de oração do que em reuniões de planejamento.

O viver cotidiano do pastor reflete essa mentalidade deficiente. Ele acorda de manhã e se lança para uma agenda cheia de responsabilidades. Sai para cuidar dos muitos afazeres, esforçando-se diligentemente no limite de suas forças físicas. Participa de várias reuniões e resolve muitos problemas. Em meio às outras tarefas, não deve esquecer-se de preparar dois sermões para o domingo. Mais tarde percebe que, fora umas poucas orações simbólicas ao longo do dia, não teve um tempo a sós com o Senhor. Se realmente cresse que os verdadeiros problemas enfrentados em cada situação são, em última análise, espirituais, e não físicos, gastaria muito mais tempo em oração a Deus, pedindo sua intervenção.

Nós, pastores, temos o costume de cuidar dos problemas superficiais, sem ver por trás deles o verdadeiro problema que está atingindo a igreja. Muitas vezes esquecemos que "não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Se o esforço humano fosse o meio de vencer forças espirituais, então quanto mais os crentes se exercitassem fisicamente, maiores seriam as suas chances de vitória. Mas, se o único recurso é depender totalmente do Senhor, então devem gastar mais tempo prostrados em sua presença, buscando seu auxílio.

Muitas passagens das Escrituras tratam desse assunto. O irmão de Neemias, por exemplo, descreve da seguinte maneira o problema de Israel: "Os restantes, que não foram levados para o cativeiro, lá na província estão em grande miséria e desprezo, e o muro de Jerusalém, fendido, e as suas portas, queimadas a fogo" (Ne 1.3). Na superfície, os problemas pareciam só materiais, mas Neemias percebeu que não era bem assim (Ne 1.4-11). Eles eram basicamente espirituais, não materiais, portanto, a única resposta era buscar a intervenção de Deus. Desse modo, passou a orar ao Senhor, e Ele lhe respondeu (Ne 2).

A situação e a oração de Neemias lembram uma história mais antiga de Israel, quando o povo ficou três anos sem chuva, e "Davi consultou ao Senhor" (2 Sm 21.1). Deus lhe revelou que o verdadeiro problema não era material, mas espiritual.

Outra passagem muito importante destaca a dependência do crente na força e no poder do Senhor mesmo em áreas materiais. Em Zacarias 4, Zorobabel lidera o povo de Israel na reconstrução do templo, depois de voltarem do exílio. Nessa ocasião, Deus vai ao encontro do homem, e não o contrário. O Senhor incentiva Zorobabel, o líder do povo, para dirigir a reconstrução do templo em Jerusalém. A frase-chave lembra Zorobabel: "Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6). A interpretação que Dr. Charles Feinberg deu a esse versículo numa aula para nós é inesquecível: "'Não pela força humana, nem pela astúcia humana, mas pelo meu Espírito', diz o Senhor dos Exércitos".

Os Líderes Precisam Orar

Para que a igreja possa ser bem-sucedida na missão que Deus lhe confiou, sua liderança deve compreender que uma de suas maiores necessidades é ter mais reuniões de oração e menos reuniões de planejamento. Se as reuniões mensais de líderes gastassem mais tempo em oração, logo se veriam os resultados: mudanças de atitude e de visão ministerial.

O objetivo básico é que os líderes assimilem o fato de que a igreja de que participam não é deles, mas de Deus. E, portanto, o diversificado rebanho que lideram não lhes pertence. O propósito de suas reuniões não é chegar a algum consenso sobre como dirigir a igreja, mas esperar em Deus para descobrir como ele quer que a igreja caminhe.

Os líderes da Igreja Primitiva designaram outras pessoas para planejar e programar, de modo que pudessem "perseverar na oração e no ministério da palavra" (At 6.4). Com esse exemplo, tornou-se evidente que as duas melhores formas de conhecer e realizar a vontade de Deus são orar e empenhar-se em sua Palavra, ensinando-a e a ela obedecendo sem racionalização ou reservas. A oração era, e ainda é, uma chave importante. Para nossa vergonha, muitos dos que têm um compromisso com o ministério da Palavra não atribui o mesmo valor à oração.

O Corpo como um Todo Precisa Orar

Não basta, entretanto, os indivíduos e os líderes orarem. A igreja precisa gastar mais tempo em oração coletiva. Hoje, alguns pensam que o culto no meio da semana está fora de moda, que não combina com uma igreja da década de 1990. O problema mais amplo e mais importante é: por que muitos não consideram que as reuniões de oração em conjunto são parte essencial do programa da igreja? Pode-se dizer que agora existem grupos pequenos que proporcionam momentos de oração mais significativos. Mas será que esses grupos podem substituir as conquistas do corpo quando este se reúne em oração?

Na realidade, esse esvaziamento da oração congregacional no meio da semana não é uma inovação recente. Isto vem ocorrendo há anos, mas os crentes têm dificuldades de cancelar um programa tão tradicional na vida da igreja. Parte do problema é que a chamada "reunião de oração" não existe. É mais um estudo bíblico no meio da semana com um pouquinho de oração. O estudo da Bíblia é importante e atrai mais gente. A idéia deste tipo de estudo no meio da semana é muito saudável, mas não deve diminuir a importância da oração, tomando-lhe o lugar, só porque a oração é menos atraente. Quando isso ocorre, a mensagem inconsciente que se passa é que a oração não é tão importante.

As igrejas muitas vezes decidem eliminar as reuniões de oração, simplesmente por motivos práticos. Um dos problemas principais desses cultos, que existem há anos, não são os cultos em si, mas a maneira de dirigi-los. Alguns, mal direcionados, deviam ter encontrado um fim há muito tempo. Outro motivo

pragmático é que os responsáveis pelo fim dos cultos nunca participaram de orações significativas por longo tempo, pois há relativamente poucos desses cultos abertos à participação deles. Por nunca terem visto Deus agir com poder através de um culto de oração, não compreendem a necessidade de continuarem com as práticas rotineiras e pouco significativas que sempre vêem.

Um questionário que sempre faço quando alguém começa a apresentar uma nova idéia para a igreja é: "Por quê? Qual é o nosso objetivo? O que estamos tentando realizar? Como isso se harmoniza com o propósito declarado da igreja (se é que ele existe)? Com esse critério em mente, uma das perguntas deve ser: "Por que, no passado, a igreja separou uma noite para oração coletiva?" Qual era o seu propósito? O problema não se relaciona só com a reunião de oração durante a semana. A questão é se longos períodos de oração coletiva são ou não ainda necessários. Caso sejam, como essa necessidade tem sido preenchida?

Os Grupos Pequenos Precisam Orar

Há lugar para orações em grupos pequenos, porém não se deve excluir as orações em conjunto; um e outro têm seu valor. Os grupos pequenos formam um ambiente em que as pessoas muitas vezes sentem mais segurança e confiança. Elas sentem liberdade para compartilhar coisas que não compartilhariam em outra situação. O fato de compartilharem em grupos pequenos pode fazer com que seus participantes tenham mais liberdade em grupos maiores. Uma atmosfera de abertura é um objetivo saudável a ser perseguido pela igreja, pois essa disposição faz parte do seu funcionamento como um corpo.

Os Homens Precisam Orar

Notar o papel dos homens na oração é outro aspecto importante a ser discutido. Em se tratando da oração, os homens receberam de Deus a responsabilidade de prover liderança para a igreja. Em 1 Timóteo 2 encontra-se a afirmação enfática sobre a necessidade de orar. Os versículos de 2 a 7 são um tipo de digressão. Com a conjunção "pois" no versículo 8, Paulo retorna ao tema geral da oração iniciado no versículo 1. Ao retomar este assunto, é aos homens que ele se dirige. Os versículos 9 a 15 dirigem-se às mulheres, tratando de seu comportamento. A palavra grega para *homens* indica que o apóstolo tem em mente as pessoas de sexo masculino. O local da oração deles é "em todo lugar". A preparação feita antes do ato de orar é ter "mãos santas, sem ira nem

BIBLIOTEÇA AUBREY CLARK

contenda" (1 Tm 2.8). Como é animador quando os homens assumem a liderança na oração, tanto em casa como na igreja!

O Conteúdo da Oração

Deus expressa uma advertência significativa em Tiago 4.3 quando destaca o perigo de pedir coisas erradas por motivos errados: "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites". Muitas áreas de nossa vida de oração certamente precisam ser avaliadas nesse sentido. Uma comparação de nossa vida com muitos exemplos das Escrituras, especialmente do apóstolo Paulo, revela uma fraqueza flagrante em nossa vida de oração. A fraqueza está nos tipos de coisas pelas quais oramos e naquilo que elas indicam acerca do que entendemos por oração e seu propósito maior.

Temos refletido o suficiente acerca dos tipos de coisas pelas quais oramos? Os verdadeiros desafios da vida cristã são fundamentalmente materiais, financeiros ou interpessoais? Caso contrário, por que são tão proeminentes em nossas orações? Qual é o nosso propósito quando nos achegamos a Deus, e o que queremos dEle?

É interessante observar que a Bíblia identifica os conflitos familiares como a causa de nossos problemas (Ef 5.22—6.9), mas a seção seguinte (Ef 6.10-20) identifica o diabo como sua verdadeira fonte. O problema do autocontrole sobre a língua (Tg 3.1-5), por exemplo, tem sua verdadeira fonte no próprio inferno (Tg 3.6). O problema das tensões internas pode no final ser atribuído às forças demoníacas (Tg 3.13-18). A verdadeira solução para os conflitos interpessoais (Tg 4.1-6) é *sujeitar-se* a Deus e *resistir* ao diabo (Tg 4.7,8). Os problemas entre os líderes e os liderados na igreja têm sua fonte principal nos ataques do diabo (1 Pe 5.1-11).

Qual é o problema básico? Pedro o identifica com muita clareza quando ordena aos membros da igreja: "Sede sóbrios, vigiai" (1 Pe 5.8), ou como disse alguém: "Preste atenção! Acorde!"[2] O tempo do imperativo deixa claro que ele não está dizendo: "Fiquem acordados", mas "Acordem!"[3] Imediatamente depois, ele lembra aos leitores que eles precisam estar conscientes de que o seu único adversário é o diabo. As palavras lembram a declaração de Paulo de que "não temos de lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes

2. J. Ramsey Michaels, *Word Biblical Commentary, I Peter* (Waco: Word, 1988), 49-297.

3. Ibid., 297.

espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Uma compreensão clara desse fato pode transformar a vida da igreja.

Pessoalmente, lutei durante anos com os três primeiros capítulos de Efésios. Por mais difíceis que fossem os problemas gramaticais e lexicais, estes não eram o problema principal. A verdadeira questão era saber como os assuntos discutidos poderiam ter aplicação prática em minha vida e na vida da igreja. A dificuldade para mim era compreender os tópicos pelos quais Paulo orava, pois eles estavam em outro mundo. Essa oração não se assemelhava ao tipo de oração que eu costumava fazer nem, certamente, àquela que eu ouvia os outros fazendo. Certa vez, ao concluir uma série de mensagens sobre Efésios, cheguei ao capítulo 6.10-20, e finalmente a luz brilhou. As orações de Paulo estavam em outra esfera, pois ele compreendia as dimensões das nossas verdadeiras lutas.

Isso mudou minha vida. Refleti, então, sobre minhas orações e sobre a maioria dos pedidos levantados pelas pessoas nas reuniões e nos cartões de oração apresentados pelos membros. Quase tudo que era mencionado neles relacionava-se à vida material ou financeira. Isso pode ser um reflexo de uma mentalidade mundana totalmente absorvida pelas coisas terrenas. Tal pensamento não considera que os verdadeiros problemas da vida estão arraigados nos lugares celestiais. A incapacidade de tomarmos consciência de que nossos problemas não têm raízes na esfera material, mas na espiritual, transparece na natureza de nossas orações. O motivo pelo qual não vemos as respostas é que, muitas vezes, nossos olhos não estão na esfera em que ocorre a verdadeira batalha. Em parte, não seria essa a razão de vivermos este dilema descrito por Tiago: "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites" (Tg 4.3)?

Como Orar

Além de cuidar da importância e do conteúdo da oração, precisamos orar de maneira correta. Dois assuntos que dizem respeito à maneira de orar são o propósito e a atitude daquele que, em oração, aproxima-se do trono de Deus.

O Propósito da Oração

A oração, muitas vezes, parece refletir uma atitude de tentar realizar o propósito da pessoa que ora, da maneira que ela quer. Isso é errado, pois a oração é o caminho que Deus prescreveu para que os homens lhe peçam o cumprimento

de seu propósito. Um dos aspectos mais importantes da oração é achegar-se para ver o que Deus deseja e, depois, orar para que Ele realize as coisas.

Muitas passagens refletem o desejo divino de cumprir sua vontade em resposta à oração. Uma delas encontra-se em Zacarias 3. Não é possível discutir a passagem toda, mas este é o resumo da mensagem: Zacarias está registrando as visões noturnas que recebeu de Deus. Segundo o seu relato, Josué, o sumo sacerdote, estava diante de Deus com vestes sujas. Então, num belo retrato da graça divina atuando em favor dos pecadores, Deus diz aos seres angelicais que ali estavam: "Tirai-lhe estas vestes sujas" (3.4). E Diz a Josué: "Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade e te vestirei de vestes novas"(3.4). Em todas as suas visões noturnas, somente uma vez Zacarias intervém no plano ou propósito exposto por Deus. Isso ocorre quando pede: "Ponham-lhe uma mitra limpa sobre sua cabeça". E foi exatamente o que fizeram (3.5).

Por que Zacarias interfere no processo? A resposta é um lembrete muito útil para nós em nossa vida de oração. As vestes que o anjo do Senhor (o Cristo pré-encarnado) ia colocar em Josué eram "vestes novas" (3.4). Zacarias percebeu que alguma coisa estava faltando entre os atavios do sumo sacerdote e, portanto, pediu que colocassem nele uma mitra limpa. A mitra vestida pelo sumo sacerdote era de linho fino, "trazia na frente a frase: 'Santidade ao Senhor' (Êx 28.36) e indicava que Josué estava moral e espiritualmente purificado".[4] Zacarias percebeu que, depois de remover as vestes sujas e antes de pôr as vestes novas, a mitra que simbolizava a santidade e a pureza precisava estar no lugar. A beleza é que Deus concordou e cumpriu o desejo de Zacarias.

Que quadro lindo! Precisamos ter um relacionamento tão estreito com o Senhor e um tal entendimento de sua vontade, que possamos ser sensíveis aos seus desejos. Não devemos tomar por concessões as vontades de Deus, mas fazer nossos pedidos de acordo com o que sabemos ser o seu desejo. Assim, ele estará pronto a atender os nossos pedidos.

Muitas vezes tentamos usar a oração para mudar circunstâncias difíceis em que Deus mesmo nos colocou com intuito de nos transformar. Josué queria vitória (Js 7); Davi queria chuva (2 Sm 21), porém Deus queria uma mudança na vida de seu povo. Tanto Josué como Davi receberam o que queriam, pois Deus na verdade queria o mesmo, mas não antes que as circunstâncias tivessem realizado algo tangível que evidenciasse uma mudança de comportamento.

---

4. Merril F. Unger, *Zechariah* (Grand Rapids: Zondervan, 1963), 62.

A Atitude na Oração

Que tipo de atitude demonstramos ao orar? Várias passagens bíblicas tratam dessa necessidade, mas aquela que se destaca é 1 Pedro 4.7. Com base no versículo 5, podemos afirmar que Deus está "preparado para julgar os vivos e os mortos", e Pedro conclui no versículo 7 que "já está próximo o fim de todas as coisas". Uma vez que o fim está bem próximo, ele lembra aos leitores que "há uma necessidade maior de vigilância e oração... Os homens não devem negligenciar suas responsabilidades nem entrar em pânico".[5] O primeiro verbo, dizendo aos que oram que "sejam sóbrios... conota a cabeça fria e a mente equilibrada que é o oposto de toda *maniva* [mania] ou empolgação indevida".[6] Isso se harmoniza com a seguinte ordem de Pedro: "Humilhai-vos... lançando sobre ele toda a vossa ansiedade" (5.7).

Ao se aproximar de Deus em oração, a pessoa deve ter o cuidado de entrar em sua presença com o propósito correto e a atitude correta. Ela deve desejar que a vontade de Deus seja feita. A volta de Cristo está perto e, quando ele vier, manifestará seu controle soberano sobre todas as coisas e pessoas. Esse é o Deus que controla cada circunstância com que nos defrontamos. É por isso que o nosso Senhor Jesus Cristo "entregava-se àquele que julga justamente" (1 Pe 2.23). Quando nos aproximamos de Deus em oração, não podemos nos exaltar indevidamente, mas manter a cabeça fria e equilibrada, concentrada no propósito da oração. Precisamos demonstrar confiança nEle, lançando sobre Ele todas as nossas ansiedades (1 Pe 5.7) e lembrar: "Não estejais inquietos por coisa alguma: antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças" (Fp 4.6).

Resultado da Oração

É importante aplicar os princípios acima na vida da igreja e não apenas teorizar com respeito ao que deve ser a oração. Temos muitos livros sobre como orar e como ganhar almas, mas parece que fazemos muito pouco tanto de uma coisa como de outra. O que se segue não é uma tentativa de dizer aos outros o que devem fazer ou de fornecer parâmetros pelos quais

5. Charles Bigg, *A Critical Exegetical and Commentary on St. Peter and St. Jude*, ICC, ed. S. R. Driver, A. Plummer e C. A. Briggs (Edinburgh: T. and T. Clark, 1924), 172.

6. Edward Gordon Selwyn, *The First Epistle of St. Peter* (London: Macmillan, 1964), 216.

medir a vida e o ministério de oração de alguém. As sugestões são meros passos que o autor vem tentando aplicar ou que ele aprendeu com a vida de outros, na tentativa de aplicar conceitos bíblicos de oração tanto na vida como no ministério.

Na Vida Pessoal

O modo básico de testar o que cremos é perguntar se aplicamos as verdades em nossa vida e ministério pessoais. O problema não é: "Devemos orar?","A oração deve ser fundamental?" ou 'A oração deve desempenhar papel decisivo em nossa vida diária e semanal?" Antes, é: "Eu oro?", "A oração é fundamental na minha vida, não apenas complementar?" e "A oração desempenha papel decisivo na minha vida diária e semanal?"

Ouvi recentemente um preletor que se referiu a um grupo de compromisso do qual ele faz parte e com que se encontra cinco vezes por ano. Nesses encontros, perguntam se ele tem orado uma hora por dia e, se não, o porquê. Quem sabe você e eu não queiramos firmar um pacto com alguém a quem devamos responder se oramos uma hora por dia? Não devia ser necessário fazer isso, mas por que não estou disposto a fazer um pacto de orar uma hora por dia? Uma hora de oração por dia é o mínimo, se realmente entendo que a oração é fundamental. Será que estou pronto a assumir esse tipo de compromisso?

Na Vida Familiar

A oração na vida de uma família precisa de reavaliações e ajustamentos constantes. À medida que nossa vida pessoal e conjugal e a vida de nossos filhos mudam com as circunstâncias, precisamos reajustar aqueles momentos que passamos juntos na presença do Senhor. É triste dizer que muitas famílias não têm feito esses ajustes como devem. Será que oro com minha esposa com a freqüência necessária? Qual deve ser essa freqüência? Esta última pergunta não possui uma resposta específica, mas seja qual for e seja como for o relacionamento em geral, os momentos conjuntos de oração não têm sido tão freqüentes como deveriam. Será que oro com os membros de minha família com a devida freqüência? Será que oro o suficiente com nosso filho mais novo que, por ser adolescente, ainda vive aquele estágio significativo de desenvolvimento? É suficiente o tempo que passamos junto à cama dele ou junto à nossa cama?

Nas Reuniões Cotidianas

Muitas vezes, quando alguém chega de repente ou tem um encontro marcado no escritório, a conversa começa e termina sem que se tenha um momento de oração. Isso acontece com muita freqüência. Em alguns desses encontros, o mais trágico ainda é que tomamos decisões que afetam a vida do corpo local de Deus do qual fazemos parte. É muito fácil a conversa informal transformar-se em discussão de negócios, e simplesmente somos negligentes, embora não de propósito, e não paramos para reconhecer a presença e o interesse de Deus naquilo que estamos fazendo.

Quando esquecemos de incluir a oração em nossos períodos de discussões, devemos adotar a prática de alertar uns aos outros, ter liberdade de interromper a conversa, fazendo uma pausa para reconhecer a presença do Senhor. A oração pode vir no início, no meio ou no fim de nossas reuniões. Fazer os três também não é má idéia.

Por que orar em ocasiões como essas? Seria simplesmente um ato mecânico que fazemos por obrigação? Não, é mais que isso. É o reconhecimento de sua presença em nós. É o reconhecimento de que somos totalmente dependentes dEle em tudo que fazemos. É porque percebemos que sem Ele não podemos fazer absolutamente nada (Jo 15.5).

Nas Reuniões de Líderes

Em nossa igreja, estamos concentrando nossos esforços para fazer com que a oração seja um ponto central em todas as reuniões de liderança. Isso merece uma discussão mais extensa. Só podemos apresentar alguns princípios básicos segundo os quais tentamos atuar, princípios que, quando aplicados, fazem com que o centro se fixe na oração. Procuramos continuamente levar o processo de tomada de decisões para baixo, não para cima. Isso não é uma declaração acerca da autoridade, mas relaciona-se muito à questão do poder. Também não tem ligação alguma com o que se costuma chamar de "regra da congregação". É, antes, um passo planejado para fugir dos centros de poder compostos por oficiais, obreiros ou de qualquer outra instância da igreja. De acordo com Pedro, "a ele seja a glória e o poderio, para todo o sempre. Amém" (1 Pe 5.11). Deus é o único a quem pertence o poder na igreja. Os oficiais não abdicam seu lugar na liderança, mas permitem que os outros se envolvam no processo de tomada de decisões nas áreas que não dizem respeito à prática oficial da igreja ou às questões de direção espiritual. Em vez de permitir que uma variedade de

problemas de economia doméstica dite a natureza e a duração das reuniões, como costumava acontecer no passado, a liderança espiritual (isto é, os oficiais) dedica o tempo ao ministério — em grande parte à oração.

Essa ênfase não acontece de um modo simples; os líderes precisam planejá-la e concretizá-la. Cinco princípios importantes facilitam a conquista desse alvo. À primeira vista, alguns deles talvez não pareçam estar relacionados à oração, mas todos eles, quando vistos como um todo, cooperam para uma ênfase maior neste sentido.

A liderança eclesiástica implica supervisão da igreja de Deus, não da nossa igreja. Para que a oração se transforme em uma prioridade, é essencial lembrar que a igreja a que servimos é a igreja de Deus. Paulo destina uma de suas cartas à "igreja de Deus que está em Corinto" (1 Co 1.2). A igreja pertence a Deus, e o rebanho para o qual recebemos o chamado de ministrar é dEle, como Pedro tão bem indica em 1 Pedro 5.2. O conceito de que Deus é o dono de seu rebanho não se origina no Novo Testamento. Por meio de Ezequiel, Deus lembra ao povo:

> Vivo eu, diz o Senhor Jeová, visto que as minhas ovelhas foram entregues à rapina e vieram a servir de pasto a todas as feras do campo, por falta de pastor, e os meus pastores não procuram as minhas ovelhas, pois se apascentam a si mesmos e não apascentam as minhas ovelhas... Assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu estou contra os pastores e demandarei as minhas ovelhas da sua mão; e eles deixarão de apascentar as ovelhas" (Ez 34.8,10).

A igreja pertence a Deus. O rebanho e as ovelhas formam a sua Igreja. Trata-se de um lembrete importante para aqueles que dizem minha ou a nossa igreja, meu/nosso povo; meus/nossos oficiais ou meus/nossos líderes. Eles não nos pertencem. Está registrado que oitenta por cento de todos os problemas das igrejas giram em torno de lutas pelo poder ou pelo controle. Isso nasce da idéia de que a igreja local é a nossa igreja, pois estamos nela há tanto tempo ou temos nos sacrificado para fazer com que ela seja o que é. Não importa o preço que tenhamos pago, nunca vai ser comparável ao preço que Ele pagou para que sua Igreja surgisse.

A liderança da igreja implica autoridade, não poder. Um grande problema enfrentado pela sociedade contemporânea é o da autoridade. O desrespeito pela autoridade secular vem crescendo, disseminando-se pelos lares cristãos e pelas igrejas de uma forma alarmante. Os cristãos não respeitam como devem a autoridade da Palavra de Deus, dos líderes da igreja ou dos pais. Em muitos casos, os que devem ter autoridade são os causadores do problema.

Eles abdicam seu papel de liderança e muitas vezes atribuem o problema aos que deveriam ser por eles liderados.

Além da questão da autoridade, a igreja deve tratar da problemática do poder. Autoridade é uma coisa; poder é outra. Precisamos ser mais sensíveis à autoridade e menos sensíveis ao poder. Precisamos continuar destacando que a autoridade é necessária, evitando os inúmeros casos de abuso de poder. Liderar a igreja não é possuir ou empregar o poder, por isso é necessário dispensar todos os centros de poder da igreja, especialmente entre os que exercem liderança.

Os centros ou as bases de poder da igreja seguem o padrão das estruturas corporativas seculares, não o padrão ou o ensino de Cristo e dos apóstolos. O poder leva à política na igreja, fato que, por sua vez, conduz à manipulação. Ele também não se harmoniza com o corpo de Cristo. As Escrituras defendem a necessidade de uma liderança servil na igreja.

A liderança da igreja implica liderança servil, não liderança tirânica. Pedro diz aos líderes da igreja que eles não devem dominar o rebanho, mas vestir um avental de escravo e oferecer uma liderança servil que seja um exemplo para o restante do rebanho (1 Pe 5.1-5). Não era isso que Jesus lembrava continuamente aos discípulos, usando muitos meios? Esse assunto é tão importante que todos os três evangelhos sinóticos referem-se a ele (Mt 20.25-28; Mc 10.35-45; Lc 22.24-27). Mateus registra:

> Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos (Mt 20.25-28).

A liderança da igreja implica livramento e confronto, não controle. Uma reunião de líderes gasta muito tempo tentando garantir o controle. Caso estejam em debate questões doutrinárias, isso é apropriado e necessário, mas o controle excessivo de oportunidades de ministério são prejudiciais. Em 1 Coríntios 12.11, somos ensinados que Deus distribui soberanamente os dons, e 1 Coríntios 14.26 descreve membros, como indivíduos, participando de um período de adoração com um cântico ou ensino. O décimo-quarto capítulo estabelece, então, as diretrizes pelas quais a igreja trabalha junto, em amor,

permitindo a expressão de louvor das pessoas devidamente dotadas, mantendo ao mesmo tempo uma ordem no culto (14.27-33). Boa parte dos dons do povo de Deus, seja na adoração, seja no ministério, não se evidenciam no momento, pois os líderes reprimem o exercício de muitos dos dons, não se dispondo a permitir que as pessoas empreguem os dons que Deus lhes deu (dentro das diretrizes dadas pelas Escrituras e com ordem, é claro), preferindo controlar o ministério delas de um modo categórico.

Esse senso de necessidade de controlar todas as coisas consome demais o tempo e a energia dos que exercem liderança na igreja de Deus. Por causa dessa obsessão, questões relativamente irrelevantes de economia doméstica gastam muito tempo, enquanto questões importantes que merecem oração são negligenciadas.

O debate contínuo sobre o governo dos presbíteros *versus* o governo da congregação vem deixando de lado um fato importante. Deus nunca abdicou sua liderança sobre o seu povo. Tanto o Antigo como o Novo Testamento apresentam muitos exemplos de casos em que Deus coloca pessoas em posições de liderança, mas depois indica claramente que, apesar disso, sua liderança não foi transferida. Moisés recebeu de Deus um lugar de liderança, mas Deus continuou como líder, dirigindo os atos de Moisés e do povo. Quando Saul tornou-se rei, não podia fazer o que queria — para grande desgosto seu. Quando deixou de seguir a direção de Deus, este o substituiu por Davi e, na ocasião em que Davi fez um censo, a liderança suprema de Deus sobre seu povo foi lembrada. No Novo Testamento, um título adequado para o quinto livro é "O Livro dos Atos do Espírito Santo", já que a direção do Espírito na vida de sua Igreja fica bem clara neste relato. Os seres humanos, portanto, são meros instrumentos que Deus emprega para exercer liderança.

Muitos, provavelmente, concordariam que Deus lidera hoje, mas ele está liderando de uma forma mais direta do que alguns reconhecem. De que maneira nós, como líderes em igrejas locais, vemos de modo tangível a liderança de Deus na atuação cotidiana de sua igreja? O primeiro meio é a Palavra. Conceder a Deus seu lugar de direito na liderança por meio da Palavra significa aceitar sem restrições nem reservas sua direção.

Os dons que Deus concedeu soberanamente a cada igreja local constituem o segundo meio pelo qual Ele fornece sua orientação direta. Deus concedeu dons para todos os crentes e, depois, dedicou esses homens dotados às igrejas. Uma vez que cada indivíduo é único, qualquer igreja local é única. É fácil os

pastores ou líderes adotarem seus próprios programas para a igreja e, por conseguinte, colocarem as pessoas nas posições em que cumpram melhor seus alvos. Procedem assim, em vez de encaminhar as pessoas às áreas de serviço que lhes permitam empregar da melhor maneira possível os dons singulares.

Seria bom se colocássemos nossos programas de lado, esperando pelo programa de Deus para cada situação enfrentada pela igreja, pois sua Palavra será constante em cada uma delas. O que tornará singular esses ministérios será o conjunto de pessoas dotadas que Deus concedeu. As pessoas dotadas enviadas pelo Senhor formarão a base para determinar o seu plano para a igreja e o padrão que deve ser seguido pelos líderes. A elaboração dos programas da igreja de acordo com este modelo resultará na concretização da vontade específica de Deus para aquela igreja. Quando elaboramos nossos próprios programas e encontramos pessoas que preencham os espaços para cumprir nossas metas, é muito fácil perder de vista o propósito direto de Deus para sua igreja.

Com a finalidade de descobrir a vontade do Senhor para cada igreja local, os líderes são obrigados a fazer três coisas: (1) gastar mais tempo estudando as Escrituras para determinar a vontade de Deus para sua igreja, (2) gastar muito tempo em oração, buscando a vontade do Senhor e preparando o coração para receber qualquer orientação que Ele venha a revelar, (3) gastar o tempo necessário para conhecer profundamente as ovelhas de Deus.

A liderança da igreja implica transferir boa parte do processo de tomada de decisões para os membros do corpo. Parece que muitos têm uma tendência de querer controlar tudo. Seja pelo desejo de proteger o próprio território, seja por outro motivo, os líderes cuidam de muitas coisas que deveriam ser passadas para outras pessoas. Uma das primeiras lições da Igreja Primitiva consiste em que os líderes da igreja de Deus em Jerusalém delegaram a importante tarefa de cuidar das viúvas para outros indivíduos espirituais, de modo que pudessem dedicar-se ao que tem importância primordial: a oração e o ministério da Palavra (At 6.3,4).

Esse princípio diz respeito à oração e ao ministério da Palavra, pois a falha na compreensão da verdadeira liderança bíblica é, em grande parte, responsável pela falta de oração nas reuniões da liderança. Devemos compreender claramente que os líderes da igreja não são obrigados a decidir ou administrar tudo. Antes, devem supervisionar uma igreja , um rebanho que pertence apenas a Deus, não a eles. Essa consciência nos fará dar menos valor a nós mesmos e mais valor à

nossa responsabilidade. Isso nos dará mais liberdade para gastar mais tempo fazendo coisas mais importantes na vida e no ministério, em vez de gastar um tempo enorme, e às vezes absurdo, só gerenciando um negócio.

Em Reuniões de Oração

Conforme observamos acima, o nome "reunião de oração" muitas vezes é equivocado, pois a oração não ocupa a maior parte do tempo. Os pedidos de oração ocupam muito mais tempo mas, na maioria das vezes, falta a oração de fato — uma oração que se estenda por um bom período de tempo. O autor vem tentando ao longo dos anos fazer com que as reuniões de oração realmente sejam um período de oração. Os resultados refletem, em geral, o que está acontecendo em nosso ministério atual.

Quando entrei neste ministério, a igreja mantinha uma reunião de oração. A reunião de uma hora, todas as noites de quarta-feira, incluíam partes quase iguais de estudo bíblico e oração. Agora não temos estudo bíblico, embora iniciemos com a leitura das Escrituras, a fim de preparar nosso coração para a oração e o louvor. Toda semana, o programa se inicia com a adoração. Isso reconhece a nossa dependência de Deus bem como nossa ação de graças a Ele por tudo o que significa e tem feito por nós. Tentamos centralizar o louvor naquilo que Ele é, e não no que tem nos concedido. A oração pelos missionários é a próxima parte do programa. Depois oramos pelas necessidades do ministério da igreja e, ao final, por todos, pelas necessidades individuais. Esta seqüência é uma tentativa de evitar que a oração fique centrada principalmente em aspectos pessoais ou egoístas e de garantir que o centro esteja nas necessidades mais prementes, de acordo com a perspectiva de Deus (expansão). Então, damos atenção à oração pelos outros, antes de orar por nós mesmos. Muitas vezes realizamos as duas últimas partes simultaneamente por causa do tempo — oramos pela igreja e pelas necessidades individuais. Com esse formato, a reunião de oração agora leva duas horas, e não apenas uma hora, como antes. Além disso, a participação (que não é uma questão ou um problema que deva receber ênfase) aumentou de tal forma que tivemos de nos transferir para uma sala maior a fim de acomodar todas as pessoas.

Outra coisa que temos feito nesses anos é a "noite de oração". Mais recentemente, fechamos uma semana enfatizando estes programas. Grupos de oração reuniam-se de manhã cedo ou à noite. A noite de oração foi numa sexta-feira, depois de um período prolongado de ênfase nesse assunto. Em vez de

começar às nove horas da noite e orar até às cinco horas da manhã, marcamos a reunião para começar às sete horas da noite e terminar às duas da manhã. Isso permitia que os mais idosos participassem das primeiras horas do programa e voltassem para casa antes que ficasse muito tarde. Alguns permaneceram a noite inteira, outros aproveitaram uma parte. O fato que nos animou foi que os mais velhos começaram com uma explosão tremenda e os universitários e profissionais jovens chegaram por volta de meia-noite para nos ajudar a encerrar a programação de maneira retumbante. Quantas bênçãos!

Outro recurso que funcionou bem foi a divisão do tempo em seguimentos centrados, cada um, em um ministério específico da igreja. Por exemplo, o ministério com crianças foi assunto de um deles e o coral, o de outro. Durante os períodos dedicados a essas tarefas, as pessoas envolvidas nas respectivas áreas de ministério chegavam para compartilhar suas necessidades e orar.

Em Grupos Pequenos

Antes de prosseguir, deixe-me apresentar um pano de fundo. Como já afirmei, a questão do *motivo* é muito importante. Por que existe um determinado ministério? Para responder a isso, precisamos primeiro compreender por que existimos como igreja local. Muitas igrejas entendem que seu objetivo ou mandato bíblico inclui quatro aspectos: adoração, expansão, cuidado pastoral e desenvolvimento espiritual.[7] Caso sejam válidos (quaisquer que sejam os títulos empregados), à parte das necessidades administrativas da igreja — suas instalações e seu controle financeiro, todos os outros aspectos da vida da igreja só devem existir se cumprirem um ou mais desses objetivos. Esse princípio fornece um padrão para avaliar a validade de qualquer ministério, o qual deve encaixar-se em um dos quatro objetivos adotados como filosofia de ministério da igreja.

Para ministrar pessoalmente a cada indivíduo, sem exceção, numa igreja em crescimento — se isso for humanamente possível, com a ajuda de Deus —, nos concentraremos em dois conceitos de edificação em grupos pequenos. Há outros, mas o objetivo é fazer a ligação entre todos as pessoas da igreja. O primeiro gira em torno de aspectos como idade e estado civil. O segundo diz respeito a aspectos geográficos.

7. Veja os três propósitos da igreja no capítulo 4: adoração, testemunho e serviço. Este último item cobre o "cuidado pastoral" e o "desenvolvimento espiritual".

O primeiro desses grupos pequenos é conhecido tradicionalmente por Escola Dominical. No esquema geral, vemos que seu propósito não é apenas evangelização ou adoração, mas cuidado pastoral e desenvolvimento do espírito. Isso não quer dizer que a evangelização e a adoração não possam ocorrer, mas não são o objetivo básico das aulas. Algumas igrejas dão ênfase ao desenvolvimento espiritual e, portanto, usam as aulas de Escola Dominical principal ou exclusivamente para o ensino, dando pouca atenção ao cuidado pastoral. Nossa igreja usa as classes tanto para ensinar como para prover cuidado pastoral. Trata-se de um ambiente mais restrito que o culto de adoração e oferece mais oportunidades para oração e compartilhamento em grupos pequenos.

Outro grupo pequeno, que continuamos desenvolvendo à medida que a igreja cresce, é formado por grupos regionais. Para nós, o propósito desses grupos também é duplo. Eles não existem primariamente para adoração ou ensino, embora isso possa ocorrer ocasionalmente; o propósito deles é o cuidado pastoral e a evangelização. Nosso objetivo nesses grupos é oferecer outro nível de cuidado pastoral e oração. Esse tipo de grupo possui outra dinâmica, uma vez que a idade, o estado civil ou o interesse pessoal não determinam seus participantes. Tal grupo pode juntar pessoas de todos os tipos, desde recém-nascidos até avós. Neles, em geral, surgem outros tipos de pedidos de oração e também outros tipos de interação e discipulado, em comparação ao que ocorre na Escola Dominical. O fato de que os grupos regionais reúnem-se em geral nas casas também influi no grau de liberdade que as pessoas sentem na hora de compartilhar.

Existem outros tipos de grupos pequenos, desde grupos de discipulado pessoal até grupos de homens e de mulheres. A oração deve ser uma ênfase importante nesses grupos. A atmosfera que prevalece no grupo pequeno é diferente da que prevalece no grupo maior, mas ela não é necessariamente mais benéfica. É por isso que existem ambos.

Em Reuniões de Oficiais

A oração deve ser uma parte importante em nossas reuniões de oficiais. É essencial orar pelo ministério e pelas necessidades de cada membro do quadro de oficiais e de cada membro da igreja. Neste ministério, distribuímos entre os membros da equipe ministerial os pedidos e os agradecimentos apresentados pela congregação no domingo anterior e depois temos um período de oração por todas as necessidades. Uma manhã por mês, toda a equipe — o pessoal da secretaria, recepção, contabilidade, biblioteca, equipe de ministros — reúne-se

para um período de compartilhamento e oração. Isso tem sido um dos pontos altos do mês.

Nos Cultos Dominicais

Para que a família e o corpo de Cristo funcionem com mais eficácia, é essencial manifestar cuidado uns pelos outros, regularmente, através da oração. A maioria dos membros do corpo não tem meios de conhecer as necessidades dos outros ou de participar delas. Um jeito de consertar isso é orar pelas necessidades específicas nos cultos matinais. Tais orações podem ser feitas de várias maneiras. Num culto, após a morte do membro de uma família, os líderes da igreja e suas esposas reúnem-se em torno de uma família jovem, orando por suas necessidades. Em nossos cultos vespertinos, encerramos compartilhando agradecimentos e pedidos de oração, muitas vezes seguido de um período de louvor ou de oração. Embora em geral seja difícil ouvir um ao outro no auditório, é mais eficiente ministrar ao coração de cada um.

Oração Exemplar

Se é verdade que as pessoas costumam imitar a vida daquele que lhes ministra (veja o capítulo 16, "O Exemplo"), que tipo de oração exemplar nós, como líderes, estamos oferecendo aos que lideramos? Será que eles percebem a importância da oração no programa da igreja, na vida de adoração e nas reuniões realizadas? Se as pessoas imitam o que vêem em nossa vida, como será o conteúdo de suas orações? Será que os pedidos evidenciam uma consciência da batalha espiritual que está se travando ou estão afundados nas questões mundanas da vida? Será que a maneira pela qual oram demonstra uma atitude de confiança no poder e no controle soberano de Deus? Será que o alvo é ver concretizada a vontade do Senhor? Será que o modelo é a oração permeando cada relacionamento, seja em casa, seja na igreja, seja até mesmo na sociedade? Que Deus nos ajude a ser modelos de vida de oração como o que vemos na vida do Senhor e na vida de seus apóstolos, de modo que, no caso de as pessoas nos imitarem, elas sejam pessoas de oração.

12

O Estudo do Pastor

John MacArthur, Jr. e Robert L. Thomas

Este diálogo entre John MacArthur Jr., seminarista da década de 1960, e seu antigo professor de seminário, Robert Thomas, destaca a importância crucial do estudo do pastor na responsabilidade de seu ministério pastoral. O impacto do treinamento recebido no seminário o qual incide sobre a maneira pela qual o pastor emprega seu estudo e a importância da diligência, disciplina e outras qualidades também recebem atenção especial. Por fim, a discussão volta-se para a relação entre o estudo do pastor e suas responsabilidades pastorais.

Temos tido o privilégio de um longo relacionamento desde 1961, quando John MacArthur, Jr. iniciou seus estudos no seminário na instituição em que eu, Robert Thomas, era catedrático do Departamento de Novo Testamento. Foi um privilégio aprendermos juntos, um como aluno e outro como instrutor relativamente jovem. Este capítulo em forma de diálogo mostrará como desempenhamos nossas funções naquela época, como foi proveitoso o treinamento para o estudo no ministério pastoral e as melhorias que a experiência tem introduzido no atual programa do Master Seminary.

Como iniciador deste diálogo, apresentarei perguntas com algumas observações a que meu ex-aluno, Dr. MacArthur, responderá, discorrendo sobre o pastor e seu estudo.

A Função do Estudo do Pastor no Ministério Pastoral

THOMAS (daqui em diante **RT**): John, lembro-me de certa ocasião, anos atrás, quando um preletor que falou na capela — um pastor evangélico bem

conhecido de uma igreja proeminente — destacou a importância do sermão da manhã de domingo para a vida da igreja local. A opinião dele era de que essa mensagem transmitida ao maior grupo da família da igreja era o fator principal no estabelecimento da atmosfera que se infiltra em cada fase da vida e do serviço de um corpo de crentes. Você concorda com essa afirmação sobre a importância dessa mensagem semanal?

MacARTHUR (daqui em diante **JM**): Sem dúvida! O sermão da manhã de domingo,[ou principal de sua igreja]é o ponto de contato fundamental para toda a congregação. É o momento em que todos ouvem a mesma coisa. É, portanto, a força motriz de um corpo local de crentes e o momento em que você ensina uniformemente ao povo. No restante da semana, eles se fragmentam em estudos bíblicos, grupos de discipulado, classes de Escola Dominical e outros grupos menores, mas o culto de adoração na manhã de domingo é a melhor área comum que você tem com seu povo. Venho dizendo ao longo dos anos que o ensino e a pregação que ministro na manhã de domingo é a força motriz e o fator que mais influencia a vida de nossa igreja. A noite de domingo vem logo atrás, pois sempre tivemos uma boa participação nos cultos noturnos. Ele também figura no quadro. Porém, o culto matinal do dia do Senhor tende a ser a força motriz número um.

RT: O pastor citado na pergunta anterior era mais conhecido por sua preocupação com as questões de relacionamento no ministério cristão. Por essa razão, seu reconhecimento público da importância da mensagem de domingo pela manhã foi uma surpresa para mim. Dada a importância estratégica da mensagem ou das mensagens de domingo no estabelecimento da diretriz para o ministério da igreja local, qual é a responsabilidade que isso lança sobre os ombros do pastor no que diz respeito à atenção por ele dispensada ao estudo?

JM: A resposta à sua pergunta é óbvia. Se a mensagem da manhã e a da noite de domingo são a força motriz na vida da igreja e por elas as pessoas são instruídas, ou seja, se elas são o tempo e o lugar para ensinar grandes verdades em torno das quais a igreja cresce e é edificada, então elas exigem o mais rigoroso dos estudos. Isso também exige exposições bíblicas, pois você precisa ministrar a Palavra de Deus ao povo. Você pode falar de questões de relacionamento ou de qualquer outro assunto em outros momentos dos programas da igreja, mas, em se tratando do dia do Senhor, quando se constrói o fundamento para a vida, é preciso que seja a Palavra de Deus. Essas preleções exigem maior esforço na preparação e no estudo e maior atenção e devoção às Escrituras para que você

apresente a Palavra, deixando que Deus fale através dela. Nesses momentos, você desenvolve princípios absolutamente fundamentais para a vida da igreja.

Ao longo dos anos, tenho gasto períodos iguais de tempo para as mensagens das manhãs e das noites de domingo. O motivo disso, suponho, é que se você está lidando com a Palavra de Deus, precisa praticá-la com o mesmo nível de intensidade — uma intensidade que transmita o significado correto da verdade. Isso exige diligência extrema.

A Influência do Seminário no Estudo do Pastor

RT: John, ao ajudá-lo a escolher um seminário onde estudar, seu pai tinha o desejo principal de que você se tornasse expositor da Palavra, não é mesmo? Sei que você o tinha como excelente exemplo a seguir em muitos aspectos, mas tenho certeza de que um deles era sua diligência no estudo ao preparar sermões. Até que ponto o esforço dele nos estudos influenciou seus hábitos? Como o treinamento recebido no seminário desenvolveu ou modificou seu método de estudo, comparado ao que você aprendeu com seu pai?

JM: É verdade, o desejo de meu pai era que eu me tornasse expositor da Palavra. Sua diligência no estudo tem exercido uma grande influência sobre mim. Aliás, depois de seu octogésimo aniversário, ele continua a ler, e a ler, e a ler. Ele costumava martelar: "Nunca suba ao púlpito despreparado". Meu pai sempre está preparado de uma forma total e abrangente quando prega.

Meus métodos de estudo são, em geral, os mesmos de meu pai. A maior diferença causada pelo treinamento que recebi no seminário está nos recursos que usamos em nosso estudo. Meu pai costumava usar comentários mais populares e perseguia intensamente a tarefa apologética de defender o texto contra os ataques. Meu estilo é diferente porque eu me preocupo em explicar o significado da Bíblia — provavelmente em conseqüência do treinamento — assim, uso comentários e outras ferramentas geralmente mais técnicos quanto à natureza. Apesar dessa diferença, entretanto, aprendi tanto dele que quero continuar seguindo o modelo de estudo diligente que ele demonstra até hoje.

RT: Você costuma dizer que seu treinamento no seminário foi um dos períodos mais ricos e edificantes de sua vida cristã. Você poderia destacar duas ou três áreas que considera especialmente enriquecedoras?

JM: Obviamente, a intensidade do estudo bíblico no seminário me enriqueceu. Minha experiência na faculdade envolveu-me com miríades de atividades extracurriculares como atletismo, trabalho e diretório estudantil. Elas consumiam muito tempo. Além disso, muitas aulas de matérias gerais não eram interessantes para mim. Minhas áreas de concentração menor eram história e grego, mas a maior era religião; os cursos de Bíblia e teologia realmente dominavam meu coração. Fui melhor neles, muito melhor que nas outras matérias.

Quando entrei no seminário, porém, tudo o que se ensinava nas aulas parecia crucial para mim. Entrei num nível totalmente novo em termos de minha dedicação como estudante. Apesar de eu fazer de 17 a 20 créditos por semestre, adorava aprender a Palavra de Deus e ser preparado para o ministério. Toda a minha motivação mudou por completo. O nível mais alto de expectativa no seminário fez-me crescer. Estava aprendendo muito mais que nos cursos bíblicos e teológicos da faculdade. Apesar de ter estudado grego por quatro anos na faculdade, fiquei ainda mais entusiasmado com as aulas porque sabia que estava ganhando a proficiência necessária para a obra do ministério.

Outra área de enriquecimento foi a dos relacionamentos pessoais que estabeleci com os professores do seminário. Passei a conhecer pessoalmente aqueles homens e a amá-los. Eles me fizeram parte de suas vidas. Muitos deles passaram horas comigo em particular, desafiando-me, respondendo minhas perguntas e edificando uma verdadeira amizade. O valor de conhecê-los é incalculável quando se vê a vida deles, sua integridade, sua virtude e seu zelo pelas coisas espirituais e pela verdade bíblica.

Um aspecto do seminário que apreciei foi a disciplina de completar o programa em três anos. Isso fez com que tudo ficasse entrelaçado e que cada coisa se sobrepusesse a outra. O processo educacional não foi um processo sufocante que parece não acabar mais. Juntou-se tudo num período de tempo restrito, com todos os pontos inter-relacionados e com uma modalidade de informação interagindo com outra modalidade. Para mim, esse foi o formato de aprendizado mais dinâmico para completar o programa no menor tempo que me era possível.

Outro valor do seminário foi a amizade que fiz com os colegas. A lapidação que ocorreu por meio de nossas discussões sobre doutrina, teologia, estratégias e estilos de ministério, bem como a lapidação que acompanha o intercâmbio são incalculáveis. Meus colegas me desafiaram a ler livros não mencionados pelos professores. Todos esses relacionamentos foram parte do processo de

lapidação. Em suma, eu não seria capaz de fazer o que faço se não fosse minha experiência no seminário.

RT: Sinto seu profundo apreço pelo treinamento que recebeu no seminário, porém, mais especificamente, o assunto de nosso diálogo é como este treinamento beneficiou seu ministério no estudo. A maior parte do seu programa de estudos foi dedicado ao que chamam de área de estudo cognitivo ou substantivo. Essas são áreas de concentração no conteúdo da Bíblia, nas línguas bíblicas — hebraico e grego, na teologia sistemática e na história da igreja. Qual é a contribuição relativa de cada uma delas em seu ministério de estudo durante seus 26 anos de pastorado?

JM: As áreas específicas que você mencionou são todas vitais. Aliás, como já afirmei, não haveria maneira de fazer o que faço, se não fosse por elas. É fundamental possuir um conhecimento básico instrumental do hebraico. Apesar de sermos ministros da nova aliança e gastarmos a maior parte do tempo no Novo Testamento, ainda é importante saber o suficiente da língua para ser capaz de avaliar comentários e julgar criticamente o que os outros dizem a respeito de algum texto ou questão doutrinária.

O mesmo se diz do grego. É impossível ter certeza de que o que você está lendo é exato, a menos que se conheça a língua. Sem tal conhecimento, você fica restrito ao que os comentaristas dizem e não consegue passar disso porque não conhece o idioma. Você não consegue saber se eles estão ou não corretos. Assim, se você quiser ser sério como estudante e expositor das Escrituras, as línguas originais são uma riqueza tremenda. Além disso, boa parte da literatura sobre as Escrituras refere-se aos textos originais e neles se baseiam. Para ter condições de lidar com esse material, você precisa conhecer o hebraico e o grego.

A teologia sistemática é absolutamente essencial como estrutura. É o que mais nos ajuda a pensar de maneira sistemática e analítica, a ver uma estrutura em que se possa juntar vários ensinos, vendo-os como um todo e a perceber a uniformidade dessa estrutura de acordo com a perspectiva de cada professor. Não consigo imaginar o que seria estar num seminário em que cada instrutor possui uma teologia diferente. O seminário que freqüentei não tinha esse problema. A teologia sistemática ensinada era a convicção de todos os professores, assim, cada aula reforçava as outras. A estrutura estava ali, sendo erigida sobre um fundamento de uma compreensão exegética do texto bíblico. Sempre digo que ninguém tem direito de ser teólogo antes de ser exegeta. À medida que venho sistematicamente fazendo exegese sobre as Escrituras, vejo que minha exegese foi lapidada, enriquecida, modificada e esclarecida, mas nunca

violada pela teologia sistemática que aprendi no seminário. Isso ocorre porque ela se desenvolveu primariamente de uma compreensão exegética.

Uma compreensão da história da Igreja é crucial para reconhecer o fluxo do desenvolvimento doutrinário e o progresso dos dogmas ao longo dos séculos. Uma consciência das batalhas eclesiásticas em torno de doutrinas é benéfica para sabermos como reagir a desafios semelhantes no presente. Saber como as questões relacionadas à igreja foram resolvidas no passado é uma lição que nos ajuda a evitar os mesmos erros no presente. Acho que a melhor parte da história da Igreja é estudar os conflitos e a solução dos mesmos — discussões e debates doutrinários e sua soluções. É útil ver como vários elementos da Igreja desviaram-se para este ou aquele tipo de erro, como os outros trataram do problema e como os desviados foram reconduzidos à verdade. Esse tipo de estudo do passado continua moldando meu ministério. Também gosto de biografias de líderes históricos da Igreja.

RT: No seminário, seu estudo sobre as Escrituras partiu de duas perspectivas, uma mais panorâmica e a outra mais escrutinadora de pequenos detalhes das línguas originais. Revendo sua experiência desde o seminário, qual dessas perspectivas tem se mostrado mais valiosa? Ou as duas têm contribuído igualmente? Será que uma delas é dispensável na preparação para o ministério?

JM: Devo dizer que a a visão detalhista é mais valiosa para mim, porque me permite escrutinar as minúcias, ir direto ao texto original e realmente escavá-lo com profundidade. Entendo que a visão panorâmica é útil, sendo importante compreender o fluxo geral, incluir uma visão panorâmica do Novo e do Antigo Testamento como também os temas gerais da redenção ao longo das Escrituras — em outras palavras, temas teológicos. Eles são importantes, porém o mais importante para mim — uma vez que passei todos os anos de meu ministério escavando o texto — tem sido a capacidade de lidar com os detalhes da língua e de dissecar o texto para descobrir a intenção de Deus. Penso que você precisa dos dois, mas se tiver de escolher um, deve preferir a capacidade de lidar com os detalhes do texto. Com essa base, você seria capaz de concluir o que deve ser a visão panorâmica, mas o oposto não ocorre.

RT: Minha observação de seu ministério de pregação e ensino convenceu-me de que você tem simpatia pela teologia sistemática. Você poderia dar exemplos de como reagiu a esse campo de estudos durante o seminário e dos benefícios que isso lhe trouxe em seu estudo no serviço pastoral?

JM: É verdade, meu ensino e pregação tendem para a teologia. Quero formar princípios com o texto, de modo que se torne uma verdade teológica

clara. Em outras palavras, creio que a verdade é simplesmente uma série de princípios. O processo de exegese deve extrair esses princípios. Alguns desses princípios podem ser encontrados em uma variedade de textos. Por exemplo, certo princípio teológico pode aparecer em cinqüenta passagens diferentes. Nossa tarefa ao expor uma passagem é encontrar esse princípio e, em seguida, demonstrar como ele se harmoniza com o contexto maior. Se é um princípio acerca do ministério do Espírito Santo, a pergunta é: como esse princípio se harmoniza com o contexto maior do ministério do Espírito Santo? E como o ministério dEle se harmoniza com o contexto mais amplo da redenção? Sempre tento buscar categorias de significado com a maior profundidade possível e no final harmonizar o ensino com um quadro maior.

Com esse tipo de inclinação, é fácil dizer como, quando seminarista, gostava de teologia sistemática. Mas jamais diria que prego teologia sistemática. Prefiro dizer que prego um aspecto da teologia bíblica — a teologia extraída do estudo de um texto. Essa teologia, porém, harmoniza-se com o entendimento geral das Escrituras. A compreensão das categorias da teologia sistemática fornece uma estrutura em que você pode acomodar vários ensinos. Essa estrutura que recebi no seminário tem suportado o teste dos anos, mostrando-se, com pequenos ajustes decorrentes de meus estudos particulares, bem exata.

RT: Voltando ao assunto da história da Igreja, o benefício dessa área de conhecimento não era visível para mim quando estava recebendo treinamento no seminário, mas depois dessa época minha apreciação pela disciplina tem crescido imensamente a cada ano, à medida que prossigo no ministério de ensino. Como foi com você? Você gostou dela enquanto estava na escola ou seu apreço pelas lições da história eclesiástica floresceu tardiamente?

JM: Meu apreço pela história da Igreja também chegou devagar. Quando estava no seminário estudando história eclesiástica, eu só a via como uma corrente infinita de datas e fatos que tiveram algum significado na época, mas não tinham muito significado na minha situação. Entretanto, à medida que continuo pregando e ensinando a Palavra de Deus, a história da Igreja vem se tornando cada vez mais útil. Isso ocorre porque enquanto vivo meu ministério neste ambiente contemporâneo, vejo cada vez mais que as batalhas e controvérsias que se apresentam hoje na igreja têm precedentes históricos. Assim, volto continuamente à história da Igreja para ver como surgiu a controvérsia, quais eram os componentes daquela controvérsia e como ela foi finalmente resolvida. É importante ler a literatura sobre gerações passadas e verificar

como lidaram com questões semelhantes, pois isso fornece diretrizes para o meu ministério. Vivemos dias em que as questões com que a igreja se defronta parecem aumentar num índice alarmante. Isso faz com que a história eclesiástica seja ainda mais valiosa, porque nenhuma dessas controvérsias é nova. Talvez tenham uma nova roupagem, mas apresentam basicamente as mesmas questões.

Lições Específicas do Seminário para o Estudo do Pastor

Diligência

RT: Seu comentário anterior sobre diligência faz-me notar que você provavelmente pensa, como eu, que o estudo é um trabalho *pesado*. Você aprendeu essa lição durante seu treinamento teológico ou depois?

JM: Concordo. O estudo é um trabalho pesado. Se aprendi isso durante meu treinamento teológico? Foi ali que comecei a aprender, mas realmente vejo agora a seriedade disso. Quando estava no seminário, o estudo era pesado, muito pesado, mas eu sempre tinha a sensação de que acabaria. Depois do primeiro ano, falei: "Ah, só mais dois anos!". Depois do segundo, disse "Mais um!", e depois do terceiro: "Terminei; acabou-se toda a dureza". Assim que entrei no ministério, porém, compreendi que a dureza ainda estava lá, só que dessa vez nunca conseguiria me formar. Hoje, 25 anos mais tarde, ainda é um trabalho duro, e daqui a 25 anos, queira Deus, ainda será um trabalho duro.

RT: Seu programa no seminário foi exigente. Você chegou a pensar que um programa mais fácil poderia prepará-lo para a fase de estudos no pastorado, tanto quanto o programa mais pesado?

JM: Não, porque é preciso aprender algumas coisas e só existe um jeito de aprendê-las — pelo estudo diligente. Não se pode aprender uma língua, teologia, história da Igreja, apologética e tudo o que acompanha essas matérias, sem a disciplina do estudo. Um programa mais fácil não teria nenhuma utilidade, porque a pessoa não aprenderia a mesma quantidade de informação. O aluno não seria obrigado a pensar profundamente sobre os problemas nem aprenderia a disciplina muito rígida, necessária para ser eficiente quando entrasse no ministério. Quero dizer, se deixarem o aluno navegar à sua maneira durante o seminário, ele estará se programando para fazer a mesma coisa no ministério. Penso que o trabalho rigoroso no seminário prepara você para o árduo trabalho quando sair dele.

Disciplina

RT: Dr. Charles Feinberg era deão quando você estudou no seminário. Sei que quando servi com ele como professor, seu caráter disciplinado exerceu um grande impacto sobre mim. Aquilo repercutiu em você como aluno?

JM: Com certeza. Acho que mais que qualquer outra pessoa no seminário, Dr. Feinberg influenciou-me na questão da disciplina. Ele incutiu em mim a necessidade de ser pontual, de estar preparado, de ser diligente com as Escrituras e de certificar-me de ter captado a intenção do autor sagrado. Seu plano de leitura disciplinado, seu plano de estudo disciplinado, sua leitura da Bíblia quatro vezes por ano, seu tremendo compromisso de colocar a Palavra de Deus no coração e ser exato — tudo isso repercutiu em mim. Até sua natureza polêmica deixou uma grande impressão em mim — ele era um batalhador e um lutador em favor da verdade. Depois, é claro, simplesmente o amava como homem por causa de sua devoção. Ele tinha muita devoção. Quero dizer, ele só tinha uma dimensão — era totalmente consumido pela Palavra de Deus. Ela foi a grande força motriz de toda a sua vida. Sem dúvida, eu amava aquele nível de devoção.

RT: Você mencionou a prática do Dr. Feinberg, que lia a Bíblia em inglês quatro vezes por ano. Ele fazia aquilo separando uma hora por dia para a leitura. Você tem seguido alguma prática desse tipo em sua leitura e em seu estudo da Bíblia?

JM: Bem, a verdade nessa questão é sim e não. Nos últimos anos, simplesmente não tenho feito isso. Realmente, não tenho gasto o tempo para manter esse padrão sistemático de leitura. Gostaria de conseguir manter esse tipo de padrão, e cheguei a mantê-lo por um tempo, seguindo o exemplo de Dr. Feinberg. Também tive o hábito de ler o Novo Testamento várias vezes, um trecho todos os dias, por trinta dias. Fiz isso por alguns anos no início de meu ministério. Continuo lendo muito, mas leio inúmeros livros e manuscritos que estou escrevendo. Em meio a tudo isso, desejo ter um tempo para sentar e ler várias vezes as Escrituras.

Uma das coisas que me atrapalha, entretanto, é que tenho dificuldades em fazer isso, porque assim que me deparo com algo que não compreendo, paro, procuro livros, recursos ou ferramentas que me ajudem a compreender o que acabei de ler. Portanto, para mim não é fácil sentar e ler sem interrupções. Tenho necessidade de compreender tudo o que estou lendo. Sou forçado a entender à medida que leio, e isso freia um pouco o processo.

RT: John, será que o exemplo de seus professores exerceu um impacto na maneira pela qual você encara seus estudos como pastor? Houve alguma lição

que aprendeu deles, isto é, diligência, integridade intelectual e acadêmica, honestidade quanto às áreas de ignorância, e assim por diante?

JM: Sem dúvida! O que impressiona todo aluno de primeiro ano no seminário é a profundidade do conhecimento dos professores. Eles tinham lido muito e são especialistas em suas respectivas disciplinas. Eles são experientes em áreas em que o calouro nem chegou a pensar. Assim, o estudante fica simplesmente impressionado com a capacidade intelectual e acadêmica desses homens. Isso os torna modelos para os alunos, o que não implica necessariamente que estes alcancem o doutorado, mas que conquistem um ministério de integridade. Acho que uma das lições mais importantes que os professores do seminário ensinam é esta: para ser profundo, você precisa dedicar sua vida à disciplina do estudo. Você precisa mantê-lo. Isso é obviamente uma lição importante.

Integridade

RT: Existe algo como integridade intelectual do pastor quando ele se coloca diante de uma congregação para pregar? Se um pastor não teve tempo para preparar o texto de domingo, deve confessar isso ao auditório ou deve fingir que separou o devido tempo para estudo?

JM: Nunca se deve fingir nada. A integridade do pastor é fundamental. A questão aqui não é o seu sermão. O que está em jogo é a Palavra de Deus. Se você não teve tempo para preparar, então pregue algo que tenha tido tempo de arranjar. Apenas avise ao pessoal que no próximo domingo você voltará ao texto que havia planejado pregar, pois precisa de mais tempo para trabalhar nele. Nunca há virtude alguma em pregar por pregar. A única virtude é proclamar a verdade — verdade que você não pode pregar até saber qual é.

Obviamente, haverá tempos em que você vai estudar, porém não vai chegar a uma conclusão dogmática sobre alguma questão. Nesse ponto, precisa tomar uma decisão, aquela que você acredita ser coerente com o ensino da Palavra de Deus. Ensine isso e simplesmente passe adiante. Quem sabe ao longo do caminho alguém escreva um artigo de jornal, lançando-lhe mais luz sobre a passagem. Mas agora, você precisa fazer o melhor que puder com o tempo que tem, certificando-se de que o que você está dizendo representa uma compreensão sincera do texto e está sendo apresentado sob o estudo mais cuidadoso possível. Mas observe este cuidado mais uma vez: se você não conseguir chegar a um entendimento do texto, não pregue até conseguir. Esse

é um bom motivo para começar a preparação logo no começo da semana ou mesmo semanas antes, de modo que haja tempo disponível.

RT: Houve algum caso de estabilidade ou instabilidade doutrinária entre seus instrutores, algo que o tenha influenciado? Alguns desses homens estão agora com o Senhor, mas quanto aos que continuam vivos, houve alguém que mudou de posição em relação a questões importantes?

JM: Não creio que haja. E isso, mais uma vez, é muito encorajador. Quando olho para trás e penso nos meus professores de seminário, não me lembro de ninguém que tenha mudado de opinião, embora possa tê-la refinado. Não consigo pensar em ninguém que tenha se desviado dos ensinamentos que preconizou. Isso fala muito da integridade, da intelectualidade deles e de sua devoção à Palavra de Deus. Eles eram inabaláveis. Embora a maré possa ter mudado e as pessoas possam ter escrito na esperança de mudá-los com suas novas idéias aqui e ali, eles se mantiveram coerentes. Creio que isso ocorreu porque o fundamento deles era muito sólido.

Exatidão

RT: Já mencionamos várias vezes o hebraico, o grego e a importância da exatidão, mas, por favor, permita-me uma observação relacionada ao assunto. Cada cristão possui diferentes habilidades e dons espirituais. Verifico, porém, que em 35 anos de ensino nunca encontrei um aluno que não tenha conseguido aprender as línguas originais das Escrituras, pois tinham um desejo intenso de aprendê-las. Cheguei à conclusão de que se Deus chama alguém para pregar sua Palavra, também lhe fornece a capacidade de aprender as línguas hebraica e grega em que a Palavra foi inspirada. Você acha que uma facilidade nessas línguas é importante no estudo para um ministério de pregação?

JM: Penso que são essenciais. Como já observei, é óbvio que se pode pregar sem elas. A pessoa pode ser orientada e ler bons materiais de apoio. Mas, para ter confiança, firmeza e realmente saber o que está lendo nos comentários e outros instrumentos de referência, é indispensável ter um conhecimento, em especial da língua grega. É bom conhecer o hebraico, mas é no Novo Testamento que toda doutrina do Antigo Testamento encontra sua culminação e requinte. Ter a capacidade de captar o texto do Novo Testamento em sua língua original é crucial para se ter exatidão e firmeza na pregação. Uma pregação eficaz exige um alto grau de inteligência, uma capacidade de pensar com clareza, relacionar dados, analisar, sintetizar,

apresentando uma coerência de raciocínio. Esse tipo de habilidade certamente prepara o indivíduo para aprender as línguas bíblicas.

Uso Eficiente do Tempo

RT: Você era muito ativo no ministério, enquanto estudava no seminário e fazia parte do quadro de obreiros de uma igreja local. Na ocasião, você precisava garimpar tempo para estudar. Essa experiência o ajudou a aprender como usar seu tempo de estudo com mais eficiência após o curso? Alguma vez você quis ter mais tempo de preparação enquanto estava na escola?

JM: Sim, ajudou e não, pois eu não quis mudanças. Sou grato pelo andar das circunstâncias e por ter me envolvido no ministério, porque isso apressou o tempo de aprendizado. Quando me formei no seminário, já tinha três anos de ministério em uma igreja local, assim eu já tinha andado muito. Também comecei a pregar bastante durante meus dias de seminário. Isso me deu velocidade inicial. Sentia que era capaz de dedicar o necessário ao estudo e ao mesmo tempo estar envolvido, usando o que havia aprendido no ministério. Eu realmente recomendo que o procedimento seja o mesmo.

RT: John, uma vez que seus dias de estudante foram muito atarefados, tenho certeza de que você dormiu pouco muitas noites. Você chegou a cochilar na classe quando estava no seminário? Qual seria seu conselho aos estudantes que periodicamente varam a noite por causa de uma prova ou de um trabalho exigido?

JM: Bem, eu raramente cochilava em classe. Uma coisa que sempre fazia para evitar dormir na aula era sentar na frente da sala para ficar exposto. Isso me motivava a ficar acordado. E também sempre fui um sujeito do tipo inquiridor, de modo que era fácil os professores me puxarem para um debate. Sempre tinha perguntas para fazer, então a qualquer hora elaborava alguma questão ou entrava num diálogo para manter-me animado, é o que tentava fazer além de tomar notas minuciosas constantemente.

Sei que havia horas em que ficava distraído. Mentalmente, talvez, estivesse cansado por ter estudado a noite toda. Meu hábito diário era acordar entre três e meia e quatro da manhã, e às vezes ficava cansado quando ia muito tarde para a cama e acordava cedo para estudar antes de ir ao seminário. Mas quando entrava na classe, conseguia levar a aula toda.

Meu conselho aos alunos que periodicamente passam a noite em claro é que se sentem na frente da classe, onde fiquem à vista. Isso faz com que seja um

pouco mais difícil cair no sono. Vocês também podem pedir ao colega do lado que os mantenham acordados.

O Estudo do Pastor e Outras Tarefas Pastorais

RT: Se é preciso exercitar-se com tanto empenho e por tanto tempo no estudo — mensagem que está sendo passada em alto e bom tom —, qual é a influência disso na importante responsabilidade de relacionar-se bem com os membros e ir ao encontro de suas necessidades pessoais por meio da integração social? Você precisa ajustar seu estudo aos ministérios de cunho relacional ou deve ajustar as questões de relacionamento às suas necessidades no campo do estudo? O que vem primeiro?

JM: Bem, não há dúvidas nesse sentido. O estudo vem primeiro. Que adianta eu me relacionar com as pessoas, sem ajudá-las a compreender a Palavra de Deus? Como alguém que está na mesma congregação há 25 anos e viveu com alguns desse grupo todos esses anos, nem sempre posso participar de todos os churrascos de quintal e de estar presente em todos os momentos. Mas uma coisa sei: tenho-me dedicado a ensinar-lhes as verdades transformadoras da Bíblia. Isso vem construindo entre nós o mais profundo dos relacionamentos. Trata-se de uma relação em que a dívida delas para comigo é grande e a minha responsabilidade para com elas também. Cumpro minha responsabilidade dando-lhes a Palavra e elas pagam a dívida que têm comigo com amor, devoção e fidelidade. Esse é o tipo de relacionamento que realmente importa e satisfaz.

RT: Você diria que seu treinamento no seminário forneceu o devido equilíbrio entre o estudo cognitivo e o desenvolvimento de habilidades práticas, como pregar, aconselhar, administrar, visitar, celebrar casamentos etc.? Se não, o que recebeu atenção demasiada e o que não recebeu atenção suficiente?

JM: Acho que meu treinamento no seminário foi bem equilibrado. Mas quando pondero, concluo que boa parte dos cursos práticos que fiz foram relativamente inúteis, com a possível exceção da aula de pregação ou homilética. Fiz um curso de aconselhamento quase sem sentido. O mesmo aconteceu com alguns cursos de administração, em que recebi um manual sobre como realizar casamentos e coisas desse tipo. Todo esse material está à mão, sem necessidade de cursos, de modo que não foram muito úteis. A maioria dessas técnicas é aprendida pela prática e através da orientação de um pastor mais velho e experiente.

Quando cheguei à igreja de Grace Community, não possuía muita habilidade em nenhum desses processos administrativos ou práticos. Mas, com os anos, a experiência lapidou essas aptidões. O mundo não pega um recém-formado em administração para logo torná-lo presidente de uma firma. Apesar de ter tido aulas de administração, ele é colocado em um nível mais baixo e ali aprende a desenvolver suas capacidades administrativas ao aplicar o que aprendeu, batalhando para subir os degraus. O mesmo ocorre no ministério. O melhor uso que se faz dos anos de seminário é guardar o seu aprendizado e aprender sob a tutela de um pastor, depois borrifar alguns cursos práticos para dar alguma orientação. Estes cursos podem ser úteis, mas o processo do ministério após o seminário desenvolverá essas habilidades num grau muito maior. Nesse processo de desenvolvimento, é extremamente vantajoso ter alguém por perto para servir de modelo.

RT: Você formou seus hábitos de estudo bíblico e teológico quando freqüentava aulas em um seminário tradicional. Tem alguma importância o fato de os alunos do Master Seminary estarem formando seus hábitos de estudo no ambiente da igreja local? Por quê?

JM: Isso tem uma importância tremenda! Esses hábitos são importantes porque centralizam a igreja local na vida do aluno. Obviamente, pode-se também aprender num ambiente de seminário. É possível aprender as verdades e estar envolvido no ministério da igreja, e os dois fatores harmonizarem-se perfeitamente, como aconteceu no meu caso. Mas quando o seminário é na igreja, o ponto focal da vida é a igreja e, então, vemos os grandes resultados. Isso também permite que o quadro de obreiros interaja com os alunos, de modo que estes apliquem o que aprenderam não alguns anos adiante, mas agora!

RT: É claro que você, como presidente do Master Seminary, teve oportunidade de introduzir algumas mudanças no programa de preparação. Há alguma diferença em particular que sirva para distinguir esse programa de estudo daquele programa pelo qual você passou em sua preparação?

JM: Creio que há um conjunto de diferenças. Uma delas é que temos menos aulas pragmáticas. Não creio que tivessem algum valor duradouro. Naquela época, deu-se destaque ao aconselhamento de alcoólatras, a como falar corretamente, à administração educacional e a outras matérias semelhantes. Nosso programa no Master Seminary as substituiu por matérias mais profundas e teológicas, que são muito importantes e possuem valor permanente.

Em segundo lugar, penso que a maneira de abordar o processo de pregação aqui é mais integrado do que era no seminário. Nossos professores atuais dão grande ênfase a todo o processo exegético que está por trás da pregação expositiva. Ao longo de todo o currículo, a abordagem é uniforme, com tudo se afunilando diretamente para a pregação. Creio que esse método de apresentação leva a um produto final muito mais efetivo. A proclamação produzida no final do treinamento fica atrelada a tudo o que vem antes. Em minha preparação, havia uma lacuna entre o método exegético, o estudo teológico e a homilética que aprendi. Na preparação do sermão, a ênfase estava no esboço, na pregação sem anotações, na grande idéia do texto, em coisas mecânicas desse tipo. A metodologia exegética recebia pouca atenção nessas aulas. O treinamento não era antiexegético; só não recebia a ênfase que nosso seminário lhe atribui atualmente. Nossos professores de homilética alcançaram a ênfase necessária na exegese, fazendo uma ligação estreita entre a apresentação e o preparo do sermão, os quais estavam distribuídos em diferentes aulas. Esse tipo de preparação resulta em expositores mais preocupados com a exatidão do que com a forma, o esboço e a engenhosidade da mensagem que pregam.

O Estudo do Pastor em Perspectiva

RT: Refletindo sobre nosso diálogo, John, fico muito impressionado com a função crucial do estudo sobre o pastor na vida de uma igreja local. É neste estudo que nasce a força geradora na vida da igreja. O que ocorre no estudo determina as transformações na vida das pessoas quando participam do culto de domingo, especialmente do culto matinal, que é tão estratégico. Um estudo produtivo acabará resultando num corpo produtivo de crentes, à medida que o Espírito usa a Palavra transmitida para moldar as pessoas à imagem de Cristo.

Em sua experiência, como na de tantos outros, não se pode subestimar a importância do treinamento correto para o estudo do pastor. Essa é a razão da existência de seminários como o Master Seminary. O treinamento dado pelo seminário é uma experiência que molda a vida. Foi assim comigo e com você. Além de influenciar nossa perspectiva maior da vida e do ministério, ensina-nos muitas lições específicas. Entre elas estão a importância do estudo diligente, a disciplina no estabelecimento de prioridades, a integridade na pregação das Escrituras, a exatidão na interpretação do texto e o uso eficaz do tempo precioso que recebemos para servir ao Senhor.

Ao contrário do que possam afirmar alguns, um tempo adequado gasto no estudo pastoral facilitará a execução das outras responsabilidades que recaem sobre os ombros de um líder de igreja local. Aprendendo o significado do texto para poder comunicá-lo aos outros, o expositor da Bíblia vai descobrir que seus relacionamentos com os demais ficam mais facilitados, sendo-lhe possível ajudá-los a compreender a Palavra de Deus e aprofundar seu relacionamento com eles, embora isso possa significar que não tenha muito tempo para dar uma assistência mais individual.

Assim, a aplicação nos estudos desempenha um papel indispensável no ministério geral do pastor, não podendo ser substituída por ninguém, nem por nenhum outro meio a que possa resolver dedicar-se.

13

A Compaixão do Pastor pelas Almas

David C. Deuel

O título "pastor" sugere duas funções dos líderes da igreja: nutrição e direção. A nutrição é a responsabilidade cristã geral de mostrar compaixão pelos outros. Essa capacidade é acentuada porque o pastor deve estabelecer o exemplo para os outros. Uma consideração de trechos bíblicos relevantes mostra que ele deve ao mesmo tempo delegar atos de compaixão a outros líderes que sejam motivados por seu exemplo, para que possa concentrar-se em sua função principal de dirigir o povo pelo ensino da Palavra e guardá-los do erro. Ele precisa equilibrar uma exemplar compaixão com seu ministério de ensino.

Não é fácil, de modo algum, um jovem tornar-se pastor, e ele não deve ficar desanimado se não conseguir transformar-se em um dia ou um ano. Orador e reformador tornar-se-á sem dificuldades. Na crítica à política e à sociedade, pode começar um negócio frutífero no primeiro domingo. *Mas pastor, ele só consegue ser devagar, percorrendo com paciência o caminho da cruz.*[1]

Depois de deixar o seminário, muitos jovens descobrem que o amor pelo Sumo Pastor não se alarga transformando-se em amor pelas ovelhas de Deus. Sem dúvida, as dificuldades no trato com as pessoas é a primeira causa das baixas no ministério (85 por cento, de acordo com uma denominação).

---

1. Charles Jefferson, *The Minister as Shepherd* (Fincastle, Va: Scripture Truth, s.d.), 32, grifos meus.

O subpastor que, pela graça de Deus, enfrenta as tempestades pessoais, os ataques dos predadores e vários outros ataques contra o rebanho, muitas vezes permite que a amargura vença a alegria com que ele começou o pastorado. Tanto que se vê falando aos outros: "O ministério seria ótimo se não tivéssemos de lidar com pessoas". Palavras como essas refletem uma perspectiva muito desanimadora, mas comum no ministério pastoral.

Não é de surpreender que alguns pastores reajam selecionando um aspecto das responsabilidades ministeriais que não os ponha em contato muito freqüente com as pessoas. Aliás, alguns alegam que as duas únicas responsabilidades do pastor são pregar a Palavra e oferecer oração intercessória pelo povo de Deus. Uma *direção* bíblica e um pouco de contato pessoal, dizem, é o que as pessoas precisam — nada mais. Esses nunca tiveram um coração voltado para as pessoas, ou então o perderam no meio do caminho.

Por outro lado, há os que insistem que o pastor deve atender a todos os tipos de necessidades das pessoas — um servo dos servos, um diácono consumado. A preocupação deles está quase que exclusivamente no aspecto da *edificação* do ministério pastoral, aquele que procura atender às necessidades humanas num sentido mais amplo. Nesse caso, a compaixão carece de controle bíblico e irrestrito, pois poderá desconsiderar necessidades espirituais sérias.

Como a Bíblia apresenta o amor do pastor em relação ao povo? Ou, mudando um pouco, como é o mandamento e o padrão de Jesus para amar melhor o seu povo? Qual a quantidade mais benéfica de direção e de cuidado pessoal? Uma análise do título "pastor" pode ajudar a encontrar a resposta.

O Título e a Função do Pastor

Grande parte da questão entre criar e guiar surge da ambigüidade do termo *pastor*. Várias figuras bíblicas descrevem aspectos do relacionamento entre o crente e Deus. *Senhor* e *servo* destacam a submissão do crente por ser propriedade de Deus; *pai* e *filho* apontam para a criação, mas às vezes para a função disciplinar paterna; *oleiro* e *barro* representam a moldagem criativa da forma e do caráter; *marido* e *esposa* denotam o companheirismo e a intimidade; *pastor perfeito* e *ovelha* referem-se à direção e ao cuidado de Deus com seus seguidores, os quais se assemelham a ovelhas. Eis a questão: Que transposições ou pontos de contato dessa última metáfora dizem respeito ao pastor e seu

povo?[2] A maneira pela qual as pessoas empregam o termo *pastor* indica dois entendimentos possíveis da função do pastor, os quais estão centrados basicamente ou no aspecto nutridor ou no aspecto condutor, ou no carinho de um pastor para com as pessoas que Deus lhe confiou ou mesmo em uma condução específica por meio da proclamação da Palavra de Deus e de uma aplicação exemplar em sua própria vida (veja o capítulo 16 deste livro).

Na língua inglesa, há algumas centenas de anos, essa dupla função encontrou expressão no título *pastor*, outra palavra para *shepherd*. A semelhança na grafia entre *pastor* e *pasture* (pastagem) — lugar de trabalho do pastor, ilustra a ligação entre as duas palavras. Os termos hebraicos para *pastor* e *pastagem* também comunicam esse relacionamento. Mesmo assim, o termo *pastor* não inclui tudo o que o servo de Deus deve ser e fazer, como outros termos figurados empregados para retratar o relacionamento do crente com Deus. Outras terminologias, tais como *bispo* (*episkopos*) e *ancião* (*presbyteros*) alargam a descrição do serviço, transmitindo outros aspectos primários de sua tarefa, assim como *pastor*, *bispo* e *ancião* não comunicam as respectivas funções de um líder da igreja tão bem quanto já comunicaram quando foram de início traduzidos para nossa língua.[3] Além do mais, outras comparações, muitas delas secundárias, descrevem o líder da igreja e suas funções de outra forma, de acordo com o objetivo do autor bíblico.[4] O problema de confiar no significado de uma única palavra é que existe a tendência de injetar no termo todos os tipos de significados, o que talvez não tenha sido a

2. Seria fácil transportar todos os aspectos do relacionamento pastoral de Deus com suas ovelhas para o relacionamento do pastor com seu povo e suas responsabilidades para com ele. Mas a mesma figura do pastor pode ser empregada para transmitir qualquer um de uma série de pontos. Somente através de um estudo específico do contexto bíblico, o intérprete pode descobrir a transposição da metáfora naquele contexto particular. O que torna esta discussão ainda mais desafiadora é o fato de que a aplicação metafórica do termo *pastor* ocorre em várias passagens. É tentador formar uma generalização de todas elas e aplicá-la em cada uma das passagens (isto é, uma transposição total ilegítima). Ela obscureceria a contribuição específica de cada passagem.

3. O significado das metáforas é estendido por alguns, abrangendo, além do título e da função do pastor, todos os sistemas organizacionais da igreja local. Por exemplo, J. T. Burtchaell, *From Synagogue to Church: Public Services and Offices in the Earliest Christian Communities* (Cambridge, England: Cambridge University, 1992).

4. Paulo, por exemplo, emprega os símiles de *lavrador*, *soldado* e *atleta* em 2 Timóteo 2. A diferença básica entre um símile e uma metáfora é que os símiles são comparações indiretas, e as metáforas, comparações diretas. Aristóteles discutiu essa distinções entre as duas figuras (cf. M. H. McCall, *Ancient Rhetorical Theories of Simile and Comparison* [Cambridge: Harvard, 1969], 24).

intenção do autor bíblico.[5] É necessário limitar esses títulos de acordo com cada contexto.[6] Além disso, outros aspectos do ofício de pastor não indicados nos títulos de *pastor, bispo* e *supervisor* aparecem em outros trechos das Escrituras.[7]

Se os títulos atribuídos ao pastor possuem algum sentido certo, é o de que a função do pastor *é* diversificada quanto à natureza. Para lidar com o assunto deste capítulo, é melhor deixar o título de lado e perguntar: "Que revelam claramente as passagens específicas das Escrituras com respeito ao amor do pastor pelas pessoas, conforme isso se expressa nas funções biblicamente definidas para ele?"

O Amor do Pastor pelo Seu Povo

O engano quanto à tarefa do pastor nasce de uma falsa interpretação da função que a Bíblia atribui a todos os cristãos.[8] As Escrituras aconselham cada crente a mostrar compaixão pelos outros. As passagens de mutualidade demonstram alguma das formas pelas quais devemos fazê-lo. A confusão, porém, surge quando se comparam as responsabilidade pastorais com as de todos os cristãos. Em se tratando de responsabilidades, um pastor é cem por cento cristão e pastor? Um exame mais atento dos dois lados de suas responsabilidades pode ajudar a resolver esse problema, embora as linhas sejam indistintas e as funções se sobreponham em muitos aspectos, acrescentando-se a isso a responsabilidade que o pastor tem de ser um exemplo para o rebanho na área da compaixão (1 Pe 5.3).

---

5. Charles Jefferson, em sua excelente obra devocional, *The Minister as Shepherd*, oferece bons pensamentos com respeito ao caráter e à função do pastor. Entretanto, ele não somente minimiza os títulos *bispo* e *presbítero* (9), como também força a metáfora do pastor a uma estrutura conceptual da qual infere seu caráter e a sua função. Esse método de interpretação corre o risco de interpretar mal o verdadeiro caráter e a função do pastor, porque confunde o ensino claro das Escrituras acerca dessas questões. Na melhor das hipóteses, em passagens acerca de bispos e supervisores.

6. Max Black, especialista em lógica, alerta que "o reconhecimento e a interpretação de uma metáfora podem exigir atenção para as *circunstâncias particulares* de seu pronunciamento" ("Metaphor"em *Models and Metaphors* [Ithaca, NY: Cornell University, 1962], 29).

7. Acrescente-se a isso o fato de uma conotação popular haver tomado o termo *pastor*, aplicando-o a todos os tipos de cuidado. Para alguns, o cuidado pastoral aplica-se exclusivamente à atenção não-médica quanto à natureza, dispensada a pacientes hospitalares. Para eles, trata-se de cuidado misericordioso, mas muitas vezes tem bem pouca relação com uma admoestação segundo as Escrituras.

8. Isso continua como uma fonte ininterrupta de confusão. Num artigo recente, J. N. Collins pesquisa a história do debate que discute se todos os cristãos são ou não chamados para ministrar ("Ministry as a Distinct Category among Charismata [1 Corinthians 12.4-7]", *Neotestamentica* 27, n. 1 [1993], 79-91).

A Responsabilidade Geral no Campo da Compaixão

A expectativa bíblica é que todos os cristãos amem uns aos outros. Paulo dedica todo um capítulo à responsabilidade do amor em 1 Coríntios 13. Em outro trecho ele expressa sua declaração de propósito ao ensinar: "Ora, o fim do mandamento é a caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida" (1 Tm 1.5).

O mesmo apóstolo que alista as qualificações para os supervisores e presbíteros em 1 Timóteo 3 e Tito 1 apresenta o fruto do Espírito em Gálatas 5 como um desafio para todos os cristãos dirigidos pelo Espírito. Em suma, uma pressuposição das passagens de Timóteo e Tito é que o fruto do Espírito exige interação entre as pessoas e deve caracterizar o pastor. "Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gl 5.22,23).

Seria difícil alguém possuir alguma parte desse fruto (ou resistir a seus opostos nas obras da carne, vv. 19-21) isolado das pessoas. Por natureza, essas qualidades exigem o envolvimento com as pessoas. O Cristianismo possui uma teologia e uma ética voltadas para as pessoas. Em seu caráter básico como cristão, o pastor não pode esquivar-se do envolvimento interpessoal.

A Responsabilidade dos Líderes no Campo da Compaixão

Cinco categorias resumem suas responsabilidades especiais na área do desenvolvimento da compaixão.

1. Liderar pelo exemplo. É fácil confundir a responsabilidade geral do pastor de mostrar compaixão com sua responsabilidade de fornecer, como líder, um exemplo de compaixão a ser seguido pelo rebanho. Em 1 Pedro 5.3 ,vemos a importância de liderar pelo exemplo em vez de ter "domínio sobre" as ovelhas. Em 1 Timóteo 4.12, o amor é uma virtude específica a ser exemplificada pelo pastor. As Escrituras ensinam que o pastor deve ser modelo de compaixão.

Ter compaixão precede o exemplo de ser modelo. Na história do bom samaritano, Jesus observa que o samaritano primeiro "moveu-se de compaixão", depois cuidou das feridas do viajante machucado (veja Lc 10.30-37). Como o Senhor Jesus, o pastor deve ser um homem de profunda compaixão pelos necessitados. Somente então será capaz de estabelecer o exemplo correto.

O Antigo Testamento é repleto de passagens que fazem da compaixão um atributo proeminente (e comunicável) de Deus. Destaca-se entre elas uma declaração do próprio Senhor, em Êxodo 34.6: "JEOVÁ, o SENHOR, Deus

misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade". Jonas cita essa passagem ao objetar a demonstração de compaixão de Deus ao perdoar Nínive (Jn 4.2). Em Isaías, o Messias Servo possui caráter semelhante: "A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega" (Is 42.3). De fato, em todo o Antigo Testamento Deus revela seu grande interesse pelos oprimidos — especialmente as viúvas, os órfãos e os pobres. A sociedade lhes negava privilégios plenos, deixando-os vulneráveis a explorações de toda sorte. As provisões das leis de Deus entretecidas nas prescrições sociais do Antigo Testamento demonstram sua compaixão por eles. O Novo Testamento incumbe a igreja das mesmas responsabilidades para com os oprimidos. A obrigação está lado a lado com a pureza pessoal: "A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (Tg 1.27).

Bem antes que as agências públicas estatais e seculares assumissem a responsabilidade por hospitais, orfanatos, acomodações para os pobres e outros serviços sociais desse tipo, a igreja e seus pastores percorriam uma trilha de compaixão. Tanto na América como na Inglaterra, as primeiras escolas dominicais concentravam-se em educar as crianças, especialmente na leitura. O objetivo era prover instrução às crianças trabalhadoras pobres no único dia livre que tinham na semana. Naturalmente, os professores usavam a Bíblia como texto, pois a evangelização e o doutrinamento eram, em muitos casos, o objetivo principal.[9]

O pastor cujo coração bate pelas pessoas mostrará compaixão especial pelos perdidos. A Bíblia ensina que não ter compaixão pelos não-regenerados ou é descrença na existência eterna do outro ou desinteresse. Há mais de um século, Murray mencionou o "problema missionário", referindo-se à falta de compaixão pelos que não têm Cristo.[10] Na mente de Cristo havia um quadro claro do que é o mundo e de suas necessidades, de modo que ele sentiu compaixão pelos perdidos e deu sua vida por resgate de muitos. Uma congregação não pode responder adequadamente à Grande Comissão se, porventura, seu pastor for indiferente às necessidades de um mundo perdido.

O reavivamento de uma das expressões de compaixão só ocorreu há pouco. Trata-se do interesse em atender às necessidades dos deficientes. A renovação

9. Anne M. Boylan, *Sunday School: The Formation of an American Institution, 1790-1880* (New Haven: Yale University, 1988), 6.

10. Andrew Murray, *Key to the Missionary Problem*, rev. Leona Choy (Fort Washington, Pa: Christian Literature Crusade, 1979), 13.

dessa área de interesse surgiu junto com a tendência de oferecer serviço em casa ou em postos ambulatoriais a esse grupo da população. Antes disso, muitos que tinham problemas físicos sérios e deficiências no desenvolvimento permaneciam em instituições, longe das vistas das pessoas. Por estarem hoje mais visíveis, surgiu o merecido interesse da igreja em servir a este segmento da sociedade. Isso é bom, pois as igrejas de todos os lugares devem oferecer serviço a pessoas que são deficientes por uma ou outra razão. (Pastor, construa aquela rampa!) John MacArthur, Jr., um pastor muito interessado nesses problemas, destaca a função exemplar do pastor no ministério a esse grupo largamente desconsiderado: "Se o pastor não estiver inteiramente comprometido, e se ele não for exemplo nessa preocupação, será muito difícil fazer com que as pessoas ministrem a essa população... O pastor deve cuidar de populações especiais porque isso é correto".[11]

Em sua exposição sobre aqueles que hoje curam pela fé, Mayhue lembra ao pastor que a compaixão é uma qualidade que se origina no coração de Deus: "A compaixão não pode permanecer opcional para os cristãos, caso devamos ser como Deus. Certa vez, definiram compaixão como 'teu sofrimento no meu coração, o que me faz realizar obras de consolo e misericórdia em teu favor'. Essa é a essência do ministério de cura — quando servimos os sofredores com a compaixão de Deus".[12]

Ser exemplo de compaixão não é uma opção para o subpastor. Ele deve cuidar das ovelhas a ele confiadas e vigiar seu crescimento, especialmente no caso das mais fracas. Não basta ser exemplo só por ser. Jefferson salienta a importância de o pastor seguir outro exemplo de alguém cuja motivação seja a compaixão verdadeira que brota do coração:

> Então você quer conhecer o trabalho de um pastor? Olhe para Jesus de Nazaré, aquele grande Pastor das ovelhas que se mantém para sempre como o padrão perfeito de pastorado, o exemplo irrepreensível para todos a quem é confiado o cuidado pelas almas. "Eu sou o bom Pastor", ele afirma. "Eu vigio, guardo, curo, resgato, alimento. Eu amo desde o princípio, e eu amo até o fim. Siga-me!"[13]

---

11. Gene Newman e Joni Eareckson Tada, *All God's Children: Ministry to the Disabled* (Grand Rapids: Zondervan, 1987), 33.

12. Richard L. Mayhue, *The Healing Promise* (Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1994), 262.

13. Jefferson, *Minister as Shepherd*, 66.

2. Liderar pela administração. Em muitos sentidos, o ofício do diácono surgiu para suprir certas necessidades humanas. A pergunta freqüente é: "Que fração do tempo do pastor deve ser dedicada às necessidades físicas?" As Escrituras respondem plenamente à seguinte pergunta: "Que tipos de necessidades devem ser atendidas pelo pastor?" Depende. A pessoa que Paulo tem em mente em 1 Timóteo 3 e em Tito 1 é modelo de um tipo de cuidado baseado no exemplo e na instrução, particularmente neste último. Tito 1.9 fornece um traço de caráter mais minucioso: "Retendo firme a fiel palavra ...para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes".

Os livros de 1 e 2 Timóteo discorrem sobre o aspecto instrutivo da função pastoral. Esta prática não impede o pastor de cuidar das necessidades físicas das pessoas. Ele simplesmente dá prioridade ao ensino. O autor bíblico também fala claramente contra a mentalidade que alega que o pastor é em primeiro lugar aquele que cuida das necessidades físicas das pessoas. Note bem, ele não está isento, mas seu tempo e energia limitarão sua potencialidade em razão de seu alvo principal, conforme se ilustra em Atos 6.1-7.[14] Nessa passagem, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria foram encarregados da tarefa de prover cuidado compassivo. A Igreja contemporânea, tal como a Igreja Primitiva, tem erradamente tomado da liderança dos diáconos a responsabilidade de nutrir fisicamente o povo de Deus, devolvendo-a ao pastor.[15] Historicamente, as pessoas profissionalizam a expressão do amor cristão exigido de todos os cristãos, esperando que os pastores o exerçam sozinhos. Estes, por sua vez, delegam a função primária do pastor — o ensino e a ministração da Palavra — aos outros. Os pastores devem ser pessoas interessadas nos outros, mas todos os santos devem fazer a obra do ministério. Essa é a lição de Atos 6 para a Igreja de hoje.

---

14. Talvez a passagem mais citada em defesa da filosofia de ministério do tipo "só pregue e ore" seja Atos 6. Deve-se lembrar, entretanto, que, embora Atos 6 contenha um registro preciso da divisão de trabalho dentro da igreja, trata-se de uma seção narrativa, devendo ser estudada juntamente com passagens didáticas mais claras. A igreja de hoje não imita indiscriminadamente tudo o que Atos atribui à Igreja Primitiva. Ela não deve copiar suas práticas de liderança eclesiástica de Atos sem antes considerar o restante das Escrituras.

15. A história da Igreja está repleta de abusos desse tipo. Na Idade Média, grandes casas foram construídas para comunidades que desempenhavam tarefas pastorais. Elas chamam seus pastores de "ministros" (John Blair, ed., *Ministers and Parish Churches: The Local Church in Transition 950-1200* [Oxford: Oxford University Committees for Archaeology, 1988], 1).

Os pastores que preferem gastar tempo cuidando das necessidades físicas das pessoas podem estar privando os diáconos de assumir a função que lhes foi dada por Deus. Caso sintam-se dirigidos a se concentrar em tais necessidades em vez de ensinar a Palavra, talvez devam, sem desculpas, deixar suas funções de pastores-mestres, cumprindo o alvo como ajudadores, pessoas profundamente compadecidas pelas necessidades físicas. Isso abriria espaços pastorais para outros pregarem e ensinarem a Palavra. Os cristãos necessitam a todo custo do ensino da Palavra de Deus. Isso não deve ser negligenciado.

As igrejas que preferem ter um pastor que gaste a maior parte do seu tempo com visitações e aconselhamento devem considerar a possibilidade de encontrar uma pessoa especialmente para essas tarefas. As igrejas que possuem maior necessidade nessas áreas não podem se dar ao luxo de desprezá-las, mas nem as igrejas nem os pastores devem tolerar uma situação em que o pastor selecionado para ministrar a Palavra de Deus troque suas funções pelas dos diáconos ou dos membros da igreja. Por definição bíblica, *o pastor-mestre não é um diácono*; ele não deve deixar a Palavra de Deus e servir às mesas (At 6.2). Com uma administração apropriada, porém, ele pode cuidar para que seus diáconos cumpram essa função.

Os pastores e as igrejas que se submetem ao padrão bíblico podem esperar o mesmo resultado obtido na experiência de Atos: "E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos" (At 6.7).

3. Liderar alimentando o rebanho. A passagem que alista as qualificações para um presbítero também trata do caráter interativo e relacional de sua função na igreja. Na passagem de 1 Timóteo 3, há um destaque para estas duas qualidades: "moderado" e "não contencioso" (v. 3), mas a pergunta retórica "Terá cuidado da igreja de Deus?" é talvez a qualidade mais específica. As palavras "ter cuidado de" (v. 5) possuem forte ênfase pastoral e edificadora, e a analogia maior no cuidado com sua própria família é uma característica ainda mais patente.

Essas qualidades apontam para um traço óbvio do ministério pastoral. Sem implicar que o pastor deve ser o que se costuma chamar de "pessoa popular", elas dão a entender que ele deve ter um "coração voltado para as pessoas".

Um coração altruísta nem sempre é claramente visível, ainda mais se for identificado e medido pelos diferentes padrões das Escrituras. Os que observam o pastor tendo dificuldades em interagir com as pessoas podem concluir que ele não tem o coração voltado para elas e, por isso, não é chamado para o ministério do Evangelho. Generalizações precipitadas desse tipo são infelizes.

Alguns pastores possuem personalidades naturalmente gregária e agradável. Outros são provenientes de famílias muito comunicativas em que aprenderam a habilidade de interagir com pessoas desde cedo. Alguns precisam de tempo para desenvolver-se nessa área e ainda outros sempre expressarão sua afeição pelas ovelhas de uma forma reservada. Essas habilidades de comunicação não devem ser o critério para medir se o pastor é altruísta.

Ao tentar pesar o coração do pastor, a pessoa deve evitar julgamentos precipitados baseados em indícios superficiais. Muitos pastores altruístas podem não ser habilidosos na demonstração de sua compaixão, mas dentro deles existe um compromisso pleno de dar a vida pelas ovelhas. Por outro lado, muitos que fazem grandes demonstrações em palavras carecem da verdadeira compaixão. Falar é fácil. Nem sempre se pode julgar um livro pela capa. O que conta é o que está dentro.

Que dizer do coração do pastor em relação aos que estão fora da igreja de Deus? Paulo dá uma prioridade; primeiro os da família de Deus, depois os descrentes ao redor: "Façamos o bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6.10). Quando um doutor da lei perguntou: "Quem é o meu próximo?" (Lc 40.29), Jesus respondeu à verdadeira pergunta dele: "A quem devo amar o suficiente para demonstrar compaixão e cuidado?" A resposta de Jesus acusava os líderes religiosos (sacerdotes e levitas, os pastores da época), aqueles que deviam ter sido pastores exemplares (lembre-se de Zacarias). Até um samaritano cuidaria de um homem espancado e roubado! Quando Jesus inquiriu o doutor da lei: "Qual destes três te parece que foi o próximo?", o doutor respondeu corretamente (talvez, relutante): "O que usou de misericórdia para com ele". Jesus reforçou o assunto e respondeu: "Vai e faze da mesma maneira" (Lc 10.36,37). Negar compaixão a uma pessoa necessitada é contradizer o próprio significado do termo. Mais uma vez, redefinir o evangelho em face de uma necessidade social premente é distorcer e diminuir a *maior* das necessidades humanas.[14]

4. Liderar pelo cultivo da maturidade. Paulo e seus companheiros missionários tinham compaixão pelo próximo, mas a prioridade deles era a necessidade que as pessoas tinham do ministério da Palavra. Expressando-se de forma um pouco diferente, eles praticavam melhor o amor pelas pessoas dando-lhes o que elas mais precisavam — ensino bíblico. Isso não significa que não realizavam obras diaconais, mas que estas necessidades não encobriam a necessidade básica. Uma das passagens que capta melhor a essência do cuidado pastoral com o rebanho é 1 Tessalonicenses 2.1-12. Após uma prolongada discussão sobre os motivos pelos quais Paulo *não* chegou à igreja de Tessalônica,

o amado apóstolo selecionou os termos mais carinhosos caracterizados por metáforas paternais: "Antes, fomos brandos entre vós, como a *ama* que cria seus filhos" (1 Ts 2.7). E outra vez, após mais algumas expressões sobre o interesse pastoral por eles: "Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o *pai* a seus filhos" (1 Ts 2.11, grifo meu).[16]

Paulo relembra aos crentes que podia ter se aproximado deles com grandes demonstrações de sua autoridade apostólica, mas isso não condiria com o amor que nutria por eles. Atenção individual, admoestação gentil e edificação são evidentes nessa passagem. Com certeza, essa postura variava, mas ninguém pode discutir o fato de que esse era o ideal. Que ideal? Paulo expõe sua intenções no versículo 12: "Para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória" (1 Ts 2.12).

Ele prossegue com seu alvo maior, que é dar orientação para um andar digno por meio da "palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes" (v. 13). O instrumento de edificação empregado pelo pastor é a Palavra de Deus reforçada pelo exemplo pessoal. Esse é o alimento adequado para o crescimento das ovelhas. Paulo é coerente nesse ponto.

Mais uma vez, isso não significa que o pastor seja insensível às necessidades físicas. Aliás, o pastor deve ser um modelo de interesse (apesar de priorizar o espírito) pelos necessitados (por exemplo, os deficientes físicos e mentais). Ao fazê-lo, ele estará seguindo o exemplo de seu Criador, bem como as ordens bíblicas explícitas. Mas ele deve encarar suas necessidades *espirituais* como o alvo de seus esforços. Essas são as maiores necessidades humanas.

5. Liderar guardando o rebanho do mal. Em Atos 20, num contexto que discorre sobre a imagem do pastor, o apóstolo Paulo acrescenta outra dimensão à tarefa pastoral. Um pastor amoroso e cuidadoso não somente alimenta as ovelhas de Cristo com a Palavra de Deus, como também as guarda (mas primeiro guarda a si mesmo!) contra os predadores espirituais. Estes surgem tanto de fora do aprisco como, infelizmente, de dentro. Esses lobos consomem o rebanho em vez de alimentá-lo. A analogia é eloqüente. O pastor não alimenta o rebanho visando o que poderia obter dele, como fazem os lobos — essa é a essência do verdadeiro coração de pastor. O argumento de Paulo é um desafio: os presbíteros efésios devem ser pastores atentos, porque Paulo, por três anos inteiros, não cochilou em sua vigilância pastoral. O apóstolo demonstrou que

16. Compare a ênfase familiar em 1 Timóteo 3.5.

seu ministério era sincero quando derramou lágrimas por eles. Paulo devolveu o posto a Deus, o Sumo Pastor, que completaria o pastorado, pois sabia onde começava e onde terminava sua responsabilidade. Podia pastorear compassivamente, mas conseguia seguir quando chegava a hora.

Cuidado e Direção

Voltando à questão inicial, a função principal do pastor é o *cuidado* ou a *direção*? Vê-se que, sem dúvida, a resposta é *ambas*. O pastor que não negligencia a Palavra de Deus para "servir às mesas" pode esperar o mesmo resultado obtido com a estratégia de Atos. "E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos" (At 6.7). Se o pastor não desiste das pessoas, mas expressa sua compaixão, alimentando-as por meio de exortação, encorajamento e apelos para que atendam à Palavra, terá a alegria de ver suas ovelhas "conduzindo-se dignamente diante de Deus" (1 Ts 2.12). Mas seu amor pelas pessoas deve ser grande o suficiente para cuidar(*nouthete–o*) delas com lágrimas (At 20.31).

Ele também deve estar preparado para enfrentar uma realidade desafiadora às ovelhas, inclusive a si mesmo: as pessoas estão procurando por alguém ,um pastor que lhes atenda às necessidades *do jeito que elas definem e priorizam*. Uma resposta às filosofias de crescimento e de missão das igrejas voltadas para o consumo vem da revista *Time*, num artigo intitulado "The Church Search" (a busca da igreja). O autor retrata os *baby boomers* como um segmento de freqüentadores de igreja que já haviam desistido uma vez de continuar juntos. Eles voltaram e agora estão à caça de uma igreja que atenda às suas necessidades, mas aquelas segundo eles definem e priorizam. O autor diz: "Muitos dos que redescobriram a freqüência na igreja podem, entretanto, ser enganados, se o centro de sua fé parecer levemente deslocado da glorificação de Deus para a gratificação do homem".[17]

Um pastor deve preparar-se para redirecionar os interesses de seu rebanho para além dos pastos verdes e das águas tranqüilas, ou seja, para a glorificação de Cristo e busca de seu Reino em primeiro lugar. O Céu vem mais tarde. Em suma, as ovelhas devem ser nutridas, mas as boas ovelhas compreendem que a direção e a proteção espirituaisl são a essência da nutrição.

17. "The Church Search", *Time*, 5 de abril de 1993, 49.

Que dizer do pastor que perdeu sua paixão espiritual? O pastor, em sua rotina de ministério, fica tão preocupado com o crescimento espiritual dos outros que negligencia a si próprio ou a sua própria família. Na tentativa de manter-se com seus próprios recursos ou numa dieta firme de auto-ajuda, ele permite que o caráter pessoal de sua função torne-se sobremaneira difícil. Às vezes, será difícil de todo jeito, mas na realidade sua fadiga está muito mais relacionada à exaustão espiritual que à física. O apóstolo Paulo escreveu a um Timóteo espiritualmente cansado que havia escorregado para um estado de fraqueza. Seu conselho? Você tem todas as fontes de poder de que necessita; seja forte (2 Tm 2.1). Paulo não precisou mencionar quem de fato fortalece. Timóteo sabia, mas, como todos nós, precisava de um pequeno lembrete.

Uma carta do quinto século de um pastor a outro pastor seu amigo, "contestado", que estava pensando em deixar o ministério para "viver quieto e tranqüilo" em vez de "continuar no ofício que lhe foi delegado", é atual e encorajador.

> Fico surpreso, meu caro, que estejas perturbado com a oposição em conseqüência das ofensas, qualquer que seja sua causa, a ponto de dizer que preferes livrar-te dos labores de teu bispado e viver quieto e tranqüilo, a continuar no ofício delegado a ti. Mas o Senhor diz: "Bem-aventurados os que perseverarem até o fim". De onde viria essa bendita perseverança, senão da força da paciência? Pois como proclama o apóstolo: "Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições". E não são apenas perseguições calculadas, quando a espada ou o fogo ou outro instrumento ativo é empregado contra a religião cristã, pois a perseguição direta muitas vezes é infligida pelo não-conformismo, pela desobediência persistente e pelas farpas de línguas maldosas, e uma vez que todos os membros da igreja são sempre vulneráveis a esses ataques e nenhuma porção dos fiéis está livre da tentação, de modo que a vidavenha a ser de tranqüilidade e labor, sem perigo, quem guiará o navio por entre as ondas do mar se o timoneiro abandonar o posto? Quem guardará as ovelhas das armadilhas dos lobos, se o pastor não estiver vigilante? Quem resistirá aos ladrões e roubadores se o amor pela quietude afastar o guarda colocado para manter a visão no rigor da vigilância? A pessoa deve, portanto, permanecer no ofício que lhe foi delegado. A justiça deve ser mantida com firmeza, misericórdia e amor. O pecado deles deve ser odiado, mas não os indivíduos. O orgulhoso deve ser advertido, o fraco, sustentado; e aqueles pecados que exigem punição severa devem ser tratados não com

> espírito de vingança, mas com desejo de cura. E, se uma tempestade mais feroz de tribulação nos atingir, não sejamos consumidos pelo terror como se tivéssemos de vencer o desastre por nossas próprias forças, pois tanto nosso conselho como nossa força é Cristo, e por meio dEle podemos todas as coisas. Ele nos alerta: "Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos". E de novo diz: "Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo". Não podemos deixar que nenhuma ofensa enfraqueça essas promessas, para não parecermos ingratos com Deus por nos ter feito seus vasos escolhidos, uma vez que a sua assistência é poderosa, e suas promessas, verdadeiras.[18]

Visto que o pastor (e toda esposa de pastor!) enfrentam dificuldades interpessoais na obra de Deus, o coração dele deve receber energia externa. Deus nos concede meios para nos relacionarmos com Ele. Quando o coração do pastor se derrete como cera, Deus concede a força do Espírito para que ele seja consolado. Ecoando as palavras de Leão, "tanto nosso conselho como nossa força é Cristo, e por meio dele podemos todas as coisas".

O pastor, quando corre por suas próprias forças, logo é tentado a deixar o ministério. Mas o pastor que mantém seu relacionamento com o Sumo Pastor terá recursos para amar o povo de Deus sacrificialmente porque "a assistência de Deus *é* poderosa, e suas promessas, verdadeiras".[19]

18. Leão, o bispo, a Rústico, bispo de Gália Narbonense (Carta 167.1-3, parágrafo 2), citado por Philip L. Culbertson e Arthur Bradford Shippee, eds., *The Pastor: Readings from the Patristic Period* (Minneapolis: Fortress, 1990), 192-93.

19. Ibid., 15 (grifo meu).

PARTE IV

PERSPECTIVAS PASTORAIS

14. O Culto
15. A Pregação
16. O Exemplo
17. A Liderança
18. A Evangelização
19. O Discipulado
20. A Vigilância
21. Observando as Ordenanças
22. Respostas às Perguntas Mais Freqüentes

14

O Culto

John MacArthur, Jr.

Muito do que aparece na igreja hoje sob o título "culto" é inaceitável para Deus. As Escrituras contêm pelo menos quatro categorias de adoração falsa. Deus criou o culto para serem a honra e a adoração dirigidas a Ele. O culto possui dimensão exterior, interior e superior e afeta cada área da vida do cristão no fazer o bem, no compartilhar com os outros e no louvor a Deus. Ele é a base de seu comportamento e ministério. A igreja precisa retornar à essência básica do verdadeiro culto, sem se distrair com atividades destituídas de honra e de adoração a Deus.[1]

A palavra *culto* muitas vezes evoca imagens de estruturas santas e rituais sagrados. A maior parte das religiões do mundo são assim. Muitos consideram os rosários, os cilindros de oração, as artes sacras e coisas desse tipo essenciais para a experiência do culto. Nessas religiões, o culto não é aceitável, a menos que envolva uma cerimônia prescrita, realizada em algum lugar sagrado estabelecido. O *culto* passou assim a significar *ritual.* Mesmo em algumas tradições cristãs, velas, incenso, vestes sagradas e liturgia têm se tornado virtualmente sinônimos de culto.

Esses elementos e práticas têm às vezes induzido os evangélicos a uma postura descuidada em relação ao culto. Na última década, surgiu uma série de novos livros sobre este tema, escritos por autores evangélicos. Alguns deles contêm material excelente, mas muitos caem na armadilha, igualando culto e

1. Partes deste capítulo são adaptadas de *The Ultimate Priority* (Chicago: Moody, 1983) e usados com permissão.

liturgia. Assim, quando defendem um aprofundamento na experiência evangélica de culto, com muita freqüência o que de fato têm em mente é uma liturgia mais formal. Um livro que aborda outros aspectos do culto afirma repetidas vezes que o culto evangélico não é tão rico quanto os das tradições católica e ortodoxa oriental. O autor parece sugerir que, sem uma liturgia formal com solenidade e cerimônias, o culto fica aleijado.

A quantidade de pessoas que defendem essa idéia é assustadora. Ouvi recentemente um homem dizer, no rádio, que freqüenta "uma igreja evangélica pela pregação e uma anglicana, pelo culto". Isso é uma compreensão deficiente do que as Escrituras ensinam acerca do culto.

Jesus mesmo tratou desse erro. Você se lembra da conversa que ele teve com a mulher samaritana? Ela estava ansiosa para saber se o lugar mais aceitável para adorar a Deus era o templo em Jerusalém ou o lugar sagrado dos samaritanos, o monte Gerizim (Jo 4.20). Jesus lhe disse:

> Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.21-24).

Em outras palavras, não é o lugar ou as formas externas do culto que realmente importam, mas a atitude do coração do adorador diante de Deus. O aprofundamento de nosso culto não se realiza com uma liturgia mais formal; aliás, isso pode ser de fato contraprodutivo. O aprofundamento do verdadeiro culto ocorre quando o coração do adorador torna-se mais sincero e quando a verdade consome a sua mente. Todo culto que não é oferecido em espírito e em verdade é totalmente inaceitável para Deus — por mais belas que sejam suas formas externas.

Culto Desviado

As Escrituras são muito claras a esse respeito. Aproximadamente, metade de tudo o que a Bíblia fala acerca do culto é uma condenação do falso culto. Os dois primeiros dos Dez Mandamentos são proibições contra o falso culto:

> Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de

> escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas *nem as servirás; porque eu, o* SENHOR, *teu* Deus, *sou zeloso* (Êx 20.2-5).

Considere a grande parcela do Antigo Testamento que descreve as conseqüências malignas do culto falso. Caim e Abel, os israelitas e o bezerro de ouro no Sinai, Nadabe e Abiú oferecendo fogo estranho, a intromissão do rei Saul no ofício sacerdotal, os confrontos de Elias com Jezabel e os sacerdotes de Baal, e a imagem de ouro de Nabucodonozor são, todas, variações desse mesmo tema. Deus não aceita culto que não seja oferecido em espírito e em verdade.

Muitas pessoas acreditam que Deus aceitará qualquer coisa oferecida por adoradores bem-intecionados. Está claro, porém, que a sinceridade não é prova de um culto verdadeiro. Qualquer culto anormal ou elaborado por conta própria são totalmente inaceitáveis para Deus. Considere quantas vezes isso é reiterado na lei do Antigo Testamento. E, note a severidade com que Deus ameaça os que adoram falsamente:

> Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te *encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o* SENHOR, teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia em milhares aos que me amam e guardam os meus mandamentos (Êx 20.4-6).
>
> Guarda-te que não faças concerto com os moradores da terra aonde hás de entrar; para que não seja por laço no meio de ti. Mas os seus altares transtornareis, e as suas estátuas quebrareis, e os seus bosques cortareis. Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do SENHOR é Zeloso; Deus zeloso é ele. Para que não faças concerto com os moradores da terra, e não se prostituam após os seus deuses, nem sacrifiquem aos seus deuses, e tu, convidado deles, comas dos seus sacrifícios (Êx 34.12-15). O SENHOR, teu Deus, temerás, e a ele servirás, e pelo seu nome jurarás. Não seguireis outros deuses, os deuses dos povos que houver à roda de vós; porque o SENHOR, teu Deus, é um Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do SENHOR, teu Deus, se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra (Dt 6.13-15).
>
> Será, porém, que, se, de qualquer sorte, te esqueceres do SENHOR, teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu protesto contra vós que certamente perecereis (Dt 8.19).

> Guardai-vos, que o vosso coração não se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos inclineis perante eles; e a ira do SENHOR se acenda contra vós, e feche ele os céus, e não haja água, e a terra não dê a sua novidade, e cedo pereçais da boa terra que o SENHOR vos dá (Dt 11.16,17).
>
> Guarda-te que te não enlaces após elas, depois que forem destruídas diante de ti; e que não perguntes acerca dos seus deuses, dizendo: Assim como serviram estas nações os seus deuses, do mesmo modo também farei eu. Assim não farás ao SENHOR, teu Deus, porque tudo o que é abominável ao SENHOR e que ele aborrece fizeram eles a seus deuses, pois até seus filhos e suas filhas queimaram com fogo aos seus deuses. Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás (Dt 12.30-32).
>
> Porquanto te ordeno, hoje, que ames o SENHOR, teu Deus, que andes nos seus caminhos e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas e te multipliques, e o SENHOR, teu Deus, te abençoe na terra, a qual passas a possuir. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido para te inclinares a outros deuses, e os servires, então, eu te denuncio, hoje, que certamente, perecerás; não prolongarás os dias na terra a que vais, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuas (Dt 30.16-18).

Cultuar Falsos Deuses

As Escrituras delineiam pelo menos quatro categorias inaceitáveis de culto: cultuar falsos deuses, cultuar de forma errada o Deus verdadeiro, cultuar à nossa própria maneira o Deus verdadeiro e cultuar com atitude errada o Deus verdadeiro. O Deus da Bíblia é o único Deus, e Ele é um Deus zeloso que não tolera o culto a outro deus. Em Isaías 48.11, Ele afirma: "A minha glória não a darei a outrem". Êxodo 34.14 diz: "Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do SENHOR é Zeloso; Deus zeloso é ele".

A fascinação pelos falsos deuses parece irresistível aos que deixam o Deus verdadeiro. Aliás, a tendência natural da humanidade pecadora é buscar um culto falso. Romanos 1.21 acusa toda a raça humana desse pecado. "Tendo conhecido a Deus", escreve Paulo, "não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças". De fato, quando se recusaram a cultuar a Deus, começaram a fabricar imagens. Eles "mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis" (v. 23).

Eles se recusaram a cultuar a Deus, voltando-se para falsos deuses. Isso é inaceitável. O versículo 24 fala da conseqüência de cultuar um deus falso: "Deus os entregou às concupiscências do seu coração". O versículo 28 acrescenta: "Deus os entregou a um sentimento perverso".

O resultado de seu culto indevido foi que Deus simplesmente os entregou ao pecado e às suas conseqüências. Você conseguiria imaginar algo pior? O pecado deles cresceu, passando a ser o fator dominante de suas vidas. Em suma, eles enfrentaram julgamento, sem desculpas para seus atos (Rm 1.32—2.1).

Todos cultuam — até os ateus. Estes cultuam a si mesmos. Quando as pessoas rejeitam o Senhor, sempre cultuam deuses falsos. Esses deuses não são necessariamente pessoas. É possível cultuar dinheiro, objetos materiais, popularidade ou poder. Todas essas coisas são idolatria, tanto quanto adorar um deus de pedra — idolatria que Deus condena no primeiro e no segundo mandamento.

A maioria das pessoas que cultuam coisas materiais o faz sem ter consciência de que está cultuando deidades. Isso seria idolatria? Sem dúvida. Jó 31.24-28 afirma:

> Se no ouro pus a minha esperança ou disse ao ouro fino:
> Tu és a minha confiança;
> Se me alegrei de que era muita a minha fazenda
> E de que a minha mão tinha alcançado muito;
> Se olhei para o sol, quando resplandecia,
> Ou para a lua, caminhando gloriosa;
> E o meu coração se deixou enganar em oculto,
> E a minha boca beijou a minha mão,
> Também isto seria delito pertencente ao juiz;
> Pois assim negaria a Deus, que está em cima.

Jó foi um homem justo que se recusou a cultuar sua riqueza material. Fazê-lo, afirma, seria negar a Deus. É um pensamento sério sobre o qual muitos cristãos desta época materialista fariam bem em meditar com cuidado. Cristãos professos abominam a superstição e a falta de firmeza dos israelitas quando lêem no Antigo Testamento acerca de suas recaídas constantes no culto pagão, mas se esquecem do próprio hábito de pôr a confiança em coisas materiais e de colocar o coração em casas, carros e bens temporários. Eles são, na realidade, culpados do mesmo pecado de idolatria.

A idolatria também possui outras formas. Habacuque 1.15,16, descreve o falso culto dos caldeus: "Ele a todos levanta com o anzol, e apanha-os com a sua rede, e os ajunta na sua rede varredoura; por isso, ele se alegra e se regozija. Por isso, sacrifica à sua rede e queima incenso à sua draga". "Sua rede" era o seu poderio militar, e o deus que cultuavam era o poder armado — também um deus falso.

Mesmo hoje, as pessoas formulam deuses sobrenaturais, supostas deidades. O crescimento do movimento da Nova Era produziu um reavivamento das religiões pagãs. As pessoas hoje estão cultuando deusas, animais, seres espirituais e até deidades mitológicas terrenas numa escala ímpar. Esse tipo de culto remonta à Idade Média e nada mais é que um culto aos demônios. Em 1 Coríntios 10.20, verificamos que as coisas sacrificadas aos ídolos são na realidade sacrificadas aos demônios. Portanto, se as pessoas cultuam entidades falsas, estão na verdade cultuando os demônios que se personalizam nesses falsos deuses.

Que tolice cultuar a criação em lugar do Criador! Em Atos 17.29, Paulo fez esta observação: "Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens". Os que foram criados à imagem de Deus não devem ousar refazê-lo, formando outra imagem (veja Rm 1.21,25).

Cultuar de Forma Errada o Deus Verdadeiro

Êxodo 32.7-9 registra a resposta de Deus quando os israelitas fizeram um bezerro de ouro para adorar:

> Então, disse o Senhor a Moisés: Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir do Egito, se tem corrompido, e depressa se tem desviado do caminho que eu lhes tinha ordenado; fizeram para si um bezerro de fundição, e perante ele se inclinaram, e sacrificaram-lhe, e disseram: Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito.

Quando os israelitas construíram o bezerro de ouro, pensaram que estavam adorando a Deus, mas ao reduzi-lo a uma imagem, estavam corrompendo tanto o culto como o conceito de Deus. Esse é o motivo pelo qual o Senhor condena tal idolatria. É impossível reduzir Deus a uma forma representada por uma estátua ou pintura. Os que adoram tais coisas podem crer que estão

cultuando o Deus verdadeiro, mas seu culto o denigre sendo, portanto, inaceitável.

Anos após o incidente no Sinai, Moisés disse à assembléia dos israelitas:

> Também o SENHOR me ordenou, ao mesmo tempo, que vos ensinasse estatutos e juízos, para que os fizéssemos na terra a qual passais a possuir. Guardai, pois, com diligência a vossa alma, pois semelhança nenhuma vistes no dia em que o SENHOR, vosso Deus, em Horebe, falou convosco, do meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem, figura de macho ou de fêmea; figura de algum animal que haja na terra, figura de alguma ave alígera que voa pelos céus, figura de algum animal que anda de rastos sobre a terra, figura de algum peixe que esteja nas águas debaixo da terra; e não levantes os teus olhos aos céus e vejas o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus, e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o SENHOR, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus (Dt 4.14-19).

Quando Deus se revelou para os israelitas, não se fez representar por nenhuma forma visível. Propositadamente, não havia nenhuma representação tangível de Deus. Por quê? Porque Deus não queria ser reduzido a uma imagem. Isso condiz com Deus ao longo de todas as Escrituras.

Somente a encarnação de Cristo era adequada para revelar Deus de uma forma tangível. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1.18). Existe, portanto, um quê de maravilhoso nas palavras de João quando escreve:

> O que era desde o princípio, o que *vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram* da Palavra da vida (porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi *manifestada*), o que *vimos* e *ouvimos*, isso vos anunciamos (1 Jo 1.1-3, grifos meus).

Somente Cristo pode revelar Deus em alguma forma visível ou tangível. Tentar expressar Deus em outra imagem menor é cometer idolatria.

De fato, a pessoa deve guardar até seus pensamentos a respeito de Deus. Visualizar o Senhor como um velho de barba sentado num trono é inaceitável. A idolatria não começa com o martelo do escultor; mas na mente. Como visualizar

Deus? Impossível! Nenhuma concepção visual de Deus pode representar de forma apropriada e adequada a sua glória eterna. Talvez seja essa a razão de a Bíblia descrevê-lo como uma luz. É impossível fazer uma estátua da luz.

Cultuar à Nossa Própria Maneira o Deus Verdadeiro

Isso é um falso culto e iguala-se à adoração de um ídolo de pedra. Deus não o aceita.

Os fariseus tentavam cultuar o Deus verdadeiro por meio de um sistema concebido por eles mesmos, e Jesus lhes disse: "Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição?" (Mt 15.3). O culto deles era uma abominação.

A base da regra bíblica de culto é o princípio da *sola Scriptura* — somente as Escrituras. Em se tratando do culto, tudo o que as Escrituras não ordenam expressamente é proibido. "Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardeis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos mando" (Dt 4.2). "Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás" (Dt 12.32). Ambas as ordens aparecem no contexto de leis dadas para regulamentar o culto e limitam todas as formas de culto ao que é expressamente ordenado na lei.

Cultuar com Atitude Errada o Deus Verdadeiro

De longe, o tipo mais sutil de culto falso — mais difícil de medir por aparências externas que qualquer um dos três já mencionados é o culto ao Deus verdadeiro que procede da maneira correta, porém com uma atitude errada. Mesmo com a eliminação de todos os deuses falsos, de todas as imagens do Deus verdadeiro e de todos os modos individuais concebidos, o culto ainda será inaceitável se a atitude do coração não for correta. O culto verdadeiro requer devoção da alma, mente e força (Lc 10.27). Nesse momento, a pessoa deve oferecer o melhor de tudo o que tem, não os restos (Pv 3.9). Temor e reverência e uma concentração na verdade devem preencher sua mente (Sl 138.2). É isso que significa cultuar em espírito e em verdade. Quanto dos cultos de hoje são classificados como aceitáveis de acordo com esses parâmetros?

Em Malaquias 1, Deus denuncia o povo de Israel pela inadequação de seu culto. "Ofereceis sobre o meu altar pão imundo", disse ele (v. 7). O povo estava tratando o culto com desdém e desrespeito. Oferecendo animais cegos, coxos e doentes (v. 8), em vez de levar o melhor que possuíam, estavam demonstran-

do desprezo pela seriedade do culto. No versículo 10, Deus diz: "Eu não tenho prazer em vós... nem aceitarei da vossa mão a oblação". Deus não aceitava o culto deles, porque não tinham a atitude correta.

Amós também faz-nos perceber a intensidade do ódio de Deus contra o culto prestado com atitudes erradas. Em Amós 5.21-24, Deus diz:

> Aborreço, desprezo as vossas festas, e as vossas assembléias solenes não me dão prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos e ofertas de manjares, não me agradarei delas, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias dos teus instrumentos. Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso.

Oséias viu a mesma verdade. Oséias 6.4-6 apresenta as palavras de Deus:

> Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque a vossa beneficência é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa. Por isso, o abati pelos profetas; pela palavra da minha boca, os matei; e os teus juízos sairão como a luz. Porque eu quero misericórdia e não sacrifícios; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos.

Aquilo era hipocrisia, não culto. As ofertas eram vazias, como muitas hoje, e carregavam a culpa de dar a Deus o símbolo, mas não a realidade.

Isaías 1 traz a mesma acusação:

> De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o SENHOR? Já estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais nédios; e não folgo com o sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecerdes perante mim, quem requereu isso de vossas mãos, que viésseis pisar os meus átrios? Não tragais mais ofertas debalde; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, e os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniqüidade, nem mesmo o ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova, e as vossas solenidades, as aborrece a minha alma; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue (Is 1.11-15).

Leia com atenção os profetas menores. As profecias sobre a destruição de Israel e de Judá resultam do fato de não cultuarem a Deus com a atitude correta.

Talvez a maior necessidade de toda a cristandade seja uma compreensão clara do ensino bíblico acerca do culto. Quando a igreja deixa de adorar de modo apropriado, falha em todas as outras áreas.

É necessário um entendimento renovado do culto. Deus ordena isso. O ministério pastoral depende dessa compreensão. Isso é crucial para um relacionamento pessoal com ele e para um testemunho neste mundo. Ninguém pode se dar ao luxo de ignorá-lo; há muita coisa em jogo.

O Culto Conforme Deus Deseja

Em que ponto as pessoas se desviam em seu entendimento do culto? Com certeza é na falta de compreensão do que seja o verdadeiro culto. Como já notamos neste capítulo, a maioria das pessoas pensa que o culto é algo exterior — ritual, performance, atividade que ocorre num lugar e num tempo demarcados, segundo formas pré-determinadas. Mas isso não é, de modo algum, o espírito do verdadeiro culto.

É impossível isolar o culto ou relegá-lo a apenas um lugar, tempo ou segmento da vida. Agradecer e louvar verbalmente a Deus, vivendo ao mesmo tempo uma vida de egoísmo e carnalidade, é uma perversão. Atos próprios de culto devem ser o produto de uma vida de adoração.

Em Salmos 45.1, Davi escreve: "O meu coração ferve com palavras boas". A palavra hebraica para "ferver" indica, em certo sentido, o que realmente é o louvor. A justiça e o amor aquecem tanto o coração que este, figuradamente, alcança o ponto de ebulição. O louvor é a fervura de um coração aquecido. Lembra o que os discípulos experimentaram no caminho de Emaús: "Não ardia em nós o nosso coração" (Lc 24.32)? Quando Deus aquece o coração com verdade, justiça e amor, a vida resultante de louvor que ferve é a mais verdadeira expressão de culto.

Eis uma definição simples de culto: *Culto é a honra e a adoração dirigida a Deus.* Essa definição é suficientemente detalhada. Um estudo do conceito de culto na Palavra de Deus enriquecerá essa definição.

O Novo Testamento emprega algumas palavras para culto. Duas delas são particularmente notáveis. A primeira é *proskuneo*, um termo amplamente empregado cujo significado literal é "beijar", "beijar a mão" ou "curvar-se". Essa é a palavra empregada para indicar uma adoração humilde. A segunda palavra é *latreuo*, que sugere render honras ou prestar homenagem. *Latreuo* fala do tipo de veneração reverente reservada somente a Deus.

Ambos os termos contêm a idéia de dar, porque cultuar é dar algo para Deus. A fonte anglo-saxônica da palavra inglesa é *weorthscipe*, relacionada ao conceito de dignidade. O culto é atribuir a Deus a sua dignidade, ou declarar e afirmar seu supremo valor.

Assim, falar de culto é falar de algo que *damos* a Deus. O Cristianismo moderno parece comprometido com a idéia de que Deus deve estar dando algo para nós. Deus de fato nos *dá* com abundância, mas precisamos compreender o equilíbrio dessa verdade — devemos render honra e adoração incessante a Deus. Esse desejo consumidor e altruísta de dar a Deus é a essência e o âmago do culto. Ele começa primeiro com o dar de nós mesmos, depois com o dar de nossas atitudes e em seguida com o dar de nossas posses — uma vez que o culto é um estilo de vida.

O Culto em Três Dimensões

Um adjetivo-chave, usado com freqüência no Novo Testamento para descrever os atos apropriados de culto é a palavra *aceitável*. Todo adorador procura ofertar o que seja aceitável. As Escrituras especificam pelos menos três categorias de culto aceitável.

A dimensão externa. Primeiro, a maneira de nos comportarmos com os outros pode refletir o culto. Romanos 14.18 afirma: "Porque quem nisto serve [*latreuo*] a Cristo agradável [aceitável] é a Deus". Qual é essa oferta aceitável a Deus? O contexto revela que é ser sensível ao irmão mais fraco. O versículo 13 afirma: "Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão". Em outras palavras, tratar companheiros cristãos com a devida sensibilidade é um culto aceitável. Isso honra a Deus, que criou e ama as pessoas, e reflete a compaixão e o cuidado de Deus.

Romanos 15.16, define que a evangelização é uma forma de culto aceitável. Paulo escreve que ele recebeu uma graça especial: "Que eu seja ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo". Os gentios conquistados para Jesus Cristo por seu ministério tornaram-se ofertas de culto a Deus. Além disso, os que foram conquistados tornaram-se também adoradores.

Em Filipenses 4.18, Paulo agradece aos filipenses a oferta financeira para ajudá-lo no ministério: "Mas bastante tenho recebido e tenho abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado,

como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus". Aqui, o sacrifício aceitável consiste em doar aos necessitados. Isso glorifica a Deus por demonstrar seu amor.

Assim, é possível expressar culto compartilhando amor com irmãos crentes e o Evangelho com incrédulos, a fim de preencher as necessidades físicas da pessoa. Uma palavra resume tudo: culto aceitável é *dar*. É um amor que compartilha.

A dimensão interior. Uma segunda categoria de culto envolve comportamento pessoal. Efésios 5.8-10 afirma: "Andai como filhos da luz (pois o fruto do Espírito está em toda bondade, justiça e verdade), aprovando o que é agradável ao Senhor". A palavra *agradável* vem de uma palavra grega que significa "aceitável". Nesse contexto, Paulo refere-se à bondade, à justiça e à verdade, dizendo claramente que fazer o bem é um ato aceitável de culto a Deus.

Ele inicia 1 Timóteo 2 incentivando os cristãos a orar pelos que estão em posição de autoridade, a fim de que tenhamos vidas tranqüilas, com piedade e honestidade. Observe com cuidado que as palavras finais no versículo 2 são "piedade e honestidade". O versículo 3 prossegue dizendo: "Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador".

Assim, além do compartilhar (isto é, o efeito do culto nos outros), fazer o bem também é um ato de culto (isto é, seu efeito em nossa própria vida).

A dimensão superior. O culto afeta ainda o relacionamento com Deus. Hebreus 13.15,16, resume maravilhosamente esta dimensão superior. O versículo 15 afirma: "Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome". O culto voltado para Deus é ação de graças e louvor. Com o versículo 16, a passagem junta todas as três categorias de culto: "E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada".

Louvar a Deus, fazer o bem e compartilhar são atos legítimos e bíblicos de culto. Isso inclui todas as atividades e relacionamentos da vida humana. Subentende-se que assim como as Escrituras, de capa a capa, centram-se no tema do culto, também o crente deve dedicar-se a esta atividade, consumindo-se no desejo de empregar cada momento de sua vida em fazer o bem, compartilhar e louvar a Deus.

Culto com Toda a Vida

A compreensão de que o verdadeiro culto afeta cada área da vida enriquece nossa definição original. Devemos honrar e adorar a Deus em tudo.

Paulo faz uma afirmação contundente em Romanos 12.1,2, acerca do conceito de culto com toda a vida. Suas palavras ali seguem-se ao que talvez seja a maior exposição de teologia na Bíblia. Aqueles primeiros 11 capítulos de Romanos são um tratado monumental, começando na ira de Deus, passando pela redenção do homem ao plano de Deus para Israel e a Igreja. Eles incluem todos os grandes temas da teologia da redenção, neles está resposta:

> Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Paulo descreveu nos primeiros 11 capítulos "A compaixão de Deus". O tema desses capítulos é a obra misericordiosa do Senhor em favor da humanidade. Através dessa doutrina, Paulo define a vida cristã e todos os seus benefícios, afirmando que a única reação adequada ao que Deus fez e o ponto de partida para um culto espiritual aceitável é apresentar-se como sacrifício vivo.

Em 1 Pedro, há uma reiteração da mesma verdade básica. O autor bíblico apresenta uma declaração rica e completa do que Cristo fez por nós:

> Graça e paz vos sejam multiplicadas. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo (1 Pe 1.2-5).

Observe a resposta do cristão em 1 Pedro 2.5: "Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo". O argumento de Pedro é idêntico ao de Paulo: por causa do que Deus fez por nós, devemos oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis de culto.

Outra passagem do Novo Testamento em paralelo com Romanos 12.1,2, é Hebreus 12.28,29. O versículo 28 afirma: "Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos [a palavra é uma forma de *latreuo*] a Deus agradavelmente com reverência e piedade". Nossa resposta a Deus inclui tudo, ou seja, nossa prioridade principal e a única atividade que importa é o culto puro e aceitável.

A Ordem das Prioridades

A Palavra de Deus confirma repetidas vezes a prioridade absoluta do culto. Hebreus 11 contém uma lista de heróis da fé incluídos no Antigo Testamento. O primeiro é Abel. Sua vida ecoa uma palavra: *culto*. O único assunto que domina a história de Abel é que ele era um verdadeiro adorador; cultuava de acordo com a vontade de Deus, o qual aceitava sua oferta. Isso é, na realidade, tudo o que sabemos a respeito de sua vida.

A segunda pessoa em Hebreus 11 é Enoque, do qual a única palavra de identificação é *andar*. Ele andou com Deus; viveu uma vida piedosa, fiel e dedicada. Certo dia, ele andou da terra ao Céu!

A terceira pessoa da lista é Noé. A palavra sugerida por Noé é *trabalho*. Ele gastou 120 anos construindo a arca. Isso é trabalho de fé!

Hebreus 11 possui uma ordem que ultrapassa a cronologia. É uma ordem de prioridades: primeiro vem o culto, depois o andar, em seguida o trabalho. A ordem é a mesma que havia na disposição do acampamento de Israel em torno do tabernáculo. Os sacerdotes, cuja função era liderar o povo no culto, acampavam-se imediatamente em torno do tabernáculo. Depois deles vinham os levitas, cuja função era o serviço. As posições ilustravam que o culto era a atividade central, e o serviço, a secundária.

A lei apresentava a mesma ordem. Moisés estabeleceu exigências de idades específicas para cada ministério. De acordo com Números 1.3, um israelita jovem podia servir como soldado aos vinte anos. Números 8.24 afirma que o levita podia começar a trabalhar no tabernáculo quando estivesse com 25 anos de idade. Mas Números 4.3 afirma que, para ser sacerdote e liderar o povo no culto, o homem precisava ter trinta anos. O motivo é simples: a liderança do culto exige o mais alto grau de maturidade, pois sendo uma prioridade na ordem divina, o culto possui significado máximo.

As atividades dos anjos mostram a mesma ordem de prioridade.

Em Isaías 6, o profeta descreve sua visão:

> No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo. Os serafins estavam acima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobriam o rosto, e com duas cobriam os pés, e com duas voavam. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória (vv. 1-3).

Os serafins formam uma classe de seres angelicais associados à presença de Deus. É particularmente interessante notar que, das suas seis asas, quatro estavam ligadas ao culto e apenas duas ao serviço. Eles cobriam os pés para proteger a santidade de Deus. Eles cobriam as faces porque não podiam fitar sua glória. Com as duas asas restantes, eles voavam e cuidavam de todas as tarefas exigidas pelo serviço.

É necessário manter o ministério no devido lugar. Gibbs observa corretamente que o ministério é aquele que desce do Pai, por meio do Filho, no poder do Espírito, mediante a instrumentalidade humana. O culto começa no instrumento humano e sobe pelo poder do Espírito Santo, mediante o Filho, rumo ao Pai.[2]

No Antigo Testamento, o profeta era um ministro da Palavra e falava de Deus para o povo. O sacerdote, que conduzia o culto, falava do povo para Deus. O culto é o elemento perfeito para fazer o equilíbrio com o ministério, mas a ordem de prioridade começa no culto, não no ministério.

Lucas 10 contém o conhecido relato da visita de Jesus a Maria e a Marta:

> E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada (vv. 38-42).

O culto é o primeiro fator essencial na vontade de Deus — o grande *sine qua non* de toda experiência cristã, e o serviço é uma decorrência maravilhosa e necessária disso.

Mais tarde, Jesus ensinou uma lição semelhante, mais uma vez na casa de Maria e Marta, enquanto Lázaro, irmão delas, a quem Jesus havia ressuscitado dentre os mortos, permanecia ali:

> Fizeram-lhe, pois, ali uma ceia, e Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. Então, Maria, tomando uma libra de ungüento

2. A. P. Gibbs, *Worship* (Kansas City: Walterick, s.d.), 13.

> de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do ungüento. Então, um dos seus discípulos, Judas Iscariotes, filho de Simão, o que havia de traí-lo, disse: Por que não se vendeu este ungüento por trezentos dinheiros, e não se deu aos pobres? Ora, ele disse isso não pelo cuidado que tivesse dos pobres, mas porque era ladrão, e tinha a bolsa, e tirava o que ali se lançava. Disse, pois, Jesus: Deixai-a; para o dia da minha sepultura guardou isto. Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes (Jo 12.2-8).

O que Maria fez era muito humilhante. O cabelo da mulher é a sua glória; e os pés do homem sujos de pó ou de lama das estradas não são glória de ninguém. Usar um ungüento tão caro (que custaria um ano de salário) parecia um desperdício incrível para os pragmáticos. Note que Judas Iscariotes representava a visão pragmatista, e Jesus o censurou por tal atitude. O ato de Maria era um culto sincero, portanto o Mestre a elogiou por ter compreendido a prioridade.

Como Estamos Cultuando?

Infelizmente, o elemento de culto está muito ausente da igreja em todas as suas atividades! Alguns anos atrás, li num jornal o relato de uma festa de batismo no subúrbio rico de Boston. Os pais haviam aberto seu palacete aos amigos e parentes que vieram celebrar o maravilhoso evento. Quando a festa estava em andamento, com as pessoas se divertindo maravilhosamente, comendo, bebendo, comemorando e desfrutando da companhia umas das outras, alguém perguntou: "Por falar nisso, onde está o bebê?"

O coração da mãe saltou. No mesmo instante, ela deixou a sala e correu para o quarto principal onde havia deixado o bebê dormindo sobre uma cama enorme. O bebê estava morto, sufocado pelos casacos dos convidados.

Sempre penso nisso em relação ao tratamento que o Senhor Jesus Cristo recebe de sua própria igreja. Estamos atarefados, na suposição de estar celebrando sua pessoa, enquanto Ele fica sufocado sob os agasalhos dos convidados.

Temos muitas atividades e pouco culto. Somos grandes em ministério e pequenos em adoração. Somos desastrosamente pragmáticos. Só queremos saber do que funciona. Queremos fórmulas e truques e, de alguma maneira, no meio do processo, deixamos de fora a tarefa para a qual Deus nos chamou.

Somos Marta em excesso e Maria de menos. Estamos tão envolvidos no fazer que perdemos o ser. Somos programados, informados, planejados e ocupados — mal cultuamos! Temos nossas funções, nossas promoções, nossos objetivos, nossos esforços voltados para o sucesso, preocupados com números, tradicionais e até passageiros. Porém, é muito comum nos escapar um culto aceitável, verdadeiro e espiritual.

Anos atrás, A. W. Tozer chamou o culto de "a jóia perdida da igreja". Se ainda estivesse entre nós, tenho a certeza de que ele reiteraria tal afirmação. Nos Estados Unidos, 350 mil igrejas possuem oitenta bilhões de dólares em prédios dedicados ao culto a Deus. Mas quanto de culto de fato se realiza?

Um explorador conhecido estava percorrendo uma trilha na selva amazônica. Indígenas carregavam as cargas pesadas enquanto ele os dirigia com grande energia para cobrir muito terreno rapidamente. Ao final do terceiro dia descansaram e, quando veio a manhã, sendo hora de voltar a caminhar, os nativos sentaram-se no chão por causa do peso. O explorador tentou de tudo para fazê-los levantar e prosseguir, mas eles não se moviam. Por fim, o chefe lhe disse: "Meu amigo, eles estão descansando até suas almas alcançarem o corpo".

Isso é o que se espera da igreja.

15

A Pregação

John MacArthur, Jr.

Entre as várias responsabilidades atribuídas ao pastor, a pregação coloca-se acima das outras. Paulo, repetidas vezes, salienta a importância da pregação a Timóteo, ressoando uma nota que ecoa continuamente no Novo Testamento. Pontos altos na história da Igreja têm confirmado a importância da pregação bíblica. O fundamento apropriado da pregação é a Palavra de Deus, elemento que falta em muitas pregações contemporâneas. O conteúdo da pregação deve incluir questões didáticas, bem como exortações para que se produza um comportamento de acordo com o ensinado. A pregação é persuasiva para os ouvintes quando feita por alguém que esteja intensamente comprometido. Entre outros aspectos, tal compromisso manifesta-se na labuta do pregador ao preparar seus sermões.[1]

O meio prescrito por Deus para salvar, santificar e fortalecer sua Igreja é a pregação. A proclamação do Evangelho é o que produz fé nos que foram escolhidos por Deus (Rm 10.14). Pela pregação da Palavra vem o conhecimento da verdade que resulta na piedade (Jo 17.17; Rm 16.25; Ef 5.26). A pregação também encoraja os crentes a viver na esperança da vida eterna, permitindo-lhes suportar o sofrimento (At 14.21,22). A pregação fiel da Palavra é o elemento mais importante do ministério pastoral.

---

1. Veja uma discussão abrangente dos elementos-chaves da pregação expositiva em John MacArthur Jr. et al. *Rediscovering Expository Preaching* (Dallas: Word, 1992).

A Pregação Deve Receber a Devida Prioridade

Ao se aproximar do final da vida, o veterano pastor Paulo dirigiu uma exortação a seu jovem protegido, Timóteo:

> Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino, que pregues a palavra, instes a tempo e fora do tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas (2 Tm 4.1.4).

Nessas palavras, que podem ser as últimas que Timóteo recebeu de seu amado mentor, Paulo apresenta a mais alta prioridade pastoral. Embora as responsabilidades do pastorado sejam muitas, conforme indicam os outros capítulos na seção "Perspectivas Pastorais", nada é mais importante que a pregação. Charles Jefferson demonstra boa percepção ao observar:

> A obra pastoral não é simplesmente fazer contatos sociais, é também pregar. O ministro não cessa de ser pastor quando sobe ao púlpito; ali ele assume uma das tarefas mais sérias e pesadas do ministério. Às vezes ouvimos acerca de algum ministro: "É um bom pastor, mas não consegue pregar". A frase é uma contradição em si. Ninguém pode ser um bom pastor se não conseguir pregar, assim como ninguém pode ser um bom pastor de ovelhas se não conseguir alimentar o rebanho. Uma parte indispensável do pastoreio é a alimentação. Algumas das melhores e mais efetivas obras de todo o ministério pastoral são realizadas por meio do sermão. Num sermão, ele pode alertar, proteger, curar, resgatar e nutrir. O pastor adquire uma estatura elevada no púlpito... Quando habilitado nessa obra nunca deixa de alimentar seu rebanho.[2]

Paulo não esperou até o fim da vida para destacar a importância da pregação para Timóteo; foi um tema constante em suas cartas ao jovem pastor. Em 1 Timóteo 4.11, ele instrui Timóteo: "Manda estas coisas e ensina-as". Depois ordena-lhe:

---

2. Charles Jefferson, *The Minister as Shepherd* (Hong Kong: Living Books for All, 1980), 63-64.

> Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá. Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem (1 Tm 4.13,14,16).

Em 1 Timóteo 5.17, ele ordena: "Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina". Depois de dar suas instruções acerca do relacionamento entre senhores e escravos cristãos, Paulo diz a Timóteo: "Isto ensina e exorta" (1 Tm 6.2). Paulo ordena a Timóteo: "O que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros" (2 Tm 2.2). A pregação e o ensino são tão importantes que a única qualidade do presbítero, no que se refere a habilidades ou funções, é que ele seja "apto para ensinar" (1 Tm 3.2).

Essa ênfase à pregação também não era exclusividade de Paulo; ela permeia todo o Novo Testamento. Em Lucas 4.43, o Senhor Jesus Cristo revela o lugar de importância que a pregação ocupava em seu ministério terreno quando diz: "Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do Reino de Deus, porque para isso fui enviado". Aliás, seu ministério terreno foi, em grande parte, um ministério de pregação e de ensino (por exemplo, Mt 4.17; Mc 1.14,38,39; Lc 8.1; 20.1). Ele deixou sua Igreja com a incumbência: "Ide por todo o mundo, pregai" (Mc 16.15).

A pregação também foi central no ministério da Igreja Primitiva, como indica uma leitura superficial de Atos. Imediatamente depois do surgimento da Igreja, no dia de Pentecostes, Pedro pregou e três mil foram convertidos (At 2.14-41). Logo em seguida, Pedro pregou outro sermão importante no pórtico de Salomão, no templo (At 3.11-26). As pregações de Filipe (8.5, 12, 35, 40), Paulo (9.20; 13.5,16-41;14.7,15, 21; 15.35; 16.10; 17.13; 20.25; 28.31), dos apóstolos (4.2; 5.42) e outros na Igreja (8.4; 11.20) também são uma característica importante de Atos.

Ao longo de sua história, a Igreja verdadeira tem dado forte ênfase à pregação bíblica. A pregação ocupou lugar central na Reforma do século XVI, no Avivamento Puritano do século XVII na Inglaterra e no Grande Avivamento do século XVIII. A Igreja do século XIX confrontou-se com o surgimento da onda de apostasia e modernismo através de uma pregação poderosa de homens como Charles Spurgeon, Joseph Parker, Alexander Maclaren e Alexander Whyte.

As palavras de Paulo em 1 Coríntios 1.17-25 resumem melhor a prioridade da pregação:

> Porque Cristo enviou-me não para batizar, mas para evangelizar; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã. Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus. Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação. Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Aos olhos de Deus, ninguém será bem-sucedido no ministério pastoral, se não der o devido lugar à pregação.

A Pregação Deve Receber a Devida Fundamentação

Se a pregação deve desempenhar o papel designado por Deus na igreja, então ela deve ser edificada sobre a Palavra de Deus. Em anos passados, tal declaração teria sido óbvia, até axiomática. Stitzinger escreve: "Um estudo da história da pregação expositiva deixa claro que tal pregação está profundamente arraigada no solo das Escrituras".[3] Infelizmente, isso já não ocorre, mesmo em igrejas evangélicas. Muitas pregações hoje destacam a psicologia, o comentário social e a retórica política. A exposição bíblica assume lugar secundário, suplantada por uma obsessão mal dirigida que busca a "relevância". Mayhue observa: "No alvorecer da década de 1990, existe evidentemente uma inclinação irresistível de focalizar no púlpito o que é *relevante*, com uma conseqüente desatenção para a *revelação* de Deus".[4] Lamentavelmente, "percebe-se uma

3. James F. Stitzinger, "The History of Expository Preaching" *em Rediscovering Expository Preaching*, John MacArthur Jr. et al. (Dallas: Word, 1992), 60.

4. Richard L. Mayhue, "Rediscovering Expository Preaching", *The Master's Seminary Journal 1*, n. 2 (fall 1990), 112.

tendência no meio evangélico contemporâneo: a *distância* da pregação bíblica e a retomada no púlpito de uma abordagem pragmática, tópica, centrada na experiência".[5]

> O problema de tal abordagem na pregação é que os pregadores de hoje não têm autoridade para pregar suas próprias noções e opiniões; eles devem "pregar a palavra" apostólica registrada nas Escrituras. Sempre que os pregadores se afastam do propósito do trecho bíblico, perdem sua autoridade para pregar. Em suma, o propósito de ler, explicar e aplicar um trecho das Escrituras é obedecer à ordem de "pregar a Palavra". De nenhuma outra maneira podemos esperar vivenciar a presença e o poder do Espírito Santo em nossa pregação. Ele não gastou milhares de anos produzindo o Antigo e o Novo Testamento (em certo sentido, a Bíblia é peculiarmente *seu* Livro) para depois ignorá-lo! Aquilo que ele "inspirou" os homens a escrever, agora nos motiva a pregar. Ele não prometeu abençoar nossas palavras; tal promessa estende-se apenas à sua própria palavra (Is 55.10,11). Uma vez que... não há pregação genuína onde o Espírito de Deus não esteja atuando, podemos dizer que o propósito fundamental da pregação baseada na Bíblia é simplesmente que, em qualquer sentido genuíno da palavra, possamos pregá-la![6]

A perda de uma fundamentação bíblica é o motivo primário do declínio da pregação na Igreja contemporânea.[7] E este declínio é o principal fator que contribui para a fraqueza e para o mundanismo na igreja. Portanto, se a igreja quiser readquirir saúde espiritual, a pregação deve voltar a seu devido fundamento bíblico.

Os apóstolos baseavam seu ministério na Palavra. Em Atos 6.4, eles declaram: "Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra". Eles sabiam muito bem que a Palavra de Deus (não a sabedoria humana) é a responsável pelo crescimento espiritual, pois denuncia o pecado e revela a vontade de Deus.

Paulo salientou não apenas a prioridade da pregação, como também seu devido fundamento. A outro de seus protegidos, Tito, ele escreve que o prega-

---

5. John F. MacArthur, Jr., "The Mandate of Biblical Inerrancy: Expository Preaching", *The Master's Seminary Journal* 1, n. 1 (1990), 4.

6. Jay E. Adams, Preaching With Purpose (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 19-20.

7. Veja uma discussão de alguns dos outros fatores envolvidos em D. Martyn Lloyd-Jones, *Pregação e Pregadores* (São José dos Campos: Fiel, 1991), 19-32.

dor deve se destacar por estar "retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes" (Tt 1.9). "Reter firme" vem de *anthecho*, que significa "apegar-se" ou "segurar firme". Um contraste com seu oposto elucida o significado da palavra. Em Lucas 16.13, Jesus disse: "Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou há de aborrecer a um e amar ao outro ou se há de chegar a um e desprezar ao outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom". "Reter firme" (*anthecho*) é o contrário de "aborrecer". Reter firme a Palavra, portanto, é ter grande apreço e devoção pela Palavra. É amá-la, apegar-se a ela e crer nela. Além de um compromisso com sua inspiração e inerrância, também implica um compromisso com sua autoridade e suficiência absoluta.

Somente as Escrituras são o fundamento da pregação. Apenas a Bíblia apresenta a mensagem de salvação e edificação — mensagem que traz vida, a qual Deus deseja ver proclamada no púlpito. As Escrituras são a Palavra fiel, em que se pode crer, confiar, de que se pode depender, em contraste com as palavras da sabedoria humana que não são fidedignas, nem confiáveis. Somente nas Escrituras está a mente de Deus, seu propósito e o seu plano. O salmista escreve:

A lei do SENHOR é perfeita
e refrigera a alma.
O testemunho do SENHOR é fiel,
e dá sabedoria aos símplices.
Os preceitos do SENHOR são retos
e alegram o coração;
O mandamento do SENHOR é puro
e alumia os olhos.
O temor do SENHOR é limpo
e permanece eternamente;
Os juízos do SENHOR são verdadeiros
e justos juntamente.
Mais desejáveis são do que o ouro,
sim, do que muito ouro fino;
E mais doces do que o mel
e o licor dos favos.
Também por eles é admoestado o teu servo;
E em os guardar há grande recompensa (Sl 19.7-11).

Somente as Escrituras são a fonte de alimento espiritual. Pedro insta os crentes: "Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que, por ele, vades crescendo" (1 Pe 2.2). Somente a Bíblia é "poderosa para [nos] edificar e dar herança entre todos os santificados" (At 20.32). Somente nas Escrituras encontramos a sabedoria "para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus" (2 Tm 3.15). Somente a Bíblia "divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça" (2 Tm 3.16).

Os pregadores precisam retornar à sua vocação de expositores das Escrituras e devem fazer como Esdras, que "tinha preparado o seu coração para buscar a Lei do Senhor, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus direitos" (Ed 7.10). Devem ser como Apolo, que se esforçou para ser "poderoso nas Escrituras" (At 18.24), e como Paulo, que compreendeu que foi feito ministro "segundo a dispensação de Deus", a fim de que pudesse "cumprir a palavra de Deus" (Cl 1.25). Somente, assim, poderão recuperar o devido fundamento da pregação.

A Pregação Deve Possuir o Devido Conteúdo

"Os sermões", escreveu Spurgeon, "devem conter ensino valioso e sua doutrina deve ser sólida, substanciosa e abundante".[8] Ele destaca um ponto importante: a pregação não deve ter apenas a devida fundamentação; o devido edifício, mas deve ser construído sobre esse fundamento. A pregação baseada nas Escrituras procurará, naturalmente, comunicar os ensinos das Escrituras. Spurgeon continua, alertando:

> Dirigir apelos aos sentimentos afetivos é excelente, mas se não vão acompanhados de instrução, são apenas um lampejo no panorama, é pólvora gasta, sem acertar o alvo... O método divino é pôr a lei na mente, e depois escrevê-la no coração...
>
> É sadia a informação sobre os assuntos bíblicos que os seus ouvintes desejam ardentemente, e precisam tê-la. Eles têm direito a explicações precisas da Escritura Sagrada, e se cada um de vocês for "um intérprete, um em mil", um verdadeiro mensageiro, as darão com abundância. Qualquer

8. C. H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos,* vol. 2 (São Paulo: PES, 1982), 87.

> coisa mais que esteja presente, a ausência da verdade instrutiva, edificante, à semelhança da ausência de farinha no pão, será fatal.[9]

Na mesma linha, Paulo escreveu a Tito que o pastor deve ser capaz de "admoestar com a sã doutrina" (Tt 1.9). *Admoestar"* vem de *parakaleo*, significando "chamar para dentro", chamar uma pessoa e fortalecê-la. O conceito aqui expresso é o de uma exortação terna, compassiva e vigorosa para que se obedeça às Escrituras. Isso pressupõe, no entanto, que as pessoas aprenderam estas verdades. Não faz sentido fazê-las obedecer a verdades que não compreendem. *"Sã"* vem de *hugiaino*, de que deriva nossa palavra *higiene*. Significa "saudável", "que dá vida" ou "que preserva a vida", em contraste com o erro devastador ou destruidor do falso ensino. Os pastores devem chamar para dentro seus rebanhos e fortalecê-los, levando-lhes o ensino sadio e divino.

O avesso da admoestação com a sã doutrina encontra-se na segunda parte de Tito 1.9. Para ser capaz de proteger suas ovelhas dos "lobos cruéis" (At 20.29) que tentam destruí-las, o pastor deve ser capaz de "convencer os contradizentes". Os falsos mestres têm assolado a Igreja desde seu início e vão continuar assolando. Eles são um perigo mortal contra o qual o pastor deve estar em constante guarda. Jefferson alerta:

> Muitos ministros falham como pastores porque não estão vigilantes. Eles permitem que a igreja seja despedaçada porque caem no sono. Eles tomaram por certo que não existiam lobos, nem aves de rapina, nem ladrões, e enquanto cochilavam chegou o inimigo. Idéias falsas, interpretações destrutivas e ensinos desmoralizantes entraram em seu grupo, e ele nem ficou sabendo... Alguns destes são tão ferozes como os lobos e cruéis hienas que despedaçam a fé, a esperança e o amor, deixando igrejas, antes prósperas, mutiladas e semimortas.[10]

O melhor antídoto para o falso ensino é a doutrina sadia. Spurgeon é sábio ao aconselhar que "o ensino saudável é a melhor proteção contra as heresias que assolam à direita e à esquerda entre nós".[11] Uma congregação bem instruída é muito menos suscetível ao falso ensino. Portanto, a ênfase primária do pastor em sua pregação é estar ensinando a verdade ao seu povo. Há épocas,

---

9. Ibid., 89.

10. Jefferson, Minister as Shepherd, 43-44.

11. Spurgeon, *Lições*, 73.

porém, em que ele precisa refutar o falso ensino publicamente, do púlpito. Os contradizentes, os opositores, os que como Elimas, o mágico, não cessam de "perturbar os caminhos retos do Senhor" (At 13.10) devem ter seus erros anunciados diante da igreja.

Para cumprir seu propósito, a verdadeira pregação bíblica deve conter tanto a proclamação como a instrução, tanto o *kerugma* como o *didache*. O *didache* forma o conteúdo do *kerugma*, pois, conforme observamos acima, as Escrituras são o fundamento da pregação. Mas o pregador deve instar as pessoas a aplicar as verdades bíblicas que aprenderem. Essa é a função do *kerugma* — a proclamação pública com o objetivo de atingir a vontade. O puritano Thomas Cartwright expressa essa verdade: " Como o fogo quando agitado produz mais calor, assim também a Palavra, como que soprada pela pregação, flameja mais nos ouvintes do que quando lida".[12]

Somente quando a pregação tem o seu devido conteúdo é que ela pode cumprir a função que Deus lhe outorgou na igreja. Ela não é um exercício de oratória para o pregador, mas um elemento essencial no crescimento espiritual do corpo de Cristo. Nenhuma passagem das Escrituras afirma isso com mais clareza que Efésios 4.11-16:

> E ele mesmo deu uns para... pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor.

A Pregação Deve Conter o Devido Compromisso

Não era desejo de Paulo tornar-se pregador do Evangelho de Jesus Cristo. Aliás, ele havia dedicado sua vida à destruição da Igreja cristã: "Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia eu praticar muitos

12. Thomas Cartwright, citado por D. Martyn Lloyd-Jones, *The Puritans: Their Origins and Successors* (Edinburgh: Banner of Truth, 1987), 376.

atos" (At 26.9). Em seu caminho para Damasco, no intuito de perseguir a Igreja, Paulo encontrou-se, porém, com o Senhor Jesus Cristo. Este encontro dramático mudou sua vida para sempre, transformando-o do mais terrível perseguidor do Cristianismo em seu defensor mais zeloso. Daquele momento em diante, Paulo proclamou o Evangelho de Cristo com um compromisso superior ao de todos os outros pregadores da História.

Muitos desejam pregar com o mesmo poder de persuasão de Paulo, mas sem um intenso compromisso — impossível. Os que foram chamados para pregar a Palavra de Deus devem perceber que uma dispensação lhes foi confiada, e eles devem estar comprometidos com ela. Paulo compreendeu isso claramente (Tt 1.3). Ele não se voluntariou para o ministério, mas foi "constituído" pregador (1 Tm 2.7; conforme Cl 1.25; 2 Tm 1.11). Aos coríntios confessou: "Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho! E, por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada" (1 Co 9.16,17).

Como uma dispensação de Deus, a pregação exige diligência, disciplina e trabalho árduo. Os que "trabalham na palavra e na doutrina", escreve Paulo, são especialmente "dignos de duplicada honra" (1 Tm 5.17). John Stott escreve:

> A pregação expositiva é uma disciplina muito rigorosa. Talvez seja esse o motivo de ser tão rara. Só vão assumi-la os que estiverem dispostos a seguir o exemplo dos apóstolos e dizer: "Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas... Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra" (At 6.2,4). A *pregação* sistemática da Palavra é impossível sem um *estudo do mesmo nível*. Não basta pinçar alguns versículos na leitura bíblica diária, nem estudar uma passagem apenas quando precisamos pregar a partir dela. Não. Precisamos nos imbuir diariamente das Escrituras. Precisamos não somente estudar, como que através de um microscópio, as minúcias lingüísticas de uns poucos versículos, mas tomar nosso telescópio e esquadrinhar as vastas amplidões da Palavra de Deus, assimilando seu grande tema de soberania divina na redenção da humanidade. "Bem-aventurado", escreveu C. H. Spurgeon, "é penetrar na própria alma da Bíblia, até que, finalmente, venhas a falar em linguagem bíblica e teu espírito seja temperado pelas palavras do Senhor, de modo que a própria essência da Bíblia flua de ti".[13]

13. John R. W. Stott, *The Preacher's Portrait* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 30-31.

Jay Adams é convicto: "Uma boa pregação exige trabalho árduo... Estou convencido de que o motivo básico das pregações pobres é a falta de gastar o devido tempo e energia na preparação".[14] O nobre pastor puritano do século XVII, Richard Baxter, concorda com essa verdade:

> É comum sermos negligentes em nossos estudos. São poucos os que se preocupam em ser bem informados e preparados para a realização progressista da obra. Alguns não têm prazer nenhum em seus estudos, tomando para isso uma hora aqui, uma hora ali, e ainda como uma tarefa não bem-vinda, que são forçados a fazer. Alegram-se quando podem escapar desse jugo.
>
> Que precisamos para manter-nos apegados aos nossos estudos e para fazermos a nossa árdua busca da verdade? Será o desejo natural de aprender? Será o impulso espiritual para conhecermos a Deus? Será a consciência da nossa grande ignorância e fraqueza? Ou será o senso do solene dever que temos para com a obra ministerial? Nem o desejo natural do conhecimento, nem o desejo espiritual de se conhecer a Deus e as coisas divinas, nem a consciência de nossa grande ignorância e fraqueza, nem o peso de nosso ministério — nenhuma dessas coisas deve privar-nos de nossos estudos e impedir-nos de procurar a verdade.
>
> Na verdade, quantas coisas há que o ministro tem de compreender! Quão defeituoso é ignorá-las! Quanto perdemos, quando não utilizamos esse conhecimento em nosso ministério! Muitos ministros só estudam o bastante para o preparo dos seus sermões e pouca coisa mais. Todavia, existem muitos livros que podem ser lidos e vários assuntos com os quais podemos nos familiarizar.
>
> Mesmo em nossos sermões, muitas vezes negligenciamos o estudo mais apurado e deixamos de ir mais fundo, para ver como poderemos fazer com que essas questões invadam os corações das pessoas. Devemos estudar as maneiras de persuadir os outros, de conquistar-lhes o íntimo e de expor a verdade ao vivo — não deixá-la no ar. A experiência nos diz que não podemos ser cultos ou sábios sem um estudo árduo, trabalho incansável e exercício constante.[15]

---

14. Jay E. Adams, "Editorial: Good Preaching is Hard Work", *The Journal of Pastoral Practice* 4, n. 2 (1980), 1.

15. Richard Baxter, *O Pastor Aprovado* (São Paulo: PES, 1996), 82-83.

Os pregadores devem se dedicar a proclamar a verdade em todo o tempo e sob todas as condições, quando convém ou não. Em sua carta de despedida a Timóteo, seu amado filho na fé, Paulo lhe ordena:

> Conjuro-te... que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas (2 Tm 4.1-4).

As estações vêm e vão, as modas chegam e partem, o humor do povo muda constantemente, mas a tarefa do pregador permanece: proclamar fielmente a Palavra de Deus. Numa época como a nossa, em que muitos não "sofrem a sã doutrina", mas querem ter "comichão nos ouvidos", as palavras de Paulo são especialmente instigantes.

Não há lugar para a preguiça no ministério, ainda mais na pregação da Palavra. Todos os pregadores devem lembrar-se das sérias palavras de Tiago: "Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestre, sabendo que receberemos mais duro juízo" (Tg 3,1; conforme Hb 13.17). Os que não assumirem o compromisso de dedicar-se com esforço à pregação devem ficar longe do púlpito.

O Chamado Supremo

A incapacidade de pregar de modo expositivo e didático é indesculpável. Isso só pode ser atribuído à ignorância das implicações de uma Escritura inerrante, inspirada por Deus, ou à indiferença a ela. Deus concedeu sua Palavra a seu povo e espera que seus subpastores o alimente. E a necessidade é grande. Kaiser observa:

> Não é segredo que a Igreja de Cristo não goza de boa saúde em muitas partes do mundo. Ela está desfalecendo porque tem sido alimentada, como se diz atualmente, de "lixo"; todo o tipo de conservantes artificiais e toda sorte de substitutos estão sendo servidos a ela. Por conseguinte, a desnutrição teológica e bíblica afetou a própria geração que tem dado passos tão gigantescos para garantir que sua saúde física não seja prejudicada pelo uso de alimentos ou de produtos

> cancerígenos ou danosos. Simultaneamente, uma fome espiritual de âmbito mundial resultante da falta de alguma proclamação genuína da Palavra de Deus (Am 8.11) continua correndo solta, quase que irrestrita, na maioria das igrejas.[16]

A igreja só recuperará sua força e seu poder espiritual quando a verdadeira pregação bíblica reassumir seu lugar de direito. É privilégio do pregador e sua maravilhosa responsabilidade ser uma parte desse processo. Não existe chamado maior.

16. Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Exegetical Theology* (Grand Rapids: Baker, 1985), 7-8.

16

O Exemplo

George J. Zemek

*Uma parte comumente negligenciada na liderança da igreja local é o meio de prover um estilo de vida exemplar a ser seguido pelo rebanho. O uso de modelos tem sua origem na criação do homem à imagem de Deus, mas por causa da queda e da nova criação do homem em Cristo, tal fato assume renovada importância. O uso que o Novo Testamento faz dos termos τύπος (*tupos, *"tipo") e* μιμετης (mimetes, *"imitador") e seus cognatos dá uma boa idéia da responsabilidade de os líderes da igreja viverem como bons exemplos morais diante dos liderados. Somente quando isso ocorre, o ministério pastoral preenche os padrões bíblicos desse ofício.*

Dizem que um pastor ensinou: "Façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço". Infelizmente, esse adágio franco tem caracterizado numerosos pregadores do passado e do presente, muitos deles reputados como grandes mestres da Palavra de Deus. Entretanto, quando avaliado segundo as qualificações bíblicas de comunicação e caráter, tais ministros ficam lamentavelmente aquém do desejado.

Falar e não fazer, em suas múltiplas formas e contextos, sempre foi particularmente detestável aos olhos do Senhor. Jesus falou à multidão acerca dos escribas e fariseus, dizendo-lhe que seguisse a instrução deles a respeito de Moisés, mas não aos seus exemplos pessoais, porque eles "continuam falando, mas não estão fazendo" (Mt 23.3, tradução do autor, observe o tempo presente no grego). Essa declaração inclui, em última análise, toda uma linhagem de exemplos sombrios de hipocrisia ao longo da história da humanidade decaída.

Todos os homens devem prestar contas a Deus pelas declarações feitas mas não praticadas (Tg 1.22-27); porém, alguns homens, por causa de seu ofício, são considerados mais responsáveis diante de Deus pela *prescrição* desacompanhada de prática (Tg 3.1). Portanto, não surpreende que Paulo destaque a Timóteo e Tito a ordem de Deus para que façam não somente exortações, mas também sejam exemplos (1 Tm 4.12-16; Tt 2.7). De modo semelhante, Pedro, em sua orientação aos presbíteros, destaca a dimensão *demonstrativa* do pastorado (1 Pe 5.1-4).

O que as Escrituras falam acerca da liderança espiritual é intimidador para os ministros contemporâneos do Evangelho. Como podemos nos colocar como exemplos éticos, uma vez que ainda não somos perfeitos? Como podemos declarar "Façam o que eu faço", quando nossa prática não se coaduna com nossa posição? Uma consideração dos contextos macro e microteológicos sobre o uso de exemplos aliviarão um pouco a intimidação, mas Deus deseja que todas as tensões teológicas sejam construtivas. Como nos casos de outros ímãs de grande força na Bíblia, os pólos dessa tensão — isto é, a realidade revelada de que ainda não somos glorificados e a ordem irrefutavelmente clara de que devemos ser exemplos, deve primeiro desenvolver em nós uma humildade genuína e depois uma renovada dependência de Deus e seus recursos.

O Contexto Macroteológico da Exemplificação

Esse contexto de exemplificação é por demais amplo, abrangendo algumas das questões mais panorâmicas da teologia: Cristo *como* a imagem de Deus, a *criação* do homem à imagem de Deus, questões igualmente abrangentes a respeito da teologia de Adão, a história da salvação com uma ênfase especial na recriação moral à imagem e semelhança de Deus e o significado ético das operações da graça soberana do Senhor por seus meios eficientes baseados na Palavra e no Espírito.

A Importância da Imagem

Uma prioridade teológica, em lugar de uma prioridade lógica, é o melhor ponto de partida. Vistas a partir de uma perspectiva histórica, as teologias tradicionais, em geral, começam com a criação da humanidade (originalmente, Adão, ou, do ponto de vista teológico, o primeiro Adão)

"segundo" ou "de acordo com" a "imagem" ou "semelhança" de Deus.[1] Entretanto, o arquétipo teológico, o próprio Cristo, proporciona o melhor ponto de partida. Uma vez que representa de forma singular, o resplendor da glória de Deus e a expressão exata de sua pessoa ou essência (Hb 1.3), e uma vez que somente Ele manifesta a Divindade (Jo 1.18, confira 14.9), o Senhor é a imagem do Deus invisível (Cl 1.15). Por conseguinte, revela e representa plenamente a Deus e se coloca concretamente como o Exemplo ético máximo e perfeito (1 Co 11.1).

Cristo é, de modo sem igual, a imagem de Deus, mas num sentido secundário, Deus "fez" ou "criou"[2] a humanidade à sua própria imagem e semelhança. Embora "a Bíblia não defina para nós o conteúdo exato da *imago* original",[3] parece ser uma "unidade coesiva de componentes inter-relacionados que interagem entre si e se condicionam uns aos outros".[4] Essa conclusão vaga é exegeticamente confiável, mas não considera algumas das extrapolações mais importantes acerca da imagem de Deus. Na história da teologia sistemática, surgiram três perspectivas básicas com respeito à imagem de Deus no homem: a substantiva, a relacional e a funcional.[5] Historicamente, essas perspectivas estão relacionadas com (1) a analogia do ser, (2) a analogia da relação e (3) o domínio, respectivamente.[6]

> [1] A concepção substantiva vem predominando ao longo da maior parte da história da teologia cristã. O elemento comum nas diversas variedades dessa concepção é o fato de a imagem ser identificada como alguma característica ou qualidade definida, dentro da constituição humana...

---

1. Os dois termos hebraicos para imagem e semelhança e as duas preposições usadas com eles funcionam essencialmente como sinônimos no contexto dos primeiros capítulos de Gênesis. Conforme John F. A. Sawyer, "The meaning of XX" בְּצֶלֶם אֱלֹהִים *(beselem 'elohim*, "na imagem de Deus") em Gênesis I-XI", *Journal of Theological Studies* 25, n.s. (outubro 1974): 418-26, em nível técnico; John J. Davis, *Paradise to Prison: Studies in Genesis* (Winona Lake, Ind.: BMH, 1975), 81, em nível popular.

2. O hebraico עָשָׂה (*'asa*, "fez") em Gn 1.26 e בָּרָא (*bara'*, "criar") em 1.27. Ambos os verbos falam da criação da humanidade em Gn 5.1-2.

3. Carl F. H. Henry, God, *Christian Theology* (Waco: Word, 1976), 2.125.O capítulo 10 dessa obra é especialmente digno de estudo.

4. Ibid.

5. Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids: Baker, 1984), 495-517.

6. G. C. Berkouwer, Man: *The Image of God* (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), 67-118.

> [2] Muitos teólogos modernos não concebem a imagem de Deus como algo residente na natureza humana. Aliás, em geral, não perguntam o que é o ser humano ou qual seria a natureza do homem. Antes, pensam na imagem de Deus como a vivência de um relacionamento. Dizem que somos a imagem ou a revelamos, quando entramos em determinado relacionamento. Na realidade, tal relacionamento *é* a imagem...
> [3] Chegamos agora ao terceiro tipo de concepção da imagem, que tem uma história bem longa e recentemente vem crescendo em popularidade. Trata-se da idéia de que a imagem não é algo presente na constituição da humanidade nem a experiência de um relacionamento com Deus ou com os outros homens. Antes, consiste em algo que fazemos. Trata-se de uma função que exercemos, sendo a mais mencionada a prática do domínio sobre a criação.[7]

A idéia básica tanto da segunda como da terceira perspectiva é que essas são as conseqüências da *imago Dei*. Trata-se de funções válidas, mas não respondem às implicações aparentemente ontológicas dos textos bíblicos chaves.[8] Mas como se vê na história, alguns problemas vêm minando a primeira perspectiva, especialmente à luz dos efeitos catastróficos da queda do homem. Erickson parece estar na trilha analógica correta quando afirma: "Os atributos de Deus, às vezes referidos por atributos comunicáveis constituem a imagem de Deus".[9] Inclusive, os atributos morais de Deus constituem uma dimensão significativamente grande de sua imagem no homem — um fato altamente importante na consideração da questão do exemplo.

A Retenção da Imagem: Devastada, mas Não Destruída

Depois de decidir pela perspectiva da analogia do ser, persiste a questão: Que dizer dos efeitos da queda? Mais uma vez, o biblicista deve enfrentar os pólos de outra tensão das Escrituras. Por um lado,

> a queda do homem foi um choque de personalidade catastrófico, fraturando a existência humana com uma falta devastadora. Desde então, que-

7. Erickson, *Christian Theology*, 498, 502, 508.

8. Ibid., 510-12.

9. Ibid., 514. Ele também está correto ao estabelecer uma ligação cristológica: "O caráter e as ações de Jesus serão um guia especialmente valioso nessa questão, já que Ele foi o exemplo perfeito do que deveria ser a natureza humana".

> brou-se o culto e a contemplação do homem para com o Deus vivo, rompeu-se a sua devoção pela vontade divina. A revolta do homem contra Deus afeta, portanto, todo o seu ser... Sua revolta contra Deus é, ao mesmo tempo, uma revolta contra a verdade e o bem.[10]

Porém, por outro lado, "em algum sentido a imagem de Deus deve persistir no homem decaído".[11] Continua também, o *potencial* para a comunicação e para a aplicação soberana da Palavra da graça, um relacionamento restaurado e uma renovação moral. Evitando buscas infindáveis através de labirintos lógicos, Kidner conduz sabiamente a sua transição soteriológica com uma breve sinopse: "Depois da queda, ainda se diz que o homem é conforme a imagem de Deus (Gn 9.6) e à sua semelhança (Tg 3.9). Nem por isso se requer menos dele, sendo necessário que se refaça 'segundo a imagem daquele que o criou' (Cl 3.10; confira Ef. 4.24)".[12]

A Recriação da Imagem

Pela criação original, o homem possuía a imagem de Deus, inclusive sua dimensão significativamente moral. Sua queda[13] perverteu radicalmente toda a imagem, de modo que não restou esperança de nenhum tipo de autotransformação. Mas a Palavra de Deus afirma que a imagem e semelhança continuam, mesmo com o homem nessa condição horrível. Pela graça de Deus, os homens redimidos em Cristo entram numa jornada ascendente contínua de restauração moral (2 Pe 3.18). O destino deles é a perfeição moral à semelhança de Cristo. Por conseguinte, o grande desafio de todos os discípulos genuínos ainda é: "Sereis santos, porque eu sou santo" (veja Lv 11.44-45, 19.2; 1 Pe 1.16).

---

10. Henry, God, *Revelation and Authority*, 2:134-35.

11. Charles M. Horne, "A Biblical Apologetic Methodology" (dissertação inédita de Th.D; Grace Theological Seminary; Winona Lake, Ind., 1963), 84.

12. Derek Kidner, *Gênesis: Introdução e Comentário* (São Paulo/São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1979), 48; conforme O. Flender, "εἰκών", NIDNTT, 2:2387-88.

13. Veja discussões sobre a teologia de Adão, i.e., o "Primeiro Adão" como representante da raça e sua solidariedade com ela e o "Último Adão" como representante dos eleitos de Deus e sua solidariedade com eles em John Murray, *The Imputation of Adam's Sin* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959); *Principles of Conduct: Aspects of Biblical Ethics* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957); S. Lewis Johnson Jr., "Romans 5.12 — an Exercise in Exegesis and Theology", em: *New Dimensions in NT Study*, ed. Richard N. Longenecker e Merrill C. Tenney (Grand Rapids: Zondervan, 1974).

O meio primário utilizado pela graça para mover os salvos através desse caminho de santificação é a Palavra de Deus, atestada pelo Espírito de Deus. E uma parte vital desse testemunho divino é o exemplo encarnado de Cristo. Aliás, Ele permanece como a manifestação moral perfeita de Deus.

O Contexto Microteológico da Exemplificação

Por causa do padrão de Cristo, a atitude e as ações de seu povo devem amadurecer em integridade e coerência à semelhança de Cristo (Fp 1.27-30; 2.5-18; 1 Jo 2.6). À medida que os crentes amadurecem moralmente, alguns mais rápido que outros, eles mesmos devem tornar-se reflexos do modelo moral de Cristo (1 Ts 1.7). O crescimento deve caracterizar todos os seus "santos",[14] mas o Novo Testamento considera que os líderes reconhecidos da igreja têm responsabilidade especial de serem exemplos. Eles são modelos morais visíveis e secundários para a ἐκκλησία (*ekklesía*, "igreja"). Essa responsabilidade impressionante é o assunto do restante deste estudo.

O Vocabulário da Exemplificação

O Antigo Testamento está repleto de ordens e obrigações implícitas com respeito à santidade do povo de Deus, mas não contém nenhum ensino claro no sentido de que se deve seguir o exemplo de Deus ou o exemplo dos líderes por Ele escolhidos.[15] Entretanto, encontramos esse conceito em abundância no Novo Testamento. Na realidade, surge todo um arsenal de termos ligados à exemplificação.[16] Dentre eles, os cognatos de τύπος (*typos*, "exemplo") *e* μιμητής (*mimetes*, "imitador") são os mais importantes.

---

14. Uma declaração sem prática constitui um estado altamente condenável de mentira. Veja uma discussão da santificação progressiva em O. Procksch, "ἁγιασμός", TDNT, 1.113; George Eldon Ladd, Theology *of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1974), 519-20. (*Teologia do Novo Testamento* [Rio de Janeiro: JUERP, 1984]).

15. Michaelis conclui que "no todo, a idéia de imitação é estranha ao Antigo Testamento. Em particular, não existe a idéia de que devamos imitar Deus" (W. Michaelis, "μιμέομαι, μιμητης, κ. τ. λ.", *TDNT*, 4:663. Na LXX, esse grupo de palavras aparece apenas nos apócrifos, não se referindo à imitação de Deus. Mas nas pseudepígrafes, algumas ocorrências instam a imitação de homens destacados do AT e até mesmo do próprio Deus. Filo segue esse mesmo padrão ao usar a palavra. (Ibid., 664-66). A pressuposição básica de Michael, no entanto, distorce sua interpretação desses dados.

16. Veja uma discussão geral dos mais significativos desses termos em W. Mundle, O. Flender, J. Gess, R. P. Martin e F. F. Bruce, "Image, Idol, Imprint, Example", *NIDNTT*, 2.284-91. O parágrafo de abertura sobre sinonímia essencial é importante, e as discussões subseqüentes do modelo cristológico merecem atenção especial.

No antigo grego secular, *typos* apresentava as seguintes conotações: "O que é estampado, 'marca', ...'impressão' ...'estampa'" (por exemplo, letras gravadas em pedra, imagens ou imagens pintadas); "b. 'Molde', 'forma escavada' que deixa uma impressão", ...e num sentido derivado "exemplo ético"; e "c.'...contorno', 'figura'" (isto é, da estampa ou da impressão).[17] "Na LXX, *typos* ocorre em apenas quatro oportunidades":[18] no modelo ou padrão para o tabernáculo e sua mobília, em Êxodo 25.40; nos ídolos ou imagens em Amós 5.26; para o "'palavreado' ou 'texto' de um decreto", em 3 Macabeus; e no "'exemplo' (determinativo)", em 4 Macabeus 6.19.[19]

No Novo Testamento, a lista completa dos empregos semânticos inclui:[20]

1. *Impressões visíveis* de um golpe ou pressão, *marca, traço* (por exemplo, Jo 20.25)
2. *Aquilo que é formado, uma imagem ou estátua* (por exemplo, At 7.43)
3. *Forma, figura, padrão* (por exemplo, Rm 6.17)
4. Historicamente como tipo *(arquétipo), padrão, modelo* (por exemplo, At 7.44; Hb 8.5); e eticamente como *exemplo, padrão* (por exemplo, 1 Tm 4.12)
5. Em referência a *tipos* ordenados por Deus, sejam coisas, eventos ou pessoas (por exemplo, Rm 5.14)

Das 14 ocorrências do substantivo *typos* no Novo Testamento, metade diz respeito à exemplificação, seja implicitamente como uma ilustração negativa

17. L. Goppelt, "τύπος, ἀντίτυπος, κ. τ. λ.", *TDNT*, 8:247. Com respeito à etimologia, Müller afirma: A etimologia de τυπο" é discutível. Pode derivar de tupto, atingir, bater..." (H. Müller, "Type, Pattern", *NIDNTT*, 3.903); conforme Goppelt, mais propenso a essa ligação etimológica, sugere que o desenvolvimento vem de um sopro "chegando à impressão deixada pelo sopro", depois, "a partir desses sentidos básicos, tupos desenvolve um número surpreendente de significados posteriores, muitas vezes de difícil definição. Por causa de sua expressividade, tem se estabelecido como estrangeirismo [isto é, 'τιπο'] em quase todas as línguas da Europa" (Goppelt, "τύπος", 8:246-47.

18. Müller, "Type", 3:904.

19. Goppelt, "tupos", 8:248.

20. Segue-se aqui a classificação de BAGD, 829-30. A sub-categoria "cópia, imagem", não é citada por não prover nenhum exemplo no Novo Testamento; entretanto, duas das referências bíblicas extrabíblicas são citadas — i.e., uma referência ao fato de o senhor ser a imagem de Deus para um escravo e ao fato de as crianças serem cópias de seus pais — comunicam ilustrativamente as referências morais da categoria 4. Esta quarta categoria abrange a doutrina da exemplificação no Novo Testamento. Sobre a história do significado hermenêutico da sub-categoria 5, veja Goppelt, "τύπος", 8.251-59 e Müller, "Type", 3:905-6.

(por exemplo, o advérbio τυπικῶς [*tupikos*, "tipicamente"], 1 Co 10.6), seja explicitamente como padrões positivos (Fp 3.17; 1 Ts 1.7; 2 Ts 3.9; 1 Tm 4.12; Tt 2.7; 1 Pe 5.3). Além disso, outra ocorrência possui uma relação tangencial: "Em Rm 6.17 [τύπος refere-se a] o contexto, as expressões de doutrina... Entretanto, o significado original da forma que estampa ainda se faz sentir fortemente. Assim como antes o pecado, também agora o novo ensino, isto é, a mensagem de Cristo, é o fator que estampa e determina a vida do cristão".[21] A eficácia da Palavra de Deus é vista aqui como a estampa e a tinta que deixa uma marca maravilhosa no povo de Deus.

Embora os dados concernentes à exemplificação sejam bem claros, os estudiosos de hoje relutam em atribuir ao conceito um significado plenamente ético. Por exemplo, Goppelt recusa-se a admitir que a vida de um discípulo seja "um exemplo que possa ser imitado".[22] Suas ênfases na primazia da Palavra de Deus e na prioridade de uma referência final à fé são louváveis, mas como se revelará numa discussão subseqüente dos textos-chaves, o significado indiscutível representa os padrões encontrados nas pessoas. Em sua discussão acerca desse assunto, Müller não é tão radical. Por exemplo, ele afirma que os textos cruciais "não são simples exortações a que se tenha uma vida moralmente exemplar. O poder modelador de uma vida baseada na Palavra tem, por sua vez, um efeito sobre a comunidade (1 Ts 1.6), fazendo com que se torne um exemplo formativo".[23] Ele tem o cuidado de traçar uma relação entre a eficácia da Palavra e a eficácia secundária dos exemplos éticos.

A palavra *mimetes* e seus cognatos, origem da palavra *mimetismo*, também provê uma rica herança semântica. Em termos gerais, "a palavra mimhetes" e seus cognatos surgiram no século VI [a.C.] e passou ao uso comum tanto na prosa como na poesia. Mimeomai possui o sentido de 'imitar', 'fazer mímica', isto é, fazer o que se vê outra pessoa fazendo".[24]

21.Müller, "Type", 3:904-5: conforme Goppelt: "τύπος é ... a prensa que deixa uma impressão, de modo que no contexto, o ensino pode ser descrito como o molde ou a norma que dá forma a toda a conduta pessoal"(τύπος" 8:250).

22. Goppelt, "τύπος", 8:249-50. É interessante notar que duas sentenças adiante ele comenta sobre 1 Pe 5.3 e 1 Tm 4.12 em que ele parece admitir uma associação mais direta com a imitação ética. Pode-se pensar que boa parte da relutância de Goppelt deve-se às conclusões bem dogmáticas de Michaelis acerca de μιμετης e seus cognatos; conforme Michaelis, "μιμετης", 4:659 ss.

23. Müller, "Type", 3:905

24. *Michaelis, "mimetes"*, 4:659.

Bauder subdivide seu uso no grego clássico da seguinte maneira:

(a) Imitar, fazer mímica...

(b) Imitar com alegria, seguir

(c) Nas artes (teatro, pintura, escultura e poesia), representa a realidade por imitação, imitar é um meio artístico... Um ator é, portanto, um *mimos*, um mímico... Um *symmimetes* (lat. *imitator*) é um imitador, especialmente o ator, ou o artista que imita. Quando empregado no sentido negativo, as palavras referem-se a um "macaquear" quase dramático ou cópia barata com falta de originalidade.[25]

É significativo que, desde os primeiros estágios da história desse grupo no grego clássico, "as palavras eram empregadas para expressar exigências éticas impostas aos homens. As pessoas deviam tomar como modelo a firmeza de um herói, ou imitar o bom exemplo de um mestre ou dos pais".[26] Tais imitações estão fora da norma da revelação, mas mesmo assim, servem para dar uma base ilustrativa *lingüística* para o uso que lhes é dado no Novo Testamento.

Certa nuança no emprego clássico da palavra merece atenção especial. Trata-se do lugar desse grupo de palavras na cosmologia tipicamente dualista dos antigos gregos. Obviamente, Platão gosta de empregá-lo nesse sentido. Bauder capta sua essência: "Todo o mundo inferior das aparências é apenas a cópia ou a semelhança (*mimena*) correspondente, imperfeita e visível do arquétipo invisível no mundo superior das Idéias".[27] Tal pensamento é antibíblico, mas no processo de seu desenvolvimento entre os filósofos pagãos, surgiram discussões acerca da imitação "divina".[28] Embora Michaelis conclua "que em tais declarações a *imitatio dei* não tenha uma ligação muito estreita com o conceito da mimese cosmológica", este estudo conclui que tais referências antigas "possuem uma ênfase ética bem clara",[29] mesmo que desprovida de normas da revelação.

Uma vez que anteriormente o "O Vocabulário da Exemplificação", neste capítulo, alude ao emprego judaico desse grupo de palavras, é suficiente acres-

25. W. Bauder, "μιμετής", NIDNTT, 1:490.

26. Ibid.

27. Ibid., 491.

28. Michaelis, "μιμετής", 4:661-61.

29. Ibid., 663.

centar que duas das quatro ocorrências nos Apócrifos falam da imitação de heróis da fé em martírio[30] e que, na história subseqüente,

> os rabinos foram os primeiros a falar da imitação de Deus no sentido de desenvolver a imagem de Deus nos homens. Nas Pseudepígrafes, além da exortação a que se imitem homens de caráter destacado... pode-se encontrar também a idéia da imitação de Deus (isto é, guardar suas ordens...) e de características especiais de Deus.[31]

Mais uma vez, à parte de alguns acréscimos, excentricidades, perversões etc. nesses materiais, tais empregos são um elo lingüístico na cadeira conceitual que culminou no conjunto dos ensinos do Novo Testamento.

A subdivisão a que Bauder submete esse grupo de palavras é sucinto e preciso: "No NT, *mimeomai* é encontrado apenas quatro vezes (2 Ts 3.7,9; Hb 13.7; 3 Jo 11); *mimetes* seis vezes (1 Co 4.16; 11.1; Ef 5.1; 1 Ts 1.6, 2.14; Hb 6.12); e *symmimetes* apenas uma, em Filipenses 3.17".[32] O verbo médio depoente que significa "imitar, igualar, seguir" ocorre com acusativos de pessoa, e a forma substantiva não-composta *mimetes* ("imitador") ocorre tanto com referente pessoal como com genitivo impessoal.[33] Também, "vale observar que em todas as suas ocorrências no NT, μιμετής está associado a γίνεσται, denotando esforço moral".[34] Aliás, uma declaração segura reside no fato de que "todas [as palavras do grupo] são empregadas com um fim imperativo-ético, estando relacionadas com a obrigação de apresentar certo tipo de conduta".[35] Michaelis contrapõe essa ênfase na imitação ética das palavras, reinterpretando-as de acordo com a perspectiva por ele escolhida. Ele sustenta sua posição com poucas observações textuais, especialmente voltadas para ênfases contextuais na fé, sofrimento, perseguição, morte, diligência no trabalho, obediência etc.[36] Todos esses coloridos textuais contêm alguma credibilidade, mas as aplicações específicas não negam a perspectiva ética geral de caráter total e estilo de vida coeren-

30. Ibid., 4:663.

31. Bauder, "μιμέομαι", 1:491.

32. Ibid.

33. BAGD, 522.

34. James Hope Moulton e George Milligan, The Vocabulary of the Greek Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1930), 412.

35. Bauder, "μιμέομαι", 1:491.

36. *Michaelis*, "μιμετής", 4:666-68, *passim*.

te. Muito mais subjetiva é sua discussão baseada numa fundamentação pressuposta de autoridade apostólica, embora quase todos os intérpretes tenham simpatia por sua aparente tensão motivacional — isto é, como alguma pessoa finita e falha, incluindo-se Paulo, pode dizer: "Siga meu exemplo ético?" Apesar dessa tensão, nenhum exegeta deve submeter umas poucas referências implícitas a um martelo hermenêutico, para fazer caber muitos textos redondos em contextos quadrados.[37] O estudo subseqüente das passagens-chaves documentará o fato de que as evidências do Novo Testamento "não podem ser reduzidos a uma exigência de obediência pessoal".[38]

A Vocação para a Exemplificação

A melhor maneira de organizar os textos-chaves do Novo Testamento que tratam da exemplificação é usar uma abordagem essencialmente teológica.[39] Seja observado historicamente, seja instado eticamente, os dados do Novo Testamento apresentam os modelos de Deus para seu povo, mostram o exemplo moral do círculo apostólico a todas as igrejas, salientam a área específica de responsabilidade em referência aos líderes da igreja e advogam que todos os cristãos sejam modelos morais maduros para o bem-estar espiritual de todo o corpo. Esse plano é basicamente coerente com o desenvolvimento histórico da Igreja Primitiva e também com as gradações especiais de julgamento ou prêmio conferidos aos líderes das igrejas. Isso, no entanto, não dita algum tipo de sucessão apostólica no campo da ética. Essencialmente uma cadeia que não pode ser rompida, formando um círculo completo, criando um colar teológico que começa e termina com a graça soberana de Deus e o modelo moral de Cristo.

---

37. Ibid. 667-74 contém aplicações excêntricas e conclusões exageradas baseadas em alguns exemplos luminosos de transferência total, que sempre são contraproducentes quanto à hermenêutica. Bauder apóia a ênfase básica da tese de Michaelis mas é, em geral, muito mais cuidadoso ao expressá-la (conforme "μιμεομαι", 1:491-92).

38. Bauder, "μιμέομαι", 1:491.

39. Outra abordagem seria empregar uma ordem canônica. Ainda outra seria uma abordagem teológica, i.e., exemplificação nas cartas paulinas, na Epístola aos Hebreus, em Pedro, em 3 João etc. Embora esse método tenha vantagens indutivas, não ajuda a ver, através de uma única lente, todo o quadro apresentado pelo Novo Testamento. Outra maneira de organizar os dados é a gramatical, isto é, observar as passagens que historicamente ilustram a exemplificação e depois examinar outras que as prescrevem. Mas parece melhor empregar outra categoria organizacional, ao mesmo tempo que se chama a atenção para os indicativos e os imperativos.

Deus: o modelo supremo de sua igreja. Efésios 5.1 instrui a igreja a "continuar sendo imitadora de Deus" (tradução do autor). Michaelis argumenta que essa passagem, juntamente com outras semelhantes, "não tratam da verdadeira imitação de Cristo ou de Deus".[40] Mas isso fica num contexto que começa com um imperativo idêntico (4.32), instando por benignidade, misericórdia e perdão baseados no exemplo de Cristo. Além disso, a frase iniciada por καθώς (*kathos*, "como também), que faz ponte com o padrão perfeito do Senhor, pressupõe uma analogia e infere imitação. Imediatamente depois de 5.1 vem outro imperativo contínuo: "continuem andando no amor", seguido de outra indicação de Cristo como o Exemplo (περιπατεῖτε... καθώς [*peripateite... kathos*], 5.2, tradução do autor). Além disso, o simples advérbio de comparação ὡς" (*hos*, 5.1b) "como filhos amados" indica a validade da imitação ética por parte dos crentes.

Numa escala maior, essa ordem de imitar Deus e Cristo faz parte de uma seção maior sobre a vida santa (Ef 4.25-6.2). Isso, por sua vez, é uma subdivisão da metade prática da epístola (isto é, a seção sobre o que o crente "deve fazer") que começa em 4.1. Todas essas exortações são reações apropriadas à graça soberana de Deus, exposta da seção teologicamente indicativa (isto é, a seção sobre o que "foi feito") dessa grande epístola (Ef 1—3).[41] Além disso, uma escala ainda maior de inclusão é o desafio abrangente das Escrituras, que exigem que sejamos santos porque Deus é santo. Da perspectiva reversa, a obrigação de ser santo porque Deus é santo recebe solução definitiva por meio da forma de apresentação da obrigação ética — a forma indicativa-imperativa — com uma variedade de exortações explícitas como elaborações. Esse é o contexto teológico natural da exemplificação moral (por exemplo, "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados", Ef 5.1).

O modelo apostólico secundário na igreja. A designação "apostólica" diz respeito ao círculo apostólico e leva em conta o uso que Deus fez tanto de apóstolos como de homens de transição, como Timóteo e Tito, no estabelecimento de igrejas durante o primeiro século. O segundo grupo não era de apóstolos, mas em certo sentido eram apóstolos de um apóstolo. Eles supervisiona-

40. Michaelis, "μιμητής", 4.673; a pressuposição de Michaelis, de uma transcendência moral superior, faz com que rejeite as implicações da ênfase do argumento de Paulo em Ef 4.25—5.2 (4:671-73).

41. Veja em Ladd, *Theology of the NT* 493-94, 524-25 [*Teologia do NT*], uma discussão do tema indicativo/imperativo relacionado com a santificação.

vam a fundação e a solidificação de igrejas locais neotestamentárias. Ao fazê-lo, não eram, tecnicamente, um dos pastores, ou mestres, ou presbíteros, ou bispos de certa igreja local ou grupo regional de igrejas, de modo que esta seção os trata como modelos intermediários. Entretanto, aparentemente, no dia-a-dia de seus ministérios, trabalhavam junto com os líderes pastorais e funcionavam de modo semelhante ao deles. Assim, também é justo aplicar o que se afirma aqui sobre 1 Timóteo 4.12 e Tito 2.7 na próxima divisão principal, "O modelo de Liderança Eclesiástica de Terceira Geração".

1. *Exemplificação Direta.* Paulo não se envergonhava de apresentar a si mesmo como um modelo ético para os crentes com quem tinha contato direto (por exemplo, 1 Co 4.16; 11.1; Fp 3.17; 2 Ts 3.7,9).[42] Para manter a devida perspectiva teológica, é preciso começar com uma discussão de 1 Coríntios 11.1 e Filipenses 3.

Primeira Carta aos Corintios 11.1: "Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo", é básico para qualquer exemplificação no plano horizontal. Paulo não era o *Exemplo*, só Cristo pode sê-lo. Entretanto, isso não o eximia da responsabilidade divina de ser um exemplo moral secundário. A aplicação contextual de sua declaração é que a liberdade pessoal em Cristo não deve ser motivo de escândalo (10.23-33). Ele encerra sua discussão ordenando que os crentes cedam (10.32) e depois coloca a si mesmo como um exemplo (10.33), tomando mais tarde a mesma linha, mas repetindo-o com o vocabulário da exemplificação moral (11.1). Ele tem o cuidado de acrescentar, porém, que quando os crentes seguem seu exemplo, estão seguindo o padrão máximo de Cristo em sua maneira de lidar com os outros (11.1).[43]

Filipenses 3 tem levantado discussões significativas acerca da propriedade do exemplo moral humano. Depois de instar que sigam seu exemplo (3.17), Paulo confessa sua própria finitude e falibilidade moral (3.3-16).[44] Ou, nas palavras de Bauder, "antes da exigência de ser imitado, ele coloca deliberadamente uma confissão de sua própria imperfeição (Fp 3.12)".[45]

---

42. Esta análise só discutirá passagens que utilizem expressamente a terminologia de "modelo" ou "tipo", omitindo as muitas alusões conceptuais ao exemplo pessoal de Paulo.

43. Bauder conclui: "Paulo nunca pretendeu atrelar a exigência de imitação à sua própria pessoa. Ele sempre a atrela, em última análise àquele a quem ele mesmo segue" ("μιμέομαι", 1:491).

44. Michaelis é bem dogmático ("μιμητης", 4.667-68), e Bauder mais sutil ("μιμέομαι", 1:491).46. *Bauder,* "μιμέομαι", 1:491.

45. Bauder, "μιμέομαι", 1:491

De fato, afirma que não chegou à perfeição moral. "Ele não pensa a respeito de si mesmo como a personificação de um ideal que deva ser imitado",[46] mas este santo em processo, *com certeza* insta a igreja filipense a continuar sendo (ou se transformando em) co-imitadores dele (ou com ele, 3.17a).[47] Além de Paulo, outros estão vivendo coerentemente (3.17b) de acordo com o padrão (isto é, *typon*) do círculo apostólico.[48] É errado desconsiderar uma faceta da revelação bíblica porque outra verdade igualmente importante levanta uma aparente contradição lógica.

É possível resolver essa tensão bíblica? Assim como outros paradoxos bíblicos, não plenamente. No entanto, algumas observações amenizarão as dificuldades causadas por nossa lógica limitada. Por exemplo, a porção mais importante dessa epístola está relacionada com a exortação ética (Fp 1.27—4.9). Desde o início dessa seção, o tema da unidade por meio da humildade, incluindo a preferência pelos outros em detrimento de si mesmo, é o que domina. Mas o exemplo supremamente importante de Cristo (2.5-8) permeia todas as responsabilidades morais subseqüentes. O Senhor é o padrão primário para atitudes e ações. Baseado diretamente nesse exemplo perfeito, Paulo desafia os filipenses a progredir na santificação (2.12), lembrando-lhes que os recursos para uma vocação tão santa estão em Deus (2.13). Os discípulos filipenses eram plenamente responsáveis, mas não adequados por si mesmos. É interessante notar que, depois desse desafio geral a uma vida santa, Paulo refere-se a Timóteo e a Epafrodito (2.19-30) como exemplos de pessoas dedicadas aos outros.

Para iniciar o capítulo 3, Paulo repassa suas experiências anteriores e posteriores à conversão (vv. 3-16). Esse relato não apenas compara e contrasta Paulo antes da conversão (especialmente 1.4-6) e outros cristãos genuínos (3.7-21) com alguns filipenses que só pensavam nas coisas externas (por exemplo, 3.1-2, 18-19), mas também compara a experiência de Paulo, posterior à conversão, com a de todos os verdadeiros discípulos. Embora tanto Paulo como os verdadeiros crentes de Filipos fossem posicionalmente "perfeitos" em Cristo, nenhum deles possuía uma perfeita experiência cristã. Por conseguinte, a missão do

46. Ibid.

47. Essa é a única ocorrência da forma plural composta "συμμιμητής" no Novo Testamento. Aqui, funciona como o nominativo predicativo do agora familiar imperativo presente plural γίνεσθε (conforme Ef 5.1). O pronome pessoal no genitivo refere-se a Paulo.

48. No contexto, "ἡμῶς" de 3.17 provavelmente inclui Timóteo e, talvez, Epafrodito ao lado de Paulo (conforme Fp 2.19-25).

apóstolo e dos crentes deveria ser uma busca intensa da pureza moral. Tal interesse pela graça de Deus qualificava a pessoa a ser um modelo secundário de desenvolvimento ético. Entretanto, o perfeito modelo moral continua sendo o que disse: "Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus"(Mt 5.48).

Essa perspectiva teológica deita luz sobre outras declarações de Paulo. Por exemplo, quando anteriormente, escreve em 1 Coríntios: "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (4.16), ele não desconsidera Cristo como o Exemplo supremo (1 Co 11.1), nem tem o intuito de deixar a idéia de que já alcançou a perfeição. Ele já negou toda alegação de auto-suficiência, especialmente em sua exposição acerca da sabedoria humana (1 Co 1-3). Além disso, constrói uma ponte sólida para o ministério genuíno (1 Co 3-4), em grande parte com personalidades proeminentes e ilustrações. Isso forma o pano de fundo para que repreenda, no capítulo 4, a arrogância dos coríntios. Com a inclusão de exemplos positivos, Paulo expõe a atrocidade do orgulho deles (4.6-13), adicionando também algumas provas da supremacia e da suficiência de Deus para os seus servos (por exemplo, 3.5-7; 4.1-4). Não se pode dizer que isso seja um contexto para uma elevação do ego paulino. Seu exemplo pessoal em 1 Coríntios 4.16 reflete, mais uma vez, o padrão de Cristo e sua graça.

Paulo escreveu à igreja tessalonicense para encorajá-la a seguir o exemplo apostólico (2 Ts 3.7, 9). Paulo, Silvano e Timóteo (2 Ts 1.1) forneciam exemplos positivos como remédio para qualquer um dentre os tessalonicenses que estivesse fora dos padrões (isto é, ἀτακτῶς [*ataktos*, "desordenadamente"], 3.6, 11; conforme, a forma verbal no v. 7), especialmente aproveitando-se da boa vontade dos outros ou se intrometendo nos negócios alheios. Os discípulos de Tessalônica reconheciam como convinha imitar (μιμεῖσθαι) o círculo apostólico (2 Ts 3.7). Paulo e seus companheiros ofereciam-se como "modelo" (τύπον, *typon*) a serem seguidos pelos membros do corpo (2 Ts 3.9).[49]

2. Exemplificação Mediada. Uma passagem extremamante importante com respeito à exemplificação moral é I Timoteo 4.12-16 .O texto iguala-se em importância a 2 Timóteo 4.1, como uma qualificação para o ministério cristão. Aliás, ele salienta essa importância — ser exemplo na Palavra é um corolário necessário e um pré-requisito para que se possa pregar esse tema.

---

49. Nesse contexto o trabalho árduo do círculo apostólico (2 Ts 3.8) é o que fornece o exemplo a ser seguido pelos tessalonicenses (2 Ts 3.9).

Além disso, a epístola toda dá elevada prioridade ao caráter e à conduta. O homem de Deus sempre presta contas nas áreas de responsabilidade pessoal e profissional. Ele deve ser fiel não apenas no ensino, mas também na prática da verdade. Anunciar o Evangelho de Deus é uma vocação altamente motivadora e digna, mas o instrumento humano deve possuir certas qualidades de integridade (por exemplo, 1 Tm 3.1-7). Como acontecia com Paulo (por exemplo, 1 Tm 1.12-17), ele deve aceitar ambas as responsabilidades com um profundo senso de humildade e em total dependência naquele que a comissiona. Aliás, até o final de 1 Timóteo (6.11-16), o jovem de Deus com certeza vem a compreender as duas obrigações primárias da liderança espiritual.

O capítulo 4 de 1 Timóteo é especialmente persuasivo. Os versículos 7 e 8 estabelecem o tom dos versículos 12 a 16, com a ordem de Paulo para que Timóteo "exercite-se" arduamente (γυμνάζω, *gymnazo*, "[eu] treino, exercito") a fim de desenvolver os músculos espirituais da piedade (v. 7). Para todos os propósitos, os muitos imperativos nos versículos 12 a16 fornecem os *motivos* e as *causas* da exortação à santidade. Em 1 Timóteo 4.12-16, três ondas de ordens atingem Timóteo em suas duas responsabilidades gerais. A primeira onda o atinge com a lembrança decisiva de sua responsabilidade pessoal (v. 12). Quando ela começa a baixar, as ordens relacionadas com sua responsabilidade profissional o encharcam (vv.13,14). Para a maioria dos evangélicos conservadores, as exigências profissionais (v. 13) têm autoridade certa. O mesmo se aplica às exigências pessoais; entretanto, a aplicação delas é muito mais sensível em termos pessoais. Em determinados momentos, a intimidação parece esmagadora. Por esse motivo, esta discussão ficará concentrada nas exigências da exemplificação.

A primeira ordem de 1 Timóteo 4.12 não se dirige diretamente ao homem de Deus, mas aos seus liderados. Indiretamente, denota que ele mesmo deve ser irrepreensível (conforme a primeira qualificação geral de 3.2). A implicação da primeira parte do versículo 12 encontra sua confirmação na conclusão desse versículo. Sua obrigação é de ser exemplo diante dos membros do rebanho: ele devia "ser (ou tornar-se) um tipo (ou padrão ou modelo) (*typos*) para os crentes".[50] Paulo tipifica o exemplo moral em cinco áreas:

50. Moulton e Milligan (*Vocabulary*, 645) citam um paralelo ético com 1 Tm 4.12 numa inscrição do primeiro século a.C. Fala de ser um modelo de piedade (eusebeia [εὐσεβεια]), um substantivo usado em 1 Tm 4.7).

1. Na linguagem (comunicação) do homem de Deus
2. Em seu estilo de vida em geral[51]
3. Em seu agape (ἀγάπη, "amor", isto é, aquela variedade altruísta, abrangente, doadora que transpira ternura, compaixão, tolerância etc.)
4. Em sua "fé" (ou melhor, "fidelidade, confiabilidade, credibilidade", o significado passivo de πίστις [*pistis*])
5. Em sua pureza pessoal

Sem integridade de vida, seus pronunciamentos, pregações proclamações e doutrinamentos (v. 11, 13) ficam severamente limitados.

Uma segunda onda de ordens vem no versículo 15 lembrar ao homem de Deus que ele deve se concentrar tanto em suas responsabilidades pessoais como em suas responsabilidades profissionais,[52] de modo que seu progresso possa ser claramente visível a todos. A oração final do versículo 15 destaca a importância da exemplificação de Timóteo.[53] Sua vida deve mostrar "aproveitamento" significativo.[54] Assim, o versículo 15 não só reitera sua responsabilidade de ser exemplo, como também confirma que não é necessário que os modelos éticos sejam absolutamente perfeitos; entretanto, devem estar crescendo em santidade.

Dois imperativos no versículo 6, a terceira onda de arrebentação, salientam as mesmas duas áreas, "ti mesmo" e "[tua] doutrina" (confira, vv. 12-14; veja também At 20.28), mas de maneira levemente diferente. Colocando a pes-

---

51. A palavra anastrofe (ἀναστροφή, "modo de vida, comportamento") está relacionada com congnatos em Hb 13.7 (discutidos abaixo): 1 Pe 1.15,17,18; 3.1-2, 2 Pe 3.11. Aqui, relaciona-se com εὐσεβέ ια ("piedade"), i.e., santidade no estilo de vida. Esse grupo de palavras também era eticamente significativo no judaísmo helenista (conforme Tb 4.14; 2 Mac 5.8; 6.23).

52. Dois imperativos presentes, μελέτα, apontam uma responsabilidade contínua: "continue cuidando" dessas coisas e "esteja" nelas. Robertson afirma que o significado deste último é "entregue-se totalmente a elas" e acrescenta: "É como o nosso 'até o pescoço' no trabalho ... esforçando-se em sua tarefa" (A. T. Robertson, *Word Pictures in the NT* [Nashville: Broadman, 1931], 4:582).

53. Como urge Stahlin, o progresso moral e ministerial de Timóteo "deve ser visível, pois dali em diante ele deve apresentar-se como um tupos para os crentes (v.12)..." (G. Stahlin, "προκοτη, προκοπτω", *TDNT*, 6.714).

54. No grego secular προκοτη (prokope, "progresso") era um termo náutico que significava "abrir caminho apesar dos ventos", sendo empregado eticamente em forma ampliada, em especial pelos estóicos. Filo tomou o sentido ético e tentou lhe dar uma orientação teocêntrica (conforme Stahlin, "προκοτη, προκοπτω", 6:7-4; 706-7; 709-11). A forma verbal é empregada em referência ao "crescimento" de Jesus (Lc 2.52).

soa antes do ministério, Paulo escreve: "Tome muito cuidado" de si mesmo e de seu ensino (v. 16). Calvino resume: "O ensino terá pouca valia se não houver uma retidão e uma santidade de vida correspondentes".[55] Guthrie assim expressa: "Retidão moral e espiritual é uma preliminar indispensável para a ortodoxia doutrinária".[56] Paulo enfatiza ainda mais as responsabilidades pessoais e ministeriais de Timóteo com sua ordem final: "Persevera (ou continua, persiste) nestas coisas"

A razão para essas ordens é irresistível: "Porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem". De modo quase que inacreditável, o exemplo pessoal ombreia com o ministério da Palavra de Deus no contexto da salvação.[57]

Tito 2 traz a mesma mensagem redigida de modo mais breve. Juntamente com instruções acerca da escolha de presbíteros (1.5-9) e combate aos falsos ensinos (1.10-16; 3.9-11) com doutrina sadia (2.1,15; 3.1,8), há orientações sobre como Tito deve lidar com vários grupos: homens mais velhos (2.2), mulheres mais velhas e mais novas (2.3-5), homens mais jovens (2.6), escravos (2.9-10) e o rebanho todo (3.1-8). Uma mensagem importante refere-se a prioridade das boas obras (1.16; 2.7,14; 3.1,8,14).

Entre as instruções aos jovens, provavelmente o grupo da idade de Tito, Paulo relembra àquele suas obrigações de ser um exemplo moral. Não basta pregar (2.6); Tito também deve viver diante deles (2.7). Em outras palavras, devia *tanto* exortar *como* exemplificar. Para o homem de Deus, um *padrão* (*typon*) de boas obras nunca é opção (veja Ef 2.10), mas essencial à pregação e ao ensino.

O Modelo de Liderança Eclesiástica de "Terceira Geração"[58]

A mesma idéia permeia a Epístola aos Hebreus, começando com o modelo superior de Jesus Cristo, passando pelos heróis da fé (cap. 11) e chegando às

55. João Calvino, *A Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios e as Epístolas a Timóteo, Tito e Filemom*, em trad. inglesa de T. A. Small, em: Calvin's Commentaries, ed. D. W. e T. F. Torrance (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), 248.

56. Donald Guthrie, *The Pastoral Epistles, The Tyndale NT Commentaries*, ed. R. V. G. Tasker (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), 99.

57. Os comentários teológicos de Calvino são úteis nesse assunto (*Timothy*, 248-49).

58. "Terceira geração" aplica-se à passagem da precedente, da "segunda geração" de Timóteo e Tito, para os líderes permanentes das igrejas locais (conforme 2 Tm 2.2).

declarações importantes sobre os líderes da igreja (cap. 13). A responsabilidade dos líderes da igreja é o assunto de 13.17, que trata especificamente de sua responsabilidade como exemplos. O autor instrui os leitores: "Lembrai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando[59] para a sua maneira de viver". Examinar o resultado de seu estilo de vida (de *anastrophe*) e imitar (imperativo presente de *mimeomai*) a perseverança deles na fé são esforços paralelos. Tais exemplos concretos harmonizam-se com a ênfase total da epístola, que é permanecer.

A mensagem correspondente de Pedro dirige-se diretamente aos líderes da igreja. Ele ordena aos presbíteros: "Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós" (2 Pe 5.2; conforme Jo 21.15-17; At 20.28). Esse é o único imperativo na passagem, mas seu sentido imperativo permeia todas as qualificações seguintes (vv. 2,3). Três contrastes destacam os motivos da liderança espiritual:

1. Os líderes espirituais não devem servir por constrangimentos humanos, *mas* por compromissos divinos.
2. Os líderes espirituais não devem ministrar por lucros injustos, *mas* com zelo espiritual.
3. Os líderes espirituais não devem liderar como ditadores orgulhosos, *mas* como humildes exemplos.[60]

Os pastores do Novo Testamento têm a obrigação impositiva de ser um modelo ético para o rebanho de Deus. As ovelhas, por sua vez, devem imitar a *vida de seus líderes (Hb 13.7), o que exige humildade genuína (1 Pe 5.5,6).*

O Modelo da Igreja para a Igreja

Todos os crentes devem ser exemplos a serem seguidos por outros crentes. Por exemplo, Paulo menciona dois casos desse tipo.Ele declara que quando

---

59. É melhor interpretar ἀναθεωροῦντες (*anatheorountes*, "considerar") como um particípio com força de imperativo, em razão de estar subordinado a μιμεῖσθε (*mimeisthe*).

60. Confira v. 3b com 1 Tm 4.12b. Confira a discussão acima, especialmente em referência ao vocabulário de 1 Tm 4.12b. Goppelt sintetiza corretamente as passagens chaves como se segue: "Seguindo as mesmas linhas de Paulo, a exortação em 1 Pe 5.3 admoesta os que representam a palavra a se tornarem tupoi ...tou poimniou, 'exemplos do rebanho'. A palavra não pode ser apenas recitada; ela só pode ser atestada, como a palavra da pessoa que molda a sua própria conduta. O detentor do ofício é, portanto, advertido: 'sê exemplo dos fiéis, na palavra (isto é, pregação), na conversa', 1 Tm 4.12; confira Tt 2.7: 'Em tudo, te dá por exemplo de boas obras' (isto é, no ato de realizá-las)" (Goppelt, "tupo", 8:250).

os tessalonicenses receberam o Evangelho de Deus, eles o fizeram num ambiente social análogo ao das igrejas da Judéia, isto é, estavam sendo perseguidos (1 Ts 2.14-16). As palavras de Paulo: "Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores μιμηταὶ ἐγένεθε (*mimetai egenethe*) das igrejas de Deus que, na Judéia, estão em Jesus Cristo" (v. 14), oferecia um incentivo para que a igreja continuasse perseverando.

Além de ser um reflexo das igrejas da Judéia (2.14), os tessalonicenses, em sua perseguição, imitavam tanto o círculo apostólico como o próprio Senhor e, por sua vez, tornavam-se padrão para os crentes de toda a região da Macedônia e da Acaia (1.6,7). Michaelis objeta contra todo tipo de "imitação consciente",[61] mas os versículos subseqüentes não só documentam sua perseguição, como também mencionam provas contínuas de sua fidelidade (1.8-10). Essas exibições vivas eram um elemento crucial no padrão manifestado diante dos outros crentes.

Hebreus 6.12 também fala da exemplificação. Os exemplos aqui são todos os que "pela fé e paciência, herdam as promessas ". O autor urge com os leitores dessa epístola a se alistarem em suas fileiras por meio de uma conduta de imitação.

Michaelis está correto ao afirmar:

> A exortação em 3 João 11: μὴ μιμοῦ τὸ κακόν ἀλλὰ τὸ ἀγαθον [*me mimou to kakon alla to agathon*, "Não sigas o mal, mas o bem"] é geral, mas está estreitamente relacionada com o que a antecede e sucede. Gaio não deve ser enredado por Diótrefes, que é denunciado em v. 9f. Ele deve seguir Demétrio, que é louvado no v. 12.[62]

As Escrituras nunca afirmam que os crentes devem imitar uma abstração. Como aqui, o exemplo é sempre concreto. Essa passagem fornece tanto o padrão negativo como o positivo.

O povo de Deus deve imitar não apenas outros discípulos maduros, mas também as pessoas que Deus lhes ofertou por líderes espirituais (Ef 4.11-13). Estes, por sua vez, em harmonia com os testemunhos do círculo apostólico,

---

61. Michaelis, "mimetes", 4:670. Alguns de seus comentários contextuais são críveis, mas sua idéia norteadora, de que a exemplificação só diz respeito à autoridade, limita sua conclusão acerca dos versículos com sua forma pressuposicional.

62. Michaelis, "μιμητης", 4:666 (transliteração e tradução acrescentadas).

devem esforçar-se para ser como Cristo, o único que manifesta a imagem moral perfeita de Deus. No Novo Testamento, o elo vital da imitação ética representada nos líderes da igreja é particularmente evidente. Por conseguinte, para redescobrir o ministério pastoral de acordo com a Palavra de Deus, é preciso que os líderes eclesiásticos de hoje não só reconheçam e ensinem a prioridade da exemplificação moral, mas aceitem esse desafio maior pessoalmente e, por sua graça, vivam como exemplos diante das ovelhas de Deus e de um mundo crítico, pronto para levantar uma acusação de hipocrisia.

17

A Liderança

Alex D. Montoya

Na igreja local, a liderança é indispensável para que a igreja tenha direção e propósito. O líder maior — em geral o pastor — lidera os outros para que se alcance um alvo comum. A Bíblia contém numerosos exemplos de como Deus tem se valido de líderes para realizar seus propósitos. O líder cristão deve ter o cuidado de observar os princípios bíblicos ao liderar a igreja, principalmente ao assumir o papel de líder-servo. Sete características de um bom líder são: disciplina pessoal, boas decisões, comunicação eficaz, estilo apropriado de liderança, compatibilidade com o povo, capacidade inspirativa e disposição para pagar o preço da liderança. O ato de liderar exige visão, recrutamento, delegação e motivação.

A liderança é essencial à vida e missão da igreja. Sem ela, a igreja tropeça e cai num curso incerto em sua peregrinação rumo a um lugar melhor. Sem liderança, a igreja não é capaz de cumprir seus propósitos de ministrar eficazmente aos de dentro e alcançar os de fora, nem pode render a Deus a glória que Ele merece.

De acordo com Means, a igreja está passando por uma crise de liderança que se evidencia por cinco sintomas:[1]

1. Ausência de crescimento significativo nas igrejas
2. Quantidade de discórdias e desarmonia entre as congregações
3. Número de pastorados breves e de estafa entre ministros

1. James E. Means, *Leadership in Christian Ministry* (Grand Rapids: Baker, 1989), 18-22.

4. Crescimento da religião de espectadores que contribui para o afastamento de igrejas com problemas de liderança
5. Alta porcentagem de igrejas que não ministram.

A falta de liderança parece uma praga da sociedade moderna. Bennis, grande autoridade em liderança secular, classifica o mundo de hoje da seguinte maneira: "Para onde foram todos os líderes? Os líderes que permanecem são cabeças de corporações em dificuldades, presidentes de universidades, prefeitos, governadores. Os líderes de hoje às vezes parecem espécies ameaçadas, tragados pelas ondas dos acontecimentos e circunstâncias, fora do controle racional".[2] Liderança eficaz é a necessidade do momento, e, para a igreja que recebeu o mandato de evangelizar o mundo, é uma exigência indispensável — aliás, uma necessidade urgente.

O pastor é a pessoa chamada para prover a liderança final na igreja, não importando o sistema administrativo dela. O sucesso da igreja depende em grande parte de sua capacidade de liderança. Este capítulo tem como propósito ajudar o pastor em sua liderança do rebanho de Deus, esboçando perspectivas bíblicas acerca da liderança pastoral e as principais preocupações envolvidas nessa liderança, ou seja: visão, compromisso, delegação e motivação.

Definição e Liderança

Antes de considerar as perspectivas bíblicas, vamos tentar definir liderança. A variedade de definições de liderança proposta torna um tanto difícil a tarefa. "Liderança", diz uma, "é o processo de motivar as pessoas".[3] Outra afirma: "Liderança é o que move as pessoas e as organizações para que cumpram seus alvos".[4] George dá ênfase ao efeito dos líderes nos outros: "Ao dar crescente prioridade ao ato de *liderar os outros* rumo ao ministério, o pastor aumenta o potencial de crescimento da igreja, porque a igreja inteira torna-se capaz de trabalhar no ministério".[5]

O mundo secular define liderança em termos que podem ajudar os pastores a compreender sua função de liderança. "O objetivo principal da liderança é

2. Warren Bennis, *On Becoming a Leader* (Menlo Park, Calif,. Addson-Wesley, 1989), 14.
3. Harold Myra, ed., *Leaders* (Waco: Word, 1987), 158.
4. Harris W. Lee, *Effective Church Leadership* (Minneapolis: Augsburg, Fortress, 1989), 27.
5. Carl F. George e Robert E. Logan, *Leading and Managing Your Church* (Old Tappan, N.J., 1987), 15.

a criação de uma comunidade humana aglutinada por um elo de trabalho para um propósito comum", de acordo com Bennis.[6] Burns afirma:

> Defino liderança como líderes induzindo seguidores a agir em direção a certos alvos que representam o valor e as motivações — os anseios e necessidades, as aspirações e aplicações — tanto dos líderes como dos seguidores. E o segredo da liderança consiste na maneira pela qual os líderes vêem e desenvolvem os valores e as motivações deles mesmos e dos seguidores.[7]

Para o líder cristão, entretanto, oferecemos duas definições que consideramos mais acertadas. A primeira é de Means:

> Liderança espiritual é o desenvolvimento de relacionamentos com as pessoas de uma instituição ou de um corpo cristão, de tal maneira que os indivíduos e o grupo sejam capazes de formular e atingir alvos que sejam compatíveis com a Bíblia e que preencham suas verdadeiras necessidades. Por sua influência ética, os líderes espirituais servem para motivar e capacitar os outros para que alcancem o que, de outra forma, talvez não fosse alcançado.[8]

A definição igualmente concisa e excelente de Gangel descreve liderança como "o exercício dos dons espirituais sob o chamado de Deus, para servir determinado grupo de pessoas, para que este atinja os alvos que Deus lhe deu, com o fim de que glorifique a Cristo".[9] Assim, "o pastor, administrador ou executivo, portanto, trabalha com pessoas e por meio delas, para fazer as coisas acontecerem. Ele assume a devida liderança para perseguir cada objetivo a fim de que Deus possa ser glorificado".[10]

Todas essas definições de liderança têm uma coisa em comum: o líder é o que dirige os outros para que se atinja um alvo comum. Se ninguém o segue, obviamente ele não é líder, não importam os títulos e os diplomas que venham antes ou depois de seu nome. Ou já se disse: "Uma igreja pode chamá-lo para

---

6. Bennis, *Becoming a Leader,* 163.
7. Lee, *Church Leadership*, 153.
8. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 59.
9. Kenneth O. Gangel, *Feeding and Leading* (Wheaton: Victor, 1989), 31.
10. Charles V. Wagner, *The Pastor: His Life and Work* (Shaumburg, Ill.: Regular Baptist Press, 1976), 137.

ser pastor, porque *pastor* é um título. O chamado não faz de você um líder. *Líder* não é um título, é uma função. Você só se torna líder quando age como tal".[11]

A Perspectiva Bíblica de Liderança

Liderança é bíblica. A idéia de alguém liderando outros está fundamentada nas Escrituras. Assumir o papel de líder na igreja de Deus e esperar que os outros sigam seu exemplo não é egoísmo, autoritarismo, condescendência nem pecado. Temos certeza disso porque as Escrituras deitam as bases e os princípios da liderança cristã.

A Base Bíblica

Nessa área de liderança, alguns podem questionar se alguém deve ao menos pensar que possa ter o direito de dizer aos outros o que fazer. Mas toda a Escritura é muito clara acerca desse chamado para a liderança.

1. Toda a história do envolvimento de Deus com seu povo é, na realidade, o envolvimento de Deus com certa pessoa que ele usou para cumprir sua vontade. Deus sempre atuou por meio de uma pessoa que liderava o povo na execução da sua vontade. Fosse Abraão em Ur e depois em Canaã, José no Egito, Jacó, Moisés no deserto, Josué nas conquistas, os juízes no período intermediário, os reis, ou mesmo os profetas e os apóstolos, Deus os dirigiu por meio da liderança humana. Quando Deus se propõe a cumprir um objetivo, Ele procura uma pessoa que, por sua vez, torna-se um líder para seu povo. Não é de surpreender que Deus mantenha essa prática na Igreja cristã.

2. O Novo Testamento expressa em termos claros que Deus tinha uma liderança designada para sua Igreja. Os apóstolos foram os primeiros líderes designados por Cristo e ordenados com autoridade para dirigir e fazer julgamento entre as pessoas (Mt 10.1-42; 18.18-20), bem como para servir como o próprio fundamento de sua bendita Igreja (Ef 2.20).

No estabelecimento da igreja, o ofício do presbítero e do diácono evidenciava uma liderança espiritual para guiar as congregações. O presbiterato, por sua própria natureza, é liderança. *Presbítero* implica idade e experiência — ingredientes essenciais para os que são destacados para liderar congregações (At

11. Fred Smith, *Learning to Lead* (Waco: Word, 1986), 22.

14.23; 20.17; Tt 1.5). O presbítero também era "supervisor", pessoa incumbida de cuidar da congregação (Fp 1.1; 1 Tm 3.1; Tt 1.5-6).

Atos 20 é chave na compreensão da qualidade de direção dos líderes do Novo Testamento. Atos 20 chama os receptores das palavras de Paulo de "anciãos da igreja" (v. 17). Depois os identifica como "bispos" e lhes diz que devem olhar por si mesmos e "por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os constituiu bispos" (At 20.28). Depois, a tarefa deles é apascentar a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue (v. 28). Os anciãos efésios ilustram, desse modo, as funções do pastor: guardar, liderar e alimentar o rebanho.

A Bíblia também emprega termos específicos para identificar a existência de líderes na igreja. A liderança é alistada entre os dons concedidos à igreja: "... o que preside, [faça-o] com cuidado" (Rm 12.8);[12] "*governos*" (1 Co 12.28).[13] A liderança é alistada entre as qualidades exigidas dos presbíteros nas igrejas: "Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?" (1 Tm 3.5).[14] Em outras palavras, se você não consegue liderar a própria família, como espera liderar a igreja inteira?

3. Certas responsabilidades atribuídas a indivíduos no Novo Testamento indicam que esses homens deviam exercer liderança na igreja. Considere o conselho de Paulo a Timóteo e a Tito acerca do tratamento dispensado aos presbíteros (2 Tm 5.17-25; Tt 1.5-9). Pedro também apresenta uma exortação extensa e clara aos presbíteros (1 Pe 5.1-5). Aqui, as referências à liderança são conclusivas.

4. A igreja recebeu exortações especiais com respeito ao tratamento dispensado aos líderes da igreja. A igreja deve sujeitar-se a homens como tais (1 Co 16.16) e reconhecê-los (1 Co 16.18). Paulo disse aos tessalonicenses: "Reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra" (1 Ts 5.12-13). O autor de Hebreus fala aos crentes: "Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque

12. A palavra é προϊστάμενος (proistamenos), que vem de προΐστημι (proistemi, "presido, dirijo, governo"). G. Abbott-Smith, *A Manual Greek Lexicon of the New Testament* (Edinburg: T. and T. Clark, 1973), 381.

13. A palavra é κυβερνήσεις (kyberneseis) que vem de κυβέρνησις (kybernesis, "guiar, pilotar", e metaforicamente "governo"). Ibid., 260.

14. A palavra é ἐπιμελήσεται (epimelesetai) de ἐιμελέομαι (epimeleomai, "cuido"). Ibid., 171-72.

velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas" (Hb 13.17). Ele também instrui: "Saudai todos os vossos chefes" (Hb 13.24). Aliás, os leitores deviam ter em mente que os seus líderes lhes haviam falado a palavra de Deus (Hb 13.7).[15] "É evidente que os líderes ficavam acima da igreja e que ela ficava sob autoridade. Ninguém tinha o direito de desconsiderar ou desrespeitar os líderes espirituais".[16]

Tanto os pastores como os membros devem perceber que Deus prescreve liderança para sua igreja, e ambos devem ter o cuidado de cumprir suas tarefas com diligência. O pastor deve liderar e deve fazê-lo de modo eficaz e bíblico; os membros devem respeitar os que receberam a incumbência de supervisionar sua alma, obedecê-los e sustentá-los em oração. Existe, portanto, uma base bíblica para tal relacionamento, conforme resume muito bem Lee:

> A liderança eclesiástica está arraigada no que cremos acerca de Deus e da Igreja, o corpo do Filho, Jesus Cristo. A igreja pode ter muito em comum com organizações de vários tipos e pode operar de maneiras semelhantes, mas suas crenças acerca da liderança estão profundamente arraigadas na fé. Na igreja, cremos que a liderança é um dos dons de Deus dados para o bem da vida da igreja e das missões. Cremos também que a liderança é um chamado de Deus e um ministério pelo qual servimos a Deus.[17]

Princípios Bíblicos de Liderança

Vale uma breve palavra para reiterar a importância de os líderes compreenderem os princípios bíblicos que Deus lhes deu. O ministério cristão tem sofrido muito com a violação desses princípios. Aliás, a reputação ministerial tem estado sempre em baixa nesta última década do século XX, só porque alguns pastores rejeitaram os padrões de Deus, prejudicando e manchando o bom nome dos que também recebem o título de pastor.

Nem toda má vontade expressa contra os líderes cristãos é provocada pela própria liderança. O desprezo pelos líderes também brota da atitude contemporânea de rejeitar a autoridade, do nível cultural cada vez mais alto do povo, da publicidade, da secularização da igreja, da falta de cuidado pastoral e dos

---

15. A palavra em Hb 13.7, 17, 24 vem de ἡγέομαι (hegeomai, "lidero, guio, sigo à frente", portanto, "dirigente, líder"). Ibid., 198.

16. Means, Leadership in Christian Ministry, 96.

17. Lee, *Church Leadership*, 25.

ataques humanistas contra a religião.[18] Mas os líderes cristãos merecem alguma parte da crítica. Assim, suas ações devem estar de acordo com princípios bíblicos para resolver o problema.

O pastor é um líder espiritual, um homem de Deus que recebeu um mandato e tem a incumbência de incorporar em sua pessoa os ideais da fé que proclama. Ele deve praticar o que prega. Numa era de pragmatismo no mundo secular, onde os fins justificam os meios, existe a tentação de prostituir o caráter cristão em favor do sucesso. E mais, numa cultura que aclama cada vez mais o sucesso a qualquer custo e renega as virtudes como alvos valiosos, os líderes podem perseguir, sem perceber, os holofotes do sucesso e perder a alegria de servir a Cristo. Means relembra que "Deus mede as realizações em termos de integridade, fidelidade, devoção e justiça, qualidades que nem sempre produzem estatísticas impressionantes".[19] Paulo mesmo, um fracasso de acordo com os padrões de hoje, dá o verdadeiro teste do ministério bem-sucedido: "Requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel" (1 Co 4.2).

O Novo Testamento diz ao líder cristão que tipo de homem ele deve ser (1 Tm 3.1-7; Tt 1.5-8). Para ser líder, a pessoa precisa estar consciente de que deve estar *à altura* desses padrões como uma qualificação para *entrar* no ofício de pastor e, depois, deve *manter* essas qualidades em sua vida para poder *permanecer* no ministério pastoral. (Veja no capítulo 5, "O Caráter do Pastor", explicações complementares e aplicações desses padrões.) O mesmo se aplica ao ofício de diácono (At 6.1-7; 1 Tm 3.8-13).

As Escrituras também dizem ao líder como ele deve executar suas tarefas pastorais (At 20.17-35; 2 Tm 4.1-5; 1 Pe 5.1-4). A liderança pastoral é guardar e pastorear o rebanho de Deus, o que inclui tudo que seja necessário para levar a igreja à maturidade. Pedro faz um belo retrato de como supervisionar, em sua primeira epístola, dizendo como cumprir a responsabilidade que ele mesmo recebeu do Pastor chefe (1 Pe 5.1-4; cf. Jo 21.15-22). Os pastores têm seu trabalho claramente definido para que não se confundam quanto ao que devem fazer ou como devem executar o trabalho.

O pastor, portanto, é *líder espiritual* por vocação. Essa escolha vem de Deus. Sua tarefa é a supervisão espiritual de um corpo de crentes dirigidos pelo

18. Means, Leadership in Christian Ministry, 37-40. Veja também Michael Medved, Hollywood vs, America (New York: HarperCollins, 1992), 37-70.

19. James E. Means, *Effective Pastors for a New Century* (Grand Rapids: Baker, 1993), 123.

Espírito (1 Pe 5.3; cf. 2.5-10). Suas qualificações para manter o ofício são espirituais (1 Tm 3.1-8). Seus métodos para ministrar são espirituais (At 6.4; 2 Co 10.4; 2 Tm 4.1-4). Sua responsabilidade (Hb 13.17) e galardões são espirituais (2 Tm 4.8; 1 Pe 5.4). Embora possamos aprender muito estudando as práticas de liderança do mundo, precisamos sempre ter em mente que "a liderança na igreja é diferente da liderança no mundo".[20]

A advertência apresentada pelo mentor de líderes espirituais J. Oswald Sanders é importante: "A escolha de homens para ofícios na igreja, ou para qualquer um de seus auxiliares, sem referência às qualificações espirituais, resultam necessariamente em administração não-espiritual... A designação de homens com visão secular ou materialista impede que o Espírito Santo cumpra seu programa para a igreja no mundo".[21] Deus usa líderes para cumprir propósitos espirituais. Ele não viola esse axioma.

Como líder espiritual, o pastor torna-se, então, *um líder servo*. Eis o grande paradoxo da liderança cristã: ele lidera no serviço e pelo serviço. Sua grandeza repousa em sua condição de servo de todos. O Senhor Jesus introduziu e exemplificou esse conceito de liderança ao dizer:

> Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos (Mt 20.25-28).

Nosso Senhor também disse: "O maior dentre vós será vosso servo" (Mt 23.11).

O Senhor Jesus foi modelo de líder servo. Cada aspecto de sua vida e ministério ilustrava o tipo de líder espiritual que ele desejava que seus discípulos fossem. Na Última Ceia, ele dramatizou o que entendia por liderança servil. Ali, ele se humilhou e lavou os pés dos discípulos e depois concluiu a lição com estas palavras: "Entendeis o que vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros" (Jo 13.12-15).

---

20. Gangel, *Feeding and Leading*, 35.

21. J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership* (Chicago: Moody, 1980), 113-14.

A liderança, conforme entendida pelo mundo e até praticada em algumas igrejas e organizações cristãs, corre no sentido contrário ao princípio de liderança ordenado pelo Senhor. Gangel assevera que a liderança servil, uma atitude que deve reger as funções administrativas, "choca-se diretamente com o pensamento do mundo".[22]

Quando as pessoas pensam em *liderança*, elas a entendem como um sinônimo de *senhorio*. A liderança bíblica é exatamente o oposto disso. Considere esta afirmação contundente:

> Os líderes das igrejas nunca devem achar que sua posição é de senhorio, mas de serviço. Os líderes não são selecionados para exercer domínio sobre o corpo de crentes, mas para que eles possam ser dirigidos em assuntos espirituais por indivíduos qualificados, piedosos, sob o senhorio de Cristo. Assim, embora interpretemos as palavras governar, dirigir, obedecer e submeter, elas não podem ser interpretadas de modo a dar aos líderes o tipo de autoridade que possuíam os dirigentes dos gentios ou que os oficiais exercem no mundo secular.[23]

Dois esclarecimentos são aqui necessários. O primeiro é que a liderança servil não é escravidão a cada capricho dentro da igreja. Precisamos manter em mente que "o líder cristão é fundamentalmente um servo de Deus, não um servo das ovelhas".[24] Seu acerto de contas final é com Deus. Assim, ele faz o que Deus lhe ordena que faça às ovelhas e, obviamente, apenas o que de fato seja bom para as ovelhas. Um líder servo não é o menino de recados da igreja.

O outro esclarecimento é que a liderança servil é bem-sucedida. A idéia de que tal concepção de liderança pastoral enfraquece a autoridade e a credibilidade é errada. Rush concorda: "Muitos líderes abrigam a idéia errada de que, se servirem, seus seguidores serão considerados fracos e inadequados para liderar... Líderes servos são *mais* eficientes que líderes tradicionais".[25] Até os líderes seculares estão descobrindo a importância e eficácia dessa concepção.[26]

A qualidade indispensável de qualquer líder cristão é que seja *espiritual* ou cheio do Espírito. Uma vez que o Espírito Santo é o autor e o poder na igreja,

---

22. Gangel, *Feeidng and Leading*, 50.

23. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 97.

24. Smith, *Learning do Lead*, 24.

25. Myron Rush, *The New Leader* (Wheaton: Victor, 1987), 85.

26. Veja Stephen R. Covey, *Principle-centeder Leadership* (New York: Summit, 1990), 34.

é bem lógico e natural que, para ser um líder eficaz da igreja do Espírito, a pessoa deva estar cheia desse mesmo Espírito e seja por ele dirigida. Sanders escreve:

> Ser cheio do Espírito, portanto, é ser controlado pelo Espírito. O intelecto, as emoções e a vontade, bem como os poderes físicos, tudo fica à disposição dEle para que se cumpram os propósitos de Deus. Sob seu controle, os dons naturais de liderança são santificados e elevados ao seu poder máximo. O Espírito, sem impedimento nem restrições, é capaz de produzir o fruto do Espírito na vida do líder, com maior encanto e atração em seu serviço e com o poder em seu testemunho de Cristo. Todo serviço verdadeiro não passa do fluxo do Espírito Santo através de vidas submissas e repletas (Jo 7.37-39).[27]

Os líderes cristãos devem considerar essa declaração antes de tentar encontrar algum segredo ou novo ingrediente para um ministério mais eficaz. Se não estiver soprando uma brisa celestial, por maior que sejam as velas, o barco não irá a lugar algum!

Requisitos Práticos para a Liderança

Quase todas as obras notáveis acerca da liderança contêm listas de características essenciais para um serviço eficaz. Em estudos e pesquisas sobre líderes eficazes, entretanto, algumas se destacam por serem mais essenciais. As sete características abaixo parecem caracterizar os bons líderes.

1. O bom líder cuida de si. O autocontrole é o que todo líder aspirante precisa alcançar. O Senhor Jesus o exigiu de todos os discípulos; eles não podiam ajudar os outros antes de obterem vitória em sua própria vida. Ele também acusou os líderes judeus de não estarem aptos para a liderança, chamando-os de "guias cegos" (Mt 15.14; 23.16,24). Se a pessoa se propõe a fazer o que deve, biblicamente, e se disciplina para atingir esses alvos e anseios, logo verá que ultrapassou em muito o alvo, e até obteve alguns extras ao tentar alcançá-lo. Bennis o expressa da seguinte maneira: "Nenhum líder se propõe a ser líder. As pessoas se propõem a viver a vida, expressando-se plenamente. Quando essa

27. Sanders, *Spiritual Leadership*, 117-18.

expressão possui valor, elas se tornam líderes".[28] Obviamente, isso é uma expressão de autocontrole e disciplina em perseguir as prioridades da vida. Considere estar linhas:

> Se você quiser
> controlar alguém,
> controle-se a si mesmo.
> Controle-se bem controlado
> e estará apto para deixar de controlar
> e começar a liderar.[29]

O líder, portanto, deve ser alguém que tenha a vida sob controle, o que inclui seus hábitos pessoais e atividades. O líder é autocontrolado; ele é o seu próprio chefe. Ele sabe como administrar seu próprio tempo, dinheiro, energias e até desejos.

2. O bom líder sabe como tomar boas decisões. "Os líderes são tomadores de decisões".[30] Os problemas acabam nele, significando que, em geral, é ele que precisa tomar a decisão que afeta o andamento da organização. Tomar decisões é uma tarefa difícil e solitária. A habilidade de tomar decisões rápidas e sensatas separa os líderes dos seguidores. "Coletados todos os fatos", afirma Sanders, "a decisão rápida e clara é a marca de um verdadeiro líder".[31] O líder passa a maior parte do tempo lidando com problemas, resolvendo problemas.[32] Assim, todos os líderes têm uma coisa em comum: "São continuamente requisitados a tomar decisões que afetam os outros e a si mesmos".[33]

Tomar decisões é encargo dos líderes, e a indecisão ou decisões infelizes podem tornar-se sua perdição. A incapacidade de tomar decisões é uma das principais causas do fracasso dos administradores, e "essa síndrome de incapacidade de tomar decisões é a causa muito mais comum do fracasso administra-

28. Bennis, *Becoming a Leader*, 111.
29. Calvin Miller, *Leadership* (Colorado Springs: Navpress, 1987), 23.
30. Ibid., 50.
31. Sanders, *Spiritual Leadership*, 83.
32. Myron Rush, *Management*: A Biblical Approach (Wheaton: Victor, 1983), 112.
33. Ibid., 98.

tivo que a falta de conhecimento específico ou de *know-how* técnico".[34] Os líderes precisam ruminar estas palavras:

> O adiamento e a vacilação são fatais para a liderança. É melhor uma decisão sincera e falha, que nenhuma decisão. Aliás, esta é na realidade uma decisão, e, muitas vezes, uma decisão errada. É a decisão de que o *status quo* é aceitável. Na maior parte das decisões, o problema principal não é tanto saber o que fazer, mas estar disposto a arcar com as conseqüências.[35]

Então, como os líderes podem aprender a tomar decisões? Tomando decisões, mesmo que ruins. Rush apresenta cinco passos para tomar decisões eficientes:

Passo um:	Diagnostique corretamente a questão ou problema.
Passo dois:	Colete e analise os fatos.
Passo três:	Desenvolva alternativas.
Passo quatro:	Avalie as alternativas, os prós e os contras.
Passo cinco:	Escolha entre as alternativas positivas.[36]

3. O bom líder é eficiente na comunicação. Capacidade de comunicação de idéias, conceitos e estratégias para a organização é essencial para a liderança. O Senhor Jesus demonstrou sua capacidade de comunicação pela literatura que inspirou,pela Igreja que criou e pela morte que sofreu. Seus inimigos também compreenderam bem a mensagem de seu senhorio.

Se não somos capazes de comunicar, não podemos liderar. Até homens maus levantam-se como líderes de grandes movimentos, por causa de suas habilidades excepcionais de articular suas crenças e comunicá-las, apaixonadamente, aos seus seguidores — Hitler e Marx são excelentes exemplos.

Um pastor eficiente é mais que um teólogo. Ele também deve ser um pregador eficaz, um comunicador da mensagem divina. Nunca houve um líder com número respeitável de seguidores que não se comunicasse com eficiência.

---

34. Ted W. Engstrom e Robert C. Larson, *Seizing the Torch* (Ventura, Calif.: Regal, 1988), 140.

35. Sanders, *Spiritual Leadership*, 88.

36. Rush, *Management*, 102-6.

Cada uma das megaigrejas de hoje possui um grande comunicador como líder. Aliás, em nossa era da comunicação, a articulação e a comunicação são necessárias para a sobrevivência de qualquer organização.

O simples fato de uma pessoa falar ou escrever não significa que ela comunica. Comunicação é "o processo a que nos submetemos para transmitir um entendimento de uma pessoa, ou grupo, a outra".[37] A chave para ser um bom comunicador é, acima de tudo, compreender as pessoas. Depois, é preciso conhecer plenamente o assunto. Então, é preciso captar ou criar o clima correto e, por fim, é preciso ouvir a reação para saber se há compreensão.

O pastor ou pregador deve sempre estar à procura de meios para aumentar sua habilidade na comunicação. A mensagem nunca muda, mas o auditório sim, e também o mensageiro. É conveniente que os pastores mantenham afiadas suas habilidades e, para a maioria deles, a habilidade na pregação só amadurece plenamente muito depois de sua formatura no seminário. Infelizmente, alguns pregadores param de desenvolver suas capacidades na pregação. Trata-se de uma habilidade profissional que *precisamos* dominar a todo custo.[38]

4. O bom líder é o que administra seu estilo de liderança. Os líderes são singulares. Eles são diferentes em personalidade e diferentes no modo de liderar as pessoas. É por isso que se costuma dizer que os líderes não se fazem, eles nascem feitos. Cursos e seminários de liderança não produzem líderes. A vida e suas experiências, mescladas a uma personalidade distinta e à unção de Deus, produzem um líder cristão.

É impossível discutir os vários estilos de liderança aqui, mas algumas outras obras os discutem.[39] Em relação ao estilo, precisamos manter em mente as seguintes observações:

1. Conheça, pelo menos superficialmente, os vários estilos de liderança e saiba o que melhor se adapta à sua personalidade e às circunstâncias que exigem o exercício de liderança.

37. Ibid., 115.

38. Como instrumento para desenvolvimento na comunicação da Palavra de Deus, recomendo ao leitor John MacArthur, Jr. et al., *Rediscovering Expository Preaching* (Dallas: Word, 1992).

39. Veja os estilos de liderança em Gangel, *Feeding and Leading*, 48-61; Rush, Management, 217-32; Ted Engstrom, *The Making of a Christian Leader* (Grand Rapids: Zondervan, 1976), 67-94.

2. Compreenda as circunstâncias que podem exigir um estilo de liderança a que você *não* está acostumado, mas que deve ser empregado para benefício da organização.[40]
3. Apegue-se ao seu estilo particular de liderança e seja coerente com ele.

Ouça o que diz um líder: "Uma vez que há várias maneiras de liderar, é importante fazer uma seleção muito clara... Os seguidores têm uma capacidade assombrosa de se acomodar aos estilos de liderança... Se você selecionar seu estilo, desenvolvê-lo e permanecer coerente, pode usar quase qualquer método que quiser".[41]

Líderes de igrejas e organizações em expansão concordam que o crescimento dessas organizações está muito relacionado com a capacidade de mudar seu estilo de liderança. Miller testifica isso:

> Que grande inibidor impede a igreja de crescer? Creio que a falta de crescimento pode ser atribuída à falha dos pastores ou líderes que não conseguem ajustar seu estilo de liderança... Comecei a pastorear no campo em que sirvo há uns vinte anos. Começar com uma congregação bem pequena até chegar a uma grande significa que tive de mudar continuamente meu estilo administrativo.[42]

Os bons líderes, portanto, conhecem os estilos administrativos e são capazes de ajustar seus estilos particulares à necessidade da organização.

5. O bom líder entende-se com as pessoas. Alguém disse brincando: "Não fossem as pessoas, o ministério seria uma ocupação maravilhosa". Isso coloca o dedo no problema de alguns candidatos a líder: eles não se dão com as pessoas. Líderes eficientes aprenderam a fina arte de se entender com as pessoas que lideram ou esperam liderar. As pessoas são lideradas, não dirigidas. Se o líder não consegue conquistá-las para si, elas simplesmente debandam. É incrível como alguns líderes cristãos destroem suas igrejas por falta de tato, amor, compaixão, paciência e sensibilidade no cuidado com o rebanho. Às vezes, o próprio pastor mantém aberta a proverbial "porta dos fundos". Depois ele ar-

---

40. "O estudo indica que não existe um estilo melhor em todas as circunstâncias" (Lee, *Church Leadership*, 45).

41. Smith, *Learning to Lead*, 40.

42. Miller, *Leadership*, 113.

ranja alguma outra desculpa para a perda de membros. Os membros da igreja raramente a abandonam por alguma questão; em geral, os problemas são choques de personalidade ou conflitos a respeito de assuntos pessoais.

Means faz esta observação: "No ministério pastoral, a causa mais básica da ineficácia e do fracasso é uma incapacidade de construir e sustentar um companheirismo significativo com os líderes leigos da igreja".[43] As Escrituras declaram: "O irmão ofendido é mais difícil de conquistar do que uma cidade forte" (Pv 18.19). O líder sábio procura evitar ofensas, não cria discórdias desnecessárias e escolhe bem os montes pelos quais dará a vida. Infelizmente, vêem-se muitos cadáveres de pastores sobre montes de cupim.

A pessoa pode ser erudita e entendida quanto às Escrituras. Pode ser articulada em seus discursos e bem provida das capacidades administrativas básicas, mas se não amar de verdade as pessoas e não conseguir ter paz com elas, nunca conseguirá liderá-las. Ela pode ostentar o título de pastor, mas nunca será vista como pastor. Precisamos levar a sério a advertência de Paulo: "A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens" (Rm 12.17-18).

6. O bom líder é aquele que inspira. Um traço indispensável dos líderes eficientes é sua capacidade de inspirar os outros de maneira quase que inconsciente. Os bons líderes inspiram pessoas desanimadas e desmoralizadas; dão nova vida a uma organização agonizante. Sanders afirma: "O poder de inspirar os outros para o serviço e o sacrifício é a marca do líder de Deus. Sua chama acende os que ficam à sua volta".[44] Não basta estar na frente do rebanho; o líder deve também inspirar o rebanho para que este pegue o ritmo e o faça com disposição e entusiasmo.

Em geral, as pessoas não são entusiásticas, mas sujeitas aos altos e baixos da vida, sendo afetadas pelas circunstâncias e até pela liderança precária que desencoraja a atividade. Os 12 espias enviados a Canaã voltaram com boas e más notícias: a terra era de fato fértil, mas também havia gigantes. A punição da nação de Israel pode ser atribuída aos dez líderes que não inspiraram o povo, antes "infamaram a terra que tinham espiado" (Nm 13.32). A liderança precária

43. Means, *Effective Pastor*, 220.

44. Sanders, *Spiritual Leadership*, 105.

condenou o povo a perder anos peregrinando em círculos numa terra desolada. O mesmo pode ocorrer com igrejas e organizações lideradas por pessoas que não conseguem inspirar os outros a ver por trás dos obstáculos as oportunidades providas por Deus. Os líderes espirituais "inspiram as pessoas a reconhecer suas próprias necessidades, valores e objetivos espirituais, e depois lhes facilitam o crescimento em áreas vitais. Líderes espirituais bons e eficientes, infundem nos outros um espírito de entusiasmo animador, motivador e exaltado pela pessoa de Cristo, pelo crescimento em Cristo e pela missão da igreja".[45]

A inspiração começa e termina na atitude. A inspiração é uma respiração espiritual artificial em que a pessoa inspirada dá inspiração aos que não a têm. Bons líderes são sistematicamente otimistas e cheios de fé. Eles não têm problemas de atitude. Há muito perceberam a importância da atitude positiva. Rush relembra que "a atitude dos líderes cristãos desempenha um papel importante na determinação do que a pessoa faz e alcança. Se a pessoa acha que algo é impossível, em geral não vai se preocupar em tentar realizá-lo. Assim, com freqüência, os pensamentos tornam-se profecias que cumprem a si mesmas".[46] Líderes inspirativos também atraem pessoas inspirativas, e esse efeito de bola de neve exerce um impacto importante no restante dos seguidores.

Como um líder desenvolve inspiração e como a mantém? O que separa os líderes dos não-líderes é que aqueles sabem como inspirar a si mesmos. Eles aprenderam o segredo de conservar suas próprias fornalhas acesas e quentes. Eis algumas sugestões para desenvolver inspiração:

1. Mantenha uma vida devocional vibrante e ativa, porque Deus é a fonte de toda a vida (Jo 15.1; Fp 4.13).
2. Seja realista. Colete todos os dados. Não tema a verdade. A inspiração não é construída sobre fantasias.
3. Seja otimista. Creia que todas as coisas cooperam para o bem (Rm 8.28). Os obstáculos tornam-se oportunidades. Pedras de tropeço tornam-se pedras angulares.
4. Seja um homem de fé. Tente fazer grandes coisas para Deus e espere grandes coisas de Deus.

45. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 65.

46. Rush, *Management*, 171.

5. Evite pessoas negativas e cerque-se de pessoas positivas.
6. Cultive uma vida familiar feliz. As brasas quentes de nossa vida vêm do Céu e do lar.
7. Mantenha o corpo sadio e em forma. O metabolismo do corpo e a inspiração estão ligados.
8. Concentre-se em seus sucessos, não em seus fracassos. Considere os fracassos como simples oportunidades de juntar experiência para sucessos futuros. Não podemos ganhar sem tentar e, tentando, às vezes haverá fracassos.
9. Leia literatura inspirativa.
10. Tenha pensamentos positivos em relação aos outros. Procure o bem nas pessoas. Elas foram feitas à imagem de Deus.

7. O bom líder é alguém disposto a pagar o preço. Os líderes pagam um alto preço para estarem neste lugar. A liderança espiritual implica em disciplina, sacrifício pessoal, grande paciência e uma porção de dificuldades. A liderança é uma posição solitária e exige decisões cruciais e difíceis, correndo-se o risco de se alienar até dos amigos mais chegados. "Uma cruz coloca-se no caminho da liderança espiritual", confessa Dr. Sanders, "uma cruz sobre a qual o líder deve deixar-se pregar".[47] Ninguém pode colher os frutos da liderança sem pagar o preço.

O pastorado não é uma tarefa fácil; não é para os tímidos, para o fracos, para os que querem fugir das dificuldades. O pastorado é uma "frigideira" extremamente quente, e se a pessoa não agüenta o calor ou não quer enfrentá-lo, precisa desistir. Críticas, salário baixo, solidão, frustração, jornada prolongada, rejeição e até estafa são, todos, problemas ocupacionais do ministério. Como na guerra, há baixas. Mas, como na guerra, a batalha precisa ser ganha, e as tropas serão dirigidas por líderes que compreendam os riscos e estejam dispostos a pagar o preço.

O desenvolvimento dessas características de liderança eficaz exige tempo e experiência, juntamente com algum programa sério de estudo e de pesquisa individual. A liderança espiritual brota do ministério diário e das lutas em favor do povo de Deus. Os tempos difíceis exigem boa liderança que, às vezes, não se

47. Sanders, *Spiritual Leadership*, 170.

encontra em lugar nenhum, mas precisamos nos lembrar de que os melhores líderes sempre surgem em tempos de grande aflição. Aguardamos a nova geração de líderes que Deus levantará nesse intenso embate espiritual que a Igreja está enfrentando.

O Ato de Liderar

Líderes, liderem! A tarefa sua é ter a visão do que deve ser, arregimentar pessoas para que adotem essa visão, delegar a tarefa a outros e depois manter todo o grupo motivado para completar ou cumprir a visão. Os líderes espirituais extraem sua perspectivas propósito de Deus. Depois convocam a igreja para que auxilie no cumprimento do propósito, o que logicamente implica que os líderes devem manter a igreja motivada até que o alvo seja atingido. O ato de liderar, portanto, compreende quatro elementos: visão, convocação, delegação e motivação. Se o pastor ou o líder espiritual for bem-sucedido no cumprimento dessas quatro atividades, será bem-sucedido em sua liderança.

Visão

Os pastores devem ser homens de visão. Eles precisam possuir um profundo senso do que estão para fazer, de onde devem chegar e de como devem fazê-lo. A visão fornece essa orientação. A visão é crucial para a vida da igreja, assim como para qualquer organização. "Uma visão dá vida", escreve Lee, "e se não houver visão, as sementes da morte estarão sendo plantadas e ela acabará prevalecendo, é só uma questão de tempo".[48]

Aqui está a diferença principal entre liderança e administração. A liderança fornece a visão, e a administração a executa. Stephen Covey capta a distinção nesta declaração contundente: "Administração é a eficiência na hora de subir a escada do sucesso; a liderança determina se a escada está colocada na parede certa".[49] Em outras palavras, "administração é fazer certo e liderança é estabelecer o que é certo".[50]

Com respeito à liderança e à visão, Bennis observa que "todos os líderes têm capacidade de criar visão instigadora, que leva as pessoas a novos lugares, e

48. Lee, Church Leadership, 131.

49. Stephen R. Covey, *The Seven Habits of Highly Effective People* (New York: Simon and Schuster, 1989), 101.

50. Ibid.51. *Bennis, Becoming a Leader*, 192.

depois de traduzi-la em realidade".[51] Sanders atesta que "os que influenciam mais poderosa e permanentemente sua geração são os 'visionários' — homens que enxergam em maior amplitude e distância que os outros — homens de fé, pois fé é visão".[52]

Que seria, então, a visão? Encontramos esta definição na ótima obra de Mean: "A visão é uma tentativa de articular, do modo mais claro e vivo possível, o estado futuro ideal que a organização deseja. A visão é o alvo que fornece direção, alinha os jogadores principais e fornece energia para as pessoas atingirem um propósito comum".[53] Peters e Austin são úteis quando acrescentam: "Você precisa saber para onde está indo, ser capaz de expressá-lo de modo claro e conciso — e precisa cuidar disso apaixonadamente. Tudo isso contribui para a visão, a declaração (o quadro) concisa do ponto a que a companhia e seu pessoal estão caminhando e o motivo pelo qual devem se orgulhar dele".[54]

Lee observa: "Quando a organização possui uma consciência clara de seu propósito, direção e estado futuro desejado, e quando essa imagem é compartilhada amplamente, os indivíduos são capazes de encontrar seu lugar tanto na organização como na sociedade maior de que participam".[55] Assim, em primeiro lugar, a visão é saber o que a igreja deve fazer e, depois, compartilhar com as pessoas, de tal forma que também possam "ver o invisível". Sentimos que a visão para o pastor é principalmente ver o que Deus quer daquela igreja específica. A questão não é necessariamente mística ou reveladora. Antes, é possuir um profundo senso das possibilidades e conduzir os outros a uma visão semelhante.[56]

O líder desenvolve a visão a partir de algumas fontes. Acima de tudo, ela vem de Deus, por meio das Escrituras Sagradas, que são o mapa para o povo de Deus. Podemos dizer que, em certo sentido, todos os pastores compartilham da mesma visão acerca da igreja: glorificar a Deus, fazer discípulos e edificar seu corpo, a Igreja. Mas a aplicação da visão geral será personalizada em cada líder e congregação.

---

51. Bennis, Becoming a Leader, 192.

52. Sanders, Spiritual Leadership, 77.

53. Means, *Effective Pastors*, 143.

54. Tom Peters e Nancy Austen, *A Passion for Excellence* (New York: Random House, 1985), 284.

55. Lee, Church Leadership, 132.

56. James M. Kouzes e Barry Z. Posner, *The Leadership Challenge* (San Francisco, Calif.: Jossey-Bass, 1987), 85.

A visão também provém da experiência passada — quanto maior a experiência, maior a visão. Quanto maior a contemplação no passado, mais claro o foco no futuro: "Parece que, quando primeiro observamos nosso passado, alongamos nosso futuro. Também enriquecemos o futuro e lhe fornecemos detalhes quando relembramos a riqueza de nossas experiências passadas".[57] O envolvimento também contribui para a criação da visão. O ato de fazer — de aplicar o conhecimento do passado no presente — aumenta a visão. Precisamos agarrar as portas das oportunidades do presente que, por sua vez, podem fazer surgir a visão.

É necessário também manter viva a visão porque, assim como os sonhos, costumam se dissipar. Calvin Miller oferece duas sugestões para manter viva a visão:

> A primeira é uma hora tranqüila adequada. Enquanto você estiver quieto no altar de sua própria confiança, sua visão guardará seu lugar em sua vida. As visões se reconstituem na quietude, não na pressa ou no barulho. O segundo ingrediente para manter a visão é a recapitulação. Você precisa repassar seus sonhos constantemente. Não basta tê-los recapitulado no passado. Eles precisam fazer parte do dia-a-dia, ou logo deixarão de ser perseguidos.[58]

Os pastores não podem marcar passo. Não podem simplesmente manter o trabalho, "guardando a fortaleza" até Cristo voltar. Eles precisam estar atuando na liderança, instilando visão em seu povo. A igreja deve perceber que é preciso fazer algo, e o pastor deve lhes dizer que algo é esse e liderá-los para que o cumpram.

Alistamento

Compartilhar a visão é o primeiro ato da liderança, o segundo é alistar outras pessoas que comprem a visão. Também podemos chamá-lo de *recrutamento*. Os líderes efetivos sabem como recrutar pessoas para concretizar a visão da organização. Os líderes devem seguir o exemplo de Cristo, cujo chamado era "vinde após mim" (Mt 4.19). Nosso Senhor recrutou ou convocou as

57. Ibid., 95.

58. Miller, *Leadership*, 42.

pessoas e as transformou em seus discípulos, que participavam de sua visão e se empenharam para torná-la real.

As igrejas de hoje sofrem por falta de obreiros. Rush observa:

> A falta de voluntários é uma das maiores tragédias na igreja de hoje. Aliás, os verdadeiros voluntários são tão poucos na igreja atual que é provável que tenhamos de recapitular para nós mesmos o seu significado: uma pessoa que por sua própria iniciativa e livre vontade se apresenta para realizar uma tarefa. Tais pessoas são tão raras na cristandade hoje, que a maioria dos líderes cristãos levam um susto quando são abordados por um.[59]

Nosso mundo está se tornando uma sociedade de espectadores produzida pelo vício do lazer e pela atuação crescente dos profissionais em nossas igrejas. A animação de massas exige excelência que só um profissional pode apresentar. O resultado final é que temos cada vez menos voluntários e, por fim, se fará cada vez menos pelo Reino de Deus. O círculo precisa ser quebrado, se quisermos sobreviver pelo próximo século adentro.

Os líderes precisam alistar seguidores na causa de Cristo, não apenas fazendo-os crer na mensagem da cruz, mas também fazendo-os exercer seus dons para o aperfeiçoamento do corpo de Cristo. Ao pensar em alistar os outros para o ministério, os líderes precisam ter em mente os seguintes princípios:

1. As pessoas querem servir: "Precisamos compreender que as pessoas se apresentarão como voluntários para uma tarefa, se tiverem consciência de sua importância e souberem que são necessários e apreciados quando se oferecem para desempenhá-las ".[60]
2. As pessoas servirão se "solicitarmos pessoas específicas para ministérios específicos por um período de tempo específico".[61]

Os líderes devem recrutar efetivamente para atingir os alvos a que aspiram. Precisamos aprender a arte do recrutamento. Afinal, isso faz parte da descrição da função do líder.[62] O recrutamento de voluntários é um ato de liderança.

---

59. Rush, *New Leader*, 119.
60. Ibid., 125.
61. Gangel, *Feeding and Leading*, 144.
62. Veja o capítulo de Gangel, "Recruiting Effective Volunteers" em *Feeding and Leading*, 133-47.

Delegação

Depois do alistamento vem a delegação, pois o propósito do alistamento é delegar a cada um a tarefa e, assim, fazer com que cada um se ocupe da concretização da visão do corpo. A delegação é uma das tarefas essenciais da liderança espiritual ou secular. "Aquele que é bem-sucedido na tarefa de conseguir que os outros trabalhem", afirma Sanders, "está exercendo a modalidade mais elevada de liderança".[63] De acordo com alguns, "a delegação pode ser a habilidade mais importante de um executivo".[64]

Que significa *delegação*? Delegação é a arte de transferir parte de seu trabalho a outra pessoa, confiar responsabilidade e autoridade, bem como uma tarefa a outra pessoa que esteja com você no ministério, ou simplesmente "livrar-se de tudo o que for possível e fazer somente o que restar".[65] Rush apresenta esta definição abrangente:

> Delegação consiste em transferir autoridade, responsabilidade e prestação de contas de uma pessoa ou grupo a outra. Na maioria dos casos, envolve transferência de autoridade de um nível mais alto numa organização para um nível mais baixo. A delegação é o processo pelo qual ocorre a descentralização do poder organizacional. A descentralização resulta em dispersão de autoridade e responsabilidade de cima para baixo na organização, permitindo que mais pessoas se envolvam no processo de tomada de decisão.[66]

A delegação *não* é o abandono da liderança, mas o seu exercício mais profundo. Grandes líderes são delegadores eficientes, que percebem sua incapacidade pessoal para fazer ou cuidar de tudo que querem ver realizado. Quando uma organização cresce, atinge um ponto em que as tarefas precisam ser delegadas a fim de que continue se desenvolvendo e para que a carga de trabalho seja suportada pelo líder. Êxodo 18 é um exemplo bíblico clássico da necessidade de organização. Um exame atento do capítulo premiará os líderes apanhados pela mesma crise de Moisés.

---

63. *Sanders,* Spiritual Leadership, 202.
64. *E.g., Gangel,* Feeding and Leading, 175.
65. *Ibid.*
66. *Rush,* Management, 132.

Os benefícios pessoais e coletivos da delegação são incalculáveis e atendem aos seguintes propósitos:[67]

1. Livra os líderes de alguns trabalhos
2. Garante que o trabalho seja feito da forma devida
3. Ajuda a facilitar a tomada de decisões
4. Desenvolve as habilidades das pessoas
5. Aumenta a produtividade
6. Transforma o líder num participante do grupo
7. Prepara futuros líderes
8. Faz as pessoas desenvolverem as habilidades para seu próprio benefício

Com tantos benefícios, talvez perguntemos por que mais líderes não praticam uma delegação efetiva. A resposta provavelmente está no fato de que alguns ocupam o ofício de líder sem possuir as características de líder. Esses simplesmente não querem delegar e não pretendem fazê-lo nunca. A razão principal é o medo de perderem o poder ou controle. Esses líderes também nunca pretendem dividir a glória com seus seguidores. Miller destaca essa falácia: "Você nunca chegará à verdadeira plataforma da liderança insistindo que outros façam seu trabalho, enquanto você fica com a glória".[68]

A delegação indevida também frustrará os liderados. Há maneiras apropriadas de delegar, e os ingredientes da delegação correta, que são responsabilidade, autoridade e prestação de contas, devem estar presentes. Responsabilidade é saber muito bem o que deve ser feito; autoridade é ter poder de decisão para cumprir a tarefa; e prestação de contas é saber as limitações sob as quais a tarefa é cumprida. Faltando um deles, o processo de delegação não será bem-sucedido.

Talvez este acróstico[69] ajude a lembrar os devidos passos para fazer uma delegação:

---

67. Donald H. *Weiss, How to Delegate Effectively* (New York: American Management Association, 1988), 15-21.

68. Miller, *Leadership*, 79.

69. Recebi esse acróstico do professor Jim George, do Master Seminary

D Determine o ministério
E Examine as tarefas
L Levante a seleção de líderes
E Eduque o líder
G Guie o líder
A Autorize o líder
D Dê crédito ao líder
O Observe o líder.

Não podemos subestimar a importância desse ato de liderança e concordamos com esta afirmação: "O grau em que o líder é capaz de delegar o trabalho é a medida de seu sucesso".[70]

Motivação

O líder pode instilar visão, recrutar trabalhadores e delegar responsabilidades, mas o que garantirá que as pessoas permaneçam em seus postos com o devido entusiasmo para realizar ou manter o esforço por um período prolongado? A resposta é: *motivação*. Os líderes devem motivar, inspirando os seguidores a permanecer no posto. Rush afirma que "um líder nunca será bem-sucedido a menos que seus seguidores sejam motivados a obter sucesso".[71]

Por *motivação* entendemos a liberação de um impulso interno na pessoa, colocando-a em ação.[72] Alguém afirmou: "Motivação é o ato de criar circunstâncias para obter resultados por meio de outras pessoas".[73]

De todas as tarefas desempenhadas pelo líder, a aptidão de fazer as pessoas se envolverem continuamente em alguma atividade é a que mais tem propiciado abusos. Líderes espirituais são culpados dos piores tipos de manipulação e fraudes descaradas em seu esforço de fazer a igreja agir. Eles têm usado adulações, ameaças, favoritismos, mendicância, apelações, textos bíblicos, subornos e até alegações de revelações diretas para manipular os seguidores.[74]

---

70. Sanders, *Spiritual Leadership*, 203.
71. Rush, *Management*, 109.
72. Ibid., 108.
73. Engstrom e Larson, *Seizing the Torch*, 62
74. Means, *Leadership in Christian Ministry*, 182.

Como o líder deve motivar? Sendo ele mesmo a chave da motivação — sua integridade, sua habilidade, seu conhecimento do que deve ser feito e seu exemplo representam aspectos básicos para a motivação. Todas as táticas motivacionais são ineficientes se o líder carece de qualidades pessoais.

O líder que possui essas qualidades pode aprimorar sua habilidade motivacional compreendendo as pessoas e o que faz com que dêem o seu melhor. Lee fornece a seguinte lista para ajudar as pessoas a dar o seu melhor:[75]

- As pessoas precisam saber o que lhes ocorrerá como indivíduos, o que se espera delas e como sua contribuição colaborará para o grupo.
- As pessoas precisam de um senso de participação, um sentimento de que ninguém faz objeções quanto à sua presença, um sentimento de que são sinceramente bem-vindos, um sentimento de que são desejados por tudo o que são.
- As pessoas precisam participar do planejamento dos alvos do grupo e ter a certeza de que os alvos podem ser alcançados.
- As pessoas precisam de responsabilidades que sejam desafiadoras, mas que ao mesmo tempo estejam de acordo com suas capacidades, contribuindo para que os alvos do grupo sejam atingidos.
- As pessoas precisam ver que está havendo progresso rumo aos alvos da organização.
- As pessoas precisam ter confiança na liderança do grupo, com a certeza de que os líderes serão justos e também competentes, fidedignos e leais.
- As pessoas precisam concluir em certo momento: "Esta situação faz sentido para mim".

Evidentemente, nada motiva mais que um líder motivado. Se os líderes conseguirem manter-se motivados de alguma forma, o entusiasmo deles para a tarefa será contagiosa. Portanto, o segredo da motivação é manter-se motivado.

O ministério pastoral é um privilégio maravilhoso. É liderança na igreja de Deus, uma mordomia confiada por Deus, um serviço a ser executado em favor do grande Pastor e suas ovelhas. Nós nos consideramos profundamente abençoados por Deus por sermos chamados pastores. É fácil perder de vista nossa responsabilidade mais fundamental: liderar! Assim, empenhemo-nos na tarefa que Deus nos deu: liderar!

---

75. Lee, *Church Leadership*, 152-53.

18

A Evangelização

Alex D. Montoya

Uma vez que a evangelização constitui um dos propósitos principais da igreja, o pastor deve desempenhar um papel importante na liderança, cumprindo-a com responsabilidade. A ordem do Novo Testamento quanto à evangelização determina que a igreja se expanda. Entre outros, Mateus 28.18-20 indica que a evangelização implica sair para buscar os perdidos, pregar o Evangelho, ensinar obediência e discipulado contínuo. Várias maneiras de cumprir o propósito de expansão incluem evangelização pessoal, evangelização pública e estabelecimento de igrejas. A motivação evangelística do pastor vem da obediência a Cristo, do amor por Ele e pela humanidade. O pastor pode transmitir essa motivação a seu povo por meio de exemplos, anseios, exortações, incentivos e promoção de campanhas evangelísticas específicas. Métodos específicos de evangelização não devem obscurecer a mensagem pura do evangelho. Entre eles, existe a evangelização pessoal e de simpatizantes, estudos bíblicos evangelísticos nos lares, evangelização em profundidade, e ministério voltado para os interessados promovido pela igreja local. Além disso, a evangelização por meios de comunicação de massa, cruzadas evangelísticas e a evangelização especial são outros métodos possíveis.

Por que a evangelização deve ser preocupação da igreja e por que o envolvimento na evangelização deve ser ambição do pastor? A resposta é simples: nosso Senhor Jesus Cristo nos mandou evangelizar (Mt 28.19,20; Mc 16.15,16; Lc 24.46-49; Jo 20.21; At 1.8). Temos a obrigação de cumprir a Grande Comissão de fazer discípulos de todas as nações, começando em nosso próprio país. O propósito do Senhor é a salvação da humanidade: "Porque o Filho do

Homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45). "Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lc 19.10). Para Cristo, ganhar o perdido era o maior desejo e o propósito expresso de sua vinda ao mundo (Jo 4.32,33).

Cristo chamou os discípulos para que o seguissem e aprendessem a ser "pescadores de homens" (Mt 4.19). Ele ensinou os discípulos para que se tornassem mensageiros das novas do Reino e testemunhassem seus sofrimentos. No final, Jesus os comissionou para que evangelizassem o mundo, o que começaram a fazer assim que receberam o poder do Espírito Santo (At 1.8; 2.1-4). O relato de Atos descreve a obediência da igreja à Grande Comissão, a mesma comissão confiada à igreja de hoje.

A Ordem de Evangelização

A ordem, desse modo, é evangelizar o mundo. Mas o que significa *evangelizar*? Algumas definições chaves esclarecem o significado de evangelização. Packer define:

> Evangelização consiste simplesmente da pregação do evangelho... É uma obra de comunicação na qual os crentes, sobre a misericórdia de Deus, se fazem porta-vozes da mensagem para os pecadores. Todos aqueles que anunciam fielmente essa mensagem, sob quaisquer circunstâncias, tanto numa numerosa como numa pequena reunião, em um púlpito ou em uma conversa particular, estão evangelizando.[1]

Um conhecido evangelista americano apresenta a seguinte definição:

> Ganhar almas significa que podemos tomar a Bíblia e mostrar às pessoas que elas são pecadoras e, que de acordo com as Escrituras, Deus as ama. Sendo que Cristo morreu na cruz para pagar seus pecados e que agora todos os que voltam honestamente o coração para Cristo, a fim de obter misericórdia e perdão, poderão alcançar a vida eterna. E, podemos incentivá-las a tomar essa decisão de fugir do pecado e confiar em Cristo para sua salvação. Assim, ganhar almas significa levar o Evangelho a todos com tal poder do Espírito Santo que eles sejam conduzidos a Cristo e nasçam de novo; tornem-se filhos de Deus pela renovação do Espírito Santo.[2]

1. J. I. Packer, *Evangelização e Soberania de Deus* (São Paulo: Vida Nova, 1990), 31.

2. John R. Rice, *Personal Soul Winning* (Murfreesboro, Tenn.: Sword of the Lord, 1971), 11-12.

Qualquer definição de evangelização ou expansão leva em consideração Mateus 28.18-20, que inclui mais que uma simples proclamação de um simples evangelho. A ordem de "fazer discípulos" inclui pelo menos quatro elementos:

1. Ir, ou seja, tomar a iniciativa de buscar as pessoas que não tenham sido alcançadas — vamos a elas, não esperemos que elas venham a nós.
2. Apresentar o Evangelho, a mensagem da cruz, com todas as suas implicações do senhorio de Cristo, da expiação, da graça, do arrependimento e da fé.
3. Batizar, isto é, convocar os pecadores a uma declaração pública de sua fé em Cristo e arrependimento do pecado.
4. Ensinar, isto é, colocar os convertidos numa assembléia em que seja possível um processo contínuo de ensino.

A expansão bíblica é mais que despejar folhetos evangelísticos na cidade ou convidar alguém para uma apresentação na igreja. Esses quatro elementos merecem um exame mais atento.

1. A evangelização é ativa. As traduções em português do original grego do texto de Mateus 28.19, começam com "Ide", tradução de um particípio aoristo que transmite a conotação "tendo ido". O verbo principal do versículo é "fazer discípulos [ensinar]" ou, literalmente, "discipular" todas as nações. Assim, o que essa ordem pressupõe é que os cristãos irão sair com o propósito expresso de fazer das nações discípulos de Cristo.

Evangelização bíblica é ir, ou seja, sair à busca das almas perdidas deste mundo. Muitos pastores caem no erro de pensar que, se os pecadores entre as nações quiserem ser salvos, devem vir à igreja. O maior motivo pelo qual a igreja está declinando é que ela tem deixado de sair à procura dos perdidos. Por alguma razão, a evangelização passou a ser algo feito entre as quatro paredes da igreja. Hoje a igreja espera que os incrédulos cheguem a ela, quando na verdade a igreja devia ir a eles. A expansão efetiva ocorrerá quando os cristãos entenderem que o ponto de partida da Grande Comissão é sair das zonas confortáveis das estruturas eclesiásticas e entrar na vida dos perdidos à sua volta. Do púlpito para a multidão — do pastor para os paroquianos — a concepção de evangelização deve ser a de um empreendimento ativo.

2. A evangelização é a pregação do Evangelho. A ordem de fazer discípulos implica em convidar homens e mulheres à fé, obediência e submissão a Jesus Cristo. Alguns equiparam a evangelização com a pregação de mudanças sociais, direitos humanos, libertação política, igualdade econômica e

muitas outras causas. Essas questões, embora tratem de projetos justos, não são a evangelização bíblica.

Evangelização é a pregação da cruz de Cristo: Ele morreu pelos pecados do mundo, ressuscitou dos mortos, é o Senhor do universo e de sua Igreja, e as pessoas devem primeiro crer na verdade da mensagem para que se produza efeito em sua alma (Rm 3.1-31; 10.9,10; 1 Co 15.1-4; Gl 2.16-21). Isso deve incluir a deidade de Cristo, sua encarnação, sua natureza impecável, sua morte vicária em substituição à humanidade pecadora, sua ressurreição corporal, arrependimento por parte dos pecadores e o julgamento vindouro do mundo.

Recentemente, tem havido entre pastores e igrejas a tendência de diluir o Evangelho de Cristo. Num esforço para conseguir mais convertidos, os pregadores têm recorrido a um evangelho diluído, desprovido de elementos salvíficos. Têm recorrido ao "outro evangelho" e o resultado inferior é evidente. Uma apresentação efetiva do verdadeiro evangelho exige preparação cuidadosa, tempo, ponderação, oração e paciência. A pregação evangelística é um chamado para que as pessoas tornem-se discípulos de Cristo. Qualquer coisa inferior não é evangelização bíblica. Implorar profissões de fé, decisões ou outras manifestações externas só para evocar uma resposta, caso não resultem na formação de verdadeiros discípulos do Senhor Jesus, não é evangelização efetiva.

3. A evangelização é transformação de vidas. Cristo mandou que os discípulos batizassem as nações no nome triúno de Deus como símbolo do abandono dos pecados e apego ao Salvador. O clamor do Evangelho sempre é: "Salvai-vos desta geração perversa" (At 2.40) e "convertais dessas vaidades ao Deus vivo" (At 14.15). O Evangelho é fazer as nações saberem que Deus "anuncia a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam" (At 17.30). Isso sempre implica "conversão a Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21). Paulo resumiu sua proclamação quando disse ao rei Agripa que Cristo o chamou para abrir os olhos dos gentios e das trevas os converterem à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebessem a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé nEle (At 26.18). Assim, a evangelização bíblica eficaz sempre resulta em vidas transformadas, almas rendidas e submissas ao senhorio de Cristo.

4. A evangelização é um discipulado contínuo. O Senhor incluiu na Grande Comissão a tarefa complementar de aperfeiçoar e amadurecer os discípulos, ensinando-os a guardar todas as coisas que lhes havia mandado (Mt 28.20). A evangelização eficaz tem por alvo a incorporação do discípulo no contexto da

igreja ou assembléia local de crentes, o novo discípulo pode, então, crescer até a plenitude da imagem de Cristo (Ef 4.11-16). A evangelização no Novo Testamento brotava da igreja local e resultava em convertidos. A medida dos resultados não era o número de profissões, mas o número acrescentado à igreja e, mais tarde, o número de igrejas formados pela atuação evangelística.

A letargia, o desinteresse e a atitude de conivência na igreja moderna são responsáveis por sua condição anêmica e estagnada. A igreja necessita de renovação em seu compromisso de obedecer ao mandato de nosso Senhor Jesus Cristo: Ide! Rice fala a esta geração com uma exortação de rasgar a alma:

> O primeiro grande elemento essencial na conquista de almas é ir em busca dos pecadores! Essa é a parte mais simples da conquista de almas, mas onde a maioria falha. As pessoas não vão atrás dos pecadores. A pessoa pode chorar, orar, ler a Bíblia, ir à igreja, manter um culto doméstico, dar os dízimos, pagar suas dívidas honestas, e mesmo assim sua própria família pode ir para o inferno junto com todos os amigos à sua volta, porque ela simplesmente não vai atrás deles, não leva o Evangelho, não tenta conquistá-los urgentemente para Jesus Cristo. Ninguém se torna ganhador de almas sem estar disposto a se empenhar para isso. Os esforços expressivos são abençoados por Deus na conquista de almas. Quem não se esforça não vai conseguir salvar as pessoas.[3]

O Método de Evangelização

Com os mandamentos em mente, o próximo passo é traçar algumas linhas gerais para descrever várias maneiras de evangelizar, reservando para mais adiante, num capítulo específico, os métodos que podem ser reproduzidos para evangelização na igreja local. A igreja do Novo Testamento empregava pelo menos três métodos principais em seu esforço para cumprir a Grande Comissão: (1) evangelização pessoal, (2) evangelização pública e (3) estabelecimento de igrejas. Um breve exame dos três é esclarecedor.

Evangelização Pessoal

Toda evangelização é, em última análise, pessoal, com o arauto clamando para uma alma perdida, seja face a face, seja numa multidão. A pes-

3. Ibid., 89-90.

soa atende ao Evangelho na privacidade de sua alma, na singularidade do momento em que o Espírito Santo levanta o véu, permitindo que ela veja a glória do Evangelho.

No sentido mais estrito, porém, a evangelização pessoal é o esforço de uma pessoa no sentido de levar outro indivíduo a Cristo. É André encontrando Simão Pedro (Jo 1.40-42). Filipe encontrando Natanael (Jo 1.45). Jesus encontrando Nicodemos (Jo 3.1-5) e depois a mulher junto ao poço (Jo 4.7-15). A evangelização pessoal foi a primeira obra dos discípulos e o ministério que o Senhor Jesus aperfeiçoou ao extremo. A evangelização pessoal era o trabalho contínuo da Igreja Primitiva, em que seguiam pregando Jesus diariamente, de casa em casa (At 5.42). As primeiras testemunhas de Cristo eram conhecidas pela capacidade de se envolver em batalhas pessoais para levar uma alma a crer em Cristo (At 8.26-39; 20.20).

Uma ênfase na evangelização pessoal é muito necessária, por causa do vasto número de cristãos e até de pastores que não se envolvem na obra de evangelização pessoal. O maior sucesso na evangelização virá por meio dessa ênfase evangelística e, quanto maior o número de pessoas envolvidas nessa atividade, melhores serão os resultados. Macaulay e Belton disseram a respeito da evangelização pessoal:

> A longo prazo, todas as outras formas que mencionamos reduzem-se a esta. *Quaisquer que sejam as características do grupo com que estamos lidando*, nosso alvo é ganhar o indivíduo. Não estamos atrás da multidão, mas das pessoas que compõem a multidão. Não estamos interessados nos estudantes; nos ferroviários, nos marginais e nos jovens como tais, mas buscando pessoas que, pelas circunstâncias, são estudantes, ferroviários, jovens ou marginais. Todos estão perdidos. Todos são preciosos. Cristo morreu por todos eles. Nós os vemos como almas, como pessoas. Devemos buscá-los como tais.[4]

Será que nós, pastores, estamos levando pessoalmente as pessoas a Cristo? Será que temos preparado os leigos para que levem a família, os amigos e os vizinhos a Cristo? Obviamente, essas são as prioridades de nossos projetos evangelísticos.

---

4. J. C. Macaulay e Robert H. Benton, *Personal Evangelism* (Chicago: Moody, 1965), 33-34.

Evangelização Pública

O Senhor Jesus, os 12 apóstolos e a Igreja Primitiva fizeram grande uso das apresentações públicas do Evangelho para multidões de todos os tipos. As duas primeiras experiências evangelísticas de Pedro registradas após o Pentecostes, foram em ajuntamentos excepcionalmente grandes, com resultados abundantes — três mil e cinco mil almas, respectivamente (At 2.14-41; 3.12-4.4). Os discípulos procuravam deliberadamente as multidões para proclamar a cruz de Cristo com mais eficiência (At 5.42).

Os primeiros pregadores desenvolviam suas homilias não apenas para instruir os crentes, mas também para converter os incrédulos. Os pregadores de hoje são infelizmente deficientes em tratar publicamente das necessidades dos inconversos. O pastor deve buscar treinamento para apresentar o Evangelho aos perdidos e, depois, fazer uso liberal de tal treinamento em numerosas oportunidades de pregar de modo evangelístico.

A evangelização em massa não é só para evangelistas da multidão. Cada pregador da Palavra deve estar pronto para proclamar publicamente, fazendo a obra de um evangelista (2 Tm 4.5). Em cada ambiente público existe uma oportunidade esplêndida de evangelização. Cada geração possui certo grupo de inconversos que freqüentam os salões das igrejas e que permanecerão mortos, a menos que o pregador os anime com o Evangelho. Tenha a audácia de pregar o Evangelho nos cultos da igreja, por amor aos que possam necessitar disso.

Estabelecimento de Igrejas

Assim que os primeiros discípulos saíram rumo à sua Jerusalém, Judéia e Samaria, passaram a cumprir a tarefa de alcançar as partes mais remotas da terra e evangelizar todas as nações. Esses convertidos situados a distâncias muito grandes não pertenceriam, obviamente, à igreja de Jerusalém. O único passo lógico era plantar igrejas em cada cidade onde viviam homens e mulheres perdidos. O estabelecimento de igrejas não era um projeto especial de estimação ou um empreendimento experimental; mas o cumprimento direto da Grande Comissão. Os apóstolos e discípulos dispersaram-se literalmente por todo o mundo conhecido, evangelizando e plantando igrejas.

A igreja de hoje falha ao não ver a correlação entre a evangelização e o estabelecimento de igrejas, mas qualquer leitura rápida do Novo Testamento logo reverterá esse engano. Plantar igrejas é evangelizar. Embora não concorde-

mos com todas as premissas teológicas de Wagner, concordamos com esta declaração: "A metodologia evangelística mais eficiente debaixo do céu é plantar novas igrejas... Não fazer uma ligação direta entre evangelização e a igreja local é um erro estratégico".[5] Plantar igrejas é evangelizar. Se nos preocuparmos em evangelizar comunidades, cidades e nações, seremos evangelistas atuantes no estabelecimento de novas igrejas. Um especialista em estabelecimento de igrejas afirma: "A idéia é que igrejas plantadas reproduzem-se e fazem discípulos plantando novas igrejas. Esse é um processo que continuará até o retorno do Salvador. Aliás, esse é o verdadeiro sentido da Grande Comissão".[6] Assim, igrejas da Grande Comissão plantam igrejas. Quantas delas sua igreja ajudou a plantar?

Motivações para a Evangelização

A grande maioria dos cristãos em nossas igrejas não evangeliza e, ao longo da vida, não conduzirá nem uma alma até o Mestre. Alguns não evangelizam porque desconhecem os mecanismos e a essência da evangelização. A maior parte, porém, não evangeliza porque não possui a motivação adequada para ir em busca dos perdidos. As motivações dirigem-se ao pastor e, depois, ao povo em geral. Elas devem incentivar os cristãos a se empenharem na tarefa sagrada e urgente de levar o evangelho aos perdidos.

Motivações para o Pastor

Na realidade, as motivações aplicam-se a todos os crentes, os quais devem esforçar-se para se colocar no plano mais alto em obediência a Cristo. Entretanto, a necessidade de motivar o pastor é crucial, pois ele pode servir como catalisador para dispor seu povo a uma vida de testemunho. Pastor, considere as seguintes motivações para estar ativamente engajado na evangelização:

Obediência a Cristo. Como subpastores, os pastores estão sob as ordens do Pastor Chefe, sendo sua responsabilidade evangelizar os perdidos. Eles não são responsáveis apenas por alimentar o rebanho, mas também aumentá-lo, fazendo a obra de um evangelista. Para o apóstolo Paulo, o grande motivo para pregar o Evangelho aos perdidos era sua tarefa de cumprir a mordomia que lhe fora concedida por Cristo (1 Co 9.16,17). Green, em sua obra prima, *Evangelização na Igreja Primitiva*, afirma que desde o início a obediência a

5. C. Peter Wagner, *Church Planting for a Greater Harvest* (Ventura, Calif.: Regal, 1990), 11-12.

6. Aubrey Malphurs, *Planting Growing Churches for the 21st Century* (Grand Rapids: Baker, 1992), 25.

Cristo foi um fator motivador importante no cumprimento da Grande Comissão. Os cristãos primitivos sentiam "sua responsabilidade diante de Deus, no sentido de viver vidas coerentes com a profissão de fé... A idéia da responsabilidade pessoal e de prestar contas a Deus, o juiz soberano, era um estímulo importante à evangelização na Igreja Primitiva".[7] Para o pastor, a evangelização não é uma opção nem um dom. É uma ordem que deve ser obedecida com diligência!

Amor de Cristo. Paulo estabelece o amor de Cristo como um motivo de seu ministério ao declarar: "Porque o amor de Cristo nos constrange" (2 Co 5.14). Nos versículos seguintes, Paulo apresenta algumas razões que o fazem perseverar no ministério da evangelização. Cristo nos ama e também o mundo pelo qual morreu e deseja, portanto, que ele seja redimido e reconciliado. Por isso, os ministros de Cristo servem como ministros de reconciliação (2 Co 5.18-21). A respeito dos cristãos primitivos alguém disse:

> Estas pessoas não difundiram sua mensagem porque fosse recomendável fazê-lo, nem porque fosse sua responsabilidade diante da sociedade. Eles não o fizeram por razões humanitárias ou beneficentes. Fizeram-no por causa da experiência extraordinária do amor de Deus que Jesus Cristo lhes proporcionara. A descoberta de que a maior força do universo era o amor, e que este amor tinha descido ao ponto mais baixo da auto-humilhação para o bem da humanidade, teve um efeito sobre os que creram, e nada poderia removê-lo.[8]

O amor de Cristo nos motivará a buscar as pessoas, assim como motivou a Igreja Primitiva. Se amarmos sinceramente a Cristo e se conhecermos um pouco do seu amor, vamos nos dispor à tarefa suprema de compartilhá-lo com outros. Como poderíamos ou ousaríamos fazer menos que isso?

Amor pela humanidade. Um amor genuíno pelos pecadores perdidos também estimula à evangelização. Almas iluminadas com olhos desanuviados, que experimentaram regeneração, escaparam do tormento eterno e receberam a promessa do Espírito Santo, considerarão, naturalmente, a terrível sina de seus concidadãos. A compaixão pelos perdidos moverá o coração dos cristãos, fazendo-os sair com o mesmo remédio que revigorou a própria alma deles. O grande apóstolo amou seus compatriotas com paixão tão profunda que se

7. Michael Green, *Evangelização na Igreja Primitiva* (São Paulo: Vida Nova, 1984), 296, 301.

8. Ibid., 290.

compadeceu a tal ponto de agonizar pela salvação deles. Por duas vezes, Paulo testifica seu grande amor em sua epístola aos Romanos: "Tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne" (Rm 9.2,3). "Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação" (Rm 10.1). Que amor! Que zelo!

As raízes da evangelização está no amor pelos pecadores. O amor mobilizou Deus (Jo 3.16), mobilizou Cristo (Lc 19.10) e a Igreja Primitiva. Green escreve acerca do zelo da Igreja Primitiva pelos perdidos:

> Mas estes primeiros cristãos criam firmemente que Jesus era a única esperança para o mundo, o único caminho em direção a Deus para a raça humana. Porém, quando você crê que não há esperança a não ser em Cristo, é impossível ter um átomo de amor humano e interesse, sem ser dominado por um grande desejo de trazer as pessoas para este único caminho da salvação. Por esta razão, não ficamos surpresos ao descobrir que a preocupação com a situação dos ainda não evangelizados era uma das grandes forças motivadoras da pregação cristã do evangelho na Igreja Primitiva.[9]

É uma grande contradição ser chamado filho de Deus, ou até pior, ministro cristão, sem ter amor pelas almas pedidas. Packer afirma:

O desejo de conquistar os perdidos para Cristo deveria ser, e é, o resultado natural e espontâneo do coração de todos quantos nasceram de novo... Gostaria de frisar novamente: se experimentamos um pouco de amor de Cristo, e se nossos corações já sentiram alguma gratidão pela graça que nos salvou da morte e do inferno, então essa atitude de compaixão e cuidado pelos nossos semelhantes espiritualmente necessitados deve surgir em nós de forma natural e espontânea.[10]

Num livro como este, é necessário atear o fogo da evangelização dos que deviam ser a vanguarda da igreja no resgate das almas do fogo do inferno. Somos ministros com amor pelos perdidos? Estamos pesarosos e angustiados pelo

9. Ibid., 302-3.

10. Packer, *Evangelização*, 53-4.

nosso próximo? O seguinte parágrafo instiga o ministro a sair em busca dos perdidos:

> É necessário uma liderança apaixonada nos movimentos cristãos. Cada nicho deste mundo perdido precisa do ministério de uma alma incendiada, que queima e brilha, incandescente de zelo e convicção de um evangelho vencedor. O caruncho espiritual é pior que a praga do Egito, ele é o simum de mil Saaras para as igrejas de Jesus Cristo ao redor do mundo. Muitos ministros estão num moinho, marcando passo, definhando, levando uma *vida profissional*, sem poder, sem sal, porque não têm paixão por Deus ou pelas almas, nem poder para um serviço efetivo. Que nosso Deus acenda fogos sagrados da evangelização em todas as nossas igrejas e púlpitos em que sejam necessários.[11]

Motivações para o Povo

Depois de motivar o pastor a evangelizar, a segunda grande necessidade é de motivar os cristãos em geral a se envolver nessa obra vital de ganhar almas. O crente padrão precisa estar flamejante de zelo pelas almas perdidas. "Quão grandes, maravilhosos e gloriosos seriam os resultados", escreve Torrey, "se todos os cristãos começassem a ser obreiros pessoais ativos, na medida de suas capacidades!"[12] De fato, os maiores períodos de expansão na história da igreja têm ocorrido pelo esforço de crentes comuns. Latourette, historiador da igreja, afirma: "Os agentes principais na expansão do Cristianismo não parecem ter sido os que fizeram dele uma profissão ou o transformaram em maior parte de sua ocupação, mas homens e mulheres que levavam a vida de alguma maneira puramente secular e falavam de sua fé de um jeito natural".[13] Os líderes eclesiásticos precisam mobilizar, motivar, preparar e lançar as igrejas nas comunidades pagãs em que se encontram. A evangelização nunca foi, nem pode ser um trabalho só de profissionais, do pastor, de uns poucos selecionados. Isto é prerrogativa e privilégio das massas em nossas igrejas. Mas elas necessitam de preparação e motivação para o trabalho.

---

11. Rice, *Personal Soul Winning*, 117-18.

12. R. A. Torrey, *How to Work for Christ* (Old Tappan, N. J.: Revell, s.d.), 11.

13. K. S. Latourette, *The First Five Centuries* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), 116-17.

Alguns crentes não evangelizam porque nunca receberam instruções sobre como evangelizar. Outros não evangelizam porque nunca viram necessidade. Ainda outros não desempenham um papel ativo na evangelização porque não têm oportunidades de compartilhar a fé. Cada pastor deve incentivar a atividade evangelística nos seus membros, treiná-los e cuidar para que o façam.[14] O que o pastor pode fazer para motivar o povo? Considere cinco sugestões para realizar isso.

1. O pastor motiva pelo seu exemplo. O Senhor disse aos seus discípulos: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4.19). Jesus fez a obra de evangelização e, ao mesmo tempo, deu aos discípulos uma demonstração de como evangelizar e uma motivação para que o fizessem. Coleman declara acerca dos hábitos do Senhor: "Através desse método de demonstração pessoal, todo aspecto da disciplina da vida de Jesus foi entregue como herança aos discípulos, mas o que talvez se revista de maior importância, em vista desse propósito final é que durante todo o tempo Jesus ensinava-lhes como ganhar almas".[15]

Se um pastor ganha almas, incentivará seu povo a seguir o seu exemplo. Spurgeon escreve em seu clássico *The Soul Winner* [O Ganhador de Almas]: "Precisamos *sempre nos apresentar como exemplos sinceros*. Um ministro lento não terá uma igreja viva e zelosa, tenho certeza. Um homem que seja indiferente ou que não faça seu trabalho como deve ser feito não deve esperar ter em torno de si um rebanho determinado acerca da salvação das almas".[16] Estamos prontos para este trabalho? Estamos frustrados porque nosso povo é indolente e apático na busca de outras pessoas? Talvez precisemos avivar as brasas, dispondo-nos a fazê-lo por nós mesmos. Então, nosso povo seguirá o exemplo.

2. O pastor motiva por suas expectativas. Boa parte das atitudes é aprendida. Assim, na evangelização as pessoas acabarão fazendo o que se espera delas. Esta ação evangelizadora não é proeminente nas epístolas do Novo Testamento. É como se Deus esperasse que seu povo evangelizasse sem lembretes constantes. Precisamos captar essa expectativa e comunicar tal atitude à congregação. Referências excessivas a todos os obstáculos na evangelização e o

14. Torrey, *How to Work*, II. O volume de Torrey é um excelente manual sobre preparação dos santos para a obra de evangelização.

15. Robert Coleman, *O Plano Mestre de Evangelismo* (São Paulo: Mundo Cristão, s.d.), 85.

16. C. H. Spurgeon, *The Soul Winner* (reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1963), 134.

discurso contínuo acerta das dificuldades da tarefa só extinguirá as chamas do mais fervoroso dos ganhadores de almas; e de nada servirá para motivar os mais tímidos.

3. O pastor motiva por suas exortações. O pastor, como pregador principal, também é o melhor motivador, e ele deve fazer uso desse carisma no púlpito para incentivar as pessoas a ganhar almas. Os sermões sobre evangelização pessoal devem temperar o calendário anual de pregação. Uma série de sermões sobre evangelização faz maravilhas, motivando os corações a ter paixão pela conquista de almas. O pregador não deve temer infringir a soberania de Deus ou incutir sentimentos de culpa no povo. Se os membros não se importam o suficiente com os outros para lhes falar da graça salvadora de Cristo, precisam sentir-se culpados porque, de fato, são culpados de desobediência à Grande Comissão. Como pastores e pregadores, precisamos de tais exortações à salvação de almas; tanto mais os cristãos comuns que têm o coração endurecido pelo contato diário com um mundo pecador. Vamos mantê-los bem direcionados com lembretes gentis, mas solenes acerca dos perigos da incredulidade e do poder transformador do evangelho.

4. O pastor motiva com o entusiasmo dos novos convertidos. A melhor maneira de atear o fogo da evangelização é incorporar os novos crentes à igreja. Assim como um recém-nascido anima um lar, o novo convertido traz ânimo à igreja local. O testemunho de uma vida transformada, a demonstração visível do poder do evangelho, a inocência e sinceridade de um novo cristão — tudo isso pode criar um vigor renovado em favor das almas perdidas. Muitas vezes, é o próprio recém-convertido que lidera o movimento rumo ao mundo perdido. Os novos crentes trazem pessoas novas para dentro da igreja, apresentando os crentes mais antigos aos amigos e parentes que precisam do Salvador. O pastor deve ser sábio em usar esse zelo e entusiasmo para promover um renovamento na evangelização.

5. O pastor motiva promovendo campanhas evangelísticas especiais. Mesmo na melhor das circunstâncias, as igrejas podem atingir um ponto em que decresce dramaticamente o número de pessoas perdidas ao alcance da igreja. Campanhas especiais são necessárias para dar novas oportunidades para os cristãos compartilharem a fé. Isso pode assumir a forma de reuniões evangelísticas realizadas na igreja ou em lugares que contribuam para a evangelização, cruzadas envolvendo a cidade inteira, estudos bíblicos evangelísticos nos lares, campanhas de distribuição de literatura, viagens missionárias breves, progra-

mas esportivos evangelísticos e assim por diante. O que se destaca aqui é que esses eventos não ocorrem por acaso. Eles precisam de planejamento e promoção e, em geral, isso começa no pastor ou nos líderes da igreja. Eis uma maneira excelente e atraente de conseguir que grande parte da igreja envolva-se na evangelização, mas, de novo, a chave é o pastor. Esses eventos precisam de seu apoio e endosso ativo.

Sem dúvida, o zelo evangelístico da igreja está diretamente relacionado com o fervor evangelístico de seus líderes. Nosso Senhor e seus primeiros apóstolos eram evangelistas. Os primeiros companheiros dos apóstolos bem como os primeiros missionários também eram evangelistas (At 6.8; 8.5). Podemos concluir que todos os líderes da Igreja Primitiva tinham o coração voltado para as almas. Será que os líderes eclesiáticos não deviam ser iguais hoje? Será que não deviam ser os principais promotores da evangelização na assembléia dos santos?

Métodos de Evangelização

Cada geração de cristãos deve encontrar meios de alcançar os perdidos. Com a maioria da pessoas do mundo ainda não convertidas depois de dois mil anos de história da igreja, a conclusão é inevitável: a evangelização no mundo é uma tarefa dificílima. Juntamente com a motivação e com o incentivo à evangelização, deve haver uma estratégia de como conquistar o mundo para Cristo.

A questão da metodologia pode provocar debates entre os líderes e, às vezes, é possível gastar mais energia e tempo discutindo méritos ou deméritos de um método específico do que de fato evangelizando. Às vezes, esses debates podem ser uma cortina de fumaça colocada por Satanás para afastar os crentes da tarefa principal. Os cristãos precisam ter em mente as seguintes observações de Coleman em sua obra-prima sobre evangelização:

> Essas são as questões cruciais de nossa incumbência: Objetividade e relevância. Ambas estão relacionadas entre si e, a medida em que elas se fazem compatíveis é que determina, em grande escala, a significação de toda a nossa atividade. O simples fato de que estamos atarefados a fazer algo, ainda que sejamos habilidosos nisso, não significa, necessariamente, que estamos conseguindo realizar alguma coisa. Sempre se deverá levantar a pergunta: "Isso é digno de ser feito? É possível realizar a tarefa?"

> Essas são as indagações que de contínuo se deve fazer com relação às atividades evangelísticas da igreja local. Nossos esforços para manter as coisas em funcionamento estão cumprindo a Grande Comissão que nos foi dada por Cristo? Em resultado de nosso ministério, estamos vendo um grupo sempre em expansão de homens dedicados que alcançam o mundo com o Evangelho? Um fato não pode ser negado: vivemos ocupados nas igrejas, tentando cumprir um programa de evangelismo após outro. Contudo, estaremos realmente atingindo os nossos objetivos?[17]

Essa é uma questão alarmante e deve servir para avaliar as idéias e os planos com respeito à formulação de uma metodologia evangelística. O perigo de apresentar métodos específicos de evangelização é que eles se tornam ultrapassados com o uso e não se aplicam a todas as situações. Os métodos também tendem a acumular bagagem cultural que os torna inadequados para outras culturas ou circunstâncias.

Outra questão que merece atenção é a possibilidade de a metodologia distorcer a pureza da mensagem, a proeminência e o poder do Evangelho para salvar os métodos humanos. A natureza dos métodos, especialmente os eficientes na produção de resultados visíveis, tendem a insinuar que complementam o poder de Deus. Isso tem ocorrido ao longo da história, desde os dias das relíquias antigas até os shows de rock evangélicos de hoje. A percepção aguçada de Packer ajuda-nos a formular os métodos de evangelização. Ele diz:

> Assim sendo, em última análise, existe apenas um *método* de evangelização, a saber, a explicação e aplicação fiéis da mensagem evangélica. Aqui temos o princípio chave que buscamos, o qual é capaz testá-lo para qualquer estratégia proposta, de qualquer técnica ou estilo de ação evangelística: isto serve de fato à Palavra? É planejado para servir de meio para esclarecer verdadeira e plenamente o evangelho, aplicando-o de modo profundo e exato? Na medida em que isso for assim, será legítimo e correto; na medida em que tender a encobrir e obscurecer as realidades da mensagem, diminuindo a eficácia de sua aplicação, será ímpio e errôneo.[18]

Essas palavras de cautela devem estar diante da igreja ao desenvolver estratégias específicas para alcançar uma geração perdida. Com certeza, alguns

17. Coleman, *Plano Mestre*, 9-10.

18. Packer, *Evangelização*, 59-60.

métodos serão mais eficientes que outros; entretanto, cada um deve ser colocado sob o microscópio para ser escrutinado quanto à sua fidelidade à apresentação da pura e legítima Palavra da cruz. À luz dessas palavras de alerta, seguem-se sugestões metodológicas.

Evangelização na Igreja Local

Certamente, o instrumento mais eficiente de evangelização é a igreja local. Nenhuma outra agência chega perto em eficácia na hora de trazer a comunidade a Cristo. Na realidade, todas as outras agências de evangelização são paraeclesiásticas, significando que seguem ao lado da igreja local e dela dependem para serem eficientes. A evangelização na igreja local implica a preparação e a motivação dos membros das igrejas locais para sair eficientemente em busca de suas comunidades. Em outras palavras, a igreja local é o motor primário na evangelização e o receptor primário dos frutos desta. Esta ação evangelizadora deve incluir os seguintes elementos:

Evangelização pessoal. O crente deve aprender a compartilhar sua fé e a entrar na comunidade para levar as pessoas a Cristo. As igrejas precisam fornecer programas especiais de treinamento para os leigos, a fim de prepará-los para a evangelização pessoal. O programa da Igreja Presbiteriana de Coral Ridge, na Flórida, é um exemplo de tal programa, que de fato ensina aos membros a arte de ganhar almas. Com certeza, o método de evangelização mais eficiente é uma pessoa compartilhando as boas novas do evangelho com um amigo ou um ente querido. Boa parte do crescimento da igreja ocorre por meio da evangelização e convites pessoais.[19] O melhor esforço que uma igreja local pode realizar, portanto, é preparar e mobilizar seu exército inteiro para evangelizar os perdidos.

Evangelização de simpatizantes. Essa é uma derivação da evangelização pessoal, através da qual a igreja se põe a visitar e ganhar para Cristo cada visitante que chega para um programa ou ministério da igreja. Os que visitam igrejas são, em geral, pessoas que têm interesse ou curiosidade em relação ao evangelho de Cristo e, portanto, darão ouvidos ao evangelista. As igrejas locais que não tiram vantagem dessa oportunidade estão perdendo um meio altamente eficiente de expansão.

19. Veja George Barna, *Marketing the Church* (Colorado Springs: Navpress, 1988), 109.

Estudos bíblicos evangelísticos nos lares. Estudos bíblicos nos lares são outro instrumento eficiente disponível para evangelização por meio da igreja local. Casas selecionadas em lugares estratégicos servem como veículos para apresentar Cristo às pessoas que, de outra forma, não iriam à igreja. Treinando uma equipe seleta de professores e anfitriões, a igreja pode dar um testemunho vibrante e eficaz à comunidade. Classes de estudo bíblico nos lares são um refúgio para responder às perguntas dos interessados.

Evangelização em profundidade. Esse é um programa que se originou na América Latina para ajudar as igrejas a alcançar suas comunidades. É um plano para apresentar o Evangelho a cada casa da cidade, fazendo-se um mapeamento e designando uma parte dela para cada grupo. A seu tempo, cada família receberá o Evangelho. Esse nobre empreendimento exaure com certeza os recursos de qualquer igreja, mas merece consideração.

Cultos para interessados. Esses são novos fenômenos pelos quais a igreja local destaca um culto de adoração como planejado para alcançar os perdidos para Cristo. Embora a idéia se preste a algumas inovações bizarras, o culto para os interessados pode ser útil ao apresentar Cristo a uma geração perdida. Novamente, é preciso cautela para não diluir a mensagem do Evangelho, nem confundir o culto para os interessados com um verdadeiro culto cristão de louvor. A concepção bíblica deve ser como a de um culto evangelístico realizado na igreja em caráter regular, mas numa hora separada dos cultos rotineiros de domingo.[20]

Evangelização Através dos Meios de Comunicação de Massa

Outro grupo de métodos que pode encontrar uso eficaz na evangelização dos perdidos é a vasta gama de recursos que apelam para as massas nas categorias de rádio, televisão, filmes evangélicos e literatura. Embora caros, quando empregados estrategicamente, podem ser meios muito eficientes para alcançar um segmento da população que talvez seja inatingível pelos métodos convencionais. Por exemplo, atualmente o filme *Jesus* tem sido dublado em muitas línguas, e milhões de espectadores ao redor do mundo têm assistido. Há pouco, o filme foi projetado em grandes centros muçulmanos no norte da África, onde outros meios seriam vãos.

20. Veja a crítica de Packer a esses cultos, *Evangelização*, 57-58.

Evangelização por meio de Cruzadas

A época da evangelização em massa ainda não passou. Embora não seja a mais eficiente na contribuição para o crescimento da igreja, é um instrumento muito eficaz na promoção da evangelização e na comunicação do evangelho a um grande auditório. Desde cruzadas envolvendo cidades inteiras a campanhas locais, esses esforços para atingir grande número de pessoas de uma só vez têm seu lugar. Não vamos nos esquecer de que a igreja de Jerusalém surgiu em conseqüência de evangelização em massa (At 2). Certo número de evangelistas e avivalistas talentosos é perito nesse método de evangelização e desempenha um lugar especial na promoção da evangelização na Igreja cristã.

Evangelização Especializada

Estamos numa era de especialização, a igreja tem desenvolvido programas criativos almejando grupos específicos de perdidos. A igreja local pode lucrar com esses esforços, adotando e adaptando esses métodos para alcançar grupos selecionados. A Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo e os Navegadores são organizações que começaram almejando universitários e trabalhadores, respectivamente. Ambos desenvolveram materiais excelentes para uso da igreja local na evangelização de universitários. Por exemplo, há almoços de homens de negócio, evangelização por meio de esportes, programas para mães de pré-escolares, classes de Boas Novas desenvolvidas pela Aliança Pró-Evangelização de Crianças, ABS para secundaristas e até programas para estudantes de escolas públicas. A igreja não deve se intimidar, deixando de criar ministérios especiais para atingir grupos especiais de pessoas não-alcançadas. Ela precisa continuar criativa, procurando ganhar este mundo para Cristo.

19

O Discipulado

S. Lance Quinn

Deus chamou pastores para a tarefa indispensável do discipulado. Tanto o Antigo como o Novo Testamento destacam o discipulado como parte necessária do ministério — não uma opção. Jesus, o maior discipulador, utilizou em seu ministério quatro princípios de reprodução que continuam igualmente relevantes hoje. São eles: meditação com oração, seleção com critério, associação com propósito e proclamação com poder. As Escrituras nunca se referem a algum pastor que não discipule; elas só aplaudem pastores reprodutores.

A instrução bíblica a respeito do discipulado remonta ao conselho de Jetro a Moisés, para que escolhesse homens piedosos para ajudá-lo a julgar as questões de Israel. As palavras do próprio Jetro são:

> Ouve agora a minha voz; eu te aconselharei... tu, dentre todo o povo, procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; e põe-nos sobre eles por maiorais de mil, maiorais de cem, maiorais de cinqüenta e maiorais de dez; para que julguem este povo em todo o tempo, e seja que todo negócio grave tragam a ti, mas todo negócio pequeno eles o julguem; assim, a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo. Se isto fizeres, e Deus to mandar, poderás, então, subsistir; assim também todo este povo em paz virá ao seu lugar (Êx 18.19, 21-23).

O Mandamento do Discipulado

Discipulado no Antigo Testamento

Moisés aprendeu bem com o sogro e disse aos homens de Israel no deserto: "Como suportaria eu sozinho as vossas moléstias, e as vossas cargas, e as vossas diferenças? Tomai-vos homens sábios, inteligentes e experimentados, entre as vossas tribos, para que os ponha por vossos cabeças" (Dt 1.12,13). Além disso, o que ordenou para a liderança efetiva nos problemas diários de Israel, Moisés considerou necessário também para as futuras gerações:

> E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Dt 6.6-9; cf. 11.18-21; 16.18-20).

Moisés instituiu um processo de discipulado entre pais e filhos (e até netos) que garantiria liderança piedosa no lar e na sociedade para o povo de Deus, tanto em seu tempo como no futuro. Sempre que existe uma necessidade de discernir a vontade de Deus nas questões dos homens — no mundo ou em casa — o princípio claramente prescrito é desenvolver líderes fazendo discípulos.

Como exemplo, Moisés não deixou Israel sem liderança. Ele discipulou Josué, de modo que "o SENHOR engrandeceu a Josué diante dos olhos de todo o Israel; e temeram-no, como haviam temido a Moisés, todos os dias da sua vida" (Js 4.14; cf. Êx 24.13; 33.11; Nm 11.28). Moisés transmitiu um princípio administrativo: reproduza-se nos outros, de modo que a liderança do povo de Deus continue através das gerações.

Ao longo do restante do Antigo Testamento, o mesmo princípio foi bem óbvio na relação de treinamento entre Elias e Eliseu (1 Rs 19.19-21; 2 Rs 2.3; 3.11) e entre Baruque e Jeremias (Jr 36.26; 43.3). Parece que Samuel também tinha um grupo de profetas sob sua supervisão (1 Sm 10.5-10; 19.20-24).

O fato é que esses "relacionamentos individuais de mestre e discípulo na liderança da nação permitia que a função de liderança passasse de um líder a outro, até Deus completar seus propósitos por meio deles, para sanar as necessidades de seu povo".[1] O mesmo autor resume o conceito veterotestamentário de discipulado da seguinte forma:

---

1. Michael Wilkins, *Following the Master: Discipleship in the Steps of Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 63.

> Relações mestre — discípulo por trás da perpetuação e disseminação da tradição sapiencial seriam encontrados em relacionamentos informais entre pais e filhos, no treinamento de anciãos para tomadas de decisões judiciais na porta da cidade, na orientação sábia dos conselheiros da corte e em certos grupos especializados em sabedoria envolvidos na compilação de palavras sábias.[2]

O discipulado, receba ou não esse nome, é o pulsar do conselho sábio no Antigo Testamento: "Como o ferro com o ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo" (Pv 27.17).

Discipulado no Novo Testamento

Seguindo esses exemplos do Antigo Testamento, os pastores devem manter-se na empreitada de se construir através dos outros. Isso não é apenas uma opção válida; é um mandato da Palavra de Deus!

O mandato de Jesus. Jesus Cristo em pessoa ordenou que seus discípulos (e, por sua vez, os que seguissem sua linhagem) discipulassem[3] outras pessoas. Mateus 28.18-20, registra esse imperativo inegociável:[4]

> E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinado-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.

Por causa do contexto, é possível dizer que *cristãos* e *discipuladores* sejam termos sinônimos. Se todos os cristãos são discipuladores, tanto mais devem os pastores — presbíteros tomar a dianteira, fazendo o mesmo ao alimentar os discípulos, tornando-os semelhantes a Cristo.[5] É aqui que o relaciona-

---

2. Ibid., 65.

3. Wilkins ajuda a definir o termo discípulo. Ele fala do sentido geral e específico do termo: "o sentido específico é visto mais claramente no final do ministério terreno de Jesus, na Grande Comissão e na Igreja Primitiva"; o sentido geral é "um seguidor devotado de um grande mestre"; o sentido cristão é "aquele que se chega a ele pela vida eterna, confessa-o como Salvador e Deus, ingressando na vida de discípulo... crescendo como cristão em todas as áreas da vida" (ibid., 39-41).

4. Mc16.15,16; Lc 24.44-48; At 1.8-11 apresentam ordens semelhantes.

5. Deve-se tomar a devida precaução para não superdimensionar a relação discípulo—discipulador, porque no final todos são discípulos de Jesus, não do indivíduo que o tornou discípulo.

mento do pastor com os outros torna-se crucial. Os pastores devem ser o exemplo do que significa discipular homens para a liderança espiritual. Tomando a terminologia de João, os "pais" têm a responsabilidade de discipular os "jovens" como se fossem "filhinhos" (1 Jo 2.12-14).

Jesus falou do "jugo" de seu discipulado: "Tomai sobre vós o meu jugo, e *aprendei de mim*, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mt 11.29,30, ênfase minha). Em outra parte ele disse: "Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também" (Jo 13.15). Ao exortar os crentes em Éfeso para que vivessem em retidão e não como antes, Paulo escreveu: "Mas vós *não aprendestes* assim a Cristo" (Ef 4.20, ênfase minha). A respeito da humildade, Paulo lembrou aos filipenses: "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Fp 2.5).

O mandato de João e Pedro. *De modo semelhante, Pedro lembrou aos* seus leitores: "Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o *exemplo, para que sigais as suas pisadas*" (1 Pe 2.21, ênfase minha). O apóstolo João instruiu: 'Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou" (1 Jo 2.6; cf. 3.24; 4.13-15; 2 Jo 9; 3 Jo 11).

O autor de Hebreus diz aos seus leitores: "Sejais imitadores dos que, pela fé e paciência, herdam as promessas" (Hb 6.12; cf. 13.7, 9).

O mandato de Paulo. Paulo também exemplifica o mandato pastoral de fazer discípulos. Ele escreveu aos coríntios: "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (1 Co 4.16). Não era simplesmente a Paulo que eles deviam imitar, porque também escreveu: "Sede meus imitadores, *como também eu, de Cristo*" (1 Co 11.1, ênfase minha). Além disso, ele exortou aos efésios: "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados" (Ef 5.1). Ele encorajou os irmãos em Filipos: "Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam" (Fp 3.17). Ele também lhes disse: "O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei" (Fp 4.9). Esse era o motivo pelo qual os tessalonicenses tanto encorajavam a Paulo: "E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo, de maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia" (1 Ts 1.6,7; cf. 2.14, 3.7).

É claro que uma das passagens mais conhecidas que expressam o princípio do discipulado, especialmente para os pastores, encontra-se em 2 Timóteo

2.2: "E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros".

Comentando esse versículo, Adams escreveu:

> Os homens que se qualificam para a obra do ministério são aqueles que conseguem manter a tocha do evangelho bem acesa, *de modo que possam passá-la (inalterada) aos que vêm depois*... As pessoas que Paulo tem em mente reporta-se aos homens que "têm o necessário" e são escolhidos por Deus para fazer a obra ministerial. São homens que aprenderam a empregar seus dons habilmente na obra do pastorado.[6]

E, eles recebem muito de sua habilidade ao serem discipulados por outros homens piedosos. "Paulo vê toda a vida cristã como uma recapitulação da existência de Jesus e, portanto, como um exercício do que outros autores chamam de discipulado".[7] O discipulado como um mandamento na igreja não recebe melhor síntese que em Apocalipse 14.4, onde 144 mil "seguem o Cordeiro para onde quer que vai".

As evidências do Antigo e do Novo Testamento são claras: Todos os crentes, especialmente os pastores ou presbíteros e outros líderes da igreja, devem fazer discípulos de Jesus Cristo. A pergunta é: "Qual a melhor maneira de cumprir esse mandamento?" A resposta, obviamente, é seguir o método empregado pelo próprio Cristo!

O Método do Discipulado de Cristo

O melhor método para discipular outros é o do Discipulador Mestre. Pastores fiéis devem olhar para ele a fim de descobrir a metodologia. Ao fazê-lo, descobrirão quatro princípios chaves seguidos por Jesus; princípios que, quando aplicados, revolucionarão o ato de fazer discípulos. A expressão mais sucinta desses princípios está em Marcos 3.13-15: "E subiu ao monte e chamou para si os que ele quis; e vieram a ele. E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios".

---

6. Jay Adams, *Shepherding God's Flock* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 16, ênfase minha.

7. Wilkins, *Following the Master*, 306.

Meditação com Oração

O primeiro princípio que Jesus observou foi o da meditação com oração. Embora Marcos só afirme que Jesus "subiu ao monte" (v. 13), Lucas 6.12,13 afirma claramente: "E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos". Em alguma parte do lado leste do mar da Galiléia, Jesus Cristo estava orando, pedido a direção de Deus para a escolha dos seus discípulos. Isso não era uma tarefa insignificante na vida de nosso Senhor. Essa decisão afetaria não apenas a era futura da igreja, como também todo o curso da história! A idéia de que Jesus — sendo Deus encarnado — não precisava orar (como alguns dão a entender), uma vez que ele já sabia a perfeita vontade de Deus, questiona a própria integridade de Jesus. Marcos registra explicitamente que Jesus orava! Ele é o Deus-Homem, mas quis comungar com seu Pai celestial para fazer uma escolha que honrasse a Deus. A escolha era um compromisso monumental, e o Senhor banhou fielmente sua decisão em oração. Em seu clássico *The Example of Jesus Christ* (O Exemplo de Jesus Cristo), Stalker escreveu:

> Nós o encontramos [Jesus] envolvido em oração especial logo antes de tomar passos muito importantes na vida. Um desses passos que tomou foi a seleção dos 12 discípulos que seriam seus apóstolos. Aquele era um ato pelo qual dependia todo o futuro do Cristianismo; e o que ele fez antes de tomar a decisão? "E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos". Foi depois dessa noite inteira de vigília que ele fez a escolha mais importante do mundo. Houve outro dia que ele fez preparação semelhante. Foi aquele em que informou pela primeira vez aos discípulos que ele deveria sofrer e morrer. Assim, é evidente que, quando Jesus tinha diante de si um dia de crise ou de trabalho difícil, dedicava-se especialmente à oração. Será que nossas dificuldades não seriam amenizadas se as atacássemos da mesma maneira? Isso aumentaria infinitamente a percepção intelectual com que tentamos destrinçar um problema e o poder da mão com que nos pomos a trabalhar. As rodas da existência se moveriam com muito mais facilidade e nossos propósitos voariam muito mais certeiros para os alvos, se a cada manhã revisássemos de antemão, com Deus, as tarefas do dia.[8]

8. James Stalker, *The Example of Jesus Christ* (New Canaan, Conn.: Keats, 1980), 92.

A oração na vida de Jesus como princípio de meditação para a seleção de seus discípulos é óbvio. Se um pastor quiser cumprir o mandato da Grande Comissão, ele deve meditar e orar para escolher as pessoas a quem deve dedicar o tempo disponível para alimentar.[9] Quer seja alguém a quem tenha levado pessoalmente ao Mestre, quer seja um crente que necessite de maior edificação na fé, sua tarefa é orar por eles. E, se Jesus Cristo mesmo gastou a noite inteira em oração pelos discípulos, quanto mais os líderes da igreja! Paulo nos ordena orar sem cessar (1 Ts 5.17) e a seleção para o discipulado com certeza merece essa atitude de oração.

O incentivo de Paulo para que se ore a respeito de tudo (Fp 4.6) sem dúvida inclui o discipulado (cf. Ef 6.18). Suas orações pelos jovens auxiliares são numerosas nas epístolas pastorais (por exemplo, 1 Tm 1.2; 2.8; 6.21; 2 Tm 1.2,3; 4.1, 22; Tt 1.4; 3.15).

Quando Jesus Cristo orou pelos seus, estabeleceu um exemplo tremendo, especialmente para os pastores. Ele deu um exemplo aos discípulos, escolhendo-os por meio da oração.

Seleção com Critério

O segundo princípio extraído do exemplo de Cristo é a seleção criteriosa, como indica Marcos 3.13: "[Jesus] chamou para si os que ele quis; e vieram a ele".

Historicamente, Jesus Cristo ordenou que os homens o seguissem. O compromisso do pastor com o discipulado pode ter três garantias diferentes no processo de execução. Primeiro, ele tem a garantia de que Cristo *ordena* os que *ele* deseja discipular. Em geral, Mateus 28.18-20 garante o discipulado porque é algo ordenado por Cristo, e se ele ordena, sua graça realizará. O livro de Atos mostra claramente que Cristo prometeu o poder do Espírito Santo aos discipuladores (por exemplo, At 1.8; 4.7,8, 31-33; 6.8). Ele também mostra o resultado (por exemplo, At 2.41, 47; At 6.7; 8.12). Isso também é uma grandiosa promessa em que podemos descansar no processo do discipulado.

Segundo, aqueles a quem Cristo convida serão "os que ele quis" (Mc 3.13). Isso comprova sua verdadeira soberania na salvação e na santificação. Morgan observa corretamente:

---

9. Também deve-se mencionar que Jesus não apenas orou na seleção, mas orou pelos discípulos ao longo de todo seu ministério terreno (cf. Jo 17; Lc 22.31,32) e depois (cf. Hb 7.25).

> Essa palavra dá a entender soberania autodeterminante, escolha baseada numa razão pessoal interna... Ele não recebia influência alguma dos apelos temporais. Nenhum apelo que algum homem pudesse lhe fazer poderia ao menos influenciá-lo. Nenhum protesto de falta de competência que algum homem pudesse levantar teria mudado seus propósitos. Sua escolha era uma escolha interna, a escolha de sua própria soberania; portanto, uma escolha pela qual ele assumia toda responsabilidade.[10]

É somente pela vontade de Deus que alguém torna-se discípulo de Cristo e recebe treinamento (Jo 1.12,13; 3.6; 6.44, 63, 65, 70; 8.36; 10.3,4, 16; 15.5, 16; 1 Jo 4.19). Sujeitos à mesma soberania, os líderes espirituais devem selecionar e discipular criteriosamente essas pessoas. Assim como os apóstolos dirigiram a congregação na seleção dos servos em Atos 6.1-6, os líderes de hoje devem selecionar com cuidado as pessoas a quem nutrir e ensinar para o serviço no corpo de Cristo (Ef 4.11-16). Além disso, como Paulo instruiu Timóteo a confiar a verdade espiritual a homens fiéis, os líderes da igreja devem selecionar os homens em quem possam reproduzir a liderança espiritual.[11]

A terceira garantia que o pastor pode ter na seleção criteriosa de discípulos em potencial está na frase de Marcos: "e vieram a ele" (Mc 3.13). Isso mostra que embora o discipulado seja uma questão de ordem e de soberania de Cristo, o resultado será a obediência. Da mesma forma, os que reagem com obediência ao convite do evangelho serão, obviamente, os candidatos mais prováveis. Esses estarão dispostos a tomar sua cruz diariamente (Lc 9.23)[12] e manifestarão sua prontidão para o discipulado. Entretanto, vale uma palavra de cautela. Eims alerta: "Quem quer que esteja pensando no ministério de fazer discípulos ou nisso esteja envolvido... deve pensar seriamente acerca da seleção. É muito mais fácil pedir que a pessoa venha do que pedir que ela parta caso você perceba,

---

10. C. Campbell Morgan, *The Gospel According to Mark* (Tarrytown, N.Y.: Revell, 1927), 66.

11. Para uma discussão do chamado ministerial, favor procurar o capítulo 6 deste livro e a mensagem gravada de John MacArthur Jr., GC 55-23, "Marks of the Faithful Preacher, pt. 4", (Grace To You, P.O.Box 4000, Panorama City, CA 91412). Veja também John MacArthur Jr., *Ephesians, The MacArthur New Testament Commentary* (Chicago: Moody, 1986), 94-95. Veja também C. H. Spurgeon, *Lições aos Meus Alunos,* vol. 2 (São Paulo: PES, 1990), 27-48.

12. Veja uma análise aprofundada dessa e de outras passagens cruciais nesses contextos em John MacArthur Jr., *The Gospel According to Jesus,* ed. rev. (Grand Rapids: Zondervan, 1994); também John MacArthur Jr., Faith works: *The Gospel According to the Apostles* (Dallas: Word, 1993).

para grande seu embaraço e pesar, que escolheu o homem errado".[13] O selecionador deve, portanto, ser ponderado e vigilante em sua escolha. O princípio de seleção criteriosa foi o método de Jesus para identificar os propagadores do reino de Deus. Os líderes da igreja não devem se esquecer de que os homens, não os programas, são o método de Jesus. Eims alerta:

> Vi homens captar a visão de alcançar o mundo para Cristo. Captei essa visão e dediquei minha vida a esse grande e glorioso propósito. Mas vi alguns homens tornarem-se tão voltados para o alvo que, para alcançá-los, empurravam com os ombros as pessoas que precisavam de ajuda e incentivo.
> Mas qual é o nosso objetivo? Quais são os nossos alvos? Quando todos nós chegarmos ao céu isso ficará claro de forma viva e marcante. Só encontraremos pessoas no Céu. Não haverá registros de comissões, nem ensaios acadêmicos sobre temas intrigantes, nem estudos extensos, anotações ou pesquisas. As pessoas são a matéria-prima do Céu. Se nos apaixonarmos por projetos, alvos e realizações, e nunca estendermos a mão para as pessoas ao longo do caminho; e se dissermos: "Isso não vai me ajudar a atingir meu objetivo", em que estamos realmente pensando? Em nós mesmos! Exatamente o oposto do estilo de vida de Jesus Cristo.[14]

De modo semelhante, Hull afirma:

> A maioria dos cristãos crê que os homens são, de fato, o método precioso de Jesus, mas poucos são os que estão dispostos a investir a vida, colocando todos os ovos nessa única cesta. Crer nessa filosofia centrada nas pessoas é totalmente diferente de praticá-la. Um grande problema da cristandade é que não queremos assumir o risco de investir na vida das pessoas ou não queremos gastar tempo com elas, embora isso tenha sido uma parte importante do ministério de Jesus. Tememos que a cesta seja na realidade uma armadilha para nos enredar.[15]

---

13. Leroy Eims, *The Lost Art of Disciple Making* (Grand Rapids: Zondervan, Colorado Springs: NavPress, 1978), 29.

14. Leroy Eims, *Disciples in Action* (Colorado Springs: NavPress; Wheaton: Victor, 1981), 40.

15. Bill Hull, *Jesus Christ: Disciple Maker* (Old Tappan, N.J.: Revell, 1984), 22. Veja duas obras semelhantes do mesmo autor e mesma editora: *The Disciple Making Church,* 1990 e *The Disciple Making Pastor,* 1988.

Em sua obra clássica, *The Training of the Twelve* (O Treinamento dos Doze), Bruce resume essa questão da seleção criteriosa:

> Por que Jesus escolheu tais homens?... Se escolheu homens rudes, humildes, não foi porque era conduzido por algum ciúme frívolo quanto ao conhecimento, cultura ou bom nascimento. Se um rabi, um rico ou um governante estivessem dispostos a se submeterem irrestritamente ao serviço do Reino, não haveria nenhuma objeção a ele, por causa de suas realizações, posses ou títulos... A verdade é que Jesus foi obrigado a se contentar com pescadores, publicanos e ex-zelotes para compor o seu apostolado. Aqueles eram os melhores que ele conseguiu. Os que se consideravam "melhores" eram por demais orgulhosos para se tornarem discípulos e, assim, excluíam-se daquilo que, hoje, todo o mundo considera a grande honra: ser príncipes escolhidos do Reino... Ele preferiu homens devotados que não tinham nenhuma dessas vantagens a homens não-devotados. E tinha boas razões; pois pouco importava, exceto aos olhos dos preconceitos da época, qual teria sido a posição social ou mesmo a história anterior dos 12, desde que estivessem espiritualmente qualificados para a obra a que foram chamados. O que importa afinal é, não o que está fora do homem, mas o que está dentro.[16]

Associação com Propósito

Marcos fala de um terceiro princípio crucial para os discipuladores: ter um propósito no discipulado. Marcos 3.14, observa: "[Jesus] nomeou 12 para que estivessem com ele". Ele afirma com muita clareza que Jesus Cristo destacou os discípulos com o propósito de estarem com Ele. A frase em grego, *hina osin meta autou*, pode significar: "com o propósito de" (ou "para", ou mesmo "com o resultado de") estarem com ele". Atos 4.13 registra, mais tarde, o resultado de os discípulos terem gasto tempo com Cristo: "Então, eles [os governantes, anciãos e escribas], vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram homens sem letras e indoutos, se maravilharam; e tinham conhecimento de que eles *haviam estado com Jesus*" (ênfase minha). O tempo com Jesus não tinha só como propósito o crescimento e o aprendizado através do seu ensino, mas comunhão e renovação por meio de seu modelo e exemplo. Em certa ocasião, depois de pregar e ensinar, Jesus disse: "Vinde vós, aqui à parte, a um lugar

16. A. B. Bruce, *The Training of the Twelve* (reimpressão, Grand Rapids: Kregel, 1988), 37-38.

deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam, e vinham, e não tinham tempo para comer. E foram sós num barco para um lugar deserto" (Mc 6.31,32).

Qualquer ministério pastoral efetivo dará destaque à honra de Cristo, mesmo que nisto gaste um tempo precioso, com os que mais tarde seguirão o pastor. O coração de Paulo, no que dizia respeito a Timóteo, estava repleto do desejo de ter comunhão com ele nas coisas do Senhor. Ele disse em 1 Timóteo 3.14: "Escrevo-te estas coisas, esperando ver-te bem depressa". Depois, em 2 Timóteo 1.4, ele disse que ver Timóteo era encher-se de gozo. Paulo pediu a Timóteo: "Procura vir ter comigo depressa" (2 Tm 4.9) e "Procura vir antes do inverno" (v. 21). Isso não era apenas uma comunhão para suprir as necessidades de Paulo, mas também um momento de refrigério e instrução. Paulo era extremamente ligado aos seus discípulos. Descreve-se a seguir a ocasião em que, depois de ter discipulado os anciãos de Éfeso por alguns anos, entendeu que talvez não voltassem a vê-lo: "E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos e orou com todos eles. E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam, entristecendo-se muito, principalmente pela palavra que dissera, que não veriam mais o seu rosto" (At 20.36-38). Que empatia entre Paulo e seus homens!

É claro que a estrutura de tais períodos de convivência é flexível, mas o importante é isto: não se pode influenciar de verdade uma pessoa sem gastar tempo com ela. Se o pastor quiser reproduzir-se na vida dos outros, isso será conseqüência de uma combinação consciente de comunhão espiritual e edificação bíblica. Em outro contexto, Whitney escreve:

> Se de repente você percebesse que não tem mais tempo, lamentaria o modo pelo qual gastou o tempo no passado e o gasta agora? A maneira pela qual você vem usando o tempo *pode* ser um grande consolo em seu último momento. Talvez você não esteja muito contente com alguns modos pelos quais tenha usado o tempo, mas não ficará satisfeito, então, com todos os momentos de vida cheia do Espírito, com todas as ocasiões em que obedeceu a Cristo? Não ficará grato, então, com aqueles momentos que gastou nas Escrituras, em oração, adoração, evangelização, serviço, jejum etc, no intuito de tornar-se mais parecido com Aquele diante do qual será julgado? (Jo 5.22-29). Quanta sabedoria existe em viver como Jonathan Edwards resolveu viver:

"Resolvi que devo viver daquela forma que eu gostaria de ter vivido quando estiver à morte".[17]

Hadidian afirma:

> Como você vai usar seu tempo, conhecimento e capacidade? Vai empregá-los no que é temporário ou no que é eterno? Quando estivermos perto da morte, como será grato saber que estamos deixando para trás outras pessoas que, comprometidas com Deus, sua Palavra e seu povo, estão desenvolvendo a obra que lhes confiamos.[18]

De modo semelhante, Bounds escreve:

> Somos constantemente pressionados, se não obrigados, a inventar novos métodos, novos planos, novas organizações para fazer progredir a Igreja e garantir expansão e eficiência ao evangelho. Essa inclinação da época possui a tendência de perder de vista o homem ou afogá-lo no plano ou organização. O plano de Deus é dar valor ao homem, muito mais do que a qualquer outra coisa. Os homens são o método de Deus. A Igreja está procurando métodos melhores; Deus está procurando homens melhores.[19]

O pastor que gasta tempo com Cristo terá uma profunda influência disciplinadora sobre as pessoas, incentivando-as a passar um tempo com ele meditando na Palavra de Deus, e, assim, frutos espirituais abundarão. Como resultado, aumentarão também os frutos nas pessoas influenciadas por seus discípulos. Nunca é demais salientar o princípio da associação com um propósito. Quanto mais o líder e seus candidatos a discípulo gastarem tempo juntos e com Cristo, mais semelhança de Cristo colherá para a glória de Deus (cf. Rm 8.29).

---

17. Donald S. Whitney, *Spiritual Disciplines for the Christian Life* (Colorado Springs: NavPress, 1991), 132.

18. Allen Hadidian, *Successful Discipling* (Chicago: Moody, 1979), 18.

19. E. M. Bounds, *Power Through Prayer* (Grand Rapids: Zondervan, s.d.), 11.

Proclamação com Poder

O aspecto final do discipulado é a proclamação poderosa: "E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios" (Mc 3.14,15). Jesus tinha o propósito de gastar tempo com seus discípulos para que eles pregassem com autoridade. A construção grega no versículo 14 (o uso de uma cláusula final, *hina*) é semelhante à da frase anterior, mostrando distintamente que o plano de Jesus era discipular aqueles homens para enviá-los para pregar o evangelho com poder.

O princípio para aplicação contemporânea é crucial.[20] Os pastores não gastam simplesmente o tempo com os outros, sem que essa associação torne-se manifesta. Esse é o valor final do discipulado: os discípulos fazem outros discípulos e assim por diante. O discipulado alcança o domínio das trevas e traz pessoas para o reino da luz; este é o propósito do discipulado. Quando os pregadores proclamam o evangelho poderoso, Deus faz discípulos que, por sua vez, proclamarão o mesmo evangelho a outras pessoas. A cadeia de discipulado continua ininterrupta desde os dias de Jesus Cristo.

Um princípio implícito também emerge do texto. Jesus discipulou seus homens para que pregassem com autoridade. Ele se propusera a ensiná-los a pregar (*kerussein*, "anunciar" com a incumbência de proclamar com precisão a mensagem prescrita) e a exercer autoridade (*exousian*, "poder") no mundo. Nosso chamado também é pregar e viver uma vida reta, com poder, neste mundo sem Deus. Nosso discipulado, portanto, deve incluir um ensino e uma exemplificação de como viver a verdade em nome de Jesus. Numa cultura muito diferente da cristã, não dispomos de nenhum outro meio para manifestar este tipo de vida transformada, semelhante à de Cristo. O legado que deixamos na vida e através das pessoas a quem discipulamos será poderoso e duradouro.

---

20. Precisamos notar que a proclamação poderosa dos apóstolos não se repete. Uma vez que mantinham um ofício singular, possuíam um poder sobrenatural de Cristo hoje indisponível. Esse é o motivo pelo qual o apóstolo Paulo chamou suas obras miraculosas de "sinais do apostolado" (2 Co 12.12). Ele também falou da singularidade dos apóstolos ao dizer que a própria igreja é edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina" (Ef 2.20). Como pastores ou anciãos na igreja hoje, não podemos invocar autoridade e poder apostólicos, mas nosso poder vem do poder do Espírito Santo agindo através de nós para pregar a Palavra de Deus. Nossa tarefa não é expulsar demônios através de um poder sobrenatural, mas proclamar com poder o Evangelho (cf. Ef 3.20; Cl 1.29; 2 Tm 1.7; Rm 1.16). Veja um desenvolvimento completo da questão da singularidade dos apóstolos em John MacArthur, Jr., *Charismatic Chaos* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 120-25; 230-35.

O Imperativo do Discipulado

Este capítulo procurou mostrar que ser discípulo e fazer discípulos não são opcionais; são ordens claras das Escrituras. Um sumário do mandamento é: "O consenso da história da igreja — antiga e moderna — é que o conceito de discipulado é evidente em toda parte do Novo Testamento, de Mateus a Apocalipse".[21]

Nosso papel como pastores também *exige* que discipulemos. Não podemos ser "pulpiteiros", pregando para o nosso povo, mas sem nos envolver com sua vida. O processo só *começa* com a proclamação das Escrituras. Ele encontra sua verdadeira concretização por intermédio do leque completo da obra do pastorado: edificação, liderança, purificação, cura, proteção, criação e todos os outros aspectos do amoroso cuidado do pastor. Esse *é* o processo de discipulado.

Jesus disse que cada discípulo, quando plenamente treinado, será exatamente como seu mestre (Lc 6.40). Isso coloca uma carga bem pesada de responsabilidade sobre o discipulador, exigindo que ele seja como *seu* Mestre, Jesus Cristo. Não podemos exigir que os homens nos sigam, a menos que, como Paulo, possamos dizer confiantes que somos imitadores de Cristo (1 Co 11.1). Com certeza, qualquer pessoa que falhe nesse ponto não é apto para o pastorado.

Além disso, qualquer pastor que não esteja discipulando está abdicando de uma responsabilidade primária de seu chamado. O chamado do pastor é pregar, mas ele não pode ser um mero orador — falando às pessoas, sem nunca ministrar-lhes no nível pessoal. O pastor é chamado para exortar e instruir, mas não pode ser um simples conselheiro profissional, dispensando sabedoria espiritual por cima da escrivaninha e sem prestar contas ao rebanho. O pastor deve liderar, mas não pode tornar-se administrador em tempo integral, afundado em papéis e negócios, esquecendo-se de que a igreja é o *rebanho*.

Deus não nos chamou para ser clérigos profissionais; ele nos chamou para ser discipuladores. O mandato de Paulo em 2 Timóteo 2.2 estende-se a cada líder da *ekklesia* de Deus: "E o que de mim, entre muitas tetmunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros".

21. Wilkins, *Following The Master*, 293.

De toda a Escritura, este talvez seja o versículo que melhor sintetize a função pastoral com respeito ao discipulado.

O verdadeiro teste do caráter de cada pastor é como ele age no campo do discipulado pessoal. É ali que as pessoas conseguem conhecê-lo melhor e vê-lo como de fato é; elas testarão de modo mais amplo o seu conhecimento bíblico. Esta é uma área que o pastor mais presta contas. Ele ajuda os outros a crescer cada vez mais à semelhança de Cristo e torna-se mais semelhante ao Mestre.

20

A Vigilância e o Alerta

Richard L. Mayhue

Guardar o rebanho de crentes dos perigos espirituais é uma das tarefas pastorais mais negligenciadas na igreja de hoje. Além de comissionar sentinelas espirituais para vigiar seu rebanho, dirigindo-o à verdade e à justiça, Deus encarregou essas sentinelas de proteger o rebanho dos erros doutrinários e do pecado pessoal. Ezequiel 3 e 33 e Atos 20 apresentam instruções claras sobre os comos e os porquês da vigilância pastoral. Os subpastores do rebanho serão bons servos e imitadores obedientes do Pastor Chefe quando vigiarem regularmente as ovelhas e as alertarem contra a infiltração de perigos espirituais.

"Reengenharia da Igreja" foi o tema de uma recente conferência de liderança pastoral sobre como preparar a igreja para o século XXI. Quando li o panfleto da conferência, minha primeira reação foi: "Por que reengenharia na igreja, se Deus a projetou perfeitamente no início? Não deveríamos inspecionar a igreja primeiro e demolir só as partes defeituosas, para podermos reconstruir a parte demolida de acordo com o plano original do Construtor? Quem pode melhorar a engenharia de Deus?" A solução não é reengenharia, mas restauração às especificações originais perfeitas do Projetista divino. O alvo de qualquer mudança deve ser um retorno da igreja às raízes bíblicas, para que ela reconquiste a antiga glória.

Uma inspeção da igreja existente deve incluir perguntas como: Consultamos o *Proprietário* (1 Co 3.9)? Estamos tratando com o *Construtor original*

(Mt 16.18)? A igreja ainda repousa sobre o *fundamento inicial* (1 Co 3.11; Ef 2.20)? Sua *primeira pedra angular* ainda está no lugar (Ef 2.20; 1 Pe 2.4-8)? Estamos usando *materiais de construção aprovados* (1 Pe 2.5)? Empregamos os *trabalhadores* corretos (1 Co 3.9)? Temos utilizado *supervisores* adequados (Ef 4.11-13)? Os padrões iniciais de *controle de qualidade* continuam de pé (Ef 4.13-16)? Continuamos trabalhando de acordo com o *projeto original* (2 Tm 3.16-17)?

A estratégia bíblica para manter o curso da igreja durante o próximo século exige que o papel do *mestre de obras* (i.e., pastores designados por Deus para supervisionar seu rebanho) seja uma das primeiras áreas de revista. De acordo com uma metáfora bíblica, os *supervisores* na figura da igreja como uma construção não são nada mais que os *pastores* do rebanho de acordo com outra figura. O restante desta discussão usará esta última terminologia.[1]

Paulo estabeleceu a tarefa básica do pastor com as seguintes palavras:

> E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para *pastores* e *doutores*, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor (Ef 4.11-16, ênfases minhas).

O Verdadeiro Pastor

As Escrituras alertam continuamente seus leitores para que estejam atentos para a falsidade espiritual.[2] Jesus alertou contra os falsos profetas que vêm "vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores" (Mt 7.15).

---

1. Veja um estudo sucinto da figura da igreja como um rebanho de ovelhas em Earl D. Radmacher, *What the Church Is All About: A Biblical and Historical Study* (Chicago: Moody, 1978), 298-307.

2. O Novo Testamento expõe com freqüência a falsidade (ψευδε̄), tais como (1) falsos apóstolos (2 Co 11.13), (2) falsos irmãos (2 Co 11.26; Gl 2.4), (3) falsos cristos (Mt 24.24), (4) falsos profetas (Mt 24.11; 2 Pe 2.1; 1 Jo 4.1), (5) falsos mestres (2 Pe 2.1), e (6) falsas testemunhas (Mt 26.60; At 6.13).

Em outra parte, ele caracteriza o falso pastor como "ladrão e salteador" (Jo 10.1, veja também v. 8).

Em nenhuma parte das Escrituras isso fica mais evidente que nos profetas do Antigo Testamento, que alertavam Israel constantemente contra os falsos profetas, até repreendendo a nação quando se desviava, seguindo um líder falso em lugar do verdadeiro.[3] Embora não tão dramático como o Antigo Testamento, muitas vezes o Novo Testamento também alerta contra líderes espirituais enganadores, desencaminhadores.[4] Cada geração bem-sucedida da história tem provado a necessidade dessa cautela. Continua sendo interesse preeminente de Deus que a igreja seja liderada por verdadeiros pastores.

Em 1981, nas preleções de Lyman Beecher sobre pregação, em Yale, James Stalker alertou com muita perspicácia: "Quanto mais elevada a honra relacionada com a profissão ministerial, quando dignamente cumprida, mais profundo o abuso possível, em comparação às outras vocações".[5] Infelizmente, o genuíno atrai a imitação astuciosa indesejada. De um modo bem real, o verdadeiro pastor deve proteger o rebanho dos espúrios. Os pastores recebem instruções explícitas das Escrituras de alertar o rebanho para o fato de que nem todos os que afirmarem serem pastores verdadeiros estão dizendo a verdade.

Charles Jefferson, em sua obra clássica, *The Minister As Shepherd*, alista sete funções básicas do pastor genuíno:[6]

1. Amar as ovelhas
2. Alimentar as ovelhas
3. Resgatar as ovelhas
4. Cuidar das ovelhas e consolá-las
5. Guiar as ovelhas
6. Guardar e proteger as ovelhas
7. Vigiar as ovelhas.

---

3. Por exemplo, veja Jr 14,12; Ez 13,14; Mq 3; Zc 11.

4. Por exemplo, veja Mt 23; 2 Co 11; 2 Tm 3-4; Tt 1; 2 Pe 1; 1 Jo 4; 2 Jo 8-11; Jd; Ap 2-3.

5. James Stalker, *The Preacher and His Models* (New York: George H. Doran, 1891), 128.

6. Charles Jefferson, *The Minister and His Models* (reimpressão, Hong Kong: Living Books, 1973), 39-66. Veja Também John MacArthur Jr., *The Master's Plan for the Church* (Chicago: Moody, 1991), 169-76.

Este capítulo trata particularmente das duas últimas categorias de Jefferson — guardar e vigiar as ovelhas. Nenhum aspecto do ministério pastoral contemporâneo tem caído em maior desuso que a função salvadora da *sentinela*. É vital para um ministério efetivo que se recupere o aspecto da vigilância pastoral que guarda e protege o rebanho do massacre espiritual que pode ser evitado. O verdadeiro pastor dará máxima prioridade à segurança do rebanho de Cristo. Ao fazê-lo, também ajudará a livrar as fileiras pastorais da contaminação trazida por imitações não autorizadas.

Vigilância sobre o Rebanho

Cada um dos termos *pastor, presbítero* e *bispo* descreve uma faceta da função de pastor. Todos os três aparecem juntos em Atos 20.17, 28 e 1 Pe 5.1-2. *Presbítero* e *bispo* estão ligados em Tito 1, enquanto *bispo* e *pastor* descrevem Cristo em 1 Pedro 2.25. Por causa de sua importância para este assunto, *bispo* será o centro de atenção na exposição a seguir.

Thomas Oden capta numa rápida palavra a característica particular da vigilância inerente ao termo *bispo*: "bispo traduz *episkopos*, que deriva da família de palavras gregas que se referem à guarda, supervisão, inspeção — cuidado responsável para com um processo complexo, num sentido abrangente. *Episkopos* implica vigilância muito mais que hierarquia".[7]

A *supervisão* do pastor sobre o rebanho expressa-se de maneira geral de duas formas.[8] Em primeiro lugar, os pastores fornecem direção e liderança fidedigna e positiva ao rebanho. Em segundo lugar, eles alertam contra perigos espirituais como pecado, falsos ensinos e falsos mestres, incluindo os assaltos de Satanás contra os santos.

Por um lado, o pastor ensina a verdade e, por outro, ele alerta contra o pecado e refuta erros doutrinários. Ao liderar o rebanho rumo às veredas da justiça, o pastor também vigia, alerta e até resgata os desviados que foram enre-

---

7. Thomas C. Oden, *Pastoral Theology: Essencials of Ministry* (San Francisco: HarperCollins, 1983), 71.

8. A supervisão pastoral sobre os outros pressupõe que o pastor primeiro exerce sua própria "auto-vigilância" de que escreve C. H. Spurgeon em *Lições aos Meus Alunos,* vol. 2 (reimpressão, São Paulo: PES, 1990), 1-22. Mais recentemente, John Stott observou: "Os pastores só estarão aptos para guardar o rebanho se, primeiro, guardarem a si mesmo. Os pastores só estarão aptos para nutrir o rebanho de Deus se, primeiro, nutrirem sua própria vida espiritual", em *"Ideals of Pastoral Ministry", Bibliotheca Sacra* 146, n. 581 (janeiro-março, 1989), 11.

dados pelo ensino falso e pelo fascínio do pecado. Quando os pastores exercem sua responsabilidade de supervisão, terão tanto um lado preventivo como um lado confrontativo no ministério. Não se pode pastorear o rebanho com credibilidade, a menos que se forneça uma supervisão corretora de vigilância e alerta.

Vigilância Pastoral

O patriota americano Thomas Jefferson observou que "a eterna vigilância é o preço da vitória".[9] Ele falou de vitória política, mas isso é ainda mais verdade com respeito à igreja, caso deseje que ela vença sobre os falsos ensinos e o pecado. W. Phillip Keller alertou contra os predadores em nossos púlpitos, por meio de seu recente clamor a que se restaure a pregação bíblica e verdadeira nas igrejas ao redor do mundo.[10] *Predador* pode soar rude, contudo segue o exemplo de Cristo, que foi justo ao chamar os fariseus de condutores cegos, víboras e sepulcros caiados (Mt 23). O guarda espiritual de Deus deve ser direto em seus protestos e confrontar com vigor os que usurpam, com malícia, as tarefas dos pastores verdadeiros, desviando assim o rebanho de Cristo.

O pastor do Salmo 23 consolava as ovelhas com sua vara e cajado.[11] Esses instrumentos não simbolizam apenas a vigilância; nas mãos do pastor, são também instrumentos de proteção e direção, que são o fruto da vigilância. A vara protegia o rebanho contra o perigo imediato, invasivo. O cajado servia para juntar as ovelhas, guiá-las e até resgatá-las, caso se desgarrassem. Assim também, o pastor do rebanho de Cristo — a igreja — deve estar vigilante. A saúde e integridade espiritual do rebanho dependem de sua dedicação a essa fase de sua responsabilidade.

Em sua época, Charles Jefferson captou de forma memorável o aspecto protetor da responsabilidade de um pastor do antigo Oriente Próximo. Os paralelos com o pastoreio de igreja de nossos dias são óbvios mas, infelizmente, demasiadamente ignorados.

---

9. John Bartlett, *Familiar Quotations* (reimpressão, Boston: Little, Brown and Co., 1982), 397.

10. W. Phillip Kaller, *Predadors In Our Pulpits* (Eugeme, Oreg.: Harvest House, 1988).

11. Veja uma descrição viva da vara e do cajado do pastor em W. Phillip Keller, *A Shepherd Looks at Psalm 12* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), 92-103.

> O pastor oriental era, acima de tudo, um vigia. Ele tinha uma torre de vigia. Era sua responsabilidade manter os olhos bem abertos, vasculhando constantemente o horizonte, contra a possível aproximação de inimigos. Ele era obrigado a ser circunspecto e atento. A vigilância era uma virtude cardinal. Uma vigilância atenta era-lhe necessária. Só sua atenção podia frustrar o inimigo. Havia muitos tipos de inimigos, todos terríveis, cada um à sua maneira. Em certas épocas do ano havia enchentes. Os ribeiros enchiam-se rapidamente e inundavam suas margens. Era necessária uma ação rápida para evitar a destruição. Havia inimigos mais sutis — animais vorazes e astutos: leões, ursos, hienas, chacais, lobos. Havia inimigos no ar: grandes aves de rapina estavam sempre espreitando do alto, prontas para investir sobre uma ovelha ou um filhote. E depois, o mais perigoso de todos, havia as aves e os animais de rapina humanos — ladrões, bandidos, homens que viviam de roubar rebanhos e matar pastores. Aquele mundo oriental estava repleto de perigos. Estava prenhe de forças hostis ao pastor e seu rebanho. Quando Ezequiel, Jeremias, Isaías e Habacuque falam a respeito de pastores, chamam-nos de sentinelas, prontos para alertar e salvar.[12]

A vigilância, sem dúvida, começa no púlpito, mas vai muito além. Vigiar o rebanho como um todo não isenta de vigiar a congregação como indivíduos. Um ministério vigoroso a partir do púlpito sempre foi a espinha dorsal do pastorado, mas isso não esgota as responsabilidades do pastor. Considere a opinião de Charles Bridges:

> Não vamos pensar que todo nosso trabalho é feito no estudo e no púlpito. Pregar — a grande alavanca do Ministério — extrai muito de sua força da conexão com a obra pastoral; e sua disjunção por demais freqüente dela é uma causa importante de nossa ineficiência. O pastor e pregador combinam-se para formar a completitude do ofício sagrado, conforme se expõe em nossos cultos de ordenação e ilustrações bíblicas. É muito pouco o que uma aparição pública formal pode fazer em resposta ao sentido mais baixo de termos como pastor, sentinela, supervisor, mordomo — termos que implicam, não apenas uma superintendência geral sobre o rebanho, paroquianos ou família, mas uma compreensão de suas necessidades individuais e uma distribuição adequada à ocasião; sem a qual, em vez

12. Jefferson, *The Minister,* 41-42.

de "olhar por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo nos constituiu bispos", mal se pode dizer que estamos "assumindo sua supervisão".[13]

A supervisão pastoral inclui uma forte ênfase na vigilância atenta a perigos espirituais sorrateiros, como mostram os seguintes exemplos de exortação do Novo Testamento:

"E ordenou-lhes, dizendo: Olhai, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes" (Mc 8.15).

"Guardai-vos dos escribas, que querem andar com vestes compridas e amam as saudações nas praças, e as principais cadeiras nas sinagogas, e os primeiros lugares nos banquetes" (Lc 20.46).

"Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão" (Fp 3.2).

"Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pe 5.8).

"Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho; antes, recebamos o inteiro galardão" (2 Jo 8).

A igreja primitiva tomou a sério essas instruções bíblicas. Por exemplo, observe tanto o apóstolo João como seu discípulo Policarpo em ação:

> O mesmo Policarpo, vindo a Roma sob o episcopado de Aniceto, resgatou muitos das mãos dos já citados hereges para a igreja de Deus, proclamando a única fé verdadeira, que havia recebido dos apóstolos, isto é, a que foi transmitida pela igreja. E ainda vivem alguns que o ouviram relatar que João, o discípulo do Senhor, foi a um banho em Éfeso e, vendo ali Cerinto, fugiu sem se banhar, exclamando: "Vamos fugir para que o banho não caia, porquanto Cerinto, aquele inimigo da verdade, está lá dentro". E o mesmo Policarpo, certa vez encontrando-se com Marcião, que disse: "reconheça-nos", respondeu: "Reconheço o primogênito de Satanás". Tamanha era a cautela dos apóstolos e seus discípulos, para não terem nenhuma comunhão, mesmo no mundo, com nenhum dos que mutilavam a fé,

13. Charles Bridges, *The Christian Minister* (reimpressão, Edinburgh, Scotland: Banner of Truth, 1980), 343.

> de acordo com a declaração de Paulo: "Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido e peca, estando já em si mesmo condenado".[14]

O padrão continuou na quarta geração (Cristo, João e Policarpo sendo das primeiras três), no ministério de Irineu, um discípulo de Policarpo:

> Uma vez que certos homens colocam de lado a verdade e trazem palavras *mentirosas e vãs genealogias que, como diz o apóstolo*, "mais produzem questões do que edificação de Deus, que consiste na fé", e por meio de ilusões habilmente elaboradas desviam a mente dos inexperientes e os cativam [sinto-me constrangido, caro amigo, a compor o tratado a seguir para expor e contra-atacar as maquinações deles]. Esses homens falsificam os oráculos de Deus e mostram-se maus intérpretes da boa palavra da revelação. Eles também destroem a fé de muitos, desviando-os sob o pretexto de conhecimento [superior], afastando-os daquele que fundou e adornou o universo; como se, aliás, tivessem algo mais excelente e sublime a revelar, do que Deus que criou o céu e a terra, e tudo o que neles há. Por meio de palavras ilusórias e enganosas, engenhosamente iludem os ingênuos fazendo-os ingressar em seu sistema; apesar disso os destroem brutalmente, enquanto os iniciam em suas opiniões blasfemas e ímpias a respeito do Demiurgo; e esses simples são incapazes, mesmo em tal questão, de distinguir a falsidade da verdade.[15]

Mais recentemente, em meados da década de 1960, Harry Blamires escreveu um volume significativo alertando a igreja britânica de seu rápido distanciamento da verdade. Desde então, ele vem sendo associado ao conceito de "pensar cristãmente" por causa de seu apelo claro a que se retorne a uma disposição mental cristã baseada nas Escrituras:

> Nossa cultura é amaldiçoada pelo código do "é tudo uma questão de opinião". Na esfera do pensamento religioso e moral, estamos caminhando rapidamente para um estado de anarquia intelectual onde a diferença entre

14. Eusébio Panfilo, *Eusebiu's Ecclesiastical History* (reimpressão, Grand Rapids: Guardian, 1955), 141-42.

15. Irineu, *Contra Heresias* (vol. 2 de *The Ante-Nicene Fathers*, ed. A. Roberts e J. Donaldson [reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, 1956], 315).

a verdade e a falsidade já não será reconhecida. Aliás, é possível que as palavras *verdadeiro* e *falso* sejam, por finalmente (e logicamente), substituídas pelas palavras *preferível* e *não-preferível*...
A verdade cristã é objetiva, inflexível, inabalável. Ela não é construída de opiniões humanas. Não é algo fabricado por eruditos ou pelos homens nas ruas, e muito menos algo reunido a partir de um milhão de respostas, *sim*, *não* e *não sei*, obtidas de uma amostragem da raça humana. A verdade cristã é algo dado, revelado, aberto aos olhos do inquiridor paciente, que se esquece de si mesmo. Não *fazemos* a verdade. *Residimos* na verdade. Uma boa figura da verdade seria a de um farol fustigado pela fúria elemental do erro indisciplinado. Os que vieram a residir na verdade devem permanecer ali. Não é função deles voltar ao erro com o propósito de se juntar aos companheiros que estão se afogando, com o pretexto de que, dentro ou fora, as condições são quase iguais. A função deles é puxar outros para dentro do abrigo da verdade. Pois a verdade é, com a máxima certeza, um abrigo. E é inviolável. Se começarmos a desmantelá-la e dá-la em pedaços aos de fora, não restará nada para proteger os de dentro, não restará nada para proteger nossa própria cabeça — e nenhum refúgio em que receber os outros, caso finalmente venham a se cansar do erro.[16]

O que Blamires escreveu para a igreja britânica da década de1960, David Wells escreve à igreja americana de 1990:

O rio da ortodoxia histórica que antes banhava a alma evangélica está agora condenado por um mundanismo que muitos não conseguem identificar como tal, por causa da inocência cultural em que ele se apresenta. Com certeza, essa ortodoxia nunca foi infalível nem isenta de defeitos e fraquezas, mas estou muito longe de me deixar convencer que a emancipação de seu núcleo teológico, que boa parte dos evangélicos está efetuando, esteja resultando em maior fidelidade à Bíblia. Aliás, o resultado é exatamente o contrário. Temos agora menos fidelidade à Bíblia, menos interesse na verdade, menos seriedade, menos profundidade e menos capacidade de falar a Palavra de Deus para nossa própria geração, de modo a oferecer uma alternativa ao que ela já pensa. A ortodoxia mais antiga era conduzida por uma paixão pela verdade, e isso era o que lhe permitia

16. Harry Blamires, *The Christian Mind* (reimpressão, Ann Arbor, Servant, 1978), 112-14.

> expressar-se apenas em termos teológicos. A corrente evangélica mais recente não é dirigida pela mesma paixão pela verdade, e esse é o motivo pelo qual muitas vezes carece de interesse teológico.[17]

Tanto Blamires como Wells colocam-se na longa corrente ininterrupta de homens nobres que têm encarado com seriedade as ordens bíblicas quanto à vigilância e alerta. Eles servem como exemplos de vigilância pastoral na melhor tradição do bispo neotestamentário.[18]

Paulo escreveu a Tito: "O bispo seja irrepreensível... retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes" (Tt 1.7,9). A exortação, sozinha, sem a refutação, resulta em insubordinação, até desobediência grosseira. Decerto, nada mais é que negligência para com o encargo.

John Stott denunciou e confrontou recentemente a negligência cada vez maior dos pastores do final do século XX, que falham na vigilância contra o erro doutrinário e no combate a ele:

> Essa ênfase é hoje impopular. Diz-se freqüentemente que os pastores sempre devem ser positivos em seu ensino, nunca negativos. Mas os que dizem tais coisas ou não lêem o Novo Testamento ou, tendo lido, discordam dele. Pois o Senhor Jesus e seus apóstolos deram o exemplo e até estabeleceram a obrigação de ser negativo na refutação do erro. Será possível que a negligência desse ministério seja uma das principais causas da confusão teológica na igreja hoje? Com certeza, a controvérsia teológica é desagradável para espíritos sensíveis e tem seus perigos espirituais. Ai daqueles que têm prazer nisso! Mas não se pode evitá-la conscientemente. Se, quando surge um ensino falso, os líderes cristãos colocam-se de lado, inertes, e nada fazem ou dão as costas e fogem, vão ganhar o terrível

17. David F. Wells, *No Place for Truth oração Whatever Happened to Evangelical Theology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), 11-12.

18. O erro doutrinário nem sempre aparece em sua forma mais óbvia ou descritível. "O erro, aliás, nunca se apresenta em sua deformidade nua, para que, assim exposto, não seja detectado de imediato. Mas é habilmente ataviado com uma roupa atraente, como se, por sua forma externa, possa parecer aos inexperientes (por mais ridícula que seja a expressão) mais verdadeiro que a própria verdade" (Irineu, *Contra Heresias* [p. 315]). Veja uma discussão atual da fraqueza da igreja no discernimento da verdade e da doutrina em John MacArthur Jr., *Reckless Faith* (Wheaton, Il.: Crossway, 1994).

cognome de "mercenários" que pouco se importam com o rebanho de Cristo. Seria correto abandonar suas ovelhas e deixá-las indefesas contra os lobos, como "ovelhas sem pastor"? Seria correto contentar-se em ver o rebanho disperso e as ovelhas despedaçadas? Deve-se dizer dos crentes hoje, como se disse de Israel: "se espalharam, por não haver pastor, e ficaram para pasto de todas as feras do campo" (Ez 34.5)? Hoje, até algumas doutrinas fundamentais do cristianismo histórico estão sendo negadas por alguns líderes de igreja, inclusive a personalidade infinita do Deus vivo, a deidade eterna, o nascimento virginal, a morte expiatória, a ressurreição corporal de Jesus, a Trindade e o evangelho da justificação só pela graça mediante a fé, sem nenhuma obra meritória. Os pastores devem proteger o rebanho de Deus contra o erro e procurar estabelecê-lo na verdade.[19]

Sentinelas Espirituais

Qualquer pastor piedoso no final do ministério gostaria de dizer como Paulo: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé" (2 Tm 4.7). Quem não gostaria de ouvir o elogio do Senhor: "Bem está, servo bom e fiel" (Mt 25.21).

Paulo disse aos presbíteros efésios: "Estou limpo do sangue de todos" (At 20.26). Usando a figura de Ezequiel 3.18,20 — "o seu sangue da tua mão requererei" —, o apóstolo testifica que comunicou a Palavra de Deus tanto para os perdidos como para os santos. Quando os incrédulos morriam em seus pecados, Paulo não ficava pastoralmente maculado, porque havia cumprido plenamente sua responsabilidade de pregar o Evangelho (At 20.21). Se os crentes se desviavam e caíam em comportamentos pecaminosos por períodos prolongados, não era porque Paulo não tinha comunicado todo o propósito de Deus (At 20.27).

Se os pastores de hoje quiserem completar seu ministério como Paulo, então precisam ser não apenas *obreiros aprovados* (2 Tm 2.15), mas também *homens que não tenham do que se envergonhar*. O tema da sentinela pastoral é contundente em Ezequiel 3.16-21; 33.1-9. Mais tarde, Paulo empregou com propriedade a mesma linguagem para descrever seu ministério (At 20.17-31).

19. Stott, *"Ideals of Pastoral Ministry"*, 8.

Sentinela

Deus falou a Ezequiel: "Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte" (Ez 3.17; cf. 2.7). O profeta então falou tanto para os ímpios (3.18-19) como para os justos (3.20,21).

Ezequiel 33.1-6 relaciona as tarefas de uma sentinela militar com as do pastor. As sentinelas guardavam atentamente seus postos a fim de alertar a cidade da aproximação do perigo e livrar os cidadãos de danos. Se as sentinelas desempenharem diligentemente sua tarefa, não importam os resultados, serão inculpáveis (33.2-5). Entretanto, se a sentinela falha e não alerta a cidade contra o perigo, a culpa da destruição resultante recai sobre ele, como se ele fosse o inimigo e tivesse atacado pessoalmente a cidade (33.6).

O pastorado do século XX fornece paralelos apropriados. O pastor deve vigiar o rebanho como a sentinela vigiava a cidade. O alerta de Deus aplica-se tanto às ovelhas descrentes fora do rebanho, como às ovelhas crentes dentro do rebanho. Os pastores receberão aprovação de acordo com a fidelidade com que transmitirem a Palavra de Deus, independentemente dos resultados. Entretanto, quando o pastor negligencia as tarefas de seu posto, Deus o considera responsável pela falha de não ter sinalizado o perigo e o julgamento que estão por vir.

Numa situação de vida ou morte, ele deve cuidar da cidade em estado de alerta, como uma sentinela vigilante protege sua cidade. Thomas Oden capta a analogia pastoral:

> A imagem do pastor como sentinela, ou protetor, vigilante, guardando durante toda a noite, já era bem desenvolvida nos profetas hebreus. Responsabilidade radical perante Deus era a característica central dessa analogia, conforme declara Ezequiel de forma impressionante: "Veio a palavra do Senhor a mim ... eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel ... quando o justo se desviar da sua justiça e fizer maldade ... o seu sangue da tua mão o requererei" (Ez 3.16-21). Tais ordens quanto à responsabilidade profética são com freqüência transferidas, por analogia, para o ofício cristão de presbítero.
>
> Ouça a analogia: a sentinela sobre a cidade é responsável pela cidade inteira, não apenas por uma de suas ruas. Se a sentinela dorme durante um

ataque, todo o dano resultante é de sua responsabilidade. Essa era a analogia da aliança mais tarde aplicada repetidas vezes ao pastor, que era encarregado de cuidar de nada menos que uma pequena cidade análoga, a *ekklesia*. Se a congregação cai na rede de um ensino sedutor ou se esquece do que deve, de quem seria a responsabilidade, se não a do presbítero, o ancião-dirigente?[20]

Trabalhador

O discurso de Paulo aos presbíteros da igreja de Éfeso compreende a instrução mais explícita e completa sobre liderança espiritual dada a uma igreja neotestamentária. Ele apóia pesadamente nas figuras e idéias de Ezequiel 3 e 33.[21] O tema da sentinela estendeu-se muito além do ministério pessoal de Ezequiel. Paulo não só serve como uma sentinela vigilante, como ordena que os presbíteros de Éfeso façam o mesmo.

Pelo menos cinco características atestam o paralelo estreito entre Ezequiel 3 e 33 e Atos 20. Primeiro, ambos, Ezequiel e os presbíteros efésios, foram destacados por Deus. "Eu te dei por atalaia" (Ez 3.17). "O Espírito Santo vos constituiu bispos" (At 20.28). A comissão em ambos os casos resultou de um chamado direto de Deus para o ministério.

Segundo, a tarefa designada para ambos implicava em essência uma supervisão vigilante. O hebraico שׁוֹפֵה (*sôpeh*), traduzido por "atalaia" em Ezequiel 3.16, é traduzido por σκοπός (*skopos*) na versão LXX grega.[22] Compare isso

---

20. Oden, *Pastoral Theology,* 70. Grandes reformadores da igreja do passado, como John Knox (The First Blast of the Trumpet, *in:* On Rebellion, ed. Roger A. Mason [Cambridge, England: Cambridge University, 1994], 7-8) e Martinho Lutero *(Luther's Work,* vol. 39, ed. Eric W. Gritch [Philadelphia: Fortress, 1957], 249-50) perceberam claramente a analogia da sentinela em Ezequiel 3 e 33 — fator que influenciou grandemente seus ministérios.

21. Veja F. F. Bruce, *The Book of Acts,* in: NICNT (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), 415; Charles Feinberg, *The Prophecy of Ezequiel* (Chicago: Moody, 1969), 29; Everett F. Harrison, Acts (Chicago: Moody, 1975), 315; Evald Lövestam, "Paul's Address at Miletus", *Studia Theologica* 41 (1987): 1-10; Walter R. Roehrs, "Watchmen in Israel: Pastoral Guidelines from Ezequiel 1-3", *Concordia Journal* 16, no. 1 (janeiro 1990), 6-17; Stott, "Ideals of Pastoral Ministry", 6-7.

22. A sentinela está "plenamente consciente da situação, para obter alguma vantagem ou para não ser surpreendido pelo inimigo" *(The Wordbook of the Old Testament,* vol. 2, ed. R. Laird Harris, et al. [Chicago: Moody, 1980], 773). "Sentinela" é empregado num sentido totalmente militar em 1 Sm 14.16; 2 Sm 18.24; 2 Rs 9.17-20; Is 21.6. Vigilância no sentido espiritual também aparece em Jr 6.17; Hb 2.1.

com ἐπίσκοπος (*episkopos*), traduzido por "bispo" em Atos 20.28.[23] Tanto o profeta como o pastor são responsáveis diante de Deus como uma sentinela espiritual incumbido de alertar contra perigos iminentes. Paulo avisou aos presbíteros efésios:

> Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre o que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós (At 20.28-31).

Terceiro, em ambas as passagens, a sentinela é instada a comunicar a Palavra de Deus como seu alerta. Aquilo que se comprovou no ministério de Ezequiel (2.7; 3.17; 33.7) também marcou o ministério de Paulo (At 20.20-21, 27). Ambos transmitiram a Palavra de Deus sem comprometê-lá. É por isso que o apóstolo encomendou os presbíteros à Palavra da graça de Deus, que também seria a mensagem deles (At 20.32).

Quarto, a sentinela tinha uma palavra para ambos, o ímpio (Ez 3.18-19; 33.8-9) e o justo (Ez 3.20-21). Paulo pregou arrependimento tanto a judeus como a gentios (At 20.21) e todo o propósito de Deus para a igreja (At 20.20, 27). Essa dupla responsabilidade de alcançar os perdidos com o evangelho e cuidar dos santos continua até o presente.

Quinto, tanto Ezequiel como Paulo consideravam sua tarefa de sentinela (supervisor) como questões da mais alta importância — uma questão de vida ou morte. Se Ezequiel cumprisse sua tarefa, independentemente dos resultados, estaria livre de toda responsabilidade (3.19, 21). Por outro lado, se falhasse, deixando de proclamar o alerta, Deus prometia: "O seu sangue da tua mão requererei" (3.18, 20; 33.8). Paulo declarou: "Estou limpo do sangue de todos" (At 20.26).

---

23. João Calvino, *Comentários sobre Ezequiel* (vol. 1 [reimpressão, Grand Rapids: Eerdmans, s.d.], 148-49), comentou: "Pois sabemos que a palavra *bispo* significa o mesmo que sentinela". O verbo relacionado, σκοπέω (*skopeo*), é empregado no Novo Testamento tanto para vigilância quanto ao positivo (Fp 3.17) como quanto ao perigo (Rm 16.17).

O conceito de ter o sangue sobre a cabeça ou nas mãos originou-se em Gênesis 9.5-6, que articula o princípio judicial de pena capital. Essa idéia encontra aplicação em três categorias da vida.

1. Morte real, quer intencional (Js 2.19; 1 Rs 2.33; Mt 27.25; At 5.28) ou acidental (Êx 22.2; Dt 22.8).

2. Pecados hediondos não envolvendo morte, mas exigindo a morte como punição (Lv 20.9,11-13; 16.17).

3. Questões espirituais de proporções tais que implicam vida ou morte (Ez 3.18,20; 33.4, 6, 8; At 18.6; 20.26).

Quando as responsabilidades pastorais tais como ensinadas em Ezequiel 3 e 33 e Atos 20 captam nossa atenção, compreendemos cada vez melhor por que Paulo exclamou: "Ai de mim se não anunciar o Evangelho!" (1 Co 9.16). O apóstolo compreendia plenamente a séria responsabilidade que Deus lhe dera como pregador do evangelho. Ele cairia no desagrado de Deus se fizesse menos que isso. A vigilância e o alerta em relação ao rebanho são exigências da pregação do Evangelho, não opcionais ou coisas de especialistas.

Ezequiel e Paulo também lançaram luz sobre Hebreus 13.17. O autor bíblico cita sucintamente a implicação de ser bispo fiel, alguém que vigia o rebanho e um dia prestará contas de seu trabalho: "Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas, para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil". Os pastores prestarão contas a Deus pela vigilância e pelos alertas em favor das ovelhas em questões espirituais. A vigilância desempenha um papel importante no ministério confiado por Deus a seus servos pastores.

Um Bom Ministro de Jesus Cristo

"Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido" (1 Tm 4.6). Para benefício espiritual da igreja de Éfeso, Paulo insistiu que Timóteo apontasse "estas coisas", referindo-se à falsa doutrina denunciada em 4.1-3 e à verdade ensinada em 4.4-5. O "bom ministro de Jesus Cristo" aponta-os para o rebanho por meio da vigilância e da instrução.[24] A falta de advertência provoca uma

24. C. H. Spurgeon comprovou-se uma sentinela clássica no século XIX, em escritos como "How to Meet the Evils of the Age" e "The Evils of Present Time" (in: *An All-Round Ministry* [reimpressão, Pasadena, Tex.: Pilgrim, 1983], 89-127, 282-314).

Chernobyl espiritual porque o perigo real continua existindo, embora as ovelhas não tenham consciência disso. No final, vão sofrer danos por causa da negligência de um pastor que não fez soar o alarme a tempo.

Como ex-oficial da marinha, já montei guarda de quatro horas no mar, a bordo de um destróier. Durante a vigília eu era responsável pela operação e pela segurança do navio. Se surgisse uma situação de perigo, eu precisava avisar o capitão e a tripulação. Eles dependiam de minha vigilância no cumprimento da tarefa a mim designada. A falha na função seria considerada negligência grave de minha parte, talvez danos ao navio, perda de vidas e um fim desonroso para minha carreira naval. Assim como um bom oficial naval alerta quando o perigo se aproxima, assim também um bom ministro de Jesus Cristo.

Tenha certeza de que é bom proteger o rebanho contra falsos mestres, doutrinas mentirosas e pecados pessoais.[25] As ovelhas encontrarão consolo em sua proteção diligente (Sl 23.4). Se você começar a pregar toda a Bíblia, então o processo de vigiar e alertar ocorrerá no curso normal do ministério, porque seus santos recebem alertas por meio da verdade da Palavra de Deus (Sl 19.11).

Paulo, o corajoso pastor, só tinha uns poucos temores. Este é um deles: "Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo" (1 Co 11.3).

Como bons ministros de Jesus Cristo, vamos partilhar desse temor de Paulo, não como sinal de fraqueza ou covardia, mas como demonstração significativa de força aliada a um claro senso de realidade espiritual. Menos que isso resultaria num ministério vazio, convidando Jesus a se desapontar com nosso serviço e colocando em perigo a saúde espiritual do rebanho. O sangue deles ficaria em nossas mãos. Uma vez que o rebanho é muito susceptível ao engano, os pastores devem estar sempre vigilantes.

Jesus Cristo coloca-se como o maior Pastor e Bispo de nossa alma (1 Pe 2.25). Os subpastores de hoje não têm nada melhor a fazer que seguir seu exemplo de vigilância e alerta. Menos que isso seria biblicamente impensável e espiritualmente desonroso.

---

25. Veja um material de valor quanto à disciplina na igreja e a oração como meios de lidar com um crente em pecado em J. Carl Laney, *A Guide to Church Discipline* (Minneapolis: Bethany, 1985) e John MacArthur Jr., *Matthew 16-23* (Chicago: Moody, 1988), 123-39.

21

OBSERVANDO AS ORDENANÇAS

John MacArthur, Jr.

A Ceia ou comunhão e o batismo são as duas ordenanças instituídas por Cristo para serem observadas pela igreja. A Ceia surgiu da última páscoa de Cristo com seus discípulos antes da crucificação. Mais tarde, Paulo corrigiu a igreja coríntia por perverter esta comemoração com sua conduta egoísta. O propósito da Ceia é proclamar simbolicamente a morte de Cristo. Ele exige que cada cristão se prepare com cuidado cada vez que celebra a Ceia do Senhor. Além disso, os cristãos devem encarar a ordenança do batismo com a maior seriedade. Isso significa que ninguém que professe fé em Cristo deve permanecer sem batismo. O batismo retrata a identificação do crente com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. Jesus em pessoa submeteu-se ao batismo de João antes de começar a batizar as pessoas. Embora o batismo não tenha nenhuma influência na salvação do homem, não é um ato opcional de obediência a Cristo (Mt 28.19).

A Ceia, também denominada Mesa do Senhor ou Comunhão do Senhor, e o batismo são duas ordenanças significativas no Cristianismo protestante. O motivo pelo qual a igreja atribui tamanha importância a elas é que o Senhor Jesus Cristo as instituiu e ordenou. Creio na obediência cristã a essas duas práticas e acho que o cristão deve questionar seu próprio compromisso com Cristo, caso não as observe. Às vezes lutamos para saber a vontade exata de Deus acerca de algum assunto, mas essas ordenanças são ordens claras de Cristo e, portanto, são vitais à experiência cristã; não devendo ser consideradas levianamente, nem desconsideradas.

Ceia

O Contexto Histórico

Na noite anterior à sua morte, nosso Senhor Jesus Cristo reuniu-se com os discípulos no cenáculo para tomar a refeição da páscoa. Todos os anos, o povo judeu reunia-se para celebrar a páscoa, uma refeição especial ordenada por Deus para comemorar a libertação de Israel. Ele lançou uma série de pragas sobre o Egito, para livrar Israel do poder do faraó. Foi só após a última praga — a morte dos primogênitos em toda a terra do Egito — que faraó finalmente concordou em deixar o povo partir. Os israelitas protegeram-se da praga contra os primogênitos aplicando o sangue de um cordeiro morto nos umbrais das portas e nos beirais de suas casas. Depois, comeram o cordeiro assado, juntamente com pães asmos e ervas amargas, uma refeição que passou a ser conhecida como Ceia da páscoa (ou "passagem", trad. de *pesach*) porque o anjo da morte "passou" por eles.

Sempre que um israelita participava da festa anual da páscoa, lembrava-se de que Deus livrou sua nação da escravidão no Egito. A páscoa celebrada hoje ainda relembra esse grande livramento histórico mas, tragicamente, não vê o livramento maior que prenunciava: a cruz de Cristo.

Jesus tomou aquela antiga festa e a transformou numa refeição com novo significado, quando instruiu os discípulos a beber o cálice e comer o pão em memória de sua morte em favor deles. O Calvário supera o Êxodo do Egito como o maior evento redentor da história. Os cristãos não relebram o sangue nos umbrais e nas vergas, mas o sangue derramado na cruz. A Ceia do Senhor é um memorial instituído pelo próprio Senhor. Ele se tornou a concretização plena do livramento do pecado e da morte quando derramou seu sangue e morreu na cruz.

Marcos 14.22-25 registra a narrativa da refeição de páscoa conhecida como a última Ceia do Senhor:

> E, comendo com eles, tomou Jesus pão, e, abençoando-o, o partiu, e deu-lho, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho; e todos beberam dele. E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que por muitos é derramado. Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até àquele Dia em que o beber novo, no Reino de Deus.

Mateus 26.26-29 e Lucas 22,17-20 também registram o incidente. João 13.12-30 faz alusão a ele, e Paulo o comenta em 1 Coríntios 11.23-34. É nesse comentário que centramos nossa atenção. Vejamos abaixo.

A Ceia do Senhor tornou-se celebração normal da Igreja Primitiva. Atos 2.42 afirma: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". A expressão "partir do pão" tornou-se sinônima de refeição fraterna, com os crentes incorporando a Ceia estabelecida por Jesus ao final de uma refeição em conjunto. Mais tarde, essa combinação de refeição fraterna e Ceia passou a ser conhecida como festa do amor (Jd 12).

A Igreja Primitiva juntou a Ceia a uma refeição, não apenas porque o Senhor Jesus o tivesse feito, mas porque o povo judeu sempre associou a páscoa com uma refeição. Os gentios também incluíam uma refeição com alimentos levados por eles mesmos nas festas religiosas.

Ao que parece, a Igreja Primitiva celebrava a Ceia do Senhor diariamente (At 2.46). Nos tempos bíblicos, era comum a comunhão girar em torno de uma mesa, enquanto as pessoas alimentavam-se. O anfitrião simplesmente se assentava, tomava um pedaço de pão, quebrava-o, e iniciava a refeição.

Mais tarde na vida da igreja, a freqüência da refeição comunitária juntamente com a Ceia foi reduzida a uma celebração semanal (At 20.7). Uma vez que a Bíblia não destaca especificamente a freqüência com que se deve observar a Ceia do Senhor, seria aceitável observá-la após qualquer refeição, seja na igreja ou em casa. O importante é obedecer ao que o Senhor disse e vivenciar o maravilhoso privilégio de comemorar sua morte e antegozar sua volta.

O Contexto Literário

Em 1 Coríntios 11, o apóstolo Paulo escreve para corrigir abusos que haviam ocorrido na igreja coríntia em relação à Ceia do Senhor. A situação coríntia é maravilhosamente instrutiva e aplicável para os dias de hoje.

A perversão que havia acontecido. O Cristianismo havia quebrado barreiras socioeconômicas, mas vinte anos após a ascensão de Jesus, os coríntios estavam começando a erigi-las novamente. Esperava-se que os mais prósperos trouxessem comida para a refeição comunitária e a dividissem com os pobres, mas os ricos chegavam cedo e comiam toda a comida em seus grupos exclusivistas, antes de chegarem os pobres. O segundo grupo, então, voltava para casa com fome (1 Co 11.33,34). Tal abuso contra o amor

e a unidade cristã fazia com que a participação na mesa do Senhor fosse assunto de zombarias. Paulo começa sua discussão desse problema dizendo: "Vos ajuntais não para melhor, senão para pior" (v. 17). É triste dizer, mas é provável que essa condenação aplique-se a muitas igrejas de hoje, porque ou as pessoas não ouvem ou não aplicam a verdade, ou então discutem sobre preferências pessoais ou questões teológicas triviais. Se uma igreja chega a um ponto em que suas reuniões não produzem bons resultados, então está com problemas.

Os coríntios talvez pensassem que estavam observando a Ceia do Senhor partindo o pão, passando o cálice e pronunciando algumas palavras de Jesus, mas aqueles atos não correspondiam ao espírito com quê conduziam a comunhão. Seus corações facciosos e egoístas só produziam uma cerimônia superficial.

Todos sabem que ninguém chega a uma refeição comunitária com um prato para sentar-se num canto e comer sua própria comida. Mas era isso que os coríntios estavam fazendo. Os ricos estavam se alegrando e até se embebedando (v. 21), enquanto os pobres continuavam famintos. Aquilo minava o próprio motivo da festa do amor, que era satisfazer, de um modo harmonioso, as necessidades dos menos afortunados e lembrar o grande sacrifício que os tornara um. A insensibilidade egoísta em relação às necessidades dos outros havia substituído a unidade pretendida.

A igreja é um lugar — talvez o único — em que ricos e pobres podem comungar juntos em amor e respeito mútuo (Jo 13.34,35; Tg 2.1-9; 1 Pe 4.8-10; 1 Jo 3.16-18). A unidade por meio do ministério a grupos necessitados diversos tornou-se o padrão para a nova igreja à medida que compartilhavam todas as coisas (At 4.32-37). Separações raciais, sociais ou econômicas não têm lugar na igreja.

O propósito por trás da cerimônia. A Ceia do Senhor é um memorial dAquele que viveu e morreu por nós, um momento de comunhão com Ele, uma proclamação do significado de sua morte, e um sinal de que esperamos sua volta. A natureza sagrada e abrangente da Ceia exige que a tratemos com a dignidade que merece. Era exatamente isso que os coríntios não faziam. Eles haviam transformado a Ceia do Senhor em zombaria.

Para reconduzi-los ao caminho correto, Paulo faz uma bela apresentação do significado da Ceia do Senhor. Em meio à situação vergonhosa em Corinto, esses versículos são como um diamante caído numa estrada barrenta:

> Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha (1 Co 11.23-26).

O que Paulo disse não era sua opinião pessoal, mas uma tradição transmitida; uma revelação especial que havia recebido diretamente do Senhor Jesus Cristo. Os estudiosos mais conservadores da Bíblia concordam que 1 Coríntios foi provavelmente escrita antes de qualquer um dos quatro Evangelhos, o que tornaria essa passagem a primeira revelação escrita com respeito à Ceia do Senhor.

A noite em que Jesus instituiu a Ceia do Senhor não foi uma noite comum. Ela possuía um significado especial porque era páscoa. E aquela páscoa em especial era significativa porque a crucificação de Jesus seria no dia seguinte, enquanto a páscoa ainda estaria sendo observada. Como cordeiro de Deus, Jesus foi o grande sacrifício pascal (Jo 1.29; 1 Co 5.7).

A refeição da páscoa era estruturada em torno de quatro cálices de vinho tomados em diferentes intervalos durante a refeição:

- **O Primeiro Cálice:** A páscoa começava quando o anfitrião pronunciava uma bênção sobre o primeiro cálice, que era cheio de vinho vermelho, simbolizando o sangue do cordeiro da páscoa no Egito. Isso era seguido de ervas amargas, que simbolizavam o amargor da escravidão israelita e uma explicação do significado da páscoa. Os participantes então cantavam os Salmos 113 e 114 de um grupo de salmos chamados de *Hallell* (palavra hebraica para "louvor").
- **O Segundo Cálice:** Depois desse cálice, o anfitrião partia o pão asmo, mergulhava-o nas ervas amargas e num molho de frutas chamado *haroseth*, e o dividia com os participantes da refeição. O pão asmo simbolizava a pressa com que Israel havia deixado o Egito. Então o cordeiro assado era trazido.
- **O Terceiro Cálice:** Terminada a refeição da páscoa, o anfitrião orava e depois pegava o terceiro cálice. Nesse momento os participantes can-

tavam o restante do *Hallel* (Sl 115-118). Foi esse terceiro cálice que Jesus abençoou e transformou em parte da Ceia. Em vez de se lembrar do livramento físico dos israelitas na saída do Egito, os participantes da Ceia devem se lembrar da morte de Cristo e do livramento por ele concedido.

- **O Quarto Cálice:** O quarto e último cálice celebrava o reino vindouro. Depois de bebê-lo, os participantes da festa de páscoa cantavam um hino de encerramento, uma tradição mencionada nas Escrituras: "E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras" (Mc 14.26).

O Senhor Jesus iniciou a Ceia do Senhor dizendo: "Isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim". Da mesma maneira, ele também tomou o cálice, após a refeição, dizendo: "Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim" (1 Co 11.24-25). "E tendo dado graças" vem do verbo grego *eucharisteo*. A adaptação *eucaristia* é o nome empregados por alguns em referência à Ceia do Senhor.

Alguns compreendem mal a identificação que Jesus fez do pão e do vinho com seu corpo e sangue, entendendo que se trata de uma referência literal a seu corpo e sangue físico. O verbo *estin*, "é", freqüentemente significa "representa". Jesus estava dizendo que o pão e o vinho daquela refeição pascal representavam em especial seu corpo e sangue. O vinho não era literalmente seu sangue — este ainda corria em suas veias quando disse aquilo. E o pão não era seu corpo — ele ainda estava fisicamente presente durante a Ceia, à vista de todos.

Jesus muitas vezes falava usando linguagem figurada. Quando disse: "Eu sou a porta" (Jo 10.9), queria dizer que era o canal por onde as pessoas entram na vida eterna. Ele não é literalmente uma porta. As parábolas que contou são exemplos de coisas comuns que destacava como ilustrações de realidades espirituais. Alguns de seus seguidores, por não compreenderem o sentido figurado ou metafórico com que Jesus falava de seu corpo e sangue, deixaram de segui-lo (Jo 6.53-66).

O pão que havia representado o Êxodo passou a representar o corpo do Senhor. De acordo com o pensamento judaico, o corpo representava a pessoa inteira, assim, essa referência ao corpo de Cristo pode ser vista como um símbolo de todo o período de sua encarnação, desde o nascimento até a ressurreição. Cristo nasceu, foi crucificado e ressuscitou como oferta sacrificial dada pela humanidade.

O cálice que Jesus tomou foi o terceiro cálice da refeição pascal, aquele imediatamente posterior ao jantar. Jesus afirmou que o cálice de vinho representava a promessa da Nova Aliança que logo seria ratificada por seu sangue. A Antiga Aliança foi ratificada pelo sangue de animais, mas a Nova Aliança foi ratificada pelo sangue de Cristo. Assim como a assinatura ratifica um contrato ou compromisso hoje, o derramamento do sangue de um animal sacrificado cumpriu essa função nos tempos do Antigo Testamento. O exemplo maior, é claro, é a promessa de Deus de não tomar a vida dos primogênitos israelitas se eles concordassem em, digamos, assinar na linha pontilhada com o sangue de um cordeiro aspergido nos umbrais e nas vergas de suas casas.

Enquanto a Antiga Aliança exigia sacrifício contínuo de animais, a Nova Aliança, representada pelo cálice da comunhão, foi concretizada pelo sacrifício único do Cordeiro de Deus (Hb 9.28). Era como se, na cruz, Jesus estivesse tomando seu sangue e assinando na linha pontilhada. O sangue da cruz substituiu o sangue da páscoa.

Em resposta a tudo o que ele fez por nós, Cristo pede que nos lembremos dele e do que ele realizou. Para a mente hebraica, o conceito de lembrança significa mais que simplesmente rememorar algo que aconteceu no passado. Significa reviver o máximo possível a realidade e o significado de uma pessoa ou situação. Jesus estava pedindo que todos os cristãos ponderassem o significado de sua vida e morte em favor deles. A pessoa pode participar da Ceia, mas se sua mente estiver a milhares de quilômetros, não está de fato lembrando-se do Senhor.

Proclamamos a morte de Cristo toda vez que lembramos dele na Ceia (1 Co 11.26). Esse é um memorial para o mundo de que Deus tornou-se homem e teve morte substitutiva, expiatória por toda a humanidade (1 Jo 2.2). Também aguardamos o dia de seu segundo advento quando todos comungarão com ele em sua presença.

A preparação exigida antes da Ceia. A mesa do Senhor é uma ordenança abrangente. Lembramos do que Cristo fez, renovamos nosso compromisso e comungamos com ele, proclamamos o evangelho e aguardamos seu retorno. É por isso que devemos observá-la corretamente.

A igreja coríntia participava da Ceia de maneira indigna (1 Co 11.27). Também podemos ser culpados desse agravo de várias maneiras:

- **Ignorando-a ao invés de obedecer a ela:** Se dissermos que a Ceia é irrelevante, estamos observando-a indignamente.

- **Não a observando de modo significativo:** Podemos nos preocupar em seguir os rituais, sem compreender a razão de observá-la. A cerimônia superficial e a irreverência podem nos impedir de comungar pessoalmente com Cristo.
- **Entendendo que possa trazer salvação:** Participar da Ceia não implica participação na graça salvadora. A Ceia é um privilégio dos que já são salvos. Ela confronta os pecados e renova a comunhão com Cristo.
- **Recusando-nos a confessar o pecado e a nos arrepender dele:** Nunca devemos participar da Ceia do Senhor se soubermos de algum pecado inconfesso em nossa vida.
- **Não tendo respeito e amor por Deus ou seu povo.**

Os que fazem tais coisas são "culpados do corpo e do sangue do Senhor" (1 Co 11.27). Isso seria tratar a vida e a morte singular de Cristo como algo comum e insignificante. A pessoa que pisa a bandeira de seu país não está só pisando um pedaço de pano; ela é culpada de desonrar o país. A comunhão é um encontro real com o Senhor Jesus Cristo. É tão real que o fato de não se reconhecer a realidade por trás do ato acarreta julgamento (1 Co 11.29).

Para evitar o julgamento, cada participante deve examinar-se a si mesmo e assim comer do pão e beber do cálice (1 Co 11.28). A palavra grega traduzida por "examinar" transmite a idéia de um auto-exame rigoroso. Analise sua vida, suas motivações e atitudes com respeito ao Senhor, à Ceia e aos outros cristãos. Depois disso e de lidar com qualquer pecado ou motivo impróprio, você estará pronto para partilhar do pão e do cálice.

Aquele que participa da comunhão indignamente "come e bebe para sua própria condenação" (v. 29). A palavra traduzida por "condenação" (*krima*) refere-se ao castigo que o Senhor destina aos crentes, não à condenação dos incrédulos que é mencionada no versículo 32, com o termo *katakrino* Tal pessoa não discerniu o significado e a importância do corpo de Cristo. Embora possa ser uma referência ao corpo coletivo de Cristo, a igreja, o contexto sustenta uma referência ao próprio Senhor.

O Senhor disciplinou os coríntios por terem abusado da Ceia, fazendo com que alguns adoecessem e tomando a vida de outros (v. 30). De modo semelhante, Deus entregou Ananias e Safira à morte por terem mentido para o Espírito Santo (At 5.1-11). Tais memoriais da santidade de Deus e do pecado do homem mostram

o que todos merecem e alguns de fato recebem. Alguns cristãos de hoje talvez tenham adoecido ou até morrido por observar indignamente a comunhão.

Embora isso seja verdade, Deus não deseja que os crentes fiquem por demais temerosos ao celebrar a Ceia do Senhor. Paulo assegura que, embora possamos ser disciplinados pelo Senhor, não seremos condenados com o mundo (1 Co 11.32). Nenhum cristão, sob circunstância alguma, jamais será condenado. Deus disciplina seus filhos não para puni-los, mas para corrigir seu comportamento pecaminoso e para levá-los para caminhos de justiça. Hebreus 12.6 afirma: "Porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho". Nunca devemos recear perder a salvação e ser condenados para sempre. Deus intervirá, corrigindo-nos antes que isso possa acontecer.

Paulo conclui seu discurso sobre a Ceia dizendo: "Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros. Mas, se alguém tiver fome, coma em casa, para que vos não ajunteis para condenação" (1 Co 11.33,34). Os coríntios deviam esperar uns pelos outros quando se reunissem para a refeição comunitária, em vez de se regalar egoisticamente antes de chegarem os outros. Os que participavam apenas para satisfazer a fome física deviam comer em casa. Caso contrário, perverteriam o propósito da comunhão e ficariam sujeitos ao castigo divino.

O Senhor é muito sério com respeito ao modo de tratar a comunhão. Jamais devemos subestimar seu significado ou deixar de avaliar nosso coração antes de participar dela.[1]

Batismo

Conforme observamos, o Senhor deixou apenas duas ordenança para a igreja: a Ceia e o batismo. Ensinamos muito sobre a mesa do Senhor porque a celebramos, conforme se ordena regularmente. A questão do batismo, porém, parece ter sido deixada um pouco de lado pela igreja de hoje. Pouco ouvimos acerca dele. Há anos que ninguém escreve um livro destacando o batismo. Que eu saiba, "Grace to You" [A Graça para Você] — nosso programa radiofônico diário — é o único programa de rádio nos Estados Unidos que transmite cultos

1. Não tratei de algumas questões secundárias que costumam ser levantadas com respeito à mesa do Senhor, por exemplo, a freqüência com que a igreja observa a comunhão, o suco de uva ou vinho, pão asmo ou pão com fermento. Uma vez que a Bíblia não trata dessas questões, entendo que há alguma liberdade nesses aspectos.

de batismo. É tamanha a diversidade de opiniões acerca do significado e da importância do batismo, que a maioria dos crentes o relega à categoria de discussão eclesiástica antiquada, tendo pouca consciência de sua importância espiritual. No mínimo, o batismo tornou-se questão secundária.

Creio que a raiz dos problemas mais sérios na igreja de hoje é o fato de não se levar a sério o batismo. Esta desobediência delata uma infidelidade para com ordens simples e diretas do Senhor. O batismo é central na Grande Comissão de Jesus à igreja: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19). A ordem: "arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado" (At 2.38) é tão aplicável a cada crente hoje quanto foi pela primeira vez no dia de Pentecostes. Quando todos os três mil creram naquele dia foram imediatamente batizados, estabelecendo assim o exemplo para a igreja em todos os tempos.

Por que Alguém que Confesse a Cristo Não Seria Batizado?

Algumas razões podem estar por trás da falta de batismo de alguns cristãos professos.

Ignorância — A pessoa não foi bem instruída quanto ao batismo ou não recebeu nenhum ensino a respeito.

Orgulho — Alguns decidem não ser batizados por questões de orgulho espiritual. Para eles, o batismo depois de um longo período sem o devido batismo neotestamentário seria uma confissão pública de desobediência ou ignorância.

Indiferença — Outras pessoas simplesmente não se importam. Compreendem o ensino do Novo Testamento acerca do batismo e não são contrárias a ele. Talvez até creiam nele, mas nunca decidem aplicá-lo porque, obviamente, não pensam que seja muito importante.

Desafio — Tais pessoas recusam-se expressamente a ser batizadas. Na maioria das vezes, estão vivendo em pecado e não se dispõem a se colocar diante da congregação e reconhecer publicamente a submissão ao senhorio de Jesus Cristo e a alegria de conhecê-lo.

Falta de regeneração — Esta última categoria descreve pessoas que não são de fato crentes, portanto não têm a compulsão interna do Espírito Santo que os leve à obediência. Esses desfrutam das bênçãos de estar próximos à igreja, mas não têm o desejo de fazer uma confissão pública.

Que É Batismo?

Do ponto de vista físico, o batismo é uma cerimônia pela qual a pessoa é imersa, mergulhada ou submergida na água. Há dois verbos no Novo Testamento que descrevem essa realidade: *bapto* e *baptizo*. Eles só ocorrem quatro vezes. A palavra sempre significa mergulhar, como imergir um pedaço de pano na tinta. *Baptizo* é uma forma intensiva de *bapto*. Essa palavra é empregada várias vezes no Novo Testamento e sempre significa "mergulhar completamente" ou até "afogar".

Outra nota técnica importante é que *bapto* e *baptizo* nunca são usados na voz passiva. Nunca se diz que a água foi batizada, isto é, aspergida ou respingada sobre a cabeça de alguém. A pessoa é sempre batizada na água. Isso fica claro no Novo Testamento desde o início.

Mateus 3 começa com a descrição do ministério de João Batista. O versículo 6 observa que as pessoas estavam saindo a ele e sendo por ele batizadas no rio Jordão. Obviamente, se eram batizadas no rio, tinham de ser imersas. Não é preciso um rio se você só vai aspergir um pouco de água na fronte de alguém.

João 3.23 afirma: "João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas". Por que ele precisava de muita água? Porque havia uma multidão que precisava ser batizada.

O conhecido relato de Filipe e o eunuco etíope fica em Atos 8. Filipe pregou Cristo, e o eunuco creu. Como conseqüência de sua fé, ele disse: "Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?" (v. 36). Assim, "desceram ambos à água" (v. 38).

Só a imersão pode retratar com precisão a realidade que o batismo deve retratar: o crente, por ser salvo, é unido com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição. Entrar na água simboliza a morte e o sepultamento; sair dela simboliza a nova vida. Como qualquer estudante do Antigo e do Novo Testamento sabe, Deus gosta de ensinar com símbolos, figuras, ilustrações, parábolas e analogias. O batismo é um de seus melhores exemplos.

Qual a História do Batismo?

Onde ele se originou? Como chegamos a ele? O batismo começou nos tempos do Antigo Testamento. O povo de Israel havia recebido as leis, as promessas, os profetas e as alianças de Deus. Eles cultuavam o Deus verdadeiro. Algumas pessoas das chamadas nações gentias reconheciam isso e queriam se identificar com Israel, de modo a poder adorar o Deus verdadeiro corretamen-

te. Elas queriam tornar-se judias — não racialmente, pois isso seria impossível, mas religiosa ou espiritualmente. O sistema que lhes permitia fazer isso era chamado cerimônia de proselitismo. Esta continha três partes: circuncisão, sacrifício de animais e batismo.

O batismo implicava ser imerso na água. Ele representava o gentio morrendo para o mundo gentílico e, depois, surgindo numa nova vida como membro de uma nova família, num novo relacionamento com Deus. Foi na imersão de prosélitos gentios que o batismo surgiu pela primeira vez na história da redenção.

Agora voltemo-nos para o ministério de João Batista. Seu trabalho como precursor de Cristo era preparar o povo para a vinda do Senhor. Como ele tentou fazer isso? Ele sabia que Cristo seria santo e exigiria justiça, arrependimento do pecado e conversão a Deus. Portanto, batizou as pessoas como um símbolo visível dessa conversão.

Num dia especial, no meio de seu ministério, aconteceu algo maravilhoso: "Então, veio Jesus da Galiléia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o permitiu" (Mt 3.13-15).

Como Jesus cumpriu a justiça de Deus? Morrendo na cruz. Seja qual for o significado do batismo, ele está de alguma forma ligado ao momento em que Deus, em sua justa indignação, fez recair a vingança sobre o Senhor Jesus Cristo, o sacrifício perfeito. Toda justiça foi então cumprida, e um Deus justo foi satisfeito, podendo então imputar a justiça aos que cressem.

Em Lucas 12.50, Jesus diz: "Importa, porém, que eu seja batizado com um certo batismo, e como me angustio até que venha a cumprir-se!" Note que ele não disse: "Tenho que passar pela morte ou crucificação". Ele via sua morte como uma imersão que insinuava a ressurreição que estava para ocorrer. Tudo isso foi lindamente prefigurado em seu próprio batismo.

Quando Tiago e João pediram para sentar à direita e à esquerda de Jesus no reino, Jesus respondeu: "Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu bebo e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?" (Mc 10.38). Creio que quando Jesus olhou para seu próprio batismo e disse que aquilo cumpriria toda a justiça, estava afirmando: "Minha morte e ressurreição cumprirão toda a justiça. Eu darei uma demonstração simbólica daquele grande batismo que ainda ocorrerá".

O que se seguiu após o batismo de Jesus? Ele mesmo passou a batizar. De acordo com João 4.1, o Senhor estava fazendo e batizando mais discípulos que João Batista. Isso significava que os pecadores que criam nele estavam confirmando a necessidade de morrer e serem sepultados para a vida velha e se levantarem em novidade de vida. Depois que Jesus morreu e ressuscitou, ele ordenou que se fosse por todo o mundo, fizesse discípulos e os batizasse.

Quando a igreja nasceu, três mil creram e foram batizados. Há uma continuidade absoluta no registro histórico do batismo como símbolo da morte do velho e da ressurreição do novo. Isso encontra seu cumprimento maior na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo.

Qual o Significado Teológico do Batismo?

Qual o significado espiritual do batismo cristão? O que de fato isso retrata? Quando o crente é batizado por imersão na água, está demonstrando não apenas a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo, mas também *sua união* naquela morte, sepultamento e ressurreição.

Por quem Cristo morreu? Por você. De quem eram os pecados que carregou? Seus. Para quem ressuscitou? Para você. O apóstolo Paulo expressou essa realidade dizendo: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2.20). No momento da salvação, por meio de um milagre soberano e espiritual, Deus coloca você em Cristo. É como se você tivesse morrido quando ele morreu na cruz, e tivesse ressuscitado quando ele ressuscitou.

O Novo Testamento às vezes emprega as palavras *batismo* só para falar daquela união espiritual, não da água do batismo. Gálatas 3.27 afirma: "Todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo". Colossenses 2.12 diz: "Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes". E talvez a passagem mais explícita de todas sobre nossa união com Cristo seja: "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?" (Rm 6.3).

Embora essas passagens não estejam fazendo referência à água do batismo, ela simboliza nossa união espiritual com Cristo. Note como o apóstolo Pedro fez essa distinção: "Como uma verdadeira figura, agora vos salva, batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consci-

ência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo" (1 Pe 3.21). O que salva não é o batismo na água, mas nossa união espiritual com Cristo, também referida como lavagem da regeneração em Tito 3.5 e lavagem dos pecados em Atos 22.16. Mas o batismo na água é o símbolo da salvação.

Qual a Relação entre a Imersão e a Salvação?

Alguns dizem que você precisa ser batizado para ser cristão e que se não for batizado não é salvo. Eles estão confundindo o batismo na água e a salvação. Tendo sido salvos, entramos na obediência. No Novo Testamento, vemos o batismo como o indicador imediato e inseparável da salvação. No dia de Pentecostes, três mil creram, foram batizados e perseveraram na doutrina dos apóstolos, na oração, comunhão e partir do pão. Nenhuma perda. Esse é o padrão de Deus e os apóstolos insistiam nisso.

É comum ouvirmos dizer hoje: "Tivemos uma grande campanha evangelística: três mil foram salvos, 42 foram batizados e dez integraram-se à igreja local". Que diferença! O custo do batismo era muito alto na época do Novo Testamento — ostracismo da cultura, perseguição e, às vezes, morte. Somente os sérios em seu compromisso com Cristo pagavam o preço. O batismo, portanto, era o sinal inseparável da salvação, como devia ser hoje.

Em Atos 2.38 Pedro diz: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... para perdão dos pecados". Isso significa que a água é necessária para lavar o pecado? Não, mas o ato do batismo é o que demonstra aos outros que os pecados foram remidos ou perdoados.

Muitas vezes perguntam: "É preciso ser batizado para entrar no céu?" O ladrão na cruz não foi (Lc 23.39-43). Pode haver circunstâncias que impeçam o batismo, mas se alguém reluta em ser batizado, isso pode ser um sinal de que o coração não está disposto a obedecer. E um coração desobediente é sinal de que a pessoa não foi regenerada, pois Jesus disse: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15) e "Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?" (Lc 6.46).

Por que Tanta Confusão acerca do Batismo?

Seria confusa a discussão bíblica acerca do batismo? Não, mas há uma porção de crentes confusos. Um dos principais objetivos de Satanás na vida do crente é romper qualquer padrão de obediência — e quanto mais rápido, melhor. Se conseguir confundir o batismo a ponto de levar o crente a ignorá-lo,

conseguirá colocá-lo no caminho da indiferença e desobediência. E, Satanás vem trabalhando dobrado há séculos para confundir as igrejas.

A confusão das igrejas. O Exército de Salvação, os quacres (conhecidos como a Igreja dos Amigos) e os ultradispensacionalistas (que seguem os ensinos de E. W. Bullinger) negam, todos, que o batismo tenha lugar na vida do crente de hoje. Por outro lado, as Igrejas de Cristo dizem que o batismo salva. Eles entendem que se você crer, mas não for batizado, irá para o inferno. Um erra no aspecto da graça e o outro, da lei. Um ignora a ordem de obediência; o outro ignora que a salvação é pela fé.

Fora do Cristianismo ortodoxo, a igreja dos mórmons pratica o batismo por procuração pelos mortos. Isso sanciona o conceito herético de ser batizado vicariamente por outro para garantir um lugar no céu. Em um só ano, é comum ocorrer entre os mórmons três milhões de batismos por procuração por três milhões de mortos. Essa é uma prática claramente antibíblica.

O erro do batismo de crianças. A Igreja Católica Romana instituiu o batismo de crianças como um ritual de regeneração. Ela ensina oficialmente que a água purifica o bebê do pecado original, conferindo-lhe a salvação. Até a Idade Média, eles imergiam todos os recém-nascidos, mas depois passaram a aspergir água sobre eles.

A teologia católica romana declara que o bebê que morre sem ter sido crismado ou batizado vai para o "Limbo dos Inocentes". Supõe-se que esse seja o lugar em que os bebês vivem para sempre, gozando de algum tipo de felicidade natural, mas sem nenhuma visão de Deus. Diz-se do bebê batizado, porém, que ele se livra dessa condição de segunda classe, indo para outro lugar em que há visão de Deus.

Essa noção é evidentemente não-bíblica, mas tem se infiltrado em muitas igrejas além da própria Igreja Romana. Por exemplo, Martinho Lutero — iniciador da Reforma Protestante e, portanto, pai de muitas igrejas — nunca se desvencilhou do batismo infantil dos católicos. Aliás, ele escreveu o manual que a Igreja Luterana emprega no batismo de crianças. Ele cria que o batismo purificava a criança do pecado. Quando perguntado: "Como é possível tal afirmação crendo que a justificação é somente pela fé?", ele replicou: "Bem, de alguma forma, o bebê precisa ser capaz de crer". Não existe nada no Novo Testamento que indique o batismo de crianças ou a salvação à parte da fé pessoal no Senhor Jesus Cristo, o que só pode ocorrer com alguém que compreenda o significado do Evangelho.

Por que começou a prática do batismo de crianças? Desde cedo, a Igreja Católica o fez para garantir a inclusão de todos no sistema. Fazendo com que todos fossem "cristãos" desde o nascimento, asseguravam que pertenciam à igreja e, portanto, estavam sob seu controle.

Em vez de descartar a prática arraigada de batizar crianças, as igrejas reformadas ou fundamentadas na Reforma infelizmente adotaram-na, mas com o tempo ela foi sendo modificada. Elas ensinam que quando os pais cristãos batizam a criança, ela automaticamente torna-se um pequeno membro do povo da aliança de Deus. A realidade é confirmada quando a criança tiver idade suficiente para recitar devidamente o catecismo da igreja — um rito conhecido por confirmação.

Uma ameaça tanto à igreja romana como à reformada foi um grupo de pessoas que se levantaram dizendo: "Tudo isso está errado: O batismo é apenas para pessoas que conscientemente colocam a fé em Jesus Cristo. O batismo de crianças nada significa aos olhos de Deus". Esses indivíduos pregaram fielmente o Evangelho, e muitos foram convertidos como conseqüência do ministério deles. Os convertidos que haviam sido batizados quando crianças provaram a realidade da conversão sendo rebatizados como crentes. Os pregadores corajosos que os levaram a fazer isso foram conhecidos historicamente como anabatistas, *ana*, palavra grega para "de novo". Tanto a igreja católica como as protestantes os perseguiram severamente, pois os encaravam como ameaça contra sua base de poder. Essa foi uma das grandes tragédias da história da igreja, porque os anabatistas estavam defendendo o ensino da Palavra de Deus.

Com freqüência perguntam: "Devo ser rebatizado?" Se a pessoa não foi batizada de acordo com o Novo Testamento, ou seja, não foi imersa na água após uma entrega total de sua vida a Jesus Cristo — precisa ser rebatizada. Qualquer outro batismo, consciente ou inconsciente, nada significa. O batismo é só para crentes, e deve ser feito o mais rápido possível depois da conversão (Mt 28.18,19).

22

Respostas às Perguntas Mais Freqüentes

John MacArthur, Jr.

Os pensamentos de John MacArthur acerca de uma miscelânea de fases do ministério pastoral não cabem sob nenhum capítulo específico deste livro, mas chegam a MacArthur em resposta a perguntas que lhe são feitas em conferências para pastores e na capela do Master Seminary. A presente discussão reproduz suas respostas breves mas sugestivas a tais perguntas. Ela divide-se em quatro categorias principais: início do ministério, sustentação pessoal, ameaças ao ministério e manutenção do ministério pastoral.

Início do Ministério Pastoral

Quais os componentes de um pastor bem-sucedido em seu primeiro campo? Ou, em outras palavras, se o irmão fosse começar tudo de novo, a que itens daria destaque?

Não sei se mudaria muito. Sei muito mais agora, mas não acho que faria algo muito diferente. Comecei ensinando imediatamente a Palavra. Queria ensinar os livros da Bíblia que exaltassem Cristo, para termos uma igreja centrada nEle; ensinar sobre os dons espirituais, de modo que tivéssemos pessoas trabalhando, servindo e usando seus dons e, ainda, discipular pessoas para edificar a liderança, enfatizando a evangelização.

Se fosse fazer alguma coisa diferente, teria me preocupado menos com a estrutura. Quando se é jovem, existe a tentação pela organização. Você acha

que encontrou um conceito novo e esplêndido, um novo fluxograma ou modo de organizar, mas raramente isso é crucial para o ministério efetivo. Você não vai querer gastar muito tempo nisso; mas gastará a maior parte do tempo na dinâmica do ministério, na edificação espiritual de seu povo. Voltaria a criar minha equipe de trabalho dentro da igreja, dentre aqueles que fossem eficazes no ministério e no ensino. Lamento não ter ouvido e orado como devia. Mas desde o início creio que Deus estava liderando, de modo que não gostaria de saber sua segunda opção ou de refazer o que ele fez.

Que conselho sábio o irmão daria para um pastor novo que está começando?

Paulo já falou isso quando disse aos filipenses: "Uma coisa faço, prossigo para Cristo" (veja Fp 3.13,14). Seguir adiante no conhecimento de Cristo, estudando a Bíblia para conhecê-lo. Nunca estudei para fazer um sermão, mas para adquirir conhecimento. Quanto mais você o conhece, mais entende o padrão segundo o qual você deve viver.

Construa seu ministério em torno das Escrituras. Force incansavelmente seu ministério para que ele se conforme à Palavra de Deus, assim você se colocará num lugar de grandes bênçãos. Ministre biblicamente — na medida certa. Faça amizade com pessoas que lhe sirvam de desafio e estímulo, que o questionem, forçando-o a defender os seus atos. Traga para junto de si os melhores, os que lidam melhor com as Escrituras, os que vivem com mais pureza e os estudiosos. Mantenha-se renovado para seu benefício e o da igreja.

Sustentação Pessoal

Quem o pastor vê como seu próprio pastor? Onde o irmão procura cuidado pastoral para sua própria vida?

Procuro na minha equipe. Uma vez que sempre sou o pregador e nunca ouço outro, dependo da leitura de livros e, ocasionalmente, de fitas de áudio. Quando você fala do "seu pastor", está referindo-se a alguém que lhe seja um exemplo de liderança espiritual, ou seja, que mantém e sustenta um alto padrão espiritual na vida. É como as pessoas da congregação olhando para o pastor. Elas observam a vida dele, seu caráter e sua família — e ele estabelece um exemplo para elas. Tenho ao meu lado homens que trabalham comigo todos os dias e fazem o mesmo por mim. São homens que vejo como exemplos e amigos espirituais.

Tenho outros amigos pastores fora de nossa igreja, embora não tenha oportunidade de estar tão perto deles como estou com os meus co-pastores. Também devo acrescentar que sou freqüentemente pastoreado por livros e autores que passei a conhecer e apreciar. Biografias de ministros nobres e que se sacrificaram pela causa de Cristo também são um grande incentivo para minha própria dedicação.

Existe alguma pessoa específica a quem o irmão recorre quando precisa de um conselho pessoal a respeito de questões difíceis?

Minha reação pessoal é procurar alguns dos homens com quem trabalho quase todos os dias. O ambiente mais fiel e puro para eu buscar ajuda é exatamente com meus próprios co-pastores. Creio que permiti que esses homens chegassem ao nível mais alto de seu próprio desenvolvimento nos campos da doutrina, Bíblia e prática, não por lhes dizer em que deveriam crer, mas por liderá-los rumo a um conjunto de convicções de que se apropriaram. Então, quando chego a um ponto em que não consigo resolver alguma coisa e preciso de ajuda, volto primeiro para eles, porque terão alguma resposta para mim. Seria raro eu procurar alguém fora do círculo, pois eles têm sido uma bênção para mim.

Ao longo dos anos, quem são as pessoas que mais lhe influenciaram?

Primeiro, meu pai. Ele continua me influenciando, continua fiel. Está com oitenta anos e ainda prega a Palavra, ama a leitura e o estudo.

Quando estudei sobre o Dr. Charles Feinberg, então deão do Talbor Seminary, ele também causou um grande impacto sobre mim por causa de sua dedicação em conhecer as verdades das Escrituras e sua devoção sem reservas à inerrância. Sua disciplina incansável na vida também me influenciou, estabelecendo para mim um padrão pelo qual tento viver.

Ralph Keiper, ex-pesquisador da Donald Grey Barnhouse, influenciou-me de modo marcante na pregação, desafiando-me a explicar um texto das Escrituras por intermédio de outro, que é basicamente o que faço em quase todos os meus sermões.

Apesar de nunca tê-lo visto, Martin Lloyd-Jones me influenciou. Conheço a família dele e li seus livros. Ele expunha o texto, fazia teologia e adotava padrões bíblicos elevados, sem sacrificar a graça da piedade. Ele tomava posição quando as Escrituras assim o faziam e, se todos em toda a cidade, todo o país tomassem outra posição, permanecia no que as Escrituras ensinavam. Ele não se esquivava.

Há uma série de outros autores e amigos pessoais que têm me influenciado. Anos atrás, comecei a ler os puritanos e descobri que eles são uma fonte rica. Minha esposa, Patrícia, tem me influenciado com sua intensa devoção ao que é correto e honroso diante de Deus.

Como o pastor presta contas?

Primeiro, precisamos prestar contas a Deus. Amo o Senhor e não quero fazer o que lhe traga desonra; esse é o aspecto mais íntimo da minha prestação de contas e o ponto mais alto, pois são 24 horas de relacionamento por dia, a vida inteira. Depois, tenho de prestar contas em casa, com minha esposa e filhos. Quero liderá-los para que amem a Deus e o sirvam; não quero desapontá-los ou desviá-los, nem mesmo fazê-los desconfiar de minha devoção a Cristo, barateando a compreensão que têm da fé e do compromisso cristão. Há muito em jogo na vida deles e na de suas famílias. Em terceiro lugar, tenho de prestar contas pessoalmente aos homens que trabalham comigo e são meus amigos.

Quarto, tenho a responsabilidade de pregar várias vezes, todas as semanas. Isso me lança na Palavra. Se os pastores forem estabelecer quando jovens um padrão de estudo diligente e uma excelente pregação, terão de gastar o resto da vida mantendo esse modelo. Se no começo do ministério você estabelece um padrão baixo, ou seja, de desorganização e mínimo estudo, não há nada para manter. Se os jovens dedicarem os primeiros cinco ou dez anos do ministério a um estudo profundo e diligente da Palavra de Deus, estabelecerão para si mesmos um padrão elevado que agrada ao Senhor e exige fidelidade. Esse nível de organização torna-se o modelo que seguirão com alegria, colhendo seus frutos pelo resto da vida. Isso lhes atira à Palavra numa profundidade em que realmente alcancem comunhão com Deus.

Por fim, levante homens piedosos, devotados, que alimentem altas expectativas a seu respeito. Não esconda sua vida. Você precisa prestar contas aos líderes e pastores, seus companheiros. Deixe-os questionar, debater; não os deixe chegar ao ponto de fazerem tudo o que você disser. Não queira homens do "sim, senhor". Queira amigos que questionem quando for preciso e pergunte por que você está fazendo algo que não fica claro. Essa é uma prestação de contas muito importante, pois lhe mantém longe de decisões tolas, pouco sábias e precipitadas, evitando que você seja cegado pela própria ignorância ou sua própria vontade, ou que seja habitualmente menos do que Deus deseja e a excelência espiritual exige.

Ameaças ao Ministério

Em sua opinião, quais seriam as grandes ameaças que podem minar o ministério de alguém hoje?

Uma ameaça é a preguiça. Vivemos num mundo realmente agitado e numa cultura que caminha a passos rápidos. Muitos correm muito, mas não sei se vão fundo. Com isso, quero dizer que é fácil estar ocupado com as tarefas pequenas e mais rápidas, deixando as tarefas longas e pesadas para trás. Estamos levantando uma cultura, por exemplo, que não executa trabalhos braçais, pelo menos nas principais cidades, pois contrata pessoas para fazê-los. Na América existe uma cultura voltada para a prestação de serviços completamente automatizada que está se afastando da lavoura e da indústria. Muitos não sabem trabalhar duro, especialmente os que ficaram muito tempo na escola. Eles sabem ficar ocupados fazendo uma série de pequenas atividades, mas não sabem encarar com submissão as coisas mais importantes: diligência e disciplina nas Escrituras. O resultado é que muitas vezes as prioridades não são tratadas, acabando em superficialidade no ministério. Uma porção de atividades acontecem num nível raso, mas a parte pesada do ministério, as coisas que exigem tempo, oração e estudo intenso da Palavra, muitas vezes não são bem feitas.

Em segundo lugar, estão as ameaças constantes na área da pureza pessoal. Precisamos guardar o coração e fortalecer o homem interior para permanecermos puros, devotados a Cristo e dedicados à santidade.

Em terceiro lugar, um dos problemas mais importantes que derruba os homens no ministério é a falha de discernimento na formação da equipe ministerial. Sejam presbíteros, pastores, líderes leigos ou amigos, precisamos buscar os que são fiéis no mais alto nível de excelência espiritual. Precisamos das pessoas cuja virtude, sabedoria e fidelidade ao trabalho nos forcem a pensar e a justificar biblicamente o que fazemos. Eles não vão deixar passar porque queremos fazer alguma coisa. Penso que esse tipo de prestação de contas é realmente muito importante.

Uma quarta ameaça que mina o ministério de alguém é a falta de apoio da esposa. Isso pode estender-se aos filhos, mas, particularmente, a falta de apoio da esposa. Aquela que perturba e combate o pastor quando ele tenta ser fiel e leal ao Senhor e à igreja. Se a esposa for negativa em relação à igreja e aos seus membros, ou se for indulgente consigo mesma ou um pouco controladora demais, deixará de ser o apoio de que o marido tanto necessita para poder servir ao seu povo com alegria. Uma esposa realmente apoiadora, amorosa e confiável,

que se mantenha honesta e esteja ao lado do marido até o fim, permite que o homem empenhe todo o coração em fazer o que Deus lhe ordenou.

Toda igreja e todo pastor têm suas críticas. Como o irmão convive com seus críticos?

Em primeiro lugar, analiso minha vida para ver se a crítica é válida. Afirmo que sou privilegiado de prestar meu serviço ao Senhor, não aos homens. Preciso viver de acordo com 1 Coríntios 4, onde Paulo diz na realidade: "Pouco me importa o que os homens dizem de mim". Ele foi criticado impiedosamente, em especial pelas pessoas de Corinto, mas podia responder dizendo: "Não me importo com o que estejam dizendo a meu respeito, mas com o que dizem a respeito do meu Senhor e de sua verdade. Ele afirmou que era o principal dos pecadores, por isso procuro seguir esse padrão e dizer: "Realmente não me importo com o que pensam as pessoas, e com certeza não mereço defesa. Posso ser acusado falsamente ou algo parecido, mas com certeza em algum lugar da minha vida há pecados que meus acusadores nem imaginam".

Precisamos esperar e deixar que o Senhor nos julgue. Preciso ser fiel ao Senhor e não me preocupar com reputação, nem tomar pessoalmente as críticas. Aprendi que devo sempre agradecer ao Senhor uma crítica injusta que surge, sabendo que Ele pode usá-la para me tornar humilde e depurar-me. Entrego-me ao cuidado fiel de meu Criador, como Jesus se entregou ao Pai. Que Deus me defenda se eu merecer defesa. Eu vou defender a verdade, vou defender Cristo e a Bíblia, mas não vou defender John MacArthur. Quando alguém me critica, só digo: "Ore por mim. Obrigado por se importar o suficiente para me contar a sua preocupação. Quero ser como Deus quer que eu seja".

Manutenção do Ministério Pastoral

Crescimento da Igreja

Como o irmão reage à dicotomia que se vê entre a igreja grande e a igreja pequena?

O tamanho pode estar relacionado com diferenças culturais e demográficas. É verdade que algumas são menores do que deveriam por causa do pecado ou da infidelidade — algumas são maiores do que deveriam por fazer concessões. Mas Deus obviamente tem propósitos soberanos para as grandes, assim como

para as pequenas. Elas não passam de pedaços do corpo de Cristo sobre a terra — o tamanho não importa. O que importa é a integridade bíblica e a fidelidade a Deus.

Na Inglaterra, durante a época dos puritanos, aqueles homens de grande profundidade espiritual pregavam para 150 a trezentas pessoas em cidades e vilas. Mais tarde, C. H. Spurgeon pregou para quatro mil em Londres. Deus tem suas razões para o que faz num dado lugar e momento. O Senhor sempre está edificando sua igreja soberanamente. Deus não interrompeu a fragmentação da igreja em tantas denominações e congregações, mas é provável que se todas as igrejas pequenas de certa área se juntassem para começar uma igreja grande, exerceriam um impacto muito maior, teriam um louvor mais estimulante e menos problemas para encontrar líderes, já que só precisariam de um pregador dotado para alimentar a todos. O ministério pessoal e os grupos pequenos poderiam continuar a se desenvolver. Apesar disso, Deus mede o sucesso de cada igreja local, não pelo tamanho ou reputação, mas por sua devoção à verdade e à pureza.

Qual o equilíbrio correto entre o crescimento da igreja que é ativada pelo Espírito e o esforço humano que fazemos para que a igreja cresça?

Penso que quando o crescimento da igreja é realizado pela Palavra e pelo Espírito de Deus num nível espiritual sadio, é maravilhoso. O Senhor fará a igreja crescer. É uma caricatura quando o crescimento é mantido por meios não-bíblicos de técnicas humanas envolvendo manipulação, psicologia ou truques e passa a ser dirigido por homens que não dão ênfase às Escrituras, nem seguem as prioridades da teologia que Deus lhes concedeu. Por exemplo, por mais que usemos a criatividade para evangelizar, precisamos nos lembrar que o homem é totalmente depravado. Assim, compreendemos que Deus precisa trabalhar em seu coração e mudá-lo totalmente para que seja salvo. Essa é uma obra de Deus, não de homens. Se não compreendermos a teologia no que diz respeito à natureza do homem, poderemos pensar que conseguimos manipular a vontade de Deus com palavras, músicas ou programas bem escolhidos.

Acho que boa parte dos movimentos de crescimento da igreja de hoje envolvem manipulação humana. Há uma porção de técnicas que não se fundamentam na Palavra de Deus ou sobre uma base realmente espiritual. Quando a técnica tenta manipular o coração do homem, não reconhecendo que a salva-

ção é de Deus, ou depreciando a Palavra para tornar o Cristianismo mais palatável, então torna-se antibíblica e inaceitável para o Senhor.

As expressões "culto para interessados", "igreja simpática ao consumidor" e "igreja para os que estão fora da igreja" são prestigiadas em nossos dias. Como o irmão reage a isso?

Em primeiro lugar, nenhum homem busca a Deus, mas Ele busca verdadeiros adoradores. Assim, há um interessado na igreja com que precisamos nos preocupar mais — Deus, aquele que se interessa por adoradores de verdade. A igreja deve ser simpática aos crentes que estão vivendo em retidão e se reúnem para cultuar, mas deve ser antipática para com os pecadores que rejeitam o Senhor.

A freqüência à igreja pelos que estão fora dela é puro engano — é como deixar entrar o joio. É absolutamente ridículo querer fazer com que os não-salvos sintam-se à vontade na igreja. A igreja não é um prédio — ela é um grupo de adoradores redimidos e santificados com quem os incrédulos deveriam sentir-se ou miserável, arrependido e atraído a Cristo ou então alienado e isolado. A igreja só deixa o incrédulo à vontade quando esconde sua mensagem e não cumpre a vontade de Deus. Os cristãos devem ser amigáveis e bondosos para com os não-salvos e os pecadores que chegam, mas mesmo no Evangelho, nunca devem evitar a confrontação dos pecados e a advertência pelo desprezo à Palavra.

O irmão sobreviveu a uma série de programas de construção na Igreja de Grace Community. Qual é o seu segredo?

O segredo para mim foi deixar os líderes leigos dirigirem tais projetos e manter-me à parte deles. Não consigo me lembrar de ter participado de mais que cinco reuniões sobre novas construções em 25 anos. Nunca tivemos problemas para levantar o dinheiro para construir, porque nunca construímos um prédio antes que a necessidade ficasse tão premente a ponto de estarmos gritando "socorro", de tanto desespero. Nunca construímos um edifício ou monumento para a igreja ou para nós mesmos.

Certa ocasião estávamos tão lotados que havia três cultos de adoração nas manhãs de domingo. As pessoas sentavam-se do lado de fora e ouviam pelo alto-falante e tivemos de recusar crianças na escola dominical e no berçário. Em outras palavras, estávamos num beco sem saída, o pessoal viu aquilo e compreendeu a necessidade premente.

Sempre construímos economicamente, do modo mais inexpressivo possível mas, ao mesmo tempo, com o máximo de qualidade. Sempre tivemos o apoio pleno e unânime de nossos presbíteros, de modo que podíamos nos dirigir às pessoas e dizer que queríamos o apoio delas porque acreditávamos ser aquela a vontade de Deus. A confiança que tinham na sabedoria espiritual dos líderes e a necessidade óbvia fizeram com que se dispusessem a segui-los.

Se havia na construção elementos relacionados especificamente com minhas funções, eles me perguntavam o que eu queria — coisas como tipo de púlpito, plataforma, formato do auditório, batistério, projeto do escritório, etc. É importante para nossa igreja que nenhum ego prevaleça, que façamos tudo economicamente e que apenas um empréstimo pequeno seja feito depois de levantar a maior parte do dinheiro, senão todo ele de antemão.

Temos uma filosofia de levantar o máximo de dinheiro num único domingo, em vez de passar semanas e meses numa campanha que em geral acaba corroendo as ofertas gerais. Temos marcado um domingo, com meses de antecedência, e centrado nossa atenção nele. As pessoas, então, levam meses para acumular o dinheiro ou oram para poderem ofertar naquele dia do Senhor. Isso resulta numa grande ocasião de alegria, porque a soma é muito alta e todas as pessoas participam juntas.

Uma vez que o irmão crê na soberania de Deus, será que a criatividade humana tem algum lugar na igreja ?

É claro, Deus nos concedeu dons criativos e ele usa cada crente de um modo único. Deus é soberano na salvação, mas não à parte da fé humana e da vontade de corresponder e obedecer. Deus é soberano na santificação, mas requer obediência. Ele é soberano na edificação da igreja, mas não descarta os dons espirituais, o serviço devotado e a comunhão. Deus estabeleceu os fins, mas também os meios.

Deus nos concedeu mentes férteis. O apóstolo Paulo possuía uma estratégia bem elaborada. Ao entrar numa nova cidade, dirigia-se às sinagogas e tentava ganhar os judeus para Cristo. Quando encontrava um grupo de convertidos na sinagoga, passava a evangelizar os gentios. Ele sabia que o inverso não funcionaria. Se fosse primeiro aos gentios, os judeus relutariam muito até em ouvi-lo, quanto mais em aceitar sua mensagem.

Você precisa elaborar estratégias com cuidado, fazendo de tudo para aproveitar cada oportunidade de apresentar o Evangelho e promover o crescimento

espiritual. Os crentes e os líderes das igrejas devem ser criativos ao máximo, sem violar as prioridades ou os princípios divinos.

É incrível o que os profetas faziam para captar a atenção das pessoas. Às vezes faziam demonstrações estranhas para juntar a multidão. Deus tem usado uma miríade de meios. Até nosso Senhor usou milagres como meio de agrupar pessoas. No dia de Pentecostes, Deus usou as línguas para reunir uma multidão — um jeito muito criativo de conseguir a atenção do povo. Acho que o Senhor espera que façamos coisas adequadas, mas obviamente dentro do que é ordenado nas Escrituras.

Desenvolvimento de Equipe e Relacionamentos

Que conselho o irmão daria aos pastores que estão convocando e discipulando a equipe da igreja e os transferindo quando preparados para responsabilidades maiores?

Em 1 Timóteo 3.6, Paulo nos diz para não exaltar o neófito. Antes de elevar qualquer indivíduo a essa função, seus dons, suas capacidades e seu passado precisam ser totalmente conhecidos. Quando o apóstolo Paulo organizava novas igrejas, selecionava homens que conhecia. Enquanto eu crescia, observava meu pai tendo dores de cabeça porque o pessoal da equipe vinha de fora e não estava em sintonia com o que estava acontecendo. Resolvi que procuraria na própria igreja um círculo bem pequeno de pessoas a quem conhecesse e pudesse discipular para formar a equipe. Sempre que trouxe alguém pré-fabricado, com poucas exceções, a experiência foi ruim.

Discipular um novo membro da equipe significa gastar tempo com ele, levá-lo nas viagens, partilhar conferências etc. Nos primeiros anos, quando tínhamos uma equipe menor do que temos hoje, eu me reunia semanalmente. Eu ia ao escritório deles. Acho que o discipulado é mais informal. Deve ser mais que só "eles trabalham para mim e eu dou o serviço para eles". Deve ser um processo de estabelecer um relacionamento. Por vezes, delego responsabilidades teológicas aos co-pastores, apenas para lapidá-los em alguma área. Eu os incentivo a compartilhar comigo o que estão fazendo, de uma forma amigável, não oficial. É essencial atraí-los para junto de si porque, em geral, se você é o pastor principal, eles estão lançando-se sobre seu ministério. É você que está na dianteira e tem as maiores alegrias quando a igreja cresce. Uma vez que essa equipe fiel não obterá os galardões que você obtém, precisa ter no coração um verdadeiro amor e fidelidade

para com o pastor principal. Todos precisam saber que você os serve, assim como eles lhe servem.

Com respeito à promoção de pastores dentro da equipe, você deve manter-se sensível ao crescimento, interesse e desenvolvimento dos dons de cada um. Às vezes pode haver uma mudança interna. Por exemplo, alguns começam no ministério com jovens e depois de alguns anos não querem mais continuar, então você observará seus dons. Se forem os tipos de pessoas que você quer manter na equipe, veja qual a área de ministério que se abre. Se for hora de procurar outra igreja para pregar ou seguir para o campo missionário, fique ao lado e ajude-os a enfrentar o processo de modo que, ao partir, permaneçam como uma fonte por onde possa continuar fluindo o apoio e por onde possa retornar. Muitos pastores deixam as pessoas partir e não mantêm aquela ponte de amizade, de modo que cortam bons relacionamentos. É importante manter os relacionamentos, pois é honroso para Cristo. Você precisa estar lá para ajudá-los e demonstrar interesse e compromisso ao longo de toda a vida e ministério deles.

Ao longo dos anos, como o irmão tem estruturado as reuniões de equipe mais eficientes?

Isso muda com o tempo, mas vejo as reuniões de equipe principalmente como construção de relacionamentos. Um componente menor deste tipo de reunião é falar sobre aspectos informativos e resolver questões. Realizar um programa especial, combater a diminuição de ofertas e resolver dificuldades no departamento infantil não devem ser os elementos mais importantes. As reuniões de equipe estão centradas na edificação de relacionamentos. Você precisa ser informal, acolhedor, entusiasmado e positivo.

Penso que deve haver algum nivelamento entre todos, de modo que o pastor principal não chegue com uma agenda pessoal e a imponha. Este deve ser um período de comunhão, um tempo de oração, um momento para conversar sobre casamento e vida familiar ou a respeito das alegrias e dificuldades do ministério. E ninguém fica de plantão; antes, é um período de compartilhamento. Lidero apenas pela sabedoria na discussão ou pela interpretação das Escrituras. Há momentos em que se dá um direcionamento mais estrito a alguma questão, mas isso raramente ocorre nas reuniões de equipe. Em geral, essas questões são tratadas individualmente.

Construindo relacionamentos fortes e firmes, você mantém a lealdade e a fidelidade. Se você tratar sua equipe como funcionários que têm uma tarefa a

cumprir, eles vão cumpri-la com uma mentalidade de obrigação, mas se sentirem amor uns pelos outros, vão trabalhar com uma motivação completamente diferente.

Em segundo lugar, é hora de reforçar e estabelecer questões doutrinárias ou de reafirmar ou esclarecer princípios de ministério que mantenham o trabalho no curso bíblico. Deve haver uma liberdade de tal maneira que todos tenham o direito de falar e ninguém de fato domine por força ou posição. Esta reunião é um momento de consolidação da equipe e as pessoas precisam dessa comunhão todas as semanas.

Que tipo de relacionamento o irmão procura construir com os pastores da equipe?

Você está pedindo que esses homens o acompanhem, o sustentem, o ajudem, fortaleçam seu ministério, orem por você e façam o trabalho que você não consegue fazer por falta de tempo. Você não consegue visitar todo o mundo, planejar todos os eventos e supervisionar todos os ministérios, de modo que você está pedindo que eles o acompanhem e façam isso por você. O mínimo que você pode fazer é procurar desenvolver neles o mesmo amor pela obra.

É óbvio que você não consegue fazer isso igualmente com todos, caso o grupo seja muito grande, como no caso de nossa igreja. Trabalho mais de perto com os que ocupam posição mais alta na liderança e gasto mais tempo com eles; alguns precisam de mais atenção para se desenvolver. A prática que tenho adotado com os outros é de estar sempre à disposição — a qualquer tempo, sempre que precisarem de mim.

Embora Jesus tivesse 12 apóstolos, até ele tinha um círculo mais chegado (Pedro, Tiago e João). Um fato que permitia que o restante dos homens conhecessem seu coração, mesmo que nem sempre fossem chamados para o círculo mais chegado, era que Jesus sempre os atendia quando chamado por eles.

Essa é a chave. Creio que na reunião dos presbíteros preciso abrir meu coração, isto é, ser aberto e transparente quanto ao que me afeta. Isso solidifica os relacionamentos. Não pontifico, nem quero dominar essas reuniões; quero ser um entre vários. Não tenho a intenção de que eles achem que sou o chefe; quero servir-lhes de guia, mestre e pastor. Quero ajudá-los a esclarecer a doutrina, verificar princípios e resolver questões, guiando-os pelo processo em que conhecer a vontade do Espírito é fundamental.

Quais são suas idéias sobre a função da secretária da igreja e do relacionamento entre ela e o pastor?

É vital encontrar a secretária certa. Ela deve estar sob seu ministério há algum tempo, apresentando algum desenvolvimento e crescimento espiritual dentro de sua filosofia de ministério e de ensino. Deve ser uma pessoa segura, que não precise de incentivos e apoio constantes. Deve ser esperta e manter excelentes relacionamentos pessoais, já que sua gentileza, sabedoria e compreensão refletem a atitude do pastor. As habilidades técnicas são necessárias, mas o que realmente edifica ou racha seu escritório é o tratamento que as pessoas recebem quando ali entram. Muitas vezes, elas não vão falar com você, mas com sua secretária. Então, sua sensibilidade e amor para com elas, sua densidade espiritual bem como sua credibilidade e seu caráter, juntamente com sua capacidade de administrar muitos detalhes com graça são cruciais.

Também penso que ela precisa ter uma memória muito boa. São tantas as informações que passam pelo escritório que esta capacidade é realmente importante. Às vezes, os problemas são questões de vida ou morte; de vez em quando é preciso lidar com problemas que estão sobrecarregando as pessoas, correspondência importante, chamados que precisam ser atendidos de imediato ou coisas que se perdem com facilidade num escritório agitado. Ela deve ser capaz de administrar tudo isso. Portanto, precisa ser muito organizada.

No meu caso, a minha secretária é quem faz o meu agitado ministério transcorrer com muita tranqüilidade. Não fossem sua devoção e capacidade, meu gabinete seria caótico. Uma vez que o trabalho dela não deve implicar sacrifício em casa, a secretária deve ser uma mulher mais velha, uma mulher sem filhos ou solteira. Às vezes, um jovem pode ser excelente secretário.

Sua secretária deve ser amiga de sua esposa, merecer seu apreço e confiança. Ela deve ser alguém que consiga dominar totalmente a língua, respeitando o sigilo das informações internas. É essencial o mais alto grau de integridade. Uma porção de informações confidenciais passa pelo seu gabinete, por isso é preciso ter certeza que ela não lhe trairá a confiança.

Edificação da Igreja

Como o irmão evita que a igreja sofra aculturação, como aconteceu com os coríntios?

Na verdade é muito simples. Você precisa permanecer na Palavra. A Bíblia é um livro muito antigo, escrito numa cultura completamente diferente, mas é

relevante para todos. Pode parecer que a cultura sofre mudanças enormes com o tempo, ou de um lugar para outro, mas só muda no sentido superficial. Na realidade, não há mudanças. O coração do homem permanece igual. Suas necessidades espirituais são as mesmas de sempre. Se você ficar só com a Palavra, não vai sofrer aculturação.

Isso nunca foi de fato um problema para nós. Posso dizer honestamente que não tivemos de combater a cultura infiltrada na estrutura ou no formato de nosso ministério. Estou certo de que há um pouco disso, como estilos musicais ou certas expectativas com respeito às poltronas, um bom sistema de som ou ar condicionado, ou um bom estacionamento. Mas não os vejo como sistemas satânicos. Não os vejo como partes da cultura espiritual e filosófica do anticristo. São coisas externas. Até certo ponto, você precisa ajustá-las porque as pessoas de nossa sociedade não vão sentar num banco de madeira de dez centímetros durante uma tempestade e ouvir você pregar com um megafone. Mas ao mesmo tempo isso não precisa afetar sua teologia. Pode afetar alguns acessórios, mas ainda somos chamados para pregar uma Palavra imutável para pessoas com as mesmas necessidades espirituais.

Qual o lugar do louvor e da música na igreja?

O Pai busca verdadeiros adoradores, e sua igreja pertence a esse grupo. Fomos redimidos para adorar a Deus. Em última análise, é para isso que fomos salvos, para que pudéssemos fazer parte de uma humanidade redimida e glorificada cujo propósito eterno é a adoração. O louvor, portanto, é a prioridade suprema. A música é um dom dado por Deus para permitir uma expressão espiritual ao coração cheio de louvor e do Espírito Santo. Devemos louvar em espírito e em verdade. A verdade está ligada à mente; o espírito está relacionado à paixão, à emoção e ao coração.

A música é um auxílio tremendo nas duas áreas, uma vez que fala a verdade pela letra e proporciona emoção pela melodia. As Escrituras chegam a dizer que devemos falar uns com os outros com salmos e hinos e cânticos espirituais. A música é um dom maravilhoso pelo qual a emoção pode expressar o que nossa mente sabe ser verdadeiro. Ela é catártica. Ela purifica e instrui. A música que fala a verdade da revelação divina honrará o Senhor quando apresentada por pessoas cujo coração esteja colocado em sua presença. Sou grato a Deus pelas letras que nunca escrevi mas expressam o que sinto. Agradeço ao Senhor pelas melodias que jamais poderia compor, porém dão expressão emocional ao que creio ser verdade. Quando a igreja se reúne, esse tipo de expressão é im-

portante; dá liberdade para a alma expressar suas emoções. A música também é instrutiva porque há rima na letra, o que nos permite lembrar com facilidade as verdades sagradas. No culto de adoração, o louvor também ensina e instrui o coração a se preparar para receber a Palavra de Deus. Na adoração não há lugar para um show ou algo que ofereça entretenimento. A música da igreja é para os santos, não deve ser dirigida aos incrédulos.

Quais os segredos da autoridade contínua de um pastor que permanece 26 anos na mesma igreja?

No centro da permanência está o relacionamento com o Senhor e a convicção de que estou no lugar que ele quer. Depois vem o apoio da família. Eu ficaria com o coração partido se minha família perdesse o amor pela igreja. Se minha família ama a igreja que pastoreio e o meu ministério, ela faz com que meu coração continue amando a igreja. Muitas vezes os membros da família, até mesmo a esposa, por estar descontente com algumas coisas, faz o homem afastar-se da igreja amada. Outra fonte de permanência é ter amizades realmente estreitas com seus co-pastores e com os demais irmãos em Cristo.

Ver a mão de Deus em seu ministério também é uma ajuda imensa. Se eu não tivesse experimentado o poder de Deus e não visse as bênçãos e o crescimento espiritual, provavelmente sentiria necessidade de partir e deixar o lugar para outro. Tenho sido abençoado com pessoas desafiadas pelas Escrituras — pessoas que estão crescendo e trazendo outros a Cristo.

Cheguei num ponto em que já fiz o trabalho de base, como quando se constrói uma casa. O trabalho pesado foi escavar, jogar o concreto, fazer os alicerces e construir. Agora tenho a alegria de liderar a família. Não falo apenas de construir estruturas. Se fosse para outro lugar talvez tivesse que construir tudo de novo. Não poderia simplesmente entrar, pregar, ensinar e escrever como faço agora. Mas, finalmente, permaneci, porque Deus nunca desejou o contrário disso.

Expansão da Igreja

Qual a função do pastor, se é que isso existe, na evangelização promovida pela igreja local?

Como em todos os aspectos da liderança espiritual, o pastor tem a função de ser modelo. Sempre achei que eu devia ser instrumento de Deus para levar

outros a Cristo, tanto em minha vida pessoal como pregando o Evangelho. Meu mundo não está cheio de incrédulos, mas de crentes. Apesar disso, procuro aproveitar as oportunidades que Deus me dá para levar outras pessoas a Cristo. Quando você tiver tal privilégio, permita que as pessoas saibam, para que vejam que você está comprometido nesse projeto.

Também é crucial salientar na pregação a prioridade da evangelização. Pessoalmente, acho, no padrão de Efésios 4.11, que a igreja precisa de um pastor mestre e depois de um evangelista que possa mobilizar a congregação para o evangelismo. O Senhor deixou a igreja sobre a terra para evangelizar. Se os salvos apenas louvassem, iríamos para o céu onde o louvor é perfeito. Se somos salvos para servir a Deus, vamos para a glória onde poderemos servi-lo com o corpo glorificado. Se somos salvos para adorar, vamos para onde a adoração é perfeita. Mas fomos deixados aqui para sermos seus instrumentos e reunir o remanescente eleito. Não acho que devamos entrar em pânico por isso, antes, precisamos estar à disposição, com o coração aberto, de modo que, quando Deus colocar alguém em nossso caminho, estejamos prontos para apresentar o Evangelho.

Precisamos compreender a condição dos perdidos e conhecer a realidade do inferno e do julgamento, pois isso faz parte do que pregamos e ensinamos. Ao mesmo tempo em que sustentamos um ódio santo em relação ao pecado e aos pecadores, precisamos ter um coração aberto para os incrédulos e nos sentir responsáveis pela evangelização deles.

Como venho dizendo todos esses anos, a igreja se reúne para ser edificada, mas se espalha para evangelizar. Os líderes são essenciais para supervisionar toda essa área de evangelização, mobilizar as pessoas e oferecer várias formas de treinamento. Sempre tivemos vários cursos de evangelização na igreja, de modo que alcançamos as pessoas em diferentes pontos de seu desenvolvimento cristão, treinando-as para evangelizar de modo eficiente em sua esfera de influência.

Qual a sua opinião sobre formação de igrejas?

Bem, com certeza sou grato por alguns companheiros terem seguido a direção do Senhor, fundando a Igreja de Grace Community. Em geral, minha opinião é que provavelmente temos igrejas em excesso — cerca de 350 mil nos Estados Unidos. Não há pastores capacitados em número suficiente. Gostaria que voltássemos para o modelo do Novo Testamento, em que havia uma cidade

e uma igreja. Talvez precisemos de mais, em grandes centros, é claro. A idéia de iniciar uma igreja por causa de pequena diferença doutrinária ou de estilo é tolice. As igrejas devem ser plantadas pela pregação do Evangelho; pela conquista de almas para Cristo, ou seja, onde Cristo não é conhecido. Reconheço que há lugares em que existem muitas igrejas, mas nenhuma é fiel à Palavra de Deus. Esses lugares podem exigir que uma igreja forte funde, supervisione e ajude a sustentar um novo trabalho.

Como a igreja local deve se relacionar com o corpo de Cristo ao redor do mundo?

Queremos manter a unidade da fé no vínculo da paz e buscar a comunhão com os que defendem a mesma fé preciosa. Queremos apoiar outras igrejas que sejam fiéis à Palavra, enviando missionários a várias partes do mundo. O primeiro lugar é nossa Jerusalém — onde estamos. O outro deve ser resultado de um ministério local dirigido pelo Espírito. Uma base forte é a chave de tudo. Afinal, é neste fundamento que Deus colocou a igreja e nele está a prioridade de seu ministério.

Perspectiva Ministerial

Em sua opinião, por que a Igreja de Grace Community é tão abençoada?

Nossas bênçãos simplesmente vêm da graça de nosso Senhor Jesus. Se Paulo podia dizer "sou o principal dos pecadores", não sei onde isso me coloca. Assim, não é por minha causa que Deus abençoa a Igreja de Grace Community. Mas creio que a nossa atuação ao longo dos anos, de modo bem simples, foi tentar seguir o ensino do Novo Testamento acerca do que deve ser a igreja. E, esta é a riqueza de nossa igreja; não o tamanho, os programas ou a influência. O tamanho está relacionado com os propósitos de Deus. A bênção, a alegria e o fervor dos ministérios na Igreja de Grace Community cresceram porque levamos muito a sério as Escrituras. A devoção e a dedicação à Palavra de Deus estão bem arraigadas. Queremos pregá-la, ensiná-la e vivê-la. Sei que Deus abençoa sua verdade; não são nossas as grandes idéias, mas a fidelidade à Palavra. Nunca quis ter de perguntar a mim mesmo se eu teria construído a igreja ou se Deus a estava construindo, de modo que trabalhamos duro para realizar apenas o ministério bíblico. O desafio maior, como na pregação, é sair do caminho da Palavra e do Espírito, de modo que Deus possa falar e agir.

Após 26 anos de pastorado na mesma igreja, qual sua perspectiva de ministério?

É muito simples. Meu alvo é andar bem junto ao Senhor e dedicar minha vida a minha esposa e família, para podermos estabelecer, pela graça de Deus, um lar piedoso. Assim prossigo à pregação, ensinando a Palavra com a maior fidelidade possível e edificando homens que possam se multiplicar em outras pessoas da congregação e depois ministrar no nível pessoal de acordo com suas possibilidades.

Tudo é construído sobre o que entendemos ser o ensino da Bíblia e o padrão ministerial por ele estabelecido: edificar, conduzir as pessoas à mesa do Senhor, batizar, discipular, treinar, evangelizar no nível local e enviar para os campos do mundo. Todos esses esforços são liderados por homens piedosos devotados à Palavra de Deus, que são fiéis em seu ensino, pregação e aplicação prática. Também penso que é fundamental conduzir as pessoas à confrontarem o pecado, convocando-as para um viver santo e um envolvimento na refutação dos erros doutrinários. Também precisamos cobrir o lado preventivo do ministério.

Olhando para os próximos 25 anos de ministério, quais os desafios que o inspiram?

Minha igreja me inspira e ainda é um desafio tremendo. Sou desafiado porque Los Angeles é a cidade mais racialmente heterogênea dos Estados Unidos. Sou desafiado porque chegam à nossa cidade milhões de pessoas que necessitam ouvir o evangelho. Eu jamais conseguiria ir a todas as cidades de onde elas vêm, mas elas chegam até nós. Sou desafiado porque vejo jovens sendo instruídos e entrando no ministério. O Master's College and Seminary oferece uma oportunidade singular para que isso ocorra. Sou desafiado a continuar pregando a Palavra para uma nova geração. Fico entusiasmado ao incentivar os membros da igreja a serem santos e puros quanto à doutrina e fortalecidos no conhecimento da verdade.

Há 26 anos estou na igreja em que vejo uma porção de pessoas entrando e saindo. Alguns que estavam presentes há muito tempo atrás se foram, sendo substituídos por outros mais novos. Ela continua mudando — subindo e descendo. Em muitos sentidos, a Igreja de Grace Community é hoje uma igreja tão nova quanto em qualquer outro ponto dos 25 anos em que venho servindo a

ela, porque há muita gente nova. Vejo nossa congregação ficando mais jovem, o que significa que é um ministério dinâmico na vida da nova geração, especialmente dos casais jovens.

Também quero continuar escrevendo. Isso me desafia. Os problemas enfrentados pela igreja continuam a se acumular, mas é estimulante tratar deles e ajudar as pessoas a encontrar a solução bíblica.

Minha vida está nas mãos de Deus, e eu o sirvo em primeiro lugar — isso sempre é um desafio. Aliás, meu desafio permanente é ser como Cristo.

Apêndice 1

Confirmação das Convicções Doutrinárias

Tique o espaço apropriado e forneça informações complementares, se requisitadas.

❑ 1. Li atentamente *O que Ensinamos* e afirmo, sem reservas, que concordo plenamente com os presbíteros da Igreja de Grace Community.

❑ 2. Li atentamente *O que Ensinamos* mas tenho reservas a respeito das seguintes áreas porque ainda não tive tempo ou oportunidade de estudá-las a fundo sozinho.

a. _____

b. _____

c. _____

d. _____

❑ 3. Li atentamente *O que Ensinamos* e após cuidadoso estudo pessoal dos assuntos ainda tenho fortes reservas a respeito das seguintes áreas:

a. _____

b. _____

c. _____

d. _____

_____
assinatura

_____
data

(A Igreja de Grace Community permite que este formulário seja citado, reimpresso ou adaptado sem prévia autorização por escrito.)

Apêndice 2

Perfil do Candidato à Ordenação

Favor responder as seguintes perguntas de forma direta e objetiva. Caso já tenha se graduado, responda apenas as perguntas cabíveis.

Favor colar sua fotografia aqui.

Favor datilografar

Data _____

Nome _____

Endereço _____

Cidade, Estado, CEP _____

Telefone Residencial _____

Telefone Comercial _____

Idade _____ Data de Nascimento __/__/___ Seminarista ❑ sim ❑ não

❑ Casado ❑ Solteiro ❑ Divorciado (explique as circunstâncias)

_____

_____

_____

Filhos:

Nome	Idade	Data de Nascimento
_____	_____	____/____/____
_____	_____	____/____/____
_____	_____	____/____/____

1. Quando você conheceu o Senhor?
(Dê seu testemunho completo em uma folha separada) _____
2. Há quanto tempo você está na Igreja de Grace Community? _____
3. Quantos créditos você completou? _____
4. Quando espera graduar-se? _____
5. Qual é o seu programa previsto para o próximo semestre? _____
Número de horas de trabalho por semana _____
Número de créditos _____
6. Explique o que você entende por "chamado para o ministério". O que lhe confirma o chamado? _____
_____
7. Por que você decidiu ir para o seminário? Aqueles que o conhecem apoiam seu desejo de freqüentar o seminário? _____
_____
8. Qual é sua área de especialização? _____
Por que você fez essa escolha? _____
9. Quais são seus objetivos a curto e longo prazo? (Inclua em sua resposta áreas específicas no ministério futuro: pastorado, educação cristã, diretor, capelão, etc.)
_____
_____
10. Seu cônjuge se mostra entusiasmado com seus objetivos? Explique _____
_____
_____
11. De quais maneiras você acha que seu cônjuge pode contribuir para seu ministério? _____
12. Se seu cônjuge lhe pedisse que fizesse uma pausa em seu curso no seminário, o que você faria? _____
_____
13. O que aconteceria se sua esposa engravidasse enquanto você estivesse no seminário? Como isso afetaria sua formação dali em diante? _____
_____
14. Você deseja submeter a direção de seu futuro ministério ao direcionamento e à sabedoria dos presbíteros da Igreja de Grace Community? Você estaria disposto a receber conselhos que o levem a uma outra direção que não a seminário? _____
_____

15. Que função e responsabilidade você gostaria que os presbíteros assumissem na direção de seu ministério presente e futuro? Seja específico. _____

16. Quais são seus dons espirituais? _____

17. Como seus dons têm se manifestado no corpo de Cristo? Explique. _____

18. Como os outros têm aconselhado quanto aos seus dons e ao tipo específico de ministério que você deveria considerar? Explique. _____

19. Aliste seus ministérios anteriores e atuais. Você tem trabalhado mais próximo de qual pastor? _____

20. Quais são suas virtudes e fraquezas? Seja objetivo. _____

21. Se os pastores e presbíteros da Igreja de Grace Community examinassem seu ministério atual, que "fruto" encontrariam? _____

22. Como você vai ordenar suas prioridades nas áreas de seminário, ministério e lar? _____

23. Como você definiria um líder? Você se consideraria um líder? Caso sim, explique sua experiência nessa área. _____

24. Há algo em sua vida (desde a conversão) que faça você sentir que poderia desqualificá-lo para um futuro ministério? _____

(A Igreja de Grace Community permite que este questionário seja citado, reimpresso ou adaptado sem prévia autorização por escrito.)

Apêndice 3

Perguntas Abrangentes para Ordenação

O Questionário de Ordenação abrange três áreas em que os candidatos à ordenação deverão demonstrar proficiência. Essas áreas são Teologia Sistemática, Conhecimento Bíblico Geral e Teologia Prática. Espera-se que você tenha bons conhecimentos em todos os tópicos especificados.

A ordenação está condicionada a respostas satisfatórias a um mínimo de 70% de todas as perguntas apresentadas.

Recomendações para sua preparação:

Teologia Sistemática e Prática

1. Seja conciso e direto.
2. Estude o que você acredita serem pontos essenciais.
3. Faça um esboço de suas respostas com versículos (isto é, cite um versículo, explique, cite um versículo, explique, etc.)

Conhecimento Bíblico Geral

1. Trabalhe de cima para baixo (temas de livros, esboços, capítulos, passagens, datas, pessoas, versículos).
2. Certifique-se de que alguém o questione periodicamente.

I. Questionário de Teologia Sistemática

Em teologia sistemática, o candidato deve iniciar todas as respostas citando uma ou mais referências bíblicas seguidas de uma explicação do texto. O candidato não deve usar texto como prova em suas respostas, mas demonstrar uma teologia sistematizada baseada em exegese bíblica.

A. *O que Ensinamos*

O candidato deve ser capaz de articular qualquer verdade doutrinária encontrada em *O que Ensinamos* com textos bíblicos de apoio.

B. *Tópico*

O candidato deve ser capaz de demonstrar conhecimento abrangente de sistemática bíblica nas seguintes áreas.

1. Bibliologia
   a. Escrituras
      (1) Tema
      (2) Propósito
   b. Revelação
      (1) Geral
      (2) Específica
   c. Inspiração
      (1) Método
      (2) Verbal
      (3) Plenária
   d. Autoridade das Escrituras
      (1) Inerrância
      (2) Infalibilidade
   e. Iluminação
      (1) Salvos
      (2) Não-Salvos
   f. Canonicidade
      (1) Testemunho Interno
      (2) Testemunho Externo
   g. Teologia Propriamente Dita
      (1) Prova de Deus
      (2) Cosmológica
      (3) Teleológica
      (4) Antropológica

(5) Ontológica
(6) Bíblica

h. Atributos de Deus
(1) Comunicáveis
(2) Incomunicáveis

i. Decretos Divinos
(1) Problema do pecado
(2) Providência

j. Trindade
(1) Unidade
(2) Pluralidade

k. Deus Pai

l. Deus Filho
(1) Nomes
(2) Prerrogativas
(3) Preexistência
(4) Teofanias
(5) Encarnação
(6) A kenosis
(7) União hipostática
(8) Humanidade
(9) Tentação e impecabilidade
(10) Transfiguração
(11) Ensinamentos
(a) Sermão do Monte
(b) Discurso no Monte das Oliveiras
(c) Discurso no Cenáculo
(12) Milagres
(13) Ressurreição e ascensão
(14) Glorificação

(15) Trabalho de mediação

(16) Segunda Vinda

m. Deus Espírito Santo

(1) Batismo

(2) Enchimento

(3) Morada

(4) Selo

(5) Ministração aos crentes

(6) Dons espirituais

(7) Ministração no Antigo Testamento e no Novo Testamento

2. Antropologia
   a. Origem e natureza do homem
   b. Estado de inocência
   c. Pecado original
   d. A Queda
   e. Pecado pessoal
   f. Punição
3. Soteriologia
   a. O Salvador
      (1) Ofícios
      (2) *Sofrimentos*
      (3) Primeiro e segundo Adão
      (4) Obra de Cristo
   b. Terminologia
      (1) Expiação
      (2) Depravação
      (3) Perdão
      (4) Graça
      (5) Culpa
      (6) Imputação

(7) Justificação
(8) Propiciação
(9) Reconciliação
(10) Redenção, resgate
(11) Regeneração
(12) Sacrifício
(13) Substituição vicária

c. Eleição
(1) Predestinação
(2) Livre-arbítrio do homem
(3) Expiação limitada/ilimitada
(4) Trabalho de convencimento do Espírito
(5) Termos
(a) Chamado
(b) Atração
(c) Presciência
(d) Preordenação
(e) Eleitos

d. Condições da salvação
(1) Antigo Testamento em contraste com o Novo Testamento
(2) Terminologia
(a) Fé
(b) Arrependimento
(c) Confissão
(d) Rendição
(e) Senhorio de Cristo

e. Santificação
(1) Novo nascimento/nova criatura
(2) Herdeiros com Cristo
(3) Posição *versus* prática

(4) Segurança eterna
(5) Glorificação final
f. Graça *versus* Lei
g. Paraíso versus inferno
h. "Tulip" de Calvino

4. Eclesiologia
   a. Cristo e a igreja
   b. Governo da igreja (veja outros assuntos na teologia prática)
5. Escatologia
   a. Alianças
      (1) Abraâmica
      (2) Mosaica
      (3) Davídica
      (4) Nova
   b. Setenta semanas de Daniel
   c. Igreja e Israel
   d. Adventos de Cristo
   e. Arrebatamento
   f. Tribulação
   g. Problema de Jacó
   h. O Anticristo
   i. A Besta
   j. Casamento do Cordeiro
   k. Armagedom
   l. O Reino
   m. Ressurreição dos mortos
   n. Tribunal
   o. Grande trono branco do julgamento
   p. Nova Jerusalém
   q. Inferno e paraíso
   r. Cronologia escatológica
   s. Concepções milenistas

6. Angelologia
   a. Classificação de anjos
   b. Anjos e livre arbítrio
   c. Satanás
      (1) Pecado de Satanás
      (2) História
      (3) Caráter
      (4) Método
      (5) Futuro
   d. Anjos caídos
   e. Ministério dos anjos

C. Apologética

O candidato deve ser capaz de fazer uma breve apologética nas seguintes áreas:

1. Historicidade da Bíblia
2. Criação rápida (seis dias)
3. Deidade de Cristo
4. Problema do mal
5. Existência de Deus
6. Ressurreição de Cristo
7. Nascimento virginal

II. Questionário de Conhecimento Bíblico Geral

O candidato deve demonstrar amplo e profundo conhecimento bíblico geral.

A. Geral

1. Ordene os 66 livros
2. Divisões do Antigo Testamento e do Novo Testamento
3. Contribuição de cada livro para o todo
4. História, profecia, poesia
5. Cronologia de Israel (dê datas para as seguintes pessoas ou eventos)

a. Abraão
b. Jacó
c. José
d. Êxodo
e. Juízes
f. Saul, Davi, Salomão
g. Divisão do reino
h. Cativeiro assírio
i. Cativeiro babilônico
(1) fase 1 (Daniel)
(2) fase 2 (Ezequiel)
(3) fase 3 (Jeremias)
j. Retorno sob Zorobabel
k. Profetas maiores e menores
l. Período interbíblico
m. Nascimento de Cristo
n. Morte de Cristo
o. Concílio de Jerusalém
p. Primeira, segunda e terceira viagens missionárias de Paulo
q. Destruição do Templo

6. Data da Criação e do Dilúvio
7. Facções religiosas de Israel (data, teologia, política)
a. Fariseus
b. Saduceus
c. Essênios
d. Zelotes

B. Antigo Testamento

1. Tema geral, data e esboço de cada livro do Antigo Testamento
2. Tema/importância de capítulos chaves do Antigo Testamento
a. Gênesis 1, 2, 3, 4, 6-8, 9, 11, 12, 18–19, 22, 32,37, 49
b. Êxodo 3–4, 7–11, 12, 14, 18, 19, 20, 32, 40

c. Levítico 1—7, 10, 16, 18, 23, 25, 26
d. Números 6, 11, 12, 13, 22-25
e. Deuteronômio 5, 6, 18, 28, 32, 34
f. Josué 1, 2, 6, 7, 9, 13-19, 20
g. Juizes 5, 6—8, 13--6
h. Rute 4
i. 1 Samuel 1—4, 8—10, 13, 15, 16, 17, 18, 24, 25, 28, 31
j. 2 Samuel 5, 6, 7, 11, 12, 13-20, 24
k. 1 Reis 1, 2, 3, 8, 9, 11, 17, 18, 19, 21
l. 2 Reis 2, 4, 5, 6, 17, 18, 22--23, 24—25
m. 1 e 2 Crônicas. Qual é o principal elemento que distingue Reis de Crônicas?
n. Esdras 1, 3, 7-9, 10
o. Neemias 1—2, 3—7
p. Ester 3, 6—7, 9
q. Jó 1—2, 3—37, 38—41, 42
r. Salmos 1, 2, 8, 15, 16, 19, 22, 23, 32, 42, 51, 73, 90, 100, 119, 127, 139, 150
s. Provérbios 3, 31
t. Isaías 6, 13, 24, 36—37, 40—48, 53, 66
u. Jeremias 1, 23, 25, 30, 31-32, 34—44, 52
v. Ezequiel 1, 8-11, 36—37, 38—39, 40—48
w. Daniel 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12
x Oséias 1—3, 11—14
y. Jonas 1, 2, 3, 4
z. Ageu 1

3. Significado/importância de passagens chaves do Antigo Testamento
   a. Gênesis 1.24-27, 31; 2.24; 3.15; 6.1-4; 12.1-3; 35.9-12; 50.20
   b. Êxodo 3.13-15; 4.11; 15.26; 19.5-6; 20.1-17; 21.22-24
   c. Levítico 17.11; 19.2; 20.6-8
   d. Números 16.31-35; 21.4-9

e. Deuteronômio 4.2; 6.4-9; 13.1-5; 21.18-21; 22.28-29; 24.1-4; 29.29; 32.39
f. Josué 1.7-9; 10.12-15; 24.14-15
g. Juizes 11.34-40; 17.6 (21.25)
h. Rute 4.18-22
i. 1 Samuel 15.20-23; 16.7
j. 2 Samuel 7.8-16; 12.23; 24.24
k. 1 Reis 13.2
l. 2 Reis 4.18-28; 6.1-7
m. 1 Crônicas 11.2; 17.11-14
n. Esdras 4.3; 10.9-15
o. Neemias 8.4-8
p. Ester 4.14
q. Jó 14.14; 19.25-26; 23.10-12; 26.7; 42.12-13
r. Provérbios 3.5-8; 5.15-23; 6.16-19; 10.18-20; 16.18-19; 19.17; 22.6; 25.21-22; 27.17
s. Eclesiastes 1.2; 12.11-14
t. Cantares 8.6-7
u. Isaías 7.14; 9.6; 11.1-5; 53.4-6; 64.6
v. Jeremias 1.4-10; 29.10
w. Lamentações 3.22-23
x. Ezequiel 36.24-27
y. Daniel 2.44-45; 7.4-13; 9.24-27; 12.1-2
z. Oséias 4.6; 6.6; 11.1
aa. Joel 2.28-32; 3.9-15
bb. Amós 9.8, 13-15
cc. Jonas 2.8-9; 4.2
dd. Miquéias 4.3; 5.2; 6.8
ee. Habacuque 2.4
ff. Sofonias 1.14-8
gg. Ageu 2.20-23
hh. Zacarias 4. 6; 12.10; 14.9-11
ii. Malaquias 1.6-14; 2.15-16; 3.8-10

C. *Novo Testamento*

1. Tema geral, data, e esboço de cada livro do Novo Testamento
2. Tema/importância de capítulos chaves do Novo Testamento
   a. Mateus 4, 5-7, 10, 13, 18, 23, 24-25
   b. João 2, 3, 4, 10, 13, 14, 15, 16, 17
   c. Atos 1, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 13-14, 15, 27-28
   d. Romanos (livro inteiro, por capítulo)
   e. 1 Coríntios (livro inteiro, por capítulo)
   f. 2 Coríntios 3, 5, 8-9, 11
   g. Gálatas 2, 5
   h. Efésios (livro inteiro, por capítulo)
   i. Filipenses 2, 3, 4
   j. Colossenses 1, 3, 4
   k. 1 Tessalonicenses 4
   l. 2 Tessalonicenses 2, 3
   m. 1 Timóteo 2, 3, 4, 5
   n. 2 Timóteo 2, 3
   o. Hebreus (livro inteiro, por capítulo)
   p. Apocalipse 1, 2—3, 4—5, 6, 8—9, 11, 12, 17—18, 19, 20, 21—22
3. Significado/importância das passagens chaves do Novo Testamento
   a. Mateus 1.1-17, 23; 2.15; 5.1-11, 17—20, 31-32; 7.24-23; 13 (parábolas); 18.3-5; 28.18-20
   b. Marcos 10.45
   c. Lucas 18.31-33
   d. João 1.1; 3.5; 3.16; 10.30; 20.31
   e. Atos 1.8; 2.38; 4.12; 5.29; 8.15-17; 10.44-46; 16.31; 19.1-7
   f. Romanos 1.18-32; 2.4-10; 3.21-28; 5.1-10; 7.15-25; 8.1-4, 28; 9.6, 19-24; 11.13-32
   g. 1 Coríntios 2.12-16; 3.1-3; 5.1-13; 6.9-11; 7.1-7, 12-16; 11.4-10, 17-34; 12.13; 13.8-12
   h. 2 Coríntios 9.6-5
   i. Gálatas 5.16-6

j. Efésios 1.3-14; 2.1-10; 4.11-16; 5.22-23, 25; 6.10-17
k. Filipenses 2.5-8; 4.12-13, 19
l. Colossenses 1.15; 2.16-17
m. 1 Tessalonicenses 4.3-,13-8; 5.1-3
n. 2 Tessalonicenses 2.1-12
o. 1 Timóteo 2.9-15; 3.1-7, 8-13; 5.9-16, 17-25
p. 2 Timóteo 2.1-9; 3.16; 4.1-6
q. Tito 1.5-9; 2.3-5, 11-13
r. Hebreus 2.17-18; 3.7-19; 4.15; 6.1-8; 9.11-15; 10.26-29; 12.4-11; 13.7,17
s. 1 Pedro 1.23; 2.2, 18-25; 3.7-9, 21; 5.1-3
t. 2 Pedro 1.20-21
u. 1 João 1.5-10; 5.16-17
v. Apocalipse 3.10; 12.1-4; 20.4

D. *Identifique os personagens chaves da Bíblia*

Arão	Barnabé	Isabel
Abede-Nego	Besta	Enoque
Abel	Belsazar	Epafrodito
Abiú	Bildade	Esaú
Abraão	Boaz	Ester
Absalão	Caifás	Eunice
Acã	Caim	Êutico
Adão	Cornélio	Eva
Agripa	Ciro	Ezequiel
Assuero	Daniel	Esdras
Aquitófel	Dario	Falso Profeta
Alexandre	Davi	Félix
Ananias	Débora	Festo
André	Demas	Gabriel
Anás	Demétrio	Gamaliel
Apolo	Eli	Gideão
Áquila	Eliú	Hamã
Artaxerxes	Elias	Ana
Balaão	Elifaz	Herodes
Baraque	Eliseu	Isaque

Isaías
Jacó
Tiago
Tiago (irmão de Jesus)
Jefté
Jeremias
Jeroboão
Jetro
Jezabel
Joabe
Jó
Jonas
Jônatas
João
João Batista
João Marcos
José
Josué
Josué (o sumo sacerdote)
Josias
Lázaro
Léia
Lóide
Lo-Ami
Lo-Ruama
Ló
Lucas
Maria
Maria e Marta
Maria Madalena
Mateus
Matias
Melquisedeque
Mefibosete
Mesaque
Micael
Miriã
Mardoqueu
Moisés
Naamã
Nabal
Nadabe
Natanael
Nabucodonosor
Neemias
Nicodemos
Ninrode
Noé
Onésimo
Onesíforo
Paulo
Pedro
Filemom
Filipe
Pilatos
Priscila
Raquel
Raabe
Rebeca
Roboão
Rode
Rute
Sansão
Samuel
Sambalate
Safira
Sara
Satanás
Saul
Sadraque
Sem
Simei
Silas
Simeão
Simão de Cirene
Simão, o mago
Salomão
Estêvão
Tomé
Terá
Timóteo
Zaqueu
Zacarias
Zípora
Sofar

III. Questionário de Teologia Prática

A. *Geral*

O candidato deve ser capaz de discutir efetivamente, com referências bíblicas, as seguintes áreas.

1. Governo da igreja
   a. Pluralidade de presbíteros
   b. Diáconos
   c. Diaconisas

2. Princípios bíblicos de tomada de decisões
3. Papel da mulher na igreja
4. Prioridades do ministério pastoral
5. Pregação expositiva
    a. Eisegese *versus* exegese
    b. Todo conselho de Deus
6. Hermenêutica Bíblica
7. Disciplina da igreja
8. Ordenanças bíblicas
9. Apresentação de recém-nascidos
10. Desenvolvimento de liderança
11. Conceito bíblico de missões
    a. Local e estrangeira
    b. Processo de envio
    c. Evangelização
    d. Igreja universal *versus* igreja local
12. Administração
    a. Empréstimos
    b. Doações
13. Ações judiciais
14. Base bíblica do casamento e recasamento
15. Base bíblica para divórcio
16. Manifestações de salvação
17. Santificação progressiva
    a. Oração
    b. Métodos/ferramentas de estudo pessoal da Bíblia
    c. Confissão de pecados
    d. Adoração
    e. Comunhão
18. Questões sociais
    a. Aborto
    b. Política
    c. Homossexualismo

19. Responsabilidade da igreja para com viúvas, órfãos e pobres
20. Possessão/opressão demoníaca

B. Situações

O candidato deve ter estudado as seguintes situações e ser capaz de prover conselhos bíblicos apropridados. Na ordenação, não é necessárario limitar as perguntas aos casos apresentados.

1. Responsabilidades do diácono/presbítero
   a. Entre as pessoas que você foi chamado para pastorear há um homem que é muito analítico. Ele quer entender exatamente o que os diáconos devem fazer de acordo com a Bíblia. Quais passagens das Escrituras você usaria para ajudá-lo a discernir sobre o que o ministério dos diáconos deve envolver?
   b. Alguém de outra igreja afirma que a posição de sua igreja é que o pastor é o único presbítero e que ele e seu corpo de diáconos formam o corpo diretor da igreja, mas mesmo suas decisões estão sujeitas à aprovação congregacional. Então ele o desafia a lhe mostrar se há um padrão mais bíblico de direção da igreja. Se você discorda dele, que forma de ordem e governo da igreja você defenderia? Que linha de evidência bíblica você utilizaria para provar sua posição?
   c. Um homem chega para você e diz que gostaria de ser presbítero na igreja. Ele serviu como diácono por alguns anos e agora sente que está pronto para servir como presbítero. Ele lhe pede que diga como ele pode tornar-se presbítero. O que você diria a ele sobre o que um diácono fiel deve fazer e ser para se tornar presbítero?
   d. Discutiu-se se 1 Timóteo 3.11 refere-se a esposas de diáconos ou se abre lugar na igreja para diaconisas. O que você afirmaria como sua posição sobre essa questão e como a defenderia?
   e. Um presbítero de sua igreja tem um filho adulto que recentemente abandonou a esposa e os filhos, unindo-se a uma seita. Esse presbítero serviu fielmente por muitos anos e é irrepreensível aos olhos das pessoas. Você acha que ele ainda é qualificado para servir como um presbítero? Se sim, explique, e se não, dê suas razões bíblicas para considerar por que ele deve renunciar.
   f. Dois líderes de uma igreja recém-formada vêm a você com uma questão que dividiu a liderança. Alguns da liderança acham que uma maioria simples é razoável, enquanto outros acham que as decisões de liderança devem ser feitas por unanimidade. Qual

você acredita ser o padrão bíblico para tomada de decisões, e que tipo de raciocínio bíblico você tomaria para comprovar seu ponto de vista?

g. O pastor e alguns dos líderes de uma igreja governada congregacionalmente vêm a você e dizem que estão convencidos de que a pluralidade de presbíteros é o padrão bíblico para a direção da igreja. Se você discordar deles, mostre o que você acredita ser o argumento bíblico para sua posição. Se você concordar com eles, mostre-lhes uma maneira de mudar a igreja de governo congregacional para um governo presbiteriano com a máxima probabilidade de manter a harmonia da igreja durante o processo.

h. Um presbítero, devido a uma falha de sua parte, maculou sua reputação e deixou de ser "irrepreensível". Como você é seu amigo íntimo, pede-lhe que tome a frente, tratando dele e de sua posição como presbítero. Descreva passo-a-passo como você lidaria com a situação, incluindo a atitude que tomaria se ele rejeitasse o conselho. Que passagens bíblicas você utilizaria para defender sua atitude?

i. Um homem de sua igreja foi sugerido para o cargo de presbítero, e nos cinco anos em que esteve na igreja, ele e sua família têm levado vidas exemplares. Sua vida pessoal nos negócios, e igreja tem sido irrepreensível. Entretanto, você sabe que ele se divorciou no passado.Você conversou com ele e descobriu que era cristão na época do divórcio. Entretanto, sua esposa fôra infiel e se divorciou dele, apesar de ele dizer que desejava perdoá-la e tentar reconstruir o casamento. Na tentativa de determinar como você se posicionaria em sua ordenação como presbítero, o que mais você gostaria de saber sobre ele antes de decidir? Além disso, se outro presbítero disser que 1 Timóteo 3.2 ("marido de uma mulher") o impede de ser presbítero, você aceitaria isso como um motivo válido para rejeitá-lo? Se não, por que não?

2. Liderança da igreja

a. A quais passagens das Escrituras você se referiria para encontrar as características pessoais que Deus considera essenciais para chamar os homens para liderar seu povo? Quais as qualidades chaves que você encontra nessas passagens? Essas qualidades são do tipo que podem ser desenvolvidas na pessoa, ou são parte da natureza inata?

b. Um diácono vem a você e pergunta o que pode dizer e fazer nas seguintes situações; o que você diria para ajudá-lo a preparar-se para cada uma dessas situações possíveis?

(1) Visita a alguém muito doente no hospital.

(2) Alguém cujo cônjuge acaba de falecer.

(3) Alguém cujo filho(a) acaba de morrer acidentalmente.

(4) Alguém que acaba de perder o emprego que teve por trinta anos.

(5) Alguém que acaba de descobrir que ele mesmo (ou seu cônjuge, pai, filho) tem uma doença fatal.

3. Discipulado

a. Um dos rapazes que você pastoreia tem um verdadeiro desejo de crescimento espiritual e ele lhe pede que o discipule. Sob quais circunstâncias você seria capaz de ajudá-lo em sua caminhada cristã? Qual a primeira coisa que você lhe diria que fizesse?

b. Um rapaz que você está pastoreando pergunta se você pode discipulá-lo. Ele, entretanto, não tem certeza do que isso significa e lhe pede que diga como é o processo do discipulado. O que você diria? Aliste pelo menos três elementos que você acha que o discipulado deve incluir.

c. Um grupo de homens de seu rebanho lhe pede que os ensine a discipular outros homens. Esboce ou aliste o que você lhes ensinaria, incluindo filosofia, metas, bibliografia, ferramentas, materiais e métodos.

d. Um homem de seu rebanho lhe diz que está discipulando alguém que está muito ansioso para utilizar os dons espirituais para o bem do corpo. Ele pergunta como ajudar o rapaz a identificar seus dons espirituais. O que você diria sobre dons espirituais em contraste com talentos naturais e como ele poderia ajudar o rapaz a descobrir seus dons e utilizá-los no corpo?

e. Um rapaz que você está pastoreando é ativo no ministério de juventude na igreja, mas parece não estar conseguindo ganhar credibilidade dos jovens, e é inapto para ensiná-los e liderá-los eficientemente. Ele está começando a ficar desanimado e está se perguntando se seus dons espirituais e talentos naturais realmente o capacitam para esse ministério. Como você o ajudaria?

4. Situações de aconselhamento

a. Um dos casais que você vem pastoreando estava esperando ansiosamente o nascimento do primeiro filho. Você recebe um telefonema do novo pai dizendo que a criança nasceu com um sério problema físico. A esposa está em estado semi-histérico. Ele quer que você vá até lá. O que você vai dizer a ele? Como você vai confortá-la?

b. Um homem casado com uma das mulheres de seu rebanho lhe telefona e conta com voz desesperada que a esposa está fazendo as malas, preparando-se para deixá-lo. Ele quer que você vá até sua casa e diga a ela para ficar. Ele admite que tem sido infiel e, às vezes, bebe demais e bate nela. Agora ele percebe o quanto a ama e precisa dela. O que você vai dizer? Como você vai lidar com cada um deles?

c. O médico de um homem de 39 anos que você conhece muito bem telefona para dizer que o homem está em fase terminal de câncer e tem menos de um ano de vida. O médico acabou de contar isso ao homem e ele pediu que o médico lhe telefonasse, chamando-o ao hospital. Ele é casado e tem três filhos entre quatro e 13 anos. O que você vai dizer a ele? O que você vai dizer a sua esposa e filhos?

d. Você recebe um telefonema de uma mãe chorosa e um pai desolado. Você tem pastoreado essa família e eles acabam de descobrir que a filha de 14 anos está usando drogas. Não apenas isso, mas ela se envolveu sexualmente com o namorado e está grávida. Ela diz que ama o rapaz. Eles querem que você vá conversar com os quatro. Como você lidaria com essa situação?

e. Você descobre que uma mulher de sua igreja está em estado de depressão profunda após a morte recente do marido depois de mais de quarenta anos de casamento. Ela perdeu todo o desejo de viver. Não está comendo e parece estar querendo morrer também. Como você lidaria com ela?

f. Você acaba de ser chamado à residência de um casal de seu rebanho cujo filho de sete anos foi atingido por um carro e morreu. O que você vai dizer a eles?

g. Uma mulher estimada na igreja, cujo marido vem há muito sofrendo por causa de uma doença, telefona e diz que seu marido acaba de cometer suicídio. Como você vai consolá-la? O que você diria a ela já que o marido não era crente?

h. Ao passar pelo sanitário masculino tarde da noite, quando todos parecem ter ido embora, você ouve duas vozes familiares. A ansiedade de suas vozes faz você parar e descobrir que um deles está pedindo que o outro continue um relacionamento homossexual. O outro indica pensar que o que têm feito é errado, mas a primeira voz continua a pedir por mais um relacionamento sexual. Nesse momento você percebe que ambos são membros de sua igreja. O que você faria?

i. Um dos homens que você pastoreia está demonstrando ser muito devotado, um líder extraordinário e capaz. Vocês desenvolveram uma amizade muito forte. Ele pede sua ajuda para se decidir acerca de

uma oportunidade de trabalho. Ele tem um bom emprego onde está, mas as oportunidades de progresso são limitadas. Ele recebeu uma oferta de emprego em outro estado, com salário inicial mais baixo, mas excelentes perspectivas de progresso. A família deixou para ele a decisão e ele quer seguir a direção de Deus. Ele está tendo dificuldades para tomar a decisão e veio pedir sua ajuda. O que você vai dizer?

j. Uma moça de seu rebanho tem consultado um psiquiatra por causa de alguns temores estranhos que desenvolveu. Ela acaba de se converter e acredita que Cristo pode lidar com o problema mais adequadamente. Não há razões aparentes para seus temores. Eles parecem atacá-la sem nenhuma ligação com acontecimentos atemorizantes. Como você trataria esse problema usando a Palavra?

k. O filho adolescente de um dos casais que você pastoreia sofre de um desejo compulsivo de roubar. Ele sabe que é errado e mantém o desejo sob controle a maior parte do tempo. Seus pais, frustrados, levaram-no a um psicólogo, que sugeriu vários meses de consultas dispendiosas para o filho cleptomaníaco. Você sente que há outros problemas por trás, além do óbvio pecado do roubo. Como você diagnosticaria esse problema e tentaria ajudá-los a lidar com ele?

l. Um homem vem tremendamente sobrecarregado com a esposa que o importuna constantemente. Ele indica que o único modo de ter paz é conseguir alguma mudança nela. Ele está desesperado querendo que ela mude e deseja sua ajuda. Ele insinua que gostaria que você conversasse com ela sobre isso. O que você diria a ele?

m. Um adolescente de sua congregação chega e abre o coração a respeito de sua falta de autoestima. Ele diz que isso tem sido um problema desde sua infância. Não há situações óbvias de pecados que você possa discernir. Aliás, ele é um dos rapazes exemplares da mocidade da igreja. Ele confessa que há cerca de um mês o problema surgiu outra vez, com alguma intensidade. Como lidaria com esse problema?

n. Uma das mulheres de seu rebanho confessa que vem sendo abusada pelo marido, que não freqüenta a igreja. Ele deixou claro para ela que não quer nada com a religião dela. Pelo que você percebeu, não houve imoralidade sexual, e você não consegue discernir nenhuma base bíblica para o divórcio. O que você aconselharia a ela?

o. "Tenho muito medo de machucar um dos meus filhos". A voz frustrada é de uma mulher que acabou de se agregar ao seu rebanho. Ela confessa que no último mês vem explodindo à mais leve desobediência dos dois filhos pré-escolares. Não que o comportamento deles seja fora do normal, mas as reações dela são

às vezes violentas. Hoje mesmo ela atirou um deles de um lado do quarto para outro, num ataque violento. Desesperada por sua própria violência anormal, ela lhe telefona pedindo ajuda para entender a raiz de seu problema. O que você procuraria na tentativa de ajudá-la?

p. Um pai não consegue entender por que entra em desacordo com o segundo filho, enquanto as excentricidades do filho mais velho não incomodam nem a metade. Ele pede a você que o ajude a entender por que reage dessa forma. O que lhe diria?

q. Um dos jovens que cresceu na igreja está duvidando da salvação. Ele tem se incomodado com isso há quase um ano. Você sabe que ele conhece todos os versículos que lhe dariam segurança. Aliás, você mesmo o discipulou. Como o ajudaria a compreender a razão dessa falta de segurança? Que passagens das Escrituras você utilizaria?

r. Uma mulher de seu rebanho chega muito preocupada com uma decisão que deve tomar. Parece que o filho pediu permissão para levar o carro cheio de outros jovens para um retiro da igreja. Ela vê algum valor nisso, já que serviria para ele ganhar autoconfiança. Mas ainda não tem certeza se é uma decisão sábia. No meio da conversa, você percebe que ela não discutiu o problema com o marido, já que os filhos sempre falam com ela. O que lhe aconselharia?

s. Um casal ativo da igreja tem um menino que é um terror. Eles tentaram de tudo o que se possa imaginar para lidar com ele, mas parece que ele está piorando. Mesmo a disciplina rigorosa geralmente é ineficiente. Na verdade, quase parece que ele gosta disso. Que textos bíblicos você utilizaria para encontrar a causa e a cura para essa situação? Como você os aconselharia?

t. "Estamos tendo problemas de comunicação em nosso casamento" confessa um casal de seu rebanho. Eles tentaram contornar a situação, mas chegaram a um impasse. A maior frustração é que eles nem ao menos sabem por que o problema existe. Aparentemente não há comportamento pecaminoso na vida de nenhum deles. Eles simplesmente perderam a vontade de se comunicar um com o outro. Como você os ajudaria a discernir a raiz do problema e a lidar com ele?

5. Disciplina na igreja

a. Um homem que você está pastoreando vem pedir sua ajuda para lidar com uma situação em que ele deve advertir um irmão na fé. Um amigo acaba de dar o primeiro passo para um estado de pecado, e ele precisa confrontá-lo. Que trechos bíblicos você compartilharia com ele para informá-lo sobre como advertir um irmão em pecado? Lembre-se de incluir todo o processo para

que ele saiba como encaminhá-lo até o fim, independentemente da resposta do amigo.

b. Você recebeu de outros a informação de que um dos homens de seu rebanho tem chegado muito tarde em casa em várias ocasiões, o que é incomum para ele que trabalha por perto e sempre voltou para casa direto do trabalho. Também lhe contaram que notaram seu carro estacionado na frente de um bar na cidade vizinha. Qual a primeira coisa que você faria? Iria confrontá-lo com essa informação?

c. Um homem, membro de seu rebanho, deixou a esposa e a família e está vivendo com outra mulher. Ele rejeitou sua advertência e também a dos dois outros que foram com você na segunda vez. Agora é hora de dizer à igreja. Você quer que ele saiba que vai fazê-lo no próximo culto de comunhão, mas ele tornou-se inacessível a contatos pessoais ou telefonemas. Você sabe onde ele está, por isso escreve uma carta que será enviada como correspondência registrada. O que diria na carta? O que faria se antes do culto de comunhão recebesse uma carta ou telefonema dele desligando-se da igreja? Ao dizer à igreja, se lhe pedirem que declare o que ele fez, o que diria exatamente?

d. Em relação à pergunta anterior, qual seria a obrigação da igreja para com a esposa e a família desse membro desobediente? Que informações deveria conseguir e até que ponto a igreja deveria ajudar financeiramente ou de outra maneira?

e. Foi socilitado que uma mulher da igreja se afastasse da comunhão porque insistia em se divorciar do marido em bases não bíblicas. Apesar dos numerosos esforços do marido, dos amigos e dos presbíteros da igreja, ela se recusou a mudar de idéia e se afastou de todos os que lhe eram próximos. Seis meses mais tarde se apaixonou por outro homem e logo se casou novamente. Dois anos após o segundo casamento ela entra em contato com você numa atitude muito humilde e arrependida. Ela sabe que ofendeu à família, aos amigos, à igreja e ao próprio Deus. Ela está profundamente sentida e diz que quer "fazer a coisa certa" e junto com o novo marido quer se juntar à igreja. O que você lhe diria para fazer? Que orientação bíblica lhe daria? Sob quais circunstâncias você acredita que ela poderia receber permissão para se unir à igreja novamente?

f. Um diácono está lidando com um homem da igreja que caiu num padrão de comportamento pecaminoso. O homem rejeitou a advertência do diácono nas várias ocasiões em que eles falaram em particular. Desta vez, o diácono quer que você vá com ele para ser testemunha de seu confronto. Você não tem conhecimento de

primeira-mão sobre o problema, mas concorda em servir de testemunha para a resposta do homem. O que você fará para preparar seu próprio coração e mente para esse encontro? Que passagens das Escrituras revisaria até chegar a hora? Como oraria por sua própria atitude? Como oraria pelos outros envolvidos nessa situação?

6. Apologética

   a. Um novo vizinho o encontra no jardim e diz que ouviu que você é cristão. Ele pergunta o que significa ser cristão e diz que precisa sair em alguns minutos, portanto, gostaria que você desse uma resposta bem curta. O que incluiria em sua resposta curta?

   b. Uma pessoa nova no emprego é escolhida para trabalhar com você. No segundo dia de trabalho lhe diz: "Ei, eu entendo que você é cristão também. Sou mórmon, e você?" Como responderia? Descreva que estratégia utilizaria, sabendo que estarão trabalhando próximos um do outro.

   c. Uma conhecida que perdeu um bebê lhe pergunta como um Deus de amor pode permitir que bebês inocentes morram ou nasçam deformados, pessoas sofram de doenças incuráveis e outros morram em acidentes, guerras ou pragas. Que tipo de defesa bíblica daria?

   d. Você está visitando uma recém-convertida que acaba de ser colocada sob seu pastorado. Quando fala com ela, o marido não-cristão o desafia com a seguinte pergunta: "Como pode um Deus de justiça condenar pessoas a sofrer eternamente no inferno só porque elas não acreditaram em Cristo? Como ele pode condenar aqueles que não ouviram o Evangelho e nunca ouviram de Jesus?" Como responderia a pergunta dele?

   e. Uma mulher que é nova na igreja e acaba de ser colocada sob seu pastorado diz que se considera uma "feminista cristã". Ela afirma que Paulo estava errado em impedir que as mulheres fossem presbíteras na igreja. Que argumentos bíblicos utilizaria para refutar sua posição?

   f. Se uma pessoa de qualquer um dos seguintes grupos o desafiasse a lhes mostrar as três maiores diferenças entre o que você acredita e o que eles acreditam, quais diferenças principais delinearia?

Testemunhas de Jeová	Cristianismo Liberal
Mormonismo	Carismáticos
Catolicismo	Ocultismo
Ciência Cristã	Misticismo Oriental
Cientologia	Hinduismo
Movimento da Nova Era	Budismo

COLABORADORES DO MASTER SEMINARY

Irvin A. Busenitz, Th.D.
Deão de Administração Acadêmica,
Professor de Antigo Testamento

David C. Duel, Th.M., Ph.D.
Professor Associado de Antigo Testamento

James M. George, Th.M.
Deão Associado de Admissão e Colocação
Professor Assistente de Ministérios Pastorais

John MacArthur, Jr., D.D., Litt.D.
Presidente
Professor de Ministérios Pastorais

Richard L. Mayhue, Th.D.
Vice-Presidente Senior e Deão
Professor de Ministérios Pastorais

Donald G. McDougall, Th.M.
Professor Associado de Novo Testamento

Alex D. Montoya, Th.M.
Professor Associado de Ministérios Pastorais

S. Lance Quinn, Th.M.
Docente Associado - Ministérios Pastorais

James E. Rosscup, Th.D, Ph.D.
Professor de Exposição Bíblica

James F. Stitzinger, Th.M., M.S.L.S., Ph.D. (A.B.D.)
Diretor de Serviços Bibliotecários
Professor Associado de Teologia Histórica

Robert L. Thomas, Th.D.
Professor de Novo Testamento

George J. Zemeck, Th.D.
Docente Associado – Teologia